"UM LIVRO QUE INCENTIVA A ORAÇÃO E AÇÃO. LEITURA INDISPENSÁVEL."
AUGUSTUS NICODEMUS LOPES

PERSEGUIDOS

O ATAQUE GLOBAL AOS CRISTÃOS

PAUL MARSHALL, LELA GILBERT, NINA SHEA

PAUL MARSHALL, LELA GILBERT, NINA SHEA

PERSEGUIDOS

O ATAQUE GLOBAL AOS CRISTÃOS

Traduzido por EMIRSON JUSTINO

MC
mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

É de suma importância que a perseguição aos cristãos seja divulgada e relatada de forma a desafiar e conscientizar todo ser humano a agir em favor do seu próximo. *Perseguidos* traz relatos verídicos sobre a intolerância infligida aos cristãos — intolerância que não precisariam suportar se não professassem a fé em Jesus — levando o leitor da reflexão à ação.

Marco Cruz, secretário geral da Portas Abertas Brasil

Muitos pensam que as perseguições aos cristãos se encerrararam com a queda do Império Romano e a morte do último César, nos séculos iniciais do cristianismo. Nada mais longe da verdade. Existem hoje mais cristãos sendo perseguidos, presos e mortos do que jamais houve em toda a história da Igreja. *Perseguidos* documenta, mapeia e explica por que isso ocorre em diversos locais ao redor do globo. É um livro que nos incentiva a orar e agir em prol da Igreja sofredora. Sua leitura é indispensável.

Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia, vice-presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil

No Brasil temos liberdade religiosa. Podemos nos reunir em locais públicos e cantar bem alto a razão da nossa fé. Parece difícil para nós, cristãos brasileiros, acreditar que há tanta crueldade na perseguição religiosa imposta a nossos irmãos em outros países. Precisamos despertar, orar por eles, fazer algo. Que este livro nos ajude a sentir a dor que atinge o Corpo de Cristo espalhado pelo mundo.

Ana Paula Valadão Bessa, pastora da Igreja Batista da Lagoinha e líder do Ministério de Louvor Diante do Trono

Ninguém fica indiferente ao ler o impactante *Perseguidos*. Suas informações tomam conta de nosso coração e mente, prendem a atenção e evocam a grande responsabilidade de todo cristão. O sofrimento daqueles que se arriscam por amor a Deus toca fundo e nos leva a orar e agir em favor de sua vida.

Perseguidos é leitura obrigatória para os que sabem que o evangelho muda a história.

Nina Targino, coordenadora nacional do Desperta Débora

Todo sofrimento nos sensibiliza e nos comove. Mas aquele que é fruto da intolerância, da injustiça ou do abuso gera indignação. Como cristãos, filhos de um Deus que é amor, não podemos ficar indiferentes à violenta perseguição religiosa que avulta em nossos dias contra irmãos em todo o mundo. *Perseguidos* é um livro indispensável, que nos atualiza e nos move em favor dos que sofrem por causa da sua fé em Cristo.

Carlos Alberto de Quadros Bezerra, pastor e fundador da Comunidade da Graça

Desde a crucificação de Jesus, o cristianismo tornou-se a religião mais perseguida da história. Atualmente, há intimidação e violência contra cristãos em mais de 65 países, onde igrejas são demolidas; símbolos religiosos, destruídos; e fiéis, intimidados e assassinados. O preconceito e a intolerância crescem. Até mesmo no Brasil sofre-se da chamada "cristofobia", a aversão à cultura e às crenças bíblicas. São tempos difíceis, mas, provada no fogo, a fé cristã tem se fortalecido — e prevalece, apesar das injustiças, provações e perseguições.

Rachel Sheherazade, jornalista e apresentadora

A editora Mundo Cristão supre uma lacuna na literatura cristã brasileira com a publicação de *Perseguidos*. Muitos livros enfatizam o crescimento da Igreja, mas são poucas as publicações que se dispõem a contar a história atual de milhões de pessoas reais que sofrem as mais terríveis perseguições pelo simples fato de serem cristãs. Recomendo com muita ênfase a leitura desta obra, pois estou certo de que a Igreja brasileira será edificada e encorajada por meio das histórias e dos testemunhos reais e atuais dos nossos muitos irmãos e irmãs espalhados pelo globo.

Márcio Valadão, pastor da Igreja Batista da Lagoinha

Mais que oportuna, esta obra é um chamado às igrejas e aos cristãos, para que se conscientizem de um movimento extremamente ameaçador. *Perseguidos* demonstra, de forma contundente, que a perseguição, se já não bateu à nossa porta, poderá não demorar a fazê-lo. A leitura deste livro nos ajuda a identificar mais facilmente as investidas anticristãs. Além disso, esta obra também nos motiva a dar um testemunho mais decidido e corajoso em favor da nossa fé e a oferecer apoio aos milhares que, diariamente, sofrem perseguição pelo mundo afora.

Rev. Dr. Rudi Zimmer, diretor executivo da Sociedade Bíblica do Brasil

Os autores deste livro extraordinário são reconhecidos mundialmente como especialistas qualificados no assunto da perseguição aos cristãos. *Perseguidos* é um chamado para nos envolvermos efetivamente com a causa da Igreja sofredora em todo o mundo: homens e mulheres sem o conforto da liberdade religiosa que vivem uma entrega incondicional a Deus. Este é um livro bom de se ler, do início ao fim. Recomende-o a seus irmãos e amigos.

Eude Martins, pastor e membro do Conselho Administrativo da Missão Portas Abertas

A Mundo Cristão oferece aos leitores uma das mais exaustivas e importantes pesquisas sobre a dramática realidade da perseguição aos cristãos em nossos dias. Trata-se de uma obra profunda e impactante. Mais cristãos foram torturados e mortos pela sua fé no século vinte do que em qualquer outro período da história, e nós não podemos fechar os olhos a essa dramática realidade. É preciso orar e agir. A leitura deste livro é imperativa para todos aqueles que pertencem à Igreja de Cristo e anseiam ver o evangelho da graça ser anunciado até os confins da terra.

Rev. Hernandes Dias Lopes, escritor e pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória

Perseguidos é leitura obrigatória para todo cristão, pois revela a dura situação de milhões de homens e mulheres por todo o planeta que sofrem perseguição por professar a fé em Jesus. Tomar conhecimento dessa realidade é o primeiro passo para confrontar o problema. Uma vez conscientes, devemos orar, contribuir e agir no sentido de enfrentar a perseguição, que ocorre, inclusive, no Brasil. Mesmo que aqui ganhe contornos mais brandos que em outros países, a perseguição a cristãos já é um fato nacional.

William Douglas, juiz federal, escritor e conferencista, membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil (AELB) e da Academia Niteroiense de Letras (ANL)

Copyright © 2013 por Paul Marshall
Publicado originalmente por Thomas Nelson, Nashville, Tennessee, EUA.
Direitos negociados por Silvia Bastos, S. L., agência literária.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica Inc., salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Equipe MC: Daniel Faria (editor assistente)
Natália Custódio
Projeto gráfico: Sonia Peticov
Diagramação: Luciana Di Iorio
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Adaptação de capa: Ricardo Shoji
Diagramação para e-book: Yuri Freire

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marshall, Paul
Perseguidos [livro eletrônico] : por que o cristianismo se transformou na religião mais combatida do planeta / Paul Marshall, Lela Gilbert, Nina Shea ; traduzido por Emirson Justino. -- São Paulo : Mundo Cristão, 2014.
2 Mb; ePUB

Título original: Persecuted : the global assault on Christians.
ISBN 978-85-433-0039-9

1. Mártires cristãos - História - Século 21 2. Martírio - Cristianismo - História - Século 21 3. Perseguição - História - Século 21 I. Marshall, Paul. II. Gilbert, Lela. III. Shea, Nina.
IV. Título.

14-08569 CDD-272.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Perseguição religiosa : Cristianismo 272.9

Categoria: Cristianismo e Sociedade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: novembro de 2014

Dedicamos este livro ao grande princípio da liberdade religiosa, conhecido pelos norte-americanos como a “Primeira Liberdade”, tanto por sua posição de primeira cláusula da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos como por ser a liberdade central e essencial para o cumprimento de outros direitos e liberdades e para a preservação da dignidade humana e do desenvolvimento individual. Essa liberdade, em toda a sua plenitude, inclui, sem estar limitada a ela, a liberdade de culto. Ela abrange a liberdade de uma pessoa escolher sua religião e a liberdade de manifestar essa religião — sozinha e em comunhão, em público ou em particular — por meio de ensino, prática, culto e reflexão.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio à edição brasileira

Prefácio

1. A situação atual das coisas
2. César e Deus: Os poderes comunistas remanescentes
   China • Vietnã • Laos • Cuba • Coreia do Norte
3. Países pós-comunistas: Registro, restrição e ruína
   Rússia • Uzbequistão • Turcomenistão • Azerbaijão • Tajiquistão • Bielorrússia • Cazaquistão • Quirguistão • Armênia e Geórgia
4. Cristãos proscritos do sul da Ásia
   Índia • Nepal • Sri Lanka • Butão
5. O mundo muçulmano: Um peso de repressão
   Malásia • Turquia • Área administrada por turcos-cipriotas ou República Turca do Norte do Chipre • Marrocos • Argélia • Jordânia • Iêmen • Territórios palestinos
6. O mundo muçulmano: Políticas de perseguição
   Arábia Saudita • Irã
7. O mundo muçulmano: Aumento da repressão
   Egito • Paquistão • Afeganistão • Sudão
8. O mundo muçulmano: Guerra e terrorismo

Iraque • Nigéria • Indonésia • Bangladesh • Somália

9. Abuso cruel e incomum
   Mianmar • Etiópia • Eritreia
10. Um chamado à ação

Posfácio

Referências bibliográficas

Índice remissivo

Agradecimentos

Perseguidos: o ataque global aos cristãos é um projeto do Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson. O Centro é profundamente grato pela generosidade da Fundação Lynde e Harry Bradley e aos doadores que desejam permanecer anônimos.

Nossos agradecimentos são incontáveis. Durante os vários anos nos quais trabalhamos nessas questões, aprendemos com muitas centenas de pessoas e organizações que representam uma ampla variedade de igrejas e outras instituições e meios de comunicação religiosos e não religiosos, alcançando coletivamente cada país do mundo. São muitos para serem citados aqui. O que fizemos em reconhecimento parcial de nossa dívida é nos referirmos às suas informações e percepções nas muitas fontes citadas ao longo do livro e listadas nas notas. Também citamos uma ampla gama de fontes usadas na sociedade como um todo, mas essas organizações e indivíduos merecem nosso tributo especial. Nós os conhecemos como observadores e repórteres confiáveis e responsáveis, que lançam luz sobre os cantos obscuros do mundo. É comum que seu trabalho os coloque em risco direto contra as mesmas forças hostis que ameaçam aqueles sobre quem eles falam. Nós os recomendamos a nossos leitores que desejam acompanhar e aprender mais sobre a perseguição a cristãos pelo mundo.

Também desejamos agradecer a nossos excelentes pesquisadores Sarah Schlesinger, Bryan Neihart, Josh Turner, Andrew Marshall, Allison Kanner e Marcie Gould, bem como expressar nossa admiração pela *expertise* e os sábios

conselhos de nossos colegas do Instituto Hudson, Samuel Tadros, Kurt Werthmuller e Hillel Fradkin.

Cameron Wybrow realizou um excelente trabalho de edição. Joel Miller e Janene MacIvor, da Thomas Nelson, foram entusiásticos, pacientes e incentivadores.

Nosso agradecimento especial a Eric Metaxas e ao arcebispo Charles J. Chaput, por graciosamente concordarem em escrever o prefácio e o posfácio.

Também agradecemos a Sarah Stern, presidente do conselho do Instituto Hudson, e a seus diretores, assim como ao presidente do Instituto Hudson, Ken Weinstein, ao diretor de operações John Walters, à vice-presidente de comunicações Grace Terzian e à diretora de programa e planejamento pessoal Katherine Smyth.

O chefe da assembleia consultiva, James R. Woolsey, merece nossa profunda gratidão por seu vigoroso apoio ao Centro para Liberdade Religiosa. Por acreditarem em nosso trabalho, também expressamos nossa admiração aos outros membros da assembleia consultiva: Zainab Al-Suwaij, Joseph Ghougassian, Mary Habeck, John Joyce, Rabiya Kadeer, Firuz Kazemzadeh, Richard Land, Theodore Roosevelt Malloch, Vo Van Ai e George Weigel.

Desejamos agradecer a todos acima por seu trabalho, ajuda e paciência, e enfatizamos que as pessoas citadas não são responsáveis por qualquer erro deste livro; também não se deve presumir que elas concordam com todo o seu conteúdo.

O Centro para Liberdade Religiosa é um centro de pesquisa de financiamento particular do Instituto Hudson e promove a liberdade religiosa como um componente da política externa dos Estados Unidos. Para mais informações, por favor, contate:

Hudson Institute’s Center for Religious Freedom,
1015 15th St. NW, Suite 600,
Washington DC 20005
<http://crf.hudson.org>

Prefácio à edição brasileira

A facilidade de viajar para qualquer canto, o jornalismo 24-horas e o avanço das tecnologias da comunicação criaram um mundo onde tudo se sabe sobre todos em tempo real. Às vezes me pego contando para minha esposa algo que li em algum noticiário da *web*, sem me dar conta de que certamente ela também já deve ter visto.

— Você viu o que aconteceu com... — começo a perguntar.

— Sim, também não consigo acreditar — ela responde. E nós dois sabemos exatamente do que se trata.

Está cada vez mais difícil encontrar novidades para contar. Logo de manhã chega-nos aos olhos e ouvidos uma enxurrada de informações tão diversas e dispersas que temos dificuldade em absorver tudo. Assim, acabamos ignorando ou deixando de lado boa parte do noticiário, mesmo aquela parte que deveria nos abalar, chocar e causar indignação. Não temos condições humanas de nos importar com tudo, e quase sempre nossa impotência se transforma em indiferença, um mecanismo de defesa contra a barbárie e o horror. Reservamos as emoções somente para aquilo que nos atinge de verdade.

Um livro como *Perseguidos* corre o risco de ser ignorado pela nossa sensibilidade anestesiada. São cada vez mais frequentes as notícias sobre abusos e atrocidades praticados contra cristãos em muitos países. São preconceitos, exclusões, injustiças, violências, torturas, assassinatos e até genocídios. São milhões de afetados todos os anos. Os autores deste livro afirmam que o cristianismo é a religião mais perseguida dos nossos dias. O martírio dos crentes

em Cristo não é um fenômeno distante de séculos passados. É algo que ocorre diariamente pelo mundo.

Perseguidos não é um livro fácil de ler. Não foi concebido como obra de referência; não é mero estudo demográfico e estatístico sobre abusos sofridos por um segmento da sociedade. Seu enfoque é altamente pessoal e narrativo. São relatados muitos casos específicos de abuso e tortura com pessoas reais em situações registradas e documentadas. Contém dezenas de cenas de brutalidade e horror, e o conjunto dessas narrativas é arrasador.

Os três autores do livro são membros do Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson (EUA), uma organização independente que estuda e promove a liberdade de religião através de uma rede internacional que combate a perseguição e a opressão religiosa. *Perseguidos* é uma obra minuciosa e comovente sobre as tendências alarmantes que os autores comprovaram. É também um clamor pela liberdade e um chamado em favor da ação proativa.

Perseguidos pode ser considerada uma obra com escopo e objetivos similares às encontradas em *O Livro dos Mártires*, de John Foxe, publicado no século 16 e considerado um dos livros mais influentes do último milênio. **Seu alvo não é providenciar registro histórico, é mudar a história.**

Se de fato reservamos as emoções mais fortes para o que nos afeta diretamente, sugerimos que o leitor se sensibilize para a leitura deste livro. Nosso objetivo ao publicar *Perseguidos* em português não é apenas informar, mas degelar mentes e corações, e conclamar o povo de Deus para comprometer-se em oração, conscientização e ação social em defesa daqueles que sofrem.

Mark Carpenter
Editora Mundo Cristão

Prefácio

Quando foi detido pelos nazistas na prisão de Tegel, Dietrich Bonhoeffer escreveu cartas extraordinárias e hoje famosas. Numa delas, disse: “No momento, leio com grande interesse Tertuliano, Cipriano e outros pais da igreja. Em certos aspectos, são mais relevantes para o nosso tempo que os reformadores...”.

É uma declaração e tanto vinda de um alemão luterano. Não posso ler a mente de Bonhoeffer, mas creio que sua conexão com os pais da igreja era mais prática que teológica. Cipriano foi decapitado pelo governo romano. O próprio Bonhoeffer seria não muito depois enforcado pelos nazistas. Ser um cristão sério nos primeiros dias do cristianismo era ser um homem marcado, e penso que Bonhoeffer enxergava em Cipriano e em outros uma paixão e um comprometimento que só parecia ser possível em razão da perseguição religiosa — algo que ele conhecia e vivenciava pessoalmente.

As pessoas que vivem no Ocidente moderno não esperam nada parecido com essa situação, e na maioria somos profundamente ignorantes em relação aos sofrimentos de nossos irmãos mundo afora. De fato, enquanto lemos estas palavras, milhões sofrem. A verdade é que somos abençoados com tamanha generosidade de liberdade religiosa que mal conseguimos imaginar como deve ser tal sofrimento. Vivemos relativamente livres de interferência governamental. Podemos dizer do que gostamos e cultuar onde quisermos, sem implicações jurídicas. Algumas leis do atual governo federal americano estão infringindo nossas liberdades religiosas de maneiras bastante reais e perturbadoras, e essas

infrações devem ser vistas e vigorosamente rejeitadas. Mas o fato é que, para início de conversa, nós temos liberdades religiosas para debater.

Esse certamente não é o caso de milhões ao redor do mundo. Ouvimos com frequência, por exemplo, que a China está se modernizando e se tornando mais aberta, mas a realidade ainda é amarga. É possível imaginar um mundo onde mulheres no terceiro trimestre de gravidez são "legalmente" forçadas a realizar o assassinato da criança em seu ventre, uma criança que ela deseja muito criar e amar? Por que a mídia não nos fala mais sobre isso? As políticas do governo chinês hoje proíbem a reunião e o culto de milhões de cristãos. Um líder de uma igreja no lar na China disse à Radio Free Asia: "As autoridades pediram que encerrássemos nossas congregações nos lares, chamando nossas reuniões de 'ilegais'". *Igreja no lar* pode ser um nome equivocado. A igreja tem 1.500 membros.

É claro que a China é apenas um dos lugares onde a repressão existe. Ela é crescente em muitos lugares do mundo: nos antigos países comunistas, no Sudeste Asiático, na África e no Oriente Médio.

Mas é muito raro ouvirmos sobre perseguição a cristãos. Tais histórias são em sua maioria encobertas em favor das notícias políticas mais recentes ou, ainda pior, por uma frívola história a respeito de alguma celebridade. Alguém duvida que Deus nos julgará por aquilo que permitimos que ocupe nossa atenção?

Agradeço a Deus pelo livro que você segura em suas mãos. *Perseguidos*, escrito por Paul Marshall, Nina Shea e Lela Gilbert, adentra lugares para os quais a mídia como um todo virou as costas. A obra se concentra num fato escandalosamente não relatado, o de que os cristãos são o grupo religioso mais amplamente perseguido no mundo hoje. E essa terrível tendência está em ascensão. Estatísticas recentes do Pew Research Center dizem que o mundo é um lugar cada vez mais religioso. Mas também é um lugar cada vez mais intolerante com os cristãos. Em 2/3 dos países do mundo, também de acordo com o Pew, a perseguição piorou nos últimos anos. O Vaticano chegou à mesma conclusão. Por que a mídia não fala sobre isso?

Paul Marshall, Nina Shea e Lela Gilbert são reconhecidos mundialmente como especialistas no assunto da perseguição aos cristãos e são poderosa e

singularmente qualificados para escrever este importante livro. Paul Marshall é decano do Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson em Washington, D.C. Além de escrever livros e inúmeros artigos, já falou ao Congresso e ao Departamento de Estado dos EUA e a muitos outros países sobre liberdade religiosa, relações internacionais e radicalismo islâmico. Nina Shea é diretora do Centro para Liberdade Religiosa e decana no Instituto Hudson. Também autora, é advogada internacional de direitos humanos há trinta anos. Lela Gilbert é autora e editora *freelance* que já escreveu sozinha ou em coautoria mais de sessenta livros. Membro adjunto do Instituto Hudson, escreve para *Jerusalem Post*, *Weekly Standard* e outras publicações. Instruídos por inúmeras viagens internacionais e verificação *in loco*, o amplo conhecimento sobre o assunto fica evidente nestas páginas à medida que expõem a perseguição em países como Egito, Vietnã, Arábia Saudita, Paquistão, Mianmar, Somália, Indonésia e Iraque.

Quando Nina conversou comigo num dos eventos que promovo e que chamo de “Sócrates na cidade” com relação a escrever o prefácio deste livro, senti-me muitíssimo honrado. Tenho o privilégio de contribuir com minha voz para um tema tão importante quanto este. Nós, no Ocidente, precisamos desesperadamente saber sobre nossos irmãos que sofrem por sua fé. Mas eu até diria que, em outro nível, devemos quase ter ciúmes deles, pois receberam o privilégio de conhecer o verdadeiro custo do discipulado, para citar as palavras do meu herói, Dietrich Bonhoeffer. Será que, ao conhecermos seus sofrimentos, poderemos orar por eles e lutar em seu favor como for possível, de modo que possamos nos arrepender de nossa “graça barata” e venhamos também a conhecer o verdadeiro custo do discipulado de Jesus? Será que o ato de conhecer as histórias deles pode ser a maneira de Deus nos atrair para mais perto de si?

Ao ler os relatos destas páginas, penso que você verá neles o que Bonhoeffer encontrou em Cipriano. Esteja preparado para o desafio. Estas histórias devem nos abalar, e com certeza o farão. Mas deixe que todas elas falem ao seu coração e o levem a “não andar ansioso por coisa alguma”, senão orar com fé, ciente de que Deus anseia por nossas orações em favor daqueles a quem ele ama. *Perseguidos* é um livro extremamente importante e inspirador. Que o Senhor o abençoe profundamente por meio dele.

Eric Metaxas
Nova York
Outubro de 2012

1
A situação atual das coisas

“Uma mulher de uns 40 anos que vivia numa cidade da província de Pyongan Norte [Coreia do Norte] foi pega com uma Bíblia em sua casa. Ela foi expulsa da própria casa. Um oficial do exército chegou e passou a viver ali. A mulher foi executada publicamente na eira de uma fazenda.” Oficiais do governo exigiram que houvesse uma testemunha da execução, que posteriormente disse: “Tive curiosidade de saber por que ela seria executada. Alguém me disse que ela havia guardado uma Bíblia em sua casa. Os guardas amarraram a cabeça, o peito e as pernas a um poste e a mataram a tiros. Isso aconteceu em setembro de 2005”.[1]

Outro relato em primeira mão atesta a vigilância invasiva na Coreia do Norte, que praticamente invibializa até mesmo cultos domésticos: “Com base numa denúncia, por volta de janeiro de 2005, agentes da Unidade Central de Inspeção de Atividades Antissocialistas invadiram minha casa num bairro da província de Hamgyong Norte. Como resultado da busca, encontraram uma Bíblia. Fui preso e levado a um campo de concentração para prisioneiros políticos juntamente com minha esposa e filha. Meu filho, que estava na China, entrou na Coreia do Norte sem nada saber sobre a detenção de sua família. Mais tarde, também foi levado para o campo”.[2]

Tal como na Coreia, assim também no Iraque. Sandy Shibib, 19 anos, como muitos outros cristãos iraquianos, enfrentou dificuldades e medo para buscar formação acadêmica. Com dedicação, ela pegava o ônibus que levava à Universidade de Mossul, onde estudava biologia. Três ônibus, operados pelo bispado católico sírio, levavam centenas de alunos, professores e funcionários a Mossul, partindo da área onde Sandy morava, no distrito predominantemente

cristão de Qaraqush. Viajavam em comboio por questão de segurança e eram escoltados por dois veículos do exército iraquiano.

Em 2 de maio de 2010, sem aviso, uma explosão atingiu os ônibus. Entre dois pontos da rota diária, onde o comboio estaria em sua área mais segura, foi atingido por duas bombas atiradas do acostamento. Cerca de 160 alunos foram feridos na explosão.

“Esse é o pior ataque, pois atacaram não apenas um carro, mas todo o comboio, e isso numa área fortemente protegida pelo exército”, disse o arcebispo católico de Mossul, Georges Casmoussa. Os estudantes com ferimentos mais graves receberam tratamento em Erbil, capital da região semiautônoma curda.

Sandy morreu alguns dias depois em razão de estilhaços que feriram sua cabeça. Maha Tuma, sua colega de classe, disse: “Sendo alunos, seguíamos para a universidade, não para um campo de batalha. Não carregávamos armas. Mesmo assim, nos tornamos alvos”. A explosão fez quase mil alunos se afastarem da Universidade de Mossul, a única universidade próxima das planícies de Nínive. Muitos jamais retornaram.[3]

Sob ataque

Os cristãos ocidentais desfrutam das numerosas bênçãos da liberdade religiosa. Nossos direitos, ainda que às vezes ameaçados, são muitos. Falamos livremente sobre nossa fé, nossas igrejas, nossas preferências denominacionais e nossas orações respondidas. Valorizamos, lemos e escrevemos comentários em nossas Bíblias e compartilhamos nossas crenças com outras pessoas, sem medo do perigo. Nossas igrejas podem ter escolas religiosas e programas de comunicação. Podemos usar uma cruz no pescoço, e nossos bispos, sacerdotes, ministros, monges e freiras se vestem numa ampla gama de estilos. Nosso cristianismo não exige que estejamos sempre olhando por cima do ombro, com medo de sermos presos por orar ou atacados por portar uma Bíblia.

Nossas igrejas são bem construídas, bem equipadas e divulgadas por meio de placas. Nossos pastores podem se concentrar em suas responsabilidades ministeriais sem ter de se preocupar com ameaças de uma polícia hostil ou de

multidões iradas. Para nosso encorajamento e entretenimento, há redes de televisão, indústria musical, *websites* e editoras. Nossa liberdade religiosa é amplamente protegida por nossos governos, bem como pelas culturas em que vivemos.

Infelizmente, a maioria dos cristãos do mundo não compartilha dessas circunstâncias. A experiência deles não é apenas diferente da nossa; ela é inimaginavelmente distinta. Claro que não precisamos nos sentir culpados por nossa liberdade religiosa, concedida por Deus. Às vezes, porém, precisamos ser relembrados de como é a vida cristã em outros países, cujo cotidiano guarda pouca semelhança com o nosso. Aqueles homens, mulheres e crianças de coragem e fé estão espalhados em grande número por todo o globo. Neste exato momento, enquanto estas palavras são escritas:

- Um pastor cristão permaneceu três anos numa fétida cela de prisão no Irã. Dia após dia ele esperou a palavra final das autoridades: "Amanhã pela manhã você será enforcado". O pastor fora condenado por ter se convertido do islã para o cristianismo, o que se chama apostasia no Irã, e recebeu a sentença de morte. Ainda assim, não renunciou à fé cristã. Sob pressão internacional, o Irã finalmente o absolveu da apostasia, sentenciando-o pelo crime menor de "evangelizar muçulmanos". Solto em 8 de setembro de 2012, o marido e pai amoroso continua sob o risco de ser morto pelos esquadrões da morte islâmicos. Seu nome é Youcef Nadarkhani.[4]
- No Paquistão, uma mulher aguarda o dia de sua execução. Ela está doente, fraca e cansada e sente uma saudade insuportável de seus cinco filhos. Também foi sentenciada à morte por causa de sua fé cristã. Foi julgada e condenada por blasfêmia ao profeta Maomé — crime capital no Paquistão. Seu nome é Asia Bibi.
- Na China, amigos e entes queridos aguardam notícias de um padre católico romano idoso que foi sequestrado e do qual nada se soube desde então. Ele é frágil mas fiel a suas crenças e a sua igreja. Em sua fidelidade, porém, ofendeu o regime do Partido Comunista. Ninguém sabe ao certo se ele está

vivo ou morto. Com cerca de 80 anos, seu nome é James Su Zhimin, conhecido por todos como bispo Su.

- Na Nigéria, cristãos sobreviventes ainda sentem o cheiro de fumaça e carne queimada em seu vilarejo. Pelo menos onze adoradores morreram carbonizados após terroristas bombardearem uma igreja no início de 2012. Mais de vinte pessoas foram gravemente feridas. Cristãos das cercanias estão temerosos, embora desejem ser corajosos e fiéis. Estão bastante conscientes de que também são alvos. Existem tantas vítimas na Nigéria que apenas os moradores locais sabem os nomes dos mortos.

Os mais perseguidos do mundo

Quem são essas pessoas? Por que elas enfrentam dificuldades? Como ofenderam as autoridades governamentais ou outros membros de sua sociedade a ponto de colocar a vida em risco? Nas páginas seguintes, analisaremos mais detalhadamente essas histórias e muitas outras. Examinaremos os casos daqueles que são perseguidos por sua fé cristã no contexto de seus países, suas culturas e do mundo cada vez mais perigoso pelo qual devem transitar ao mesmo tempo que cumprem compromissos sagrados e buscam sobreviver.

Nosso livro se concentra num fato pouco divulgado: os cristãos são o grupo religioso mais amplamente perseguido no mundo hoje. Isso é confirmado por estudos de fontes tão diversas como Vaticano, Portas Abertas, Pew Research Center e publicações como *Commentary*, *Newsweek* e *Economist*. Segundo uma estimativa feita pela Conferência dos Bispos Católicos da Comunidade Europeia, 75% dos atos de intolerância religiosa são direcionados a cristãos.[5]

Essa perseguição visa todas as tradições da fé cristã, de católicos romanos, ortodoxos e protestantes a denominações litúrgicas, evangélicas e carismáticas, incluindo centenas de grupos menores e menos conhecidos. Os cultos de adoração cristã variam, e as tradições são impressionantemente diferentes, mas nossas igrejas são unidas na crença no mesmo Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

* * *

Em oposição ao constructo pós-colonial segundo o qual o cristianismo é uma religião ocidental de homens brancos, devemos fazer uma pausa e nos lembrar daqueles sobre quem escrevemos e por quem oramos.

Muitas pessoas não sabem que 75% dos 2,2 bilhões de cristãos nominais do mundo vivem fora do Ocidente desenvolvido, como provavelmente ocorra com 80% dos cristãos mais ativos do mundo.[6] Das dez maiores comunidades cristãs do mundo, apenas duas, os Estados Unidos e a Alemanha, fazem parte do Ocidente desenvolvido. É bem possível que o cristianismo seja a maior religião do mundo em desenvolvimento. A igreja é predominantemente feminina e não branca. Enquanto a China em breve pode tornar-se o país de maior população cristã, a América Latina é a maior região cristã e a África está a caminho de tornar-se o continente com a maior população cristã. O cristão típico do planeta, se é que se pode defini-lo, provavelmente seria uma mulher brasileira ou nigeriana ou um jovem chinês.

Por que os cristãos são perseguidos? Como o leitor verá em breve, existe uma miríade de razões. A perseguição pode ser patrocinada pelo governo como uma questão de política ou prática, como na Coreia do Norte, no Vietnã, na China, em Mianmar, na Arábia Saudita e no Irã. Pode ser o resultado de oposição dentro da sociedade e ser perpetrada por extremistas e justiceiros que agem com impunidade ou estão fora do controle do governo. Assim é a situação hoje na Nigéria e no Iraque. Também pode ser efetuada por grupos terroristas que exercem controle sobre territórios, como o Al-Shabab na Somália e o Talibã no Afeganistão. Ou pode partir de forças combinadas ou mesmo conflitantes, como no Egito e no Paquistão.

China, Vietnã e Cuba nos mostram que, em alguns países, o cristianismo se recupera e rejuvenesce quando a perseguição se torna menos intensa. Nem sempre, porém, é o caso.

Na maior parte do Oriente Médio e do norte da África, o percentual de cristãos nativos continua insignificante. A igreja cristã nesses locais nunca se recuperou da perseguição do passado. Nos últimos cem anos, de acordo com várias

estimativas, a presença cristã declinou no Iraque de 35% para 1,5%; no Irã, de 15% para 2%; na Síria, de 40% para 10%; na Turquia, de 32% para 0,15%. Entre os fatores mais significativos que explicam esse declínio está a perseguição religiosa.

O que é perseguição?

Nos países analisados neste livro, os cristãos sofrem opressão real devido a sérias violações da liberdade religiosa. Eles não são apenas ofendidos em seus sentimentos religiosos nem estão simplesmente enfrentando discriminação ou infortúnios. Vários termos, como *perseguição*, *violação*, *purificação religiosa* e *genocídio* são mal definidos ou controversos. Como em todos os relatórios dos direitos humanos, a precisão, a exatidão e o significado dos números dos perseguidos podem ser igualmente incertos.

A Lei de Liberdade Religiosa Internacional dos Estados Unidos, de 1998, contém uma boa descrição do verdadeiro significado de perseguição. Ela ajuda a determinar quais países devem ser designados como os piores transgressores da liberdade religiosa, ou "Países de Preocupação Específica". Define que violações de liberdade religiosa são situações às quais são aplicadas proibições arbitrárias, restrições ou punição para atividades como:

- Reunião para atividades religiosas pacíficas como culto, pregação e oração;
- Livre expressão sobre crenças religiosas;
- Mudança de crença e afiliação religiosa;
- Posse e distribuição de literatura religiosa, incluindo Bíblias;
- Criação de filhos nos ensinamentos e práticas religiosas da escolha da pessoa.

Outras violações da liberdade religiosa incluem:

- Exigências arbitrárias para registro;

- Qualquer dos seguintes atos, se cometidos por causa da crença ou prática religiosa do indivíduo: detenção, interrogatório, multa financeira onerosa, trabalho forçado, reassentamento em massa forçado, prisão, conversão religiosa forçada, espancamento, tortura, mutilação, estupro, escravização, assassinato e execução.[7]

Nem todos os países discutidos neste livro estão entre os piores perseguidores do mundo. Todavia, levamos em consideração o padrão estabelecido pela Lei de Liberdade Religiosa Internacional. O que queremos dizer com a palavra *perseguição* neste livro é que há cristãos nos países citados sendo torturados, estuprados, presos ou mortos por sua fé. Suas igrejas também são atacadas ou destruídas. Comunidades inteiras são esmagadas por uma variedade de medidas deliberadamente direcionadas, que podem ou não envolver violência. E todos certamente vivenciam, como afirma a Lei de Liberdade Religiosa Internacional, "flagrante negação do direito à vida, à liberdade e à segurança das pessoas".[8]

Com isso em mente, devemos destacar que a perseguição pode se apresentar por meio de formas menos sangrentas e métodos mais burocráticos de abuso quando um governo se torna mais consciente de sua reputação na área de direitos humanos. Por exemplo, depois de vários anos daquilo que alguns viam como um relaxamento na relação com os cristãos, uma tomada de posição nos últimos meses novamente fez que a mão de ferro da China pesasse sobre os cristãos. Como Meghan Clyne escreveu em 19 de maio de 2011, no *Weekly Standard*:

> O "amolecimento" no modo como a China trata os cristãos nada mais foi senão uma habilidosa e sofisticada mudança em sua antiga forma de ataque à liberdade religiosa. Ao passo que diminuía os ataques sanguinários que suscitavam a condenação internacional, a China encontrou maneiras sutis de minar as igrejas independentes e, silenciosamente, interromper o crescimento da religião livre. De fato, o relatório da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional destaca que "os oficiais chineses são cada vez mais adeptos do emprego de linguagem de direitos humanos e do uso da lei para defender a repressão às comunidades religiosas".[9]

Aprendendo sobre perseguição

É fato que, no Ocidente, os noticiários raramente falam sobre perseguição a cristãos, a não ser que um caso extraordinariamente chocante apareça num dia de poucas notícias. Mas graças ao sucesso de um amplo movimento de base cristã no final da década de 1990 e aos crescentes meios de comunicação, existe hoje uma proliferação de informação confiável, detalhada e em tempo real sobre crentes religiosos perseguidos, tanto de fontes cristãs como do governo americano. Exemplos dessas fontes são citados por todo o livro.

A Lei de Liberdade Religiosa Internacional, um dos grandes sucessos da mobilização política do passado contra a perseguição religiosa, ordenou que o Departamento de Estado dos EUA publicasse relatórios anuais sobre a perseguição religiosa pelo mundo. Esses relatórios incluem milhares de ocorrências de perseguição anticristã, junto com outras violações de liberdade religiosa. Possuem caráter oficial e são respeitados em todo o mundo.

É importante buscar toda informação confiável possível de fontes fidedignas. Se dependermos totalmente da mídia secular, raramente ouviremos sobre cristãos perseguidos, e o que ouvirmos pode não ser preciso.

Naturalmente, pessoas de todas as religiões — e mesmo os que não possuem fé alguma — sofrem perseguição. Temos protestado e escrito sobre isso, e continuaremos a fazê-lo. Muitos são perseguidos pelas mesmas pessoas que perseguem cristãos. Para alguns — como mandeus e yizidis no Iraque, bahaístas e judeus no Irã, ahmadis e hindus no Paquistão, budistas tibetanos e seguidores da Falun Gong na China, budistas independentes no Vietnã, muçulmanos rohingya em Mianmar e xiitas na Arábia Saudita — a perseguição é particularmente intensa e cruel.[10]

Mas os cristãos também são perseguidos em todos esses países, bem como em muitos outros. A perseguição é intensa, ampla, crescente e ainda pouco noticiada. O Pew Forum on Religion and Public Life, fonte altamente respeitada de dados religiosos, relata que os cristãos sofrem assédio estatal ou da sociedade em 133 países — 2/3 dos países do mundo — e em mais lugares que qualquer outro grupo religioso.[11]

Conforme relatado pela Ajuda à Igreja que Sofre, entidade católica de caridade apoiada pelo Vaticano, a comissão da Conferência de Bispos da Comunidade

Europeia estima que, em muitos países, essa perseguição piorou nos últimos anos. Como disse o papa Bento XVI no início de 2011: “Muitos cristãos vivem com medo por causa de sua busca pela verdade, sua fé em Jesus Cristo e seu profundo anseio por respeito pela liberdade religiosa”.[12]

A própria escala, o escopo e a variedade da perseguição dificultam colocá-la em foco. Essa é apenas uma das razões de ela não ser relatada com frequência, ou não relatada de maneira correta.[13] Ainda assim, há padrões de perseguição que nos ajudam a apreender a situação básica e começar a entendê-la.

Perseguição cristã: três causas

A maior parte da perseguição aos cristãos surge de uma entre três causas possíveis. A primeira é a fome por controle político total, exibida pelos regimes comunistas e pós-comunistas. A segunda é o desejo de preservar o privilégio hindu e budista, como fica evidente no sul da Ásia. A terceira é o desejo de dominação religiosa do islamismo radical que, no momento, gera uma crescente crise global.

Atentaremos primeiramente para os países comunistas restantes e seus primos sinistros, os países pós-comunistas. Os regimes comunistas, que em geral são oficialmente ateus, tentaram em seus dias de glória erradicar a religião. Para isso, exterminaram milhões de religiosos. Desde então, recuaram para uma política opressiva de registro, supervisão e controle. Os que não são controlados são enviados para prisões comuns ou de trabalhos forçados, ou simplesmente confinados, maltratados e por vezes torturados. Esses regimes ainda são a maior fonte de perseguição a cristãos, simplesmente porque têm a maior parte dos residentes cristãos (especialmente no caso da China). O comunismo também reina no país que é hoje o mais intenso perseguidor de cristãos: a Coreia do Norte.

Na China, de modo geral, os cristãos têm permissão de se reunir dentro das paredes da igreja, mas não o direito de escolher seus líderes, fornecer educação religiosa a seus jovens ou publicar e difundir sua fé livremente. As procissões religiosas tradicionais são proibidas e dispersadas com violência. Na Coreia do

Norte, os cristãos são executados ou enviados para campos de trabalho forçado por crimes como posse de Bíblia. Descreveremos esses países, junto com Vietnã, Laos e Cuba, no capítulo 2.

Outros tipos de regimes se espalharam após a ruptura da União Soviética. Algumas dessas áreas pós-comunistas, como as repúblicas bálticas, tornaram-se sociedades livres, e praticamente todo o restante hoje já abandonou o comunismo, mas muitos ainda seguem as táticas repressivas de seus antecessores com relação a registro e controle. Alguns ainda estão sob a autoridade dos mesmos antigos governantes ou de seus filhos. Países como Bielorrússia, Turcomenistão e Uzbequistão ainda figuram entre os mais restritivos do mundo. E, como acontece com os regimes comunistas, tais governantes são fanaticamente seculares (ao menos os que não estão comprometidos com acordos ocultos com facções religiosas). Descreveremos esses regimes no capítulo 3.

Analisaremos a seguir as regiões em que alguns hindus ou budistas igualam sua religião à natureza e ao significado de seu país. Qualquer outra fé representa ameaça. Como consequência, perseguem tribos e religiões minoritárias e, não raro, os cristãos. Não desejamos retratar erradamente os pacíficos seguidores que constituem a maioria de seus fiéis. Contudo, é importante perceber que hindus e budistas nem sempre renunciam à violência. A Índia possui enorme quantidade de violência religiosa. Boa parte ocorre numa atmosfera de impunidade. Os países hindus e budistas que causam maior preocupação, incluindo Sri Lanka, Nepal e Butão, estão concentrados no sul da Ásia. Serão descritos no capítulo 4.

Analisaremos por fim as dezenas de países nos quais os muçulmanos formam a maioria da população. Embora os países comunistas restantes persigam sobretudo os cristãos, é no mundo muçulmano que a perseguição é agora mais ampla, intensa e ameaçadoramente crescente. Extremistas muçulmanos expandem sua presença e às vezes exportam sua repressão a qualquer outro tipo de fé.

Talvez não haja exemplo mais tocante e simbólico de um ataque islâmico ao cristianismo que o bombardeio a uma igreja cheia de adoradores. Nos últimos anos, vimos o aumento de tais ataques a igrejas no Iraque, no Egito e na Nigéria.

Como descreveremos adiante neste livro, os bispos católicos da Nigéria relatam que mais de uma centena de indivíduos, na maioria católicos, foram mortos ou feridos em bombardeios coordenados no Natal de 2011. O Iraque viu pelo menos setenta bombardeios a igrejas em oito anos, todos cometidos por radicais islâmicos.

As pessoas são visadas em muitos países pela escolha de se tornar cristãs, mas isso acontece cada vez mais no mundo muçulmano. Entre esses alvos de violência numa horrível escala estão as jovens e crescentes igrejas da Nigéria e do sul do Sudão, vistas como ameaça à hegemonia muçulmana. Indivíduos que abandonam o islã, como o pastor Youcef Nadarkhani no Irã, estão particularmente sob risco de serem mortos ou severamente punidos, tanto pelo governo como por elementos extremistas dentro da sociedade, em partes significativas do mundo muçulmano. São denunciados como apóstatas.

Mesmo igrejas históricas, como as igrejas da Caldeia e da Assíria, no Irã, ambas com dois milênios de existência, e a Igreja Copta do Egito, sofrem intensa ameaça neste momento. O crescimento dos salafistas e de outros movimentos muçulmanos extremamente intolerantes, afetando tanto a tradição xiita como os sunitas, transforma o momento atual numa época especialmente perigosa para ser cristão em alguns países, seja como convertido, seja como alguém já nascido na fé. Como disse o cardeal Christoph Schoenborn, de Viena, em nossa conferência sobre a Primavera Árabe em 2012: “Seria uma ferida profunda perder o próprio berço do cristianismo e sua terra de origem”.

Ainda que breve, o relato dessa perseguição exigirá quatro capítulos sobre o mundo majoritariamente muçulmano. O primeiro, o capítulo 5, descreve países como Malásia, Turquia, Marrocos e Argélia, que certamente possuem discriminação e restrições estatais que impedem o livre exercício da religião, ainda que a perseguição estatal não atinja o nível de violência visto em outros países. A Turquia, país democrático e membro da Otan, considerado modelo durante as revoluções da “Primavera Árabe” de 2010, na verdade é exemplo do tipo mais sutil de opressão religiosa. Os cristãos turcos têm sido esmagados debaixo de uma enorme trama de restrições burocráticas que frustram a capacidade de as igrejas se perpetuarem. Depois que a Comissão Americana de

Liberdade Religiosa Internacional colocou a Turquia na lista de “Países de Preocupação Específica” em 2012, o presidente da comissão, Leonard Leo, explicou:

> Alguns países que recomendamos que sejam considerados “Países de Preocupação Específica”mantêm intrincadas redes de regras, exigências e editos discriminatórios que impõem tremendos fardos sobre os membros de comunidades religiosas minoritárias, dificultando seu funcionamento e crescimento de uma geração para outra, sendo uma ameaça potencial a sua existência.[14]

Outros países, como a Arábia Saudita e o Afeganistão, são tão repressivos que nenhuma igreja tem permissão de existir, embora haja cristãos ali. Os milhões de cristãos nesses países, incluindo alguns convertidos molestados e presos com frequência, precisam esconder sua fé e buscar proteção e discrição de embaixadas fortificadas para que possam orar em comunidade. Enquanto escrevemos, o grande mufti da Arábia Saudita, figura de autoridade religiosa apontada pelo rei e apoiada pelo Estado, declarou que é “necessário destruir todas as igrejas da região”.[15] Eles estão entre os Estados mais intolerantes do mundo. O capítulo 6 cobre as duas maiores fontes do islã radical e repressivo: Arábia Saudita e Irã.

O capítulo 7 trata de situações normalmente consideradas brutais, como as que ocorrem no Afeganistão, Paquistão e Sudão, bem como uma que ainda costuma ser mal caracterizada como “moderada”, que é o Egito.

No capítulo 8, descreveremos os países de maioria muçulmana onde a perseguição tem como base a guerra, governos deficientes, violência popular ou terrorismo. Nesses países — Iraque, Nigéria, Somália, Indonésia e Bangladesh — o governo não é o principal perseguidor. Em vez disso, o problema é um governo fraco ou a ausência total de governo. Cristãos em lugares assim sofrem ataques de agentes independentes, sem proteção, ajuda ou reparação do Estado.

Por fim, existem países em regime de segurança nacional, como Mianmar e Eritreia, que não se encaixam em nenhum dos padrões apresentados. Também não é fácil categorizar a Etiópia, um país de maioria cristã. Mianmar talvez possa ser abordado com um exemplo de repressão budista: o governo tentou se esconder no budismo ao mesmo tempo que persegue budistas. Contudo, é

melhor entendido simplesmente como um regime onde as forças armadas procuraram preservar sua posição usando todos os meios necessários. Esses países serão analisados no capítulo 9.

Em nossa conclusão, analisaremos maneiras de cristãos preocupados e defensores da liberdade religiosa se conectarem a órgãos e agências governamentais e buscar grupos não governamentais e organizações confessionais que deem esperança e auxílio a cristãos perseguidos e a outros em dificuldade. Também sugeriremos algumas ações práticas para que aqueles de nós que estão no Ocidente possam combinar orações, criatividade e recursos para aliviar o crescente abuso sofrido por minorias cristãs em todo o mundo.

Uma breve análise da história cristã

Com exceção de acadêmicos e professores, a maioria pouco sabe sobre a história da igreja fora do Ocidente. Por que isso é importante? Porque precisamos entender como, muito tempo atrás, o cristianismo foi introduzido em diversos países e regiões — lugares que agora tentam arrancar o cristianismo junto com suas raízes ancestrais. É importante entender que nossa história como cristãos está entrelaçada de maneira complexa com a história do mundo.

Atos dos Apóstolos nos fala sobre a expansão inicial da igreja em direção a áreas que hoje compõem países como Turquia, Grécia e Itália. Não muito depois, a fé se espalhou por toda a Europa. Ao mesmo tempo, a igreja se expandiu para oeste e sul, na direção da África, alcançando Etiópia e Sudão, e para leste, atingindo Iraque, Irã, Afeganistão e Índia. As igrejas mais antigas da Índia e além têm uma história de quase dois mil anos, e acredita-se que foram fundadas pelo apóstolo Tomé.

No século 8, o patriarca, ou *catholicos*, da Igreja do Oriente ficava no atual território do Irã e do Iraque, e provavelmente era mais influente que o papa católico.[16] A Igreja do Oriente, ou Igreja Nestoriana, foi uma das maiores igrejas missionárias de todos os tempos. Seu patriarca indicou bispos para Iêmen, Arábia, Irã, Turquistão, Afeganistão, Tibete, Índia, Sri Lanka e China. Um cemitério cristão no Quirguistão, na Ásia Central, contém inscrições em sírio e

turco saudando “Terim, o chinês, Sazik, o indiano, Banus, o uigur, Kiamata, de Kashgar, e Tatt, o mongol”. Naquela época, as línguas usadas na igreja eram siríaco, persa, turco, sogdiano e chinês. A igreja de então pode ter chegado até Mianmar, Vietnã, Indonésia, Japão, Filipinas e Coreia.

Em 1281, o patriarca era Markos, que viera da China como monge. Os mongóis enviaram seu acompanhante de viagem, Bar Sauma, numa missão diplomática à Europa, buscando ajuda para um ataque conjunto ao Egito. Os europeus se maravilharam ao descobrir que a igreja cristã se estendia até as costas do Pacífico e que o emissário dos temíveis mongóis era um bispo cristão — de um deles o rei da Inglaterra, Eduardo I, posteriormente recebeu a eucaristia.[17]

Grande parte do cristianismo do Oriente Médio e do norte da África foi esmagado não pelo surgimento do islã no século 7, mas posteriormente, no século 14. Um dos disparos se deu pelas invasões mongóis, que ameaçaram o islã árabe como nunca antes. (As cruzadas foram um espetáculo menor, não muito comentadas pelos muçulmanos da época.) Os mongóis buscaram alianças com os reinos cristãos, e havia cristãos entre suas tropas. Essa é uma das razões de as comunidades cristãs no mundo muçulmano terem sido por vezes tratadas como uma quinta coluna e sujeitas a frequentes massacres. Entre 1200 e 1500, a proporção de cristãos fora da Europa caiu de mais de 30% para cerca de 6%. Nas palavras de Philip Jenkins, nos anos 1500 as igrejas europeias haviam se tornado dominantes apenas “por ser, digamos, os últimos homens em pé” do mundo cristão.[18]

Avancemos para o início do século 20. As comunidades cristãs no antigo Império Otomano foram novamente atacadas com selvageria numa segunda onda de perseguição. Isso produziu o massacre de cerca de 1,5 milhão de armênios, bem como muitos siríacos, assírios, gregos pônticos ortodoxos e maronitas. Quando tomaram a Mesopotâmia depois da Primeira Guerra Mundial, os ingleses consideravam a situação dos cristãos assírios tão desesperadora que analisaram a ideia de transportá-los para o Canadá. Em 1930, havia propostas para transferi-los para a América do Sul. Logo após o massacre promovido pelos árabes em 1933, os britânicos levaram o patriarca para Chipre por questões de

segurança, enquanto a Liga das Nações debatia a mudança do restante dos cristãos assírios para o Brasil ou para Níger.

Atualmente, estamos diante de uma onda similar de perseguição e extermínio. Há cristãos saindo de locais como os territórios palestinos, Líbano, Turquia, Síria e Egito. Em 2003, no Iraque, cristãos constituíam cerca de 4% da população; em anos mais recentes, porém, fazem parte de um enorme percentual de refugiados, fato que apoia relatórios de que cerca de 2/3 deles fugiram. Muitos egípcios coptas temem que a Primavera Árabe, iniciada no final de 2010, torne-se um Inverno Islâmico para eles, e ponderam se também não devem fugir. Muitos já o fizeram. Analisaremos o levante da Primavera Árabe no mundo muçulmano com mais atenção na conclusão do livro, uma vez que ela afeta drasticamente tanto as comunidades cristãs mais antigas como os novos cristãos convertidos do islã e de outras origens.

A igreja hoje

Muitas dessas comunidades cristãs antigas perseveraram fiel e corajosamente em períodos de fome, guerra e perseguição. Em alguns lugares, a igreja começou a se expandir novamente de maneira notável, e as últimas décadas do século 20 assistiram ao maior crescimento da igreja na história, sobretudo na África subsaariana e na China.[19]

Em certo sentido, porém, essa nova difusão globalizada do cristianismo não é assim tão nova. É apenas um recomeço de uma realidade admirável e duradoura. Embora haja muitas coisas novas acontecendo, o fato é que um antigo corpo de fé está mais uma vez emergindo — boa parte na África subsaariana, nas Américas Central e do Sul, na Ásia e mais notadamente na China.

No final do século 10, um monge assírio da Arábia visitou a China e declarou seu espanto ao descobrir que o cristianismo, embora tivesse igrejas, mosteiros, catedrais, bispos e arcebispos, havia, depois de séculos, aparentemente “se extinguido”.[20] Hoje, porém, o cristianismo está em sua quarta grande fase de expansão na China.

No século 21, há mais pessoas na China frequentando cultos do que em toda a Europa ocidental. A despeito de a maioria das reuniões cristãs ser ilegal e poder resultar em prisão e longas sentenças em campos de trabalho forçado, a China talvez seja o país de maior comparecimento de cristãos em cultos em todo o mundo.

Deus e César

Embora sempre tenha havido confusão e conflito entre o que agora chamamos de "Igreja e Estado", a simples existência de duas autoridades em vez de uma exerce influência significativa. Como George Sabine escreveu:

> Talvez não seja irracional afirmar que o surgimento da igreja cristã, como instituição distinta designada para reger as questões espirituais da humanidade de forma independente do Estado, constitua o evento mais revolucionário da história da Europa ocidental, com respeito tanto aos políticos como ao pensamento político.[21]

Debaixo desse sistema, ainda assim judeus e hereges eram perseguidos, e inquisições e guerras, defendidas. Esses são fatos históricos trágicos e sangrentos. Mas as pessoas também passaram a acreditar que essas autoridades deveriam ser distintas. Com isso, a igreja, apesar de seu frequente desejo de controlar o âmbito civil, sempre teve de reconhecer que havia formas de poder político que ela não deveria exercer. E os líderes políticos, não obstante suas constantes tentativas de obter controle de todas as coisas, sempre tiveram de reconhecer que havia áreas da vida humana que estavam necessária e apropriadamente fora de seu alcance. A despeito de conflitos e confusões frequentes, a ordem política teve de reconhecer que o núcleo espiritual da vida humana, e a autoridade que isso demandava, constituía uma esfera além do controle civil.[22]

Isso significava que os cristãos, embora geralmente cidadãos leais, repetidas vezes disseram, como Pedro, que deveriam obedecer a Deus, e não ao homem, obrigados que estavam a servir "um outro rei" (At 17.7). Isso é uma negação a que o Estado englobe tudo ou seja o árbitro definitivo da vida humana. A

declaração de que *César não é Deus* desafia todo regime autoritário, sejam romanos antigos ou totalitários modernos, e provoca reações iradas e sangrentas.[23]

Essa é a histórica e viva igreja cristã, cujos direitos de liberdade religiosa buscamos defender, e cuja história contemporânea de perseguição contaremos, ao menos em parte, nas páginas a seguir.

Algumas exceções necessárias

Talvez devamos reservar alguns instantes para discutir o que nossos capítulos *não* cobrirão. Este não é um livro sobre o sofrimento de cristãos em si. Como todos os seres humanos, os cristãos podem sofrer em razão de erupções vulcânicas, terremotos e *tsunamis* ou nevascas, secas e fomes. Podem sofrer porque são da língua, da raça ou do grupo étnico "errado". Ou quem sabe estejam no lugar errado e na hora errada. Não abrangemos isso, visto que tais questões não necessariamente se vinculam à fé cristã.

Em vez disso, nos concentraremos unicamente no sofrimento infligido a pessoas ao menos em parte *porque são cristãs* — sofrimento que não precisariam suportar se não fossem crentes em Jesus.

É certo que a linha divisória não é clara nem precisa. Os cristãos, sobretudo os pastores, são brutalmente atacados na Colômbia, no Peru, no México, no Zimbábue e muitos outros lugares. São mortos porque se levantaram contra regimes repressivos, contra guerrilhas até mais repressivas que os regimes que combatem e contra malévolos cartéis de drogas. As questões são complexas, uma vez que muitos creem que é sua tarefa cristã posicionar-se contra qualquer forma de opressão. Por isso, sofrem e morrem. Não é nossa intenção dizer de forma definitiva que isso não é perseguição religiosa, mas não incluímos esses casos corajosos nesta discussão.

Muitas igrejas consideram que missionários que vão a outros países e morrem no campo em razão de doenças ou ataques criminosos sejam mártires, ainda que não tenham morrido como resultado de perseguição religiosa deliberada. Não incluímos esses casos. Uma exceção parcial pode ocorrer em locais como Iraque,

onde discutimos ataques criminosos contra cristãos, uma vez que lhes está sendo negada a proteção policial por causa de sua religião.

Quando falamos ou escrevemos sobre a perseguição à igreja, muitas pessoas nos perguntam sobre a perseguição aos cristãos nos Estados Unidos. Nossa resposta é que sim, há problemas aqui, eles estão crescendo e precisam ser atacados. Mas os cristãos na América possuem amplos recursos legais para proteger os direitos estabelecidos pela Primeira Emenda da Constituição e não enfrentam ameaças da mesma gravidade encontradas na China, Coreia do Norte, Sri Lanka, Arábia Saudita, Eritreia, Somália ou Nigéria. Por essa diferença na gravidade da perseguição, mantemos o foco deste livro nos problemas enfrentados pelos cristãos frequentemente esquecidos ao redor do mundo.

Está claro que a antipatia e as restrições legais ao cristianismo são crescentes no chamado "Ocidente pós-cristão". Batalhas importantes pela liberdade religiosa são agora travadas em tribunais e assembleias legislativas, bem como em praça pública. Esses casos merecem e estão recebendo atenção, ao contrário dos assassinatos, prisões e abusos vistos em outros lugares. Nos lugares discutidos neste livro, o perseguido não dispõe da possibilidade de debater livremente nem de buscar reparação e conserto por meios democráticos.

A intenção não é diminuir as muitas formas de sofrimento vivenciado por cristãos e outros em todo o mundo. Se um terremoto engoliu sua casa, igreja ou família, se seu marido foi morto por ter denunciado um traficante de drogas, se sua esposa foi estuprada e morta porque era tutsi, o sofrimento é igualmente horrível, perturbador e sufocante, e seus entes queridos estão tão mortos quanto se o ataque tivesse sido especificamente religioso. Não queremos desconsiderar tais formas de sofrimento. Apenas tentamos nos restringir a algo mais específico: *perseguição de cristãos pelo fato de serem cristãos*.

Tentamos ser bastante seletivos naquilo que abordamos. Não cobrimos todos os países ou territórios onde os cristãos são perseguidos; isso exigiria muitos e enormes volumes. Nos países analisados, não podemos nem mesmo tentar relatar cada exemplo de perseguição religiosa a cristãos. Isso depressa faria deste livro uma enciclopédia. Em vez disso, buscamos fornecer um claro senso daquilo que vem acontecendo aos cristãos no mundo neste exato momento. Isso inclui muitas

histórias de desgraças, mas também de esperança, bem como um inegável heroísmo.

Não se trata de súplicas especiais, mas de fatos. Como destacado pelo papa Bento XVI: “No presente, os cristãos são o grupo religioso que mais sofre perseguição por causa de sua fé”. E, junto com o ex-papa, afirmamos: “Tal situação é inadmissível”, pois é “um insulto a Deus e à dignidade humana; além disso, é uma ameaça à segurança e à paz, além de um obstáculo à realização de um desenvolvimento humano autêntico e integral”.[24]

O chamado e a esperança da paz

Em 2002, um de nós (Paul Marshall) viajou pelo sudeste da Turquia com o ilustre estudioso da patrística Tom Oden.[25] Encontramo-nos com membros das milenares igrejas siríacas, das quais apenas alguns milhares estão em sua terra natal. O idioma deles, o siríaco-aramaico, está mais perto do idioma falado por Jesus que qualquer outra língua viva e, mesmo assim, o governo turco os proibiu de ensiná-lo em escolas. Passamos por vilas desertas como Kafro, agora interditadas; seus habitantes foram expulsos por ataques do Hezbollah turco. Visitamos o grande Mosteiro de Mor Gabriel na região de Tur Abdin, importante centro do cristianismo oriental, hoje reduzido em razão de um confisco de terras aprovado nos tribunais e de sufocantes restrições governamentais. Conhecemos os dois únicos monges a permanecer no mosteiro da vila de Sare.

Existe uma igreja na cidade de Nusaybin, onde uma famosa comunidade cristã está ali desde o século 2. No século 4, essa igreja cuidou de Efrém, o maior dos teólogos sírios, venerado como santo no cristianismo oriental. O edifício foi lacrado e abandonado depois da Primeira Guerra Mundial, quando os habitantes, fugindo do massacre, rumaram para a Síria. Por sessenta anos não houve cristãos na cidade, mas agora a diocese enviou uma família cristã de uma vila local para viver num pequeno apartamento na igreja e impedir a degradação do espaço sagrado.

Fomos até a cripta deserta e empoeirada para ver a tumba de Jacó de Nísibis, de quem a igreja jacobita toma emprestado o nome. Enquanto examinávamos o

sarcófago, nosso motorista espontaneamente começou a cantar um hino antigo. Sua voz forte encheu a tumba com uma ressonância quase sobrenatural. Ouvimos maravilhados em silêncio. Depois, perguntamos o significado das palavras. Ele nos disse que a letra fora composta pelo próprio Efrém. Quão tocantes suas palavras continuam no mundo atribulado de hoje.

Ouçam, meus pintinhos fugiram,
deixaram seu ninho
alarmados pela águia.
Vejam, onde se escondem com temor!
Traga-os de volta em paz!

2

César e Deus: Os poderes comunistas remanescentes

China • Vietnã • Laos • Cuba • Coreia do Norte

Em 2001, o ministro da Justiça da China reconheceu Gao Zhisheng como um dos “Dez melhores advogados” da República Popular da China. Profundamente comprometido com a verdade e a justiça — qualidade que ele atribuía à fé cristã —, viu-se em conflito com o regime pouco tempo depois por causa de sua defesa tenaz de grupos e indivíduos visados pelo Estado, incluindo colegas cristãos e seguidores do movimento Falun Gong. Afastou-se do Partido Comunista em 2005 e, em janeiro de 2006, escapou por pouco de um atentado contra sua vida, encenado pela polícia secreta de modo a que parecesse um acidente de trânsito.

Gao desapareceu da casa de sua irmã em agosto de 2006 e foi oficialmente preso em setembro. Foi julgado, condenado por subversão e sentenciado a três anos de prisão, mas foi solto sob uma suposta liberdade condicional. Nos anos seguintes, foi preso novamente e torturado com métodos que incluíram a prática favorita da polícia secreta: perfurar testículos com palitos de dente. Então desapareceu, sob rumores de que estaria morto. Em sua autobiografia, *Uma China mais justa*, Gao declarou que o Partido Comunista usa “os meios mais selvagens, imorais e ilegais para torturar mães, esposas, filhos e irmãos e irmãs dos presos”.[1]

David Aikman, autor de *Jesus em Pequim*, relatou: “No típico estilo orwelliano, em janeiro de 2010 um porta-voz do Ministério do Exterior da China disse que não sabia onde Gao estava, mas que estava ‘onde deveria estar’”.[2] No início de 2012, a China Aid, organização cristã de direitos humanos, relatou que Gao havia desaparecido sob custódia policial em abril de 2010.

Em 16 de dezembro de 2011, poucos dias antes da data de término de sua condicional, o governo chinês anunciou que o enviaria à prisão de Shaya (Xayar) por três anos por violação de condicional. Foi a primeira indicação de que ele ainda estava vivo, mas não foi divulgada nenhuma informação sobre seu estado de saúde. A prisão de Shaya fica na repartição de Aksu, cerca de 1.100 quilômetros a sudoeste de Urumqi, capital de Xinjiang. Em 24 de março de 2012, teve permissão de receber uma vista do irmão e do sogro.[3]

A perseguição pode ser igualmente severa no Vietnã. Em novembro de 2009, Sung Cua Po, um hmong da vila de Ho Co, no distrito de Dien Bien Dong, Vietnã, converteu-se ao cristianismo. Guardas locais prenderam-no e a sua esposa em 1º de dezembro de 2009 e o golpearam na cabeça e nas costas para forçá-lo a negar sua nova fé. Ameaçaram bater nele até que "apenas a língua ficasse intacta". Sua esposa também foi espancada. Po foi forçado a assinar um documento abdicando de suas convicções religiosas e disse aos líderes cristãos: "Eu cedi. Assinei quando a polícia ameaçou me espancar até a morte se eu não negasse. Eles tomariam minha propriedade, deixariam minha esposa viúva e meus filhos órfãos e sem casa".

Mas a perseguição não parou ali. Po enfrentou constante pressão para mostrar que não era mais cristão e havia voltado à tradicional adoração aos antepassados, algo que ele havia se recusado anteriormente a fazer. Em fevereiro de 2010, Po e a esposa foram multados em 8 milhões de dongs (cerca de 430 dólares) e um porco. A polícia confiscou o celular e a motocicleta de Po e incitou os demais membros de sua família e moradores de sua vila a molestá-lo. A pressão atingiu níveis insuportáveis em 21 de fevereiro de 2010, quando vizinhos roubaram seu estoque de arroz para o ano inteiro e todos os seus utensílios de cozinha, e oficiais autorizaram a demolição de sua casa.

As autoridades locais ordenaram a demolição em 14 de março, com outras catorze casas de cristãos da área. Em 19 de março, Po, sua esposa e seus três filhos fugiram para a floresta, provavelmente em busca de refúgio com famílias cristãs. Após a perseguição a Po e a dois outros convertidos, a maioria dos cristãos da vila deixou de praticar sua religião.[4]

Todavia, poucos lugares talvez sejam tão brutalmente anticristãos como a Coreia do Norte. Lee Joo-Chan é o pseudônimo de um pastor norte-coreano de meia-idade que fugiu para a Coreia do Sul. Ele contou que a mãe e o irmão foram mortos na frente dele e que seu filho foi torturado quase até a morte. Lee disse: “Minha família ofereceu o derradeiro sacrifício por Deus. Em honra a eles, sirvo ao Senhor Jesus de todo o meu coração. Ainda que também venha a custar a minha vida”.

Ele descreveu um período em que o cristianismo era vibrante no Norte: “Na época do Natal cantávamos músicas natalinas conhecidas, como ‘Noite de paz’ e ‘Cantai que o Salvador chegou’. Cristãos norte-coreanos mais velhos também conhecem essas músicas. Eles as cantavam quando eram jovens. Seus pais eram cristãos na época do grande avivamento de 1907. Agora não têm mais permissão de cantá-las, porque toda atividade cristã é proibida”.[5]

Cristãos e regimes comunistas

Os países discutidos neste capítulo são os remanescentes dos Estados comunistas mundiais. China, Vietnã, Laos, Cuba e Coreia do Norte ainda são controlados por regimes partidários que se apossaram do poder em meados do século 20. Nas últimas duas décadas — com a notável exceção da Coreia do Norte —, a rigidez ideológica de Stalin, Mao e Ho Chi Minh foi temperada por aberturas para o mundo e um interesse no comércio global, mas os regimes desses países ainda continuam bastante repressivos.

Hoje, a China emerge como uma potência econômica global e uma dinâmica força regional pronta a eclipsar as democracias asiáticas do Pacífico, tanto no âmbito militar como econômico. Vietnã, Laos e Cuba permanecem empobrecidos e demoram a entrar nos mercados globais, mas também buscam investimentos, comércio e turismo. A Coreia do Norte, singular como é, permanece fechada, francamente hostil ao Ocidente e dedicada ao totalitarismo de inspiração soviética.

De início, as ideologias desses países enxergavam no cristianismo, como em todas as religiões, um impedimento ao progresso, seus códigos morais sendo

mera superstição e seu conforto espiritual e sua mensagem de esperança, entorpecentes. Junto com seus aliados ideológicos no bloco soviético, procuraram erradicar todas as religiões. Fizeram isso por meios brutais. Com o passar das décadas, igrejas foram devastadas enquanto cristãos eram martirizados aos milhares em prisões cruéis, em campos de trabalhos forçados, por esquadrões da morte e balas assassinas. A Coreia do Norte não mudou.

Em 1991, a União Soviética desmoronou e se dividiu. Vietnã, Laos e Cuba ficaram sem padrinho e sem escolha, a não ser cortejar o comércio e a ajuda ocidentais. Por essa época, a China começou a abrir mão de suas políticas econômicas marxistas estagnadas. Com maior envolvimento global, esses Estados tiveram de suavizar sua reputação e política interna. Simultaneamente, cristãos estrangeiros trabalhavam para dar apoio e obter uma maior presença.

Com esse abrandamento interno, embora algo bem distante da verdadeira liberdade religiosa, o cristianismo começou a ressurgir das cinzas. Igrejas católicas e protestantes vêm sendo reconstruídas. A fé cristã se espalha e, gradualmente, o culto cristão e a prática pública da fé estão se ampliando. Na China, em particular, a fé passa por um crescimento espetacular e sem precedentes.

Contudo, nenhum desses países fez reformas nos direitos políticos e civis que possam ser comparadas a sua abertura econômica. Os partidos comunistas desses países controlam toda atividade política e praticamente toda atividade civil, incluindo a atividade religiosa. Formas mais sutis de repressão substituem as matanças em massa e os campos penais; a prática cristã é agora colocada sob vigilância, registrada, regulada e restringida, em vez de ser totalmente esmagada como no passado.

Atividade religiosa não autorizada ou independente ainda é tratada como crime, e persistem o aprisionamento e a brutalidade contra cristãos. No Vietnã e no Laos, as autoridades podem forçar cristãos não registrados em áreas étnicas remotas a negarem sua fé. A Coreia do Norte, a brutal exceção, não realizou reformas substanciais em relação à liberdade religiosa desde sua fundação, mais de meio século atrás.

China

Em abril de 2011, um impasse entre oficiais chineses e um corajoso grupo de adoradores cristãos ganhou o noticiário internacional. Autoridades governamentais, usando táticas diversas, estavam impedindo que a Igreja Shouwang realizasse cultos em recinto fechado. As autoridades pressionaram os proprietários a cancelar os aluguéis, de modo que a Shouwang não tivesse onde se reunir.

Frustrados mas determinados, eles por fim decidiram se reunir ao ar livre, na praça pública de Zhongguancun, distrito de Haidian, em Pequim. Quando a primeira reunião aconteceu, as forças de segurança já estavam preparadas. Detiveram centenas de adoradores, que foram removidos da área num comboio de ônibus oficiais. Quatro pastores e muitos outros líderes da igreja foram colocados sob prisão domiciliar por semanas, enquanto cristãos de menos destaque permaneceram no máximo dois dias.

Em 24 de abril de 2011, Domingo de Páscoa, os adoradores se reuniram na praça, ao ar livre, pela terceira vez. O escritor chinês Promise Hsu relatou:

> As autoridades cercaram mais de trinta pessoas e as conduziram até os ônibus e carros da polícia. Como antes, foram enviados a delegacias de polícia locais. Foi-lhes pedido que deixassem nome e telefone e prometessem não comparecer novamente a cultos ao ar livre. Alguns se recusaram a fazer qualquer promessa, e outros simplesmente disseram à polícia que continuariam a promover cultos ao ar livre no domingo seguinte. Alguns deles já haviam sido detidos duas ou três vezes. Mais da metade foi liberta naquele mesmo dia. O restante, porém, todos do distrito oriental de Chaoyang, seria liberto depois de 24 ou 48 horas.[6]

Mais de quinhentos adoradores foram detidos nas primeiras semanas do impasse junto às autoridades. Individualmente, os membros sofreram desdobramentos de suas detenções. Num caso, um rapaz da Igreja Shouwang foi preso enquanto levava o telefone celular para consertar, entregue a um escritório regional da província de Shandong e expulso de Pequim para a casa de seus pais, em Shandong. Teve a carteira de identidade confiscada e foi advertido de não tentar voltar a Pequim antes de 1º de julho. Os oficiais da cidade receberam ordens para vigiá-lo. Outro membro foi igualmente expulso para a província de

Hubei. Ele já tinha sido forçado a abandonar seu emprego como professor da pré-escola.[7]

Em 29 de dezembro de 2011, dois pastores da igreja, três presbíteros e vários outros líderes estavam sob prisão domiciliar. Depois de reiniciar os cultos ao ar livre em 2012, a página da igreja no Facebook relatava em 12 de fevereiro: “Até onde sabemos, na manhã de domingo, pelo menos quinze fiéis foram levados por terem ido ao local planejado para participar do culto ao ar livre, seja no local, seja no caminho até lá. Quatro foram libertos no caminho, e os outros onze foram enviados para três delegacias de polícia locais. Até as 18h30 do domingo, dez fiéis haviam sido soltos e mandados para casa. O último foi solto por volta das 19 horas do domingo...”.[8]

Controle rígido

A China é hoje conhecida por sua economia pujante, pelas exportações para o mundo inteiro, pelo crescimento de suas forças armadas, por pessoas talentosas e por sua crescente influência global. Essas coisas são bastante reais. Depois do sufocamento das políticas comunistas, o país passou por uma transformação econômica provavelmente sem paralelo na história. Muitos milhões de pessoas saíram da extrema pobreza. O crescimento e dinamismo de enormes cidades como Xangai e Guangzhou são de tirar o fôlego.

Em termos políticos, porém, o país permanece um Estado de partido único, com controle e muita riqueza nas mãos de sua elite. Para manter sua posição, eles buscam regulamentar todos os aspectos da sociedade, incluindo a religião. A China reprimiu a religião durante todos os sessenta anos de governo do Partido Comunista. Desde o final da era maoísta, o objetivo premente do partido de aniquilar a religião foi substituído pelo de tornar a religião útil aos interesses estatais.

Praticamente 1/5 da população mundial vive na China, e sua ensanguentada ficha de controle, discriminação, perseguição e morte não pode ser facilmente igualada. Na década de 1990, uma pesquisa da área de direitos humanos contendo os nomes de pessoas presas na China por motivos políticos e religiosos tinha 630 páginas. Hoje, tal documento contaria uma história similar. Muitos dos

que sofrem não aparecem citados em nenhuma publicação, ou nem sequer se ouve falar deles.

O incansável esforço do regime para silenciar o advogado cristão Gao, descrito no início do capítulo, bem como a escassez de informações sobre sua situação, exemplificam um estilo de perseguição que tem uma história muito peculiar.

Em 1º de outubro de 1949, Mao Tsé-Tung, presidente do Partido Comunista Chinês, proclamou a fundação da República Popular da China. O governo de Mao logo deu início a severas sanções contra a religião, especificamente a cristã, aprisionando muitos religiosos que se recusavam a priorizar o comunismo à própria fé. Foram rotulados de "contrarrevolucionários" e sentenciados a vinte anos ou mais na prisão ou em campos de trabalho forçado. Igrejas e outras instituições religiosas foram fechadas. O número de mortos durante a Revolução Cultural da década de 1960 — quando os marxistas chineses orgulhosamente declararam "a morte de Deus" e a perseguição atingiu seu auge — é desconhecido, mas pesquisadores estimam que chegam a milhões, incluindo muitos cristãos.

Ainda hoje, mais de sessenta anos depois, embora já não ocorram prisões e homicídios em massa, as atividades religiosas permanecem rigidamente controladas e são oficialmente limitadas às "Três Autonomias", ou igrejas "patrióticas", sancionadas pelo governo — ou seja, igrejas registradas e monitoradas pelo governo que não sofrem influências do exterior. O cristianismo é tratado como uma religião estrangeira, embora a igreja seja uma das mais antigas instituições da China. Havia mosteiros na China 1.400 anos atrás, e o italiano João de Monte Corvino era o arcebispo de Pequim há cerca de 700 anos, enquanto o comunismo é produto recente do pensamento europeu do século 19. O fato de o regime também perseguir outras religiões, como o budismo tibetano e o movimento espiritual nativo Falun Gong, além de controlar associações seculares de trabalho, mulheres e jovens, sugere que a preocupação do Estado é o controle, não a influência estrangeira.

Mesmo as igrejas das Três Autonomias, aprovadas pelo governo, podem sofrer ataques. Na província de Shandong, agentes de segurança ocuparam à força a igreja das Três Autonomias na cidade de Gucheng. Quando os oficiais da igreja

se dirigiram a Pequim para protestar, foram detidos e sentenciados a detenção administrativa por vários dias. A Igreja das Três Autonomias no distrito de Dafeng, província de Jiangsu, foi demolida por imposição em 13 de março de 2012, e dois de seus membros foram espancados, incluindo uma mulher que sofreu fratura nas costas.[9]

A política religiosa do governo é executada pela Administração Governamental para Assuntos Religiosos (AGAR), que supervisiona as cinco religiões aprovadas e monitora as associações "patrióticas" junto às quais todas as igrejas são obrigadas a se registrar. A AGAR, por sua vez, é supervisionada pela Frente Unida do Departamento de Trabalho do Partido Comunista.

Alunos de seminários fazem tanto provas de conformidade política como de teologia. O governo regulamenta a literatura religiosa. Proíbem-se escolas religiosas para crianças. Reuniões com correligionários estrangeiros exigem autorização do Estado. Até a escolha de líderes eclesiásticos deve passar por aprovação governamental. Enquanto isso, igrejas católicas e protestantes não oficiais, que constituem a maioria dos cristãos da China, permanecem ilegais, embora seu crescimento seja um alerta ao regime: é possível que haja mais cristãos que membros do partido.

Quantos cristãos?

Quinze anos atrás, o embaixador americano na China revelou numa reunião conosco que não sabia o que era uma igreja no lar.[10] O Departamento de Estado dos EUA aparentemente não se preocupou em informá-lo sobre esse desenvolvimento crescente e potencialmente transformador dentro da sociedade civil chinesa. O movimento das igrejas nos lares foi a primeira organização nacional livre do controle governamental a surgir desde Mao. Hoje, as igrejas nos lares são o foco de novos artigos internacionais que expressam surpresa diante de seus números, que se multiplicam rapidamente. Em setembro de 2011, a BBC relatou que a igreja protestante chinesa oficial está crescendo. Seu repórter compareceu a cinco igrejas no centro de Pequim na manhã de Páscoa, todas elas cheias, com mais de 1.500 participantes. A escola dominical avançava pela rua. Mais tarde, relatou que as autoridades não tomariam providências sobre

“a recusa das igrejas nos lares de reconhecer qualquer autoridade oficial sobre sua organização. O Estado teme a influência zelosa do evangelismo americano, e parte da teologia das igrejas nos lares tem essas características. Em muitos outros aspectos, porém, parece ser um movimento nativo chinês — carismático, vigoroso e jovem”.[11]

Quantos cristãos há na China? Em 2012, a sociedade ainda é tão restrita que é impossível saber ao certo, e há diversos relatórios conflitantes. De acordo com a Lausanne Global Analysis, “As estimativas das últimas décadas quanto ao número de cristãos na China variam de 2,3 milhões a 200 milhões”.[12]

Os dados oficiais são, previsivelmente, sem valor. Em 2008, a China estimava apenas 21 milhões de cristãos. Mas Zhao Xiao, antigo oficial comunista e hoje convertido ao cristianismo, coloca os números um pouco mais acima, na casa dos 130 milhões. E, conforme relatado na *Economist*, “de acordo com a Associação de Ajuda à China, grupo sediado no Texas, o diretor do corpo governamental que supervisiona todas as religiões na China disse em particular que os dados de fato indicavam 130 milhões no início de 2008”.[13] Enquanto isso, em dezembro de 2011, a Pew Research Center, usando premissas conservadoras, estimava 67 milhões.[14]

“Embora seja impossível chegar a números definitivos”, diz a Lausanne Global Analysis, “uma estimativa em torno de 100 milhões de cristãos parece razoável”.[15] Qualquer que seja o número real, incluindo igrejas protestantes e católicas registradas e não registradas, de acordo com todos os relatórios o cristianismo está crescendo de forma avassaladora na China.

Detenções, prisões e campos de trabalho

Além das notoriamente desumanas prisões chinesas, existe um sistema separado de controle que são os campos *laogai*, ou “campos de reeducação por meio do trabalho”. Eles permitem a detenção, muitas vezes por meio das formas mais brutais, sem julgamento e nem mesmo audiências.

De acordo com Harry Wu, ativista católico dos direitos humanos, que por quase vinte anos vivenciou ele mesmo os campos, “o cerne da questão dos

direitos humanos na China hoje é a existência de um mecanismo de base para o esmagamento de seres humanos — físico, psicológico e espiritual — chamado sistema de campos *laogai*, dos quais identificamos 1.100 campos diferentes". Trata-se de campos de trabalhos forçados onde se produz tudo, de chá a canos de aço e produtos químicos. Wu disse: "O trabalho forçado é o meio, a reforma do pensamento é o objetivo. [...] Não é simplesmente um sistema carcerário; é uma ferramenta política para a manutenção do regime totalitário do Partido Comunista".[16] O governo não permitiu que o Comitê Internacional da Cruz Vermelha examinasse as prisões e entrevistasse prisioneiros de sua escolha.

Um líder de uma igreja no lar que vivenciou recentemente o *laogai* é o pastor Shi Enhao. Em 4 de março de 2011, enquanto pregava em Nanyang, na província de Henan, foi preso por oficiais do Gabinete de Segurança Pública Municipal de Suqian, junto com oficiais do Gabinete de Assuntos Religiosos, foi interrogado, espancado e então liberado. Em 31 de maio, foi preso novamente com alguns colegas de trabalho por promover reuniões não autorizadas. Junto com a líder leiga Chang Meiling, Shi foi sentenciado a doze dias de detenção administrativa.

O assédio prosseguiu em 1º de junho, quando mais de dez investigadores invadiram sua casa, confiscando livros, literatura e outros documentos. Solto em 12 de junho, Shi foi imediatamente colocado sob detenção policial e, no mês seguinte, sentenciado a dois anos em campos de trabalho. Foi inesperadamente solto em janeiro de 2012.[17]

Autoridade vaticana: banida na China

Além de consideradas ilegais caso recusem a se registrar junto ao governo, as igrejas também são proibidas de se colocar sob a autoridade de qualquer organização do exterior. Isso significa que o catolicismo é oficialmente proibido, por estar em comunhão com a Igreja de Roma. Os que insistem em ancorar sua fé no magistério da igreja, no credo católico romano e na autoridade papal pagam um alto preço. O governo insiste em controlar a Igreja Católica e toda associação religiosa mediante regulamentos sufocantes e proíbe ensinamentos da igreja, como o direito de nascituros à vida.

O Vaticano continua a dialogar pacientemente com Pequim e tem trabalhado duro para manter a comunidade católica unida. Como relatou a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, “cerca de 90% dos bispos da Associação Patriótica Católica [APC] são secretamente ordenados pelo Vaticano e, em muitas províncias, clero e congregações da APC e não registrados trabalham próximos”. Em 2007, parecia haver um acordo por meio do qual a Santa Sé receberia permissão de aprovar e ordenar bispos escolhidos pela APC, de controle estatal, mas o aparente pacto foi violado por Pequim. Em julho de 2011, Joseph Huang Bingzhang foi feito bispo sem um mandato papal — numa diocese que já tinha um bispo em comunhão com o Vaticano. O papa Bento XVI considerou isso ilícito. Em novembro de 2010, a APC ordenou Guo Jincai como bispo de Chengde sem aprovação prévia do Vaticano e sem um mandato papal. O cardeal Zen, de Hong Kong, declarou: “Nossos bispos estão sendo humilhados”.[18]

Detenções, desaparecimentos e prisões continuam. O Comitê Executivo do Congresso sobre a China relata que “pelo menos quarenta bispos católicos romanos permanecem presos, detidos ou desaparecidos”.[19] Muitos não são vistos ou não se sabe nada a respeito desde suas prisões, anos atrás. Alguns passaram décadas em campos de prisioneiros.

Um deles é o bispo James Su Zhimin, quase 80 anos, que se recusou a participar da Igreja Católica Patriótica. Ele era o bispo de Baoding (Hebei), centro tradicional do catolicismo chinês, quando as autoridades o prenderam em outubro de 1997. Desde então, o governo não divulgou nenhuma informação sobre quaisquer acusações ou sobre o local de sua detenção.

O bispo Su já havia passado quinze anos na prisão antes de sua primeira liberação em 1993. Foi torturado durante toda a detenção. Num dos espancamentos, a tábua usada pela polícia de segurança foi reduzida a lascas. Implacável, a polícia arrancou uma porta de madeira e a usou para continuar o espancamento, até que ela também se desintegrou em pedaços. O bispo foi então pendurado no teto pelos punhos enquanto recebia golpes na cabeça.

Mais tarde, foi colocado numa cela com água em diferentes níveis, variando do tornozelo aos quadris, onde foi deixado por dias, incapaz de se sentar ou

dormir.[20]

Houve relatos de que, no final de 2003, um parente reconheceu o bispo Su num hospital de Baoding, cercado por oficiais do Departamento de Segurança Pública. Não houve mais notícias desde então, a despeito de repetidos pedidos por parte de sua família, da igreja e do governo dos Estados Unidos.

Outro prisioneiro de longa data é o bispo Cosma Shi Enxiang, de Yixian (Hebei), 90 anos, preso em abril de 2001. O bispo auxiliar Yao Ling também desapareceu no sistema penal chinês. Nada se sabe sobre os dois.[21]

A comunidade católica subterrânea da diocese de Suiyuan (interior da Mongólia), depois de anos de desinteresse oficial e crescimento da igreja, enfrenta agora severas sanções. Em 30 de janeiro de 2012, seis padres, incluindo o reitor de um seminário subterrâneo, o padre Joseph Ban Zhanxiong, foram presos durante uma reunião. Quatro deles foram soltos, mas precisam se apresentar diariamente à polícia e se submeter a sessões de lavagem cerebral. Foram forçados a concelebrar uma missa com o bispo apontado pelo governo, mas, ao que se sabe, se recusaram a orar, uma vez que, na Igreja Católica, apenas membros legítimos do clero podem administrar a celebração da eucaristia na missão, e um falso bispo não se qualifica para a tarefa. “Em 31 de janeiro, o administrador da diocese, o padre Gao Jiangping, foi preso junto com outro sacerdote”. Cerca de outros trinta padres se esconderam desde então.[22]

O governo tenta desesperadamente reprimir a peregrinação de 24 de maio a um santuário mariano. Enquanto no passado dezenas de milhares de católicos, tanto das igrejas oficiais como das subterrâneas, se juntavam em espírito de conciliação para orar no santuário, agora apenas centenas de pessoas da localidade conseguem fazê-lo.

A cada ano, a colina do santuário de Nossa Senhora de Sheshan, perto de Xangai, é transformada num campo de batalha. No dia da solenidade, 24 de maio, dia de Nossa Senhora Auxiliadora, centenas de policiais à paisana lotaram a montanha como um enxame, olhos e câmeras atentos para garantir que todo canto da montanha na qual a igreja se coloca estivesse sob guarda, a fim de verificar documentação de peregrinos, fazendo que passassem por detectores de metais, como se estivessem combatendo uma nova forma de terrorismo.[23]

O “terrorista” em questão não é outro senão o papa e seus seguidores que, desde 2007, pedem aos católicos do mundo inteiro que celebrem um dia de oração em favor da igreja na China, coincidindo com a peregrinação a Sheshan.

Política do filho único

Os cruéis programas populacionais da China, incluindo a política do filho único, contrapõem muitas pessoas ao Estado, especialmente os crentes devotos e, em particular, os católicos. Recém-casados precisam ser esterilizados ou tomar contraceptivos por longo tempo se um deles ou ambos forem diagnosticados como portadores de doenças hereditárias, incluindo alegados distúrbios mentais pertinentes que supostamente os tornam inadequados para a reprodução. Também forçam mulheres a fazer abortos, mesmo em estágios avançados de gravidez.

O escopo da política coerciva de controle populacional da China foi revelado em 2003 em Jeishi, na província de Guangdong. A fim de alcançar cotas provinciais, oficiais de “planejamento familiar” receberam ordens de realizar 271 abortos, colocar dispositivos intrauterinos (DIU) em 818 mulheres e esterilizar 1.369 mulheres, tudo isso em 35 dias. Um advogado e ativista cego e autodidata, Chen Guancheng, que tentou organizar um protesto contra abortos forçados, foi colocado sob prisão domiciliar em Linyi, na província de Shandong.[24] Em 24 de agosto de 2006, foi sentenciado a quatro anos e três meses por dano de propriedade e perturbação do trânsito, conforme amplamente noticiado pela BBC e outros órgãos de imprensa internacional. Depois de sua libertação, Chen foi mantido sob prisão domiciliar, mas em 22 de abril de 2012 conseguiu enganar seus captores e seguir para a embaixada americana em Pequim. Depois de negociações com o governo chinês, ele, a esposa e seus dois filhos receberam permissão para rumar para os Estados Unidos, onde se tornou aluno especial da Faculdade de Direito da Universidade de Nova York.

Padres e bispos católicos, como qualquer outra pessoa, são proibidos de se opor a essa política brutal. De acordo com a própria Academia Chinesa de Serviço Social, um órgão estatal, a política do filho único fará que os meninos chineses, favorecidos socialmente, superem as meninas chinesas em 24 milhões

ou mais no ano 2020. O ex-embaixador Mark Lagon, que dirigiu o escritório sobre tráfico humano do Departamento de Estado dos EUA, disse: “Esse fenômeno das ‘meninas desaparecidas’ transformou a China num ‘ímã gigantesco’ para traficantes humanos, que atraem ou sequestram mulheres para vendê-las — até mesmo várias vezes — para casamentos forçados ou para o comércio sexual”.[25]

Numa apresentação em 2011, Chris Smith, da Câmara dos Representantes dos EUA, promotor de diversas audiências e coletivas de imprensa sobre essa política, descreveu seus horrores:

> A mulher chinesa que engravida sem permissão será colocada sobre pressão psicológica para que aborte. Ela sabe que aos filhos ilegais “fora de planejamento” são negados educação, cuidados de saúde e casamento, e que multas por criar uma criança sem permissão de nascimento podem atingir somas que ultrapassam em dez vezes o salário médio anual dos pais. As famílias que não podem ou não querem pagar são presas, ou têm a casa destruída, ou seus filhos pequenos são mortos. Se a mulher corajosa ainda se recusar a se submeter, pode ser mantida numa cela de punição ou, se fugir, seus pais podem ser presos e, não raro, espancados. [...] Se a mulher, por algum milagre, conseguir resistir à pressão, poderá ser fisicamente arrastada à mesa de cirurgia e forçada a submeter-se a um aborto.[26]

Esses ataques cruéis são obviamente devastadores para qualquer mulher, sejam quais forem suas crenças, mas para muitas mulheres cristãs existe a dor adicional de ser forçada a violar suas crenças religiosas.

Igrejas nos lares

Em 26 de setembro de 2010, agentes locais do Gabinete de Segurança Pública invadiram a igreja liderada por Liao Zhongxiu, uma das líderes de uma igreja doméstica na província de Sichuan. Destruíram a propriedade da igreja, confiscaram livros e prenderam membros. Durante o interrogatório, dois membros da congregação foram severamente espancados, e o chefe de polícia sufocou um deles com uma corrente. Mais tarde, quando alguns membros foram à polícia para pedir a devolução da propriedade da igreja, cinco deles foram imediatamente presos, acusados de “perturbação da ordem pública sob o disfarce de religião”, e ficaram detidos por quinze dias.[27] Em 11 de março de 2011, a própria Liao foi presa e levada sob custódia por “suspeita de utilização de

organização religiosa para objeção à implementação de leis e regulamentações da lei do Estado". Enquanto escrevemos, ela continua presa.[28]

A maior parte do crescimento explosivo de cristãos na China tem acontecido nas igrejas nos lares (ou igrejas subterrâneas), geralmente evangélicas em teologia e prática. Nos últimos trinta anos, essas redes de igrejas experimentaram o maior padrão de crescimento de igrejas da história mundial. Em nenhum outro país, em nenhuma outra época, dezenas de milhões de pessoas chegaram à fé cristã nesse ritmo.

Algumas dessas reuniões nos lares consistem em uma dúzia de pessoas reunidas para estudo bíblico ou oração, mas muitas outras têm centenas, mesmo milhares de participantes que não se reúnem em casas, mas em depósitos, salões, hotéis ou qualquer outro lugar onde consigam encontrar espaço. Como descrito acima, a Igreja Shouwang se reúne ao ar livre desde que o governo pressionou o proprietário do imóvel a cancelar a locação. Algumas igrejas nos lares são congregações independentes; outras estão ligadas em redes de muitos milhões. Algumas possuem relações cordiais com igrejas registradas; outras não.

O crescimento exponencial dessas igrejas coloca o governo num dilema. Intensos debates têm ocorrido nas instâncias mais elevadas sobre a maneira de reagir. Até agora, porém, o Estado tem se voltado à posição original de tentar forçá-las a serem registradas, regulamentadas e controladas. Os que se recusam, especialmente os líderes, sofrem violência e prisão. Mark Shan, da China Aid, descreve a situação:

> As igrejas nos lares sempre sofreram perseguição, e em especial os líderes enfrentam perigo de serem enviados para a prisão, embora regiões diferentes em momentos diferentes tenham diferentes graus de perseguição. Nos últimos anos, alguns líderes de igrejas nos lares têm sido punidos severamente, como: Alimujiang, líder cristão uigur da província de Xinjiang, sentenciado a quinze anos de prisão em 2008; Fa Yafeng, líder do movimento de defesa dos direitos da igreja, em prisão domiciliar há mais de um ano; a Igreja Shouwang em Pequim, que sofre perseguição incessante desde 10 de abril de 2011, conquanto todos os líderes da igreja estejam em prisão domiciliar desde então.[29]

Em 8 de novembro de 2011, 52 aldeões estavam reunidos numa casa na vila de Xuyi, na província de Hebei, quando foram atacados por 140 oficiais de segurança, incluindo alguns do Gabinete de Assuntos Religiosos. O oficial do

gabinete declarou que a reunião era ilegal. Sem qualquer procedimento legal, confiscaram 170 mil iuanes (mais de 27 mil dólares) dos fundos da igreja e demoliram a casa. No dia de Natal, mais de uma centena de oficiais de polícia invadiram a festa da igreja, promovida no prédio do Banco da Cidade de Zhuozhou. Levaram cinco fiéis presos e, depois de doze dias de detenção, Liu Cuiying e Yang Wenyan foram enviados por tempo indeterminado para o Campo de Trabalhos Forçados de Shijiazhuang por "organização e participação em reuniões religiosas ilegais".[30]

Li Ying é pastora de uma das Igrejas do Sul da China em Hubei e sobrinha do pastor Gong Shengliang, fundador da Igreja do Sul da China, um dos movimentos de igrejas domésticas de maior crescimento naquele país. Era editora-chefe do jornal religioso *South China Special Edition* e foi presa diversas vezes, tendo passado um ano na prisão em 1996. Foi presa novamente em 2001 com outros cinco líderes e acusada de "usar um culto para impedir a aplicação da lei". Os líderes foram sentenciados à morte, mas, em 2002, uma corte superior reduziu a sentença a quinze anos de prisão. Na prisão, Ying não tinha permissão de possuir uma Bíblia e era forçada a trabalhar quinze horas por dia fazendo produtos para exportação. No Natal de 2011, foi solta com cinco anos de antecedência. Embora não tivesse permissão de ler as cartas que lhe eram enviadas, disse a Bob Fu, presidente da China Aid, que mais de onze mil cartas da comunidade internacional e de igrejas no mundo inteiro convenceram as autoridades a libertá-la. Apesar de livre da prisão, está sujeita a "correção comunitária", que significa que só pode viver em bairros indicados pelo governo e frequentar igrejas indicadas pelo governo.[31]

Até mesmo igrejas cristãs protestantes internacionais parecem incapazes de evitar as medidas repressivas do governo. Em 12 de janeiro de 2012, "uma executiva canadense de ascendência chinesa foi raptada, e agentes de segurança chineses lhe negaram água e comida por dois dias depois de ela ter visitado o líder da Igreja Shouwang e uma igreja no lar na província de Shanxi".[32]

A repressão contínua na China

A reação padrão da China às críticas é que as pessoas não são punidas por sua fé religiosa, mas por não cumprir a lei — uma resposta que deixa de reconhecer que suas leis criminalizam atos religiosos pacíficos protegidos por acordos internacionais de direitos humanos. Em janeiro de 2011, a Administração Governamental para Assuntos Religiosos, parte fundamental do aparato estatal na supervisão de atividades religiosas, traçou "medidas para manter ampla supervisão e controle governamental sobre comunidades religiosas, convocando especificamente as autoridades a 'guiar' protestantes não registrados a cultuar em igrejas sancionadas pelo Estado, e a dar continuidade a políticas que negam aos católicos na China a liberdade de aceitar a autoridade da Santa Sé para fazer a indicação de bispos".[33] Desde 1999, o Departamento de Estado dos EUA designa a China como um dos "Países de Preocupação Específica", de acordo com a Lei de Liberdade Religiosa Internacional, por sua perseguição aos religiosos. Em 2011, a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional relatou que as condições da liberdade religiosa haviam declinado em relação ao ano anterior.[34]

Em seu relatório anual de 2012, a China Aid disse que a perseguição do governo chinês "a cristãos e a igrejas piorou drasticamente em 2011. Essa tendência de piora na perseguição persistiu nos últimos seis anos, e, em 2011, o número de cristãos detidos por suas crenças religiosas aumentou quase 132% em relação a 2010. Uma nova prática governamental do ano passado consistiu em mirar igrejas e indivíduos que causavam impacto significativo sobre a sociedade, como a Igreja Shouwang de Pequim". O relatório também destacou um "aumento no uso de tortura contra os detidos", citando um aumento de 33,3% em relação a 2010.[35]

Vietnã

O padre Thadeus Nguyen Van Ly, sacerdote católico e defensor de longa data da liberdade religiosa e da democracia, vem sendo severamente perseguido por mais de quarenta anos. Ficou preso mais de dezessete anos e foi colocado sob prisão domiciliar oito vezes. Ordenado em 1974, o padre Ly começou seu

ministério ensinando num seminário na província de Hue e trabalhando no escritório do bispo daquela província. Ficou preso um total de dez anos entre 1977 e 1992 depois de sua tentativa de liderar milhares de peregrinos a La Vang, local santo para os católicos vietnamitas desde 1800, e devido a suas corajosas conclamações por liberdade religiosa.

Em maio de 2001, o padre Ly foi preso enquanto se preparava para a missa. Seu crime foi ter apresentado um testemunho por escrito à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional em 13 de fevereiro de 2001, no qual relatava: “O governo acusou falsamente membros do clero e pessoas leigas como pretexto para deter e prender aqueles que protestam contra sua política opressiva, ou que ensinam o catecismo, lideram o coro da igreja ou se matriculam em seminários. Essas pessoas são banidas para campos de concentração por anos”.

Sob pressão internacional, o padre Ly foi solto em fevereiro de 2005, mas dois anos depois estava novamente atrás das grades por mais uma vez criticar o governo vietnamita na publicação dissidente que ele editava, a *Free Speech* [Liberdade de expressão]. Em seu julgamento de março de 2007, as autoridades o proibiram de apresentar defesa. Certo momento, os policiais colocaram as mãos sobre a boca dele quando ele acusou em voz alta os oficiais vietnamitas de violações aos direitos humanos. Foi sentenciado a oito anos de prisão.

O padre Ly foi mantido em rígido confinamento solitário durante parte desse período. Da prisão, numa carta republicada em 24 de maio de 2007 pela organização Repórteres Sem Fronteiras, escreveu a amigos pedindo roupas quentes, cobertores, remédios e “artigos de necessidade (óculos, dicionário com letras grandes...)” e confirmando que as autoridades impediam que familiares e amigos o visitassem.

Em 2009, ainda preso, o padre Ly sofreu dois derrames e ficou paralisado do lado direito. Tentou enviar uma carta à família sobre a deterioração de sua saúde, mas não conseguiu fazê-lo. Em março de 2010, quatro meses depois do segundo derrame, finalmente recebeu liberdade condicional por motivo de saúde e foi transferido para o regime de prisão domiciliar. Durante esse período, apelou às Nações Unidas para que o governo vietnamita “devolvesse os bens apreendidos,

como Bíblias, vestimentas, computadores, cerca de duzentos livros e artigos sobre justiça, democracia e direitos humanos" e pediu cerca de 500 mil dólares por compensação pelas enfermidades sofridas na prisão.[36]

Em 25 de julho de 2011, com 65 anos e parcialmente paralisado, o padre foi levado de volta à prisão; sua "liberdade condicional por motivo de saúde" havia terminado.[37]

O Vietnã possui diversos grupos de fé, e nenhum deles, nem mesmo seus tradicionais grupos budistas, está livre de restrições governamentais. Como a China, o país abandonou tentativas de erradicar a religião e, em vez disso, busca registrar, monitorar e, por fim, controlar a fé. A opressão religiosa assume diversas formas. Os católicos particularmente sofrem restrições ao treinamento de seus líderes. Eles e alguns protestantes também são privados de grande número de igrejas, seminários, mosteiros, conventos e cemitérios que foram — e ainda são — confiscados pelo governo. Evangélicos e algumas minorias étnicas católicas em regiões mais remotas, como os hmong e vários outros grupos menores, enfrentam a perseguição mais intensa e violenta. Os defensores dos direitos humanos aos cristãos são presos, em geral cumprindo longas penas.

Os oito milhões de católicos do Vietnã, cuja igreja data de 1600, e sua mais recente e crescente população protestante de quase dois milhões formam juntos cerca de 10% dos noventa milhões de habitantes do país. Protestantes, na maioria evangélicos, são fortemente regulados por meio da Igreja Evangélica do Vietnã, reconhecida pelo governo e dividida entre a seção norte e a seção sul, a maior. Algumas igrejas são registradas nos âmbitos locais e nacionais.

Como na China, existe um crescente movimento de igrejas nos lares, não registradas junto ao governo e, portanto, consideradas ilegais. Reg Reimer, especialista em cristãos vietnamitas, estima que há pelo menos 2.500 grupos baseados em lares pertencentes a organizações de igrejas domésticas. Alguns afirmam ter em torno de trinta mil membros.[38] Alguns estão ligados a denominações internacionais como assembleias de Deus, nazarenos, metodistas, presbiterianos e menonitas. Alguns do Sul cooperam com a Comunidade Evangélica Vietnamita, e alguns do Norte, com a Comunidade Cristã de Hanói, formada em 2009.

Reuniões ilegais são estritamente proibidas. A Compass Direct News relata que, em 26 de julho de 2009, oficiais de segurança, sob ordens do chefe de polícia, invadiram o culto de domingo numa igreja doméstica em Hanói e anunciaram que era ilegal que se reunissem e ensinassem religião. Quando os cristãos, sob a liderança do pastor Dang Thi Dinh, se recusaram a assinar um documento admitindo que se reuniam de maneira ilegal, um policial irado gritou: "Se eu encontrar vocês se reunindo aqui no domingo que vem, matarei todos como mataria um cão!".[39]

Uma unidade da "polícia religiosa" (A41) monitora e estabelece políticas para grupos que o Estado considera extremistas. Esses grupos incluem protestantes não registrados, especialmente entre as minorias étnicas, alguns líderes da Igreja Menonita e alguns padres e ordens católicos, sobretudo os corredentoristas, ordem religiosa mariana local, conhecida por sua devoção a Maria e seu trabalho com os pobres. Com escutas, vigilância policial, agentes infiltrados e uma miríade de exigências de registro, o Estado monitora de perto as atividades e analisa sermões de todos os grupos, registrados ou não.

Restrições à liderança e à propriedade católica

Em vez de prender, deportar ou executar líderes como fez no passado, o Estado tenta hoje restringir a estrutura hierárquica da Igreja Católica. O governo havia fechado todos os seminários católicos, impedindo por mais de uma geração a formação de novos padres. Agora, apesar de permitir a abertura de alguns seminários, pode vetar a indicação de bispos e limitar o número de seminários e seminaristas. Como precaução final, pode restringir a indicação e a transferência de padres. O Vietnã ainda não tem relações normalizadas com o Vaticano, embora, em 2011, o presidente tenha se encontrado com o papa Bento XVI para continuar as negociações.

Desde a tomada do Norte por Ho Chi Minh em 1954 até 1988, o governo reprimiu o formidável sistema educacional da igreja. Orfanatos, hospitais e obras de caridade, e mesmo a nunciatura apostólica — a embaixada do Vaticano —, foram fechados e confiscados. Ainda hoje, relatórios mostram que as autoridades do governo vietnamita continuam a tomar e destruir propriedades da igreja e a

punir aqueles que se opõem ou buscam a devolução das propriedades confiscadas. Em 19 de setembro de 2008, o governo demoliu o prédio da nunciatura apostólica em Hanói com o propósito de aproveitar o terreno.

Em 2009, oito paroquianos que tomavam parte numa vigília de oração pela devolução da propriedade da paróquia Thai Ha, em Hanói, confiscada em 1954, foram levados a julgamento por perturbação da ordem pública. Em 8 de outubro de 2011, o padre da paróquia, reverendo Joseph Nguyen Van Phuong, foi intimado a comparecer perante o Comitê Distrital do Povo de Dong Da e informado de que uma estação de tratamento de dejetos hospitalares seria construída no local. Em 3 de novembro, centenas de policiais e militares munidos de cassetetes e cães e seguidos por uma equipe da televisão estatal atacaram o mosteiro de Thai Ha. Usaram megafones para lançar insultos, jogando pedras e destruindo a porta da frente. Vários padres e monges foram insultados enquanto tentavam conter a demolição. Atraídos por sinos das igrejas, milhares de católicos das paróquias vizinhas correram para defender e interromperam o ataque. Depois de um protesto adicional em 2 de dezembro de 2011, feito por centenas de paroquianos e pelo reverendo Joseph Nguyen Van Phuong, vigário de Thai Ha, a polícia os cercou e prendeu ou deteve temporariamente três clérigos e cerca de trinta paroquianos. Outros foram espancados com cassetetes por policiais uniformizados e à paisana.[40]

De maneira similar, em outubro de 2009, autoridades governamentais fecharam classes de catecismo, atacaram paroquianos que protestavam e tomaram a última propriedade restante da paróquia de Loan Ly, na arquidiocese de Hue. A terra, localizada na bela costa central, era propriedade da igreja desde 1956. Acredita-se que o governo agia em favor de incorporadores imobiliários.[41]

Em 2010, autoridades locais da província de Da Nang decidiram construir um *resort* ecoturístico e planejaram confiscar o grande e histórico cemitério católico e se apropriar de e demolir casas na paróquia de Con Dau. Quando a paróquia tentou sepultar Mary Tan, uma paroquiana de 82 anos, em 4 de maio, a polícia interrompeu o cortejo fúnebre e confiscou seus restos com o propósito de cremá-los. Os paroquianos resistiram, mais de uma centena deles foram espancados, 59 foram presos e torturados e 6 terminaram sendo acusados de “perturbação da

ordem pública” e ataque a membros do Estado, 2 sentenciados a um ano de prisão e 1 espancado até a morte.[42] Nam Nguyen, que foi chamado a testemunhar contra os outros, teria sido espancado com força quando se recusou a fazê-lo. Morreu sob circunstâncias suspeitas em 3 de julho de 2010, várias horas depois de ser levado de uma delegacia de polícia para outra, pelo que se acredita terem sido acusações falsas.[43]

O Departamento de Estado dos EUA relatou as seguintes apropriações de terra por parte do Estado:

> Em novembro de 2009, em Da Lat, o governo demoliu uma porção de um seminário católico construído em 1964 e tomado pelas autoridades em 1980. A igreja pediu repetidas vezes que o seminário fosse devolvido ao seu controle para uso como centro de treinamento para os padres locais. Em vez disso, o governo decidiu transformar a propriedade num parque cultural. Do mesmo modo, na província de Vinh Long, autoridades demoliram o mosteiro da Congregação de São Paulo de Chartres para transformar a propriedade numa praça pública.[44]

O governo também devolveu apenas um pequeno número de igrejas e outros locais confiscados dos protestantes; a Igreja Evangélica do Vietnã continua a buscar reparação por mais de 250 propriedades.[45]

Defensores dos direitos humanos cristãos

Os protestantes também são alvos de injustiças. Em maio de 2011, o pastor menonita Duong Kim Khai foi preso com outros sete membros de sua congregação por “abuso de liberdades democráticas” e “propaganda antigoverno”. Khai e seus colegas haviam organizado camponeses pobres a lutar contra o confisco de terras e falado com a mídia internacional sobre a situação. Os acusados receberam sentença de prisão — entre dois e oito anos. O pastor Khai também era um membro ativo da Viet Tan, organização política banida que promove a democracia pacificamente. Ele havia sido preso anteriormente em 2004 por usar sua propriedade como igreja sem permissão e por receber reuniões da Viet Tan.[46]

Em 30 de dezembro de 2011, o pastor Nguyen Trung Ton, chefe da Igreja do Evangelho Pleno da província de Thanh Hoa, foi sentenciado a dois anos de

prisão domiciliar por “reunir documentos e escrever artigos que manchavam a reputação do Partido Comunista e do regime socialista”.[47]

Líderes cristãos que defendem os direitos de minorias étnicas também sofrem grandemente. Em abril de 2005, na vila hmong de Ta-Phin, distrito de Lao-Kai’s Sapa, oficiais tomaram terras de doze famílias, supostamente porque eram cristãs. Autoridades exigiram que as pessoas assinassem um acordo de renúncia à fé. Depois de as autoridades baterem repetidas vezes em um deles, Giang-A Tinh, ele reclamou ao secretário da comunidade. Foi então preso, amarrado com fios e deixado sob o sol escaldante. Fotografias tiradas várias semanas depois ainda mostravam as cicatrizes em seus pulsos. Um grupo de militares também maltratou sua mãe, de 70 anos, obrigando-a a beber água contaminada. Seu irmão, Giang-A Pao, 32, foi espancado tão severamente que não conseguiu andar por um mês.[48]

Veja o relato de 2011 de um grupo internacional de direitos humanos:

> Desde 2001, mais de 350 montanheses foram sentenciados a longas penas baseadas vagamente em acusações contra a segurança nacional por seu envolvimento em protestos públicos e igrejas domésticas não registradas, consideradas subversivas pelo governo, ou por tentar fugir para o Camboja em busca de asilo. Entre essas pessoas estão [...] pastores, líderes de igrejas nos lares e ativistas de direitos ligados à terra. Entre as acusações levantadas contra eles estão objeção à solidariedade nacional (art. 87 do código penal) ou ameaça à segurança (art. 89).[49]

Minorias étnicas protestantes

Minorias étnicas cristãs em áreas remotas, longe dos holofotes internacionais, sofrem a repressão mais sangrenta. Em torno de 13% da população do país, esses grupos étnicos representam mais da metade dos protestantes no Vietnã, enquanto um número menor dos grupos étnicos vietnamitas é composto de católicos. Os hmongs e outros grupos menores de cristãos etnicamente minoritários nas províncias a noroeste, junto com os vários grupos etnicamente minoritários de cristãos nas terras altas centrais, são conhecidos como montanheses, ou povo da montanha. Eles sofrem constantes campanhas de assédio, detenção, espancamentos, vigilância e confisco de propriedades. Existem também

repetidos relatos de que são forçados a renunciar sua fé, embora essa prática tenha sido oficialmente banida em 2005.

As minorias étnicas têm dificuldades para registrar suas igrejas junto ao governo por diversas razões. Os hmongs, em particular, não conseguiram registrar mais que seis igrejas e locais de reunião, a despeito de todas as tentativas. Reg Reimer descobriu: “A maioria dos grupos restantes não registrados não satisfaz a exigência de ‘vinte anos de operação estável’ antes do registro para que possam ser considerados. Sem registro denominacional, ou registro de congregações locais, esses grupos permanecem vulneráveis ao abuso arbitrário do governo ou coisas piores”.[50]

A Casa Publicadora Religiosa do Estado não agiu de acordo com o pedido de longa data para permitir a impressão de uma edição da Bíblia na forma moderna do idioma hmong. (O governo reconhece apenas uma forma arcaica do idioma, que não pode ser entendida por um hmong comum.)[51] Aqueles que são pegos transportando material na língua hmong são espancados, multados e detidos.

O governo continua a afirmar que os montanheses mantêm em funcionamento uma igreja “Degar” (cujo significado literal é “filhos da montanha” num idioma tribal local), que pede a criação de um estado montanhês independente. As congregações ligadas à Igreja Evangélica do Sul do Vietnã e as igrejas nos lares nas províncias de Dak Lak, Gia Lai, Kon Tum, Binh Phuoc, Phu Yen e Dak Nong sofrem forte investigação governamental por causa da temida associação com grupos separatistas estrangeiros. Grupos de direitos humanos relatam que unidades da “segurança política” (PA43) se juntam à polícia local para atingir líderes de igrejas nos lares não registradas nas terras altas centrais. Em 2010, mais de 70 montanheses foram detidos ou presos e mais de 250 foram aprisionados sob acusações da segurança nacional.[52]

Um ex-oficial americano das relações exteriores no Vietnã relatou que, em 21 de agosto de 2009, a polícia de segurança comunista vietnamita foi às casas dos pastores cristãos protestantes Phan Nay, Vong Kpa e Hnoi Ksor na vila de Ploi Ksing, província de Gia Lai. A polícia os espancou severamente com varas na frente de seus familiares, depois impediu que os parentes os levassem ao hospital, embora alguns sentissem dores terríveis. A polícia os acusou de cultuar

numa igreja no lar não autorizada pela igreja dos montanheses, controlada pelo governo.[53]

A Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional relata que uma quantidade desconhecida de montanheses, incluindo líderes religiosos, ainda estão presos desde que tomaram parte em passeatas em 2001 e 2004 a favor da liberdade religiosa e dos direitos agrários. Muitos protestantes nessa área severamente controlada recusam a se juntar a denominações aprovadas pelo governo.[54]

Negação da fé

Conforme ilustrado pela experiência da família Po, relatada no início deste capítulo, oficiais locais tentam forçar os membros de grupos étnicos convertidos ao cristianismo que moram em áreas remotas a negar sua fé. O governo central nega que isso seja uma política oficial, mas prossegue com a impunidade, mesmo depois de incidentes terem sido relatados aos orgãos nacionais.

Em dezembro de 2010, na vila de Bon Croh Ponan, autoridades intimaram três montanheses protestantes, Beo Nay, Phor Ksor e Rin Ksor, a comparecerem à delegacia de polícia local. Beo Nay foi acusado de “persuadir pessoas a se unirem à Igreja Degar e comunicar-se com pessoas nos Estados Unidos para desestabilizar o governo [vietnamita]”. Sem lhe dar chance de responder, o policial o socou três vezes, bateu-lhe com uma vara de borracha no pescoço e nas costas e colocou fogo em sua barba. Sob ameaça de prisão, foi forçado a assinar uma declaração abrindo mão de seus direitos ao culto público, à celebração do Natal e à liberdade de movimento. Os outros dois foram espancados de maneira similar e, assim feridos, ficaram acamados várias semanas.[55]

Dois evangelistas cristãos das terras altas centrais da Missão Boas-Novas Vietnã, Ksor Y Du e Kpa Y Co, foram sentenciados à prisão respectivamente por seis e quatro anos por “enfraquecer a unidade nacional”. Foram presos em 27 de janeiro de 2010 e ficaram detidos por dez meses sem julgamento. Relatos dizem que Ksor foi arrastado até a delegacia atrás de uma motocicleta, chegando ali ensanguentado e ferido. Durante o período em que permaneceu preso antes do

julgamento, a polícia visitou repetidamente sua esposa para pressioná-la a negar a fé cristã. Também tentaram suborná-la com um saco de arroz por mês, uma casa nova e promessas de libertação imediata de seu marido.[56]

Laos

Em 15 de abril de 2011, o Exército do Povo do Laos, apoiado por tropas vietnamitas, estuprou e matou quatro mulheres durante uma ação contra um grupo de hmongs cristãos. Os maridos e filhos das mulheres foram espancados, amarrados e forçados a assistir. Todas as suas Bíblias foram confiscadas. Duas semanas depois, esse episódio e outros similares levaram milhares de cristãos à fronteira entre o Laos e o Vietnã, em Dien Bien Phu, no Vietnã, e Phongsail, no Laos, para se unir em oração e protesto por reformas nos direitos humanos, liberdade religiosa, reforma agrária e um fim ao desmatamento ilegal e destruição de florestas. Tropas do Laos e do Vietnã prontamente lançaram um ataque conjunto contra os manifestantes pacíficos, matando 49 deles e ferindo e/ou prendendo muitas centenas de outros, que foram vistos sendo jogados em caminhões enquanto eram espancados pelos soldados.[57]

O Laos tem cultura e características próprias, bem como um povo encantador, mas, com respeito à religião, seu governo funciona como um mini-Vietnã. A população de cerca de 6,5 milhões é majoritariamente budista, e os cristãos constituem cerca de apenas 1,5%. Os cristãos são geralmente vistos como suspeitos de criar divisões sociais e caos. Um decreto de 2002 expandiu oficialmente a liberdade religiosa, permitindo a evangelização e a distribuição de literatura religiosa, mas, na prática, muitas restrições permanecem.

Nos últimos anos, cristãos de cidades maiores viram a maioria das reformas. O governo permitiu que protestantes e católicos do Laos reabrissem, construíssem e expandissem locais religiosos. Em 2010, um bispo católico foi ordenado com a aprovação do Vaticano e, em 2008, padres puderam ser ordenados, os primeiros desde 1975.[58] Contudo, autoridades das províncias continuam a prender e cometer brutalidade contra alguns católicos, assim como aos protestantes de minorias étnicas que recusam juntar-se à Igreja Evangélica do Laos, aprovada

pelo governo, ou à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os cristãos de áreas rurais também sofrem pressão para negar sua fé.

Em 4 de janeiro de 2011, por exemplo, um homem conhecido simplesmente como pastor Wanna, outros oito líderes da igreja do Laos e duas crianças pequenas jantavam na casa do pastor na vila de Nakoon, distrito de Hinboun, província de Khammouan. Durante a refeição, cerca de vinte policiais da delegacia de Hinboun chegaram com armas engatilhadas e os prenderam. No dia seguinte, dois foram libertos da custódia, mas os outros nove, incluindo o pastor Wanna, foram levados para a prisão rural de Khammouan, a cerca de 150 quilômetros de distância. Os cristãos foram acusados de realizar uma "reunião secreta" sem aprovação.

Não foi a primeira vez que o pastor Wanna foi preso. Em 2008, ele começou a realizar cultos em sua casa. Em 2009, 25 famílias nakoon haviam se tornado cristãs e começavam a praticar publicamente sua nova fé. Em 2008 e 2009, foi repetidamente intimado a comparecer ao quartel da polícia.

A polícia ameaçou prendê-lo se ele não negasse a fé cristã e parasse de evangelizar. Ele rejeitou as duas exigências e, como resultado, foi preso em maio de 2010. Por ter levado outras pessoas a abraçar a fé cristã, foi acusado de destruir os costumes e tradições do Laos. Enquanto o pastor Wanna estava na prisão, os outros fiéis foram enviados a programas de "reeducação", na verdade lavagem cerebral por parte do governo. Em outubro de 2010, o pastor Wanna foi solto depois de ser advertido de que seria preso novamente se continuasse a propagar a fé cristã. Recusou-se a praticar sua fé secretamente, o que o levou a ser preso novamente em janeiro de 2011.[59]

Outro exemplo vem do distrito de Saybulim, província de Savannakhet. Em 22 de fevereiro de 2012, oficiais locais confiscaram uma igreja na vila de Kengweng. A igreja fora construída em 1972 por duas famílias cristãs do Laos e servia aos 178 cristãos da vila desde então. Para reabrir, os cristãos precisam submeter um pedido formal por escrito às autoridades da vila, do distrito e da província, obtendo aprovação de todos os três níveis. A Agenzia Fides relata que, desde 2012, existem cerca de trinta igrejas e edifícios eclesiásticos na

província de Savannakhet, mas todos, com exceção de sete, não possuem reconhecimento oficial e são ilegais.[60]

Cuba

A apenas 145 quilômetros da costa da Flórida, nos Estados Unidos, Cuba, anteriormente um satélite da União Soviética, continua hoje um Estado comunista de partido único. O governo restringe toda atividade organizada, incluindo a religião, que ainda vê como ameaça sempre presente a ser cuidadosamente gerenciada e fortemente controlada.

De 1959 até 1992, desde o tempo em que o revolucionário comunista Fidel Castro assumiu o poder, Cuba foi oficialmente um Estado ateu, aberta e categoricamente hostil à religião. Em 1992, a Constituição declarou Cuba um Estado secular. Durante aqueles anos, o governo lançou mão de detenções em campos de trabalhos forçados e outros tipos de perseguição para tentar erradicar a prática religiosa, e os batismos católicos caíram de 85% para uma fração de 1% da população.[61] Hoje, os católicos são 60% da população, e o diálogo da igreja com o governo, iniciado com a visita do papa João Paulo II em 1998 e reforçado pela visita do papa Bento XVI em 2012, levou a uma abertura gradual tanto para católicos como para protestantes. A Igreja Católica emerge agora como uma força social, intermediando libertação de prisioneiros e defendendo dissidentes.

Todavia, sob a supervisão do Gabinete de Assuntos Religiosos do Partido Comunista, toda atividade religiosa — cultos, obras de caridade, meios de comunicação, obras ligadas aos direitos humanos, procissões, reuniões com correligionários estrangeiros e educação religiosa — é proibida ou fortemente regulamentada. Somente depois de 2010 é que a Igreja Católica recebeu permissão para transmitir a missa de Páscoa nos meios de comunicação monopolizados pelo Estado. O Conselho Cubano de Igrejas Protestantes, autorizado pelo governo, também recebeu a permissão de transmitir uma série pelo rádio.

Os protestantes, cerca de 5% da população, são pressionados a se juntarem ao Conselho Cubano de Igrejas. A interferência estatal nos assuntos da igreja levou o reverendo Robert Rodriguez, presidente da Associação Internacional de Pastores e Ministros Evangélicos, a afastar sua organização do conselho. Pouco depois disso, em março de 2008, ele foi preso e acusado de "comportamento ofensivo". O Registro de Organizações do Estado o removeu da presidência da Associação. Por volta da mesma época, Eric, seu filho e também pastor, foi violentamente atacado; sua esposa, Gilianyz Rodriguez, também foi atacada na rua em dezembro de 2008, o que resultou num aborto. O pastor Eric foi sentenciado à liberdade condicional de um ano por "perturbação da ordem pública".[62]

Grupos religiosos, incluindo igrejas nos lares, devem se registrar junto ao Estado. Qualquer novo grupo precisa comprovar que não está duplicando as atividades de uma organização já reconhecida. Duas igrejas nos lares da mesma denominação não podem estar a menos de dois quilômetros uma da outra, e o Estado determina quantas pessoas podem frequentá-las. Qualquer congregação que queira construir um prédio deve obter a permissão do governo. Ainda que muitas igrejas nos lares funcionem, elas vivem sob ameaça.[63]

O pastor Omar Gude Perez foi um dos pelo menos trinta pastores da Reforma Apostólica presos em 2009 em razão de acusações falsas. Em 2008, foi acusado de "tráfico de pessoas", mas meses depois as acusações foram retiradas por falta de provas. Dessa vez, o pastor foi acusado de "falsificação de documentos" e "conduta e atitudes contrarrevolucionárias". Foi sentenciado a seis anos de prisão. O Tribunal Supremo de Cuba o impediu de apelar. Em 2011, foi repentinamente solto sob a condição de que não pregasse nem viajasse para fora da cidade de Camaguey. Embora o governo conceda vistos de saída a sua esposa e seus filhos, recusa-se a dar o visto ao próprio Perez, apesar de promessas anteriores.[64]

Como atesta o caso de Perez, os líderes da Reforma Apostólica e de outros grupos que se recusam a filiar-se ao Conselho Cubano de Igrejas Protestantes podem enfrentar perseguição severa. A construção de seus edifícios foi embargada, os materiais foram confiscados e muitos dos membros perderam o

emprego, foram expulsos de casa ou, mais uma vez, presos sob acusações falsas.[65]

As restrições do Estado para todas as igrejas são generalizadas. Pastores foram chamados à Segurança de Estado por causa de seus sermões e receberam advertências. Um pastor que disse "Não seja como Che, seja como Cristo" foi duramente repreendido por oficiais locais.[66] Em abril de 2011, os pastores Benito Rodriguez e Barbara Guzman ficaram detidos na delegacia de polícia por duas horas enquanto oficiais do Estado os interrogavam e ordenavam que parassem com cultos em sua casa.[67] Em outubro de 2009, dois pastores batistas foram presos e ficaram detidos por duas semanas sem acusação formal depois de prover assistência financeira a igrejas da província de Guantánamo. Em fevereiro de 2010, membros da denominação não reconhecida Creciendo en Gracia foram detidos por várias horas por tentativa de distribuir panfletos sem autorização; foram ameaçados com prisão por "perturbação da paz".[68]

Cristãos que defendem outros cristãos podem ser alvos de acusações criminais abrangentes, que incluem desrespeito à autoridade até o crime orwelliano de "periculosidade" — a afirmação de que alguém "é do tipo que provavelmente cometerá um crime no futuro".[69] Podem sofrer severa perserguição nas notoriamente brutais prisões de Cuba, e eles e os membros da família podem ser efetivamente impedidos de ir à missa, visitar um cemitério, liderar uma congregação e portar uma Bíblia na prisão. Depois de uma greve de fome protestando contra as condições da prisão, Orlando Zapata Tamayo morreu em fevereiro de 2010. Naquela primavera, multidões organizadas pelo governo impediram que sua mãe, Reina Luisa Tamayo, fosse à missa e visitasse o túmulo de seu filho, e posteriormente a molestavam todas as vezes que passava na frente da igreja e do cemitério.[70]

O dr. Oscar Elias Biscet, cristão dedicado e defensor dos direitos humanos, foi preso porque marchou em apoio à libertação dos presos políticos de Cuba. Detido por três anos, foi solto em novembro de 2002. Algumas semanas depois, foi preso novamente por sua oposição ao aborto numa ação violenta contra 75 dissidentes. Acusado de "perturbação da ordem pública e desobediência" e

sentenciado a 25 anos de prisão, passou cerca de 10 anos em confinamento solitário, impedido de receber visitas e ter acesso à Bíblia, bem como privado de tratamento médico necessário.[71] Seriamente doente, foi enfim solto em maio de 2011 como parte de um acordo negociado pela Igreja Católica. Embora outros presos tenham concordado em se mudar para a Espanha, o dr. Biscet escolheu permanecer em Cuba e continuar defendendo os direitos humanos.[72]

Nos últimos anos, o governo cubano gradualmente concedeu mais permissões para que grupos religiosos construam igrejas, permitiu a indicação de um novo bispo católico aprovado pela Santa Sé, aprovou a abertura do Seminário São Carlos e Santo Ambrósio, permitiu alguns serviços sociais religiosos e procissões, libertou muitos prisioneiros políticos e permitiu que maior desacordo político e atividade religiosa não registrada acontecessem sem a imposição de sanções criminais.[73] Contudo, agora sob o governo de Raul Castro, que sucedeu a seu irmão mais velho Fidel como presidente em 2008, Cuba não parou de tentar controlar a prática religiosa. Em março de 2012, deteve centenas de dissidentes, especialmente católicos, e os manteve na cadeia ou sob prisão domiciliar para impedir que participassem de qualquer dos eventos ocorridos durante a visita do papa Bento XVI à ilha.

Coreia do Norte

A Coreia do Norte é o país mais ativamente ateu do mundo. É uma ditadura absoluta formada nos anos posteriores à divisão da península coreana em 1948 e inicialmente conduzida, com o apoio de Moscou, por um ex-oficial do Exército soviético, Kim Il-Sung. Kim estabeleceu seu governo sobre princípios comunistas mesclados com um abrangente culto à personalidade e uma ideologia nativa chamada *Juche* (autossuficiência) ou isolamento. Depois da morte do "Grande Líder" em julho de 1994, o poder passou para seu filho, o "Querido Líder" Kim Jong-Il, que morreu em dezembro de 2011 e, depois, para seu neto, Kim Jong-Un, que governa hoje.

Sem nenhuma dúvida, a Coreia do Norte é uma das mais ferrenhas perseguidoras da religião. Praticamente todos os vestígios exteriores de religião

foram eliminados, e o que existe está debaixo de forte controle do governo. A publicação *World Survey on Religious Freedom*, do Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson, coloca a Coreia do Norte na última posição da escala de liberdade religiosa. O Departamento de Estado dos EUA também designa a Coreia do Norte como um dos "Países de Preocupação Específica", por grave perseguição religiosa, e impõe amplas sanções econômicas e diplomáticas ao país.

Mais de meio século de perseguição

Quando assumiu o poder meio século atrás, Kim Il-Sung começou uma campanha sistemática de doutrinação em sua ideologia stalinista, na qual a religião não tinha lugar. Kim considerava a religião uma superstição e um impedimento à evolução socialista. No início dos anos 1960, sua polícia secreta iniciou um intenso esforço para erradicar a crença religiosa. Todas as igrejas, templos, santuários e outros lugares religiosos foram fechados, e toda literatura religiosa e Bíblias foram destruídas. Líderes religiosos foram executados ou enviados para campos de concentração.

No lugar do budismo, do cristianismo e de outras crenças, Kim impôs uma religião alternativa, um culto à personalidade construído em torno de si mesmo e de seu filho. Desde a mais tenra infância, os norte-coreanos eram ensinados a olhar para o "Grande Líder" Kim Il-Sung e, posteriormente, para seu filho Kim Jong-Il, como seres infalíveis e divinos, os progenitores da raça coreana. O Estado promove energicamente esse culto à personalidade, junto com aulas que aviltam todas as religiões, em doutrinações semanais em salas de estudo do Estado, repletas de fotografias hagiográficas de membros da família Kim, relicários e ritos. A Constituição se refere a ele como o "presidente eterno".

Documentar abusos aos direitos humanos na Coreia do Norte é extraordinariamente difícil, exatamente porque sua ditadura totalitária não permite nenhuma liberdade. Pouco se sabe sobre a plena extensão da perseguição religiosa ou da atividade cristã subterrânea. Contudo, dois importantes estudos da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional e um relatório do Centro de Dados sobre Direitos Humanos na

Coreia do Norte, todos baseados no testemunho de refugiados recentes, ajudam a formar um quadro sinistro.[74]

> Entrevistado nº 4: "É o Instituto Kim Il-Sung de História Revolucionária ou o Instituto de História Revolucionária. Se você faltar [...] [há] consequências políticas. Em todo distrito e vila [temos] "*Chosanghwa Jeongseongsaeop*" (a polícia que verifica se os retratos da família Kim estão bem cuidados). Os norte-coreanos são avaliados pela *Chosanghwa Jeongseongsaeop*. Quem é o primeiro a cuidar dos retratos pendurados no escritório? Quem coloca um cesto de flores na frente da estátua [de Kim Il-Sung] no dia de Ano-Novo? Quem pode mostrar respeito pelo *chosanghwijang* [distintivo de Kim Il-Sung] usando-o no peito o tempo todo?".[75]
>
> Entrevistado nº 10: "Pendurar retratos de Kim Il-Sung e Kim Jong-Il na parede é uma obrigação. O propósito de pendurar os retratos é adorar Kim Il-Sung e Kim Jong-Il. Existe um ritual realizado diante das imagens. Adoramos Kim Il-Sung, o Grande Líder que nos salvou da morte e nos libertou da escravidão. Se acontece um incêndio, as pessoas mostram sua lealdade correndo pelo fogo para salvar os retratos. Qualquer um que se queimar fazendo isso recebe uma condecoração".[76]
>
> Entrevistado nº 37: "Quando uma pessoa for pega portando uma Bíblia, ela será punida severamente porque trouxe uma influência externa para a Coreia do Norte. Uma pessoa pega portando uma Bíblia está amaldiçoada. Quando a pessoa for pega [cultuando], será enviada para o *kwanliso* [campo de prisioneiros] [...] e toda a família pode desaparecer".[77]

Os cristãos foram praticamente aniquilados nos últimos cinquenta anos e continuam a sofrer horrível perseguição nas mãos do regime. A fome na Coreia do Norte nos anos 1990 matou de um a dois milhões de coreanos, e grupos de ajuda cristãos, entre outros, tiveram permissão de entrar para prover assistência. Devido a essa exposição, a quantidade de cristãos norte-coreanos está vagarosamente aumentando. Contudo, para sobreviver, os cristãos ainda precisam esconder sua fé de todos, a não ser dos membros de sua família e vizinhos de maior confiança, uma vez que há espiões do governo em todo lugar.

O *Dong-A Ilbo,* importante jornal da Coreia do Sul, relatou uma estimativa de trinta mil cristãos na Coreia do Norte, enquanto organizações não governamentais colocam os números em quantidades maiores, com várias centenas de milhares. Alguns grupos de ajuda cristãos estimam que haja pelo menos duzentos mil cristãos subterrâneos, mas o número verdadeiro pode ser quase o dobro. A Compass Direct News afirma que algo em torno de quatrocentos mil cristãos podem estar adorando secretamente.[78]

A igreja oficial

O governo formou e controla duramente três organizações religiosas: a Federação dos Budistas, a Federação Cristã Coreana e a Associação Católica Romana da Coreia. Existem centenas de templos budistas, mas a maioria se parece mais com locais históricos e culturais que com centros religiosos ativos.

Embora a capital Pyongyang tenha sido apelidada cerca de cinquenta anos atrás de "Jerusalém da Ásia", devido à forte influência do cristianismo, o relatório do Centro de Dados sobre Direitos Humanos na Coreia do Norte informa que existem hoje apenas cinco igrejas, todas controladas pelo Estado — três protestantes (a Igreja Bongsu, a Igreja Chilgol e a Igreja Jeil, estabelecidas respectivamente em 1988, 1989 e 2005), uma católica (a Catedral Jangchung, estabelecida em 1988) e uma ortodoxa russa (a Igreja Jongbaek, estabelecida em 2006). Todas se localizam na capital e parecem ser usadas apenas para impressionar observadores ocidentais. Como disse um refugiado à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional:

> Não se pode sequer pronunciar a palavra "religião". A Coreia do Norte de fato possui cristãos e católicos. Eles possuem prédios, mas são todos falsos. Esses grupos existem para mostrar falsamente ao mundo que a Coreia do Norte tem liberdade religiosa. Mas o governo não permite religião ou organizações religiosas independentes porque está preocupado com a possibilidade de que o regime de Kim Jong-Il se coloque em situação de perigo porque a religião corrói a sociedade.[79]

Outro entrevistado explicou: "Há igrejas e templos budistas em Pyongyang [...] construídos apenas [...] para que estrangeiros frequentem. Quando estrangeiros visitam Pyongyang, eles vão às igrejas e templos para orar e adorar. Nunca ouvi falar de livros religiosos antes de ter chegado à China".[80]

Não há nenhum padre católico romano vivendo no país, de modo que os sacramentos não podem ser administrados nem mesmo na igreja de exibição, a não ser que um padre estrangeiro receba permissão para visitar, o que hoje ocorre ocasionalmente. Não há laços com o Vaticano e nenhum acompanhamento do magistério da Igreja Católica Romana.[81]

Vigilância generalizada

A vigilância generalizada do Estado faz da comunidade religiosa praticamente uma impossibilidade e essencialmente transforma o país inteiro numa prisão. Como explicou uma testemunha:

> A Coreia do Norte é uma prisão sem grades. A razão pela qual o sistema da Coreia do Norte ainda existe é o forte sistema de vigilância. Quando se fornece uma informação como "esta família acredita numa religião da geração de seus avós", a Agência Nacional de Segurança prenderá todos os membros da família. É por isso que famílias inteiras têm medo uns dos outros. Supõe-se que todo mundo espione um ao outro dessa maneira. Todas as organizações, a Liga Socialista Jovem Kim Il-Sung e a Liga das Mulheres, reúnem informações.[82]

A vigilância generalizada foi confirmada ao Centro de Dados sobre Direitos Humanos na Coreia do Norte por vários refugiados. Um deles fez o seguinte relato: "Em 2001, uma mulher foi levada em custódia a um campo de prisioneiros políticos por ter conversado sobre religião com seus vizinhos, que haviam estado na China. Um dos vizinhos era espião do governo. Ela foi forçada a se divorciar do marido, detida em um campo de prisão política e ali morreu".[83]

Outro refugiado disse à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional: "Você não pode dizer uma palavra sobre religião ou três gerações da sua família serão mortas. Pessoas que viveram antes da Guerra da Coreia sabem sobre religião. Mas a religião foi erradicada. Só podemos servir a uma pessoa na Coreia do Norte [Kim Jong-Il]".[84]

Se houve algum afrouxamento nos últimos anos, foi muito pequeno. Em maio de 2010, 23 cristãos foram presos por pertencerem a uma igreja subterrânea em Kuwol-dong, na cidade de Pyongsong, região sul da província de Pyongan. Informações dão conta de que três deles foram executados e os outros enviados ao campo de prisioneiros políticos de Yoduk. Em outro caso citado pelo Departamento de Estado dos EUA, "ativistas sul-coreanos relataram em junho de 2009 que Ri Hyon Ok foi executada em praça pública por distribuir Bíblias na cidade de Ryongchon, próxima à fronteira com a China". A acusação oficial foi que ela era espiã e organizava dissidentes.[85]

Alguns agentes de segurança norte-coreanos recebem instrução sobre o cristianismo por parte do Estado com o objetivo de se infiltrar e interrogar

melhor os detidos para saber se eles são cristãos. O Centro de Dados sobre Direitos Humanos na Coreia do Norte relata que as instituições educacionais cristãs no Norte consistem em um seminário em Pyongyang onde pastores protestantes são treinados em um programa de estudos cristãos no Departamento de Estudos Religiosos da Universidade Kim Il-Sung. Segundo o Centro de Dados, o último treina "futuros oficiais que serão encarregados das políticas religiosas" para o governo comunista.

Alguns oficiais do governo promovem cultos cristãos com o objetivo de armar ciladas para cristãos ocultos, e um caso fornece evidências de que um agente do Estado se tornou cristão através de tal processo, embora tenha continuado a fazer incursões em outras igrejas nos lares e a prender suas congregações:

> Quando visitei a casa de um oficial de alta patente, havia outro oficial ali, e cultuamos juntos em sua casa com as cortinas puxadas. Pediram que eu lesse a Bíblia, de modo que li um versículo em Gênesis 12.2. Foi então que decidi estudar teologia. Eles também oraram por Kim Jong-Il. Disseram-me que há muitas igrejas subterrâneas na Coreia do Norte. Disseram que era um trabalho muito difícil prender cristãos, sendo eles próprios cristãos também, mas precisavam permanecer em suas posições porque a situação poderia piorar ainda mais se uma pessoa com más intenções estivesse naquela posição para desentocar os crentes. Assim, mantinham suas posições e, às vezes, aconselhavam as pessoas a fugir.[86]

Ajuda e perseguição na China

De acordo com a organização Voz dos Mártires, dez estudantes universitários de uma das províncias do norte da Coreia do Norte foram presos em 2008 por ler a Bíblia e assistir a um DVD sobre a Bíblia. Todd Nettleton, da organização, descreve como os estudantes conseguiram as Bíblias: "Em março de 2006, duzentas Bíblias e várias centenas de CDs foram comprados na China e secretamente colocados em sacos de farinha antes de serem contrabandeados para a Coreia do Norte. Esse enorme caso de contrabando de Bíblias foi liderado por empregados da Companhia GumRung influenciados pelo cristianismo na China e por cristãos subterrâneos. Todos os líderes foram presos e estão sendo severamente torturados".[87]

Em alguns casos, agentes de segurança norte-coreanos chegam a cruzar a fronteira rumo à China para sequestrar e matar ou então punir severamente cristãos norte-coreanos. O Centro de Dados sobre Direitos Humanos na Coreia

do Norte relata que, em 2002, depois de descobrir que desertores frequentavam igrejas na China, a Coreia do Norte enviou agentes àquele país para prender cristãos devotos. Num caso, porque era difícil prendê-los dentro da igreja, os agentes teriam prendido uma mãe e seu filho em outro local, colocado os dois em sacos de pano e os levado para o Norte. Foram colocados numa cela de detenção da Agência de Segurança do Estado onde apenas cristãos eram detidos, e sua localização é agora desconhecida.[88]

Obreiros estrangeiros subterrâneos

Ocasionalmente, obreiros religiosos estrangeiros recebem permissão de entrar no país em troca de ajuda estrangeira. Diante de enorme risco pessoal, alguns conseguiram entrar sem permissão governamental. Um deles foi o cidadão americano Eddie Jun Yong-Su, preso na Coreia do Norte em novembro de 2010, junto com duas pessoas de origem coreana e passaportes chineses. De acordo com Lim Chang-Ho, professor numa faculdade teológica na Coreia do Sul, "os outros dois foram brutalmente espancados, mas tiveram permissão para voltar para casa, uma vez que eram cidadãos chineses". Segundo eles, Jun foi espancado tão severamente que mal podia caminhar sem ajuda. Foi solto em 28 de maio de 2011, depois das visitas do ex-presidente Jimmy Carter, de Franklin Graham e do enviado especial de direitos humanos para a Coreia do Norte, Robert King.[89]

No Natal de 2009, Robert Park, 28 anos, descendente de coreanos, cruzou uma faixa pouco vigiada do rio Tumen, que separa a Coreia do Norte da China. Segundo um membro do grupo de direitos humanos Pax Koreana, com sede em Seul, Park gritou: "Sou cidadão americano. Trago o amor de Deus. Deus ama você. Que Deus o abençoe", em coreano fluente enquanto marchava para o país. Park carregava uma carta a Kim Jong-Il que o grupo postou em seu *site* na internet. "Por favor, abra suas fronteiras para que possamos trazer comida, provisões, remédios, itens de primeira necessidade e ajuda àqueles que lutam para sobreviver. Por favor, feche todos os campos de concentração e liberte todos os prisioneiros políticos hoje." Park foi preso imediatamente e, depois de 43 dias de detenção, foi solto após ler uma confissão num canal de televisão. Depois

disso, Park disse que o pedido de desculpas foi falso e que, durante sua prisão, sofreu espancamento, tortura e abuso sexual.[90]

Cristãos subterrâneos

O governo se apoia em propaganda implacável e num amplo sistema de vigilância para controlar praticamente todo ato, crença e desejo de seus cidadãos. Mas existem evidências crescentes de que, diante de grande risco, acontecem pequenas reuniões de cristãos em casas particulares que, coletivamente, podem englobar centenas de milhares de pessoas.

Mesmo assim, daqueles que escapam da Coreia do Norte, apenas uma pequena fração — 4,5% dos entrevistados pelo Database — têm ciência de qualquer atividade cristã subterrânea.[91] Em geral, quando perguntados sobre elas, os refugiados respondem: "Nunca vi com os próprios olhos, e isso é inverossímil". Outro acrescentou: "Se as igrejas subterrâneas de fato existem, então deve ser algo entre indivíduos, como marido e mulher".[92]

"'Crentes subterrâneos' seria um termo mais apropriado que 'igreja subterrânea'", disse um entrevistado à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional. "Igreja seria algo como um lugar onde pessoas podem se reunir e ouvir um sermão, mas é impossível que isso exista por muito tempo. Por outro lado, crentes subterrâneos podem existir. Há uma chance de que duas pessoas se juntem e segurem as mãos para orar. Contudo, uma reunião de três ou mais pessoas é algo perigoso."[93]

Ser pego pelas autoridades enquanto se faz uma oração ou carrega literatura religiosa são atitudes que geram consequências severas. Como refugiados disseram à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, muitos são levados para campos de prisioneiros, onde são tratados com mais severidade que outros presos:

> Entrevistado nº 19: "Meu parente trouxe uma Bíblia da China e a entregou a alguns amigos próximos. Mas o rumor se espalhou. [...] A polícia ficou sabendo. Toda a sua família foi levada para os campos de prisioneiros (*kwanliso*). [...] Não creio que serão soltos algum dia".
>
> Entrevistado nº 20: "Houve até mesmo o caso de um adolescente (16 anos). Ele tinha a mesma idade do meu filho. Fizeram o menino subir numa plataforma, na frente de um grupo de pais. Declararam que é

> um grande problema os adolescentes cruzarem o rio com muita frequência e espalharem rumores sobre Deus. Ali, a família inteira do rapaz foi presa a fim de servir de exemplo. Isso aconteceu em 2003, na escola de ensino médio para meninos de Yuseon. De acordo com os rumores, o rapaz havia decorado grandes trechos da Bíblia, sendo essa a razão de ter sido preso. Ele ficou oito meses na China e foi pego. E, por causa da religião, ele e seus familiares foram todos presos".[94]

Os desertores relatam que prisioneiros cristãos realizam os trabalhos mais pesados, recebem a última porção de comida e vivem nas piores condições na prisão. Os que são pegos orando são espancados e torturados. Quem cantar um hino também pode ser punido com a morte, como sugere este caso documentado pelo Centro de Dados sobre Direitos Humanos na Coreia do Norte:

> Em 2005, ouvi um homem na cela ao lado cantando um hino enquanto eu estava detido num escritório da segurança da vila, depois de ter sido deportado para o Norte. O homem cantou um hino quando um agente de segurança mandou que ele cantasse, dizendo que reconhecia sua crença cristã. Mas ele desapareceu naquele mesma noite. Na época, circularam rumores de que tinha sido executado em segredo.[95]

Entrevistas com refugiados confirmam que famílias inteiras de cristãos podem ser presas. "Em 2006, o governo sentenciou Son Jong-Nam à morte por espionagem; contudo, organizações não governamentais afirmaram que a sentença se baseou em seus contatos com grupos cristãos na China e um suposto contato com seu irmão na Coreia do Sul. Em julho de 2010, seu irmão informou que Son foi torturado e morreu na prisão em dezembro de 2008".[96]

Os que têm contatos no exterior são escolhidos para sofrer perseguição especialmente dura. A acadêmica norte-coreana Melanie Kirkpatrick observa que, em grande parte, a perseguição na Coreia do Norte se deve à "cumplicidade da China". De maneira desumana, a China repatria refugiados da Coreia do Norte. Isso acontece, embora "norte-coreanos suspeitos de terem se encontrado com cristãos, sul-coreanos ou americanos enquanto estavam na China sejam executados ou enviados para o *gulag*, onde as condições são tão severas e a comida tão escassa que a prisão é, na verdade, uma sentença de morte. O restante dos que retornam são enviados para outras prisões, onde as condições são um pouco melhores. Mulheres grávidas são forçadas a se submeter ao

aborto, mesmo que estejam no terceiro trimestre de gravidez, pelo crime de carregar uma ‘semente chinesa’”.[97]

O que o futuro reserva?

Desde seus primeiros dias, os Estados comunistas perseguem religiosos que se recusam a se curvar às forças políticas temporais ou aos líderes ditatoriais. China, Vietnã, Laos e Cuba ainda veem os cristãos como ameaça a seu controle político, mas a repressão suavizou um pouco desde que a necessidade econômica os forçou a se envolver com o Ocidente após o colapso soviético. Seus governos controlam cristãos por meio de igrejas oficialmente sancionadas e por regulações do Partido Comunista. Os que se recusam a se submeter são perseguidos.

Mas a repressão do Estado está se mostrando uma proposição perdida: é provável que haja agora mais cristãos que membros do Partido Comunista na China. No Vietnã, no Laos e em Cuba, a despeito da opressão contínua, os números de cristãos e de igrejas — incluindo as igrejas nos lares — estão crescendo, e os governos precisam se adaptar. No Vietnã, o Estado recentemente cooperou com o Vaticano ao apontar dois bispos. Em 2009, permitiu que um novo seminário jesuíta fosse aberto na cidade de Ho Chi Minh e expandiu a gama de atividades religiosas permitidas, de modo a incluir obras de caridade e alguma instrução religiosa para menores.[98] Existe uma esperança real de que essas liberdades cresçam.

Na Coreia do Norte, a brutalidade do Estado contra os cristãos permanece em níveis altíssimos. Contudo, conforme destacado pelos parlamentares britânicos lorde David Alton e baronesa Caroline Cox em seu relatório de 2010 citado acima, enquanto a Coreia do Norte confronta o mundo exterior em sua busca desesperada por encontrar comida, ela não é mais uma “fortaleza inexpugnável”.[99] Com cristãos e grupos ocidentais de ajuda agora envolvidos, pode haver mudança.

Enquanto isso, o país segue sendo um bastião da repressão, e os fiéis perseguidos da Coreia do Norte continuam em pé.

* * *

“Em 2003, vi três homens sendo levados ao local de execução pública num vilarejo da província de Hamgyong Norte [Coreia do Norte]. Entre eles estava um homem com quem eu havia estudado a Bíblia na China. Ele foi amarrado com trapos antes de sua execução. Quando lhe foi dito que falasse o que quisesse antes de morrer, ele disse: ‘Senhor, perdoa estas pobres pessoas’. E foi executado.”

3

Países pós-comunistas: Registro, restrição e ruína

Rússia • Uzbequistão • Turcomenistão • Azerbaijão • Tajiquistão • Bielorrússia • Cazaquistão • Quirguistão • Armênia e Geórgia

Em 2002, depois de anos se reunindo ao ar livre, a Igreja Nova Vida em Minsk, capital da Bielorrússia, conseguiu com muito esforço reunir dinheiro suficiente para comprar um estábulo abandonado na periferia da cidade. Eles o compraram por meio de um acordo contratual de que o imóvel seria reformado e transformado numa casa de adoração religiosa. Mas, apesar de terem cumprido rigorosamente as inúmeras regras e regulamentações para a reforma e o registro, as autoridades rejeitaram o requerimento da Nova Vida para usar a construção com fins religiosos.

Em 2005, membros da igreja frustrados mas determinados decidiram realizar um culto no prédio reformado. Desde então, a igreja se envolveu numa feroz batalha jurídica com o governo. A propriedade da igreja foi confiscada — legalmente, de acordo com as restritivas regulamentações religiosas da Bielorrússia. Contudo, quando as autoridades declararam publicamente que demoliriam a construção, a congregação deu início a uma greve de fome amplamente divulgada.

Quando instituições internacionais se envolveram e fizeram pressão, o governo voltou atrás e enviou o caso de volta à corte de apelação. Dois anos depois, porém, as reivindicações da Nova Vida foram novamente negadas, e outra vez a congregação recebeu ordens de evacuar o local. Eles se recusaram. Seu advogado falou em nome de todos eles: “Estamos aqui orando e cremos que

Deus nos protegerá. [...] Como advogado, creio que o Estado pode fazer qualquer coisa, incluindo o uso de força. Mas, como cristão, confio em Deus".[1]

A Bielorrússia lança todas as acusações imagináveis sobre os cristãos, incluindo infrações ambientais, violação de propriedade e acusações de construir sem permissão. A igreja sofre multas que chegam a quase 90 mil dólares, mas, com firmeza, recusa-se a pagar. Incursões e ataques legais continuam, mas a Igreja Nova Vida ainda se encontra em seu estábulo reformado toda semana. Depois de uma década de agitação, ainda se mantém firme.[2]

Estados autoritários

Quando se desmantelou, a União Soviética deixou em seu rastro quinze novos países. Enquanto alguns como Lituânia, Letônia e Estônia tornaram-se livres e funcionais, muitos outros não tiveram a mesma sorte. Eles se declaram "pós-comunistas", mas suas economias permanecem controladas e os governos continuam fazendo uso das mesmas medidas repressivas de antes, muitas vezes aplicadas exatamente pelas mesmas pessoas. Nesses países, a expressão *pós-comunista* significa "ainda somos amplamente comunistas, mas não admitimos". O autoritarismo contínuo desses governos impõe restrições à prática cristã. Na Rússia, no Uzbequistão, no Turcomenistão, no Tajiquistão e no Quirguistão, os salafistas e outros radicais islâmicos também fazem parte da mistura de forças hostis contrárias aos cristãos.

O padrão predominante é exigir registro, o que costuma ser difícil e às vezes até impossível de conseguir, e, ainda que seja conseguido, leva a um aumento na vigilância e no controle. Os que se recusam a se registrar ou cujos requerimentos são recusados sofrem ameaças, invasões, intimidações e são potencialmente forçados a desaparecer.

Nos países de maioria muçulmana, pequenos grupos cristãos sofrem intensa pressão tanto do Estado como dos radicais islâmicos. Em outros países, como na Rússia, a liberdade religiosa tem crescido, mas muitos problemas permanecem. O nível de restrição varia do Turcomenistão e Uzbequistão para a Armênia e a Geórgia. Nesses países, não testemunhamos as mortes e a violência endêmica

que ocorrem em outros lugares, mas de fato vemos um padrão generalizado e repetitivo de sufocamento e restrições contraditórias, planejadas para tiranizar aqueles que procuram adorar a Deus de acordo com sua consciência, e políticas que visam erodir todas as expressões livres de fé.

Rússia: seitas, cultos e antiextremismo

Na cidade russa de Kaluga, em fevereiro de 2010, durante o culto matutino de domingo na Igreja Luterana de São Jorge, forças policiais apareceram de repente. Onze oficiais com armas automáticas e cães policiais invadiram o prédio e bloqueram todas as saídas. Disseram à congregação horrorizada que estavam procurando "literatura extremista".[3]

A polícia fez uma inspeção geral e jogou de lado Bíblias e hinários. No dia seguinte, convocou o pastor Martyshenko à delegacia para prestar esclarecimentos. Mais tarde, o pastor notou que, após a invasão, houve um aumento na hostilidade à congregação luterana, quando foram chamados de "seita católica" que se envolvia ativamente em "proselitismo". O comandante local da polícia, que confirmou a invasão policial, disse: "Havia indícios de que terroristas se reuniam ali e distribuíam literatura terrorista".[4]

Em agosto de 2009, no bairro suburbano de Chernorechye, na cidade de Grózni, um casal de chechenos foi encontrado no porta-malas de um carro, mortos a bala. Os dois estavam envolvidos em projetos de auxílio a crianças e trabalhavam juntos num acampamento cristão. Depois de ver suas fotos no noticiário, um grupo chamado Ministérios Russos os identificou como sendo Alik Dzhabrailov e Zarema Sadulayeva, conhecidos pelos diretores do acampamento e pela equipe como Umar e Rayana. O casal era muçulmano, mas Umar recebera um Novo Testamento na Chechênia e havia começado a fazer perguntas sobre ele: Quem exatamente era Jesus? Ele realmente afirmava ser Deus?

A esposa de Umar, Rayana, apoiava ativamente organizações que ajudavam crianças com dificuldades. Ela também ajudava na cozinha do acampamento de verão, colaborando com tarefas e conversando com cristãos dali. Umar fora

preso e torturado no passado, embora nunca tenha explicado a razão. O marido e a mulher não eram politicamente ativos. Como muitas outras mortes na Chechênia, essas permanecem não esclarecidas.[5]

Desde 2001, um silêncio misterioso se abateu sobre aquilo que um dia foi uma comunidade cristã na Chechênia, parte da Federação Russa. É difícil encontrar qualquer registro de crentes. Desde a segunda metade dos anos 1990, cristãos de todos os tipos — de ortodoxos a católicos e batistas, bem como membros de grupos menores — foram expulsos da Chechênia e particularmente de Grózni, onde um banho de sangue de proporções épicas foi realizado por muçulmanos radicais, muitos deles wahabistas. No final da década de 1990, jihadistas decapitaram dois pastores batistas e sequestraram, espancaram, estupraram e assassinaram inúmeros homens, mulheres e crianças que pertenciam a comunidades cristãs. No início dos anos 2000, cristãos sobreviventes de todas as denominações haviam sido realocados fora da Chechênia, deixando para trás alguns poucos crentes idosos e outros que não tinham meios ou disposição para fugir.

Em 2012, o grupo beneficente Portas Abertas colocou a Chechênia na vigésima posição de sua lista mundial dos cinquenta países mais opressores ao cristianismo.[6]

Depois da Guerra Fria

Um quarto de século já se passou desde que as nações do Ocidente se envolveram na tenebrosa Guerra Fria contra a URSS — a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas —, um inimigo que estendia seus braços por todo o planeta. Incontáveis milhões de vidas foram perdidas nos campos de trabalho *gulag* e em assassinatos em massa. Um número imenso de pessoas viveu em constante fome, privação e desespero. Muitos cristãos ocidentais ainda se lembram da perseguição de colegas cristãos que estavam presos no totalitarismo implacável e oficialmente ateu da União Soviética. Aqueles foram dias de contrabandistas heroicos que levavam Bíblias escondidas por fronteiras fechadas, de dissidentes que precisavam de resgate urgente mediante intervenção internacional e histórias trágicas de perseguição que chegavam a igrejas e lares

por meio da impressão clandestina (a conhecida *samizdat*) de documentos, cartas, revistas e livros.

O empenho da família pentecostal Vashchenko, conhecida como “os sete siberianos”, que encontraram abrigo na embaixada dos Estados Unidos por cinco anos, angariou manchetes mundiais. Contudo, naquele tempo sombrio, todas as igrejas cristãs sofriam profundamente. Só entre 1922 e 1926, 28 bispos da Igreja Ortodoxa Russa e mais de 1.200 padres foram mortos.[7] Já em 9 de setembro de 1990, o padre ortodoxo independente Alexander Vladimirovich Men foi assassinado com um golpe de machado quando saía para celebrar a liturgia. O estudioso Kent Hill escreve: “A maioria das 54 mil igrejas ortodoxas russas existentes em 1914 foi destruída, fechada ou transformada em armazéns, fábricas ou outros empreendimentos ‘socialmente úteis’”. Legiões de outros membros de todas as tradições cristãs foram mortos, presos ou exilados, e suas igrejas foram infiltradas e controladas por autoridades soviéticas durante toda a era soviética.

De 1917 até por volta de 1988, praticamente todo o período do governo soviético, a Igreja Ortodoxa Russa existiu num estado de sítio.[8] Os anos 1930 foram uma década de tirania brutal para o povo russo, quando o Grande Expurgo de Stalin assassinou ou prendeu milhões; foi durante esse período que a igreja sofreu sua maior repressão. Nas décadas posteriores ao expurgo, à medida que os regulamentos se desenvolveram, mudaram, intensificaram ou desapareceram, a Igreja Ortodoxa lutou para se adaptar e sobreviver dentro de um Estado veementemente antirreligioso.[9]

O vasto superpoder comunista por fim desabou em dezembro de 1991 e se estilhaçou em quinze repúblicas. Um emocionante senso de liberdade atraiu a atenção de grande parte do mundo. O Muro de Berlim havia caído. E, para os mais voltados à religião, as fronteiras da ex-União Soviética, agora abertas, convidavam a uma onda de visitantes devotos, ansiosos por encontrar face a face os fiéis por quem haviam orado e a quem tinham defendido.

A ortodoxia russa fora a religião oficial do Estado desde o final do século 10 e, embora reprimida, infiltrada e congelada por setenta anos, sobreviveu ao ataque marxista e rapidamente explodiu de volta à vida. O especialista em Rússia John Bernbaum conta: “No início da década de 1990, os russos se aglomeravam nas

igrejas, e o interesse pela religião era extraordinário. Religião, o ‘fruto proibido’, era então um objeto de grande interesse para muitos russos. [...] As igrejas lotavam, com centenas de pessoas do lado de fora tentando entrar. Muitos nunca haviam estado numa igreja e agora estavam ansiosos por descobrir o que era a religião”.[10]

Enquanto isso, leis aprovadas na década de 1990 estabeleciam liberdade de consciência e abriam as portas para que novos grupos religiosos entrassem no país.

Não demorou muito, porém, para que a Igreja Ortodoxa Russa ficasse assustada com o afluxo de novas organizações religiosas. Ela começou a recuar diante daquilo que via como elementos estrangeiros destrutivos que procuravam minar o *status* histórico da Igreja Ortodoxa como a religião estatal, a personificação e a protetora da espiritualidade russa. Em 1997, menos de uma década após a queda da União Soviética, havia mais de 5.600 missionários estrangeiros na região, representando mais de 25 denominações e agências. O líder da igreja, o patriarca de Moscou, condenou esses missionários estrangeiros por considerar que eles empreendiam “uma cruzada contra a igreja russa, no exato momento em que ela se recuperava de uma doença prolongada, pondo-se em pé com músculos ainda fracos”.[11]

O venerável relacionamento entre a Igreja Ortodoxa e o governo russo lançou o fundamento para a situação atual e pós-soviética da igreja. Embora não haja uma religião oficial, a Igreja Ortodoxa Russa tem favorecimento entre as quatro fés apontadas pelo governo como “tradicionais”: ortodoxia, judaísmo, budismo e islã. Como tal, recebe consideráveis subsídios públicos e tem arranjos especiais com múltiplas agências do governo, incluindo os ministérios de Educação, Defesa e Assuntos Internos.

Controle das seitas cristãs

Em 2009, o Ministério da Justiça criou um novo corpo oficial, com o orwelliano nome de “Conselho de Especialistas para Condução de Análise Especializada de Estudos Religiosos” (também conhecido como Conselho de Especialistas em Estudos Religiosos). O conselho foi útil na expansão do foco de atividades

antiextremistas de grupos muçulmanos para todas as chamadas “seitas perigosas”. Embora os muçulmanos continuassem a enfrentar repressão severa, o conselho, de forma preocupante, declarou que havia mais de oitenta “grandes” seitas funcionando na Rússia, com “milhares” de seitas menores.[12]

O termo *seita* em si já é problemático, visto que não existe definição legal para aquilo que de fato constitui uma seita; de modo geral, significa um pequeno grupo religioso do qual governos ou elites não gostam. As autoridades incluem como seitas e cultos os protestantes carismáticos (denominados “neopentecostais”), testemunhas de Jeová, mórmons e a Nova Igreja Apostólica. Descrevem o neopentecostalismo como “um rude sistema mágico-ocultista com elementos de manipulação psicológica, [...] um ensinamento antibíblico que prega o enriquecimento pessoal de seus pastores e a disseminação de falsos ensinamentos originários de cultos pagãos”.[13]

Na cidade de Khabarovsk, perseguidores alegaram que a Igreja Pentecostal da Graça havia usado manipulação mental para “alterar o estado psicológico” dos membros. Citaram certas práticas pentecostais comuns, como imposição de mãos, orações em voz alta e falar em línguas. Os acusadores também reclamaram do uso que a igreja faz de cursos cristãos bastante conhecidos, como Curso Alfa, Três Dias e Encontro.[14] Numa decisão de 27 de abril de 2011, um tribunal regional concordou com os perseguidores locais e proibiu as atividades da Igreja Pentecostal da Graça. A igreja apelou da decisão à Suprema Corte da Rússia, que derrubou a decisão regional em 5 de julho. A derrubada da decisão não significou que a igreja venceu; significou que o caso voltou para a corte regional em Khabarovsk. Desde então, as autoridades renovaram seus esforços para banir a igreja.[15]

Ainda que nos últimos anos os poderes do conselho tenham diminuído, grupos rotulados por ele como seitas e cultos enfrentam grande temor e perturbação. Leis sufocantes e intermináveis embaraços burocráticos se colocam no caminho da abertura de novas igrejas, construção ou expansão de instalações, distribuição de literatura e testemunho aberto da fé. E, dependendo das autoridades locais, sofrimento muito pior pode sobrevir a uma congregação desafortunada. O Departamento de Estado dos EUA documenta muitas incursões pela Rússia,

cobrindo uma gama de denominações cristãs, o que expõe a natureza arbitrária de muitas acusações e denúncias contra igrejas e indivíduos cristãos.[16]

Autoridades da cidade de Blagoveshchensk acusaram repetidas vezes a Igreja Protestante Nova Geração, uma organização pentecostal, de uma variedade de supostas ofensas. O caso mais recente alega que ela se envolve no uso ilegal de "tecnologias médicas, incluindo técnicas que têm efeito psicológico e psicoterapêutico sobre a psique humana". Os perseguidores afirmam que programas e práticas usados pela igreja são de natureza clínica e exigem licença médica. Em 4 de março de 2011, o tribunal local baniu essas práticas, assim como a distribuição ou o uso de materiais de áudio e vídeo, incluindo programas de televisão como *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* e os filmes *Tratamento de câncer* e *Nova geração da Armênia*.[17] A igreja apelou da decisão da corte, e o tribunal regional prontamente a derrubou em abril de 2011. Desde então, o caso tem retornado ao tribunal local para novo exame por parte de novos juízes.[18] Também é muito provável que as acusações sejam levantadas novamente.

Em 2011, a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional relatou: "As condições da liberdade religiosa na Rússia seguem se deteriorando. [...] Oficiais russos continuam a considerar certos grupos religiosos e de outras origens como estranhos à cultura e à sociedade russa, contribuindo assim para um clima de intolerância. Altos níveis de xenofobia e intolerância, incluindo antissemitismo, resultaram em crimes de ódio violentos e às vezes letais. A despeito do crescente número de processos desses atos, o governo russo deixou de abordar tais questões de maneira consistente e eficiente".

Em 2012, a comissão relatou que "construir ou alugar um espaço para culto é difícil para testemunhas de Jeová, mórmons, pentecostais, igrejas ortodoxas não pertencentes ao patriarcado de Moscou, molokans e velhos-crentes". Por essas e outras razões, a comissão coloca a Rússia em sua lista de atenção como sérios violadores da liberdade religiosa.

Um farol de esperança para os cristãos na Rússia tem sido o Gabinete do *Ombudsman* Federal de Direitos Humanos, que possui departamentos de assuntos religiosos em seu escritório central e em 89 escritórios regionais.

Embora sua autoridade seja restrita, esses gabinetes podem investigar relatos de discriminação religiosa ou de violência. Felizmente, eles têm liderado esforços contra tentativas de rotular grupos religiosos minoritários como seitas ou cultos.

Embora a vida continue difícil para muitos grupos cristãos na Rússia, há lugares muito mais perigosos para cristãos na ex-União Soviética. A versão de 2012 da Classificação de Países por Perseguição da Missão Portas Abertas inclui nada menos que oito países da ex-União Soviética na lista dos cinquenta piores perseguidores de cristãos. Citados do pior para o melhor estão: Uzbequistão (7º), Turcomenistão (18º), Azerbaijão (25º), Tajiquistão (34º), Bielorrússia (42º), Cazaquistão (45º) e Quirguistão (48º).

Uzbequistão

O grupo de líderes religiosos se encolheu quando Saidibrahim Saynazirov, subchefe administrativo da cidade de Angren, começou a erguer a voz. Era 8 de dezembro de 2011, e ele falava de maneira descontrolada, sem meias palavras, sobre sua obrigação de obedecer às leis religiosas do Estado. Suas falas iniciais eram típicas dos mecanismos de governos famintos por poder: ele os advertiu de que, sob nenhuma circunstância, poderiam se envolver em “proselitismo” e “atividade missionária”. Lançou as palavras sem definir o que queria dizer com aquilo, embora a maioria dos cristãos pudesse imaginar: eles não deveriam falar abertamente sobre sua fé.

Saynazirov prosseguiu, proclamando que crianças e jovens não têm permissão de frequentar cultos ou reuniões. Isso era uma reviravolta. Várias sobrancelhas se levantaram.

Finalmente, exigiu que cada comunidade religiosa lhe fornecesse uma lista de seus membros.

— Isso é ilegal! — protestou com raiva um cristão. — Não temos de fazer isso!

— Talvez não — Saynazirov replicou com frieza. — Talvez não esteja na lei. Mas recomendamos que o façam de qualquer maneira.

Ele não acrescentou “para o bem de vocês”, mas todos sabiam exatamente o que ele quis dizer.[19]

Legal mas não permitido

O Uzbequistão é um país sem litoral, com a maior população da Ásia Central, bem como com o mais formidável exército. O presidente não enfrenta nenhum partido de oposição legal e claramente voltou suas armas contra a população civil do país em 2005, matando centenas de pessoas. Quanto ao domínio da lei, muitos relatórios descrevem a tortura no Uzbequistão como “sistemática”.

Diante de tudo isso e do fato de o Uzbequistão ser um país amplamente muçulmano, com medo bem justificado do extremismo nativo, não é surpresa que seja um notório abusador da liberdade religiosa. Além da presença na lista de Classificação de Países por Perseguição da Missão Portas Abertas de 2012, também é um dos oito “Países de Preocupação Específica” do Departamento de Estado dos EUA, junto com violadores notórios como Irã, Arábia Saudita e China.

Islam Karimov, presidente do Uzbequistão, está no poder desde antes da queda da União Soviética e age de modo bem semelhante ao homem forte soviético que era antes de o país desmoronar ao seu redor. Embora o Uzbequistão seja um país de maioria muçulmana, o governo prendeu milhares de muçulmanos, por vezes detendo-os mais de vinte anos sob condições horríveis e sem processos legais adequados. Esse também é o caso de bahaístas, testemunhas de Jeová e membros de outros grupos religiosos menores. Os protestantes, por sua vez, menos de 1% da população, são rotineiramente molestados, sofrem abusos e são perseguidos. Sofrem essas crueldades apesar de apresentar comportamento totalmente não ameaçador em quase todos os casos.

Em março de 2011, o Distrito Policial de Ohangaron, na região de Tashkent, invadiu um culto de domingo para residentes idosos na casa de Sakhovat (“bondade”), em Ohangaron. Seis batistas lideravam o culto.

“A polícia invadiu inesperadamente o saguão da casa de repouso durante o culto e o interrompeu, dizendo que as pessoas estavam realizando uma operação antiterrorismo”, disseram alguns batistas locais ao Forum 18, cujo relatório sobre

liberdade religiosa é a principal fonte de notícias acerca da ex-União Soviética. “A invasão foi liderada por Bakhtiyar Salibayev, chefe de administração do distrito de Ohangaron, e pelo major Sofar Fayziyev, vice-chefe de polícia, acompanhados por investigadores criminais do Distrito Policial.”

Durante as quatro horas seguintes na casa de idosos, os oficiais de polícia insultaram várias vezes os homens e mulheres batistas e os ameaçaram com punições. Os oficiais filmaram todos os presentes com câmeras e telefones celulares. Fizeram uma busca no carro dos batistas, onde apreenderam fitas e CDs com músicas cristãs, hinários, uma Bíblia e outros pertences pessoais. Depois de uma prolongada “investigação”, os seis batistas foram levados à delegacia de polícia. Pessoas simples, os residentes idosos insistiram em ir com eles, tristes pelo fato de aqueles amigos generosos terem sofrido um dia inteiro de abusos simplesmente por tentar lhes oferecer um culto cristão numa manhã de domingo.

Quando entrevistada posteriormente, a polícia se recusou a responder a perguntas sobre a ilegalidade da invasão ou a razão de um culto cristão numa casa de repouso ser alvo de uma “operação antiterrorista”.[20]

A Constituição do Uzbequistão tecnicamente concede liberdade religiosa, mas leis recentes exigem que todos os grupos religiosos sejam registrados, ao mesmo tempo que torna o registro difícil, senão impossível, para a maioria dos grupos. Enquanto isso, muitas congregações cristãs se recusam a se registrar por preocupações com segurança ou simplesmente por princípios.

O proselitismo ou, em termos cristãos, a propagação do evangelho, é proibido, assim como o ensino de assuntos religiosos em escolas públicas, ou mesmo a instrução particular em princípios religiosos. A literatura religiosa não pode ser impressa ou distribuída sem licença, algo praticamente impossível de se obter. Os que violam as numerosas proibições e restrições da lei religiosa estão sujeitos a penas criminais, incluindo até vinte anos de prisão.

Turcomenistão

Em 2011, um grupo de oficiais do governo invadiu um culto em Turkmenabad e prendeu dezessete assustados protestantes por praticarem sua fé sem licença. A despeito de sua evidente pobreza, receberam multas equivalentes a 140 dólares por seu "crime" — uma pequena fortuna para eles. Disseram que o dinheiro cobriria "a ofensa administrativa de participar de atividade religiosa não registrada". O juiz da cidade chegou a dizer que um imã local os havia delatado, admitindo que a fé cristã era "contrária ao Estado".[21]

Em 20 dezembro de 2010, na cidade de Dashoguz, o mufti Rovshen Allaberdiev, o imã da região, liderou uma invasão da polícia à Igreja Batista Caminho da Fé, enquanto 22 cristãos se reuniam ali para oração dominical. Assustados, os membros da congregação assistiram indefesos enquanto oficiais tiravam fotos de todos os presentes. Também confiscaram mais de uma centena de Bíblias e outros livros cristãos. Todos os cristãos foram levados à delegacia de polícia da região, onde enfrentaram horas de interrogatório. Alguns tiveram medo de não assinar um acordo declarando que não participariam mais de reuniões cristãs.[22]

Como o Uzbequistão, o Turcomenistão é uma república independente desde 1991. Seu líder anterior, chamado de "presidente eterno", Saparmurat Niyazov, estabeleceu um culto à personalidade quase religioso ao chegar ao poder em 1991, e, embora tenha morrido em 2006, seus escritos ainda estão preservados num livro chamado *Ruhnama* — uma coleção de seus "pensamentos espirituais" — cuja leitura ainda é exigida em escolas públicas. Em 2003, Niyazov estabeleceu uma lei religiosa que reprime as comunidades religiosas.

Registro impossível

O atual presidente, Gurbanguly Berdimuhamedov, que chegou ao poder em 2007, fez pequenos gestos na direção de uma reforma, mas a draconiana lei religiosa permanece. As únicas duas religiões reconhecidas pelo governo são o islamismo sunita e a Igreja Ortodoxa Russa. As duas exercem influência sobre os grupos religiosos menores e praticamente impossibilitam o processo de registro, forçando os crentes minoritários a praticarem sua fé de forma ilegal.

A Igreja Apostólica Armênia, uma variedade de grupos protestantes e as testemunhas de Jeová fazem constantes pedidos de registro, quase sempre rejeitados. A Igreja Pentecostal Paz ao Mundo, na cidade de Mary, procura se registrar desde 2007. Não apenas foi rejeitada, como seu pastor, Ilmurad Nurliev, está preso desde 2010 sob acusações falsas — meio comum de reprimir líderes religiosos no Turcomenistão.[23]

Depois de a polícia da capital Ashgabad ter encontrado Bíblias com três convidados na casa de um protestante local, os quatro foram levados ao Conselho para Assuntos Religiosos do governo para interrogatório e, depois, foram ao tribunal. Embora o juiz se recusasse a questioná-los sem a documentação adequada, foram levados de volta e multados pelo mesmo juiz uma semana depois por "violação da lei sobre organizações religiosas".[24]

A família do pastor pentecostal Ilmurad Nurliev expressa o temor real de que "ele e o testemunha de Jeová Ahmet Hudaybergenov, também condenado, sejam levados para o campo de trabalho de Seydi, onde há provas de tortura contra prisioneiros cristãos batistas e testemunhas de Jeová por meio de drogas psicotrópicas". O julgamento de Nurliev foi realizado a portas fechadas, e um representante da embaixada americana não teve permissão para acompanhar. Depois de sua prisão, não lhe foi permitido apelar.[25]

O relatório de 2011 da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional confirma os piores temores dos entes queridos do pastor importunado. Ilmurad Nurliev "teve negado o direito à apelação e é mantido no famigerado campo de prisioneiros de Seydi, onde teria sido colocado numa cela com um interno que tem tuberculose, sendo-lhe negados seus remédios contra a diabetes e uma Bíblia. [...] Seus pedidos para ser transferido para Mary, de modo a estar mais próximo de sua família, são rejeitados, e sua esposa teve negada uma visita previamente agendada em fevereiro de 2011".[26]

Azerbaijão

O pastor Zaur Balaev dirige uma congregação batista que se reúne em sua casa. Em 13 de abril de 2010, a polícia bateu à porta. Disseram-lhe que, como sua

igreja não era registrada, não poderia mais promover reuniões de culto religioso. Foi advertido de que, se a igreja continuasse a se reunir, sofreria “aborrecimentos com a lei”.[27]

Em 22 de dezembro de 2011, um culto de adoração batista foi interrompido na cidade de Neftechala. A igreja foi declarada “fechada”, e o pastor e os membros foram todos enviados à delegacia de polícia para interrogatório. Quando pediram ao oficial encarregado que explicasse as ações do governo, ele respondeu: “Sem registro, vocês não podem orar. Fechamos qualquer lugar de culto que não esteja registrado, incluindo mesquitas”.[28]

Nenhuma reunião sem permissão

Aproximadamente 96% dos nove milhões de habitantes do Azerbaijão são nominalmente muçulmanos; os outros 4% incluem católicos romanos, protestantes, testemunhas de Jeová, ortodoxos armênios, judeus e sem religião. Embora a Constituição garanta liberdade religiosa, como outras ex-repúblicas soviéticas, o Azerbaijão mantém praticamente todos os aspectos da prática religiosa sob sua vigilância.

As leis do país estão se tornando mais opressivas. Em dezembro de 2011, a assembleia legislativa (conhecida como *Milli Mejlis*) aprovou uma lei que aumentou o âmbito das práticas religiosas consideradas crime, como a distribuição de material religioso não autorizado, e adicionou ainda mais crimes civis a seu código administrativo.

Segundo a lei do Azerbaijão, todas as organizações religiosas devem se registrar junto ao Comitê Estatal sobre Trabalho com Estruturas Religiosas, que também regula a importação e a distribuição de literatura religiosa. Sem registro, um grupo não pode trazer convidados estrangeiros, manter conta corrente ou alugar propriedade. Grupos que operam sem registro estão sujeitos a assédio significativo.[29]

As testemunhas de Jeová são particularmente propensas a sofrer perseguição por sua recusa a servir nas forças armadas e seus métodos de proselitismo. Visto que o país começou a deportar testemunhas de Jeová que não sejam cidadãos do Azerbaijão, cristãos estrangeiros esperam receber tratamento similar.

Em setembro de 2009, um batista estrangeiro chamado Javid Shingarov abriu seu lar a amigos e vizinhos para eventos religiosos. No dia seguinte, foi multado pela polícia local. De acordo com Shingarov, os policiais “viraram tudo de cabeça para baixo em minha casa e me acusaram de possuir livros ilegais”. Depois de terem confiscado muitos de seus livros, incluindo Bíblias, os oficiais o detiveram. Na prisão, a polícia intimou um jornalista a escrever uma reportagem hostil sobre ele. Shingarov está quase certo de que será deportado, tomando como base a experiência de um homem chamado Elguja Khutsishvilli.[30]

Elguja Khutsishvilli é testemunha de Jeová. Em 15 de julho de 2009, a polícia invadiu sua casa. Ordenaram que ele entregasse “as armas” e, quando respondeu que não tinha nenhuma, confiscaram toda literatura religiosa que encontraram. Então ordenaram que se apresentasse à delegacia de polícia no dia seguinte. Ele o fez, e o policial o forçou a assinar documentos que ele não conseguia entender. Sem uma audiência, um juiz local determinou que Khutsishvilli deveria ser expulso do Azerbaijão. Em 23 de julho, foi colocado num avião e deportado. Em 2007, quatro testemunhas de Jeová foram deportadas do país por “violação do decreto sobre agitação religiosa”. Foram expulsos mediante ordens administrativas de deportação, que não exigem nenhum procedimento jurídico.[31]

Tajiquistão

Parviz Davlatbekov, 24 anos, vestiu uma fantasia do “Vovô Gelo” (*Ded Moroz* em russo) como preparação para uma visita de amigos e familiares celebrando o tradicional — e secular — Ano-Novo, feriado muito querido no Tajiquistão. Nesse dia, um personagem parecido com o Papai Noel ocidental entrega pacotes embrulhados em papel colorido nas reuniões e festas familiares.

Davlatbekov jamais chegou à festa da família. Foi atacado por agressores que gritavam “Infiel!” enquanto o espancavam brutalmente e, por fim, o mataram a facadas. A RT News informou que os agressores eram “muçulmanos radicais que atacaram Davlatbekov por usar uma fantasia do Vovô Gelo. Alguns relatos afirmaram que trinta pessoas participaram da matança”. A polícia, porém, negou que o motivo tenha sido religioso.[32]

Localizado numa belíssima região repleta de lagos e montanhas, o Tajiquistão, país de fala predominantemente persa, compartilha longas fronteiras com o Afeganistão e a China. Menor país da Ásia Central, situa-se numa vizinhança agressiva, o que, com razão, suscita preocupações de segurança em relação àqueles que costumam ser identificados como "elementos extremistas". Contudo, como resposta, o governo tajique esmaga violentamente não apenas grupos extremistas muçulmanos, mas outros muçulmanos, e praticamente todas as outras fés minoritárias.

A maioria dos aproximadamente 150 mil cristãos do país é composta de ortodoxos russos, com uma pequena presença de outros, especialmente batistas, adventistas do sétimo dia, luteranos, católicos romanos e cristãos coreanos. Existem pequenos grupos de bahaístas e judeus. As testemunhas de Jeová estão banidas desde 2007.

Supressão e punição

De acordo com relatório de 2012 da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, a situação da liberdade religiosa vem piorando, e "o Estado suprime e pune toda atividade religiosa fora de seu controle".[33] Ainda que a repressão seja direcionada à maioria muçulmana, também se volta contra comunidades minoritárias vistas como influência estrangeira, particularmente os protestantes e as testemunhas de Jeová.

Em abril de 2009, a Igreja Protestante da Graça Sunmim, em Dushanbe, recebeu uma notificação de despejo exigindo que a congregação deixasse sua propriedade em apenas dez dias. "Afirmando que não queriam 'perturbar' a igreja durante a Páscoa, as autoridades estenderam o prazo-limite para o final de abril. Os membros da igreja se opõem fortemente à afirmação das autoridades de que eles não são donos de sua igreja e ficaram escandalizados com o 'valor ridículo oferecido' como compensação".[34]

Além de fechar mais de setenta mesquitas, cinquenta delas no início de 2011, o governo demoliu uma sinagoga e uma igreja. Muito mais dano, porém, é causado pelas leis draconianas do regime que pelas máquinas que demolem as construções. A Radio Free Europe relatou que os cristãos ortodoxos russos no

Sul ficaram chocados com uma nova lei proposta sobre a “responsabilidade parental”, segundo a qual qualquer pessoa com menos de 18 anos não tem permissão de participar de cultos em igrejas.

Nikolay Golub, pastor da Igreja Ortodoxa Russa em Qurghonteppa, falou sobre o impedimento imposto aos menores de 18 anos: “Nem mesmo as autoridades da União Soviética, um Estado oficialmente ateu, impuseram restrições tão rígidas”. Golub acrescentou que, se a lei sobre responsabilidade parental for aprovada, muitos cristãos deixarão o Tajiquistão e voltarão para a Rússia. “Svetlana Bugakova, outro membro da congregação ortodoxa russa de Qurghonteppa, disse que, se a lei for aprovada, sairá do Tajiquistão com seus filhos, pois quer que eles cresçam como bons cristãos”.[35]

Bielorrússia

Em 13 de fevereiro de 2011, uma congregação batista em Gomel, cidade ferroviária do sudeste, começou seu culto com canto e oração, mas se viu em silêncio quando vinte policiais repentinamente apareceram durante uma invasão assustadora. Um oficial em roupas civis afirmou que a incursão era rotineira: vieram “para ver o que estava acontecendo”.

Os oficiais filmaram o restante do culto e vasculharam o prédio. Continuaram sua investigação em casas vizinhas onde viviam duas famílias. Enquanto revistavam armários e guarda-roupas, confiscaram CDs, fitas de áudio contendo sermões e testemunhos pessoais e literatura religiosa. A igreja pertence ao Conselho Batista de Igrejas, que por uma questão de princípios não registra suas igrejas.

O líder da congregação, Nikolai Varushin, aguarda julgamento por “realização de serviço religioso não autorizado”. Ele acredita que não fez nada de errado. Suas “reuniões batistas”, explicou ao entrevistador, “são sempre pacíficas e não podem ser classificadas como eventos de massa”. Também protestou porque a literatura religiosa confiscada e outros materiais não foram devolvidos.[36]

Não são apenas os batistas a terem sua propriedade tomada. Os velhos-crentes são um grupo de dissidentes ortodoxos que se recusaram a aceitar as reformas

litúrgicas impostas à Igreja Ortodoxa Russa no século 17. Eles continuaram com as liturgias mais antigas, e é comum serem perseguidos. Embora a Igreja Ortodoxa Russa tenha aceitado a validade de seus ritos em 1971, ainda enfrentam perseguição, especialmente num dos mais repressivos remanescentes da União Soviética, a Bielorrússia.

Uma grande quantidade de belos e muitas vezes históricos ícones foram roubados das igrejas dos velhos-crentes da Bielorrússia. Para um não ortodoxo, é difícil entender quão importantes esses ícones podem ser: eles são fundamentais para a adoração ortodoxa.[37] Embora os líderes tenham feito repetidos esforços para recuperar aquilo que lhes pertence, ícones roubados raramente são devolvidos, mesmo que recuperados. De acordo com o Forum 18, na maioria das vezes são confiscados pelo Comitê de Costumes do Estado e entregues a museus ou igrejas afiliadas ao Patriarcado de Moscou. Isso é feito pela "Comissão de Especialistas em Distribuição de Preciosidades Históricas e Culturais", que age sob os auspícios do Departamento de Cultura de Minsk.[38]

A última ditadura da Europa

O Estado da Bielorrússia costuma ser citado como a última ditadura da Europa, e é um regresso à era soviética. O regime autoritário do presidente Aleksandr Lukashenko mostra forte apego ao poder desde sua eleição em 1994. Ele usa táticas soviéticas radicais para manter sua mão forte sobre o país.

Uma lei de 2002 garante a liberdade de religião, mas, na prática, tal liberdade não existe. O governo criou um ambiente onde membros de religiões minoritárias podem ser molestados e perseguidos sem qualquer proteção.

Diferente da vizinha Rússia, as restrições na Bielorrússia não são promulgadas com base na afirmação de que são necessárias para impedir o extremismo (ainda que, em 2009, o Ministério do Interior tenha estabelecido uma unidade de "ataque ao extremismo e prevenção contra o terrorismo"[39]). Em vez disso, o governo sustenta que quer proteger a pureza da Bielorrússia "tradicional" conforme entendida por Lukashenko e seus camaradas. Eles bloqueiam quaisquer organizações que o regime paranoico entenda ser uma ameaça em potencial ao seu poder.

Apenas 59% da população afirma ter religião, e 83% dos crentes declaram pertencer à Igreja Ortodoxa Bielorrussa, que está sob o controle do Patriarcado de Moscou da Igreja Ortodoxa Russa. Os católicos romanos compreendem 12% da população religiosa, 3% são de religiões orientais e 2% pertencem aos protestantes ou outros grupos cristãos, incluindo os velhos-crentes. Os membros da comunidade judaica somam de 30 a 50 mil pessoas.[40]

A Lei de Religião de 2002 é uma das mais opressivas da Europa, com registro forçado exigido para toda atividade religiosa. Como em outros lugares, o registro é complexo e difícil de se obter. De forma rotineira e arbitrária, os oficiais negam a "organizações desfavorecidas" os direitos de culto.[41] A atividade religiosa só é permitida dentro de locais oficiais de adoração designados pelo registro. Isso significa que o evangelismo pessoal (ou mesmo conversas), reuniões religiosas públicas e estudos bíblicos em casas particulares são ilegais. A ampla burocracia que monitora a religião é comandada, como na Rússia, por autoridades que ostentam pomposos títulos burocráticos, como "Gabinete do Plenipotenciário para Assuntos Religiosos e Étnicos", e "Chefe da Administração Presidencial de Ideologia".

"Oficiais de ideologia" observam cultos religiosos, questionam os locais sobre atividades de grupos religiosos e trabalham em conjunto com a polícia para agir com rigor sobre grupos em suposta violação da lei. Concentram-se particularmente naqueles que aparentam ter uma motivação política ou estrangeira; tais pessoas estão quase sempre envolvidas em grupos religiosos não tradicionais.

Em julho de 2010, um pastor pentecostal foi multado três vezes no mesmo dia por "compartilhar sua fé", o que incluiu cantar e entregar folhetos fora da área oficial de registro — em seu caso, ao ar livre, numa vila da área.[42]

Em 13 de fevereiro de 2011, a polícia invadiu a Igreja Batista da Bielorrússia e advertiu três membros de que, se continuassem a cultuar sem registro do Estado, enfrentariam processo criminal. Isso poderia significar uma pena de dois anos de prisão numa das famigeradas instituições penais da Bielorrússia — punição cruel e incomum por cultuar, orar e estudar a Bíblia num ambiente "não autorizado". Tal sentença não parece cruel ou incomum para pessoas como Svetlana

Starovoitova, que se juntou a outros oficiais da KGB na interrupção do culto congregacional. Ela dá de ombros, reiterando que o culto dos batistas era ilegal.[43]

Eliminação da influência estrangeira

Para piorar as coisas, em janeiro de 2008 foi promulgado um decreto que dava ao Gabinete do Plenipotenciário para Assuntos Religiosos e Étnicos total liberdade de admitir obreiros religiosos estrangeiros — bem como o direito legal de rejeitar visita ou deportar, sem nenhuma razão, obreiros que já estejam na Bielorrússia. Pouco depois de essas medidas terem sido aprovadas, uma coalizão de organizações da sociedade civil reuniu cinquenta mil assinaturas — o mínimo exigido para submissão à Corte Constitucional — numa petição ao governo para que mudasse a altamente restritiva lei de religião de 2002. As autoridades prenderam os ativistas que reuniram as assinaturas e confiscaram seus materiais. A petição foi rejeitada, o que não foi nenhuma surpresa.[44]

Restrições a trabalhadores estrangeiros atrapalham particularmente a Igreja Católica Romana, uma vez que os católicos carecem de padres locais devido a regulamentos do Estado em relação a seminários locais. Também tem sido negada a propriedade da igreja confiscada pelo antigo governo soviético, e a igreja procura obter a devolução de um antigo mosteiro bernardino em Minsk desde 2005. Em agosto de 2010, um mês depois de os oficiais do governo terem prometido que a propriedade seria devolvida, um incorporador imobiliário anunciou que o local seria transformado num hotel como preparação para o Campeonato Mundial de Hóquei de 2014, em Minsk.[45]

Há um documentário bielorrusso que expõe a perseguição a igrejas na era soviética chamado *Cristo proibido*. O Gabinete do Plenipotenciário para Assuntos Religiosos e Étnicos recentemente o baniu de um festival de cinema católico. O filme foi confiscado do diretor Aleksei Shein e enviado à KGB para "análise especializada". Quando questionado por que achava que o filme fora banido e confiscado, o diretor apresentou uma explicação mais que razoável. "Talvez", disse ele, "as autoridades temam que alguns crentes vejam o paralelo com o que está acontecendo em nosso país hoje".[46]

Cazaquistão

Em 24 de janeiro de 2010, a polícia cazaque filmou um culto religioso na Igreja da Graça, em Ayagoz. Interrogaram os adoradores depois de examinar seus documentos pessoais. Não foi a primeira vez que autoridades agiram contra a Igreja da Graça. Em agosto de 2009, a polícia secreta invadiu a sede da igreja em Karaganda, bem como outra Igreja da Graça em Ust Kamenogorsk. Também invadiram casas particulares pertencentes à igreja em janeiro de 2008, assim como a Igreja Presbiteriana da Graça em Almaty. O Departamento de Estado dos EUA relatou que um oficial do departamento regional de Zhambyl disse que a igreja representava uma ameaça à segurança nacional porque promovia ideologia pró-americana e buscava desacreditar as autoridades locais e federais.[47]

No Cazaquistão, como em muitas outras ex-repúblicas soviéticas, o islã e a Igreja Ortodoxa Russa, ambos patrocinados pelo Estado, possuem posições privilegiadas, enquanto outros grupos enfrentam restrição e repressão. O Cazaquistão impõe duro tratamento a religiões minoritárias, incluindo comunidades cristãs menores e grupos muçulmanos como os ahmadis.

As leis religiosas do país, já duras, ficaram ainda piores no final de 2011, quando duas novas leis foram aprovadas, exigindo novo registro de todas as comunidades religiosas — uma tarefa formidável e às vezes impossível para comunidades pequenas que não conseguem atender aos critérios exigidos no processo de registro. Felix Corley, editor do Forum 18, explicou: “Temos duas fés. Temos a fé muçulmana, majoritária, temos a fé ortodoxa russa, minoritária, e qualquer pessoa que esteja fora das duas é, de alguma forma, um perigo, uma ameaça, um traidor de suas origens étnicas ou da fé ancestral, ou qualquer outra coisa”.[48]

Quirguistão

Batistas da região de Issyk-Kul, no Quirguistão, que viviam na vila de Ak-Terek, foram atacados várias vezes na primavera de 2011 por uma multidão irada. Seus agressores exigiam que eles renunciassem à fé cristã ou se mudassem. Há apenas

dez crentes na pequena igreja, todos de nacionalidade quirguiz e nascidos em Kak-Terek. Em maio de 2011, a polícia se reuniu com os anciãos da vila e os batistas e disse aos locais que eles deveriam parar de perturbar os batistas e que os batistas deveriam se registrar. Não houve mais perturbações. Mas os batistas dizem que, se a igreja tivesse sido registrada — uma impossibilidade devido à exigência de duzentos membros fundadores —, "aquelas multidões não teriam sido tão ousadas em perturbar a igreja".[49]

Depois de ser ameaçada por muçulmanos locais numa disputa por lugares de sepultamento, uma família cristã em luto do Quirguistão teve de exumar os restos mortais de um parente querido. Apenas 48 horas após o sepultamento do falecido, um grupo de muçulmanos irados confrontou a família. Ameaçaram que trariam uma escavadeira, abririam a sepultura e jogariam o corpo fora se a família não o levasse para um cemitério cristão.

Amigos cristãos solidários organizaram uma reunião com o prefeito para tentar encontrar uma solução. Embora a família tivesse apelado ao imã local para permitir que o velho homem descansasse em paz, o líder muçulmano se recusou a considerar seu apelo. O corpo estava num lugar considerado islâmico, explicou ele. O corpo teria de ser exumado, transportado para outro lugar e sepultado novamente. O prefeito e outras autoridades se submeteram às exigências do imã.[50]

O Quirguistão, ao sul do Cazaquistão, é o sonho dos fotógrafos e um destino turístico de impressionante beleza natural e coloridos encantos culturais. Não é, porém, um porto seguro para cristãos pertencentes a pequenas igrejas e comunidades. É um país de maioria muçulmana, com 20% da população sendo russa ortodoxa. Também há comunidades de católicos romanos, judeus, testemunhas de Jeová, bahaístas e uma variedade de protestantes, a maioria deles da Igreja de Jesus Cristo.

Em 2005, quando o presidente Bakiyev assumiu o poder, tanto as comunidades registradas como as não registradas podiam funcionar livremente, não obstante um decreto presidencial de 1996 exigindo que as comunidades religiosas se registrassem. Problemas ocasionais, como a pressão para que meninas usassem o *hijab* (véu muçulmano) na escola, eram atribuídos a atitudes de oficiais locais.

As exceções eram o banimento oficial da Falun Gong, que ocorreu debaixo de pressão chinesa em fevereiro de 2005, e pressão social, incluindo ataques violentos, contra não muçulmanos que manifestam sua fé no Sul.

Contudo, em janeiro de 2009, uma nova e altamente restritiva Lei de Religião entrou em vigor, acabando com a garantia constitucional de liberdade de "pensamento, expressão e imprensa, bem como de expressão livre desses pensamentos e crenças".

"Abai" é o fundador e diretor de uma escola cristã numa pequena comunidade quirguiz, programa comunitário da Igreja de Jesus Cristo que ele frequenta. Ele abriu a escola na esperança de que ela viesse a fornecer uma educação "secular" de qualidade para crianças de famílias cristãs, além de instrução cristã. Ele se viu diante de um pesadelo burocrático.

"Cumprimos todas as condições necessárias, construímos um novo prédio, instalamos todos os equipamentos e a mobília exigidos, mas por três anos o governo não nos deu permissão para exercer atividade educacional porque, pela lei, igrejas cristãs não podem servir de base para uma escola." Ele destacou que diversas escolas muçulmanas são estabelecidas por mesquitas e financiadas do exterior por países como Turquia e Irã. "Naquelas escolas as crianças ficam longe de seus pais durante cinco dias por semana e estudam o islã."

Assim que Abai concordou em fornecer apenas cursos seculares, a escola obteve permissão. Mas ele agora adicionou classes bíblicas, embora seja arriscado e contrário às regras do Estado. "Mesmo assim", diz ele, "famílias muçulmanas enviam seus filhos para nossa escola porque é um lugar muito agradável para aprender, com uma atmosfera claramente moral".[51]

Armênia e Geórgia

Em 10 de julho de 2009, os autores de um estudo intitulado "Tolerância religiosa na Armênia" entrevistaram sacerdotes e oficiais públicos sobre o sistema educacional armênio. A diretora de uma escola pública comentou que o currículo escolar é planejado para "manter nossas crianças longe de tendências religiosas

errôneas, vazias e perigosas. Temos a nossa igreja, nossa Santa Igreja Apostólica Armênia, e temos o nosso Deus; somos pessoas cristãs".

Quando perguntada sobre crianças que porventura não pertençam à Igreja Apostólica Armênia, ela respondeu que tais crianças "foram bem ensinadas em casa a esconder suas convicções". De fato, disse ela, tais crianças não costumam falar porque "sofrem de complexo de inferioridade" e "preferem não se sujeitar a uma atitude de ridicularização ou receber apelidos ofensivos. [...] Isso é natural, porque aqueles que não estão do nosso lado estão contra nós, e sabemos como lutar contra os que estão contra nós".[52]

Com exceção dos países presentes na lista de piores perseguidores dos cristãos da Missão Portas Abertas, as antigas repúblicas soviéticas incluem outros que têm problemas severos. Dois desses países são a Armênia e a Geórgia, antigos países cristãos onde a igreja há muito estabelecida sofre a competição dos recém-chegados.

Embora a Armênia afirme proteger a liberdade religiosa, o Estado cria dificuldades para as minorias religiosas, particularmente as minorias cristãs, mediante uma combinação de leis, políticas e práticas. Em termos religiosos, a população da Armênia é 90% ortodoxa armênia (Igreja Apostólica Armênia), e 5% se divide em minorias, incluindo católicos, protestantes, testemunhas de Jeová, muçulmanos xiitas e sunitas e judeus, sendo o restante ateu ou agnóstico.[53]

Ainda que a Constituição da Armênia declare haver completa separação entre igreja e Estado, ela reconhece a Igreja Apostólica Armênia como igreja oficial. Grupos religiosos não precisam se registrar para poder se reunir e praticar sua religião, mas, se não se registrarem, não recebem permissão para publicar mais de mil cópias de jornal ou revista, alugar locais de reunião para culto, transmitir programas na televisão e no rádio ou patrocinar vistos de visitantes.

Embora poucos grupos religiosos tenham tido problemas com registro, qualquer grupo religioso que busque o registro deve ter mais de duzentos membros e apoiar uma doutrina "baseada nas 'Santas Escrituras historicamente reconhecidas'".[54] Uma enorme quantidade de leis e estatutos inibe a liberdade dos grupos minoritários cristãos. Uma lei proíbe especialmente a "caça de

almas". Conquanto isso remeta a imagens assustadoras e programas de ficção científica, seu significado legal é "conversão forçada" e "proselitismo". Alguns grupos armênios sustentam que, uma vez que todo indivíduo nascido no país nasce na Igreja Apostólica Armênia, qualquer outro grupo que propague sua fé está, por definição, "caçando almas".[55]

Conclusões

Embora não sejam tão severas como as do Irã (cap. 6) ou da Coreia do Norte (cap. 2), as leis das antigas repúblicas soviéticas em geral são tanto duras quanto ambíguas, e os detentores de autoridade costumam agir de modo arbitrário. Os fiéis sabem que, a qualquer momento, pode haver uma batida na porta. Eles se preparam para uma invasão sem motivo em casamentos, reuniões ou batismos. Temem a prisão e o desaparecimento de entes queridos.

Ainda que a intensidade de controle varie de um país para outro, as táticas são notavelmente similares. Grupos religiosos são obrigados a se registrar, mas os termos do registro geralmente atrapalham tanto comunidades cristãs pequenas como grandes. Às vezes é impossível atender a essas exigências.

É comum exigir que as comunidades tenham um número mínimo de membros, além de anos e às vezes décadas de existência — exigência bastante difícil para um grupo ainda em desesperada busca de obter existência legal. Pode ser um tipo paralisante de beco sem saída: para se reunir, é preciso estar registrado; para se registrar, é preciso provar que se reúne há anos.

Uma pequena congregação cristã não tem obtido sucesso em suas tentativas, há dois anos, de registrar sua igreja quirguiz. "Como podemos coletar duzentas assinaturas se não temos permissão de funcionar normalmente?" Para conseguir as assinaturas, precisavam se reunir como grupo; mas fazer isso era ilegal.[56]

É comum que se exija nome, endereço, número de identidade ou passaporte dos membros. É obrigatório ter um local específico para reuniões. Por causa dessas e de muitas outras regras e regulamentações, ou porque simplesmente não querem se submeter ao poder do Estado em tais assuntos, muitos grupos eclesiásticos se recusam a se registrar.

Mesmo os que tentam se registrar são frequentemente rejeitados, ou seus pedidos são retidos por longos períodos sem explicação. Isso significa que os grupos operam “ilegalmente” enquanto suas requisições estão no limbo. Enquanto isso, a posse de literatura religiosa e de Bíblias é bastante restringida, quando não inteiramente proibida, com confiscos em paradas de trânsito e em invasões de igrejas e lares.

Não é fácil obter histórias de pessoas desses países. O Forum 18, grupo de serviço de notícias e liberdade religiosa em que nos apoiamos, fornece boa parte da informação disponível. O grupo realiza um trabalho maravilhoso, e somos gratos por sua diligência e precisão, bem como pelos ministérios e indivíduos que fornecem informações. Todavia, ainda existem muitas coisas sobre as restrições religiosas nesses países que não são conhecidas do mundo exterior.

4
Cristãos proscritos do sul da Ásia

Índia • Nepal • Sri Lanka • Butão

Em 2008, houve uma explosão de violência contra cristãos no estado indiano de Orissa. Teve início em 23 de agosto, quando Swami Lakshmanananda, líder local do grupo nacionalista hindu Vishwa Hindu Parishad (VHP), foi assassinado. Ele havia fomentado a violência contra cristãos, de modo que, embora seus assassinos provavelmente fossem extremistas maoístas envolvidos numa guerrilha regional, muitos grupos radicais hindus da localidade acusaram os cristãos pelo assassinato. Passaram a atacá-los por todo o estado. Forças paramilitares indianas só responderam a partir de 27 de agosto, e mesmo depois de sua chegada não conseguiram penetrar nas áreas mais violentas por causa das árvores que foram derrubadas para bloquear as estradas.

Entre os mortos estava um professor chamado Gullu, na área de Kandhamal, um pastor que foi queimado em Padmapur Bargarh e sete moradores das vilas de Digi, Raikia e Kandhamal. Uma freira chamada Mina Barua foi estuprada em Nuagaon. O padre Edward, do Orfanato Bargarh, foi encharcado com gasolina numa tentativa de queimá-lo vivo em Padampur. O reverendo U. C. Pattnayak, presidente do Movimento Missionário de Orissa, foi atacado por uma multidão de quinhentas pessoas, que queimaram seu escritório e sua igreja em Koraput.[1] Escolas católicas como o Convento de Santa Ana, em Padangi, e o Convento de São José, em Sankharkhole, foram destruídas. Entre os milhares de propriedades de igrejas e lares devastados, havia uma igreja católica, uma igreja batista (toda a sua mobília foi queimada), uma igreja luterana em Koraput e um centro pastoral diocesano em Bargarh.

As multidões mataram pelo menos quarenta pessoas e queimaram milhares de casas, centenas de igrejas e treze instituições educacionais. Durante os ataques, um grande número de mulheres e meninas foi vítima de violência sexual. Praticamente dois anos depois, cerca de sessenta mulheres da região foram encontradas em Délhi. Elas haviam sido vendidas como escravas sexuais.[2] Os ataques fizeram que dez mil pessoas fugissem de seus lares.

Num dos casos, dentre centenas, Rajendra Digal descreveu o que aconteceu a seu pai depois que ele e a esposa fugiram de sua vila e buscaram abrigo na capital do estado, Bhubaneswar. O pai retornou à vila para conferir sua casa e seu rebanho, mas, quando tentou pegar o ônibus de volta para Bhubaneswar em 24 de setembro, alguns agressores pararam o ônibus e arrastaram o velho Digal para fora, quebrando sua perna. Saquearam sua loja e levaram-no com oito de suas cabras para uma floresta próxima, onde se banquetearam com carne de cabra a noite inteira. Quando Rajendra Digal ouviu o que havia acontecido, contou à polícia, que o ignorou. Doze dias depois, o corpo do pai, nu e queimado com ácido, foi encontrado a quarenta quilômetros da vila. Seus genitais também haviam sido arrancados.[3]

Investigações e prisões subsequentes não atingiram a maioria dos criminosos de Orissa. “Segundo informação fornecida à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional pela União Católica Indiana, 3.232 reclamações foram feitas, mas apenas 831 casos foram registrados e, depois de investigações preliminares, 133 casos foram abandonados. Além disso, de acordo com a Compass Direct News, entre os acusados de violência estavam 85 membros do Rashtriya Swayamsevak Sangh, 321 membros do Vishwa Hindu Parishad e 118 membros do Bajrang Dal, todas essas organizações de militantes hindus.”[4]

Em setembro de 2010, Manoj Pradhan, um dos líderes do partido hindu-nacionalista PBJ (Partido Bharatiya Janata), foi acusado de assassinar onze pessoas durante as revoltas. “Contudo, a alta corte do Estado condenou-o apenas pelo homicídio culposo de uma pessoa e aplicou-lhe uma pequena multa. A despeito de sua condenação e de acusações pendentes de outros sete crimes associados à violência de Orissa, Pradhan foi solto sob fiança e continua como membro da assembleia legislativa do estado de Orissa.”[5]

Devido ao fracasso das autoridades na investigação e instauração de um processo relativo ao massacre de Orissa, em 2011 o Tribunal Nacional Popular promoveu audiências públicas e coletou testemunho de especialistas sobre a carnificina. O relatório concluiu que a violência foi um crime contra a humanidade sob lei internacional e criticou fortemente a polícia, o judiciário e as autoridades do Estado por seu fracasso na defesa dos cristãos, por impedir a ação de ONGs durante o resgate e a fase de reabilitação, por criar campos de socorro que negavam aos internos o direito a uma vida de dignidade e, em alguns casos, por seu conluio com extremistas responsáveis pela violência. Dois oficiais graduados do estado de Orissa testemunharam que a violência não foi espontânea, mas planejada com antecedência, incluindo a derrubada de árvores para impedir a movimentação da polícia.[6]

Sul da Ásia: panorama

Se questionados sobre em que áreas os cristãos são intensamente perseguidos, talvez poucos citassem o sul da Ásia — Índia, Sri Lanka, Nepal e Butão. Esses países são predominantemente hindus e budistas, e sua população tem uma reputação, em muitos casos bem merecida, de coexistência religiosa pacífica com seus vizinhos bastante variados. Mas esses dois grupos religiosos têm alguns seguidores muito dispostos a reprimir outros. Tanto hindus como budistas também têm forte tradição de militância nesses países, incluindo movimentos intolerantes e violentos. Ao mesmo tempo que esses países podem ser bem diferentes — a Índia tem mais de mil vezes a população do Butão, por exemplo — existem padrões comuns de repressão religiosa.

Um padrão é que, em cada um desses Estados, pressões internas de ambas as religiões afirmam ser a única religião nativa, autêntica e legítima do país e que, em certo sentido, o país lhes pertence. Eles ofendem e chegam a atacar fisicamente os membros de outras religiões. Às vezes hindus atacam budistas e vice-versa, mas boa parte da violência é direcionada às minorias cristã e muçulmana. Também ocorrem ataques de muçulmanos a cristãos, especialmente na Caxemira. Muitas vezes a violência é contínua e endêmica.

O cristianismo às vezes é tratado como uma fé estrangeira, embora, no sul da Ásia, tenha raízes mais antigas que as da maior parte da Europa. Outras vezes a fé cristã é ridicularizada como importação colonial britânica, embora o cristianismo seja mais antigo na Índia que na Inglaterra. As igrejas mais antigas da Índia atribuem sua fundação ao ministério do apóstolo Tomé, "o cético", que a princípio duvidou da ressurreição de Jesus e que, acredita-se, chegou a Kerala (sudoeste da Índia) por volta do ano 52 d.C.

O cristianismo também é atacado por ser uma religião evangelizadora, incitando as pessoas a confiar em Jesus. Para religiões que acreditam que seu povo e sua terra estão ligados a uma fé em particular, o evangelismo é tratado como invasão, imperialismo e usurpação, ainda que seja feito por seus vizinhos de longa data. É comum a violência ter nuances políticas, quando líderes políticos locais tentam preservar suas posições de poder enraizadas em costumes locais. Incidentes abusivos costumam ocorrer durante períodos eleitorais, conforme candidatos políticos rivais buscam apoio nacionalista caluniando supostos intrusos. Mesmo líderes políticos da fé majoritária — por exemplo, Mohandas Gandhi na Índia e S. W. R. D. Bandaranaike no Sri Lanka — foram assassinatos por radicais que os consideravam conciliatórios demais com as minorias.

Mais uma vez, deve-se enfatizar que esse não é o padrão majoritário nessas culturas religiosas ou nesses países. Os resultados dessas atitudes, porém, são discriminação generalizada, perturbação e centenas de episódios de violência religiosa.

Índia

Em 8 de novembro de 2011, Bashir-ud-Din, o grande mufti da Caxemira, acusou o reverendo Chander Mani Khanna, da Igreja Anglicana de Todos os Santos, de converter pessoas por dinheiro. O mufti exigiu que Khanna comparecesse perante o tribunal da lei islâmica da Caxemira para explicar por que havia batizado sete muçulmanos. A intimação não tinha nenhuma base legal, uma vez

que os tribunais da lei islâmica não possuem autoridade legal, muito menos jurisdição sobre os não muçulmanos.

Todavia, a polícia prendeu o reverendo Khanna. A Caxemira não tem leis anticonversão, e os convertidos eram todos adultos independentes, que afirmaram ter pedido o batismo. Mas as autoridades seguiram um rumo diferente: acusaram-no de violação aos artigos do código penal 153A (promoção de inimizade entre grupos diferentes com base na religião) e 295A (atos maliciosos com o propósito de ultrajar sentimentos religiosos). A polícia também prendeu os sete novos cristãos e os torturou para fazê-los testemunhar contra o pastor; tiveram a barba arrancada e os pés espancados. Um dos batizados foi preso três dias depois do nascimento de suas filhas gêmeas, uma das quais morreu menos de um mês depois. Em fevereiro de 2012, a Alta Corte do Estado de Jammu e Caxemira suspendeu o processo contra o reverendo Khanna, visto que a polícia não recolheu provas suficientes para as acusações.[7]

A Índia é enorme, vasta, caótica, colorida e vigorosa. Com mais de 1,2 bilhão de pessoas, é o segundo país mais populoso do mundo, e em breve ultrapassará a população da China.[8] Também é, de longe, a maior democracia do mundo. Sua política é assolada por rivalidade, criminalidade generalizada e ampla corrupção, mas o país também é uma sociedade civil ativa, com partidos políticos rivais, um judiciário independente e uma imprensa vibrante, além de ser a maior indústria cinematográfica do planeta. Embora 80% de sua população seja hindu, ela pode ter a segunda maior população muçulmana, assim como algo em torno de trinta milhões de cristãos, junto com siques, budistas, jainistas, parses (zoroastristas), judeus e bahaístas. Na maior parte, seus cidadãos religiosamente diversificados vivem de modo livre e coexistem pacificamente. A Índia já teve diversos presidentes muçulmanos e, enquanto escrevemos, seu atual primeiro-ministro é sique, Manmohan Singh.

A Constituição a descreve como uma “república democrática secular” e contém detalhadas provisões para a liberdade religiosa. O artigo 19 garante a liberdade de palavra, expressão e associação, e o artigo 25 garante a liberdade de consciência, a livre profissão e prática da religião, bem como o direito de propagar a religião. Os artigos 28 e 30 protegem a liberdade religiosa em relação

à instrução religiosa, enquanto o artigo 51A impõe sobre os cidadãos a tarefa positiva de promover harmonia e um espírito de irmandade comum que transcenda as fronteiras religiosas.

Contudo, a despeito de todas essas virtudes, a Índia não apenas possui ampla discriminação religiosa, como também é o local de centenas de violentos ataques religiosos por ano. Os cristãos e outras minorias religiosas enfrentam três grandes conjuntos de problemas: discriminação, especialmente contra cristãos das castas inferiores; vagas leis anticonversão e restrições sobre a mudança de religião; e violência étnica.

Leis anticonversão e violência

Um meio oficial de repressão são as leis estatais anticonversão. Existem leis assim em vários estados indianos, ainda que seu grau de aplicação seja variado.[9] Na aparência, aplicam-se apenas a conversões levadas a cabo por meio de "força" ou "fraude", mas essas categorias são definidas de maneira vaga e bastante ampla, e podem incluir "qualquer tentação na forma de presente ou gratificação [...] ou qualquer benefício, seja pecuniário ou de outra categoria", o que pode abranger paz de espírito ou perdão de pecados.[10] Alegação de qualquer benefício espiritual pode ser ilegal.

Isso seria risível se os resultados não fossem tão trágicos. Sacerdotes foram condenados por forçar a conversão de pessoas, embora os convertidos testificassem que o fizeram voluntariamente. Num caso, o padre L. Bridget e a irmã Vridhi Ekka foram sentenciados a seis meses de "aprisionamento rigoroso" por supostamente "converter à força" 94 pessoas. A corte não explicou como aqueles dois teriam convertido à força 94 pessoas, especialmente quando as 94 negaram que tivessem sido forçadas a se converter.[11]

As penas fixadas também são desproporcionais: as leis de conversão de Rajasthan e Gujarat aplicam penas mais pesadas que as aplicadas em casos de morte por negligência. Alguns estados possuem penas mais duras relacionadas à conversão das chamadas castas inferiores, ou mesmo daqueles que estão fora do sistema de castas. Uma vez que a maioria dos hindus convertidos ao cristianismo vem desses grupos, suspeita-se que o objetivo das leis anticonversão seja a

preservação do sistema de castas (que foi oficialmente abolido) e, com isso, a manutenção de um grupo de trabalhadores não pagos ou que recebem salários baixíssimos para serem explorados pelas castas mais elevadas.

As leis anticonversão também fomentam um clima de incentivo a ataques violentos sobre cristãos, em especial sobre o clero. Estados que possuem tais leis apresentam uma incidência mais elevada de intimidação e violência contra as minorias religiosas. As leis vagas dão sinal verde a extremistas religiosos para atacar aqueles que estariam convertendo pessoas de maneira fraudulenta ou forçada. É comum a polícia ignorar ataques e, em vez disso, prender o clérigo que foi brutalizado ou ameaçado sob suspeita de conversão forçada.

Em 3 de julho de 2011, perto da vila de Munugodu, o pastor pentecostal G. N. Paul voltava para casa depois de presidir o culto na Igreja Batista Independente, frequentada por cerca de vinte famílias. Quatro radicais hindus o atacaram de repente. Eles o acusaram de forçar pessoas a se converterem ao cristianismo e o esfaquearam repetidas vezes. Paul recebeu vários golpes no estômago e na cabeça e foi levado a um hospital em Nalgonda. Mais tarde, foi transferido a um hospital em Hyderabad, onde submeteu-se a cirurgias para tratar seus ferimentos.

Em 21 de janeiro de 2011, no caso do assassinato de Graham Staines e seus dois filhos, descrito adiante, a Suprema Corte da Índia disse que uma pena reduzida era justificada porque o assassino agiu por paixão contra o "proselitismo": "Embora Graham Staines e seus dois filhos menores tenham sido queimados até a morte enquanto dormiam, [...] a intenção era ensinar uma lição a Staines sobre suas atividades religiosas, a saber, a conversão de moradores pobres ao cristianismo".[12]

Em 8 de março de 2009, Rajesh Singh, 25 anos, atacou a Prarthana Bhawan (Casa de Oração), uma igreja no estado de Bihar, no leste da Índia. Singh lançou uma bomba de fabricação caseira por uma das janelas da igreja e, depois, entrou no local e atirou no pastor Vinod Kumar à queima-roupa. De acordo com o inspetor policial Hari Krishna Mandal, Singh "era pessoalmente contra as conversões cristãs e quis matar o pastor para deter as conversões". Os membros da igreja impediram Singh antes que seu plano se completasse, e o pastor

Kumar, casado e pai de três filhos, foi levado a um hospital nas redondezas, em Varanasi.[13]

Em 11 de março de 2009, por volta das 18 horas, o pastor Erra Krupanamdam voltava de uma reunião de oração no estado de Andhra Pradesh quando um grupo com trinta a quarenta militantes hindus o atacou. Enquanto batiam nele, os agressores zombavam de sua fé e lhe diziam para parar de promover reuniões de oração. Ele sofreu fraturas na espinha e nas costelas que resultaram em dano permanente.[14]

Violência contínua

É difícil medir o número exato de ataques por motivação religiosa na Índia. A maior parte da violência não ocorre na mesma escala de Orissa, mas há centenas de ataques violentos a cada ano. Veja a seguir alguns resumos de relatórios de apenas um mês — dezembro de 2011 — de uma única fonte, a Compass Direct News:[15]

- *Madhya Pradesh*: Em 2 de dezembro, a polícia prendeu o pastor Tito, da Igreja Pentecostal Indiana, e outros cristãos depois que extremistas hindus fizeram uma denúncia de conversão forçada contra ele. Cerca de vinte homens de uma organização radical hindu invadiram a delegacia exigindo a prisão do pastor. A polícia apreendeu o veículo que os cristãos usavam, bem como CDs e Bíblias.
- *Tâmil Nadu*: Em 3 de dezembro, extremistas hindus destruíram o templo da Igreja Christu Sabha depois de ameaçar um pastor em Hosur. Os extremistas já haviam atacado duas vezes, roubando as parcas economias do pastor e destruindo um pequeno galpão no qual ele realizava cultos, além de espancá-lo e esfaqueá-lo com uma chave de fenda. Também fizeram ameaças de sequestrar suas quatro filhas e ferir seu filho caso ele continuasse a pregar o cristianismo na vila. A polícia se recusou a aceitar as denúncias.
- *Orissa*: Em 8 de dezembro, extremistas hindus atacaram três famílias cristãs de áreas tribais, as espancaram e as acusaram de conversão forçada.

Quando os cristãos reclamaram à polícia, foram detidos.

- *Madhya Pradesh*: Em 9 de dezembro, cerca de uma centena de membros de grupos radicais da RSS (Rashtriya Swayamsevak Sangh) e VHP (Vishwa Hindu Parishad) atacaram e apedrejaram a casa do pastor Ramesh V. Asnia, deixando outro pastor inconsciente, destruindo Bíblias e roubando joias de ouro e prata, um aparelho de televisão e uma cruz. Atacaram a mãe do pastor, 50 anos, quebrando uma de suas pernas. Outras mulheres fugiram e alertaram o pastor. Quando ele voltou, cerca de vinte membros da RSS e da VHP o espancaram gravemente, alegando que ele converteu hindus à força e por meios fraudulentos. O espancamento continuou mesmo depois de ele estar sangrando e inconsciente.
- *Tâmil Nadu*: Em 9 de dezembro, depois que oficiais locais demoliram o prédio de sua igreja, que passava por reformas, a polícia prendeu o reverendo Arul Saiju e o reverendo Stanley Baburaj, junto com outros dez cristãos da Igreja Católica Malankara. “Saiju e Baburaj apresentaram o título de propriedade original para estabelecer a propriedade e a legitimidade da igreja, mas os extremistas hindus os atacaram, os levaram à delegacia de polícia e alegaram que eles haviam impedido funcionários públicos de exercer suas atividades.”
- *Andhra Pradesh*: Em 11 de dezembro, homens mascarados invadiram um culto dominical na Igreja do Evangelho da Nova Comunhão e apedrejaram o pastor Bangariah. O pastor perdeu muito sangue e recebeu catorze pontos na cabeça e no rosto.
- *Maharashtra*: Em 14 de dezembro, extremistas hindus demoliram o prédio de uma igreja e espancaram o pastor Prabhakaran Kaviraj, da Assembleia Cristã Apostólica de Mumbai, depois de ele ter reclamado que o local de culto da igreja fora omitido no mapa de um plano de desenvolvimento para a área.
- *Karnataka*: Em 16 de dezembro, a polícia prendeu um pastor e outros cristãos depois que hindus extremistas entraram na casa de Venketesh, da Igreja Batista Badhravathy. Os agressores espancaram seis mulheres, quatro idosos e o pastor assistente, além de acusarem os cristãos de conversões

forçadas. Os cristãos foram detidos por dois dias antes de serem soltos sob fiança.

- *Andhra Pradesh*: Em 16 de dezembro, extremistas hindus na estação de trem de Mahabubnagar atacaram e espancaram o pastor R. Prasad enquanto ele distribuía literatura cristã. Depois o levaram a um templo hindu, queimaram os livros e o espancaram novamente.
- *Karnataka*: Em 18 de dezembro, em Pillanna Garden, perto de Bangalore, cerca de duzentos extremistas hindus invadiram o culto dominical da Igreja Bíblica Ágape e espancaram os pastores Reuben Sathyaraj e Perumal Fernandes. Os pastores foram acusados de conversões forçadas, e a polícia os prendeu. Mesmo depois de questionarem cerca de vinte pessoas supostamente convertidas à força, as quais negaram as acusações, a polícia acusou os pastores de "promover inimizade entre grupos diferentes com base na religião".
- *Madhya Pradesh*: Em 21 de dezembro, "o pastor Dilip Wadia, da Igreja da Luz foi à casa de Kailash Gormeys para uma reunião de oração e para assistir ao filme *Jesus*. Uma das 24 pessoas presentes pertencia à RSS e rapidamente informou outros extremistas, que atacaram a casa e espancaram seus ocupantes. A polícia acusou os cristãos de conversão forçada".
- *Tâmil Nadu*: Em 22 de dezembro, extremistas hindus ameaçaram o pastor K. Solomon e outros membros da igreja e queimaram uma igreja no distrito de Kadaloor com o propósito de encerrar os festejos do Natal e Ano-Novo. Uma semana depois, em 30 de dezembro, em Nagarcoil, a polícia prendeu "Sagaya Dass depois que extremistas hindus o acusaram de conversão forçada quando ele e alunos de um colégio local hindu organizaram uma programação natalina".

Outros ataques não foram incluídos nessa breve pesquisa. No dia de Natal de 2011, por exemplo, o pastor Suresh, da Igreja Nova Vida, jantava em Surathkal com sua família e outros fiéis quando cerca de vinte pessoas forçaram a entrada na casa com pedras, paus e bastões e atacaram todos, incluindo mulheres e

crianças. Os agressores gritaram repetidas vezes: “Há hindus aqui?”. Um homem chamado Jason teve a perna fraturada por um taco. Latha, a esposa do pastor, foi espancada no peito e ferida gravemente. Quando a polícia chegou, não perguntou sobre os agressores, mas interrogou as pessoas presentes na casa sobre conversões forçadas.[16]

Individualmente, poucos desses ataques locais são relatados em outros lugares que não boletins de notícias locais, e é bem provável que nenhum deles chame a atenção de observadores internacionais, mas seu efeito cumulativo é devastador.

O Sangh Parivar

Muitas dessas tensões religiosas podem ser atribuídas à ascensão de movimentos nacionalistas hindus, conhecidos coletivamente como Sangh Parivar (“família de organizações”). O padre Cedric Prakash, de Gujarat, nos disse que a ideologia fundamental deles é se concentrar em minorias, sobretudo cristãos. O hinduísmo é uma fé tremendamente variada, ou talvez seja mais de uma fé, e suas formas podem ser bastante diferentes e opostas. A imaginação popular costuma identificar o hinduísmo político com a não violência de Mohandas Gandhi, visão que contém uma grande medida de verdade. Existem, porém, outras expressões políticas bastante diferentes da fé — Gandhi foi morto por um radical hindu que achava que ele fizera muitas concessões aos não hindus.

O Sangh Parivar inclui o Partido Bharatiya Janata, que formou o governo da Índia em 1998 como líder de uma coalizão de partidos, em sua maioria de centro. Seus aliados incluem o Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS), o Bajrang Dal e o Vishwa Hindu Parishad (VHP), alguns dos quais se envolvem em virulentas campanhas de ódio e por vezes atos de violência contra minorias religiosas. O assassino de Gandhi, Nathuram Godse, era do RSS. Em 1998, Godse disse: “Se você me perguntar se sinto algum arrependimento, minha resposta é não — nem de longe. [...] Sabíamos que se permitíssemos que aquela pessoa continuasse viva, causaria mais e mais dano aos hindus, e não podíamos permitir isso”.[17]

A ideologia *Hindutva* do Sangh Parivar é direcionada à garantia de predominância do hinduísmo na sociedade, na política e na cultura indiana.

Alguns membros querem subjugar ou expulsar cristãos e muçulmanos. Eles os rotulam como elementos estranhos, embora os cristãos indianos possam traçar suas raízes até o século 1 e o islã tenha chegado à Índia no século 7 ou 8. M. S. Golwalkar, o principal líder do Sangh Parivar de 1940 a 1973, apoiou as leis raciais de Hitler e, em 1938, declarou que "o não hindu [...] deve adotar a cultura e a linguagem hindu, aprender a respeitar e reverenciar a religião hindu [...] ou permanecerá no país completamente subordinado à nação hindu, sem nada exigir, sem merecer privilégios, muito menos tratamento preferencial, tampouco direitos de cidadania".[18]

O RSS tem milhões de ativistas e, não obstante o movimento de oposição ao hinduísmo depois do assassinato de Gandhi, tem vicejado sobretudo por pedir a renovação cultural e evitar a política eleitoral. Pelo fato de suas atividades serem frequentemente associadas à violência, foi banido três vezes: primeiro após o assassinato de Gandhi em 1948, depois no estado de emergência de 1975 a 1977, e em seguida na destruição da mesquita de Babri em 1992.[19]

O Seminário Bíblico Evangelho para a Ásia, em Kutabaga, no estado de Orissa, foi atacado por uma multidão de cerca de quatrocentas pessoas insufladas por extremistas hindus pertencentes ao Bajrang Dal, em 28 de fevereiro de 2007. A multidão foi armada com varas, machados e espadas; cortaram fios elétricos no *campus*, danificaram o telhado e deixaram cinco pessoas hospitalizadas. O grupo também saqueou o *campus* do Seminário Bíblico da Igreja dos Cristãos, em Jharsuguda, e espancou estudantes e professores.[20] Os militantes se espalharam assim que as autoridades chegaram, mas pouco depois outro grupo de extremistas hindus pertencente ao Sangh Parivar chegou ao local e gritou palavras de guerra, aterrorizando os cristãos.[21]

Em 9 de dezembro de 2010, dez ativistas do Bajrang Dal invadiram a casa de oito trabalhadores braçais cristãos numa plantação de café no estado de Karnataka. Enquanto os cristãos oravam, os militantes os insultaram, os espancaram e os arrastaram à delegacia de polícia de Gonikoppa. Duas das vítimas sangravam muito e tiveram de ser levadas ao hospital público de Gonikoppa. Uma delas não conseguia mais urinar depois de tantos golpes na

virilha. A polícia teria aconselhado as vítimas a “parar de orar em suas casas no futuro”, uma vez que não poderiam oferecer proteção específica.[22]

O PBJ, sobretudo no nível federal, distanciou-se da violência e teve de se comprometer com parceiros nas coalizões do Parlamento e do governo, o que produziu um efeito de suavização. Mas o ex-primeiro-ministro Atal Bihari Vajpayee elogiou publicamente o RSS, compareceu a seus eventos e recebeu a liderança da organização em sua residência. Outros oficiais graduados do PBJ, incluindo o ex-ministro de Assuntos Internos, L. K. Advani, eram associados ao RSS. O PBJ tentou impor ideias hindus no currículo escolar, restringir os contatos internacionais de grupos religiosos minoritários, reduzir seus direitos de construir locais de culto, aprovar leis governamentais de anticonversão e alterar leis que regulam casamentos, adoções e herança.

Dalits e discriminação

O famigerado sistema de castas da Índia foi abolido por lei, mas tradições desse tipo não morrem fácil. Os dalits, antigamente chamados de “intocáveis”, e as castas inferiores continuam a sofrer discriminação que, embora ilegal, é ampla, intensa e humilhante. Eles costumam ser impedidos de entrar em templos, e muitos não têm acesso a suprimentos de água usados por hindus de castas superiores. Esses problemas são complementados por perseguição física, com milhares de atrocidades registradas contra dalits e grupos tribais locais.

Muitos cristãos indianos são dalits ou de castas inferiores. Embora afete todos os dalits, a discriminação pode ser exercida também por cristãos dalits. Alguns defendem que o censo de 2001 subestimou o número de tais cristãos (que pode ser de 14 milhões), ao ligar classe e religião de modo que as castas inferiores fossem limitadas a marcar sua religião apenas como hinduísmo, budismo ou siquismo, legalmente consideradas parte do hinduísmo.[23]

Por causa dos problemas esmagadores e do sofrimento enfrentados pelos dalits e castas similares, os governos indianos têm programas de ação afirmativa que separam um percentual de oportunidades educacionais e empregos públicos para eles. Contudo, cristãos e muçulmanos costumam ser excluídos desses programas com o argumento de que a questão das castas é de fato pertencente ao

hinduísmo. Assim, os cristãos dalits sofrem de duas maneiras: sua situação significa que estão sujeitos à opressão social invasiva, às vezes por cristãos de castas elevadas, ao mesmo tempo que são excluídos dos programas de governo que auxiliam membros de religiões minoritárias.[24] Isso também significa que qualquer hindu que se converta ao cristianismo perde os benefícios.

Cristãos que ajudam dalits ou pessoas com hanseníase costumam sofrer perseguição particular. Henry Baptist Robey, militar indiano reformado do Exército, visita uma vila no estado de Tâmil Nadu duas vezes por ano para levar roupas, remédios e comida para pessoas que sofrem de hanseníase na vila. No domingo 12 de junho de 2011, convidou cerca de oitenta pacientes para virem a sua casa em Bangalore, no estado de Karnataka, a fim de celebrar o Pentecoste.

Enquanto estavam ali reunidos, extremistas hindus, supostamente do grupo nacionalista Jai Karnataka, entraram à força na casa e espancaram alguns dos pacientes. Depois da chegada da polícia, todos os presentes foram levados à delegacia. Duas horas depois, todos foram soltos, com exceção de Robey e dois leprosos hindus acusados de ajudá-lo. Naquela noite, foram levados à delegacia de Hennur e oficialmente presos de acordo com a seção 295(A), que proíbe a "intenção deliberada e maliciosa de ultrajar os sentimentos religiosos alheios".

Robey disse que, a seu ver, a acusação tinha como base a falsa crença de que ele estava convertendo os pacientes à força, e disse: "Todos os pacientes que compareceram à reunião de oração disseram à polícia que eram hindus e não estavam sendo convertidos, mas a polícia mesmo assim registrou uma reclamação contra nós". De fato, os dois homens que estavam com Robey e foram acusados de conversão forçada eram hindus que não haviam se convertido ao cristianismo. Os três foram soltos sob fiança dois dias depois.[25]

Tolerância com a violência: "Nenhuma prisão foi realizada"

Em 26 de setembro de 2010, um pastor pentecostal chamado Shivanda Siddi, 45 anos, conduzia um culto de adoração na Igreja Assembleia de Deus Gnanodaya, no estado de Karnataka. Cinco pessoas pertencentes a uma organização extremista hindu interromperam o culto e atacaram o pastor. Rasgaram suas roupas e, depois de espancá-lo por quase meia hora na frente da congregação,

chamaram a polícia da delegacia de Yellapur e o espancaram de novo na frente dos guardas. “O pastor, assim como sete mulheres, incluindo duas meninas de 10 e 11 anos, teriam sido presas pela polícia”, e o pastor foi acusado de conversão forçada de acordo com a Seção 295 do Código Penal. Foi mandado para a prisão de Sirsi.[26]

No âmbito estadual, os governos às vezes são cúmplices na violência contra as minorias religiosas ou, mais comumente, se recusam a oferecer proteção adequada. No principal ataque a uma minoria da história recente da Índia, por exemplo, ocorrido em fevereiro de 2002, cerca de dois mil muçulmanos foram mortos em Gujarat. Isso se deu após afirmações de que muçulmanos haviam incinerado um trem transportando voluntários hindus que ajudaram a construir o controverso templo Ram Janmabhoomi no local da mesquita Babri, que fora demolida. O presidente internacional do VHP, Ashok Singhal, descreveu a carnificina de Gujarat como “experimento bem-sucedido” e advertiu que ele se repetiria por toda a Índia.[27] Interrogatórios oficiais concluíram que o governo de Gujarat foi negligente ou cúmplice das mortes, a ponto de o então governador de Gujarat, Narendra Modi, ter negada a permissão de entrar nos Estados Unidos. Em fevereiro de 2012, a Alta Corte de Gujarat puniu o governo estadual por sua conduta e ordenou que pagasse compensação às vítimas.[28]

A maior parte dessa violência ocorre entre hindus e muçulmanos, mas os cristãos do país também têm se tornado alvos. Ataques a cristãos aumentaram significativamente desde 1998, incentivados pela propaganda contrária às minorias por parte de hindus radicais, a despeito da derrota do PBJ nas eleições federais de 2004. Esses ataques são mais comuns em períodos eleitorais, quando os radicais hindus e outros recorrem à retórica do ódio e da violência em movimentos políticos calculados para solidificar seu apoio. Um dos aspectos mais perturbadores dessa violência é a cumplicidade da polícia, demonstrada tanto por seu fracasso em impedir ou investigar os ataques como por prender os que foram atacados, e não os agressores, às vezes com a própria polícia se juntando ao ataque. A falta de resposta oficial é sentida de forma mais aguda nos estados sob controle do PBJ, onde as simpatias políticas tendem a se refletir na polícia.

Em 4 de junho de 2011, o pastor Shantilal Ninama, da Igreja dos Cristãos em Rajasthan, consertava sua motocicleta quando Khatiya Pitakaniya, um morador da vila, o atacou. O pastor falou que Pitakaniya “me disse que não queria ver minha face de manhã, pois o fato de eu ser cristão lhe traria má sorte. [...] Ele chamou sua esposa e pediu que ela trouxesse uma faca para me matar”. O pastor escapou. Mais tarde, porém, Pitakaniya voltou com sua esposa, Devali, e dois parentes do pastor Ninama (seu irmão mais velho e seu primo), e eles começaram a xingá-lo e apedrejá-lo.

Em 6 de junho, as autoridades da vila convocaram uma reunião com o pastor Ninama, e o líder da vila tentou reconverter o pastor ao hinduísmo. Foi-lhe ordenado não apenas que se reconvertesse, mas que queimasse sua Bíblia e toda a literatura cristã na frente do grupo. Depois de se recusar, a eletricidade da casa de seu pai foi cortada e, em 8 de junho, assinou um acordo com os extremistas dizendo que retiraria sua reclamação junto à polícia se eles não lhe causassem mais prejuízos. Naquela mesma noite, porém, invadiram sua casa e espancaram e apedrejaram sua irmã, sua esposa e seus três filhos. Seu pai apanhou até ficar inconsciente. A princípio, a polícia se recusou a ajudá-lo, mas por fim apareceram, e os extremistas partiram ao ver a polícia. Nenhuma prisão foi realizada.[29]

Lembrança de Graham Staines

Embora o Sangh Parivar costume afirmar que está atacando influências estrangeiras, quase toda vítima da perseguição anticristã da Índia faz parte da população cristã nativa daquele país, que compreende mais de trinta milhões de pessoas e continua a crescer. A acusação é absurda, visto que o cristianismo está na Índia há quase dois milênios e a proporção entre cristãos indianos nativos e missionários estrangeiros é de mais de vinte mil para um.

Nesse sentido, a história de Graham Staines e sua família é atípica. Mas visto que cresceu a atenção internacional à perseguição de cristãos na Índia, e uma vez que isso revela um pouco da dinâmica do Sangh Parivar e, mais importante ainda, que isso revela a vida de um homem notável e de sua família, vale a pena contar a história.

Graham Staines nasceu em Brisbane, Austrália, em 1941. Por correspondência, tornou-se amigo de Santanu Satpathy, que vivia em Baripada, leste da Índia. Em 1965, Staines foi à Índia para encontrar-se com Satpathy e nunca mais voltou para a Austrália. Em vez disso, dedicou os 34 anos seguintes a servir pacientes com hanseníase na área. Fixou residência em Baripada e era conhecido como Saibo ou "Dada". Por fim, tornou-se superintendente da Missão Australiana aos Leprosos e diretor da Sociedade Missionária Evangélica.

Em 1983, casou-se com Gladys, e tiveram dois filhos, Philip e Timothy, e uma filha. Em 1996, um incêndio queimou grande parte de Baripada, deixando quase uma centena de mortos, e a família Staines passou muitas noites cuidando dos feridos. Um oficial do governo local, V. V. Yadav, disse: "O sr. Graham Staines perdeu sua identidade como australiano. Ele era um verdadeiro cidadão de Baripada, [...] uma luz naquela cidade".[30]

Graham organizou acampamentos de treinamento na cidade de Manoharpur por catorze anos. Na noite de 22 de janeiro de 1999, ele e seus filhos Philip, 9 anos, e Timothy, 6, dormiram no carro depois de uma visita ao local. Enquanto dormiam, um grupo de cerca de cinquenta pessoas derramou gasolina no veículo e ateou fogo. Os três tentaram fugir das chamas, mas a multidão armada os impediu e ficou assistindo até que morressem queimados. Os moradores hindus da vila, entre os quais Staines era bem conhecido e popular, tentaram ajudá-lo, mas foram impedidos pelos violentos agressores.[31]

Embora já tivessem acontecido diversos ataques a indianos nativos cristãos, a mídia internacional ficou especialmente chocada e fez inúmeras reportagens sobre o assassinato de Staines. Muitas pessoas ficaram chocadas diante da barbaridade daquela matança, atingindo as crianças e seu pai — um homem que havia trabalhado com doentes de hanseníase na Índia por mais de trinta anos. Imediatamente após o incidente, Subhas Chouhan, presidente da unidade estadual do Hindu Jagran Samukhya [Programa de Consciência para Hindus], tentou defender o assassinato de Staines, alegando que ele fazia "proselitismo" e as pessoas o haviam matado "durante um ataque de raiva".[32] Contudo, segundo um relatório do Escritório Central de Investigação, Staines não estava de fato

induzindo as pessoas a se converterem e, é claro, ainda que estivesse envolvido nessa atividade ilegal, não havia justificativa para matá-lo.[33]

Abkhay Mokashi, editor de política do *Mid-Day*, escreveu: “Os fundamentalistas hindus responsáveis pela matança de Staines e seus dois filhos deveriam saber que a perda dessas três vidas não pesa para o cristianismo, mas para a humanidade como um todo. Os hansenianos hindus, pelos quais ele havia dedicado a vida, perderam seu salvador”. Sarida, um dos pacientes de Staines, disse: “Ninguém queria nos tocar [...] e estávamos abandonados para morrer na floresta sozinhos, como vermes. [...] Dada e sua esposa lavavam pessoalmente nossas úlceras e enfaixavam nossas feridas com remédios e, quando nos curávamos, eles nos ensinavam algumas habilidades — e nos davam um emprego. [...] O que ele fez para ser queimado vivo?”.[34]

Dez mil pessoas da área se reuniram para o cortejo fúnebre em Baripada.

Staines: o desdobramento

Depois do assassinato de Staines, a polícia do estado de Orissa prendeu 47 militantes ligados ao grupo nacionalista Bajrang Dal, que alegou que a família usava a hanseníase como cobertura para atividades de conversão.[35] Contudo, Dara Singh, o principal suspeito do assassinato, não foi detido. O verdadeiro nome de Singh é Rabindra Kumar Pal; foi ativista do Bajrang Dal por dez anos na área de Manoharpur, e havia vários casos criminais pendentes contra ele, a maioria de assassinato de motoristas de caminhão muçulmanos. Ficou escondido por quase um ano, tempo em que foi indiciado pelo assassinato de um lojista muçulmano, Sheikh Rehman, em agosto de 1999, e pelo assassinato do padre católico Arul Doss em 1º de setembro de 1999. Singh acabou condenado pelo assassinato do padre Doss, alvejado por flechas até morrer enquanto fugia de sua igreja em chamas.[36]

Dara Singh foi finalmente preso em 1º de fevereiro de 2000, mas, em 21 de março de 2001, ele e outros onze foram absolvidos porque nem os reclamantes nem as testemunhas estavam dispostos a identificá-lo como o perpetrador.[37] A despeito da barbaridade dos atos de que foi acusado — Sheikh Rehman também

foi queimado vivo — alguns extremistas hindus tratavam Singh como herói, e panfletos elogiavam seu ato como "esforço para salvar o hinduísmo". Organizações favoráveis a Dara Singh se espalharam, e o *Dara Sena* (Exército de Dara) parabenizou seus pais por "salvar o hinduísmo" ao gerar tal filho. O VHP honrou sua mãe e lhe deu um prêmio de 25 mil rúpias. Um livreto de incitação alardeando as crenças de Dara Singh tornou-se *best-seller* em regiões de Orissa.[38]

Em 23 de setembro de 2003, um tribunal de Bhubaneswar, capital de Orissa, condenou e sentenciou Singh à morte. A corte também sentenciou doze cúmplices à prisão perpétua. Em 19 de maio de 2005, a Alta Corte de Orissa comutou a sentença de Singh para prisão perpétua e soltou onze dos doze cúmplices.[39]

Como destacado anteriormente, em 21 de janeiro de 2011 a Suprema Corte da Índia confirmou as decisões da Alta Corte de Orissa, dizendo que a pena reduzida era justificada porque o assassinato fora um ato passional contra o "proselitismo": "Embora Graham Staines e seus dois filhos menores tenham sido queimados até a morte enquanto dormiam, [...] a intenção era ensinar uma lição a Staines sobre suas atividades religiosas, a saber, a conversão de moradores pobres ao cristianismo". A Corte também disse que "não havia justificativa para interferir nas crenças de uma pessoa".[40] Mediante protestos, a Corte apagou a frase "ensinar uma lição a Staines", mas ainda hoje os cristãos indianos continuam preocupados. John Dayal, secretário-geral do Conselho Cristão para Toda a Índia, perguntou: "Falar sobre sua religião é 'interferir'?".[41]

Mais promissoras e mais típicas da reação da Índia foram as palavras do presidente indiano K. R. Narayanan, que lamentou na época a morte dos membros da família Staines:

> O fato de alguém que passou anos cuidando de pacientes de hanseníase ter sido morto dessa maneira em vez de receber agradecimento e apreciação como modelo a ser seguido é uma monumental aberração das tradições de tolerância e humanidade pelas quais a Índia é conhecida. Um crime que pertence ao inventário de atos hediondos.[42]

No décimo aniversário do assassinato, Gladys Staines, que deu prosseguimento à obra de seu marido, disse: “Não posso expressar como me senti quando recebi a notícia de que meu marido e meus filhos haviam sido queimados vivos. Disse a minha filha Esther que, embora tivéssemos sido deixadas sozinhas, nós perdoaríamos, e minha filha respondeu: “Sim, nós perdoaremos”.[43]

Nepal

O templo Pashupatinath é um dos mais sagrados santuários do hinduísmo nepalês. Em 2009, cristãos, assim como hindus e muçulmanos, receberam permissão de sepultar seus mortos na floresta de Sleshmantak, que fica nas colinas ao redor do templo. No início de 2011, porém, oficiais começaram a impor um boicote aos sepultamentos cristãos na floresta, emitido pela Empresa de Desenvolvimento da Área de Pashupatinath.

Cristãos jejuaram por um mês, depois marcharam com caixões vazios na frente dos escritórios do governo. Em março de 2011, a Suprema Corte suspendeu o boicote, mas autoridades do templo continuaram a não permitir outros sepultamentos cristãos.[44] Enquanto isso, sepulturas de cristãos vêm sendo abertas, e as autoridades do templo estão reclamando a área da floresta, local de pelo menos duzentas sepulturas de cristãos. Gamala Guide, viúva de Narayan Guide, ex-capitão do Exército do Nepal, teme a destruição da sepultura de seu marido. “Que tipo de país estranho é este que não permite a seus cidadãos que descansem em paz? Por favor, façam alguma coisa para deter essa profanação, ou meu marido morrerá uma segunda morte.”[45]

Outra terra de maioria hindu é o Nepal, que durante quase 240 anos foi o único reino hindu do mundo. Cerca de 75% de seus trinta milhões de habitantes são hindus, 16% são budistas, 4% muçulmanos e 3% cristãos. Depois de um breve período de monarquia constitucional, de 1990 a 1996, um conflito constante com uma revolta maoísta levou à abolição do gabinete e do Parlamento, dando ao rei poder absoluto. Em 2006, depois de dez anos de guerra civil, os maoístas assinaram um acordo de paz com o governo.[46] Em 2008, o país elegeu uma Assembleia Constituinte, que declarou o Nepal como república secular e aboliu a

monarquia e está considerando duas emendas a uma Constituição permanente, conquanto ambas ilegalizem a conversão de uma religião para outra.[47]

O artigo 160 do código penal proposto também proíbe encorajar ou ajudar uma pessoa a mudar de religião, o que implicaria uma multa de até 50 mil rúpias nepalesas (cerca de 700 dólares) e cinco anos de prisão. Os transgressores que não forem cidadãos nepaleses podem ser deportados imediatamente depois que sua sentença for finalizada.[48] É provável que essas disposições sejam usadas contra cristãos que, como os budistas e muçulmanos, não pertencem a uma religião reconhecida. As cerca de quatro mil igrejas do Nepal não podem se registrar como entidades religiosas e não estão isentas de impostos como os templos hindus.[49] Os cristãos são vítimas frequentes de discriminação e violência.

No cristianismo, como na maioria das religiões, o tratamento dos mortos está ligado a rituais sagrados. Hindus e budistas costumam cremar seus mortos, enquanto os cristãos em geral preferem o sepultamento. Contudo, pelo fato de o cristianismo não ser legalmente reconhecido, é negado às igrejas o direito de comprar pedaços de terra para a construção de cemitérios.[50] O governo diz que o problema é a insuficiência de terras, embora encontre terra para outros propósitos religiosos. Quando cristãos tentam sepultar seus mortos em terrenos particulares, costumam ser impedidos por protestos de hindus. Às vezes os corpos são exumados e jogados fora.

Os cristãos também podem ser atacados por grupos extremistas hindus. Em 22 de novembro de 2011, uma bomba de fabricação caseira foi detonada do lado de fora da casa de caridade cristã Missão Unida ao Nepal, em Kathmandu, embora felizmente não tenha havido feridos nem danos ao prédio. Desde 1954, a Missão Unida, financiada por sessenta países, construiu hospitais, escolas, usinas hidrelétricas e instituições de treinamento no Nepal. Seis dias depois, equipes de segurança desarmaram uma potente bomba na frente da Igreja Assembleia de Deus Navajiwan, também em Kathmandu.

O Exército de Defesa do Nepal (EDN), grupo militante armado que busca a criação de um Estado hindu e com histórico de violência contra cristãos e muçulmanos, assumiu a responsabilidade pelo primeiro ataque. O líder do EDN,

Ram Prasad Mainali, cumpre prisão perpétua por três mortes no bombardeio à Igreja Católica da Assunção em Kathmandu em 23 de maio de 2009. Seis dias depois desse ataque, o EDN publicou a seguinte declaração: “Queremos todo o milhão de cristãos fora do país, ou colocaremos um milhão de bombas em todas as casas onde os cristãos vivem e as detonaremos”.[51]

O governo do Nepal iniciou negociações com o EDN, oferecendo anistia para Mainali e outros se eles concordassem em pôr fim à violência. À medida que a Assembleia Constituinte fica mais perto de promulgar uma Constituição, existe uma crescente perseguição contra padres, pastores e adoradores em geral, vítimas de violência coletiva aleatória.[52]

Sri Lanka

Com apenas 38 anos, o reverendo Nallathamby Gnanaseelan era pastor da Igreja Missionária Tâmil em Jaffna e pai de quatro filhos. Em 13 de janeiro de 2007, levou esposa e filha ao hospital em sua motocicleta e depois foi à igreja para dirigir um culto de jejum e oração. No caminho, foi atingido no estômago por forças de segurança do governo. Enquanto estava deitado na rua, levou um tiro fatal na cabeça.

Os assassinos pegaram a Bíblia do pastor, a carteira de identidade e a motocicleta e deixaram o corpo na rua. No início, as forças de segurança afirmaram que Gnanaseelan carregava explosivos, mas depois disseram que ele foi alvejado porque não parou quando lhe foi pedido, embora o tiro fatal tenha sido dado enquanto ele estava caído no chão. A Aliança Evangélica Mundial chamou isso de “tentativa deliberada de incriminar o rev. Gnanaseelan”, um homem “não envolvido em nenhuma atividade política”.[53]

No sul da Ásia, facções de hindus e budistas misturam sua religião com um nacionalismo chauvinista e violento, no caso o nacionalismo cingalês. O budismo teravada, dominante no Sri Lanka, tem características distintas do mais conhecido (no Ocidente) budismo tibetano ou do budismo chinês maaiana. Muitos da maioria religiosa e étnica cingalesa, cerca de 70% da população, acreditam que lhes foi confiado o futuro de uma forma particularmente pura de

budismo. Essa mescla de identidade étnica, religiosa e política deu origem à militância religiosa, inclusive justificando a violência em nome da proteção do budismo contra a corrupção, e especialmente de povos e religiões estrangeiros.

Em 1956, o Parlamento transformou o idioma cingalês na única língua oficial e deu início a uma era de ampla discriminação contra a minoria tâmil, cerca de 11% da população, amplamente hindus e linguística e etnicamente distintos. Em 1959, um monge budista assassinou o primeiro-ministro S. W. R. D. Bandaranaike, por este não proteger a posição privilegiada do budismo cingalês. Em 1978, o Artigo IX da nova Constituição concedeu ao budismo "a primazia" e exigiu que o Estado o "proteja e dissemine". Embora o Artigo X garanta liberdade de pensamento e religião, incluindo o "direito a ter ou a adotar a religião de escolha pessoal" e de manifestá-la "em público e em particular", a dura realidade é a constante discriminação legal contra não budistas e a violência contra minorias religiosas, incluindo cristãos.

Guerra civil

Alguns membros do grupo étnico tâmil buscaram a independência e apoiaram o grupo militante Tigres da Libertação de Tâmil Eelam (TLTE), que promoveu uma violenta campanha para criar um país independente no Norte e no Leste, onde vive a maioria dos tâmeis. O TLTE frequentemente empregava crianças como soldados, realizava assassinatos brutais e foi pioneiro no uso de homens-bomba. Por sua vez, o governo do Sri Lanka cometeu amplas violações aos direitos humanos, incluindo execuções extrajudiciais por parte de paramilitares, artilharia indiscriminada e ataques aéreos. A guerra civil ceifou dezenas de milhares de vidas e durou de 1983 a 2009, quando o TLTE foi derrotado.

Desde então, a maior parte do conflito se dá entre hindus e budistas. Mas os cristãos, 8% da população e na maioria católicos, também sofreram na guerra. Uma vez que o grupo de cristãos é composto de tâmeis e cingaleses, alguns foram simplesmente vítimas gerais da guerra. Em 2 de janeiro de 2007, por exemplo, 16 cristãos tâmeis foram mortos por um bombardeio do governo em Padahu Thurai, no distrito de Mannar. O bombardeio destruiu 25 casas, e cerca

de 60 pessoas ficaram feridas, incluindo alguns que perderam membros; entre os mortos havia 7 crianças com menos de 10 anos.[54]

Em outra ocasião, porém, os cristãos aparentemente eram alvos específicos. O padre Thiruchelvam Nihal Jim Brown foi ordenado em 2004. Em julho de 2006, foi indicado como padre da paróquia da Igreja de São Felipe Neri, no distrito de Jaffna. O sacerdote anterior, o padre Amal Raj, fora transferido; ele havia recebido ameaças de morte depois de pistoleiros terem assassinado uma família cristã na vila de Allaipiddy. O tio de Jim Brown, Manuel Aseervathampillai, descreveu Jim como "um samaritano". Ele diz: "Durante o período de guerra, o padre Brown mandou trazer cestas básicas para seus congregados, carregando-as em seus ombros vários quilômetros a pé ao longo da terra sem dono entre as forças rivais".[55] Num confronto em 12 de agosto de 2006 entre a Marinha e o TLTE, a artilharia naval destruiu uma igreja, e vinte pessoas foram mortas, além de várias feridas. O padre Jim reuniu cerca de oitocentos paroquianos e levou-os para um abrigo na Igreja de Santa Maria em Kayts, cidade vizinha. Implorou às tropas navais no ponto de controle e conseguiu que elas permitissem que aquelas pessoas escapassem da violência.[56]

Em 20 de agosto, o padre Jim Brown saiu de Kayts com seu assistente, Wenceslaus Vincent Vimalan. Posteriormente, encontraram outro padre na estrada, o padre Peter Thurairatnam. Foram parados num ponto de controle militar e lhes disseram que não poderiam ir além. Depois de terem se separado no ponto de controle em Allaipiddy, o padre Brown e o sr. Vimalan desapareceram.[57] Em 14 de março de 2007, um pescador encontrou um pesado saco de areia amarrado a um "torso mutilado" na costa da península de Jaffna, perto de Pungudutheevu. Fontes hospitalares não oficiais dizem que o DNA era do padre Brown.[58]

Infortúnios legais

Os cristãos do Sri Lanka também sofrem de discriminação legal. Em 2003, uma ordem católica, as Irmãs da Santa Cruz, que presta serviços nas áreas sociais e de educação, tentava se organizar como entidade legal. Alguns budistas levantaram

objeções dizendo que isso violaria a proteção constitucional ao budismo. Por fim, a Suprema Corte negou que houvesse um “direito fundamental de propagar a religião” e afirmou que “a propagação [e a disseminação do cristianismo] prejudicaria a existência do budismo”. Mesmo depois de o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas ter dito que a decisão violava as obrigações internacionais dos direitos humanos do Sri Lanka, a Suprema Corte reafirmou explicitamente sua decisão. Desde então, atividades cristãs básicas são legalmente rotuladas como contrárias à Constituição e ameaça à existência do budismo.[59] Enquanto isso, livros escolares fazem comentários difamatórios sobre o papa e a Igreja Católica, e o Ministério de Assuntos Religiosos declara que toda construção e manutenção de lugares de culto precisam receber permissão.[60]

O ano de 2003 também viu a morte de Gangodawila Soma Thero, popular monge anticristão que havia muito reclamava das conversões de budistas a outras religiões. Ainda que se tenha provado que sua morte ocorreu por causas naturais, muitos monges afirmaram que forças cristãs apoiadas por ONGs internacionais foram as responsáveis pelo assassinato. Seu sepultamento na véspera do Natal disparou uma onda sem precedentes de violência anticristã e queima de igrejas. Houve cerca de duzentos ataques violentos a igrejas e comunidades cristãs, incluindo dezenas de templos atingidos por bombas incendiárias e profanações. Mais de 140 igrejas foram forçadas a fechar devido a ataques, intimidações e ameaças. Todavia, houve poucas prisões de criminosos e ainda menos processos.[61]

Budistas radicais ligados ao partido Jathika Hela Urumaya (JHU) apresentaram projetos de lei que classificam como ilegal a “indução” à conversão voluntária fora do budismo, o que pode ser punido com cinco a sete anos de prisão por “promover a fé”, objetivo comum ao cristianismo, ao islã e a muitas outras religiões. A lei é supostamente planejada para impedir que as pessoas sejam forçadas a se converter de uma religião para outra sob coação ou sedução por dinheiro ou vantagem econômica. Contudo, assim como na Índia, a linguagem abrangente da lei a torna suscetível ao abuso. Ajudar uma pessoa pobre pode ser

visto como forma de coerção. Assim como acontece na Índia, a lei proposta cria um clima e um pretexto para ataques aos cristãos.

Uma epidemia de violência

Por volta das 9 horas da noite de 17 de fevereiro de 2008, Samson Neil Edirisinghe, 37 anos, pastor de uma igreja em Ampara, voltava para casa após uma refeição na casa de um amigo. Sua esposa, Shiromi, 31 anos, e seu filho de 2 anos o acompanhavam. Dois homens dirigindo uma motocicleta se aproximaram e atiraram no pastor pelas costas, matando-o de imediato. Também atiraram em sua esposa, deixando-a em estado crítico; seu filho sofreu ferimentos leves, mas estava em estado de choque depois de ver os pais baleados.[62] A polícia levou a criança para uma sede da Associação Cristã de Moços antes de levar o casal para o hospital de Ampara, onde o pastor foi declarado morto. Testemunhas dizem que os dois assassinos usavam um uniforme das tropas da Guarda Local — uma força de segurança estabelecida para ajudar a polícia e as forças armadas. No início da manhã seguinte, a polícia prendeu dois homens usando uniformes da Guarda Local, que confessaram ter matado o pastor.[63]

Há indicações de que o assassinato foi encomendado por um marido cuja esposa havia se convertido ao cristianismo. Os assassinos disseram que receberam um pagamento de 100 mil rúpias (cerca de 900 dólares) de um empresário rico em Ampara pela morte do pastor. Não foi o primeiro ataque contra o pastor por seu evangelismo. Em novembro de 2007, incendiários tentaram queimar sua casa.[64]

Em 2 de março de 2008, homens mascarados dirigindo motocicletas atacaram dez alunos do Seminário Bíblico da Igreja dos Cristãos, em Lunuwila, no distrito de Puttlam, os espancaram e os chutaram e bateram neles com varas. Duas semanas depois, em 15 de março, um membro do Conselho Provincial, Winton Appuhamy, portando uma arma, atacou um guarda de segurança da escola.[65] Em 23 de junho de 2008, em Uhana, três homens pediram ao reverendo Fernando, da igreja metodista em Ampara, que os seguisse até uma casa onde disseram que três pessoas queriam se tornar cristãs. Quando o pastor percebeu a armadilha e

os convidou a ir à igreja, os homens o espancaram severamente e o advertiram a que não voltasse mais à vila. Supostamente os homens eram membros da Gramarakshaka Niladhari, ou "Guarda Local".[66] Em 25 de março de 2009, um homem carregando um facão entrou na Igreja Comunitária Vinhedo em Pannala, no distrito de Kurunegala, e atacou o pastor assistente e um colaborador, que sofreram cortes na cabeça, nos lábios e nas mãos.[67]

Depois que separatistas tâmeis foram derrotados em maio de 2009, houve um aumento na violência contra cristãos. Em 28 de julho, uma multidão incendiou uma igreja da Assembleia de Deus em Norachcholai, destruindo o prédio, que havia substituído o outro prédio que fora destruído por um incêndio no ano anterior. Naquele mesmo mês de julho, o pastor de uma igreja do Evangelho Quadrangular e sua esposa foram parados na rua em Radawana por uma multidão que gritava que não toleraria atividades cristãs em Norachcholai. Durante o ataque, golpearam o pastor com varas e jogaram esterco de vaca nele. Na mesma vila, em 28 de junho, uma multidão, incluindo monges budistas, vandalizou a casa de uma pastora da igreja do Evangelho Quadrangular. A pastora foi forçada a assinar um documento declarando que não realizaria cultos para pessoas que não fossem da família. No mês seguinte, três homens mascarados atacaram o pastor de outra igreja do Evangelho Quadrangular no distrito de Polonnaruwa que voltava de uma reunião de oração. Enquanto tentavam cortar sua garganta, gritavam: "Se deixarmos você vivo, você vai converter a cidade inteira!".[68] O pastor escapou, com cortes severos; seus braços foram feridos enquanto tentava proteger a garganta.[69]

A Igreja Católica Rosa Mística em Crooswatta, a dezesseis quilômetros ao norte de Colombo, capital do Sri Lanka, atende mais de trezentas famílias. Seu santuário foi construído em 2003, e a igreja começou o trabalho de ampliação em fevereiro de 2007. Essa ampliação levou a tensões com alguns budistas locais. Em 28 de setembro de 2007, um grupo de extremistas foi ao local e fez uma ameaça: "Se a construção não parar amanhã, vocês perderão de dez a quinze vidas". Com medo da violência, muitos paroquianos não celebraram a missa.

A disputa foi temporariamente encerrada quando o padre Susith Silva

concordou em postergar a ampliação. Contudo, em 6 de outubro, a polícia interrompeu a missa, ordenou que os padres interrompessem a liturgia e mandou os paroquianos para casa. A igreja foi aos tribunais mais uma vez, e recebeu permissão de manter a missa, o catecismo e outras atividades religiosas, mas a construção permaneceu suspensa.

Os budistas locais continuaram a protestar contra a igreja, dizendo que sua presença insultava as famílias budistas da área. Uddamitta Buddahsiri, monge principal do Templo Budista Kotugoda Boddhirukkaramaya, líder dos protestos iniciais, disse que os moradores daquela área "não querem uma igreja ali. Os católicos podem ir às outras duas ou três igrejas da região. Não vamos deixar que terminem a construção. Se ela recomeçar, a vila inteira protestará". O padre Silva reagiu dizendo que a maioria dos católicos "é de pessoas pobres que não podem pagar um táxi para ir à igreja mais próxima, que fica a vários quilômetros de distância".[70]

Em 28 de julho de 2008, a Suprema Corte permitiu que a igreja continuasse a construção. Contudo, em 6 de dezembro de 2009, uma multidão de cerca de mil pessoas invadiu a igreja. O padre Jude Lakshman, um dos sacerdotes presentes, relatou sobre a violência: "Ainda posso ouvir os gritos em meus ouvidos: 'Matem-no!'. [...] Uma multidão de cerca de mil pessoas com varas, espadas e pedras invadiu a igreja quando meus paroquianos e eu ainda estávamos lá dentro. Eu tinha acabado de concluir a missa das 7 horas. [...] Eles destruíram tudo".[71]

Um dos agressores tentou atingir o padre Lakshman com uma espada, e seis paroquianos precisaram ser hospitalizados depois de terem sido espancados com espadas e bastões. A multidão enfurecida queimou carros e destruiu estátuas religiosas e o altar.[72]

Butão

O país himalaio do Butão, remoto, montanhoso e amplamente budista, nunca colonizado, surge vez ou outra na imaginação ocidental como uma Shangri-lá, uma terra linda e pacífica, isolada do mundo exterior, fonte de sabedoria mística.

Por mais belo que de fato seja, nas últimas décadas o país tem visto pouca paz e também tem sido altamente repressor, sobretudo em relação às minorias religiosas. Felizmente, há indicações promissoras de mudanças, ainda que, por ora, permaneçam não cumpridas.

Preservação e proteção do budismo

Cerca de 3/4 dos setecentos mil habitantes do Butão são budistas, e a maioria restante é hindu: os cristãos formam apenas 1% ou 2% da população. É o único país budista vajrayana do mundo (vajrayana é um desdobramento do maaiana, um dos dois ramos principais do budismo), e grande parte de seu povo, como no Sri Linka, acredita que possui um chamado nacional para preservar, proteger e promover as crenças vajrayanas como núcleo de sua cultura e soberania. Com essas preocupações em mente, existem até mesmo regulamentos governamentais sobre vestimenta, linguagem e estilo arquitetônico.

Nesse pequeno país espremido entre os gigantes China e Índia, a preservação da cultura também é vista como essencial à segurança nacional. Antes de 1950, o Butão tinha dois outros vizinhos, o Tibete e o Siquim, ambos pequenos países budistas. A China invadiu o Tibete em 1950 e, depois de um grande influxo de imigrantes hindus, Siquim votou por se tornar um estado indiano em 1975. O ministro de Assuntos Internos e Cultura do Butão, de modo significativo também ministro da Segurança Nacional, declarou: “Se perdermos nossa cultura, perdemos tudo”.[73] A Constituição descreve o budismo como a “herança espiritual” do país. Um dos principais propósitos da Lei das Organizações Religiosas é “proteger a herança espiritual do Butão”.[74]

Uma monarquia absolutista por mais de cem anos, nos anos 1980 e 1990 o governo privou muitos hindus de sua cidadania, e quase cem mil deles fugiram para o Nepal, onde, em 2010, uma estimativa de setenta mil deles ainda estavam em campos de refugiados. Isso transformou o Butão no maior criador de refugiados *per capita* do mundo, uma dúbia notoriedade que incluiu enormes violações dos direitos humanos.

Nos últimos anos, porém, ocorreram grandes mudanças. Em 2008, o Butão realizou suas primeiras eleições democráticas e tornou-se uma monarquia

constitucional. O artigo 7 da Constituição de 2008 protege “o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”.[75] O rei diz que será o protetor de todas as religiões, não apenas do budismo, e o governo aprova expressamente a liberdade de culto cristão. Diversas organizações budistas e uma federação hindu obtêm registro legal com base na Lei das Organizações Religiosas.[76]

Contudo, a Lei de Segurança Nacional proíbe palavras ou atos que promovam “com base em religião, raça, idioma, casta ou comunidade, ou qualquer outra base que seja, sentimentos de inimizade ou ódio entre diferentes comunidades [...] religiosas”. O governo acredita que o “proselitismo” possa levar à inimizade e também ameace a cultura. Assim, o artigo 7 da Constituição declara: “Nenhuma pessoa será compelida a pertencer a outra fé por meio de coerção ou persuasão”.[77] A Seção 643 do código penal impede o “uso de coerção ou outras formas de persuasão que levem uma pessoa a converter-se de uma religião ou fé para outra”.[78] Embora quase qualquer pessoa concorde com a proibição de tentativas de “coagir” uma mudança religiosa, a definição de “persuasão” é, como em outros lugares, vaga.

Em 6 de outubro de 2010, Prem Singh Gurung, cristão de 40 anos, foi sentenciado a três anos de prisão por exibir filmes cristãos em duas vilas butanesas. Foi acusado de “tentativa de promoção de intranquilidade civil” e de violar a Lei de Informação, Comunicação e Mídia de 2006, que exige avaliação prévia de todos os filmes por parte de autoridades públicas antes de exibição pública.[79]

Oração por mudança

O governo ainda desconfia de conversões, e em particular das conversões cristãs. O primeiro-ministro Jigmi Yoser Thinley reconheceu que a Seção 643 é planejada para impedir a evangelização, sobretudo por parte de cristãos, que o praticam com mais frequência que budistas e hindus, uma vez que faz parte de sua missão religiosa. Além disso, oficiais do governo reconhecem acreditar que muitos cristãos induzem conversões por meio de promessas de vantagem econômica, social e espiritual.

Ainda que Thinley reconheça que os cristãos devem ter direitos iguais aos dos budistas e hindus, e ainda que líderes cristãos afirmem sua oposição às conversões não éticas e expressem desconforto diante das percepções errôneas sobre o cristianismo, a associação do cristianismo com "proselitismo" ainda leva a restrições impostas aos cristãos sobre a prática de sua fé. O cristianismo ainda não tem *status* legal, o que significa que, embora tenham permissão para cultuar livremente em suas casas, não é permitido aos cristãos ter edifícios eclesiásticos, livrarias ou cemitérios.

Apesar das altas expectativas e do apoio declarado do governo para o registro da federação cristã, nenhuma ação foi tomada. Contudo, o governo butanês tem alto nível de confiança da parte de seu povo, incluindo cristãos, que são simpáticos à necessidade de harmonia social e religiosa. O primeiro-ministro, parcialmente criado como cristão, chama o cristianismo de "um bom arcabouço moral e ético para o funcionamento de uma boa sociedade".[80] Portanto, ainda que frustrados com as restrições e os atrasos, a maioria dos cristãos é paciente e não espera um retorno ao tipo de violência vista no Sri Lanka ou na Índia.[81]

Mudanças: sementes promissoras de liberdade

Cada um desses países enfrenta mudanças imensas. A Índia experimenta crescimento econômico contínuo que pode transformá-la numa das maiores potências mundiais. No nível federal, o partido nacionalista hindu PBJ está fora do poder nacional desde sua derrota em 2004, além de ter sofrido outras perdas em 2009. A guerra civil do Sri Lanka terminou efetivamente em 2009. Em 2008, encerrou-se o conflito do Nepal com os maoístas, a monarquia hindu foi abolida e o país foi declarado uma república secular. Nesse mesmo ano, o Butão realizou suas primeiras eleições democráticas e tornou-se uma monarquia constitucional, e a nova Constituição prometeu "liberdade de pensamento, consciência e religião".[82]

Até aqui, essas mudanças nem sempre produziram retrocesso da perseguição a cristãos ou a outras minorias religiosas. Na Índia, a conversão ao cristianismo é muitas vezes restrita, especialmente no nível provincial, *de facto* senão *de jure*,

por elementos pertencentes às religiões majoritárias. Persiste a repressão realizada por diversos estados, juntamente com violentos ataques locais endêmicos. No Nepal, o cristianismo ainda não é legalmente reconhecido, e milícias reacionárias hindus como o Exército de Defesa do Nepal ameaçam bombardear todas as casas cristãs. Do mesmo modo, é proibido aos cristãos do Butão ter igrejas ou cemitérios, uma vez que o cristianismo não é legalmente reconhecido e as mudanças prometidas demoram a chegar. O fim da guerra no Sri Lanka não levou à harmonia, mas ao surgimento de violência contra cristãos e outros grupos.

Mas essas mudanças contêm sementes de liberdade, e são razões de real esperança de menor violência, além de aumento de liberdade para todos esses povos. Nesses países, a diferença é feita por líderes políticos comprometidos com reformas, líderes religiosos comprometidos com relações pacíficas, liderança eclesiástica forte e atenciosa, advocacia perspicaz e apoio de outros. Se prosseguidas e apoiadas, essas coisas mudarão a situação gradativamente para melhor nos próximos anos.

5
O mundo muçulmano: Um peso de repressão

Malásia • Turquia • Área administrada por turcos-cipriotas ou República Turca do Norte do Chipre • Marrocos • Argélia • Jordânia • Iêmen • Territórios palestinos

Em setembro de 2004, na Jordânia, Mohamed Abbad, um convertido ao cristianismo, foi preso sob a acusação de apostasia. Ele se recusou a renunciar à fé cristã, e foi considerado culpado e privado de seus direitos civis. A decisão judicial afirmou que ele não possuía mais identidade religiosa legal e, portanto, não tinha mais direito a propriedade nem poderia ser legalmente empregado. Também declarou que seu casamento estava anulado e afirmou que só poderia se casar novamente com sua esposa caso se convertesse de volta ao islã; potencialmente, poderia perder a guarda de seus filhos. Depois de receber ameaças de morte de seus irmãos, fugiu do país.[1]

A mais ampla perseguição a cristãos hoje acontece no mundo muçulmano e vem se espalhando e se intensificando. Naturalmente, existem muitos graus diferentes de repressão e perturbação. Os países que discutiremos neste capítulo — Malásia, Turquia, a área administrada por turcos-cipriotas ou República Turca do Norte do Chipre, Marrocos, Argélia, Jordânia, Iêmen e os territórios palestinos — não são de modo algum tão perigosos e mortais para os cristãos como a Arábia Saudita e o Irã. Todavia, em graus variados, fazem discriminação aos cristãos e, às vezes, os cristãos são submetidos a atos de perseguição, o que resulta em restrição à prática cristã.[2] Com exceção da Malásia, no Sudeste Asiático, esses países estão concentrados no Oriente Médio e em torno do mar Mediterrâneo.

Malásia

Em dezembro de 2007, a Associação Muçulmana Chinesa da Malásia, junto com conselhos religiosos islâmicos de sete estados, instauraram um processo contra o periódico semanal em língua malaia *Catholic Herald*, publicado pela diocese católica de Kuala Lumpur, por usar a palavra *Alá*. Apesar de o periódico ser distribuído apenas nas igrejas católicas, alguns muçulmanos reclamaram que a palavra ofensiva também podia ser encontrada no *website* do jornal. O governo federal concordou, dizendo que a palavra "Alá [...] poderia aumentar a tensão e criar confusão entre muçulmanos", e também ordenou ao *Herald* que imprimisse o termo *terhad* ("restrito") na página frontal, significando que o jornal só poderia ser distribuído para cristãos.[3]

Em 31 de dezembro de 2009, uma corte estadual determinou que os cristãos tinham o direito constitucional de usar a palavra *Alá*, uma vez que o foco do *Herald* era tão somente alcançar cristãos. Isso causou enorme confusão. O governo pediu calma, mas rapidamente disse que apelaria e, em 6 de janeiro de 2010, a juíza suspendeu sua determinação até a decisão de um tribunal de apelações.

No meio do alvoroço, onze igrejas foram vandalizadas (algumas das quais bombardeadas), um templo sique foi atacado, cabeças de porcos foram encontradas em duas mesquitas e dois rapazes muçulmanos profanaram uma hóstia. Também houve ataques à equipe jurídica do *Herald*, cujos escritórios foram vandalizados.[4]

Impedimento ao cristianismo

As autoridades do governo malaio têm orgulho do sucesso econômico do país, e seus líderes políticos, como o ex-primeiro-ministro Abdullah Badawi, enfatizam que o país desenvolve um islã moderno, um "Islã Civilizacional" (*Islam Hadhar'i*). O artigo 3 da Constituição torna o islã "a religião da federação", enquanto "outras religiões podem ser praticadas em paz e harmonia". O artigo 11 dá a todos "o direito de professar e praticar sua religião e [...] propagá-la". Na

prática, porém, restrições e discriminação sistemática por parte do governo enfraquecem essa promessa.

Embora a Malásia seja mais aberta que muitos outros países muçulmanos e a violência seja rara, os governos estaduais e locais tentam reforçar sua posição eleitoral apelando à população de maioria muçulmana. Uma tática cada vez mais usada é fazer discriminação contra os 40% da população que não é muçulmana, assim como aos muçulmanos não sunitas.

Governos estaduais usam sua autoridade acerca da construção de locais de culto não muçulmanos e da terra para cemitérios não muçulmanos a fim de impedir ou bloquear a atividade cristã. O governo do estado de Selangor levou 28 anos para aprovar a construção da Igreja Católica Romana da Divina Misericórdia, e mesmo assim ela foi transferida para o horrível parque industrial de Glenmarie, na cidade de Shah Allam. Em algumas cidades novas, como Putrajaya, não foi permitida a construção de nenhum centro religioso não muçulmano.[5]

Na Malásia, a religião costuma estar intimamente relacionada à etnia. Os 10% de cristãos da população malaia de 26 milhões de habitantes são, em sua maior parte, da minoria étnica chinesa do país; na ilha de Bornéu, fazem parte da população local dos orang asli, o que leva à discriminação. O Estado faz discriminação na habitação, na educação e no emprego em favor da etnia malaia, legalmente definidos como muçulmanos. Os malaios étnicos, os “bumiputeras”, recebem por lei preferências econômicas especiais: quando vendem casas, os incorporadores precisam reservar pelo menos 30% das unidades para os bumiputeras, que também recebem 10% de desconto. Existe discriminação similar na educação e nos negócios. Uma vez que os malaios étnicos são definidos como muçulmanos, o resultado é uma aguda discriminação em favor dos muçulmanos. Também há relatórios de agências do governo pressionando os orang asli a se converterem ao islã.

Outro descontentamento geral é que as autoridades religiosas podem confiscar corpos de falecidos antes que as famílias consigam sepultá-los e, em seguida, sepultar os corpos de acordo com a prática muçulmana se um tribunal da *sharia*

(lei islâmica) determinar que eles eram muçulmanos — decisão que exige apenas a palavra de uma testemunha muçulmana.[6]

Bíblias: “Proibida para muçulmanos”

O governo malaio usa a Seção 7(1) da Lei de Publicações e Impressos de 1984 para restringir ou proibir publicações que, na visão do governo, contradizem a versão oficial do islã. Entre 2000 e julho de 2009, 397 livros foram proibidos, incluindo *Islam at the Crossroads* [Islã na encruzilhada], dos autores Paul Marshall e Lela Gilbert, junto com Roberta Green. Em 2003, o governo proibiu a publicação de uma Bíblia em iban, língua nativa, abertamente para impedir cristãos de fazerem proselitismo, apesar de a proibição ter sido suspensa mais tarde. Em 2005, o primeiro-ministro Badawi propôs que Bíblias no idioma malaio tivessem a frase “proibida para muçulmanos” estampada na capa, fossem distribuídas somente em igrejas ou livrarias cristãs e tivessem o uso proibido em lares malaios.[7]

Em 1986, o Ministério de Segurança Interna proibiu o uso da palavra *Alá* em publicações não islâmicas (a mesma lei com que o *Herald* enfrentou dificuldades). A justificativa é que seu uso poderia confundir os muçulmanos. Embora essa proibição tenha sido raramente observada até 2007, a restrição era altamente incomum, uma vez que *Alá* é a palavra árabe para Deus. Cristãos de fala árabe fazem uso dela há séculos, assim como os cristãos da vizinha Indonésia. Nenhum outro país tem tal proibição, e mesmo o Partido Islâmico Malaio se opõe a ela. Ao que parece, o governo pensa que a população malaia se confunde facilmente; uma posição que diverge de sua afirmação de que representa um islã aberto e moderno. Pior ainda, ela insulta a vigorosa e cada vez mais instruída população da Malásia, deixando implícito que o povo não é capaz de lidar com ideias e pensamentos diferentes.

Em março de 2009, oficiais da alfândega começaram a apreender livros cristãos que continham a palavra *Alá*. Uma vez que a vizinha Indonésia, cujo idioma é similar ao malaio, tem Bíblias com a palavra *Alá*, Bíblias indonésias e outros tipos de literatura cristã não poderiam ser importados para a Malásia. Por fim, 35 mil Bíblias foram retidas, e o governo disse que só poderiam ser

liberadas se números de série e a frase “apenas para cristãos” fossem estampados na capa. Mais tarde, o governo disse que as Bíblias seriam liberadas sem os números de série, mas com as palavras “para o cristianismo” na capa, e que todos os lotes posteriores deveriam seguir as normas e conter um selo oficial e as palavras “por ordem do ministro do Interior”. Em março de 2011, o governo anunciou que liberaria as Bíblias somente se elas estampassem a frase “A Bíblia Boas-Novas é para uso restrito de cristãos”.[8]

Enquanto isso, em 2010, o estado de Selangor, usando o Decreto de Ofensas Criminais da *sharia*, de 1995, que implica penas de prisão de até dois anos, declarou que não muçulmanos não poderiam usar 35 termos islâmicos, entre eles *Allah*, *Firman Allah* (decreto de Alá), *solat* (orações diárias), *Rasul* (profeta), *mubaligh* (missionário), *iman* (fé) e *haji* (muçulmanos que fizeram a peregrinação).[9]

É proibido deixar o islã

Lina Joy nasceu numa família muçulmana malaia em 1964 e recebeu o nome de Azlina binti Jailani. Em 1990, começou a frequentar missas e, em 11 de maio de 1998, foi batizada na Igreja Católica. Pouco depois, tentou se casar com um católico, mas o Registro Civil de Casamentos da Malásia negou o pedido porque uma muçulmana registrada não poderia se casar com um não muçulmano.

Ela então fez o pedido para mudar o nome e a religião em sua carteira de identidade, mas, embora lhe tenha sido concedida a mudança de nome para Lina Joy, ela não podia mudar sua religião oficial sem a permissão de um tribunal islâmico da *sharia*. Uma vez que os tribunais da *sharia* nunca concederam tal pedido, e protestando que, como católica, não estava sob a jurisdição do tribunal da *sharia*, apelou para as cortes civis. Em 18 de abril de 2001, um tribunal da Alta Corte sentenciou contra ela, dizendo que os muçulmanos malaios estavam proibidos de renunciar ao islã. Embora o artigo 11 da Constituição garanta liberdade de religião, a corte decidiu que essa liberdade deve ser construída harmoniosamente com outras provisões, incluindo a proibição islâmica da apostasia. Em 15 de setembro de 2005, a corte de apelação também negou seu

pedido. Finalmente, em 30 de maio de 2007, a Corte Federal Malaia confirmou os veredictos.

Lina Joy foi renegada por sua família e despedida de seu emprego como vendedora. Ela e o namorado, com quem não tem permissão de se casar, fugiram por medo de extremistas muçulmanos que a ameaçaram.[10]

A Malásia enfrenta crescente polêmica sobre conversões de muçulmanos para o cristianismo, o hinduísmo, o budismo ou o siquismo. Embora tenham ocorrido ameaças e prisões, esses casos normalmente são abordados através de um processo legal. Como resultado, muçulmanos costumam ser impedidos de se converter. Dez estados — Terengganu, Kelantan, Selangor, Perak, Kedah, Malacca, Pahang, Negeri Sembilan, Johor e Perlis — também possuem leis que limitam a expansão de outras religiões entre os muçulmanos. Em Negeri Sembilan, um mufti deve aconselhar os candidatos à conversão por um ano e, se eles ainda quiserem se converter, um tribunal da *sharia* pode permitir. Nenhum outro estado tem procedimentos para deixar o islã; em alguns, a tentativa de conversão pode ser punida com multa ou sentença de prisão. Os tribunais da *sharia* ordenaram que os candidatos à conversão fossem detidos para "reabilitação".[11]

Tendências políticas perigosas

Esses casos de tribunais e de proibição de palavras e Bíblias aumentaram as tensões, e grupos radicais islâmicos procuram fomentar a intranquilidade. Em 2008, depois de um tribunal ter julgado que uma mulher budista jamais havia se tornado muçulmana, o grupo extremista islâmico Hizbut Tahrir Malaysia protestou do lado de fora do tribunal, e seu presidente, Abdul Hakim Othman, declarou: "No islã, uma pessoa que insiste em deixar sua religião deve ser punida com a morte".[12]

Em agosto de 2011, a Igreja Metodista Damansara Utama, em Petaling Jaya, promoveu um jantar de gratidão por uma obra de caridade que trabalhava com pacientes de HIV. Em apoio à unidade pan-malaia, o jantar incluiu cidadãos de diferentes raças e religiões. O Departamento Islâmico de Religiões do Estado de Selangor considerou isso muito suspeito, e a polícia invadiu o evento. Não

deram nenhuma explicação oficial para a invasão, mas seus defensores dizem que tinha o propósito de defender o islã, por temer que houvesse tentativas de converter muçulmanos. Embora o sultão de Selangor, Sharafuddin Idris Shah, tenha concluído que não havia provas "suficientes" de "proselitismo", ainda assim ordenou que oficiais islâmicos "fornecessem aconselhamento aos muçulmanos envolvidos no dito jantar, para restaurar sua crença e sua fé na religião do islã".[13]

Em 2011, havia sinais de que os partidos governantes, preocupados em perder o apoio muçulmano, lançavam suspeitas sobre os não muçulmanos, especialmente cristãos. Em 14 de maio, depois de o jornal *Utusan Malaysia* ter afirmado que havia uma conspiração para transformar a Malásia num Estado cristão, Ibrahim Ali, líder da organização Pertubuhan Pribumi Perkasa Malaysia, com alegados trezentos mil membros, ameaçou promover uma campanha contra cristãos.[14] Hasan Ali, membro do conselho executivo encarregado de assuntos islâmicos no estado de Petaling Jaya, fez acusação de apostasia e declarou que cristãos usavam "Bíblias falantes movidas a energia solar para converter" muçulmanos.[15]

Turquia

Em 18 de abril de 2007, três homens protestantes foram encontrados com sinais de tortura, amarrados, esfaqueados e estrangulados dentro do escritório da editora cristã Zirve, em Malatya. As vítimas eram Necati Aydin e Ugur Yuksel, ambos protestantes turcos convertidos do islã, e Tilmann Geske, missionário protestante alemão. Os assassinatos foram cometidos por cinco jovens, presos enquanto fugiam da cena do crime.

O julgamento do assassinato, que se arrasta desde novembro de 2007, tem sido explosivo, não por quaisquer revelações sobre o crime em si, mas por aquilo que tem revelado sobre conexões entre o crime, grupos ultranacionalistas (chamados "Ergenekon") dentro do governo e outros externos a este. As audiências expõem uma paranoia anticristã generalizada tanto na sociedade como no governo turco. Em dezembro de 2010, um advogado de defesa declarou em juízo que as vítimas

“planejavam eliminar nossa religião, dividir nosso país, subornar nosso povo e apoiar financeiramente organizações terroristas” e gritou para os juízes: “Esta é uma corte protestante”.[16] Mehmet Ulger, comandante da força policial na época dos assassinatos, admitiu que, embora o proselitismo seja legal na Turquia, a polícia o considerava uma atividade “da extrema direita”, “igual à atividade radical islâmica”.[17] Em março de 2011, vinte pessoas foram detidas por ter conexões com os assassinos da Malatya e com a conspiração da Ergenekon.[18]

Em sua coluna de janeiro de 2007 para o jornal semanal armênio *Agos*, o editor-chefe Hrant Dink escreveu que foi levado a se sentir um “inimigo do Estado turco”. Seus artigos com críticas ao tratamento dispensado pela Turquia a cristãos e outras minorias havia submetido o escritor turco-armênio a acusações criminais e à condenação com base no artigo 301 do código penal por “insultar a identidade turca”. Só no ano anterior, ele havia recebido mais de seis mil ameaças de morte. Dink não enfatizou o nacionalismo armênio e se opôs à legislação europeia que criminaliza a negação do genocídio armênio. Seus textos, porém, de fato se referiam ao “genocídio” turco de 1915 contra cristãos armênios e buscava iniciar uma discussão nacional sobre a contribuição cultural de arquitetos, escritores e médicos cristãos de origem turca — assuntos considerados tabu de modo geral. Sua coluna concluiu que “2007 provavelmente será um ano difícil. [...] Quem sabe contra que outras injustiças vou me levantar novamente?”.[19]

Essa seria sua última coluna. Dias depois, em 19 de janeiro, enquanto caminhava depois de ter saído de seu escritório numa movimentada rua de Istambul, foi alvejado na cabeça a curta distância e morreu.

Cinco anos depois, o caso do assassinato de Dink finalmente foi concluído. Em 17 de janeiro de 2012, a corte de Istambul entregou seu veredicto, absolvendo todos os dezenove réus acusados de fazer parte de uma organização criminal ideológica. Não foi descoberto nenhum envolvimento do Estado. Anteriormente, uma corte de menores havia condenado Ogun Samast, 17 anos, pelo assassinato. Antes de fugir da cena do crime, ele havia gritado “Eu matei o não muçulmano!”

e “Atirei nele depois de fazer as orações da sexta-feira. Não sinto nada por isso!”.[20]

Ele provavelmente concluirá sua sentença quando completar trinta anos.

Durante a investigação, descobriu-se que um informante havia fornecido informações à polícia sobre o plano para matar Dink, mas a polícia nunca seguiu as pistas. Além disso, após a prisão inicial de Samast, a polícia o deteve num salão de chá, em vez de numa cela de prisão. Ali, fizeram fila para tirar fotos com ele, segurando um calendário onde se lia: “O solo da pátria-mãe é santo e não será abandonado”.[21] Muitas pessoas da comunidade internacional dos direitos humanos concluíram que o fracasso da corte em encontrar um plano mais amplo desafiava as evidências. Enquanto muitos dizem que o assassinato teve motivação nacionalista e não religiosa, na Turquia as duas coisas se sobrepõem.[22]

Encravada entre a Europa e a Ásia, a Turquia tem uma antiga presença cristã que há muito luta para sobreviver no meio de uma esmagadora população muçulmana. Começando com os apóstolos, a igreja floresceu por catorze séculos na região que hoje é a Turquia, antes de sofrer conquista, genocídio, troca brutal de população, massacres e muitas outras perseguições. Depois, cerca de cem anos atrás, a Turquia se tornou uma república radicalmente secular que reprimiu a religião por todos os lados e assistiu a constantes derramamentos de sangue.

Hoje uma próspera democracia sob o governo de um partido islamita, a Turquia moderna é lar de comunidades cristãs remanescentes que se veem sob o risco de ser totalmente extintas. Sofrem não tanto por causa de violência — ainda que, como visto nos assassinatos de Dink e do caso da editora Zirve, a violência possa ocorrer —, mas por meio de medidas mais sofisticadas. Eles confrontam uma densa teia de regulamentações legais que frustra a capacidade de sobrevivência das igrejas e, em alguns casos, até mesmo de reunir-se para cultuar. Essas leis, elaboradas visando a promover um nacionalismo secular extremo, também incentivam um clima de animosidade em relação aos cristãos, vistos como adversários da “identidade turca”, a despeito de o cristianismo estar presente ali há dois mil anos.

Contexto histórico

Para compreender o sufoco das minorias cristãs da Turquia, é importante entender um pouco da complexa história desse país.

Com sua lendária cidade de Istambul — anteriormente conhecida como Constantinopla —, a Turquia foi sede tanto de impérios cristãos como muçulmanos. Dentro de suas fronteiras estão as ruínas de Éfeso, a antiga cidade onde Paulo dirigiu-se aos primeiros cristãos. Por mil anos, Constantinopla foi o centro de destaque do cristianismo oriental e, por séculos após o colapso do Império Romano do Ocidente, foi um centro eclesiástico do mundo cristão.

Em 1453, a cidade de Constantinopla caiu diante dos exércitos invasores do sultão, consolidando o governo e a civilização muçulmanos por toda a Turquia. Nos quase cinco séculos seguintes de governo islâmico otomano, o islã dominou todas as áreas da vida. Sob o sistema otomano *dhimmi*, cristãos e judeus ficaram jurídica e socialmente debaixo dos muçulmanos, mas tinham permissão de cultuar e cuidar de seus assuntos particulares de acordo com seus tribunais religiosos.

Com o colapso do governo otomano entre 1914 e 1923, o movimento radical secular dos “Jovens Turcos” se destacou e colocou em ação um programa de “turquificação”, que empreendeu um golpe devastador contra a população cristã. Entre eles e o remanescente do Império Otomano, milhões de cristãos armênios, gregos e assírios tornaram-se vítimas e foram eliminados de sua terra natal ancestral na Ásia Menor. Foram destruídos por genocídios, massacres e exílios brutais. A Turquia fundada em seguida em 1923 por Mustafa Kemal Ataturk, o “pai dos turcos”, teve como alicerce um rígido nacionalismo secular no qual a identidade turca tornou-se a característica definidora do Estado, e todas as crenças religiosas foram reprimidas.

Em 2002, a Turquia embarcou numa nova direção com a eleição do Partido Islâmico Justiça e Desenvolvimento (Adalet ve Kalkınma Partisi, ou AKP). Sua popularidade se baseia em seu sucesso indubitável na modernização da economia do país, bem como em sua abertura à expressão religiosa pública, que ajudou em especial os muçulmanos sunitas. Contudo, depois de dez anos no poder, não expandiu a liberdade religiosa para os cristãos da Turquia nem

eliminou onerosas regulamentações estatais que obscurecem suas perspectivas de sobrevivência.

Os cristãos na Turquia — incluindo gregos, armênios e cristãos ortodoxos sírios, além de católicos e protestantes — definharam coletivamente para apenas 0,15% da população do país, com cerca de 78 milhões de pessoas. Como nos disse um líder religioso turco que pediu anonimato, a minoria cristã é uma "espécie em risco de extinção".

Ameaças duplas de hoje

Na Turquia atual, as comunidades cristãs enfrentam duas ameaças relacionadas: primeiro, os cristãos são contidos pelas restrições estatais superabrangentes sobre administração interna, educação, locais de culto e direito a propriedade e pela negação de *status* legal. Na prática, impedem o funcionamento de seminários e a posse direta de propriedade. Basicamente por meio de seu Diretório de Fundações Religiosas, o Estado supervisiona e tenta controlar toda atividade cristã — intrometendo-se até mesmo no título do patriarca ecumênico da Igreja Ortodoxa Grega ao não reconhecer o termo "ecumênico" e na eleição para o patriarca armênio interino.[23]

Enquanto as mulheres muçulmanas ganharam recentemente a liberdade de usar lenços na cabeça nas salas de aula, o Estado ainda proíbe todos os cristãos, com exceção de um líder de cada tradição de fé, de usar roupas religiosas em qualquer lugar público. O metropolitano sírio, Yusuf Cetin, nos disse que mesmo o metropolitano aposentado é proibido de usar suas roupas religiosas em público.[24] Idealizadas por secularistas radicais no início do século 20, tais leis restritivas são agora sistematicamente empregadas por islamitas para suprimir o cristianismo.

Segundo, de acordo com informações confirmadas pelo Pew Forum on Religion and Public Life, hostilidades sociais contra as minorias religiosas da Turquia são intensas. Tal intolerância é reforçada pela atitude oficial de suspeita contra os cristãos. É difícil até mesmo ter uma discussão nacional franca sobre a situação dos cristãos na Turquia: os que tentarem, como Hrant Dink, podem enfrentar acusações de insulto à identidade turca. Ao comentar sobre a

destruição ilegal, realizada por oficiais da cidade, de uma casa de adoração armênia em Malatya em fevereiro de 2012, um escritor turco observou:

> Estou seriamente preocupado com a atitude da prefeitura de Malatya. Muito provavelmente essa é uma retaliação "local" contra a lei francesa [criminalização da negação do genocídio armênio]. A intolerância sempre age assim. Quando seu primeiro-ministro reage de modo enfático a alguma coisa, as autoridades locais seguem o exemplo e agem do mesmo modo. E quando autoridades locais fazem alguma coisa, os locais também captam a mensagem de suas ações e agem de acordo. Isso é muito perigoso.[25]

Treinamento do clero e educação para os jovens

Um importante exemplo do opressivo regime regulatório da Turquia é a recusa governamental de permitir que o clero cristão seja treinado na Turquia e, de modo geral, sua interferência na educação religiosa. Sem o direito de formar líderes e de educar os jovens, as comunidades religiosas sofrem para passar a fé de uma geração para a seguinte.

O fechamento forçado por parte do Estado turco da Escola Teológica Ortodoxa Grega de Halki, em 1971 — local que já foi o centro educacional para o cristianismo ortodoxo global — é um exemplo característico. Localizada nas Ilhas do Príncipe, está construída no local de um mosteiro bizantino pertencente à igreja há mais de mil anos. Uma campanha internacional de quatro décadas para obter a devolução, incluindo apelos de vários presidentes americanos, foi em vão. O quadragésimo ano de seu fechamento aconteceu sem que o AKP o devolvesse, apesar das altas expectativas de que isso aconteceria. Os ortodoxos, como outros grupos cristãos da Turquia, não têm um seminário no país há mais de quarenta anos. Uma lei federal que determina que o patriarca deve ter nacionalidade turca complica o problema. Essas políticas ameaçam a própria sobrevivência do patriarcado ecumênico e seu rebanho na Turquia, agora estimado em 1.700 pessoas.[26]

A maior comunidade cristã da Turquia, a Igreja Ortodoxa Armênia, tem apenas 26 sacerdotes para ministrar a seus 65 mil fiéis. Por também ser impedida de ter um seminário, em 2006 o patriarca armênio fez uma petição ao ministro da Educação para que permitisse o estabelecimento de uma faculdade de teologia cristã, incluindo instrução dada por parte do patriarcado. O pedido foi ignorado.

Os alunos do seminário precisam ir para o Líbano ou para a Armênia para estudar. Parece não haver vontade política dos governantes turcos para permitir o treinamento do clero e de pastores cristãos.[27] Ortodoxos armênios e gregos podem ter escolas que satisfaçam rígidas regulamentações estatais, mas outros grupos cristãos não. Cursos sobre religião muçulmana em escolas públicas são obrigatórios — até mesmo cristãos enfrentam dificuldades para obter dispensa — e os livros de história turca são hostis em relação a cristãos armênios, gregos e sírios.[28]

Embora as atividades missionárias sejam legais, alguns corpos governamentais criminalizam o trabalho missionário e o declaram uma ameaça à sociedade. O colossal Diretório de Assuntos Religiosos (*Diyanet*) — com um orçamento equivalente a 1,6 bilhão de dólares extraído de impostos pagos por todos, inclusive cristãos — supervisiona todo o pessoal e as atividades religiosas da maioria muçulmana, incluindo o conteúdo dos sermões de sexta-feira das mesquitas. O órgão enviou um sermão a ser pregado em 75 mil mesquitas em toda a Turquia em 11 de março de 2005, advertindo os muçulmanos de que os missionários cristãos representavam um patente perigo à unidade nacional e à integridade da Turquia e que eram agentes de poderes cruzados que exploravam fraquezas na sociedade turca com o objetivo de destruir o Estado.[29]

O respeitado serviço de notícias Forum 18 relatou que o Diretório de Assuntos Religiosos fez a seguinte declaração:

> Hoje, em vez de realizadas por sacerdotes cristãos, as atividades missionárias são conduzidas por médicos, enfermeiras, engenheiros, funcionários da Cruz Vermelha, defensores dos direitos humanos, voluntários de forças de paz, professores de línguas, professores de informática, organizadores de atividades esportivas etc. [...] O *Diyanet* considera que essas atividades são separatistas e destrutivas, visto que podem criar uma base para uma lacuna espiritual e cultural e distorcer nossa integridade religiosa/nacional no longo prazo e, assim, considera necessário que nossos cidadãos notifiquem o *Diyanet* e todas as instituições governamentais relevantes acerca de tais atividades.[30]

O Estado priva cristãos de igrejas

A recusa estatal em permitir que igrejas tenham propriedades atinge o âmago da liberdade de culto e da prática religiosa. Em milhares de casos, o governo retém igrejas, seminários, hospitais, escolas, orfanatos e mosteiros tomados muito

tempo atrás. Às vezes o Estado nega permissão para adquirir novos edifícios eclesiásticos. Em outras ocasiões, confisca ativamente ou destrói propriedades da igreja.

De acordo com a lei turca, cultos religiosos só podem acontecer em casas de adoração de um grupo religioso legal, conforme designado pelo governo. Mas outras leis turcas impossibilitam que uma comunidade cristã obtenha reconhecimento como grupo legalizado. Como acontece nos países comunistas, os cristãos se veem num beco sem saída.

Os cinco mil protestantes da Turquia têm poucos edifícios eclesiásticos e costumam cultuar em igrejas nos lares. Em entrevista realizada em 2012, Zekai Tanyar, presidente da Associação Protestante, expressou suas frustrações na tentativa de obter permissão do governo para um local de culto:

> Já houve diálogo em diversas ocasiões, mas sem nenhum resultado. Há necessidade de mais conversa. Contudo, essas visitas não vão além de procrastinação educada. [...] As igrejas se veem jogadas de um lado para o outro entre prefeituras e governos estaduais em busca de uma solução para seu problema. Ainda que uma prefeitura responda positivamente, é comum que o governador do estado não dê aprovação. Às vezes as autoridades respondem com desculpas ridículas, dizendo coisas como "não há número suficiente de cristãos na vizinhança". Será, então, que devemos fazer contagens e formar guetos? [31]

Sob uma nova regulamentação, a Turquia estabeleceu um processo legal para pedir restituição de propriedades confiscadas para o patriarcado ecumênico e para os armênios, que, com os judeus, são as únicas três minorias não muçulmanas que a Turquia precisa reconhecer (debaixo do Tratado de Lausanne de 1923, que pôs fim aos conflitos posteriores à Primeira Guerra Mundial). Outros grupos cristãos simplesmente não são qualificados. Mas mesmo esses dois grupos cristãos especialmente protegidos não podem solicitar propriedades confiscadas entre 1923 e 1936. E apenas uma pequena fração dos cerca de 1.400 pedidos de restituição feitos em relação a igrejas, escolas e mosteiros apreendidos depois de 1936 resultou em devolução de propriedades até o momento.[32]

O patriarca ecumênico ainda espera ouvir notícias sobre seus pedidos de devolução das igrejas de sua comunidade, especialmente o Seminário de Halki e

outras propriedades religiosas, incluindo 23 mosteiros.[33] Durante mil anos, a catedral de seus antepassados foi a magnífica Igreja de Hagia Sofia, em Istambul, construída pelo imperador bizantino Justiniano I no século 6, que muitos consideram a igreja cristã mais inspiradora do mundo e que, como aconteceu a outras igrejas da Turquia, os otomanos converteram em mesquita. Ataturk transformou-a num museu, e sua grandeza continua a maravilhar milhares de visitantes todos os dias. Por ser um museu do Estado, o culto nessa grande igreja é proibido. O patriarca deve agora realizar cultos numa igreja inquestionavelmente menor e indistinta, geminada ao complexo onde ele vive numa área decadente das redondezas de Istambul. O Estado impede a Igreja Ortodoxa Grega de adquirir outra propriedade.

Num sinal agourento, em novembro de 2011, outra Igreja de Hagia Sofia foi convertida pelo Estado numa mesquita. Essa igreja, em Iznik, sul de Istambul, está num lugar nada comum. O local era antigamente chamado de Niceia, onde o primeiro concílio ecumênico cristão se reuniu, na Igreja de Hagia Sofia, no ano 325. Foi nesse local que o *Credo niceno* foi formulado. Assim como a Hagia Sofia de Istambul, a igreja em Iznik havia sido um museu nos últimos cem anos, ainda que não estivesse formalmente registrada como tal.[34]

O patriarcado ecumênico obteve uma transferência de propriedade nos últimos anos: em novembro de 2010, quando a Turquia devolveu os direitos do orfanato de Buyukada, nas Ilhas do Príncipe. Oficialmente outorgado ao patriarcado em 1902, o orfanato foi expropriado pelo Estado em 1999, resultando numa longa batalha legal, que o governo por fim perdeu na Corte Europeia de Direitos Humanos. Foi, porém, uma vitória largamente simbólica para o patriarcado, uma vez que não existem hoje órfãos em necessidade de tal abrigo. As instalações serão transformadas num centro de estudos inter-religiosos e num observatório de proteção ambiental.[35]

Num incidente ocorrido poucos dias antes, 78 sepulturas foram violadas num cemitério ortodoxo grego na ilha de Gokceada, onde o atual patriarca ecumênico, Bartolomeu I, nasceu e foi criado. Ele associou os dois eventos, vendo “um raio de esperança na solução de nossos problemas, e agora esses eventos tristes ocorrem mais uma vez. [...] Sempre que queremos respirar em

paz, acontece algo assim. Mas a igreja [...] não deixará de lutar por sua sobrevivência na Turquia".[36]

Numa reunião com a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional em fevereiro de 2011, Yusuf Cetin, o metropolitano da Igreja Ortodoxa Síria, verificou que sua comunidade possui apenas uma igreja em Istambul, onde quase 90% dos vinte mil ortodoxos sírios da Turquia vivem hoje, depois de terem sido expulsos com violência de suas áreas ancestrais no sudeste. Também conhecidos como arameus, os sírios ainda falam o aramaico, o idioma de Jesus. Suas antigas terras foram confiscadas e recolonizadas por locais que, na maioria, não estão dispostos a devolvê-las. O fato de seu problema não ter terminado é demonstrado pela recente apreensão do governo turco da propriedade do Mosteiro Mor Gabriel, de 1.600 anos, o mais antigo mosteiro ortodoxo sírio e importante local de peregrinação — uma segunda Jerusalém — para os sírios. Em janeiro de 2010, a Suprema Corte da Turquia outorgou a parte do Estado das terras do mosteiro.[37]

A única igreja da comunidade ortodoxa síria em Istambul, a qual visitamos, tem tamanho mediano e é totalmente inadequada para atender às necessidades da comunidade. Ela depende que outros grupos de fé lhe emprestem espaço para realizar cultos, casamentos, batismos e funerais, algo que, como destacou o bispo metropolitano, é difícil de reservar com antecedência. O bispo Cetin disse que está pendente junto ao governo uma requisição para a construção de uma segunda igreja, mas foi dito à comunidade que isso exige aprovação do Ministério da Defesa, pois o local fica próximo ao aeroporto. O bispo disse à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional que teme que, sem mais espaço em Istambul para realizar batismos e casamentos, os fiéis percam contato com seus rituais e se afastem da igreja. Assim, a burocracia continua a sufocar o ministério da igreja.[38]

Em julho de 2011, o governo turco permitiu, pela primeira vez em noventa anos, que a comunidade síria realizasse um culto religioso na Igreja Mor Petrus e Mor Paulos na província de Adiyaman, na região leste, que atraiu centenas de cristãos sírios de toda a Turquia. Do mesmo modo, o patriarca ecumênico da Igreja Ortodoxa Grega recebeu permissão de celebrar a divina liturgia no

Mosteiro de Sumela, perto de Trabzon, em agosto de 2010, e mais uma vez em 2011. Os ortodoxos armênios puderam realizar cultos religiosos em sua igreja de mil anos no lago Van em setembro de 2010 e em setembro de 2011. Essas mudanças são bem-vindas; ainda assim, cada igreja recebeu a permissão de realizar uma liturgia, uma vez por ano. Isso está muito aquém de qualquer definição de liberdade de culto.[39]

Uma onda oculta de violência

A violência contra os cristãos tem sido rara nos últimos anos, mas alguns planos e assassinatos chamativos, realizados por ultranacionalistas com tonalidades islâmicas, também vieram à luz.

Em 2006, o padre Andrea Santoro, de Trabzon, foi morto a tiros enquanto orava na igreja. O condenado pelo assassinato foi um rapaz de 15 anos, que afirmou estar vingando a publicação, por parte de um jornal dinamarquês, de caricaturas de Maomé.[40] O bispo Luigi Padovese, que servia como vigário apostólico da Anatólia e já havia expressado preocupação sobre o crescente sentimento anticristão, falou durante a missa memorial: “Enquanto programas de televisão e artigos de jornal produzirem material que lance luz ruim sobre os cristãos e os mostre como inimigos do islã (e vice-versa), como poderemos conceber um clima de paz?”.[41]

Semanas depois, um padre em Izmir foi atacado pelos chamados jovens nacionalistas, quase perdendo a vida. Outro padre foi atacado em Mersin, levando o bispo Padovese a exclamar: “Já não estamos seguros aqui”.[42] Meses depois, outro padre católico romano foi atacado, dessa vez em Sansun.[43]

Quatro anos mais tarde, apenas um dia depois de se reunir com autoridades turcas para discutir os problemas dos cristãos do país, o bispo Padovese foi morto a facadas e quase decapitado por seu motorista, que teria gritado: “Allah Akhbar!”. Ele teria se gabado de haver matado “o grande Satã!”.[44] Autoridades se apressaram a concluir que o motorista era mentalmente instável. As autoridades turcas classificaram o assassino confesso, Murat Altun, como psicologicamente perturbado, e não movido por motivos políticos ou religiosos.

Pouco depois, relatórios vazaram para a mídia sugerindo que o motorista não era muçulmano, mas um convertido ao catolicismo e que Padovese havia forçado Altun a ter um relacionamento homossexual. Ruggero Franceschini, que sucedeu a Padovese como chefe da Igreja Católica da Turquia, rejeitou furiosamente essas "mentiras pias" como "rumores intoleráveis propagados pelos próprios investigadores do crime".[45]

O arcebispo Franceschini declarou que, a seu ver, o assassinato de Padovese, assim como ataques a outros cristãos na Turquia, foram orquestrados por ultranacionalistas, em geral grupos seculares. Os ataques a padres católicos continuaram. Em abril de 2011, o reverendo Francis Dondu, da Igreja Católica Italiana Latina Aziz Pavlus, em Adana, escapou por pouco de um atentado contra sua vida, realizado por dois suspeitos que portavam espadas.[46]

Tendo chegado com missionários ocidentais no século 19, o protestantismo é considerado uma presença estrangeira no solo turco, a ponto de os cristãos protestantes serem colocados numa categoria legal completamente diferente, com ainda menos direitos que outros cristãos. Embora a evangelização seja legal na Turquia, os cristãos — mesmo cidadãos turcos — que buscam propagar sua fé costumam ser considerados ameaças subversivas. A retórica antimissionária aumentou em 2005, quando a esposa do falecido primeiro-ministro Bulent Ecevit foi citada afirmando que a infiltração de cristãos na Turquia era parte de um plano do Ocidente para destruir o Estado: "Nossos cidadãos estão sendo cristianizados por vários meios. A América está no topo da lista dos que esperam o aumento da população cristã na Turquia. A América pensa que, se a população cristã aumentar, será mais fácil desmantelar a Turquia".[47]

Dos quase 500 mil sírios no sudoeste da Turquia no início do século 20, apenas 2,5 mil permanecem na região. Mais de sessenta assassinatos não resolvidos de sírios locais, dos anos 1970 até o início dos anos 2000, fizeram que a população fugisse.[48] Também têm sido descobertos planos de assassinato do patriarca ecumênico. Em junho de 2010, autoridades prenderam Ismet Rençber por planejar seu assassinato.[49] Murat-Yetkin, editor-chefe do famoso *Hürriyet Daily News* da Turquia, escreveu depois de ouvir o veredicto sobre o caso do

assassinato de Hrant Dink: “É importante que o assassino de Dink seja condenado. Não é menos importante tentar lidar com essa atmosfera de ódio — isso exigirá mais tempo e esforço”.[50]

Área administrada por turcos-cipriotas ou República Turca do Norte do Chipre

Em 1974, a Turquia invadiu e ocupou o terço norte da República de Chipre — o único país de maioria cristã que restava na porção leste do Mediterrâneo e membro da União Europeia. O Exército da Turquia, com cerca de quarenta mil soldados, ainda se encarrega da cruel erradicação de todos os traços da civilização cristã no norte de Chipre.

Com exceção de alguns poucos enclaves de gregos ortodoxos com cerca de 350 habitantes ao todo, o Norte, no passado uma região diversificada em termos de religião, é agora totalmente muçulmano. Poucos traços da presença de dois mil anos do cristianismo permanecem intactos. As forças armadas turcas deixam de proteger tanto as igrejas do Norte como os cemitérios e mosteiros deixados para trás quando as comunidades cristãs fugiram para o Sul depois da invasão, para escapar de saques, destruição e decadência.[51]

No Norte, quinhentas igrejas e mosteiros ortodoxos gregos, armênios e maronitas, alguns datando do século 4, e inúmeros mosaicos, afrescos, ícones, vasos e outros objetos de valor inestimável, foram perdidos ou profanados. Milhares de peças de arte bizantina foram roubadas e vendidas no mercado negro internacional.[52]

Caminhamos por algumas dessas igrejas, incluindo São George e Santo Andronikas, e as encontramos em ruínas. Como estão cheias de lixo, destituídas de seus afrescos religiosos e tomadas pelo mato, é apenas uma questão de tempo até que sejam completamente apagadas. Com tetos e janelas quebrados, estão expostas às intempéries e se tornaram ninhos e poleiros de pombos e pontos de encontros secretos de adolescentes. Algumas são usadas para propósitos não religiosos: uma como banho turco, outra como armazém e ainda outra como

curral para animais. A grande Catedral de Santa Sofia foi convertida numa mesquita.

Esses locais sagrados pertencem a igrejas baseadas na parte sul do Chipre, mas as autoridades que controlam o Norte impedem que seus membros voltem para restaurá-las ou mesmo que realizem serviços religiosos nelas. O Exército turco só permite acesso limitado às igrejas em áreas militares, geralmente uma vez por ano para festas religiosas específicas.[53]

Um representante armênio nos disse que sua comunidade havia recebido recentemente permissão para visitar seu maior mosteiro no Norte, no dia festivo de 15 de agosto, mas apenas naquele dia e somente para realizar um piquenique no terreno, não para fazer orações conjuntas. Outros cristãos cipriotas nos disseram que, embora tivessem se casado numa das igrejas do Norte, hoje em decadência, e seus pais estivessem sepultados no cemitério hoje destruído, não podiam receber permissão para realizar serviços de manutenção.[54] O Mosteiro do Apóstolo André, local designado pela Unesco na extremidade da península de Karpaz, no norte do Chipre, ainda pode ser usado para cerimônias religiosas, mas seu teto repleto de vazamentos precisa de reparos urgentes. As autoridades do Norte criam dificuldades, impedindo a igreja ortodoxa de consertar o telhado, muito menos de seguir adiante com uma reforma geral, para a qual os governos dos Estados Unidos e de outros países ofereceram recursos.[55]

O dia 2 de maio de 2011 viu a demolição da Capela Ortodoxa Grega de Santa Thekla, de duzentos anos, na vila de Vokolida, parte norte da ilha. “Autoridades turco-cipriotas locais em geral deixaram de tomar medidas adequadas para proteger locais religiosos de culto da ação de vândalos e saqueadores”, disse o presidente da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, Leonard Leo. Ele também enfatizou: “Permitir a demolição da Capela de Santa Thekla é um exemplo do progressivo desrespeito e das violações realizadas por tropas turcas e autoridades turco-cipriotas locais pela liberdade religiosa e herança dos ortodoxos gregos e outras comunidades religiosas menores na parte norte do Chipre”.[56]

Existe maior acesso a locais religiosos nas áreas ao norte não diretamente controladas pelo Exército turco, mas restrições amplas, incluindo algumas contra

a realização de cultos, ainda existem. No Natal de 2010, o padre Zacharias, o único padre grego-cipriota com permissão das autoridades do Norte para residir na região, foi parado no meio da liturgia natalina na Igreja de São Sinésio, que serve à comunidade cristã local. As autoridades forçaram a congregação a sair do prédio, alegando que era necessária uma permissão especial, uma vez que o Natal não caiu num domingo naquele ano. O padre Zacharias nos disse que essa foi a primeira vez em 36 anos que não puderam realizar um serviço religioso na igreja e a primeira vez que foi pedido à igreja que buscasse permissão.[57]

A Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional levantou essa questão com as autoridades do Norte, e a exigência de permissão foi alterada. Autoridades decretaram que os ortodoxos greco-cipriotas poderiam, dali em diante, realizar serviços religiosos em qualquer dia e a qualquer hora nas poucas igrejas em uso. A permissão para realizar cultos ainda é exigida — e extremamente difícil de ser obtida — para igrejas e mosteiros que não estejam em funcionamento, ou para padres que não sejam os *dois* autorizados pelo Estado para servir ao Norte, ou para congregações que venham do Sul.[58]

Com sua bandeira ostensivamente plantada e suas tropas sempre presentes, a Turquia, a única a reconhecer o Norte como um país separado do restante de Chipre, é a realidade sombria no Norte de Chipre. Sob sua vigilância, a prática cristã é suprimida, às vezes de maneira direta por proibições rígidas, às vezes por um regime frustrante e inconstante de regulamentações burocráticas. Todos os vestígios da rica história cultural do cristianismo estão sendo destruídos, demolidos e apagados.

Marrocos

Trinta e três residentes estrangeiros cristãos foram deportados do Marrocos em março de 2010. Na mesma época, o governo marroquino também declarou que pelo menos outros 81 cristãos eram *personae non gratae*. Muitos desses que foram presos eram residentes de longa data. Entre os estrangeiros expulsos, 14 adultos e 11 crianças eram do Orfanato Vila da Esperança em Ain Leuh, vila

próxima de Ifrane. Essa intervenção governamental sem precedentes efetivamente encerrou as atividades do complexo.

Nesse processo, as autoridades apreenderam 33 crianças marroquinas, separando-as de seus guardiões estrangeiros — os únicos pais que elas haviam conhecido na vida. Esses meninos e meninas teriam sido interrogados por dois dias em relação a sua fé. Em seguida, foram permanentemente removidos da custódia de seus guardiões, incluindo três com necessidades especiais.

Ao todo, no incidente de 2010, o governo marroquino deportou ou declarou *personae non gratae*, sem o devido processo, aproximadamente 150 residentes estrangeiros cristãos, de dezenove países, todos por suposto proselitismo.[59]

O Marrocos tem uma população de 34,8 milhões de habitantes, dos quais 98,7% são muçulmanos, 1,1% são cristãos e 0,2% são judeus.[60] É um dos países mais abertos em termos religiosos do mundo muçulmano e o primeiro a reconhecer a independência americana. O governo atual explicou que, nas deportações de 2010, estava simplesmente sendo rígido com o proselitismo proibido realizado por estrangeiros residentes. Mas muitos desses forçados a partir foram deportados sob a acusação de “ameaça à ordem pública”, acusação que não exige documentação de atividades ilegais de acordo com a Lei de Imigração do país. Em 17 de abril de 2010, o Alto Conselho de Ulema, composto de sete mil líderes religiosos muçulmanos, apoiou as deportações ao assinar um documento que designou o trabalho de cristãos no Marrocos como “estupro moral” e “terrorismo religioso”.[61]

No mesmo ano, cristãos — tanto cidadãos como estrangeiros residentes — reportaram assédio, vigilância, detenção e interrogatório por parte do governo, além de perseguição social. Durante o período mais forte de opressão, o governo também confiscou Bíblias e literatura cristã de bibliotecas e livrarias em todo o país.[62] Cristãos que entram no país para negócios ou como turistas, residentes ou estudantes são geralmente bem-vindos e podem se sentir seguros no Marrocos, contanto que guardem sua fé cristã para si mesmos.

Argélia

Siaghi Krimo, cristão argelino, foi preso em 14 de abril de 2011 sob a acusação de fazer proselitismo de um vizinho, que reclamou à polícia que Krimo havia tentado convertê-lo ao cristianismo ao lhe dar um CD. A polícia vasculhou a casa de Krimo e confiscou sua Bíblia, CDs e computador. O promotor exigiu que o suspeito fosse sentenciado a dois anos de prisão e multado em 50 mil dinares (cerca de 690 dólares).

A comunidade cristã ficou perplexa em 4 de maio, quando o juiz sentenciou Siaghu — sem nenhuma testemunha ou evidência que fosse — à máxima pena possível: cinco anos de prisão e uma multa de 200 mil dinares (pouco mais de 2.700 dólares). Em 15 de dezembro de 2011, a apelação de Siaghi foi postergada indefinidamente por falta de provas. Felizmente, não lhe é exigido que cumpra a sentença da corte inferior, a não ser que a corte de apelação confirme sua culpa, mas seu futuro é incerto.[63]

A história da Argélia é manchada de sangue. Uma guerra nos anos 1990, na qual o governo prevaleceu sobre diversos grupos islâmicos locais, ceifou mais de cem mil vidas, em sua maioria muçulmanos. O filme *Homens e deuses* conta a história de sete monges trapistas brutalmente assassinados em razão de sua fé por terroristas islâmicos argelinos em 1996, durante esse período. A igreja tem raízes profundas nessa área. Foi um dia o lar de Agostinho de Hipona. Hoje, a Constituição do Estado declara que o islã é a religião estatal, mas também oferece liberdade de crença e de opinião e o direito de cidadãos estabelecerem instituições cujo objetivo inclua a proteção de liberdades fundamentais. Contudo, a Constituição também proíbe que as instituições se envolvam em comportamento incompatível com a moralidade islâmica.

Leis adicionais limitam a liberdade para não muçulmanos, que inclui algo entre 10 a 50 mil cristãos de uma população total de 36 milhões, 99% dos quais muçulmanos sunitas. Um decreto institui que toda atividade religiosa seja regulamentada pelo Estado, o qual ordena que o culto de uma fé que não seja a muçulmana seja praticado apenas em locais aprovados pelo Estado. Um pedido para um culto não muçulmano deve ser submetido ao governador com pelo menos cinco dias de antecedência e ser realizado em prédio aberto ao público.

Além disso, toda fé religiosa precisa ser registrada junto ao Estado por meio da Comissão Nacional para Serviços Religiosos Não Muçulmanos.[64]

Em 29 de outubro de 2011, seis cristãos argelinos foram presos antes de seu culto matutino de oração num apartamento particular. Foram acusados de cultuar em local não registrado, além de proselitismo e blasfêmia. A prisão aconteceu numa vila perto de Bougous; os cristãos supostamente faziam parte da Igreja Protestante da Argélia. Embora essa denominação seja registrada junto ao Estado, muitas pequenas congregações locais não estão registradas separadamente. A situação legal dos seis cristãos não é clara no momento em que escrevemos.[65]

O proselitismo é uma ofensa criminal. Implica punição de um a três anos de prisão e multa para não clérigos e três a cinco anos de prisão e multas dobradas para líderes religiosos. A lei se aplica a qualquer um que "incite, constranja ou faça uso de quaisquer meios de sedução que tendam a converter um muçulmano para outra religião".[66]

Jordânia

Em março de 2008, parentes que depois o delataram às autoridades espancaram selvagemente o cristão jordaniano Muhammad Abbad Abbad, convertido do islã quinze anos antes. Ele foi levado ao tribunal islâmico de Sweilih sem representação legal e acusado de apostasia. Sentenciado a uma semana de prisão por desacato à autoridade do tribunal, Muhammad e seus familiares mais próximos fugiram do país. Em 22 de abril de 2008, a corte considerou Muhammad culpado de apostasia. Anulou seu casamento e declarou-o destituído de qualquer identidade religiosa. A despeito de a família ter deixado o país, a Jordânia emitiu ordens de prisão contra eles. Em novembro de 2010, a família permanecia em outra localidade.[67]

O Reino Hashemita da Jordânia, como é oficialmente conhecido, é uma monarquia constitucional, tendo o rei Abdullah II como detentor de amplos poderes executivos. Precariamente situada entre o Iraque a leste, Israel e a Cisjordânia a oeste, Síria ao norte e Egito a sudoeste, a Jordânia vacila entre um

governo autocrático e um semidemocrático. A Constituição fornece a liberdade para a prática de rituais religiosos, contanto que não violem a ordem pública ou a moralidade, e também proíbe a discriminação com base religiosa. Também estabelece o islã como religião do Estado e ordena que o rei seja muçulmano. A comunidade cristã, 1,5% a 3% de uma população total de 6,3 milhões, na maioria muçulmanos sunitas, é relativamente livre para a região: os principais problemas ocorrem em torno da conversão de muçulmanos.

Nem a Constituição, nem o código penal, nem a legislação civil proíbem explicitamente a conversão ou a evangelização de muçulmanos. Contudo, para os muçulmanos, as leis concernentes a religião, casamento, divórcio, custódia de crianças e herança estão sob a jurisdição exclusiva dos tribunais islâmicos da *sharia*. Outros grupos religiosos, incluindo cristãos, possuem os próprios tribunais religiosos especiais. As cortes islâmicas sempre decidiram contra o direito de muçulmanos adotarem uma religião ou crença diferente, e as consequências por se converter incluem discriminação social, abuso mental e físico por membros da família e perda de direitos civis.

Pelo menos 27 indivíduos estrangeiros e famílias, suspeitos de atividades evangelísticas, foram deportados ou tiveram a permissão de residência negada só em 2007. Dois pastores egípcios, de denominações cristãs oficialmente reconhecidas, estavam entre os muitos expulsos. Um deles, Sadeq Abde, casado com uma jordaniana e pai de dois filhos, foi algemado, vendado e colocado num navio para o Egito.[68] O outro, também casado com uma mulher jordaniana e pai de três filhos, foi preso, detido por três dias e colocado num navio para o Egito.

Iêmen

Em 2009, extremistas islâmicos armados sequestraram nove estrangeiros cristãos que trabalhavam no hospital Jumhuri, administrado por protestantes, próximo a Saada. Três mulheres — uma coreana e duas alemãs — foram mortas imediatamente. Os seis reféns restantes eram um homem britânico chamado Anthony e uma família alemã — os pais e três filhos pequenos com idade entre 2 e 6 anos. Alguns oficiais iemenitas atribuíram o sequestro e o assassinato a

forças ligadas a um grupo da Al-Qaeda trabalhando em conjunto com rebeldes xiitas.

Em maio de 2010, as duas meninas da família alemã, Lydia Hentschel e sua irmã mais nova, Anna, foram encontradas e resgatadas por forças de segurança sauditas e iemenitas durante uma incursão na fronteira saudita numa região de disputa de fronteiras entre o Iêmen e a Arábia Saudita. As meninas foram rapidamente levadas de volta para a Alemanha. Contudo, o paradeiro dos pais, Johannes e Sabine Hentschel, do irmão Simon, de 2 anos, e de Briton Anthony permanecia desconhecido. Um porta-voz da família disse que Simon provavelmente está morto, visto que não foi encontrado com as irmãs.

Relatórios sugeriram que os extremistas atacaram os estrangeiros com base em rumores de que eram missionários envolvidos em proselitismo.[69]

O Iêmen há muito tem sido dilacerado por inquietação religiosa, política e tribal entre grupos muçulmanos, incluindo xiitas zaidistas e sunitas salafistas, uma dúzia de partidos políticos rivais e os separatistas do Sul. Recentemente, durante os levantes da Primavera Árabe de 2011, as tensões cresceram ainda mais, com protestos e manifestações violentas entre o governo e grupos opositores, incluindo a Al-Qaeda na península Arábica, que mantém sua base no Iêmen. No final de novembro de 2011, o presidente Ali Abdullah Saleh concordou em deixar o posto, transferir alguns poderes para o vice-presidente e convocar uma eleição para fevereiro de 2012. Em 21 de fevereiro de 2012, o presidente interino Abd Rabbuh Mansur al-Hadi — o único candidato — foi eleito presidente. Nesse meio-tempo, o país continua fragmentado e violento.

A Constituição declara o islã a religião do Estado e a lei islâmica como fonte de toda a legislação. A maioria esmagadora de seus 23 milhões de habitantes é muçulmana, com uma estimativa de 3 mil cristãos, em grande parte refugiados e residentes estrangeiros temporários. Embora o governo permita a posse de literatura religiosa não islâmica, quantidades consideradas demasiado grandes para uso pessoal são confiscadas. O governo detém os que estão de posse da literatura com base no proselitismo aos muçulmanos, o que é proibido; de acordo com a lei islâmica, conforme interpretada no Iêmen, a conversão de um muçulmano é punível com a morte.[70]

Territórios palestinos

Ahmad El-Achwal era um cristão convertido do islã, pai de oito filhos que vivia na Cisjordânia, perto de Nablus. Foi preso pela primeira vez sob falsas acusações de posse de ouro roubado. Embora o único ouro na casa fosse o pequeno colar de ouro da filha de Ahmad — presente que recebera do avô —, os oficiais da Autoridade Palestina (AP) que invadiram sua casa não ficaram convencidos. A AP aprisionou Ahmad numa pequena cela, onde foi deixado por dias sem comida ou bebida. Nesse período, foi torturado tão severamente que precisou ficar internado por muito tempo para se tratar. Fotos dos abusos que sofreu revelaram várias queimaduras nas costas, nádegas e pernas.

Ainda assim, o entusiasmo de Ahmad por sua nova vida cristã não diminuiu. Depois de receber alta do hospital, iniciou uma pequena igreja no lar em sua casa, onde distribuía Bíblias e literatura cristã. Às vezes alguns muçulmanos compareciam. Durante um período de sete anos, Ahmad foi preso diversas vezes, e suas Bíblias e publicações cristãs foram confiscadas. Perdeu seu negócio e continuou a receber ameaças de morte. Por fim, mudou-se para Jerusalém por motivos de emprego e segurança. Contudo, sempre que retornava para visitar sua família na Cisjordânia, seus inimigos esperavam por ele, o espancavam, queimavam seu carro e lançavam bombas na casa de parentes.

Por fim, a história de Ahmad teve um fim trágico. Ele foi morto a tiros por homens mascarados em janeiro de 2004. Seus assassinos nunca foram levados à justiça.[71]

Os territórios palestinos incluem a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. A Cisjordânia tem uma população de 2,7 milhões, incluindo aproximadamente 300 mil israelenses, enquanto Gaza é o lar de cerca de 1,5 milhão de pessoas. Jerusalém Oriental está sob o controle israelense desde 1967 e, em 1980, Israel anexou formalmente Jerusalém Oriental, e a lei israelense se aplica ali.[72] Juntas, essas três áreas — Cisjordânia, Gaza e Jerusalém Oriental — abrigam de 50 a 55 mil cristãos.

A principal ameaça à liberdade religiosa não são as autoridades políticas em si, mas, sim, a quase anarquia resultante da violência instigada por indivíduos e multidões — às vezes chamadas de “máfia muçulmana” — que operam sem impedimento da polícia palestina.[73] Clãs, milícias e famílias, bem como facções religiosas e políticas, batalham por poder, prestígio e apoio financeiro. Por não serem muçulmanos, os cristãos às vezes são usados como bodes expiatórios, rotulados de “colaboradores sionistas” e acusados de cooperação com os israelenses. Tais incidentes contribuíram para uma grande fuga de cristãos dos territórios, resultando num dramático declínio da população cristã. Até meados dos anos 2000, os cristãos enfrentaram séria perturbação, incluindo tortura e prisão, tanto da Autoridade Palestina como dos oficiais do Hamas. Embora a violência pareça ter declinado desde a Segunda Intifada, ataques brutais contra cristãos continuam e normalmente não são relatados.[74]

Em outubro de 2007, Rami Ayyad, que mantinha uma livraria cristã em Gaza, foi sequestrado e morto. Antes do ataque, Ayyad foi publicamente acusado de envolver-se em atividades missionárias.[75] Desde que o Hamas assumiu o poder em Gaza, em 2007, e espalhou-se a notícia do assassinato de Rami Ayyad e outros abusos, muitos cristãos fugiram de Gaza, e a população cristã ali tem diminuído consideravelmente.

Conclusão

A Malásia há muito se orgulha de desenvolver um islã moderno e está de fato entre os países muçulmanos mais abertos. Existe pouca violência direcionada a cristãos e outras minorias ali. Contudo, essa situação tem oscilado, e a intolerância está crescendo. Conforme mencionado, a Malásia está agora na infame posição de ser o único país do mundo a tentar impedir os cristãos de usar o nome Alá e outras palavras “islâmicas”. A política também está se tornando mais polarizada. Em 29 de novembro de 2011, Ahmad Maslan, vice-ministro da Organização Nacional Unida Malaia, partido dominante na coalizão governamental, declarou que o islã estaria “perdido” se a oposição avançasse nas próximas eleições: “Digam adeus ao islã, pois eles são agentes de

cristianização".[76] Se alguns políticos malaios provocarem mais divisão enquanto lutam por ganho político, o futuro será de fato desanimador para as minorias religiosas, incluindo os cristãos, e para o país.

A Turquia é admirada por sua economia em desenvolvimento e pela democracia estável, e é comumente considerada um modelo para outras nações muçulmanas, sobretudo as que fazem parte do mundo árabe. Contudo, também é conhecida por sua opressão regulatória das minorias cristãs, pelos controles generalizados em todas as regiões e pela cultura de impunidade, fatores que contribuem para o declínio no número de cristãos turcos. Esses, assim como outros fatores, levaram a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional a recomendar em 2012 que a Turquia fosse adicionada à lista do governo americano dos piores violadores mundiais da liberdade religiosa, como um dos "Países de Preocupação Específica".[77]

Para ser justo, o governo do AKP introduziu algumas melhorias para os cristãos, incluindo permissão adicional para cultos, cidadania para líderes denominacionais e carteira de identidade nacional para convertidos. Mas os cristãos ainda são profundamente perturbados por restrições estatais quanto à abertura de igrejas, seminários e escolas; quanto ao uso de vestes religiosas; quanto à possibilidade de até mesmo falar sobre sua contribuição cultural; e quanto a governarem a si mesmos. Seus líderes são ameaçados, e alguns foram assassinados nos últimos anos, deixando suas frágeis e historicamente traumatizadas comunidades inseguras e cada vez mais pessimistas em relação ao futuro. As comunidades cristãs turcas lutam para sobreviver até a próxima geração. A Turquia é um país membro da Otan e da União Europeia, além de aliado dos Estados Unidos. Igrejas ocidentais devem usar essa alavanca para ajudar a preservar as comunidades cristãs turcas e o patrimônio cristão de Chipre.

Na época da preparação deste livro, quando a região do Oriente Médio está politicamente instável, Marrocos, Argélia, Jordânia, Iêmen e os territórios palestinos enfrentam todos um futuro incerto. Enquanto isso, Líbia, Tunísia e Síria são agitadas por levantes populares, guerras civis, violência e, nos dois primeiros países, mudança de regimes, bem como a possibilidade de mais

derramamento de sangue. É provável que radicais islâmicos obtenham maior influência em alguns desses países, como já tem acontecido no Egito. Essas mudanças profundas no governo e o surgimento de grupos islâmicos sem dúvida prenunciam tempos difíceis para as minorias cristãs.

6
O mundo muçulmano: Políticas de perseguição

Arábia Saudita • Irã

Em maio de 2008, o Irã prendeu dez pessoas envolvidas em conversões ao cristianismo, incluindo Mohsen Namvar, que tinha sido preso e torturado em 2007 por batizar um muçulmano que queria se tornar cristão. Foi preso novamente em maio de 2008 e torturado de maneira tão severa que passou a ter febre constante, fortes dores nas costas, hipertensão arterial, tremor incontrolável nos membros e perda de memória recente. Depois disso, ele e a família encontraram refúgio na Turquia, país quase totalmente muçulmano mas cujos tribunais, ao contrário do Irã, não punem convertidos ao cristianismo. Outros oito convertidos também foram presos em Shiraz naquele mês e, mais tarde, libertos.[1]

Em 16 de novembro de 2008, um tribunal saudita da *sharia* sentenciou à morte um filipino, identificado apenas como "Pablo", que tinha sido preso em 24 de março de 2007 por blasfêmia, com base em acusações de ter "zombado do nome do profeta Maomé". Em julho de 2010, o tribunal comutou sua sentença para cinco anos de prisão e quinhentas chibatadas. Por fim, o ex-motorista de caminhão recebeu o perdão legítimo e foi deportado, voltando a Manila em 10 de outubro de 2011. Só é possível imaginar que tipo de horrores ele sofreu nesse ínterim.[2]

Em 26 de julho de 2008, agentes do Ministério de Inteligência e Segurança do Irã atacaram uma igreja no lar na cidade de Malek, no subúrbio de Isfahan, prendendo 8 homens, 6 mulheres e 2 crianças. Entre os detidos estava um casal na casa dos 60 anos. Ambos foram selvagemente espancados e tiveram de ser

levados para a UTI do Hospital Shariati, em Isfahan. Morreram pouco depois.[3] Em 9 de agosto de 2008, um cristão curdo, Shahin Zanboori, foi preso na cidade de Arak, região sudoeste. Para obter informações sobre outros convertidos, Zanboori diz que a polícia o pendurou no teto e golpeou seus pés. Seu braço e sua perna foram quebrados durante interrogatórios.[4] Uma jovem convertida, que usava o pseudônimo de Caty, foi tão brutalmente espancada pela própria família que corre o risco de paralisia permanente em razão de ferimentos na coluna.[5]

Ao pesquisar histórias como essas, não é de surpreender que o respeitado Pew Research Center tenha descoberto que a maioria dos países com os níveis de perseguição religiosa mais elevados seja de Estados majoritariamente muçulmanos.[6] O histórico da atual perseguição a cristãos no mundo muçulmano é de fato amplo. É, na verdade, tão difundida que tivemos de lhe dedicar quatro capítulos.

O capítulo anterior analisou a repressão geral de governos muçulmanos. Este capítulo abrange apenas dois países, Arábia Saudita e Irã, inimigos amargos que competem por influência dentro do mundo muçulmano, com a Arábia Saudita promovendo sua reacionária tradição wahabista sunita e o Irã, sua rígida tradição dos doze imãs xiitas. Uma mensagem do Departamento de Estado dos EUA vazada em 2008 relatava que o embaixador saudita, citando o rei saudita, insistiu com o general David Petraeus para que “arrancasse a cabeça da serpente”, referência ao Irã. Um plano de bombardeio elaborado pelo Irã para matar o embaixador saudita num restaurante de Washington, frustrado em 2011, ilustra a intensa rivalidade entre os dois países.

A Arábia Saudita não permite a existência de nenhuma igreja ou local de adoração não muçulmano dentro de suas fronteiras, além de exigir que todos os sauditas sejam muçulmanos. A contínua limpeza religiosa do reino significa que a comunidade cristã é composta quase inteiramente de trabalhadores e diplomatas estrangeiros.

O Irã, por sua vez, sujeita os cristãos, como outras minorias, a severas pressões do Estado. Como resultado, o número de cristãos, assim como o de judeus, bahaístas e zoroastristas, caiu verticalmente nas últimas décadas. Há relatos de

um número crescente de muçulmanos iranianos se convertendo ao cristianismo, pelo que enfrentam risco de execução.

Desde 1979, os dois países usam seus petrodólares para influenciar comunidades muçulmanas no exterior a serem igualmente intolerantes. Devido à sua maior riqueza e ao fato de os sunitas constituírem cerca de 90% do mundo muçulmano, a Arábia Saudita vem causando impacto significativo na expansão de seu colérico islamismo wahabista.

Arábia Saudita

Por dez anos, o pastor Yemane Gebriel liderou uma igreja no lar secreta de trezentos membros em Riad. Pai de oito filhos, natural da Eritreia, também trabalhou 25 anos como motorista particular na Arábia Saudita. Gebriel relatou a Compass Direct News que, em 10 de janeiro de 2009, encontrou um bilhete anônimo em seu carro ameaçando matá-lo se não saísse do país. Três dias depois, Abdul Aziz, membro da polícia religiosa saudita, que também é xeique na mesquita local, acompanhado por outros homens, arrancou-o de seu carro e lhe disse para sair do país.

Em 15 de janeiro, Aziz aproximou-se mais uma vez de Gebriel, censurando-o por ser cristão e tentar converter muçulmanos. “Ele terminou dizendo a Yemane que saísse do país ou ‘medidas’ seriam tomadas”, disse uma fonte da Compass Direct News, que pediu anonimato por questões de segurança. Naquela noite, quatro homens mascarados num carro fecharam o automóvel que ele dirigia e mais uma vez advertiram: “Vamos matá-lo se você não sair daqui. Você tem de ir embora, senão nós o mataremos”.

Depois de consultar oficiais consulares, o pastor conseguiu fugir rapidamente de Riad. Uma fonte cristã local considerou que não se tratava de uma ameaça fútil: “As circunstâncias me lembraram muito o assassinato a tiros de metralhadora do católico romano leigo de origem irlandesa Tony Higgins, bem aqui em Riad, em agosto de 2004”.[7]

O professor Camille Eid, da Universidade de Milão, disse numa entrevista de 2011 que, a despeito da rígida lei do reino, segundo a qual todos os sauditas

devem ser muçulmanos, havia alguns convertidos. Ele acompanha programas midiáticos com participações de ouvintes da região e percebeu que muitas ligações vêm da Arábia Saudita. Sobre os convertidos sauditas, observou:

> Os convertidos que viajam ao Marrocos e ao Egito falam sobre sua experiência, mas não mencionam seus nomes e pedem apenas que a comunidade cristã ore por eles, pois anseiam pelo dia em que terão permissão de ir a uma igreja, ter acesso aos Evangelhos e conseguir compartilhar a nova fé com sua família. Se um convertido falar com seu irmão ou seu pai sobre a nova fé que abraçou, corre o risco de ser acusado de traição pela família: uma traição não apenas à família da pessoa, mas também à nação e à sociedade em geral. A apostasia é uma questão de honra e, como tal, é considerada traição.[8]

Igrejas sauditas banidas

A Arábia Saudita proíbe todas as igrejas e manifestações públicas do cristianismo, assim como de outras religiões não muçulmanas. Não permite sequer a existência de igrejas reguladas pelo Estado. Além disso, congregações secretas que se reúnem para orar em casas particulares correm o risco de ser invadidas e fechadas, além de ter seus membros açoitados, espancados, presos, deportados e mesmo mortos. Os únicos cultos de oração seguros são os realizados secretamente nas embaixadas dos Estados Unidos e de vários países europeus, ou aqueles muito bem camuflados dentro de instalações de companhias petrolíferas ocidentais, realizados para seus funcionários. Em março de 2012, o grande mufti da Arábia Saudita, Abdulaziz ibn Abdullah Al al-Sheikh, que ocupa o posto no alto gabinete por indicação do rei, promulgou uma *fatwa* religiosa declarando que “é necessário destruir todas as igrejas” da região, incluindo as que estão fora da própria Arábia Saudita.[9]

O país inteiro há muito foi “purificado” de sua comunidade cristã local, e não existe nenhum traço de suas antigas igrejas. Líderes cristãos e ocidentais repetidamente pediram uma igreja na Arábia Saudita. Diante de um pedido do monarca saudita, o papa João Paulo II intercedeu ao conselho da cidade de Roma para que permitisse a construção de uma mesquita ali, o que de fato aconteceu, doando também um terreno de mais de 30 mil metros quadrados de floresta onde ela poderia ser construída. A Arábia Saudita arcou com 80% dos custos da construção e, em 1995, a Mesquita de Roma, a maior da Europa, foi aberta com

enorme publicidade.[10] Contudo, apesar de constantes apelos papais, Riad nunca retribuiu. Nem mesmo permitiu que um sacerdote católico firmasse residência permanente com o propósito de administrar os sacramentos à grande população estrangeira.

Não se pode distribuir Bíblias. Sinais e símbolos cristãos não podem ser exibidos; vestimentas religiosas, rosários, cruzes e mesmo rosas vermelhas no Dia dos Namorados são todos proibidos. Quando um time italiano de futebol veio jogar no reino, tiveram de tampar parte da cruz — o distintivo do uniforme da equipe — transformando-o em um risco. Certo ano, na escola americana, um Papai Noel quase foi preso. Só conseguiu escapar pulando por uma janela. Placas de trânsito indicam estradas "apenas para muçulmanos", com o propósito de advertir não muçulmanos de que são proibidos de entrar nas cidades sagradas muçulmanas de Meca e Medina.

O islã, especialmente a versão sunita wahabista linha-dura, é a religião oficial e a ideologia governante do Estado saudita desde sua fundação, em 1932. É exigido de todos os sauditas que sejam muçulmanos. Uma monarquia rígida, a Arábia Saudita se define como um Estado islâmico; sua lei é a *sharia*, juntamente com decretos reais, e o Alcorão é declarado como sua Constituição. O sistema religioso wahabista, fundado pela monarquia, controla o sistema judiciário e grande parte da polícia.

Em casos judiciais, a compensação para querelantes cristãos é legalmente estabelecida como metade do valor concedido a muçulmanos.

Camille Eid relatou:

> Todos os residentes estão sujeitos a essa lei [*sharia*] e você não pode levantar objeção, porque isso equivale a levantar objeções contra o islã. Já na chegada ao aeroporto, você é imediatamente informado da que deve agir de acordo com as rígidas leis islâmicas. Eu, como cristão, tinha uma Pepsi na mão durante o Ramadã. Percebi que todos olhavam para mim de certo jeito e poderiam ter me espancado. Você não pode comer fora ou em público durante o jejum. Só pode comer em segredo. Portanto, precisa observar o jejum, ainda que não seja muçulmano, porque essa é a lei.[11]

Intolerância religiosa e incitação à violência

Alguns imãs patrocinados pelo Estado regularmente incitam a violência contra cristãos e judeus em seus sermões. Em 2011, o xeique Salman Al-Oudah denunciou esses imãs por orar "pela destruição e aniquilação total de não muçulmanos" e disse que tais pedidos eram contra a lei islâmica.[12] Contudo, as pessoas que discursam nas mesquitas continuam a orar pela morte de cristãos e judeus, inclusive na Grande Mesquita de Meca e na Mesquita do Profeta em Medina, onde atuam de acordo com o desejo do rei Abdullah, cujo titulo oficial é "Guardião das Duas Santas Mesquitas". O Departamento de Estado dos EUA relata que "é comum que pregadores nas mesquitas, incluindo as de Meca e Medina, terminem o sermão de sexta-feira com uma oração pelo bem-estar dos muçulmanos e pela humilhação do politeísmo e dos politeístas", e os cristãos estão incluídos entre os "politeístas" por sua crença na Trindade.[13]

Escolas públicas ensinam os alunos a "odiar" cristãos, considerando-os "infiéis", e a visualizá-los como "inimigos". Livros escolares nacionais instruem: "A luta desta nação [muçulmana] contra judeus e cristãos continua e continuará enquanto Deus assim desejar". Uma apostila oficial da oitava série ensina: "Os macacos são as pessoas do sábado, os judeus; e os porcos são os infiéis da comunhão de Jesus, os cristãos".[14]

Esses textos ensinam que os cristãos e suas propriedades devem ser protegidos de assassinato e roubo, mas apenas se houver uma aliança de proteção com muçulmanos e, mesmo assim, os que se converteram do islã podem ser mortos. Convertidos podem ser executados tanto pelo Estado como por indivíduos muçulmanos, que agem com impunidade. Como exemplo, o *Gulf News* relatou em agosto de 2008 que um membro da polícia religiosa saudita havia assassinado sua filha porque ela se convertera ao cristianismo. Sob o nome de "Rania", Fatima Al-Mutairi declarou numa postagem virtual alguns dias antes que vinha sendo pressionada pela família; seu irmão encontrou uma cruz na tela de seu computador e os poemas e artigos cristãos que ela havia escrito. O jornal relatou que ela foi queimada viva e sua língua, cortada.[15]

Aparentemente, a simples presença de cristãos é considerada uma ameaça. Um texto da décima primeira série ensina que existe uma "Nova Abordagem na Guerra das Cruzadas", por meio do estabelecimento de escolas e universidades,

e que “estão incluídas as universidades americanas em Beirute e no Cairo, a Universidade Jesuíta, o Robert College em Istambul e o Gordon College em Cartum”.[16] “Sionistas e cruzados” também era uma expressão comum nos discursos desconexos de Osama bin Laden, ele mesmo instruído na Arábia Saudita, assim como a maioria dos executores dos ataques do Onze de Setembro.[17]

Desde 1979, a Arábia Saudita derrama grande parte de sua riqueza petrólifera na exportação de tais ensinamentos, bem como no financiamento de mesquitas, escolas, livrarias e centros acadêmicos nos Estados Unidos e em outros lugares. A exportação ideológica vem mudando expressões tradicionais do islã em lugares como Paquistão, Egito, Afeganistão e norte da Nigéria. O Serviço de Pesquisa do Congresso dos Estados Unidos afirma que o wahabismo é hoje “sem dúvida o movimento reavivalista mais difundido no mundo muçulmano”. Como lamentou Abdurrahman Wahid, falecido ex-presidente da Indonésia e ex-presidente da maior organização muçulmana do mundo, ele está “progredindo” até mesmo na parte tolerante de seu mundo.[18]

Não é difícil entender por que alguns dos principais diretores da inteligência americana chamam tal educação de “gravetos para os fósforos de Osama bin Laden”. Ainda que, a cada ano desde o Onze de Setembro, o governo saudita tenha assegurado ao governo americano que realiza uma limpeza em seu currículo escolar, os textos religiosos para escolas de nível médio e superior, cheios de ódio, como mostrou o Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson, não foram substancialmente revisados.[19] O ministro da Educação saudita nos explicou numa reunião em seu gabinete em Riad, em 2011, que não está “preocupado” com a necessidade de reformar o currículo das escolas do ensino médio, uma vez que o rei transformou a educação de nível superior em sua prioridade.[20]

Trabalhadores estrangeiros cercados

Dos 27 milhões de pessoas na Arábia Saudita, cerca de dez milhões são trabalhadores estrangeiros e, desses, um milhão ou mais são cristãos de países

como Filipinas, Líbano, Etiópia, Eritreia, Paquistão, Egito e Índia, bem como de países ocidentais. Alguns vivem e trabalham no reino por mais de trinta anos, mas não têm direitos como cidadãos, não podem se casar com sauditas sem se converter ao islã e seus corpos não podem ser sepultados na Arábia Saudita caso morram ali.

Como já destacado, os cristãos não têm permissão de possuir igrejas. O governo saudita sustenta que eles podem cultuar em particular em suas casas, mas, como o Departamento de Estado dos EUA considera de forma delicada, "esse direito nem sempre é respeitado na prática e não é definido na lei".[21] Em outras palavras, a polícia caça e pune cristãos que estejam orando juntos em particular.

De acordo com a lei saudita, cristãos podem entrar no reino portando vistos de trabalho ou diplomáticos ou quando recebem convites especiais do governo, mas não como turistas; jornalistas estrangeiros são rigidamente controlados. Como o professor Camille Eid descreveu:

> Existem cinco mil policiais religiosos divididos entre cem distritos, mas qualquer muçulmano pode aplicar a lei ao denunciar um indivíduo. Fiquei dois anos e meio em Jeddah. Tinha medo de desejar votos de Páscoa ou Natal até por telefone, porque temia que alguém estivesse ouvindo. A polícia religiosa controla tudo, incluindo as livrarias, pois é proibido vender qualquer cartão com temas não muçulmanos.[22]

Embora a informação seja fortemente controlada, há relatos de perseguição. Os agentes em geral são os *mutawwa'in* — a polícia religiosa que serve ao órgão presunçosamente chamado de "Comitê para Promoção da Virtude e Prevenção da Depravação". Essa força policial religiosa provocou protestos internacionais em 2002 quando, durante um incêndio numa escola feminina em Meca, os guardas empurraram meninas de volta para dentro do prédio em chamas porque, no meio do pânico, elas haviam saído sem o véu e o xador. Quinze meninas morreram. Em 2005, o tratamento dispensado pelos *mutawwa'in* a cristãos era tão opressivo que o embaixador da Índia em Riad enviou uma carta a seus compatriotas advertindo-os de que havia cada vez mais prisões de indianos efetuadas com base em atividades religiosas. Ele advertiu os indianos de não

realizarem nenhum tipo de pregação, nem organizar reuniões de oração em casas particulares. Também disse ao governo indiano que advertisse a qualquer pessoa que estivesse de saída para o reino saudita que deixasse em casa livros religiosos, Bíblias, fotos e ícones.[23]

A Compass Direct News relata que, em abril e maio de 2005, os *mutawwa'in* prenderam dezessete pastores: dez indianos, dois paquistaneses, dois eritreus (incluindo Yemane Gebriel, citado anteriormente) e três etíopes. Ficaram presos várias semanas até que os esforços pacíficos dos Estados Unidos e de outras embaixadas estrangeiras resultaram em sua libertação.[24]

Em 12 de fevereiro de 2011, Eyob Mussie, eritreu na casa dos 30 anos, foi preso por proselitismo. Depois que testes psiquiátricos confirmaram a sanidade de Mussie, houve relatos de que ele receberia pena de morte. Em vez disso, as autoridades sauditas o deportaram para a Eritreia, onde encontraria um destino incerto nas mãos daquele regime repressivo.[25]

Em 2006, depois de anos aparecendo na lista de "Países de Preocupação Específica" como um dos piores, o Departamento de Estado dos EUA buscou junto aos sauditas uma nova iniciativa diplomática para a liberdade religiosa. Isso resultou num acordo publicado (nos Estados Unidos, não na Arábia Saudita) confirmando que os sauditas permitiriam adoração particular em igrejas nos lares, aprovariam a importação de uma Bíblia por pessoa para uso pessoal e restringiriam ações da polícia religiosa semelhantes a atos de justiceiros, assim como promoveriam uma reforma nos livros escolares num prazo de dois anos. O acordo foi amplamente ignorado, embora punições contra igrejas aparentemente tenham diminuído naquele ano e no seguinte.[26]

Contudo, em 2008, o Relatório Internacional sobre Liberdade Religiosa do Departamento de Estado dos EUA notou continuação de abusos por parte da polícia religiosa. "Os *mutawwa'in* continuaram a promover invasões de reuniões religiosas particulares de não muçulmanos", declara o relatório. "Houve acusações de assédio, abuso e assassinato nas mãos dos *mutawwa'in*. [...] Esses incidentes fizeram que muitos não muçulmanos cultuassem com medo e de maneira que não fossem descobertos pela polícia e pelos *mutawwa'in*".[27]

Em 2008, duas invasões realizadas pelos *mutawwa'in* resultaram em prisões de homens e mulheres. A Compass Direct News observou: "A cada três ou quatro anos, ocorre um surto de repressão em Riad. [...] Contudo, a igreja secreta daqui tem se colocado em posição mais favorável que antes, para impedir qualquer perseguição".[28] Algumas igrejas nos lares, como a de Gebriel, uma das visadas, tinha um pastor reserva pronto para assumir caso Gebriel tivesse de fugir; a igreja poderia continuar orando em comunidade, ainda que de modo clandestino.

Em outubro de 2010, mais de 150 católicos estrangeiros foram detidos por participar de uma missa secreta com um padre francês. De acordo com relatos, doze filipinos e o padre foram acusados de proselitismo e soltos sob a condição de ficar sob a custódia de seus empregadores. O restante do grupo detido foi solto em razão da falta de espaço na cadeia.[29] A embaixada filipina em Riad confirmou que elaborou uma *kafala* — documento de fiança que só pode ser concedido por uma embaixada — para obter a liberdade temporária do padre e dos doze filipinos.[30]

A Fides relatou que um operário católico anônimo de 32 anos, oriundo da província de Laguna, nas Filipinas, foi preso por blasfêmia em 14 de outubro de 2011. O supervisor de sua empresa reclamou à polícia religiosa que o funcionário possuía uma ilustração "ofensiva" ao profeta Maomé. Ele supostamente "desenhou um sinal de 'dedo obsceno' e, junto dele, estava a palavra 'Maomé'", segundo o grupo Irmandade do Oriente Médio.[31] A reclamação teria sido arquivada após uma discussão sobre o contrato de trabalho entre o homem e seu supervisor, e os bispos das Filipinas apelaram para a libertação do homem. Eles declararam: "O contexto para milhares de trabalhadores católicos filipinos é muito difícil em todos os países, com uma maioria islâmica impregnada pelo fundamentalismo. Nosso apelo é crucial para a liberdade religiosa e o respeito fundamental de todos os seres humanos".[32]

Em 15 de dezembro de 2011, 35 trabalhadores cristãos da Etiópia que trabalhavam na Arábia Saudita foram presos e detidos pela polícia religiosa do reino por promover uma reunião particular de oração em Jeddah. A acusação oficial foi que eles estavam se "misturando com o sexo oposto" — o que é crime

para pessoas sem parentesco, mas a verdadeira razão é que estavam orando como cristãos. No dia de sua prisão, os 6 homens e as 29 mulheres realizavam sua reunião de oração regular.[33]

Um líder cristão da Arábia Saudita explicou: “Os oficiais sauditas acusam os cristãos de cometer o crime de mistura de sexos porque, se os acusarem de reunião para prática do cristianismo, sofrerão pressão das organizações internacionais de direitos humanos e dos países ocidentais. Não à toa, quando o empregador de um dos detidos perguntou a razão de seu empregado estar preso, o oficial saudita lhe disse que era pela prática do cristianismo”.[34]

Os oficiais sauditas fizeram uma revista completa nas mulheres, tirando-lhes as roupas e realizando uma abusiva busca nas cavidades corporais, e agrediram os homens. Numa notável entrevista feita na prisão pelo serviço da Voz da América, em língua amárica, uma das mulheres, que contraiu uma infecção devido à revista, atestou: “A revista sem roupas nos deixou traumatizadas. Fomos tratadas como cães por causa de nossa fé cristã. Enquanto falavam sobre mim durante uma visita recente ao centro médico da prisão, ouvi uma enfermeira dizer a um médico: ‘Se ela morrer, vamos colocá-la numa lata de lixo’”.[35]

Os cristãos permaneceram muitos meses em prisões sauditas; os últimos dos 35 foram finalmente deportados de volta para a Etiópia em 1º de agosto de 2012, de acordo com confirmação feita pela International Christian Concern (ICC),[36] grupo interdenominacional de direitos humanos e primeiro a divulgar a história sobre a prisão. Um dos prisioneiros disse ao ICC: “Um oficial de segurança de alta patente nos insultou, dizendo: ‘Vocês são incrédulos e animais’. Ele também disse: ‘Vocês são favoráveis aos judeus e apoiadores da América’. Nós então respondemos: ‘Nós amamos a todos. Nosso Deus nos diz que devemos amar todas as pessoas’”.[37]

Os perigos da conversão

Cristãos convertidos, como a mártir cristã Fatima Al-Mutairi, descrita anteriormente, de fato existem na Arábia Saudita. Em fevereiro de 2011, enquanto estava em Riad cuidando de assuntos diplomáticos dos Estados

Unidos, Nina Shea conseguiu se encontrar com outro convertido saudita, Hamoud Bin Saleh al-Amri.

Franzino, usando uma túnica branca e o turbante xadrez *keffiyeh* dos homens sauditas, Bin Saleh al-Amri, na casa dos 30 anos, disse que se converteu depois de ler a Bíblia quanto tinha 24 anos, durante um programa de estudos na Jordânia. Em 2004, no Líbano, pediu *status* de refugiado com base em sua conversão, mas lhe foi negado pelo escritório de refugiados das Nações Unidas, que o avaliou, e foi devolvido contra a vontade à Arábia Saudita. Um oficial militar saudita foi enviado para trazê-lo de volta e, ao pousar em Riad, foi imediatamente preso e detido por nove meses. Foi então deixado em paz por dois anos, mas novamente preso por cerca de um mês no final de 2008, depois de iniciar a veiculação de um *blog* sobre suas visões do islã, da Arábia Saudita e do cristianismo.

Sua prisão mais recente ocorreu em 13 de janeiro de 2009, mais uma vez por comentários postados em seu *blog* criticando o sistema judiciário saudita e discutindo sua conversão ao cristianismo. Solto mais uma vez em março de 2009, declarou que foi severamente maltratado na prisão e sofreu ameaças à sua família. Ele atribui sua liberdade a pressões externas sobre as autoridades sauditas e ao fato de um parente ter ligações no governo.

As autoridades bloquearam seu *blog*, que foi subsequentemente bloqueado pelo Google tomando por base que ele violava os termos de serviço. Devido a um clamor popular, a empresa reativou a página.[38] Com ousadia, Bin Saleh al-Amri continuou a escrever em seu *blog* até ser bloqueado outra vez. Ele se recusa a ser silenciado e enviou entrevistas para fora do país, que podem ser vistas na internet.

Quando nos encontramos em 2011, Bin Saleh, como é chamado, estava livre, e alguns comentaram que as autoridades sauditas o trataram com relativa leniência.[39] Mas é importante reconhecer que, mesmo quando não estava na prisão, ele vivia numa bolha de isolamento social quase completo. Não fazia parte de uma comunidade eclesiástica, algo que anseia mas não ousa buscar. Perdeu seu emprego e se sustenta como motorista *freelance*. Sua família tem posses, mas cortou relações com ele. Não é casado nem tem amigos verdadeiros

em Riad, onde vive. Sofria forte vigilância policial e acreditava que seu telefone era monitorado. Seu passaporte foi confiscado e não pode sair da Arábia Saudita. Em março de 2012, surgiram relatos de que havia sido preso novamente.

Bin Saleh é destemido em sua fé. Pediu orações para que, um dia, possa "reavivar a igreja de Meca", a qual, destacou ele, foi suprimida por 1.400 anos. Suas palavras de despedida foram: "Meu objetivo é ser reconhecido como cristão. Não quero viver como um hipócrita".

Além de Bin Saleh, apenas outro convertido saudita é publicamente conhecido. Em 29 de novembro de 2004, a polícia religiosa prendeu Emad Alaabadi sob a acusação de ter se convertido ao cristianismo dois anos antes. Há relatos de que outros cristãos sauditas não identificados foram presos na mesma época. Acredita-se que Alaabadi foi solto e vive na Arábia Saudita debaixo de pesadas restrições.[40]

Coragem excepcional de sauditas moderados

Uma palavra de reconhecimento é necessária para os sauditas que tentam fomentar uma maior tolerância em relação aos cristãos dentro da Arábia Saudita. Isso exige coragem excepcional. As regulamentações oficiais sauditas, apoiadas por medidas fortes e violentas, afirmam que a liberdade de pensamento deve ser rejeitada, uma vez que a "liberdade de pensamento exige a permissão da negação da fé".[41]

Alguns sauditas moderados enfrentam provações angustiantes por defender a tolerância. Na *fatwa* de abertura de um livreto do governo, distribuído em 2005 pela embaixada saudita nos Estados Unidos, o falecido grande mufti Bin Baz declarou um clérigo muçulmano europeu anônimo como infiel ou apóstata por declarar que judeus e cristãos não eram infiéis. A *fatwa* de Bin Baz, apoiada pela Arábia Saudita como detentora de autoridade mesmo depois de sua morte, implica que o pregador muçulmano moderado europeu, bem como outros como ele, pode ser morto com impunidade e privado de propriedade se não se arrepender três dias depois de ter sido advertido.[42]

Em novembro de 2005, Mohammed Al-Harbi, professor de ensino médio saudita, foi sentenciado a três anos de prisão e a 750 chibatadas por blasfêmia e

insulto ao islã porque havia falado da Bíblia, entre outras coisas, em termos positivos. Foi perdoado pela monarquia em dezembro de 2005, mas perdeu o emprego e sofreu outras consequências.[43]

Outro caso bastante conhecido é o de Hassan al-Maliki, teólogo, que perdeu seu emprego no Ministério da Educação, foi ameaçado de morte, teve seus livros proibidos e passou um tempo em prisão domiciliar depois de desafiar ensinamentos wahabistas. Em 2007, lamentou que o sistema educacional saudita ensinasse que "todo aquele que discorda do wahabismo é infiel ou desviado — e deve se arrepender ou será morto".[44] O xeique Saleh Al-Fawzan, autor das partes do currículo escolar que al-Maliki criticou, respondeu às críticas ameaçando decapitá-lo.[45]

O Catar dá um passo adiante

A Arábia Saudita se abrirá um dia e permitirá a existência de igrejas? No momento, parece impossível que cristãos venham a receber permissão para se reunir publicamente e orar na Arábia Saudita. Contudo, o exemplo do pequeno país vizinho, o Catar, oferece alguma esperança.

O Catar faz fronteira com a Arábia Saudita na península Arábica. Também compartilha do tipo de islã wahabista literal e, por catorze séculos, como a Arábia Saudita, baniu a prática do cristianismo. Em 1988, o Catar abruptamente derrubou essa proibição e permitiu que ocorresse um culto cristão público para trabalhadores estrangeiros.

O então enviado americano para o Catar, o embaixador Joseph Ghougassian, fez o seguinte relato daquele evento inovador:

> O dia 13 de setembro de 1988, sexta-feira, será por muito tempo lembrado na história do Catar, na história da Igreja Católica no Catar e na história de todas as denominações cristãs no Catar. Pela primeira vez desde o século 7 d.C., no tempo em que o profeta Maomé converteu o Catar ao islamismo, a primeira missa católica e o primeiro culto cristão foram celebrados em público. [...] Para minha surpresa, enquanto me aproximava das redondezas da escola [americana], vi vários policiais de trânsito e agentes secretos direcionando o fluxo do tráfego. [...] A providência deles foi sábia. Eu não estava preparado para a visão que me aguardava e, ainda hoje, guardo na mente a imagem viva de incontáveis homens, mulheres e crianças, ocidentais bem vestidos e asiáticos com roupas simples, seguindo juntos para o grande átrio da escola a fim de ocupar os melhores lugares próximos do altar temporário.[46]

Àquele culto seguiu-se pelo menos um por semana dali para a frente; mais tarde, outros cultos de várias denominações cristãs estrangeiras foram celebrados. Vinte anos depois, a primeira igreja católica do Catar, a de Nossa Senhora do Rosário, foi inaugurada num terreno providenciado pelo governo, com o comparecimento de quinze mil pessoas. Agora, existem mais cinco denominações cristãs legalmente reconhecidas no Catar, incluindo protestantes, coptas, ortodoxos e outros, cada qual com sua igreja ou com direito de construir uma em terras cedidas pelo governo. As igrejas têm permissão de exibir cruzes, sinos e outros símbolos, ainda que apenas em seu interior. Um centro comunitário católico, com dois mil lugares, também tem permissão. Em vez de atacar e prender os congregados estrangeiros como costumava fazer, a polícia agora os protege e os ajuda ao controlar o tráfego dos frequentadores. O Catar ainda restringe a liberdade religiosa para os nativos, mas esse é um grande passo na direção correta.

A surpreendente reforma deveu-se largamente aos esforços de um homem, o embaixador Joseph Ghougassian. O embaixador americano, nascido no Egito, usou sua fluência em árabe e, mais importante, sua fluência no islã para chegar até o chefe do Tribunal da *Sharia* do Catar. Durante vários meses, o embaixador envolveu-o em pontos tanto de religião como de história, conforme relatado em seu livro *The Knight and the Falcon* [O cavaleiro e o falcão].

Sua experiência extraordinária merece análise. Entre outras questões, ele desafiou o principal argumento que a Arábia Saudita oferece hoje para justificar a proibição às igrejas: a de que o país inteiro é terra sagrada, a qual os “infiéis”, como cristãos e judeus, não devem profanar com suas orações. O embaixador apontou que isso se aplicava apenas a Meca e a Medina, uma pequena parte do país, cujas fronteiras nacionais não existiam na época do profeta islâmico Maomé.[47]

O embaixador Ghougassian levantou outro argumento que apelou diretamente à sensibilidade religiosa do xeique e ajudou-o a ver a questão sob uma nova luz. O embaixador disse ao xeique do Tribunal da *Sharia* do Catar:

> Bem, que Alá o livre, mas, se você morrer amanhã e comparecer diante de Alá, você acha que Alá se agradaria de você? Você acha que Alá poderia reclamar, dizendo: "Meu filho, o que você fez com aquelas centenas de milhares de almas cristãs que viviam e trabalhavam no Catar quando você era o chefe do Tribunal da *Sharia*? Olhe para a *geena*. Lá estão eles. Visto que você os proibiu de professar abertamente sua fé e realizar suas tarefas religiosas para mim, eles se esqueceram de mim, pararam de me adorar e se desviaram para o caminho errado".[48]

Por fim, o embaixador colocou o assunto de maneira direta: "Temos um único pedido, que não seria ofensivo a vocês. Queremos nos reunir como comunidade cristã e orar a Alá". (Deve-se notar que *Alá* é um termo árabe para Deus não exclusivamente muçulmano; de fato, era usado pelos cristãos árabes muito antes do surgimento do islã.) O xeique concordou e, com sua argumentação influente, o enviado americano reverteu 1.400 anos de história. Não apenas os cristãos de comunidades internacionais, mas também hindus e budistas, têm hoje permissão de realizar serviços religiosos no Catar.

O embaixador Ghougassian nunca foi instruído pelo Departamento de Estado dos EUA a ajudar a expatriar cristãos que, como acontece na Arábia Saudita, compreendem uma minoria de tamanho considerável no Catar. De fato, antes de sua designação, ele não havia sequer sido informado da situação religiosa ali. Também jamais foi reconhecido pelo Departamento de Estado depois de seu serviço em prol da liberdade religiosa, embora tenha recebido um título de nobreza do papa João Paulo II. É uma infelicidade, pois as lições extraídas de sua experiência ajudariam a diplomacia americana a alcançar seu objetivo de fomentar maior liberdade religiosa na Arábia Saudita — objetivo que, depois do Onze de Setembro, nunca foi tão premente.

Irã

Em 5 de dezembro de 2010, Morteza Fazel e Azizoallah Razaghi, juízes da Suprema Corte do Irã, promulgaram a seguinte sentença:

> O sr. Youcef Nadarkhani, filho de Byrom, 32 anos, casado, nascido em Rasht, no estado de Gilan, é culpado de dar as costas ao islã, a maior religião, a profecia de Maomé aos 19 anos. Ele participou com frequência de cultos cristãos e organizou cultos em lares, evangelizando, tendo sido batizado e tendo batizado outros, convertendo muçulmanos ao cristianismo. Foi acusado de transgredir a lei islâmica em que está desde a puberdade (15 anos de acordo com a lei islâmica) até os 19 anos, em 1996, e foi criado

como muçulmano num lar muçulmano. Durante o julgamento, negou a profecia de Maomé e a autoridade do islã. Afirmou que é cristão e não mais muçulmano.

Durante muitas sessões do tribunal, com a presença de seu advogado e de um juiz, foi sentenciado à execução por enforcamento de acordo com o artigo 8 de Tahrir-ol Vasileh. [...] Deve arrepender-se de sua fé cristã. [...] Se for provado que era muçulmano praticante quando adulto e que não se arrependeu, a execução será levada a cabo.[49]

O pastor Youcef Nadarkhani é casado com Fatemeh Pasandideh e tem dois filhos pequenos.[50] Tornou-se cristão ainda adolescente e nunca foi muçulmano praticante. Em 2009, descobriu uma recente alteração na política educacional iraniana que forçava todos os estudantes, incluindo os próprios filhos, a ler o Alcorão. Foi à escola e protestou contra essa exigência com base no fato de a Constituição do Irã garantir a liberdade de religião. O protesto de Nadarkhani foi relatado à polícia, que o prendeu em 12 de outubro de 2009. Somente então descobriu-se que ele tivera pais muçulmanos.

Em 21 e 22 de setembro de 2010, a 11ª Câmara de Julgamento da Corte da Província de Gilan declarou que, sendo os pais de Nadarkhani muçulmanos, ele necessariamente também era muçulmano. Assim, o tribunal considerou-o culpado de apostasia e sentenciou-o à morte por abandonar o islã. A apostasia não é crime nas leis iranianas. A corte simplesmente decidiu seguir o livro do falecido aiatolá Khomeini intitulado *Tahrir-ol Vasile*, seção 8, onde ele escreveu: "Um cidadão nativo apóstata será levado a se arrepender e, no caso de se recusar, será executado. É preferível prorrogar por três dias e executá-lo no quarto dia caso ainda se recuse".

Depois de uma apelação ao veredicto, a Suprema Corte ordenou à corte inferior que analisasse se o pastor Nadarkhani havia sido de fato um muçulmano. A corte novamente decidiu que ele fora muçulmano e, seguindo os textos de Khomeini, exigiu três dias para que o pastor renunciasse à fé cristã. Em 28 de setembro de 2011, a exigência final foi feita, e ele mais uma vez se recusou. Consequentemente, sua sentença de morte por apostasia poderia ser levada a cabo. (Dois meses antes disso, seu advogado, Mohammed Ali Dadkhah, fora sentenciado a nove anos de prisão por "ações e propaganda contra o regime islâmico".)[51]

A sentença suscitou clamor internacional. Nos Estados Unidos, John Boehner, líder dos republicanos, insistiu que os líderes do Irã “abandonassem esse caminho obscuro”.[52] O ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, William Hague, disse: “Isso demonstra que o regime iraniano continua sem disposição de seguir suas obrigações constitucionais e internacionais de respeitar a liberdade religiosa. Elogio a coragem mostrada pelo pastor Nadarkhani em dizer que o caso não era válido e pedir que as autoridades iranianas revertam sua sentença”.[53] Tendo de enfrentar essas e outras declarações de apoio ao pastor, o regime iraniano começou a recuar, tergiversar, ofuscar e então mentir, afirmando que não houve um veredicto e que, a propósito, Nadarkhani não estava em julgamento por apostasia, mas por estupro, “sionismo” e outras ofensas.

Contudo, o Centro Americano para Lei e Justiça publicou parte da sentença de 2010 da Suprema Corte do Irã, citada acima, que revelou exatamente quais eram as acusações e o veredicto. Os tribunais então transferiram o assunto para o líder supremo, o aiatolá Khamenei. Em janeiro de 2012, o pastor Nadarkhani recebeu uma oferta adicional para ser solto se declarasse que o profeta muçulmano Maomé era um mensageiro enviado por Deus. Ele se recusou a fazê-lo. Apelos internacionais foram lançados em seu favor. Finalmente, os tribunais do Irã o absolveram da apostasia e o condenaram pelo crime menor de evangelizar muçulmanos. Foi sentenciado a três anos de prisão — tempo que ele já havia cumprido — e liberto em 8 de setembro de 2012. Ele agora corre o sério risco de ser assassinado pelos esquadrões da morte islâmicos.[54]

Discriminação sistemática e repressão crescente

O Irã é um dos piores perseguidores religiosos do mundo. Todos os grupos religiosos sofrem: bahaístas, cristãos, mandeus, judeus e zoroastristas, assim como muçulmanos sunitas, sufistas e xiitas dissidentes. Muitas minorias estão definhando; os antigos assírios e os mandeus praticamente desapareceram. Embora o Irã seja signatário das convenções sobre direitos humanos das Nações Unidas, seus principais líderes os condenam como aberrações ocidentais.

O regime iraniano afirma basear-se no islamismo xiita, particularmente na doutrina da Escola Jaafari (xiita) dos Doze. De acordo com a Lei Fundamental, o

governo é islâmico em essência, no qual o clero exerce função de destaque.

A Constituição reconhece oficialmente o zoroastrismo, o judaísmo e o cristianismo, mas não impede a discriminação religiosa. Os não muçulmanos devem declarar sua religião em formulários do censo. Os zoroastristas, judeus e cristãos ortodoxos estão nominalmente livres para praticar rituais e educar seus filhos, mas não podem ter cargo público ou exercer funções nas forças armadas. Candidatos a cursos universitários são investigados por ortodoxos islâmicos e devem passar num teste sobre teologia islâmica, o que obviamente traz impedimentos às minorias religiosas.

As penas por matar mulheres, cristãos, judeus ou zoroastristas é menor que a por matar um homem muçulmano. O assassinato de pessoas de outras religiões não reconhecidas, como os bahaístas, não tem implicações legais. Matar essas pessoas, ou matar os que abandonam o islã, não acarreta nenhuma punição. Um não muçulmano pode ser morto por ter relações sexuais, ainda que consensuais, com uma mulher muçulmana.

O cristianismo tem uma longa história no Irã: a Igreja de Santa Maria, no noroeste, é considerada por alguns historiadores a segunda igreja sobrevivente mais antiga do mundo. Hoje, existem cerca de trezentos mil cristãos iranianos, quase todos armênios étnicos, pertencentes à Igreja Apostólica Armênia. Entre os grupos cristãos menores, a Igreja Assíria do Oriente tem cerca de onze mil membros, e a Igreja Católica da Caldeia, sete mil. O grupo dos protestantes inclui presbiterianos, anglicanos, a Igreja Evangélica Assíria e as assembleias de Deus. Também existem igrejas mais novas, como a Igreja do Irã, muitas das quais pentecostais, e há relatos de que estão crescendo rapidamente. Isso vem causando ira e furor por parte do governo, levando a ameaças, vigilância, prisões e detenções.

Apesar dessa longa história e do reconhecimento por parte da Constituição do Irã dos direitos das minorias cristãs, o governo costuma retratar o cristianismo como ocidental, interfere e desencoraja práticas cristãs e tenta impedir qualquer atividade fora das paredes da igreja. O culto cristão deve ser realizado nos idiomas assírio ou armênio. Em 7 de fevereiro de 2012, agentes à paisana invadiram uma casa, prenderam dez cristãos reunidos para orar, levaram-nos a

um local desconhecido e se recusaram a dar qualquer informação às famílias. O *Mohabat News* relatou que um dos presos era Mojtaba Hosseini, preso em 11 de maio de 2008 com outras oito pessoas. Oficiais de segurança exigiram que ele renunciasse a sua fé e colaborasse com o escritório de inteligência. As autoridades fecharam à força igrejas onde cultos eram realizados em persa (farsi), o idioma nacional do Irã. Em algumas outras igrejas, o Ministério da Inteligência impôs a exigência de barrar pessoas que falassem farsi.[55]

Desde 1993, igrejas e seus pastores são solicitados a declarar publicamente — ou falsamente — que possuem plenos direitos e não tentarão converter muçulmanos. Os adoradores podem estar sujeitos à verificação de identidade por parte das autoridades que mantêm guarda do lado de fora de centros congregacionais. Os cultos são restritos aos domingos, e as igrejas devem informar o Ministério da Informação e da Orientação Islâmica antes de admitir novos membros. Em meados da década de 1990, autoridades fecharam a Sociedade Bíblica Iraniana, com 160 anos de existência, bem como todas as livrarias cristãs, proibiram a impressão de Bíblias ou outro tipo de literatura cristã no idioma farsi, impediram a realização de conferências e fecharam igrejas protestantes em Gorgan, Mashhad, Saari e Ahvaz.

Desde a revolução de 1979, o regime persegue cristãos, outras minorias e até mesmo muçulmanos. Nos últimos anos, porém, aumentaram as prisões de cristãos, e o regime os tem demonizado, chamando-os de conspiradores e parasitas. O aiatolá Ahmed Jannati, presidente do Conselho de Guardiães e conselheiro do presidente Ahmadinejad, denunciou não muçulmanos, referindo-se a eles como “animais que vagam pela terra e se envolvem com corrupção”. Desde a chegada de Ahmadinejad ao poder, a repressão aos cristãos se direciona principalmente contra os envolvidos com a conversão de muçulmanos. Não há lei específica que declare que os muçulmanos não possam se converter, mas o artigo 167 da Constituição exige que, se não houver uma lei inserida no código, o juiz “deve pronunciar seu julgamento com base em fontes islâmicas autorizadas e autênticas [*fatwas*]”.[56] Essa foi a base para a sentença de morte de Youcef Nadarkhani. Nos desdobramentos de seus violentos ataques sobre a oposição democrática após as eleições de 2009, o regime aumentou as prisões

não apenas de opositores políticos, mas também dos que discordam dos dogmas religiosos do regime.

Ataques aos convertidos

Em 2009, um líder cristão relatou: “Houve mais prisões, tanto de cristãos como de bahaístas, nos últimos meses [...] do que provavelmente nos trinta anos anteriores”. Mas aquele foi apenas o começo de uma onda de repressão. Existe um padrão de líderes sendo presos, espancados para fornecer informações sobre outros convertidos e soltos algumas semanas depois. O meio do ano de 2009 assistiu a uma onda de prisões de cristãos. Foram presos 10 cristãos convertidos em Shiraz em junho de 2009, 8 em Rasht em 29 e 30 de julho e 24 em Amameh em 31 de julho.[57]

Em maio de 2008, houve dez prisões no Irã relacionadas a convertidos, incluindo Mohsen Namvar, preso e torturado em 2007 por batizar convertidos muçulmanos. Ele foi preso em 31 de maio de 2008 por uma divisão do *Sepah*, os Guardas Revolucionários, e mantido preso várias semanas. Foi tão severamente torturado que ficou com sequelas como febre constante, fortes dores nas costas, hipertensão arterial, tremor incontrolável nos membros e perda de memória recente. Depois disso, ele e a família encontraram refúgio na Turquia em 2 de julho de 2008.[58]

Em 5 de março de 2009, duas cristãs convertidas, Maryam Rostampour, 27 anos, e Marzieh Amirizadeh Esmaeilabad, 30, foram presas na famosa prisão de Evin sob acusações de “agir contra a segurança do Estado” e “tomar parte em reuniões ilegais”. Em 9 de agosto, um juiz pediu que renunciassem a sua fé cristã e, quando se recusaram, ordenou que elas voltassem às suas celas para reconsiderar o pedido. Esmaeilabad, que sofria de dores nas costas, dente infeccionado e dores de cabeça severas, teve assistência médica negada. Em 7 de outubro de 2009, as duas foram absolvidas das “atividades contra o Estado”, mas as acusações de apostasia e propagação do cristianismo continuaram. Em 18 de novembro de 2009, foram soltas sem pagamento de fiança, resultado inesperado em situações como essa, e em maio de 2010 foram absolvidas de todas as

acusações. Contudo, foram avisadas de que, se continuassem a exercer atividades cristãs, seriam punidas. Em 22 de maio, fugiram do país.[59]

Aumentos recentes nos abusos

Em 3 de junho de 2008, Tina Rad, 28 anos, foi presa e acusada de "atividades contra a santa religião do islã" por ler a Bíblia com muçulmanos em sua casa. Seu marido, Makan Arya, 31, foi acusado de "atividades contra a segurança nacional". Oficiais de segurança confiscaram seu computador pessoal, a antena de TV por satélite e o aparelho de televisão, bem como todos os seus livros, vídeos, CDs, DVDs e um álbum de fotos. Ficaram presos quatro dias e torturados tão severamente que Rad não conseguia andar quando foi solta. Oficiais de segurança também lhes disseram que, no futuro, seriam acusados de apostasia e sua filha de 4 anos lhes seria tirada e colocada numa instituição.[60]

É impossível abranger em qualquer pequeno espaço todos os casos recentes de discriminação, ataques, assaltos e prisões, de modo que simplesmente daremos alguns exemplos dos últimos anos. Como está ficando comum na região, a repressão costuma acontecer perto de um dia festivo cristão: o Natal. Começando em 26 de dezembro de 2010, forças de segurança invadiram lares cristãos em Teerã e outros lugares, maltrataram seus ocupantes e os algemaram, arrastando 25 pessoas para prisão e interrogatório. Entre os que foram levados, havia alguns casais, e pelo menos dois deles foram obrigados a deixar bebês para trás.

Quando a polícia invadiu outras dezenas de lares onde os ocupantes estavam ausentes, as casas foram saqueadas, roubadas e seladas. Nas semanas seguintes, o regime prendeu outros trinta a quarenta cristãos numa série de invasões sucessivas — algumas fontes dizem que aconteceram em torno de seiscentas. Foi a maior violência iraniana direcionada a cristãos desde a campanha governamental de assassinato de líderes protestantes em meados da década de 1990, e talvez a maior desde os primeiros anos da revolução.[61]

O Ministério Elam, que trabalha próximo a igrejas no Irã, relatou a soltura de alguns dos prisioneiros. Não apenas passaram mais de um mês na prisão, na maioria dos casos em confinamento solitário, simplesmente por serem cristãos,

como também foram soltos mediante fiança, ou seja, ainda poderiam ser julgados. Em conformidade com a prática comum do regime, a fiança para uma das libertadas, Sara Akhavan, incluiu a licença de comércio de sua família, o que significava que seu meio de sustento seria destruído se as autoridades decidissem cobrar a fiança.[62]

No início de março de 2011, o pastor Behrouz Sadegh-Khandjani, junto com Mehdi Furutan, Mohammad Beliad, Parviz Khalaj e Nazly Beliad, todos membros da Igreja do Irã — uma denominação carismática — foram sentenciados a um ano de prisão por "crimes contra a ordem islâmica".[63] Em 15 de março de 2011, o governo suspendeu o *Mohabat News*, um dos melhores *sites* de notícias sobre cristãos iranianos, e seus funcionários foram ameaçados. O *Mohabat* havia acabado de noticiar que, no mês anterior, o governo confiscara e queimara seiscentos exemplares do Novo Testamento encontrados num ônibus durante uma inspeção de fronteira em Salmas. Isso aconteceu no mesmo período em que o governo iraniano condenava a queima de um exemplar do Alcorão pelos pregadores Terry Jones e Wayne Sapp, na Flórida. Em agosto de 2011, um carregamento de 6.500 Bíblias foi apreendido enquanto era transportado entre as cidades de Zanjan e Ahbar, na província de Zanjan, a noroeste.[64]

Em abril de 2010, o pastor Behnam Irani, membro da igreja de Youcef Nadarkhani, liderava um culto numa igreja no lar quando foi atacado e preso. Foi julgado em 16 de janeiro de 2011, sob a acusação de apostasia e "ação contra a ordem islâmica". Foi considerado culpado da segunda acusação e sentenciado a um ano de prisão. Depois de um apelo fracassado, em 31 de maio de 2011 o pastor Irani foi mais uma vez colocado violentamente sob detenção e levado para a prisão de Hesar, em Karaj, para cumprir a pena de um ano.

Dias antes da data em que deveria ser solto, ele foi informado, em 18 de outubro de 2011, que permaneceria na prisão para cumprir uma prisão condicional de cinco anos por "ação contra a segurança nacional", promulgada por uma corte revolucionária em 2007. Esse veredicto também descrevia o pastor Irani como apóstata e reiterava que os apóstatas "podem ser mortos". No final de 2011, foi colocado numa cela com criminosos que o espancavam regularmente e tinha dificuldades para caminhar devido aos ferimentos.

“Durante seus primeiros meses de prisão, foi mantido incomunicável numa pequena cela, onde guardas o acordavam repetidamente como forma de tortura psicológica.” Foi transferido para uma sala apertada onde os internos não conseguiam deitar para dormir, antes de ser transferido para sua cela atual.[65]

A organização Solidariedade Cristã Mundial também relata que, em 14 de setembro de 2011, onze cristãos iranianos que haviam fugido anteriormente do Irã receberam ameaças por *e-mail* de um grupo autodenominado “Soldados Desconhecidos do Imã Oculto”. Essas mensagens exigiam que eles abandonassem sua fé cristã ou enfrentariam execução extrajudicial. Considera-se que os “soldados desconhecidos” possuem ligações com os serviços de segurança iranianos. O *e-mail* concluía com uma exigência de que os cristãos aproveitassem “a oportunidade de se arrepender e pedir perdão na presença do Imã Oculto e do Grande Alá” ou “de acordo com a *fatwa* pronunciada por Mehdi, o Imã Oculto, seriam mortos”.[66]

Dobrando as leis

Em janeiro de 2012, o Conselho Guardião aprovou um novo código penal islâmico. Sentenças penais como apedrejamento, desmembramento e execução de menores, bem como discriminação religiosa e de gênero, continuam como estavam no código antigo. O novo código elimina disposições que determinavam a pena de morte por apostasia, mas essa penalidade ainda pode ser cumprida com base em outras fontes, uma vez que o código traz a seguinte instrução:

> O juiz está obrigado a fazer todos os esforços para encontrar a sentença correta nas leis codificadas. Se não conseguir fazê-lo, deverá promulgar uma sentença de acordo com as fontes islâmicas ou *fatwas* válidas. [...] O juiz não pode usar a ausência, a insuficiência, a concisão ou o conflito das leis codificadas como desculpa para se recusar a pronunciar um veredicto.[67]

Foi com base nessas “fontes islâmicas válidas” que Youcef Nadarkhani foi inicialmente sentenciado à morte. O regime também pode acusar pessoas de muitas outras ofensas, como “amizade com os inimigos de Deus”, “lutar contra Deus”, “dissensão do dogma religioso”, “insulto ao islã” ou “promoção do pluralismo”. Mas essas acusações ideológicas podem se voltar contra os

ideólogos. O próprio presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, foi recentemente acusado de “bruxaria”, “experimentos com exorcismo” e “comunicação com gênios”.[68] Os mulás haviam denunciado sua administração, dizendo que ela continha “depravados, demônios e espíritos malignos”. Ao mesmo tempo, a aversão que muitos iranianos têm por seus governantes parece ser uma das razões de muitos iranianos expressarem desejo de deixar o islã.[69]

O que o futuro reserva?

Os cristãos enfrentam perseguição grave e sistemática na Arábia Saudita e no Irã. Os dois países são designados pelo Departamento de Estado dos EUA como “Países de Preocupação Específica”, segundo a Lei de Liberdade Religiosa Internacional.

Uma vez que a Arábia Saudita fornece 1/4 de todo o petróleo do mundo e é considerada aliado estratégico, os Estados Unidos e outros governos relutam em exercer mais pressão para pôr fim à demonização e incitação de violência contra cristãos e outros não muçulmanos, assim como sobre outros muçulmanos, tanto dentro do reino como em todo o mundo. Essa relutância existe não obstante o financiamento e outras formas de apoio ao terrorismo que emanam daquele reino — terrorismo que se baseia nas doutrinas wahabistas de ódio religioso e *jihad*.

Os Estados Unidos veem o Irã como ameaça estratégica ao Ocidente, e mais imediato a Israel, que os governantes iranianos repetidamente ameaçaram aniquilar. Assim, as políticas governamentais americanas e de outros países nos últimos anos se concentraram, por meio de sanções econômicas e diplomacia, em impedir o Irã de desenvolver armas nucleares.

Isso significa que há pouca atenção externa contínua sobre as violações da liberdade religiosa nesses dois países. Embora haja congregações no Irã em crescimento, no curto e médio prazos a perspectiva para a liberdade religiosa nesses países parece obscura.

7
O mundo muçulmano: Aumento da repressão

Egito • Paquistão • Afeganistão • Sudão

A maior parte da coleta de lixo da cidade do Cairo é feita em particular por cristãos, conhecidos como *zabaleen*, que pegam refugos em caminhões e carrinhos, levam para o lugar onde vivem e procuram alguma coisa de valor, que mais tarde é vendida. O termo *zabaleen* significa literalmente viver no meio do lixo.

Na noite de 9 de março de 2011, cristãos no bairro cristão do Cairo chamado Mokatam — habitualmente chamado de "Cidade do lixo" — sofreram violentos ataques. Vários grupos, alguns portando armas de fogo, vaguearam por Mokatam nas primeiras horas da madrugada. Casas foram saqueadas e incendiadas usando-se botijões de gás, e instalações para reciclagem de lixo e caminhões foram destruídos. Uma moradora antiga escreveu: "Embora mais de 130 pessoas tivessem sido feridas, a maioria por tiros e algumas com bastante gravidade, nenhuma ambulância ou carro de bombeiros chegou à vila até a manhã seguinte. [...] Até o momento, dez pessoas morreram, nove das quais jovens cristãos e um muçulmano que vive na vila e defendia sua casa ali".

Ela acrescentou que "era evidente que esse foi um ataque bem organizado e deliberado contra cristãos em geral e contra o Povo do Lixo em particular".[1]

Em agosto de 2009, na vila de Gojra, região do Punjab, Paquistão, um rumor começou a circular. Espalhou-se de modo tão veloz e descontrolado quanto o fogo que logo surgiria. A história era que três homens cristãos haviam profanado um exemplar do Alcorão durante uma cerimônia de casamento. Enraivecidos com essa história de blasfêmia, uma multidão irada se reuniu, incitada por

membros de uma facção sunita radical. Armados com tacos e gasolina, atacaram Gojra. Depois de atacarem os supostos perpetradores do “crime” contra o islã, queimaram quarenta casas e uma igreja. Oito pessoas foram queimadas vivas e outras dezoito ficaram feridas. Uma investigação posterior revelou que, embora os oficiais locais soubessem antecipadamente do ataque, não fizeram nenhum esforço para impedi-lo.

Mukhtar Masih (Masih é um sobrenome cristão comum no Paquistão, uma variante da palavra “Messias”), um dos três ditos blasfemadores, mais tarde explicou que, durante um casamento tranquilo em sua casa, jovens muçulmanos locais amassaram várias páginas do Alcorão e as jogaram por cima do muro da casa de sua família. Mais tarde, os mesmos encrenqueiros as recolheram como prova e acusaram os cristãos de profanar o livro sagrado do islã e, portanto, de blasfêmia. Masih e outros membros de sua família foram brutalmente espancados antes do incêndio; fugiram para preservar a vida. Depois de as chamas terem sido apagadas, porém, Masih descobriu que sua filha pequena morrera no incêndio. Seus filhos sobreviventes, três homens e três mulheres, ficaram “sem nada”, nas próprias palavras. Os muitos suspeitos do caso foram liberados, de acordo com fontes de notícias.[2]

Shoaib Assadullah converteu-se ao cristianismo no Afeganistão em 2005. Foi preso em 21 de outubro de 2010, depois de dar a um homem um exemplar do Novo Testamento, na cidade de Mazar-e-Sharif, região norte. Em 3 de janeiro de 2011, um juiz disse a Shoaib que, se não renegasse sua fé cristã em uma semana, seria preso por até vinte anos ou sentenciado à morte.

Como em outros casos envolvendo cristãos, nenhum advogado afegão aceitou defender Assadullah. Enquanto estava na prisão, sua mãe faleceu, talvez em razão da situação do filho. Numa carta escrita em 17 de fevereiro de 2011, Shoaib disse: “Por várias vezes fui atacado fisicamente e ameaçado de morte por colegas de prisão, especialmente talibãs e outros prisioneiros contrários ao governo”.[3]

Shoaib foi levado algemado e descalço para o hospital, onde o médico disse que ele estava confuso e precisava ser hospitalizado. Talvez a intenção era mostrar que ele era insano, no intuito de explicar sua conversão e justificar uma

sentença mais branda, aliviando assim a pressão internacional. No final de março de 2011, foi solto e fugiu do país.[4]

O deputado americano Frank Wolf, que há duas décadas se interessa pelo Sudão, viajou com a organização humanitária cristã Samaritan's Purse a um campo de refugiados para 25 mil pessoas em Nuba, em fevereiro de 2012. Seu relatório, baseado nas entrevistas com os refugiados, é uma dolorosa descrição dos bombardeios e assassinatos indiscriminados, além da escassez de alimentos manipulada pelas forças armadas do norte do Sudão. Uma refugiada apresentou ao congressista do estado da Virginia um relato do ataque contínuo aos cristãos:

> Ela levantou a questão da religião, dizendo que soldados armados com rifles AK47 iam às vilas em caminhões com metralhadoras nas costas e diziam: "Nesta vila não queremos ninguém que diga que é cristão". Falou de estupros e ataques brutais realizados por soldados sudaneses não uniformizados. Esses soldados do governo amarravam as pessoas e depois as executavam, disse ela.[5]

Via crucis

Egito, Paquistão, Afeganistão e Sudão variam grandemente em geografia, cultura e grau de presença cristã.[6] O Egito é o lar da maior e mais antiga comunidade cristã no grande Oriente Médio. Não resta nenhuma igreja no Afeganistão; sua pequena população cristã consiste em convertidos recentes. Os cristãos, que respondem por pequenas frações da população do Paquistão e da parte norte do Sudão, na maioria podem manter igrejas em funcionamento. Contudo, embora suas circunstâncias sejam diferentes, os cristãos nesses quatro países constituem minorias severamente perseguidas cuja sobrevivência depende de uma luta constante diante do sempre crescente extremismo islâmico.

Esses cristãos estão sujeitos a Estados, mesmo os nominalmente seculares, que favorecem o islã e reprimem o cristianismo e outras religiões não islâmicas, e também estão à mercê de islamitas violentos e intolerantes, incluindo terroristas. Essas duas forças costumam agir de maneira independente, mas em alguns momentos trabalham juntas, sobretudo nos níveis inferiores dos serviços de segurança.

O Sudão promove uma campanha de bombardeios e fome forçada contra o povo nuba e outros espalhados pela fronteira sul, suspeitos de simpatizar com o Sudão do Sul, amplamente cristão e não muçulmano. Em Cartum, sua capital, os cristãos são tratados como cidadãos de segunda classe e sofrem repressão. Com frequência cada vez maior no Egito e no Paquistão, os ataques assumem a forma de massacres contra moradores cristãos vulneráveis. As leis do Estado, que suprimem os direitos dos cristãos, exacerbam essa situação. Isso inclui, no Egito, a autorização de reformar ou construir igrejas. Vez após outra, esses governos deixaram de proteger minorias cristãs da violência e lhes negaram justiça depois da realização de ataques. No Paquistão e no Egito, os cristãos às vezes são presos com seus agressores.

Macram Gassis, bispo católico do povo nuba do Sudão, nos escreveu um apelo ansioso antes do Natal de 2011: “Por favor, incluam-nos em suas orações. Meu rebanho está numa *via crucis*”. Ele quis dizer que os indefesos cristãos tribais do centro do Sudão estavam experimentando seu Calvário.

Essas palavras poderiam ser ditas em relação aos cristãos de cada um dos países descritos acima. Eles enfrentam Estados que mesclam as restrições da *sharia* com medidas pragmáticas e enfrentam ampla violência social, inclusive de terroristas.

Egito

Em 9 de outubro de 2011, forças armadas do Egito esmagaram sem piedade um protesto copta na região de Maspero, na cidade do Cairo.[7] A manifestação de outubro fora organizada pelo Grupo Jovem de Maspero como protesto a uma série de incêndios a igrejas e deficiência das autoridades em proteger cristãos dos ataques nos meses anteriores. Quando os manifestantes passaram pelos bairros de El Qolaly e Abdeen, foram apedrejados por alguns residentes muçulmanos. Enquanto se reuniam nas proximidades de Maspero, o Exército egípcio interferiu a fim de dispersar a reunião. Mais de vinte coptas foram mortos e trezentos ficaram feridos. O Exército parecia ter mudado sua prática anterior de passividade diante dos ataques aos coptas para uma posição de

hostilidade aberta contra eles. Isso resultou em violência desenfreada. De acordo com relatórios de perícia sobre os manifestantes mortos, 1/3 das 27 vítimas morreu atropelado por veículos blindados; os outros foram alvejados com balas. Não há evidências de que os manifestantes coptas estivessem armados.

Nesse ínterim, o canal estatal egípcio *Nile News* divulgou falsamente que os coptas estavam atirando no Exército e chamou os egípcios a virem em defesa do Exército. Esse relato, suprimido no dia seguinte pela emissora, imediatamente inflamou muitos muçulmanos, que se dirigiram a Maspero e entraram em conflito com os manifestantes, incluindo alguns muçulmanos. Canais de televisão salafistas também transmitiram informações de que os cristãos haviam queimado um exemplar do Alcorão em Maspero, adicionando mais combustível aos ataques sobre os coptas e contra o hospital copta para onde muitos dos feridos foram levados.[8]

Em 11 de outubro, muçulmanos armados atacaram cortejos fúnebres de vários dos coptas assassinados, bloqueando sua passagem e lançando pedras e coquetéis molotov sobre eles. Os pranteadores cercados buscaram abrigo e ligaram para o telefone de emergência do Exército em busca de ajuda. Durante horas, não houve resposta.

O então primeiro-ministro Essam Sharaf colocou a culpa da violência em Maspero em “mãos invisíveis”, deixando implícita a influência americana ou israelense. Numa coletiva de imprensa de 12 de outubro, as forças armadas culparam os manifestantes cristãos, chamando-os de “inimigos da revolução”. O general Adel Emara negou que as tropas houvessem atirado contra os manifestantes, afirmando que suas armas não tinham munição verdadeira. Disse que “não está no dicionário das forças armadas passar por cima de corpos [...] ainda que estejamos lutando contra nossos inimigos”. A evidência pericial e as fotos explícitas postadas na internet mostravam o contrário. Em 15 de outubro, 28 pessoas, quase todas coptas, foram presas devido à violência e assim permaneceram vários meses antes de ser libertas. Nenhum oficial egípcio foi responsabilizado. As investigações foram abandonadas e o caso encerrado depois que um painel de juízes apontados pelo Ministério da Justiça decidiu que havia falta de provas.[9]

A Igreja de al-Qidiseen (Igreja dos Dois Santos) em Alexandria foi bombardeada pouco depois da meia-noite de 1º de janeiro de 2011, enquanto os adoradores saíam depois de um culto de vigília do ano-novo. Morreram 21 coptas, e quase uma centena ficou ferida, assim como alguns espectadores muçulmanos. O número de mortos foi o mais alto num único incidente desde o massacre de coptas na vila de El-Kosheh em 1º de janeiro de 2000. A maioria dos ataques a coptas não é planejado com precisão, mas levado a cabo por justiceiros locais ou multidões insufladas por acusações provocantes transmitidas por pregadores radicais. Em contrapartida, o bombardeio de Alexandria, provavelmente obra de um homem-bomba, continha as marcas de ataque de um grupo da Al-Qaeda ou de outro grupo jihadista. Quase no mesmo instante, um *site* afiliado à Al-Qaeda publicou uma "lista de mortos", citando duzentos cristãos coptas, a maioria vivendo fora do país, mais da metade no Canadá.[10]

O cristianismo no Egito é antigo. A tradição da igreja diz que ela foi fundada ali por Marcos, o autor do evangelho. Os coptas, que é como os cristãos são chamados com base na forma antiga da palavra *Egito*, somam entre seis a dez milhões, ou algo em torno de 10% da população egípcia, com 83 milhões de pessoas. São de longe a maior comunidade cristã do Oriente Médio. Mais de 90% são coptas ortodoxos, mas também incluem gregos ortodoxos, católicos, evangélicos e outros. O restante da população do Egito é de muçulmanos sunitas, com pequenas comunidades xiitas e bahaístas e cerca de duas dúzias de judeus locais.

Longas e intensas manifestações forçaram o presidente autoritário de longa data, Hosni Mubarak, a entregar o poder às forças armadas em 11 de fevereiro de 2011. Depois de eleições parlamentares em janeiro de 2012, a Irmandade Muçulmana assumiu 47% das cadeiras da Câmara Baixa. Os salafistas, cuja versão do islã é similar à da Arábia Saudita, conquistaram mais 26%. Esses grupos se saíram ainda melhor nas eleições menos poderosas da Câmara Alta, dando aos islamitas uma posição dominante no novo governo e controle na indicação dos elaboradores da nova Constituição. Em 14 de junho de 2012, a Suprema Corte do Egito inesperadamente ordenou a dissolução do Parlamento devido a irregularidades nas eleições das cadeiras reservadas aos independentes.

Mohammed Morsi, figura de liderança na Irmandade Muçulmana, foi eleito presidente e assumiu o cargo em 30 de junho de 2012. Em agosto de 2012, tomou medidas para consolidar seu poder ao substituir os oficiais militares mais elevados do país. A maioria dos coptas teme que a Irmandade Muçulmana e os salafistas, ambos fortalecidos, venham a ser mais repressivos para os coptas do que era Mubarak. Muitos dos ataques aos coptas descritos aqui foram realizados por salafistas. Os coptas que tinham condição começaram a fugir do Egito em 2011.[11]

Embora a situação fosse ruim antes, os ataques aos coptas realizados por extremistas e por forças de segurança aumentaram desde a renúncia de Mubarak. Os cristãos há muito sofrem da falta de proteção do Estado devido a policiais que não os ajudam, juízes que não processam os indivíduos que efetuam os abusos e políticas discriminatórias e restritivas do governo egípcio. Os impostos ajudam mesquitas, escolas e universidade muçulmanas e o salário dos imãs, mas não é repassado para funções cristãs. Os coptas são pouco representados na mídia governamental, nas escolas públicas e em outros cargos públicos. Leis discriminatórias restringem a construção e a reforma de igrejas; leis relativas a casamento, herança e conversão são discriminatórias com relação aos cristãos.[12]

Autoridades egípcias subestimam ou encobrem violência contra cristãos e se recusam a investigar tais incidentes de maneira adequada. Juízes e policiais também demonstram uma tática de promover sessões de “reconciliação” entre cristãos e seus ofensores muçulmanos. Ainda que uma reconciliação correta seja algo bom, as autoridades usam essa reconciliação forçada como substituto aparente para julgar e punir os perpetradores e compensar as vítimas. Os culpados fogem, cientes de que atacar coptas, sua igreja ou sua propriedade produz pouca ou nenhuma penalidade. É comum que tais casos resultem em danos ainda maiores para os coptas, porque às vezes são expulsos das áreas — suas casas e locais de trabalho — onde foram vitimados.[13]

Em 28 de abril de 2011, a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional recomendou pela primeira vez à secretária de Estado Hillary Clinton que o Egito fosse oficialmente incluído na lista de “Países de Preocupação Específica”. O chefe da comissão, Leonard Leo, declarou que

“severas violações à liberdade religiosa com envolvimento ou tolerância do governo aumentaram drasticamente desde [...] a renúncia do presidente Mubarak”.[14]

Proibido: construção de igrejas e insultos

O governo força restrições inconvenientes e não raro arbitrárias sobre construção ou reforma de igrejas, restrições que não se aplicam a mesquitas. Tais leis são aplicadas desde o governo otomano. No decreto 291, de 2005, o então presidente Mubarak delegou autoridade a governadores de estados para autorizar a expansão ou reforma de igrejas existentes, mas, na prática, as forças de segurança podem bloquear qualquer obra, e o processo de aprovação para a construção de uma igreja é retardado às vezes por décadas. Igrejas desabaram enquanto a congregação aguardava aprovação para a reforma. De acordo com algumas estimativas, cerca de 1/3 dos ataques recentes aos coptas alvejaram aqueles que tentaram reformar ou expandir igrejas diante de restrições injustificáveis.

Em novembro de 2010, por exemplo, autoridades do Estado tentaram impedir a construção de um anexo da Igreja Copta de Santa Maria, em Giza. Por volta das 3 horas da manhã de 24 de novembro, a polícia cercou o local enquanto homens trabalhavam no teto, com duzentos adoradores mantendo vigília dentro da igreja. Forças de segurança, usando gás lacrimogênio, balas de borracha e munição mataram quatro coptas e feriram pelo menos cinquenta, muitos com gravidade. Pelo menos duzentos cristãos foram presos no local ou nas redondezas e tiveram negado o acesso a advogados. Os líderes da igreja insistiram que tinham permissão para a construção, mas as autoridades contestaram.[15]

Coptas sem igreja podem orar em casa, mas isso também tem seus perigos — às vezes levando a ataques a casas, pressão para tirar os crentes de suas casas e detenção dos proprietários e convidados sob acusação de “sedição” ou “orar em local não autorizado”.[16]

Os coptas, como outros egípcios, podem ser atacados por “insulto ao islã”. Em outubro de 2005, uma multidão de pelo menos cinco mil pessoas cercou a Igreja de São Jorge em Alexandria depois que o jornal *Al-Midan* relatou, em 13 de

outubro, que uma peça teatral “insultara o islã” por retratar um copta que resistia a se tornar muçulmano. Nas revoltas, quatro pessoas morreram e noventa foram feridas. Houve ataques a outras sete igrejas em Alexandria, assim como a carros e a lojas de coptas, e uma multidão cercou outra igreja no Cairo, longe dali. Nos dias seguintes, pichadores anônimos marcaram casas coptas em Alexandria com cruzes, ação considerada por todos um sinal para ajudar ataques futuros. Muitos cristãos permaneceram em casa com medo. Ameaças de morte contra sacerdotes de Alexandria e contra o papa copta Shenouda III também apareceram em *sites* extremistas.[17]

Ligações perigosas e conversões mortais

Sob a lei egípcia, uma mulher muçulmana não pode se casar com um homem cristão (embora um homem muçulmano possa se casar com uma mulher cristã). Se um homem cristão se envolver romântica ou sexualmente com uma mulher muçulmana, a violência é direcionada não apenas a ele ou à sua família, mas também a toda a comunidade cristã local. Tais incidentes não são incomuns.

Em 4 de março de 2011, uma multidão de milhares atacou e queimou as igrejas de Santa Mina e São Jorge na vila de Soul, a cerca de trinta quilômetros do Cairo. A multidão derrubou a cruz da igreja e detonou cilindros de gás. O incêndio que se seguiu destruiu a igreja e tudo o que havia nela, incluindo relíquias centenárias. No início, o corpo de bombeiros e as forças armadas demoraram a responder aos pedidos de ajuda dos coptas. O incidente aparentemente teve como base um relacionamento romântico entre um homem cristão e uma mulher muçulmana e o fato de o pai da mulher ter se recusado a matá-la para restaurar a “honra” da comunidade. Em seguida, mais de mil coptas fugiram da área. O Exército reconstruiu a igreja antes da Páscoa, mas ninguém foi processado pelo ataque.[18]

Os coptas que se convertem do islã ou ajudam convertidos ou estão envolvidos em proselitismo, evangelismo ou testemunho a muçulmanos enfrentam os piores dos problemas. Embora nenhuma lei proíba especificamente o evangelismo ou a apostasia, o artigo 98 (f) do código penal, que proíbe “ridicularizar ou insultar

religiões divinas" ou "incitar violência sectária", funciona como uma lei de apostasia *de facto*.[19]

O falecido xeique Muhammad Tantawi, da Universidade Al-Azhar, nos disse: "É proibido a qualquer muçulmano mudar de religião no Egito". Em 1º de maio de 2007, o jornal *Sout el Oma* relatou que o ministro do Interior, Habib el-Adly, enviara um memorando à Corte Administrativa argumentando que o islã, como religião do Estado, exige a morte de qualquer homem muçulmano que abandone a fé, enquanto uma mulher apóstata "deve ser presa e espancada a cada três dias até que volte para o islã".[20]

No início de julho de 2010, o xeique Youssef Al-Badri, membro do Supremo Conselho para Assuntos Islâmicos, um afiliado do Ministério Egípcio de Fundações Islâmicas, declarou na televisão estatal que convertidos que saíram do islã "devem ser mortos".[21] Em 2 de dezembro de 2010, o Pew Research Center, respeitado centro de pesquisa sobre religião e sociedade, publicou seu relatório sobre o Oriente Médio, que descobriu que 84% dos egípcios são favoráveis à execução de qualquer muçulmano que mude de religião.[22] Ainda que não seja morto, o casamento do convertido pode ser anulado, seus filhos tomados e ele pode enfrentar prisão e tortura.

Gasir Mohammed Mahmoud converteu-se ao cristianismo em 2003. Quando sua família descobriu, seu pai adotivo procurou ajuda dos xeiques muçulmanos locais, que lançaram ameaças de morte contra Gasir por apostasia. Sua mãe pediu à polícia que protegesse seu filho para que não fosse morto, mas os apelos caíram em ouvidos moucos. Em vez disso, Gasir foi detido por oficiais de segurança e torturado, tendo as unhas dos dedos dos pés arrancadas. Em 10 de janeiro de 2005, foi confinado à força no hospital de doenças mentais El-Khanka, no Cairo, e mantido em confinamento solitário. Mahmoud recorda: "Encheram o quarto de água para me impedir de dormir". Depois de publicidade internacional, foi solto em 9 de junho de 2005 e passou a viver escondido.[23]

Um dos principais problemas enfrentados pelos convertidos é a recusa do governo em alterar sua religião em suas carteiras de identidade. Isso significa que os cristãos são tratados como se fossem muçulmanos. E isso é um problema,

porque as leis familiares egípcias se baseiam na religião, e a *sharia* se aplica a qualquer família em que ao menos um dos pais seja muçulmano.[24] Visto que a lei da *sharia* proíbe mulheres muçulmanas de se casar fora de sua religião, as mulheres cristãs identificadas como muçulmanas não podem se casar com homens cristãos.[25] Desesperadas para casar, elas podem adquirir documentos de identificação cristãos falsos, mas, se a polícia descobrir, tem a autoridade de forçá-las a se divorciar do marido. Algumas foram presas e torturadas. Recentemente, o Egito vem sendo linha-dura com casamentos realizados mediante documentos falsos.

Em 17 de dezembro de 2008, Martha Samuel Makkar, 22 anos, foi presa no aeroporto do Cairo sob acusação de forjar documentos oficiais enquanto tentava partir para a Rússia com seu marido e os dois filhos do casal, de 2 e 4 anos. Cinco anos antes, ela havia se convertido ao cristianismo, mudado seu nome (Zainab Said Abdel-Aziz) e se casado com um cristão, Fadel Thabet. Depois, a polícia a perseguiu, e sua família tentou matá-la. Há relatos de que Makkar foi sexualmente molestada pela polícia egípcia na delegacia de El-Nozha; foi atacada por outras prisioneiras enquanto esteve detida; também foi torturada como forma de forçá-la a voltar para o islã.[26] Em 24 de janeiro de 2009, foi solta sob fiança, mas não antes de o juiz expressar sua opinião informal de que ela deveria ser morta por deixar o islã.[27]

Uma vez que o governo se recusa a reconhecer os convertidos, e visto que em geral eles vivem escondidos, não há números confiáveis sobre quantas pessoas se convertem do islã para o cristianismo no Egito. Podem existir milhares. Mas muitos têm medo de falar de sua nova crença, enquanto outros se mudam na esperança de começar uma nova vida onde não sejam conhecidos. Infelizmente, a carteira de identidade no Egito torna o anonimato religioso praticamente impossível — eles são publicamente rotulados como muçulmanos — e os funcionários do governo podem assim maltratar convertidos quando frequentam uma igreja, casam-se e dão à luz crianças que, por sua vez, recebem carteira de identidade assinalando-as como muçulmanas onde quer que forem.[28]

Alguns cristãos egípcios talvez só percebam que o governo os considera muçulmanos muito tempo depois de sua conversão. As irmãs Shadia e Bahia El-Sisi foram condenadas 45 anos depois de sua suposta ofensa de apostasia. Em 1962, o pai delas saiu de casa e se converteu ao islã. Três anos depois, voltou, reconverteu-se ao cristianismo e obteve documentos falsos declarando que era cristão. Em 1996, a polícia descobriu isso, deteve-o e lhe disse que ele era muçulmano e, portanto, suas filhas também eram. Nenhuma das irmãs sabia dos atos de seu pai décadas antes, e seus documentos de identidade sempre as declararam como cristãs. Shadia, casada com um cristão havia 25 anos, foi ameaçada com um divórcio forçado.

Em novembro de 2007, foi sentenciada a três anos de prisão, supostamente por cometer fraude em seus documentos de identidade, uma vez que, em 1982, escreveu "cristã" em sua certidão de casamento. No início de 2008, foi solta quando o promotor determinou que o julgamento se baseara em informação falsa. Bahia, que passou a se esconder quando Shadia foi detida e reapareceu quando a irmã foi solta, foi levada a julgamento e condenada por identificar-se como cristã em sua certidão de casamento. Foi solta com uma apelação ainda pendente. Se ela continuasse a ser considerada muçulmana, seu marido seria forçado a se converter ao islã ou o casamento seria anulado pela corte. Nesse caso, os filhos seriam registrados novamente como muçulmanos, e as filhas também poderiam enfrentar uma possível anulação involuntária de casamento.[29] Em princípio, esse procedimento de conversão forçada retroativa poderia se arrastar por gerações.

Não obstante os perigos que enfrentam, nos últimos anos vários convertidos cristãos desafiaram a recusa do governo egípcio de reconhecer sua conversão. A maioria é de pessoas que nasceram cristãs, converteram-se ao islã — em geral por motivos de casamento — e então decidiram reconverter-se outra vez. Algumas sentenças judiciais recentes lhes foram favoráveis, mas as autoridades costumam deixar de aplicar essas sentenças. Com exceção dos "reconvertidos", nenhuma pessoa nascida como muçulmana já obteve o direito de ter sua nova religião reconhecida.

Mohammed Ahmed Hegazy converteu-se ao cristianismo em 1998 e, pouco depois, foi torturado pela polícia por três dias. Foi preso novamente por dez semanas em 2002 sob condições que ele descreve como as de um “campo de concentração”. Em 2 de agosto de 2007, quando a esposa esperava um bebê (que teria de ser criado como muçulmano), Hegazy instaurou um processo desafiando a recusa do governo em reconhecer sua conversão. Depois de receber ameaças de morte, passou a se esconder. O ministro egípcio de Fundações Islâmicas, Mahmoud Hamdi Zakzouk, enfatizou publicamente a legalidade da pena de morte para os convertidos, e o advogado de Hegazy, Mamdouh Nakhla, afastou-se do caso depois de receber ameaças de morte e ouvir da Segurança Estatal Egípcia que poderia ser morto.[30]

Em audiência realizada em 15 de janeiro de 2008, uma dúzia de advogados islâmicos tentaram atacar os advogados de Hegazy. O pai dele disse: “Vou matá-lo com as próprias mãos. Derramarei seu sangue em praça pública”.[31] Em 29 de janeiro de 2008, a Suprema Corte Administrativa proferiu uma sentença na qual dizia que Hegazy não poderia ter sua conversão reconhecida, uma vez que “as religiões monoteístas foram concedidas por Deus em ordem cronológica” e, portanto, uma pessoa não poderia se converter a uma “religião mais antiga”.[32] Hegazy tentou fugir do país, mas não conseguiu obter um passaporte e passou a se esconder.[33]

Maher El-Gohary, agora chamado de Peter Ethnasios, solicitou em 4 de agosto de 2008 uma mudança em sua religião oficial, do islã para o cristianismo. Ele havia se convertido cerca de trinta anos antes, e o principal motivo para ir ao tribunal foi que sua filha de 14 anos receberia, aos 16, uma carteira de identidade que a designaria como muçulmana, o que legalmente a impediria de casar-se com um cristão.[34] Por causa das ameaças, El-Gohary não pôde participar da audiência; quando procurou obter uma procuração para autorizar seu advogado a agir em seu favor, os empregados do cartório o espancaram.[35] O tribunal pediu que ele providenciasse um certificado de conversão da Igreja Ortodoxa Copta, algo praticamente impossível. El-Gohary então viajou para Chipre, voltando de lá com um certificado de conversão de uma igreja cipriota que a Igreja Ortodoxa

Copta aceitava oficialmente.[36] A despeito do certificado, o juízo rejeitou sua apelação.[37] Perto do final de março de 2010, sua filha de 15 anos, Dina, arriscou-se a sair de seu esconderijo em Alexandria para buscar um pouco de água e jogaram ácido sobre ela; apenas sua jaqueta foi atingida.[38] Em dezembro de 2010, uma corte revogou uma proibição de viagem para El-Gohary, anteriormente promulgada pelo Ministério do Interior, e, em março de 2011, ele fugiu do Egito.

Risco crescente de sequestro

O rapto de meninas coptas com fins de conversão forçada ao islã também cresce. Embora a pessoa precise ter mais de 16 anos para converter-se legalmente ao islã, as autoridades locais nem sempre respeitam isso. Às vezes permitem que a custódia de uma cristã menor de idade que se "converte" ao islã seja transferida para um guardião muçulmano, que então concede aprovação para um casamento abaixo da idade permitida. Nem todos os casos são de sequestros genuínos, uma vez que muitos representam exemplos de meninas cristãs que se apaixonam e se convertem voluntariamente, mas os raptos verdadeiros são bastante reais.

Uma reportagem publicada em 10 de novembro de 2009 pela Solidariedade Cristã Internacional e pela Fundação Copta para Direitos Humanos documenta 25 casos de raptos.[39] Um sacerdote relatou que mais de cinquenta mulheres apenas de sua paróquia foram vítimas desse crime no ano anterior.

Em 19 de abril de 2010, um grupo bipartidário composto de dezoito membros do Congresso dos Estados Unidos escreveu ao embaixador Luis C. de Baca, diretor do Gabinete de Tráfico de Pessoas do Departamento de Estado, dizendo que receberam relatórios perturbadores relacionados a meninas coptas, que documentavam "um fenômeno criminoso que inclui fraude, violência física e sexual, cativeiro, casamento forçado e exploração em serviços domésticos forçados ou exploração sexual comercial, bem como benefício financeiro aos indivíduos que obtivessem a conversão forçada da vítima".[40]

Depois da Primavera Árabe

O futuro do Egito após a renúncia de Mubarak é incerto e com certeza não sabemos o que ele nos trará. Mas os dois primeiros anos da Primavera Árabe, com o fortalecimento da Irmandade Muçulmana e dos salafistas, foram desanimadores para os cristãos do Egito. O número e a escala dos ataques sobre eles têm aumentado.

Incitada pelo rumor de que uma mulher convertida ao islã era mantida ali, uma multidão de salafistas atacou, em 7 de maio de 2011, a Igreja de Santa Mina, uma das mais antigas do Egito. Depois, jogaram bombas incendiárias na Igreja da Virgem Maria em Imbaba, na mesma área. Também houve disparos de tiros do topo de edifícios. Casas e lojas coptas foram incendiadas. Os choques resultaram em dez mortes, tanto de muçulmanos como de cristãos, e mais de duzentas pessoas ficaram feridas; os militares então cercaram as igrejas e detiveram cerca de 190 pessoas.

Anba Theodosius, bispo de Giza, onde se localiza Imbaba, disse: “Não temos lei nem segurança; estamos numa selva. Estamos num estado de caos. Um rumor põe fogo em toda a área. Todo dia vemos uma catástrofe”. Em seguida, a polícia prendeu 23 salafistas, e os militares disseram que ajudariam na reconstrução das igrejas. O Conselho Nacional Egípcio para Direitos Humanos declarou em 9 de maio de 2011 que seu relatório sobre a violência responsabilizaria em grande parte as forças de segurança, citando sua reação lenta. Segundo o relatório, os agressores à comunidade copta andaram os dois quilômetros que separam a Igreja de Santa Mina da Igreja da Virgem Maria portando espingardas, facas e coquetéis molotov sem serem impedidos pela polícia. Também afirma que a Igreja da Virgem Maria foi incendiada em meio a uma total ausência de segurança.[41]

Alguns dias depois do famoso massacre de Maspero, em 16 de outubro de 2011, um professor e sua classe, enfurecidos, mataram um rapaz copta. Ayman Nabil Labib, 17 anos, aluno do ensino médio na cidade de Mallawi, no Alto Egito, foi assassinado por causa da cruz tatuada em seu pulso. Seu professor de língua árabe, Usama Mahmud Hasan, começou a insultar e a ameaçar o jovem durante a aula dizendo que ele deveria apagar a cruz. Quando Ayman disse que a cruz era uma tatuagem e, portanto, impossível de ser removida, acrescentando

que, embaixo da camisa, também usava uma corrente com uma cruz, o professor ficou ainda mais irritado e perguntou à classe: “O que vamos fazer com ele?”. Dois alunos da classe, Mustafa Walid Sayyid e Mustafa Hasanayn ‘Issam, bateram em Ayman e lideraram cerca de quinze outros alunos, que o perseguiram enquanto ele tentava fugir. Dois supervisores da escola, Tahir Husayn e Muhammad Sayyid, teriam forçado Ayman a entrar na sala dos professores. Ali o grupo o espancou até a morte. Os dois alunos que lideraram o grupo, Sayyid e ‘Issam, foram acusados de assassinato, mas nenhuma ação foi tomada contra os funcionários da escola.[42]

Paquistão

Nos últimos meses de 2009, uma mulher cristã de 45 anos e mãe de cinco filhos chamada Asia Bibi (também conhecida como Asia Noreen) trabalhava nos campos próximos de sua casa em Ittan Wali, no distrito paquistanês de Sheikhupura. Era um dia muito quente, e Bibi e suas colegas de trabalho estavam com sede. Alguém lhe pediu que trouxesse água. Quando voltou, várias mulheres se recusaram a beber a água que ela lhes ofereceu. Como eram muçulmanas e Bibi cristã, elas disseram que a água era *“impura”*.[43]

Uma discussão se iniciou. Durante a discussão cada vez mais acalorada, Asia Bibi foi acusada de blasfêmia contra o profeta Maomé — um crime capital, de acordo com as implacáveis leis de blasfêmia do Paquistão. A discussão arrefeceu, mas alguns dias depois ela foi atacada por uma multidão de islamitas radicais. A polícia local interveio — e a prendeu.

É digno de nota que, na hora do incidente, havia uma suposta discussão sobre danos à propriedade entre Bibi e uma de suas vizinhas, que também fazia parte do grupo de colegas de trabalho que a acusou de blasfêmia.[44] Segundo o *Daily Telegraph*, “a polícia sofria pressão da multidão muçulmana, incluindo clérigos, pedindo que Asia fosse morta porque havia falado mal do profeta Maomé. Assim, depois que a polícia salvou sua vida, registraram uma queixa de blasfêmia contra ela”.[45]

Bibi foi mantida presa sem receber acusação formal por mais de um ano. Uma vez que os tribunais da *sharia* dão ao testemunho de um infiel a metade do peso do testemunho de um muçulmano, ela não teve chance. Em novembro de 2010, foi julgada e condenada por blasfêmia e sentenciada à morte por enforcamento. Em abril de 2011, surgiram relatórios de que sua saúde estava se deteriorando.[46] Dizia-se que isso se deveu às péssimas condições de higiene da sua cela na prisão de Lahore. Ela permanece no corredor da morte.

Perseguidos pelo Estado

> Vocês estão livres; livres para ir a seus templos, livres para ir a suas mesquitas ou a quaisquer outros lugares de adoração no Estado do Paquistão. Você pode pertencer a qualquer religião, casta ou credo — essa é uma situação com a qual o Estado não tem nenhuma relação. [...] Minorias de qualquer comunidade serão protegidas. A religião, a fé ou a crença delas serão preservadas. Não haverá interferência de nenhum tipo em sua liberdade de culto.

Assim disse Muhammad Ali Jinnah, o "pai da nação" do Paquistão, num discurso de 1947, pouco depois da fundação do país.[47]

As palavras de Jinnah foram bem-intencionadas e mesmo libertadoras naquela época. E, se bem usadas hoje, sem dúvida seriam reconfortantes para as minorias religiosas do Paquistão — incluindo três milhões de cristãos do total de 174 milhões de habitantes dessa nação de maioria muçulmana. Infelizmente, devido à radicalização cada vez maior do islã na região, os cristãos que residem no Paquistão vivem uma existência precária, vitimados por extremistas, oficialmente discriminados nos tribunais da *sharia*, aterrorizados debaixo de leis draconianas de blasfêmia, demonizados em salas de aula e frequentemente desprovidos de proteção policial e do sistema jurídico criminal.

Em 2011, o assassinato de dois líderes paquistaneses de destaque, um muçulmano e outro cristão, que procuravam defender minorias cristãs e outras que sofriam abuso no Paquistão, atraiu a atenção mundial mais que nunca para as chocantes injustiças religiosas.

Hoje, os cristãos paquistaneses enfrentam inúmeras pressões, sobretudo das severas leis islâmicas do Estado que se acumulam contra eles. As forças policiais e os tribunais não se dispõem a proteger os interesses dos cristãos ou a tratá-los

igualmente, que sofrem discriminação econômica e legal generalizada. Apresentam as mais altas taxas de analfabetismo — mesmo para padrões paquistaneses — e só lhes é permitido realizar trabalhos inferiores e de baixo salário.

Os cristãos têm desvantagens no sistema de seleção de universidades públicas porque "não sabem o Alcorão de cor", condição que levou a Comissão de Justiça e Paz dos Bispos Católicos do Paquistão a submeter uma reclamação formal contra o governo na Suprema Corte de Lahore no início de 2012. Como relatou a Fides, agência católica internacional de notícias, o caso surgiu porque o estudante cristão Aroon Arif era altamente qualificado em sua área, mas lhe foi negada admissão por não haver memorizado o Alcorão. No exame de seleção da escola de medicina da Universidade Estadual de Ciências de Lahore, do total de 1.100 pontos possíveis, ele obteve 930 numa seção e 860 em outra. Os candidatos muçulmanos marcaram 20 pontos a mais, visto que os exames admissionais também avaliavam "conhecimento do Alcorão".[48]

Em 9 de novembro de 2011, a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional publicou estudo que revela que as escolas públicas paquistanesas e as madraçais (escolas islâmicas que ensinam exclusivamente o Alcorão e outros textos islâmicos) retratavam os cristãos e outras minorias do país de forma negativa, e "reforçam posições preconceituosas que alimentam atos de discriminação e possível violência contra essas comunidades".[49] "[Os textos da escola pública] usados por todas as crianças costumam ter uma orientação fortemente islâmica, e as minorias religiosas paquistanesas são citadas de maneira humilhante ou totalmente omitidas"; "[os professores] se dividem quanto ao fato de membros das minorias religiosas serem considerados cidadãos" e "[os professores] costumam expressar visões bastante negativas sobre [...] os cristãos". O estudo também fez uma descoberta adicional impressionante: todos os professores de escolas públicas entrevistados acreditavam no conceito da *jihad* ao se referir a lutas violentas, considerando ser obrigatório que os muçulmanos se envolvam em atos contra os inimigos do islã.

Apenas um pequeno número de professores ampliava o significado da *jihad* a ponto de incluir luta tanto violenta quanto pacífica. À parte a crença

generalizada de que os “inimigos do islã” deveriam ser atingidos, a imensa maioria dos professores de escolas públicas defendia a visão de que um indivíduo decide quando e contra quem a *jihad* é apropriada. É importante notar que mais de 80% dos professores de escolas públicas viam os não muçulmanos como inimigos do islã, a despeito das visões contraditórias expressas em outras partes das entrevistas.[50]

Extremismo com apoio governamental

Tais visões oficiais sinalizam aos extremistas dentro da sociedade que os cristãos não são cidadãos iguais, que a propriedade deles não é plenamente protegida e que podem ser atacados com impunidade.

O extremismo presente na sociedade paquistanesa, do qual a presença de Osama bin Laden numa cidade protegida pelo Exército era um forte lembrete, é intimidador e crescente. Contudo, o Estado desempenhou importante papel ao permitir que tal radicalismo ganhasse espaço. Curvando-se às pressões do radicalismo, ele exige que os cristãos, junto com outros paquistaneses, sigam duras, porém vagas, leis islâmicas que proíbem a blasfêmia contra o islã.

Políticas do governo paquistanês, junto com seu fracasso no setor educacional, permitem que o país se torne terreno fértil para facções islâmicas, e elementos radicais abriram caminho nas comunidades militares e de inteligência do país. A guerra da Otan contra os talibãs do Afeganistão também empurrou um enorme número de grupos terroristas para o Paquistão e exacerbou a luta entre o governo e tropas lideradas pelos Estados Unidos. Em 2011, a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional relatou: “O Paquistão permanece responsável por sistemáticas, contínuas e extraordinárias violações de liberdade religiosa ou de crença. [...] O crescente extremismo religioso ameaça as liberdades de religião e de expressão, assim como de outros direitos humanos”.[51]

Ataques voltados a líderes políticos

Logo após o assassinato de Osama bin Laden na região de Abbotabad, cristãos locais tornaram-se alvos bastante específicos. Um grupo foi atacado num parque próximo ao complexo de bin Laden enquanto se reunia para assistir a um filme

que retratava a vida de Jesus. O padre Javed Akram Gill, da paróquia local, relatou: “A situação em Abbotabad permanece ‘crítica’ para as minorias religiosas, que estão ‘jejuando e orando pela paz na região’; a morte de bin Laden despertou temores na comunidade cristã”.[52]

Algumas semanas depois da morte de bin Laden, em 20 de maio de 2011, um clérigo protestante, o reverendo Nadeem John, e outros três cristãos em seu carro foram atingidos por disparos de extremistas muçulmanos enquanto saíam de um seminário organizado pela Igreja Católica em Gojra, Punjab. Eles abandonaram o carro e, correndo por um campo, foram caçados por terroristas, que continuaram a atirar neles. Encontraram refúgio numa vila predominantemente muçulmana, onde residentes locais atiraram contra os agressores, que fugiram. Em entrevista a Asia News, o pastor disse: “Os agressores queriam calar vozes cristãs. [...] Extremistas têm o hábito de esperar que carros saiam de vilas cristãs antes de atirar neles”.[53]

Além dos elementos do Talibã, sempre presentes, e da rede terrorista Haqqani, outro grupo extremista, o Lashkar-e-Taiba (LeT) patrocinou diversos ataques terroristas, incluindo o massacre em Mumbai em novembro de 2008. O ex-embaixador paquistanês nos Estados Unidos Husain Haqqani escreveu no jornal do Instituto Hudson *Current Trends in Islamist Ideology* [Tendências atuais da ideologia islâmica], em 2005, que o LeT é “o mais significativo grupo jihadista paquistanês de convicção wahabista” e é “apoiado por dinheiro saudita e protegido por serviços de inteligência paquistaneses”.[54]

Foi há pouco tempo, em 1973 — apenas 26 anos depois de o Paquistão ter obtido independência da Inglaterra e se tornado um Estado — que o islã tornou-se oficialmente a religião do Estado paquistanês. Desde essa declaração, várias seitas e indivíduos procuram conformar a vida pública do Paquistão à ideologia islamita. A despeito dos esforços dos legisladores que tentaram proteger as minorias na Constituição durante o regime militar de Muhammad Zia ul-Haq (1978-1988), a islamização do Paquistão só piorou para os cristãos e outras minorias. Entre outras coisas, aqueles anos assistiram à criação das draconianas leis paquistanesas de blasfêmia.

Discurso proibido

Os abusos mais notórios provêm dos infames códigos de blasfêmia do país. Um olhar mais detalhado sobre o uso das palavras revela por que os abusos à liberdade religiosa no país são praticamente únicos no mundo. Considere as implicações de regras severas e vagas como esta: “Todo aquele que, por palavras escritas ou faladas, ou por representação visível ou qualquer imputação, insinuação ou sugestão, direta ou indireta, profanar o santo nome de qualquer esposa, ou dos membros da família do Santo Profeta (a paz esteja sobre ele) ou qualquer dos justos califas ou companheiros do Santo Profeta (a paz esteja sobre ele), será punido com a morte ou aprisionamento por toda a vida e também estará sujeito a multa”.[55] Além disso, qualquer um que “danificar ou profanar” um exemplar do Alcorão enfrentará prisão perpétua. Se a pessoa for cristã, o simples fato de tocar o Alcorão pode gerar penalidade. Ruqqiya Bibi, uma mulher cristã, que não deve ser confundida com Asia Bibi, foi sentenciada em outubro de 2011 a uma pena de 25 anos de prisão por blasfêmia, com base numa acusação de que teria profanado um exemplar do Alcorão ao manuseá-lo com mãos impuras.[56]

A intenção é irrelevante, levando a acusações irracionais. Em 28 de julho de 2001, por exemplo, cinco meninos cristãos e um menino muçulmano em Okara foram presos sob a acusação de blasfêmia. Os meninos, com idades entre 10 e 15 anos, foram pegos tentando cuidar de uma mula ferida. O remédio que usavam nas feridas escorreu pelo corpo do animal, formando marcas de diferentes formatos. Um pequeno grupo de muçulmanos declarou que os meninos haviam escrito nomes de personalidades santas sobre a mula. Alguns extremistas da comunidade acusaram os cristãos de insultar o islã e exigiram punição. Os meninos foram presos, e a mula ferida foi detida (devido a uma reclamação apresentada por um tal Maulana Abdulmanan). Depois da investigação, a polícia soltou as crianças. Isso se deveu, pelo menos em parte, a muitas pessoas da área que deram um depoimento oficial testemunhando a inocência dos acusados.[57] Em 16 de agosto de 2012, uma pequena criança cristã chamada Rimsha Masih, das redondezas da capital, Islamabad, foi presa sob acusações de queimar um exemplar do Alcorão, e um líder da mesquita local exigiu que ela fosse

queimada viva — a menina é deficiente mental. Depois de um clamor público relacionado às injustiças em torno do caso, Rimsha foi libertada sob fiança três semanas depois, mas, com medo de ataques de justiceiros, ela e a família foram forçadas a se esconder.[58]

Qualquer pessoa pode registrar queixa por blasfêmia contra outra e, uma vez que seja acatada, normalmente não há volta. Até mesmo os absolvidos ou seus vizinhos tornam-se alvos da violência de justiceiros, em geral levada a cabo sem qualquer punição. Em 11 de novembro de 2005, Yousuf Masih, cristão, ganhou milhares de rúpias num jogo de cartas com seu vizinho muçulmano. O mau perdedor, procurando vingança, informou à polícia que Yousuf havia queimado um exemplar do Alcorão. Em 18 de fevereiro de 2006, o vizinho retirou as acusações, e Yousuf foi solto sob fiança. Mas isso não foi suficiente para os clérigos muçulmanos locais. Eles chamaram seus seguidores a "vingar o insulto". Uma multidão inflamada de mais de duas mil pessoas atacou a comunidade cristã minoritária da cidade, ateou fogo em três igrejas e vandalizou um convento católico e uma escola cristã de ensino fundamental.[59]

A despeito das penas de morte, as leis não definem claramente o que vem a ser "blasfêmia". Tampouco fornecem proteção para os que são falsamente acusados. Isso, é claro, abre espaço para abusos chocantes e acusações não raro falsas. As alegações de blasfêmia costumam ser motivadas não por ofensas religiosas, mas por rivalidades comerciais, ressentimentos pessoais, disputas sobre propriedade, casos de amor mal resolvidos e uma hoste de outras razões de cunho pessoal.

Embora ninguém no Paquistão tenha sido oficialmente executado por blasfêmia, é provável que centenas dos acusados tenham sido mortos por outros meios. Essas vítimas geralmente morrem nas mãos de justiceiros, criminosos locais e multidões ou da própria polícia. Extremistas se envolvem em caça às bruxas para matar o acusado antes, durante ou depois do julgamento. Muitas outras vítimas sofrem estupros e espancamentos brutais; igrejas, lares e negócios são saqueados, pilhados e queimados.

Ainda que sejam absolvidos pelos tribunais, os acusados de blasfêmia viram alvo de justiceiros e precisam se esconder para preservar a vida. Espalhou-se a notícia de que Aslam Masih, cristão analfabeto de Faisalabad, havia pendurado

suras do Alcorão no pescoço de um cachorro. As razões para essa suposta ação permanecem ocultas; as suras teriam sido colocadas numa espécie de talismã. Por mais ilógicas que fossem as acusações, Masih foi preso em 1998. Enquanto a promotoria apresentava a acusação contra ele, um testemunho adicional expôs uma rivalidade furiosa entre ele e seus vizinhos muçulmanos. O ciúme havia inspirado os vizinhos a se recusarem a pagar pelos animais de fazenda que, num primeiro momento, haviam concordado em adquirir. Mais tarde, roubaram os animais de Masih e o arrastaram até a delegacia de polícia, declarando que ele era blasfemador. No momento de sua prisão, foi violentamente atacado tanto pelos vizinhos como pela polícia, e os espancamentos provocaram feridas permanentes. Mais de três anos depois de sua prisão, foi sentenciado a duas penas perpétuas — tudo com base em provas indiretas. Depois, uma corte superior absolveu Masih, mas, àquela altura, ele estava fisicamente debilitado, e sua vida arruinada. Desde sua soltura, foi forçado a permanecer escondido devido a constantes ameaças de morte.[60]

Todos os paquistaneses estão sujeitos às leis de blasfêmia, mas os cristãos e os ahmadis (ramificação do islã considerada herética por muitos muçulmanos) são visados de maneira desproporcional. De acordo com o relatório de 2011 do Instituto Jinnah, "desde 1986, cerca de mil casos de blasfêmia foram registrados no Paquistão. Desses, 476 foram registrados contra muçulmanos, 479 contra ahmadis e 180 contra cristãos. Em 2010, mais de 32 pessoas foram mortas extrajudicialmente por multidões ou indivíduos irados com base em alegações de blasfêmia, e 64 pessoas foram acusadas de acordo com a lei de blasfêmia".[61]

Em relatório de maio de 2011, a Compass Direct News declarou que toda uma geração de cristãos paquistaneses está crescendo sem compreensão clara de sua fé porque os pais receiam que a instrução de seus filhos nas crenças cristãs básicas "levará a conversas potencialmente desastrosas no pátio da escola". Além disso, as crianças obrigadas a participar de estudos islâmicos na escola correm riscos ao dar um único passo em falso. "'Se elas escreverem qualquer coisa ou errar a grafia de qualquer coisa relacionada ao profeta Maomé, podem estar em sério perigo'. Uma fonte disse: 'O outro lado disso é que eles são obrigados a responder a perguntas dizendo que homem maravilhoso ele foi'."[62]

Dois heróis assassinados

A discriminatória lei de blasfêmia, que protege apenas o islã, fornece uma plataforma para extremistas ao permitir que eles determinem quais ideias serão aceitas ou banidas. Como parte de suas motivações, também usam as leis de blasfêmia para atacar muçulmanos que defendem a tolerância.

Com início nos anos 1990, a pressão internacional para rescindir ou revisar as leis de blasfêmia no Paquistão tem aumentado. Esse movimento se iniciou com a trágica morte em 1998 do bispo católico John Joseph, morto sob circunstâncias questionáveis enquanto protestava contra um veredicto de blasfêmia contra um de seus paroquianos. Hoje, outros corajosos líderes políticos e diplomatas paquistaneses continuam a falar sobre a necessidade de reformas nas leis e em favor do estabelecimento de maior liberdade religiosa no Paquistão. Em pelo menos outros dois casos recentes, custou a vida das pessoas.

Em janeiro de 2011, Salman Taseer, governador muçulmano do Punjab, foi morto a tiros por um de seus guarda-costas, tendo sido alvejado repetidamente por disparos à queima-roupa de uma submetralhadora. Taseer era um dos membros mais graduados do Partido do Povo Paquistanês (PPP). Ele havia defendido Asia Bibi, que esperava execução, e era um patente opositor das acusações de blasfêmia contra ela.[63]

Embora membros do PPP tenham lamentado a morte de Taseer e feito passeatas em repúdio nas ruas de Lahore, seu assassino, Malik Mumtaz Hussain Qadri, 26 anos, atraiu muito mais atenção da mídia. Ele foi celebrado como herói popular quando chegou à corte de Islamabad para confessar sua culpa. Quadri foi abraçado de maneira exultante por uma multidão de simpatizantes da associação de magistrados, beijado no rosto e banhado por uma chuva de pétalas. Sobre esse cenário trágico, o observador paquistanês Mosharraf Zaidi escreveu no *Foreign Policy*:

> Sendo adepto do otimismo realista, o assassinato de Taseer é, para mim e para muitos na pequena comunidade urbana de pessoas de fala inglesa no Paquistão, extremamente doloroso e triste. É um lembrete de que as realidades do Paquistão [...] são duras e intimidadoras. [...] O Paquistão precisa desesperadamente de um contrapeso viável às vozes irracionais e francamente não islâmicas do

extremismo religioso que domina o discurso religioso do país. Essa não é uma luta de um ano. É uma batalha de muitas gerações.[64]

Quadri acabou condenado depois de um grande esforço para encontrar um advogado disposto a levar o caso adiante. Depois do veredicto, o juiz teve de passar a viver escondido.

Em 2 de março de 2011, Shahbaz Bhatti, católico romano e ministro de assuntos ligados às minorias, o único membro cristão do gabinete paquistanês, foi emboscado e morto por atiradores enquanto estava num carro do lado de fora da casa de sua mãe. Assim como Taseer, ele defendera Asia Bibi. Havia promovido uma forte campanha — dentro do governo, como ministro, e fora dele, em cooperação com grupos de defesa de direitos humanos — pela revogação das leis de blasfêmia. Também era havia muito tempo o chefe da Aliança das Minorias do Paquistão, organização não governamental que promove a unidade nacional, a harmonia inter-religiosa e a igualdade humana. Sua obra foi sua vida; no final de cada dia, saía de seu escritório governamental e ia para seu escritório na Aliança, onde continuava a ajudar as minorias perseguidas do Paquistão até tarde da noite.[65]

Sua morte não foi um fato inesperado. Ele chegou a deixar uma mensagem gravada em vídeo com a Associated Press e outras agências de notícias para ser transmitida se ele fosse assassinado, na qual dizia que ameaças da Al-Qaeda e do Talibã não mudariam suas visões nem o impediriam de falar em nome dos "oprimidos e marginalizados cristãos e outras minorias" no Paquistão.[66]

Tivemos o privilégio de conhecer Shahbaz Bhatti e trabalhar com ele. Esse homem de 42 anos nos disse certa vez que nunca se casou porque considerava que não seria justo com sua esposa e seus filhos sujeitá-los a essa preocupação.

Num panteão de heróis dos direitos humanos, o comprometimento de Shahbaz Bhatti se sobressai. Em setembro de 2009, recebeu o primeiro medalhão da liberdade religiosa da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional. Prometeu mais uma vez lutar pela reforma da lei de blasfêmia: "Estão usando essa lei para atacar tanto minorias como muçulmanos no Paquistão. Essa lei está criando desarmonia e intolerância em nossa sociedade.

[...] Defendo pessoalmente a liberdade religiosa, ainda que pague o preço com minha vida".[67]

Segundo a Reuters, o Talibã paquistanês assumiu a responsabilidade pelo assassinato de Bhatti, mas até o momento ninguém foi acusado por sua morte.

Sequestro

Há relatos persistentes de meninas e mulheres cristãs (e também hindus) que são raptadas e forçadas a se casarem com homens muçulmanos e se converter ao islã. Em muitos casos, não há recurso para as mulheres ou suas famílias marginalizadas. A polícia também costuma ser simpática com os sequestradores e estupradores. No Paquistão, uma vítima de estupro pode ser presa por sexo ilegal e ser libertada sob a condição de se casar com o estuprador. Em seus tribunais da *sharia*, o testemunho de um não muçulmano vale menos que o de um muçulmano, e o de uma mulher vale menos ainda. Todo esse sistema está montado com o fim de prejudicar a mulher cristã.

Ao descrever o destino de Amariah Masih, o padre Khalid Rashid Asi, vigário geral da diocese católica de Faisalabad, enfatizou que "casos assim ocorrem diariamente no Punjab. [...] É muito triste que cristãos, em geral as meninas, sejam vítimas indefesas".[68]

Amariah Masih (também conhecida como Mariah Manisha), católica de 18 anos da vila de Tehsil Samundari, perto de Faisalabad, foi morta a tiros em 27 de novembro de 2011, depois de oferecer resistência quando um homem muçulmano a raptou com o intuito de estuprá-la.

A mãe da menina, Razia Bibi, 50 anos, disse que ela e a filha estavam andando de ciclomotor a caminho do lugar onde pegariam água potável, indisponível em sua vila. O homem segurou o ciclomotor, agarrou a jovem e tentou arrastá-la para longe sob a mira de um revólver. Enquanto tentava se desvencilhar, o homem abriu fogo, matando-a instantaneamente. Arif Gujjar, 28 anos, muçulmano, filho de um rico proprietário de terras, estava supostamente sob custódia da polícia para interrogatório sobre o assassinato de Amariah.

O funeral de Amariah foi realizado pelo padre Zafal Iqbal, que disse à imprensa católica: "Ela é uma mártir. [...] A garota resistiu, não queria se

converter ao islã e não se casou com o homem, que a matou por isso". Ele explicou: "Proprietários de terras ricos e influentes costumam mirar os marginalizados e vulneráveis para a realização de seus interesses escusos".[69]

Anna, menina cristã de 12 anos, foi visitada por um amigo muçulmano em sua casa em Lahore e convidada a fazer algumas compras natalinas de última hora na véspera de Natal de 2010. Em vez disso, quando entrou no carro do amigo, os parentes dele a sequestraram. Ao que se sabe, ela foi levada a uma casa em outra cidade, onde foi mantida oito meses, sendo repetidamente estuprada, espancada e forçada a se converter ao islã. Sua família não sabia o que havia acontecido a ela, e seu pai, Arif Masih, deu queixa na polícia. Esta não tomou nenhuma ação.

Em setembro de 2011, Anna conseguiu escapar e correr até uma estação de ônibus, onde ligou para sua família desesperada, que foi buscá-la. Seus sequestradores então pediram a volta dela, afirmando que ela havia se convertido ao islã e se casado com um de seus estupradores. A polícia disse à família que seria melhor entregar Anna ao estuprador, que também era membro do grupo extremista LeT, uma vez que ele agora era marido dela e assim enfrentariam uma processo criminal caso se recusassem. Chocada com a sugestão e aterrorizados diante da ideia de sua filha ser levada novamente, a família passou a se esconder. Os defensores dos direitos humanos que relataram esse caso destacam que, segundo a Lei de Restrição de Casamento Infantil do Paquistão, de 1929, a idade legal para o casamento de meninas sem consentimento paterno é de 16 anos.[70]

Afeganistão

Abdul Latif foi morto depois de ter sido sequestrado de sua vila na periferia de Enjeel, cidade ao sul de Heart, por quatro militantes que afirmavam ser talibãs. Um vídeo de dois minutos mostra os militantes recitando uma sentença de morte contra o cristão, que se convertera aos 40 anos. Ao menos dois dos assassinos carregavam armas automáticas, e todos usavam coletes suicidas, cheios de explosivos. Lenços cobriam-lhes o rosto.

Latif foi jogado ao chão, seus pés foram presos e suas mãos atadas atrás das costas. Um dos assassinos leu em voz alta, em árabe, uma passagem do Alcorão:

como “advertência a outros infiéis”, enfatizou ele, “você que se junta a pagãos [...] sua sentença é ser decapitado. [...] Todo aquele que mudar de religião será executado”. Latif lutou, gritando “Pelo amor de Deus, eu tenho filhos”, até que um de seus assassinos lhe enfiou uma faca no pescoço. Enquanto sangrava, os assassinos gritavam “Allahu Akbar!” repetidamente, até que a cabeça dele foi arrancada e colocada sobre o peito.[71]

Em 27 de maio de 2010, um programa da televisão afegã chamado *Sarzamin-e-man* [Minha pátria] transmitiu um vídeo de dois anos antes que mostrava cristãos afegãos realizando um culto. Dias depois, cerca de 25 cristãos foram presos, e muitos outros fugiram. Um deles, Said Musa, convertido ao cristianismo oito anos antes, foi preso quando procurava asilo na embaixada da Alemanha. Tendo perdido a perna depois de pisar numa mina enquanto servia no Exército afegão, ele agora usa uma prótese. É pai de seis filhos pequenos, o mais velho com 8 anos e outro que é deficiente. Ele trabalhava para a Cruz Vermelha/Crescente Vermelho como terapeuta ortopédico, dando conselhos a outros amputados e ajudando pacientes a se adaptarem às próteses.

No início de junho, o subsecretário do Parlamento afegão, Abdul Sattar Khawasi, disse: “Os afegãos que aparecem naquele vídeo devem ser executados em público”. As autoridades forçaram Musa a renunciar ao cristianismo na televisão, mas ele continuou a dizer que era cristão.

Sua esposa só descobriu seu paradeiro por meio de um preso que fora solto e com quem compartilhara sua cela, e só reviu seu marido pela primeira vez em 27 de julho. Ele foi forçado a aparecer diante do tribunal sem um advogado e sem saber quais eram as acusações. “Quando eu disse ‘sou um homem cristão’, ele [um possível advogado de defesa] imediatamente cuspiu, me maltratou e zombou de mim. [...] Estou sozinho entre quatrocentas pessoas com valores terríveis na cadeia, feito um cordeiro”. Nenhum advogado afegão o defenderia, e as autoridades lhe negaram acesso a um advogado estrangeiro.

Numa carta clandestina para o Ocidente, ele descreveu os primeiros meses de sua detenção: “A autoridade e os prisioneiros na cadeia tiveram um comportamento horrível comigo em relação a minha fé e ao Senhor Jesus Cristo. Por exemplo, fizeram coisas sexuais comigo, batiam em mim com madeira, com

as mãos, com as pernas, colocavam coisas na minha cabeça. Zombavam dizendo ‘Ele é Jesus Cristo’, cuspiam em mim; ninguém me deixava dormir, noite e dia”. Ele acrescentou que estaria disposto a sacrificar a vida, de modo que “outros crentes tivessem coragem e fossem fortes em sua fé. Por favor, meu inglês não é muito bom. Perdoem-me se cometi algum erro! Da Prisão Provincial de Cabul”.[72]

Depois que sua carta foi publicada, a embaixada dos Estados Unidos e de outros países pressionaram os oficiais afegãos a transferir Musa para o Centro de Detenção de Cabul, onde recebeu melhor tratamento, mas tinha de dormir num corredor para evitar espancamentos. Fontes da Otan relataram que o general David Petraeus — então comandante americano no Afeganistão — citou o caso numa reunião no início de dezembro com o presidente Karzai. Diplomatas americanos e de outros países, além de ONGs internacionais, pressionaram o governo afegão a libertar Musa, e, em 21 de fevereiro de 2011, ele foi solto e levado clandestinamente para fora do Afeganistão.[73]

Atrocidades do Talibã

Depois que as forças soviéticas saíram do Afeganistão em 1989, houve uma feroz guerra civil, e a milícia altamente repressiva do Talibã (que significa “os estudantes”) assumiu o controle da maior parte do país. Em resposta ao Onze de Setembro de 2001, o ataque terrorista da Al-Qaeda, os Estados Unidos lideraram uma invasão que derrubou o Talibã e com isso eliminou o porto seguro da Al-Qaeda. O Afeganistão adotou uma nova Constituição e um novo governo, liderado por Hamid Karzai, mas o Talibã e outras milícias islâmicas continuam a lutar e a controlar partes do país.

A população de cerca de trinta milhões é predominantemente muçulmana, e apenas 1% é de “outros”, incluindo siques, hindus, cristãos e, em 2011, um judeu remanescente. As estimativas do número de cristãos afegãos variam de quinhentas a oito mil pessoas. Em 2010, o único edifício eclesiástico foi derrubado não obstante a frenética oposição dos congregados. O relatório de 2011 sobre liberdade religiosa do Departamento de Estado dos EUA afirma: “Não existe mais uma igreja cristã pública; os tribunais não confirmaram a

reivindicação da igreja a seus 99 anos de posse, e o dono das terras destruiu o prédio em março [de 2010]", embora existam locais ocultos de adoração para a comunidade internacional.[74]

Quando governava a maior parte do Afeganistão, o Talibã perseguiu cristãos e muitos outros; quando pode, ainda o faz. Em 8 de janeiro de 2001, um líder talibã, o mulá Mohammed Omar, anunciou que executariam apóstatas do islã e quaisquer outros não muçulmanos envolvidos com eles. Também decretou que donos de livrarias que vendessem livros críticos ao islã ou mesmo os que discutissem outras religiões receberiam uma sentença de cinco anos de prisão.[75]

Em agosto daquele ano, oficiais talibãs prenderam oito cristãos estrangeiros que trabalhavam para a organização de ajuda humanitária Shelter Now International (SNI), afirmando que eles estavam "tentando converter muçulmanos afegãos ao cristianismo".[76] Dezesseis dos empregados afegãos da organização foram presos, embora seus amigos e colegas de trabalho confirmassem que eles permaneciam firmemente muçulmanos. Diferente dos estrangeiros, os afegãos presos não tiveram permissão de receber visitas, e os representantes do Talibã lhes disseram que poderiam enfrentar morte ou prisão perpétua. O Talibã chegou a deter 64 crianças que tiveram contato com os funcionários da organização humanitária, mantendo-as encarceradas até que qualquer possível "influência cristã" fosse erradicada.

Afirmando que havia uma "conspiração mais ampla" por trás do suposto proselitismo da SNI, o Talibã fechou mais duas agências de ajuda cristãs, a SERVE e a Missão Internacional de Assistência (MIA).[77] Trinta e cinco empregados afegãos da MIA foram presos mais tarde. Durante a evacuação de Cabul em 13 de novembro de 2001, os talibãs confinaram seus prisioneiros estrangeiros num contêiner de aço e os levaram para o Sul. Foram soltos dois dias depois pelas tropas da Aliança do Norte.[78]

Mesmo depois de seu colapso como governo, o Talibã continuou sua violenta repressão em todo lugar possível. Nos dias 1º, 15, 23 e 28 de julho e em 7 de agosto de 2004, partidários do Talibã assassinaram o total de cinco afegãos convertidos ao cristianismo, esfaqueando-os ou espancando-os até a morte. No

primeiro caso, um representante do Talibã, Abdul Latif Hakimi, anunciou à agência de notícias Reuters que "o Talibã arrastou Assad Ullah para fora e cortou sua garganta com uma faca porque ele estava propagando o cristianismo". Hakimi advertiu trabalhadores humanitários estrangeiros — aos quais acusou de proselitismo — de que "enfrentarão o mesmo destino".[79]

Em 19 de julho de 2007, forças do Talibã sequestraram 23 cristãos sul-coreanos que visitavam o Afeganistão como voluntários de curto prazo. Mataram dois deles e depois libertaram outros dois, quando o governo sul-coreano concordou em negociar diretamente com eles. Em 28 de agosto, como condição para a libertação dos demais reféns, a Coreia do Sul concordou em remover do Afeganistão sua unidade de apoio militar, composta de duzentas pessoas, até o final de 2007 e bloquear quaisquer atividades missionárias de grupos evangélicos sul-coreanos. O governo sul-coreano afirmou mais tarde que havia simplesmente cumprido a agenda já existente para retirar as tropas e um acordo existente de afastar os voluntários e missionários sul-coreanos.[80] As tropas sul-coreanas, mais de duzentos médicos e engenheiros militares, foram de fato removidas do Afeganistão em 2007.

Em agosto de 2010, membros do Talibã mataram a tiros dez membros de uma equipe médica cristã. Eles haviam providenciado tratamentos dos olhos e outros cuidados de saúde em vilas remotas no norte do Afeganistão como parte da Missão Internacional de Assistência, a organização não governamental de serviço mais longo no Afeganistão, registrada como uma organização cristã sem fins lucrativos concentrada em cuidado médico, não em evangelização. A equipe estava numa jornada de três dias à província de Nuristan. Depois de se deslocar de carro, deixaram os veículos e marcharam com cavalos de carga por trilhas nas montanhas até o remoto vale de Parun, a noroeste da província. O *New York Times* relatou: "Zabiullah Mujahid, porta-voz do Talibã, disse que a equipe médica foi morta porque estava 'fazendo espionagem para os americanos' e 'pregando o cristianismo'".[81]

Abuso oficial dos cristãos

As áreas controladas pelo governo afegão, apoiado fortemente pelos Estados Unidos em termos financeiros e que depende militarmente tanto das tropas americanas como da Otan, são melhores para os cristãos afegãos que as controladas pelos talibãs, mas isso não quer dizer muita coisa; as condições ali estão entre as mais repressivas do mundo. Presume-se que um afegão é muçulmano, de modo que um afegão que professe ser cristão será condenado pelos locais como apóstata. Não existem igrejas públicas no país, por isso os cristãos devem promover cultos em particular e, para despistar, fazê-lo em outros dias que não o domingo, mudar constantemente de local e não portar Bíblias, devido ao constante temor de que suas casas sejam vasculhadas.

A carência absoluta de liberdade religiosa no Afeganistão é refletida num episódio que mostra uma resposta americana desesperada a um carregamento de Bíblias. Em maio de 2009, quando surgiu um vídeo mostrando tropas americanas no Afeganistão recebendo caixas de Bíblias nos idiomas pashto e dari, houve um clamor imediato de que eles estavam "fazendo proselitismo", uma violação do código de conduta militar americano. Os soldados negaram a acusação e disseram que uma igreja nos Estados Unidos havia enviado as Bíblias — sem que lhe fosse solicitado.

O coronel americano Greg Julian insistiu que a filmagem foi tirada de seu contexto e que as Bíblias nunca foram distribuídas. As forças americanas rapidamente confiscaram e destruíram as Bíblias: "A decisão de destruir as Bíblias foi tomada como medida de 'proteção da força'".[82] A implicação era que haveria danos físicos se os afegãos recebessem Bíblias, ainda que fornecidas e distribuídas por fontes particulares. Os Estados Unidos não apresentaram nenhum pedido de desculpas aos cristãos por destruir centenas de Bíblias.

A Constituição afegã, adotada em janeiro de 2004 sob auspícios americanos, contém algumas garantias de direitos humanos, mas também especifica, no artigo 3, que "nenhuma lei pode ser contrária à sagrada religião do islã".[83] O presidente, os ministros e os juízes da Suprema Corte devem jurar "apoiar a justiça e a retidão em acordo com as provisões da sagrada religião do islã".[84] A Constituição não diz quais são os princípios do islã, mas o artigo 130 diz que, na ausência de um estatuto explícito, os tribunais devem decidir "de acordo com a

jurisprudência Hanafi", uma das quatro principais escolas sunitas de lei *sharia* islâmica. Versões tradicionais da jurisprudência Hanafi especificam a pena de morte por apostasia.[85]

O primeiro grande intérprete da Constituição de 2004 foi o primeiro presidente da Suprema Corte do Afeganistão pós-Talibã, Fazul Hadi Shinwari, que adicionou suas visões singulares ao sistema de justiça. Sobre os não muçulmanos, ele disse: "Podemos puni-los por propagar outras religiões — mediante ameaças, expulsão e, como último recurso, execução, mas apenas com provas".[86] Enquanto estava no cargo, disse a um correspondente da American National Public Radio que o islã tem três regras essenciais. Primeiro, um homem deve ser educadamente convidado a aceitar o islã; segundo, se não se converter, deve obedecer ao islã. A terceira opção, caso se recuse, é "ser decapitado".[87]

Convertidos

Atualmente, sob o governo Karzai, "cidadãos do sexo masculino com mais de 18 anos e cidadãs com mais de 16 anos com mente saudável que abandonarem o islã têm três dias para desistir de sua conversão ou estarão sujeitos à pena de morte por apedrejamento, perda de todos os bens e propriedades e invalidação de seu casamento".[88] O exemplo icônico disso foi um caso que atraiu a atenção mundial em 2006.

Abdul Rahman tornou-se cristão em 1990 enquanto trabalhava para uma agência de ajuda humanitária cristã que atendia refugiados afegãos. Sua esposa se divorciou dele, e seus pais ficaram com a guarda de suas duas filhas pequenas. Ele então viajou por nove anos buscando asilo na Europa antes de ser deportado de volta para o Afeganistão em 2002. Depois de vários anos, tentou obter de volta a custódia das filhas. Foi preso em fevereiro de 2006 quando foi à delegacia de polícia local carregando uma Bíblia e admitiu ser cristão.

O promotor público, Abdul Wasi, disse que retiraria o caso se Rahman se reconvertesse ao islã, mas, como ele se recusou, Wasi chamou-o de "um micróbio na sociedade, que deveria ser desligado e removido do restante da sociedade muçulmana e ser morto". Um funcionário da prisão disse aos repórteres: "Vamos cortá-lo em pedacinhos. [...] Não há necessidade de vê-lo".

Devido a ameaças de outros presos, foi transferido para a prisão de segurança máxima de Policharki. De sua parte, Rahman disse: “Estou tranquilo. Tenho plena consciência do que escolhi. Se tiver de morrer, morrerei”.

Depois que o caso atraiu atenção e pressão internacionais, os oficiais afegãos disseram que Rahman não estava mentalmente apto a passar por um julgamento, mas isso seria algo difícil de determinar, pois, se ele fosse levado a um hospital afegão, “seria morto imediatamente”. Foi solto em 27 de março.

Após sua libertação, manifestantes, incluindo muitos clérigos, cantaram “Morte aos cristãos!”, “Morte à América!” e “Abdul Rahman deve ser executado!”. Sem votos formais, a Câmara Baixa do Parlamento exigiu que não lhe fosse permitido sair do país, mas em 29 de março ele fugiu para a Itália, cujo governo lhe oferecera asilo. Houve repetidos apelos para que ele fosse trazido de volta e/ou fosse morto.[89]

O caso de Abdul Rahman atraiu grande atenção, mas ele não foi o único cristão convertido em perigo. Casos similares costumam atrair poucas notícias, às vezes porque ocorrem em áreas remotas. Também pode acontecer de os implicados pedirem que seu caso não seja publicado para sua proteção. O *Spiegel Online* entrevistou um cristão, identificado pelo pseudônimo de Hashim Kabar, que relatou que na época de sua conversão “havia muitas igrejas”, e os afegãos podiam praticar o cristianismo abertamente. Contudo, isso terminou quando o Talibã assumiu o poder. Kabar sobreviveu fingindo ser muçulmano quando questionado pela polícia ou visitado por colegas muçulmanos.[90] A Compass Direct News relatou que, enquanto o caso de Rahman se desenrolava, a polícia caçou outros cristãos afegãos. Dois foram presos, e um ficou inconsciente depois de ter sido espancado por seis homens. Outros receberam ameaças.[91]

Mesmo que consigam fugir do país, os cristãos afegãos não têm garantia de asilo em outro lugar. Em 2011, a agência das Nações Unidas encarregada de assentar refugiados internacionais se recusou a proteger pelo menos oito cristãos afegãos e suas famílias que haviam fugido para a Índia. Todos eles foram deportados de volta para o Afeganistão, embora seus irmãos de fé tenham enfrentado sentenças de morte. Um deles, Amin Ali, se tornara cristão onze anos antes, mas fugiu depois que o vídeo de maio de 2010 sobre um culto afegão foi

transmitido, certo de que ele e sua família seriam presos. Cristãos afegãos exilados em Nova Délhi publicaram uma carta aberta: “Não entendemos como o mundo inteiro e, em especial a igreja global, mantenha-se em silêncio e de olhos fechados enquanto milhares de seus irmãos e irmãs enfrentam sofrimento, perigo de vida e penas de morte, sendo torturados, perseguidos e chamados de criminosos”.[92]

“Ahmed”, cristão há pouco tempo, encontrou-se secretamente com tropas americanas no Aeroporto Internacional de Cabul a fim de se unir a cristãos com quem poderia orar. Seu primeiro contato com ensinamentos cristãos se deu quando seu professor de inglês lhe ofereceu uma Bíblia bilíngue, em inglês e dari. Ahmed escondeu a Bíblia debaixo de seu colchão, onde sua mãe mais tarde a encontrou. Foi expulso da casa dos pais e forçado a se casar com uma parente na esperança de que o casamento renovasse sua fé muçulmana. Durante cultos semanais, ele ora “por um dia no qual a liberdade religiosa no Afeganistão seja uma realidade e toda e qualquer pessoa possa praticar aquilo em que crê”.[93]

Sudão

Milicianos leais ao governo islamita do Sudão sequestraram dois padres católicos da Igreja Católica de Santa Josephine Bakhita no Sudão do Sul, em 15 de janeiro de 2012. Foram soltos duas semanas depois; aparentemente nenhum resgate foi pago, embora não se conheça detalhes da libertação. A captura e o abuso que sofreram representam um ataque contra cristãos no Sudão do Sul logo após a inauguração do novo Estado em julho de 2011. “Os dois padres católicos foram maltratados”, relatou o bispo auxiliar Daniel Adwok Kur à Compass Direct News. Os sequestradores teriam torturado os dois clérigos física e psicologicamente.[94]

Quando começou a ter visões de Jesus em 2004, Howida Ali não sabia o que pensar e, quando Jesus lhe falava naquelas visões, ela não sabia o que dizer. Howida sempre fora muçulmana, por isso perguntou a uma de suas amigas, também muçulmana, o que aquelas visões poderiam significar. A amiga lhe disse

que ouvira falar de visões e sonhos similares de outros cristãos, de modo que Howida procurou conselho junto a uma mulher cristã do Sudão do Sul.

A mulher cristã contou a Howida quem era Jesus e orou com ela. Os sonhos e as visões de Howida aumentaram. Não muito depois, porém, a despeito de ela haver tentado manter sua nova fé em segredo, a notícia da sua conversão chegou até sua família. Ela fugiu do Sudão para o Egito em 2007, temerosa por sua vida e a de seu filho.

Howida se divorciara do marido em 2001 por ele ser viciado em drogas, mas agora descobriu que ele e o irmão dela — os dois muçulmanos convictos — procuravam por ela e seu filho, com 10 anos na época. Em 2011, percebeu que, por ter se convertido ao cristianismo, seu ex-marido não estava apenas tentando lhe tirar o filho. Ele queria matá-la, uma vez que ela era apóstata e havia desgraçado a honra de sua família.

A Compass Direct relatou: “O reverendo Emmanuel S. Bennsion, da Catedral de Todos os Santos, confirmou que o ex-marido de Ali e seu irmão seguiam uma pista de um dos parentes de Ali quando chegaram ao Cairo para procurá-la. Eles foram até a escola do filho dela para levá-lo de volta ao Sudão. Era uma escola cristã, e o diretor se recusou a lhes entregar o menino”. Bennsion disse: “Desde então, ela começou a se esconder e vive com medo”.

Howida Ali diz: “Deixamos de sair do apartamento e até mesmo de ir à igreja”. E acrescenta: “Meu filho não vai mais à escola diariamente como antes. Não podemos ter a vida que tínhamos. Não posso participar de estudos bíblicos ou de eventos de comunhão — dependo agora apenas de mim mesma para crescer espiritualmente, assim como para oração e estudo bíblico”.[95]

Cristianismo no Sudão

O cristianismo chegou ao Sudão, então Núbia, na área de Meroé, a cerca de duzentos quilômetros a nordeste de Cartum, no ano 37 d.C., com o ministro eunuco da rainha Candace. Em Phyle havia mosteiros no ano 284 d.C., e o primeiro bispo foi apontado ali em 325, sinal de uma igreja madura.[96]

Contudo, desde a chegada do islã, a igreja sudanesa tem sido empurrada para as fronteiras ou mesmo erradicada. O cristianismo foi revitalizado ali no século

19 e difundiu-se amplamente no Sul durante o século 20. Em 2011, à medida que a separação do país se tornou iminente e o presidente al-Bashir ameaçou impor uma forma de *sharia* bastante restritiva, milhares de cristãos, de uma população estimada entre 1 a 1,5 milhão no Norte, fugiram de volta para o Sul.[97] Ainda hoje, alguns muçulmanos do Norte se convertem ao cristianismo, conquanto as perseguições e as pressões sejam severas.

Os pais sudaneses de Mohammed Saeed Omer ficaram horrorizados ao descobrir que o filho havia se tornado cristão no período em que frequentou uma universidade em Nova Délhi, Índia. Muçulmanos fiéis, os pais exigiram que ele voltasse imediatamente para casa. Também o informaram de que ele seria renegado e deserdado se não mudasse de ideia quanto a sua religião.

Omer voltou para o Sudão em 17 de julho de 2011. Talvez tenha subestimado a determinação de seus pais, pois a ira deles não conhecia limites. Confiscaram seu passaporte e juraram que chamariam a temível polícia de segurança islamita do Sudão caso ele não voltasse para o islã, abdicando de sua recém-descoberta fé cristã.

A despeito do perigo, Omer não se arrependeu. Encontrou coragem e esperança em suas novas crenças e compareceu fielmente a cultos na igreja e a reuniões de estudo bíblico, apesar da ira de sua família e das tentativas de intimidação. Quando um dos tios de Omer jurou matá-lo por ser apóstata, o jovem fugiu da casa de seus pais e passou a morar com um amigo. Seus pais o denunciaram às forças de segurança, que o prenderam depois de uma reunião com um pastor cristão. Após lhe arrancar as unhas das mãos com alicates, a polícia o entregou a seus pais, que o mantiveram sob vigilância rígida, monitorando suas ligações telefônicas e uso da internet.

Graças à ajuda que recebeu da comunidade cristã, Omer finalmente fugiu. Em 2004, encontrou uma maneira de sair do Sudão e, desde então, iniciou uma nova vida em outro país.[98]

A independência do Sul e seu custo

Em 9 de julho de 2011, houve grande regozijo em Juba, Sudão do Sul. Bandeiras foram erguidas, orações oferecidas e discursos feitos diante de uma multidão em

êxtase, que passou muitas horas cantando, dançando e aplaudindo em celebração. Dezenas de milhares de pessoas se reuniram para marcar o fim de uma longa jornada rumo à liberdade. Naquele dia de sol escaldante, o Sudão do Sul foi formalmente separado do Norte islamita e tornou-se oficialmente a República do Sudão do Sul, a nação mais nova do mundo.

O Sudão se localiza na falha linha religiosa da África entre o Norte muçulmano e o Sul cristão e animista. Durante décadas, o sul do Sudão foi banhado de sangue por uma das mais prolongadas e brutais guerras civis da história, uma guerra que tinha como tema — que o Ocidente demorou a reconhecer — a liberdade religiosa. A guerra começou em 1983, quando o regime de Cartum impôs à força a lei da *sharia* sobre todo o país, e os cristãos e animistas do Sul se rebelaram. Os ataques do Norte contra o Sul se intensificaram depois de 1989, quando o general Omar al-Bashir, acusado de genocídio pelos ataques posteriores ocorridos em Darfur, tomou o poder em Cartum. Ao todo, um impressionante número de dois milhões de sudaneses da região sul morreram, muitos deles cristãos; cerca de quatro milhões de outros foram deslocados, muitos para miseráveis campos de refugiados, enquanto outros milhares foram raptados e colocados sob escravidão em lares muçulmanos no Norte.

Por mais alegres que tenham sido as festividades do Dia da Independência, a agonia dos cristãos sudaneses ainda não acabou. A perseguição aos cristãos naquela área, que se estende pela fronteira norte-sul, continua a ser perpetrada por defensores do governo do Norte, por meio de ataques a igrejas e escolas bíblicas e vilas, assim como por bombardeios, sequestros, estupros, assassinatos e eliminação porta a porta. Há dois motivos para a continuidade da violência: a sede de Cartum pelo petróleo do Sul e sua autoproclamada *jihad*, promovida com o intuito de islamizar o Sudão do Sul.

Em 2005, o conflito entre o Sudão e o Sudão do Sul deveria ter formalmente terminado com um tratado de paz intermediado pelos Estados Unidos. John Garang, líder do Exército Popular de Libertação do Sudão (EPLS), havia ajudado a negociar o Acordo de Paz Amplo (APA) em favor do governo do Sul. Garang, que havia liderado o Exército do Sudão do Sul muitos anos, tornou-se vice-presidente de um Sudão unificado sob os termos do APA, e muitos

esperavam que ele fosse eleito o primeiro presidente do Sul independente. Contudo, para desânimo dos sudaneses do Sul, ele morreu num acidente de helicóptero apenas duas semanas depois de ter assinado os documentos do APA.

Sem a liderança de Garang, e em razão da falsidade do sanguinário presidente al-Bashir, o regime do Norte continuou a forçar sua interpretação radicalizada do islã sobre cristãos, animistas e muçulmanos. Procurou tomar posse de forma brutal do tesouro que é o petróleo do Sul.

Todavia, os sul-sudaneses perseveraram em sua busca pela liberdade. Conforme acordado pelo APA, foram às urnas em fevereiro de 2011. Quando a comissão do referendo publicou os resultados finais, 98,83% dos sul-sudaneses haviam votado a favor da independência.[99] A festa de verão de liberdade e independência marcou um novo início para o Sudão do Sul, tão marcado pelas guerras.

Ataques nas fronteiras

Hoje, cristãos e outros na República do Sudão do Sul desfrutam de liberdade religiosa. Contudo, o bem-estar das pessoas da área, predominantemente cristãs, está cada vez mais precário em vista dos constantes ataques a bomba realizados pelo Norte nas regiões fronteiriças ricas em petróleo de Abyei e do Cordofão do Sul. O presidente al-Bashir continua a atacar ferozmente a população tribal de Nuba, de um milhão de habitantes, no centro do Sudão, que permanece formalmente como parte do Norte, assim como outros grupos naquelas áreas.

Embora tenha apoiado o Sudão do Sul na guerra civil de 1983 a 2005, o estado do Cordofão do Sul, de acordo com a APA, foi deixado para trás quando o Sul se separou formalmente do Norte. Em 5 de junho de 2011, iniciou-se a luta no Cordofão do Sul. Cartum permitiu que grupos humanitários estrangeiros investigassem supostas atrocidades e massacres. Só foi possível ter vislumbres da violência, graças a relatórios vazados das Nações Unidas e relatos intermitentes de ONGs, representantes de igrejas e do ator George Clooney, que, depois de visitar a região em março de 2012 com o vigoroso ativista do Sudão John Prendergast, apresentou um testemunho ao Congresso americano.[100]

Um desses relatórios vazados, do final de junho de 2011, descreve que o regime de al-Bashir conduziu “bombardeios aéreos que resultaram em destruição de propriedade, deslocamentos forçados, significativa perda de vidas civis, incluindo mulheres, crianças e idosos; sequestros; buscas de casa em casa; prisões e detenções arbitrárias; mortes por encomenda; execuções sumárias; [...] sepulturas coletivas; destruição sistemática de habitações e ataques a igrejas”.[101] O incansável e indispensável analista sudanês Eric Reeves escreveu:

> Vêm crescendo fortes evidências de buscas de casa em casa pelo povo nuba e por simpatizantes da ala norte do Exército Popular de Libertação do Sudão (EPLS). Do mesmo modo, fortes evidências apontam para bloqueios em estradas que também visavam atacar os nubas. Os nubas encontrados foram, em grande parte, presos ou sumariamente executados. Isso ocorreu sobretudo na área de Kadugli, capital do Cordofão do Sul. [...] O mais perturbador é que um grande número de testemunhas oculares falaram sobre valas comuns onde são sepultados inúmeros mortos.[102]

Os cristãos são escolhidos porque acredita-se que eles se oponham ao governo de Bashir. Brad Phillips, do Projeto Perseguição e da Voz dos Mártires, que entrou na região em julho de 2011 num avião particular fretado (um dos poucos estrangeiros a entrar na região durante esse período), deu testemunho a respeito diante de uma audiência de emergência do Subcomitê para África, Saúde Global e Direitos Humanos do Comitê de Assuntos Externos da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos:

> Falei com o reverendo Luka Bolis, um sacerdote episcopal e presidente regional do oeste do Concílio Sudanês de Igrejas, que fugiu de Kadugli e me disse: “O PNC [Partido Nacional do Congresso, o partido de Bashir] tem a igreja como alvo nessa guerra”. O rev. Luka recebeu uma ligação de alguns amigos em Kadugli advertindo-o de que não voltasse. Eles lhe disseram que as FAS [Forças Armadas do Sudão] mantinham uma lista de todos os líderes eclesiásticos e simpatizantes suspeitos do EPLS [Exército Popular de Libertação do Sudão].

Phillips também testemunhou:

> Os bombardeios diários aterrorizaram a população local a ponto de o cultivo normal não estar acontecendo durante essa temporada crucial de plantio. As montanhas Nuba estão isoladas, desconectadas e enfrentarão uma crise humanitária dentro de sessenta dias, a menos que os voos de ajuda tenham permissão para reiniciar o trabalho. Isso não acontecerá enquanto os MiGs e os bombardeiros Antonov [da Força Aérea Sudanesa] e helicópteros de ataque patrulharem os céus.[103]

Os nubas ainda atacados

Macram Gassis, bispo católico que atende os nubas, lidera uma igreja que permanece ativa na área devastada pela guerra. Ele nos disse que os ataques recentes realizam limpeza étnica e que Cartum está agora trazendo as Janjaweed — as mesmas milícias genocidas que arruinaram Darfur — para sua diocese, vindas do outro lado da fronteira com Chade e Níger. Disse ainda que o governo está se preparando para importar mercenários dentre os terroristas Al-Shabab, da Somália.

Ahmad Haroun — criminoso de guerra acusado e procurado pela Corte Penal Internacional por ter arranjado os assassinatos, estupros e deportações sistemáticos das Janjaweed contra o povo fur em Darfur, em 2003 — é o novo governador do Cordofão do Sul, no Sudão. O bispo Gassis relatou que Haroun ameaçou usar armas químicas nos constituintes de origem nuba se as tropas do EPLS não entregassem suas armas e equipamentos. O bispo escreveu: "Nas montanhas Nuba, em Abyei, em Darfur e no Nilo Azul, nossa crucificação prossegue sem pausa".[104]

No início de fevereiro de 2012, pelo menos oito bombas foram jogadas na área próxima a um seminário bíblico durante seu primeiro dia de aula, relatou o Samaritan's Purse, o ministério americano que apoia a escola. "Duas bombas caíram dentro do complexo — localizado nas montanhas Nuba da região — destruindo dois prédios do Seminário Bíblico Heiban e dando início a um incêndio florestal na região", disse o grupo. "Foi um milagre que ninguém tenha se ferido."[105]

Embora os nubas sejam na maioria muçulmanos, eles se recusaram a participar da *jihad* proclamada por Bashir contra o Sudão do Sul. Por sua resistência, uma *fatwa* de 1993, patrocinada pelo governo, declarou que eles eram "apóstatas", o que significava dizer que se considera permitido matá-los com não muçulmanos. Como consequência, dezenas de milhares de nubas morreram de fome debaixo da estratégia dupla do regime de realizar bombardeios de saturação e banir os voos de ajuda internacionais — a mesma estratégia usada hoje.

Nada disso serve de alento para uma paz de curto prazo. Em fevereiro de 2012, nosso colega Andrew Natsios, ex-enviado especial americano ao Sudão, escreveu na *Foreign Affairs*:

> Apesar da mediação do ex-presidente sul-africano Thabo Mbeki, as negociações anteriores à independência (e desde então) deixaram que várias questões não resolvidas piorassem: quanto o Sul pagaria para transportar petróleo pelo Norte, onde ficaria a fronteira real (especialmente a situação da área disputada de Abyei), divisão das dívidas e qual seria o estado de cidadania de sul-sudaneses que permanecessem no Norte e vice-versa. Além da tensão em torno dessas questões, cresce uma oposição mais ampla que inclui os três principais movimentos rebeldes de Darfur, o braço do Norte e o movimento político do Sul.[106]

A despeito de sua conflituosa fronteira norte, a nova República do Sudão do Sul protege a liberdade religiosa. No relatório de 2012 do Departamento de Estado dos EUA sobre a liberdade religiosa, destacou-se como um país onde "não houve relatos de abusos sociais ou discriminação baseada em afiliação religiosa, crença ou prática".[107] Além disso, o relatório diz que "leis e políticas protegem a liberdade religiosa e, na prática, o governo em geral respeita a liberdade religiosa". Enquanto isso, no Sudão de al-Bashir, a perseguição aos cristãos aumenta depressa.

Os cristãos cercados de Cartum

Todos os sudaneses ao norte, incluindo os cristãos, estão sujeitos à lei da *sharia*. O Departamento de Estado dos EUA continua a designar o Sudão como um dos "Países de Preocupação Específica", ou seja, um dos piores perseguidores religiosos do mundo. O Relatório Anual de 2012 da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional afirma:

> Em reuniões realizadas em Cartum em dezembro de 2009, tanto cristãos como muçulmanos disseram à Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional que sentiam que suas liberdades religiosas eram infringidas pela imposição governamental de sua própria e particular ideologia islâmica sobre toda a população, incluindo a aplicação de códigos de moralidade baseados em religião e punição corporal.[108]

Mulheres cristãs são acoitadas se não se conformarem ao código de vestimenta islâmico e não usarem lenço na cabeça. Sob a lei sudanesa, o abandono do islã é

um crime capital, embora os muçulmanos tenham liberdade de fazer proselitismo para o islã. Construir novas igrejas é difícil, e o testemunho de um cristão tem menos peso que o de um muçulmano no sistema judiciário do país. É negado tempo de exposição aos cristãos na mídia, que é controlada pelo governo, e sofrem discriminação no sistema educacional e no atendimento de serviços governamentais. São retratados negativamente nos livros escolares.

A Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional relatou que, em 14 de novembro de 2010, centenas de policiais, chegando num comboio de sete caminhões, invadiram o prédio em Cartum que abrigava o Conselho Sudanês de Igrejas, um grupo que representa as igrejas ortodoxa, protestante e católica romana. A polícia saqueou os escritórios do Conselho, afirmando que procuravam armas, embora não tenham encontrado nenhuma.[109]

A *Christianity Today* relatou que cristãos do Norte vivem sob uma "cobertura de medo" desde que o Sul se separou. A revista disse ainda:

> Apenas um mês depois de o Sul ter votado pela independência do Norte predominantemente islâmico, aumentaram as pressões sobre igrejas e cristãos, com grupos muçulmanos ameaçando destruir igrejas, matar cristãos e limpar o país do cristianismo.

O artigo citou o exemplo de uma igreja presbiteriana liderada pelo reverendo Maubark Hamad, em Wad Madani, pouco menos de 140 quilômetros a sudeste de Cartum, que foi queimada em 15 de janeiro de 2011 após ameaças extremistas. "Fontes cristãs disseram que sentiam cada vez mais medo à medida que extremistas muçulmanos faziam mais ameaças contra cristãos numa tentativa de livrar aquilo que eles chamam de *Dar al Islam*, a 'Terra do Islã', do cristianismo."[110]

O poder para mudar as coisas

Uma fonte no Afeganistão próxima a Said Musa — o cristão convertido poupado de execução — elogiou os esforços da comunidade internacional:

> Sentimos que essa libertação revela que, quando muitas e muitas pessoas se unem para tentar impor a justiça, em alguns casos, como o de nosso amigo Said Musa, boas coisas acontecem, ainda que pareçam

> impossíveis. As vozes das pessoas que vivem fora do Afeganistão e que pressionaram o governo afegão e os diplomatas internacionais foram ouvidas. [...] [Quando as igrejas locais e os organismos internacionais defendem o perseguido por sua fé], eles têm poder para mudar as coisas.[111]

Se o levantar de nossas vozes pode fazer diferença mesmo num país tão islamizado como o Afeganistão, onde não é permitida a nenhuma igreja existir abertamente, então podemos levar conforto moral e político, bem como ajuda material, a também outros cristãos perseguidos — no Sudão, no Egito, no Paquistão e no Afeganistão — neste tempo em que enfrentam grande sofrimento.

Abrimos este capítulo descrevendo o povo cristão do lixo no Cairo, os *zabaleen*, de Mokatam, a "Cidade do Lixo". Além dos assassinatos de março de 2011, eles sofrem muitas outras atrocidades e indignidades. Naquilo que afirmaram ser uma precaução contra a gripe suína, o governo egípcio anunciou em abril de 2009 uma apreensão maciça de porcos. Visto que o islã considera os porcos impuros, eram os coptas os donos de praticamente todos os porcos, sobretudo na Cidade do Lixo. Centenas de criadores de porcos em Mokatam enfrentaram a polícia quando esta tentou matar os animais. Muitos cristãos paupérrimos — no sentido mais literal possível da palavra — perderam os poucos meios de sobrevivência que possuíam. O Egito é o único país do mundo que se engajou nessa matança de porcos; a Organização Mundial de Saúde disse que é desnecessário combater o surto de gripe H1N1 por meio de tais medidas.[112]

Mokatam também é o local de uma das igrejas mais incomuns do Oriente Médio: a Igreja de São Samaan (Simão) o Curtidor, popularmente conhecida como a "igreja da caverna". A despeito de sua enorme população copta, a Cidade do Lixo não tinha uma igreja no início e, por muitos anos, o governo se recusou a permitir que uma fosse construída. Para compensar, os coptas então aprofundaram as cavernas na colina que sombreia suas ruas e começou a se reunir e a cultuar nelas. Hoje, Mokatam é um aglomerado de locais de reunião que atrai turistas, incluindo muçulmanos. A maior das cavernas regularmente reúne mais de dez mil adoradores.

8

O mundo muçulmano: Guerra e terrorismo

Iraque • Nigéria • Indonésia • Bangladesh • Somália

Salat Sekondo, um somali que vivia num campo de refugiados em Dadaab, no nordeste do Quênia, foi atacado por jovens muçulmanos em outubro de 2008. Ele e seu filho de 22 anos conseguiram vencer os jovens. Semanas depois, porém, Salat descobriu que grupos islâmicos locais o haviam multado em 20 mil shilligs quenianos por desonrar o islã e o profeta Maomé ao se converter ao cristianismo.

Em novembro, sua casa foi atacada novamente, dessa vez por uma multidão que ameaçava “ensinar-lhe uma lição” por ter abandonado o islã. Ele tentou fugir pulando uma janela, mas levou tiros no ombro e foi deixado para morrer. Recuperou-se mais tarde, mas outros membros de sua família não tiveram a mesma sorte. Em julho daquele mesmo ano, seu parente Nur Osman Muhiji foi arrastado de seu veículo por extremistas islâmicos e esfaqueado até a morte, enquanto os dez cristãos que ele tentava resgatar secretamente de Kismayo, Somália, permaneciam escondidos. A casa de Muhiji foi incendiada, mas os vizinhos conseguiram salvar seus filhos pequenos.[1]

Welhelmina Holle dedicou a vida inteira a ensinar matemática elementar e o idioma indonésio em Masohi, nas ilhas Maluku. Quando houve conflitos religiosos em Maluku em 1999, resultando em mais de dez mil mortes, ela foi a única professora cristã que permaneceu na escola. Lecionava ali havia 25 anos.

Em dezembro de 2008, Welhelmina foi acusada de blasfêmia — insulto ao islã — em vista de um comentário feito enquanto auxiliava um aluno do sexto ano. Rumores se espalharam rapidamente por toda a comunidade, e a assembleia

local do Concílio Indonésio Ulema apresentou queixa à polícia.[2] Em pouco tempo, quinhentos muçulmanos da área ficaram ensandecidos e entraram em choque com a polícia e residentes cristãos. Queimaram duas igrejas, uma clínica de saúde e 67 casas, incluindo algumas de propriedade de muçulmanos, resultando em ferimentos em pelo menos seis pessoas.

A polícia prendeu Welhelmina e a indiciou, junto com o líder muçulmano Asmara Wasahua, como suspeita de iniciar as revoltas. Ela também foi acusada de blasfêmia e "insulto público".

Welhelmina foi considerada inocente da blasfêmia, uma vez que os juízes não consideraram o testemunho dos alunos confiável. Mas foi considerada culpada de insulto público por supostamente insultar — e depois pedir desculpas a — um aluno que chutou uma bola em seu peito em 2007. Embora ninguém tenha feito uma denúncia durante todo esse tempo, e o caso tenha ultrapassado o período de prescrição de um ano, ela foi sentenciada a um ano de prisão. Até mesmo o chefe da prisão de Masohi concordava que aquilo era injusto, dizendo que ela fora presa para conter "a ira do povo da cidade".[3]

Paulos Faraj Rahho, o popular arcebispo da Igreja Católica Caldeia de Mossul, no Iraque, foi sequestrado depois de ter feito em aramaico as orações das estações da cruz da Quaresma na Igreja do Espírito Santo, em 29 de fevereiro de 2008. O prelado de 65 anos foi encontrado morto duas semanas depois numa cova rasa. Islamitas, provavelmente trabalhando com gangues de criminosos, foram considerados responsáveis por sua morte. O arcebispo Rahho era um líder dinâmico e homem de grande esperança. A despeito das possibilidades, ele havia recentemente fundado a nova paróquia de São Paulo em Mossul, iniciado uma "Semana Jovem" em sua diocese e fundado a Fraternidade da Caridade e da Alegria, com o intuito de ajudar enfermos e lhes garantir uma vida digna.

Para muitos cristãos iraquianos, católicos ou não, o assassinato do arcebispo foi encarado como um momento de definição. Johan Candalin, diretor-executivo da Comissão de Liberdade Religiosa da Aliança Evangélica Mundial, comentou: "Um arcebispo é mais que um clérigo comum. Ele é um símbolo de toda a igreja. E, quando ele é morto dessa maneira brutal, vemos um sinal bastante claro para todos os cristãos de que isso poderia acontecer a qualquer um deles".[4]

Extremistas e terroristas

Nos países de maioria muçulmana descritos até aqui, a principal fonte de repressão e perseguição tem sido, como na Arábia Saudita e no Irã, os governos islâmicos ou, como no Afeganistão e no Paquistão, uma violenta mistura de governos, multidões e justiceiros, no geral agindo em acordo. Existe outro conjunto de países onde a perseguição a cristãos não costuma vir diretamente do governo — ou pelo menos não do governo central — mas, sim, de extremistas presentes na sociedade, incluindo terroristas. O problema com os governos desses países é que eles não conseguem, ou pelo menos não agem para, controlar ou impedir a violência.

Em alguns casos, como na Indonésia e em Bangladesh, o governo central não é forte o bastante para manter a segurança, ou simplesmente não está disposto a arriscar a popularidade política ao reagir de modo eficaz contra os extremistas. No outro lado do espectro está a Somália, que se encontra no meio de uma guerra civil brutal e está sem um governo central efetivo desde 1991. Como resultado, milícias como a Al-Shabab provocam pânico nas áreas onde operam e deliberadamente buscam exterminar cristãos. Entre os dois casos, estão Iraque e Nigéria, onde, em grandes áreas do país, as milícias e grupos terroristas agem com relativa tranquilidade diante de ataques a minorias religiosas.

Em muitos desses países, os maiores perseguidores possuem vínculos com a Al-Qaeda. No Iraque, o ataque descrito a seguir à Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Bagdá, que matou 58 cristãos, foi realizado por uma divisão da Al-Qaeda. No norte da África, a filial da Al-Qaeda ali declarou sua disposição de armar e treinar a milícia da Nigéria e o grupo terrorista Boko Haram, que vem massacrando cristãos como parte de uma política deliberada de expulsá-los do norte da Nigéria. Sobre o Al-Shabab da Somália, Ayman Al-Zawahiri, que assumiu a liderança da Al-Qaeda depois da morte de Osama bin Laden, declarou: “O movimento Shabab uniu-se à Al-Qaeda”, ao passo que o líder do Al-Shabab, Ahmed Abdi Godane, replicou: “Andaremos junto a vocês

como soldados fiéis". Esses cenários complexos resultam em algumas das piores situações do mundo para os cristãos.

Iraque

Em 31 de outubro de 2010, a Al-Qaeda na Mesopotâmia cercou a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma igreja católica síria em Bagdá, enquanto 120 adoradores locais participavam da missa do lado de dentro. Praticamente todos na igreja foram mortos ou feridos. Entre os cerca de 58 mortos, estavam dois padres, o padre Wasim Sabih e o padre Thaier Saad Abdal, enquanto um terceiro, o padre Qatin, foi ferido por uma bala que se alojou em sua cabeça. Os agressores islamitas lançaram ao chão o padre Sabih, enquanto ele agarrava um crucifixo e implorava que eles poupassem os paroquianos, mataram-no a tiros numa saraivada de balas. O pequeno Adam Udai, 3 anos, também implorou a um dos terroristas, dizendo "Por favor, pare", e foi sumariamente assassinado.

Os agressores suicidas postaram inúmeras ameaças na internet contra os infiéis "em qualquer lugar onde puderem ser achados" e exigiram a libertação de duas mulheres cristãs que eles alegavam terem se convertido ao islã e eram mantidas presas contra sua vontade em mosteiros egípcios — alegações que as mulheres em questão mais tarde negaram. O massacre, hoje conhecido como "Domingo Negro" pelos cristãos iraquianos, atingiu fundo a comunidade. "'Perdemos parte de nossa alma aqui', disse Rudy Khalid, cristão de 16 anos que vivia do outro lado da rua, em frente à igreja. 'Nosso destino ninguém sabe dizer qual será'."[5]

Em 18 de agosto de 2009, um médico cristão, Sameer Gorgees Youssif, foi sequestrado numa parte supostamente segura do distrito de Kirkuk e mantido em cativeiro 29 dias. Os cristãos são um alvo especial para os sequestradores iraquianos. Sua libertação ocorreu graças às negociações realizadas por sua filha de 23 anos com os sequestradores. Inicialmente os sequestradores exigiram o equivalente a 500 mil dólares, mas finalmente abaixaram o valor para 100 mil dólares. "Eles nos ameaçavam o tempo todo, e vivíamos num inferno", disse a filha de Youssif. "Simplesmente esperamos, oramos, jejuamos, fechamos as

portas e as trancamos. Tínhamos medo de que eles viessem até aqui e matassem todos nós. Deus era a nossa única esperança.” O dr. Youssif foi jogado em frente a uma mesquita de Kirkuk um mês depois de ter sido sequestrado, horas depois de o dinheiro do resgate ter sido liberado. Estava em condição crítica: seu corpo apresentava sinais de tortura e estava quase irreconhecível devido à falta de alimentação. Ficou preso, amordaçado, vendado e deitado de lado por 29 dias, e desenvolveu úlceras severas na coxa e no braço direitos. Estava coberto de escoriações, e a testa e nariz mostravam sinais de repetidos espancamentos.[6]

Limpeza religiosa implacável

A igreja iraquiana passa por uma grave crise, depois de uma década de perseguição violenta. A derrubada do ditador secular Saddam Hussein, do Partido Baath, em 2003, desencadeou uma campanha de limpeza religiosa implacável contra as antigas comunidades cristãs do Iraque. Ondas incansáveis de ações motivadas por religião, como bombardeios, assassinatos, sequestros, extorsões e estupros, disparou um êxodo em massa de cristãos. Desde 2003, quase 2/3 dos estimados um milhão e meio de cristãos fugiram para a Síria, a Jordânia e lugares ainda mais distantes. Eles são católicos iraquianos caldeus e siríacos; ortodoxos assírios, siríacos e armênios; assim como alguns protestantes.

Os cristãos continuam sendo a maior minoria não muçulmana do país, mas os líderes eclesiásticos expressam um temor real de que a luz da fé no Iraque, que acredita-se ter sido acesa pessoalmente por Tomé, um dos doze apóstolos de Jesus, pode em breve ser extinta. As outras religiões não muçulmanas no Iraque, os grupos muito menores de mandeus (seguidores de João Batista), yezidis (religião antiga centrada em anjos) e os bahaístas também estão sendo violentamente expulsos. A perseguição religiosa no Iraque é tão chocante que o país foi agora incluído como um dos piores lugares do mundo em perseguição religiosa numa lista especial de candidatos a “Países de Preocupação Específica” pela Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, em seu mandato concedido pela Lei de Liberdade Religiosa Internacional.

Nenhum grupo do Iraque, muçulmano ou não, é poupado de violência maciça e aterradora motivada pela religião. Contudo, como a comissão descobriu, a

sequência de golpes do extremismo sunita e xiita, combinados com profunda discriminação e indiferença governamentais, agora ameaçam a própria existência das antigas igrejas cristãs iraquianas. Algumas delas ainda oram em aramaico, o idioma de Jesus de Nazaré.

Ao contrário do que declaram várias agências de notícias seculares, cristãos e outras minorias não são simplesmente pegos no meio de uma luta de poder por parte de extremistas muçulmanos. Não se trata apenas de dano colateral. Eles sofrem violência muito mais concentrada. Enquanto o propósito dos ataques realizados pela maioria xiita é provocar uma guerra civil e derrubar o governo, o objetivo dos ataques contra as minorias cristãs do Iraque é livrar a nação da presença delas. As áreas que cuidam de refugiados tanto das Nações Unidas como da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos concluíram separadamente, após extensa pesquisa, que essas minorias estão sendo "obliteradas" (termo usado pelos bispos)[7] por causa de violência especificamente direcionada. Wijdan Michael, ministro dos Direitos Humanos do Iraque e ele mesmo cristão, resumiu a situação de modo sucinto quando disse que isso era uma tentativa de "esvaziar o Iraque de cristãos".[8]

A violência contínua contra cristãos se iniciou em agosto de 2004, com o bombardeio coordenado de várias igrejas. Desde então, documentos mostram que cerca de setenta igrejas foram bombardeadas, sobretudo em Bagdá e em Mossul.[9] Em 12 de julho de 2009, um domingo, seis igrejas foram bombardeadas em ataques coordenados em Bagdá, matando trezentos cristãos e um muçulmano e deixando dezenas de feridos. Ataques a cinco das igrejas foram executados com explosivos menores, mas o carro-bomba que explodiu perto da igreja de Mariam Al-Adra, enquanto os paroquianos saíam da missa, era extremamente potente e resultou na maior quantidade de mortes.[10]

O mais catastrófico dos incidentes citados acima aconteceu na Igreja Católica de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Bagdá, numa missa de domingo em outubro de 2010. Em 30 de dezembro daquele ano, uma semana depois de um grupo islâmico ter ameaçado agir com violência contra cristãos, dez bombas explodiram em Bagdá, ceifando a vida de duas pessoas e ferindo outras vinte — todas cristãs. Não seria o último ataque do tipo. Em 2 de agosto de 2011, um

carro-bomba explodiu do lado de fora da Igreja da Sagrada Família, na área central de Kirkuk, ferindo ao menos 23 pessoas.[11]

Os cristãos lembram que bombardeios similares a sinagogas e outras formas de violência em 1948 levaram a comunidade judaica do Iraque a fugir. A população judaica do Iraque hoje soma cerca de oito almas; os judeus formavam quase 1/3 da população de Bagdá na década de 1940.[12]

“Toda a minha liderança... todos mortos”

Os líderes religiosos também têm sido alvos. Em 9 de outubro de 2006, o padre Paulos Iskander, sacerdote de destaque da Igreja Ortodoxa Siríaca, foi sequestrado em troca de resgate e, três dias depois, decapitado e esquartejado, com uma mensagem de seus captores ligando o assassinato ao discurso do papa Bento XVI em Regensburg, que pareceu fazer uma crítica ao islã. Em 30 de novembro de 2006, o padre Mundhir al-Dayr foi sequestrado de sua igreja protestante em Mossul e mais tarde encontrado morto com um tiro na testa. Enquanto realizavam seu ministério em 3 de junho de 2007, “o frei da Igreja Católica Caldeia Ragheed Ganni e três diáconos foram atingidos por tiros em seu carro, que foi cercado de explosivos para que ninguém pudesse recuperar os corpos”.[13] O cônego anglicano Andrew White, que lidera uma congregação ecumênica em Bagdá, disse: “Toda a minha liderança foi [...] levada e assassinada — estão todos mortos”.[14]

Durante a ocupação militar americana em 2006, militantes sunitas operando de uma mesquita na região religiosamente integrada de Dora, em Bagdá, realizaram uma limpeza religiosa na área. Lançaram uma *fatwa* exigindo especificamente que duas mil famílias cristãs que residiam no local se convertessem ou pagassem uma taxa de proteção islâmica, caso contrário seriam todos mortos. A maioria saiu de Dora e nunca mais voltou. A Federação Caldeia da América forneceu o seguinte exemplo de ameaça de morte recebida pelos cristãos de Dora:

> Ao traidor e apóstata Amir XX, nós o advertimos mais de uma vez a desistir de trabalhar com os ocupantes americanos, mas você não aprendeu com o que aconteceu aos outros e continuou. Você e sua esposa infiel, Rina XX, abriram um local para corte de cabelo de mulheres, algo que está entre as coisas proibidas por nós; portanto, estamos lhe dizendo que você e sua esposa devem desistir dessas atitudes e

> pagar a quantia de 20 mil dólares como taxa de proteção por sua violação. O pagamento deverá ser feito no prazo máximo de uma semana ou mataremos você e sua família, membro por membro; aqueles que advertem não serão punidos.

A nota foi assinada por "Batalhões Al-Mujahideen".[15] O destino desses ameaçados em particular não é conhecido, mas a maioria dos que recebem tais ameaças foge de suas casas e não retorna.

A entidade Bispos Católicos dos Estados Unidos relata que algumas crianças cristãs foram torturadas até a morte. Fanáticos islâmicos invadiram um lar caldeu perto de Mossul e mataram um menino de 10 anos enquanto gritavam: "Viemos exterminá-los! Esse é o fim para vocês, cristãos!". Uma mulher cristã também foi atingida com violência. Na Universidade de Mossul, algumas jovens cristãs foram estupradas e mortas por ofenderem alguns muçulmanos ao usar *jeans* e fazer um piquenique com colegas do sexo masculino.[16]

Extremistas sunitas e xiitas que procuram impor seus códigos de comportamento são implacáveis com os cristãos, jogando ácido no rosto de mulheres que estejam sem o *hijab* (véu islâmico). Panfletos foram distribuídos na Universidade de Mossul declarando que "nos casos em que mulheres não muçulmanas não se conformarem a usar o *hijab* e não forem conservadoras em sua vestimenta, de acordo com os preceitos islâmicos, as violadoras receberão a aplicação da *sharia* e da lei islâmica".[17] Homens que possuem lojas de bebidas, salão de beleza e cinemas também foram alvejados por seus negócios "não islâmicos".

De Basra, ao sul, até Kirkuk, ao norte, passando por todo o Iraque, os cristãos sofrem represálias sangrentas por deixarem de se conformar à versão dos fanáticos para o comportamento islâmico — em suas vestes, seus padrões sociais e suas ocupações, assim como em seu culto. Terroristas e insurgentes sunitas atacam cristãos caldeus e assírios com ferocidade particular, ligando-os ao Ocidente e acusando-os de colaborar com a ocupação americana. Gangues criminosas sunitas, bem como indivíduos da população majoritariamente xiita, encontram presas fáceis nas minorias religiosas que, diante de forças de segurança indiferentes e falta de milícias próprias, ficam totalmente desprotegidas.

A agência de notícias cristã assíria AINA.org relatou: “Milhares de cristãos são feitos reféns, com pedidos de resgate que chegam, em média, ao equivalente a 100 mil dólares cada. Laith Antar Khanno, um dos que não tinha condições de conseguir o dinheiro, foi encontrado decapitado em Mossul em 2 de dezembro de 2004, duas semanas depois de seu sequestro”.[18]

Assassinatos de cristãos a sangue-frio também começaram a surgir em 2004. O famoso cirurgião e professor assírio Ra’aad Augustine Qoryaqos foi morto a tiros por três terroristas enquanto fazia sua ronda numa clínica em Ramadi, em 8 de dezembro de 2004. Naquela mesma semana, dois executivos cristãos de Bagdá, Fawzi Luqa e Haitham Saka, foram raptados do trabalho e assassinados. Oficiais de alta patente do governo não foram poupados.[19]

Pascale Warda, cristão assírio da Igreja Católica da Caldeia, servia no governo de transição do Iraque como ministro de Migração e Deslocamento em 2004. Desde aquele ano, sofreu quatro atentados e, em 2005, quatro de seus guarda-costas cristãos foram mortos durante uma tentativa de assassinato.[20]

A lista de vítimas é longa e continua a crescer. A chocante e potencialmente desestabilizadora violência sunita e xiita no Iraque certamente preocupava os Estados Unidos, mas o movimento militar planejado para diminuí-la desprezou o apelo singular dos cristãos. As evidências mostram que podem até mesmo ter piorado as coisas ao despachar terroristas para o Norte, na direção de áreas cristãs ancestrais em torno de Mossul, nas planícies de Nínive ao norte, assim como para a cidade de Kirkuk. Muitos dos ataques recentes aos cristãos ocorreram naquelas áreas e foram executados por terroristas sunitas. Alguns foram mortos por não pagar o resgate exigido ou o que poderia ser considerado uma taxa islâmica, a *jizya*, sobre não muçulmanos. Outros foram escolhidos para eliminação simplesmente por serem cristãos. Veja a seguir uma pequena amostra dos muitos casos.

Um grupo não governamental relatou os ataques de motivação religiosa ocorridos em 2008 contra Zaya Toma, 22 anos, estudante de engenharia, e seu primo Ramsin Shmael, 21, estudante de farmácia. Enquanto os dois esperavam num ponto de ônibus no distrito de al-Tahir, em Mossul, a caminho das aulas, assaltantes fingindo ser oficiais da polícia lhes pediram a carteira de identidade.

Os nomes de ambos denunciavam que eram cristãos. Depois de apresentar os documentos, Toma levou um tiro à queima-roupa na cabeça, morrendo instantaneamente. Ramsin começou a correr, mas recebeu dois tiros, e uma das balas destruiu seus dentes; contudo, sobreviveu. Os assassinos fugiram e os membros da família, ao chegar à cena do crime, encontraram Toma sobre uma poça de sangue, com seus livros e sua identidade jogados de lado. A família disse aos investigadores que queriam sair do Iraque, porque "nosso único crime é sermos cristãos".[21]

Aziz Rizko Nissan al-Bidari, diretor-geral da Junta Financeira de Kirkuk, foi morto a tiros por atiradores em 12 de julho de 2009. Ele era o mais elevado oficial cristão do governo da cidade na época de sua morte. No mês seguinte, Salem Barjjo, 60 anos, executivo cristão de Mossul, foi sequestrado; em 7 de setembro de 2009, foi encontrado morto depois de sua família não ter conseguido pagar um alto resgate. Ele era profundamente ligado à igreja local. Imad Elias Abdul Karim, 55, enfermeira cristã sequestrada em 3 de outubro de 2009, em Kirkuk, foi encontrada morta no dia seguinte. A polícia encontrou o corpo "jogado" à beira da estrada e, de acordo com relatórios médicos, possuía "sinais óbvios de tortura".[22]

Arkan Jihad Yacob, cristão ortodoxo, foi morto em 30 de maio de 2011, deixando esposa e quatro filhos. Yacob tinha sido vítima de duas tentativas de sequestro anteriores, das quais conseguiu escapar. Dessa vez, porém, os agressores o emboscaram enquanto ia para o trabalho, atirando nele várias vezes num "assassinato a sangue-frio com estilo de execução". Com 63 anos, Yacob trabalhava como vice-diretor de uma fábrica de cimento, que, junto com sua religião, o transformava num alvo valioso para os criminosos: ele não apenas tinha alguma medida de riqueza, como também não era membro de uma tribo ou milícia que pudesse pedir restituição. E ele, como minoria religiosa, havia perdido a proteção do Estado.[23]

Sem proteção e sem justiça

Em 2005, num referendo nacional, o Iraque adotou uma nova Constituição, proclamada como o estabelecimento da primeira democracia eleitoral no Oriente

Médio árabe. Contudo, a Constituição deu um papel de importância ao islã, o que, temem os cristãos, nega sua linguagem positiva sobre liberdade religiosa e outros direitos humanos. Ela exige especificamente que a Suprema Corte tenha especialistas na *sharia* em seu meio. O artigo 2 barra qualquer lei que "contradiz as provisões estabelecidas pelo islã" e garante "a identidade islâmica da maioria do povo iraquiano". A verdadeira situação dos direitos básicos é deixada para futuras decisões a ser tomadas por juízes da *sharia*, que podem decidir que tais direitos conflitam com sua versão do islã e, portanto, são nulas e vazias. Essas provisões reforçam a percepção da já sitiada comunidade cristã no Iraque: a de que eles são cidadãos de segunda classe aos quais é negada verdadeira esperança de um futuro melhor em sua pátria ancestral.

Embora o presidente do Irã, o primeiro-ministro e o líder xiita, o grande aiatolá Sistani, tenham todos denunciado ataques contra cristãos, a perseguição não cedeu. Os assírio-caldeus sofreram muita coisa durante o último século no Iraque, incluindo campanhas brutais de arabização e islamização. Os sobreviventes à era Saddam Hussein, quando dezenas de suas vilas ao norte foram destruídas, eram pessoas obstinadas: conseguiram persistir por causa de sua devoção a suas igrejas, cultura e idioma aramaico, todos singulares. Mas eles talvez estejam vendo sua última resistência como uma comunidade coesa.

O governo do Iraque não fez nenhuma tentativa séria de garantir justiça e segurança adequadas para os cristãos cercados. A Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional apontou a indiferença geral do governo do Iraque, que "gera um clima de impunidade" para os agressores de cristãos e de outras minorias. O governo do Iraque também discrimina e marginaliza as vítimas na prestação de serviços essenciais do governo, incluindo projetos de reconstrução com apoio americano.

"O povo não tem outra opção senão fugir"

Centenas de milhares de cristãos fugiram para escapar da violência nas cidades iraquianas, sobretudo em Bagdá, Basra e Mossul. Muitos se mudaram para o norte, principalmente para a área rural das planícies de Nínive. É a última esperança de permanecer no Iraque. Nínive é o lar tradicional dos cristãos

assírios, cuja civilização está ligada a Ninrode, bisneto de Noé, e cuja fé se conecta ao profeta Jonas e ao apóstolo Tomé, ambos pregadores ali, tendo Tomé fundado a igreja de Nínive. Isaque, o sírio, um bispo do século 7 de Nínive, é considerado por muitos um dos maiores autores espirituais e monásticos da história da igreja.

Outros fugiram para o semiautônomo Curdistão. Ainda outros foram para outros países. Esse êxodo em massa se acelerou depois de 31 de outubro de 2010, data do bombardeio a igrejas em Bagdá.

Na noite de 22 de novembro de 2010, Diana Gorgiz, 35 anos, ouviu gritos e viu que o jardim de seu vizinho havia sido incendiado. Quando o Exército iraquiano chegou, disseram à família de Diana que eles não estavam mais seguros. “Quando o Exército chega e diz ‘Não podemos proteger vocês’”, explicou Diana, “em quem mais você pode confiar?”. No dia seguinte, três gerações da família Gorgiz — quinze pessoas no total — fugiram para um mosteiro em Qosh, onde ficaram espremidos num único quarto.[24]

A cidade de Ankawa, comunidade predominantemente cristã no norte do Iraque que possui várias igrejas, também se tornou porto seguro para muitos dos refugiados. Uma das mulheres cristãs, Jabir Hikmet Al Sammak, disse no funeral de seu pai, morto aos 78 anos, e de sua mãe, aos 76: “Bagdá tem males demais, [...] é uma cidade de armas”. Extremistas decapitaram seus pais. Mas, a despeito da melhoria na segurança, Ankawa ainda é um lugar de extrema dificuldade. A família vive do dinheiro obtido pela venda de sua casa em Bagdá.[25]

Uma vez que não são maioria, os cristãos estão à mercê dos grupos governamentais dominantes, que confiscam suas propriedades, negócios e vilas e por vezes impedem a ajuda americana para reconstrução. No Norte, as forças locais curdas *Peshmerga* confiscaram fazendas e vilas cristãs. Os americanos ajudaram na reconstrução de estradas, escolas, fornecimento de água limpa, eletricidade e outros itens de infraestrutura vitais há muito ultrapassados em comunidades assírio-caldeias. O Departamento de Estado dos EUA distribuiu esses fundos exclusivamente para áreas governadas por árabes e curdos — parte da antiga estrutura de poder de Saddam Hussein — que não repassaram a parte dos assírio-caldeus.

Em 24 de dezembro de 2010, membros da Sagrada Igreja de Jesus estavam reunidos para cultuar e celebrar o nascimento de Jesus. Num santuário construído para mais de quinhentos membros, apenas cem se reuniram. Outros permaneceram em casa com medo da violência. Muitas igrejas em Kirkuk, Mossul e Basra cancelaram a celebração do Natal ou suspenderam cerimônias programadas para acontecer à noite. Os líderes da igreja também aconselharam os cristãos a não promoverem festas ou exibir símbolos cristãos.[26] Como o Departamento de Estado dos EUA observou, grupos cristãos não podem mais se reunir em segurança, e muitos pararam totalmente de promover cultos. O arcebispo caldeu Kassab, de Basra — que faz suas orações em aramaico, como é a tradição caldeia — não celebrará mais a missa de Natal com sua diocese: a igreja o transferiu para a Austrália. Hoje, apenas algumas centenas de católicos caldeus permanecem em Basra. Essas igrejas não estão apenas ficando caladas; elas estão sendo erradicadas.

No final de 2010, Joseph Kassab, diretor-executivo da Federação Caldeia da América e irmão do ex-arcebispo Basra, escreveu ao nosso escritório: “As coisas estão se deteriorando muito rapidamente no Iraque; nosso povo não tem outra opção senão fugir, porque está perdendo a esperança e não há uma ação séria sendo tomada para protegê-lo hoje”.

Uma mensagem de esperança eterna

O acadêmico católico libanês Habib Malik escreveu na pesquisa de 2008 do Centro para Liberdade Religiosa um artigo intitulado “Liberdade religiosa no mundo”, dizendo que os cristãos do Oriente Médio têm servido historicamente como influências moderadoras. A presença das antigas comunidades cristãs do Iraque destaca o pluralismo, e elas atuam como uma ponte rumo ao Ocidente e a seus valores de direitos individuais. Eles patrocinaram escolas e um currículo moderno, beneficiando todos. Um dos principais exemplos foi o Colégio Jesuíta de Bagdá, que teve entre seus alunos três candidatos muçulmanos à presidência na eleição de 2005 no Iraque. Sem a experiência de viver ao lado de cristãos e outros não muçulmanos, o Oriente Médio muçulmano perde a experiência de

coexistir pacificamente com outros. Os governos ocidentais e as igrejas do Ocidente precisam considerar essa ideia com muita atenção.

Com a comunidade cristã absorvendo um golpe devastador atrás do outro, o reverendo iraquiano Meyassr al-Qaspotros, sacerdote da Igreja Católica Caldeia, proclamou uma mensagem de esperança eterna: “Somos ameaçados, mas não deixaremos de orar”. Ele acrescentou, fazendo alusão às palavras de Jesus antes da crucificação: “Tenham cuidado de não odiar aqueles que nos matam, porque eles não sabem o que estão fazendo. Deus os perdoe”.[27]

Nigéria

Em 12 de junho de 2006, Joshua Lai, professor cristão do ensino médio em Keffi, Nasarawa, estava lecionando inglês quando um aluno muçulmano, Abdullahi Yusuf, chegou atrasado. A desculpa de Yusuf para o atraso foi que ele vinha das orações na mesquita. Sendo ele mesmo um ex-muçulmano, Lai sabia que as orações da manhã não poderiam tê-lo atrasado até as 9 horas da manhã, de modo que o golpeou com uma vara — punição comum na Nigéria. Mais tarde, Yusuf acusou Lai de dizer que ele “açoitaria o profeta Maomé”. Naquela noite, alunos queimaram seu alojamento na escola e também sua casa. Ele foi transferido para Abuja por motivos de segurança e, em 16 de outubro de 2006, colocado sob julgamento por blasfêmia.[28]

Em 20 de fevereiro de 2006, no estado de Bauchi, um aluno acusou a professora cristã do ensino médio, Florence Chuckwu, de blasfêmia, e ela quase foi morta. Quando percebeu que um aluno estava lendo um livro durante sua aula e ignorava seus pedidos para que parasse, ela confiscou o livro até o final da aula. Ela não sabia que aquele livro era o Alcorão. Alunos muçulmanos começaram a jogar livros nela, e um deles gritou: “Matem-na!”. Ela recebeu sérios ferimentos na cabeça. Os alunos iniciaram uma revolta, e, antes do fim do movimento da multidão, mais de vinte cristãos haviam sido mortos e duas igrejas queimadas. Chuckwu fugiu, e seu paradeiro atual é desconhecido.[29]

Imagens recentes de noticiários da Nigéria são perturbadoras: fotografias de vilas queimadas, carros e igrejas incendiados e restos humanos incinerados. O

país tem cerca de 162 milhões de pessoas, de longe a maior população da África, e mais de 250 grupos étnicos. Com tal diversidade, a Nigéria enfrentaria dramáticas tensões mesmo sem suas profundas diferenças religiosas. Mas nessa terra severamente dividida, essas diferenças religiosas costumam ser mortais.

A população da Nigéria é quase igualmente dividida entre muçulmanos e cristãos, com outros 10% seguindo crenças tradicionais africanas. Os cristãos são maioria no Sul, os muçulmanos no Norte, e os dois estão misturados na faixa central, cenário de conflitos não raro violentos. Em geral esses conflitos também possuem características étnicas e estão ligados a disputas por terra e recursos. Ainda assim, existe uma inevitável dimensão religiosa.

Nas últimas décadas, a Nigéria foi esfacelada pela violência entre muçulmanos e cristãos à custa de milhares de vidas. As relações já tumultuadas foram exacerbadas pelo aumento da influência do islamismo radical, manifestado especialmente em duas tendências. Uma é a tentativa aberta de aplicar a lei islâmica nacionalmente; a outra, que se sobrepõe, é o crescimento das milícias islâmicas.[30]

Efeitos da *sharia*

Desde que o governador do estado de Zamfara, Alhaji Ahmed Sani, introduziu uma versão draconiana da lei islâmica da *sharia* em 1999, 11 dos 36 estados da Nigéria fizeram o mesmo. Sob esses ditadores, muçulmanos — e em especial as mulheres muçulmanas — também sofrem. Mas a população cristã sofre grande parte do golpe. Seus impostos pagam pregadores islâmicos, enquanto governos locais ordenam o fechamento de centenas de igrejas.

Conflitos ligados à *sharia* também provocam revoltas, ataque de multidões e justiceiros, produzindo o maior número de mortes na Nigéria desde a guerra civil contra Biafra na década de 1960. As autoridades são bastante ineficazes na prevenção dos ataques, que, baseados principalmente em elementos muçulmanos, às vezes são iniciados por cristãos. Aqueles que mudam de religião, deixando o islã, são ameaçados com morte. As igrejas católica e anglicana tiveram de criar centros de proteção para convertidos. Um destino

similar espera os acusados de blasfêmia, e essas acusações também podem resultar em violência generalizada.[31]

Em 29 de setembro de 2007, um professor cristão teria mostrado uma caricatura ofensiva de Maomé na sala de aula, e nove pessoas foram mortas no embate que se seguiu entre jovens cristãos e muçulmanos. Em 5 de outubro de 2007, outras nove pessoas foram mortas, todas cristãs, e igrejas, lojas e casas foram incendiadas em reação a um desenho que aparentemente difamava o profeta muçulmano.[32]

Dois meses depois, centenas se rebelaram e atacaram cristãos diante de alegações de que um cristão escrevera uma frase em um muro depreciando Maomé. Em 20 de abril de 2008, centenas de muçulmanos em Kano atacaram cristãos e suas lojas e queimaram veículos depois de alegações de que um cristão havia blasfemado contra Maomé. Os revoltosos exigiram que o lojista acusado fosse apedrejado até a morte e, para não ser morto, ele correu à delegacia de polícia. Em seguida, precisou ser transferido ao quartel da polícia para sua proteção. “Milhares de cristãos ficaram presos em igrejas até a polícia dispersar os desordeiros. Com medo de que os muçulmanos atacassem novamente, muitos cristãos foram realocados em instalações do Exército e da polícia na cidade.”[33]

Milícias: “Uma guerra santa contra os cristãos”

Em janeiro de 2004, em Yobe, um homem que chamava a si mesmo de mulá Omar (homenagem ao líder afegão do Talibã) liderou um levante realizado por uma milícia identificada como al-Sunna Wal Jamma e comumente apelidada de “o Talibã”. Embora seus nomes lembrassem os de uma ópera cômica, suas ações eram brutais. Exigindo um Estado islâmico governado pela *sharia*, invadiram delegacias de polícia e outros prédios governamentais, retiraram a bandeira da Nigéria, ergueram uma antiga bandeira afegã, roubaram grande quantidade de armas e declararam que matariam todos os não muçulmanos numa guerra santa contra os cristãos. Dezenas de milhares de pessoas foram realocadas. O levante só foi contido depois que centenas de tropas correram para a área. No início de 2007, houve mais ataques à polícia em Kano, realizados por um grupo autointitulado Talibã, deixando dezenas de mortos.

O grupo “Talibã” gerou uma variedade de crias violentas. Uma delas é o Jama’atu Ahlis Sunna Lidda’awati wal-Jihad, mais conhecido por seu apelido Boko Haram, que pode ser rudemente traduzido por “educação ocidental é proibida”, algo muito mais fácil de pronunciar. Mesmo hoje, a maioria dos pais muçulmanos nos estados do norte da Nigéria não mandam seus filhos para a escola a fim de que não recebam educação ocidental. Em vez disso, não aprendem nada ou se formam nas escolas islâmicas, onde é comum simplesmente aprender a recitar o Alcorão num idioma que eles não entendem. Não nos ressentimos dos muçulmanos pela oportunidade de aprenderem seus textos sagrados. Mas, uma vez que pouca coisa mais lhes é ensinada, acabam tendo poucas habilidades de trabalho e terminam desempregados e vagueando pelas ruas das cidades do Norte. Por sua vez, esses jovens irados e alienados se tornam a força vital de grupos como Boko Haram, que rejeitam a instrução mais ampla, e assim o ciclo se perpetua.[34]

O Boko Haram trata como infiéis — cristãos ou muçulmanos — todos que não se conformam às suas visões. Em julho de 2009, na cidade de Maiduguri, região nordeste, o grupo atacou delegacias, prisões, escolas, igrejas e lares, queimando quase tudo em seu caminho. Sua violência se espalhou pelos estados de Borno, Kano e Yobe, visando particularmente aos cristãos. Muitos foram sequestrados e forçados, sob ameaças de morte, a renunciar a sua fé. As revoltas continuaram por cinco dias até que a polícia conseguiu pará-los; contudo, apenas em Maiduguri setecentas pessoas foram mortas. Em 9 de agosto de 2009, o grupo publicou uma declaração se alinhando à Al-Qaeda e pedindo *jihad* em resposta ao assassinato de seu líder, Mallam Mohammed Yusuf. Também há relatos de que alguns de seus membros foram treinados por militantes no Mali ligados à organização intitulada Al-Qaeda no Magrebe Islâmico.[35]

Mallam Mohammed Yusuf, líder do Boko Haram, declarou antes de morrer que sua milícia “caçaria e abateria a tiros os que se opusessem ao governo da *sharia* na Nigéria e garantia que os infiéis não ficariam impunes”.[36] Em março de 2010, o grupo prometeu continuar sua “luta santa para derrubar o regime secular e estabelecer um justo governo islâmico”.[37]

Em agosto de 2011, o Boko Haram promoveu um bombardeio suicida ao

quartel-general da ONU em Abuja, capital da Nigéria, que matou 24 pessoas. O grupo continua a atacar forças de segurança, mas concentra sua atenção em remover ou matar a população cristã da Nigéria, cerca de setenta milhões de pessoas, que figura na lista das dez maiores populações cristãs do mundo. Quando o grupo atacou a cidade de Damaturu, no estado de Yobe, no final de um tumulto que durou quatro horas, cerca de 150 pessoas haviam sido mortas, ao menos 130 delas cristãs.[38]

O Boko Haram também escolheu o Natal como tempo de concentração de ataques, prática seguida por seus aliados internacionais. Em 2010 e 2011, bombardeou sem piedade cinco igrejas em Jos enquanto as congregações celebravam o Natal. Um ataque atingiu os congregados que saíam da missa de Natal matutina em 2011 na Igreja Católica de Santa Teresa em Madalla, subúrbio de Abuja, capital da Nigéria. Trinta e cinco corpos foram recuperados, e muitas outras pessoas foram feridas quando as bombas atingiram a igreja, abrindo uma cratera no local.[39]

Nos demais domingos de junho de 2012, militantes atacaram diversas igrejas, matando e ferindo muitos e atiçando violência retaliatória por parte de cristãos, que os líderes das igrejas tentavam impedir. A BBC relatou: “Nos últimos tempos, são raros os domingos em que não há relatos de igrejas sendo atacadas na Nigéria”.[40]

Em janeiro de 2012, o Boko Haram deu prosseguimento a seus ataques, advertindo os milhões de cristãos que vivem no Norte de que tinham três dias para partir ou seriam atacados. Em 2011, o grupo matou cerca de quinhentas pessoas; só no primeiro mês de 2012, a quantidade de mortos já chegava à metade disso. Ataques com armas e bombas em Kano mataram pelo menos 178 pessoas. Milhares já fugiram.[41] Enquanto isso, a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico declarou: “Estamos prontos para treinar nosso povo com armas e lhes dar todo suporte possível em termos de homens, armas e munição, a fim de capacitá-los a defender nosso povo na Nigéria”.[42]

Os conflitos na Nigéria, como os de qualquer outra parte do mundo, podem ser complexos, mas o elemento anticristão é inegável. Um dos líderes do Boko

Haram, Abubakar Shekau, declarou: “Todo mundo sabe que a democracia e a Constituição são paganismo. [...] Vocês, cristãos, deveriam saber que Jesus [...] não é o Filho de Deus. Essa religião do cristianismo que vocês praticam não é uma religião de Deus: é paganismo. [...] Estamos tentando coagi-los a abraçar o islã, porque é isso que Deus nos instruiu a fazer”.[43]

Indonésia

Em 2 de maio de 2008, uma multidão da vila predominantemente muçulmana de Saleman atacou a vila de maioria cristã de Horale. Queimaram 120 casas, 3 igrejas e a escola da vila, além de ferir 56 cristãos e matar 4. Três dos mortos tiveram a garganta cortada.Welhelmina Pattiasina, 47 anos, foi torturada antes de ser morta. Sua neta, Yola, 6, teve o estômago aberto. Edward Unwaru, 84, e Josef Laumahina, 39, foram queimados após terem a garganta cortada.[44]

Em 13 de maio de 2005, três mulheres cristãs foram presas e acusadas com base na Lei de Proteção à Criança, de 2002, por tentativa de forçarem crianças a mudar de religião. A acusação tem pena máxima de cinco anos na prisão e uma multa de 100 milhões de rúpias.[45] A filial local do Conselho Indonésio Ulema acusou Rebekka Zakaria, Eti Pangesti e Ratna Bangun de subornarem crianças muçulmanas a participar de um programa da escola dominical da igreja e tentarem convertê-las ao cristianismo. A corte reconheceu que as três não converteram nenhuma criança e que, na verdade, disseram às crianças para ir para casa caso não tivessem permissão dos pais para participar.

As mulheres mostraram fotografias de crianças muçulmanas junto de seus pais na escola dominical, provando que elas haviam comparecido com pleno conhecimento e aprovação dos pais. Contudo, centenas de extremistas islâmicos se reuniram do lado de fora do tribunal, entoando cantos, carregando um caixão e ameaçando matar os professores e o juiz caso eles não fossem condenados. Esse ambiente violento dificultou a absolvição das rés. Quando consideraram as três culpadas por usar “conduta enganosa, uma série de mentiras e atrações para seduzir as crianças a mudarem de religião contra sua vontade”, a grande multidão no tribunal gritou e berrou.[46] Em 1º de setembro de 2005, as três

mulheres foram sentenciadas cada uma a três anos na prisão. Os sentimentos em relação ao caso foram tão intensos que, mesmo dois anos depois, as rés foram libertas nas primeiras horas da manhã a fim de evitar possíveis atos de violência.[47]

A Indonésia costuma ser celebrada por sua ampla tolerância religiosa. Essa abertura é bastante real, e muitas populações religiosas e étnicas vivem de maneira harmoniosa ali, a maior democracia de maioria muçulmana do mundo, cerca de 240 milhões de pessoas. Mas, a despeito do orgulho de alguns indonésios em dizer que "o islã chegou até nós numa brisa, não num disparo", as organizações muçulmanas extremistas estão crescendo e se tornando mais ativas e violentas. Entre 1999 e 2002, houve violência religiosa ampla nas áreas mais orientais da Indonésia. O conflito entre muçulmanos e cristãos locais foi exacerbado pela intervenção de milícias islâmicas como a Laskar Jihad: milhares de pessoas foram feridas ou mortas, e centenas de milhares de outras foram deslocadas. Depois que acordos de paz foram aceitos, a matança principal parou, mas a área permanece sendo local de levantes contínuos.

A União das Igrejas Protestantes da Indonésia relata que a violência religiosa contra cristãos quase dobrou entre 2010 e 2011. O Instituto Setara para Democracia e Paz notou que governos e grupos sociais foram responsáveis pela maioria dos incidentes, e que os principais violadores foram organizações religiosas extremistas como a Frente de Defensores Islâmicos (FDI). O Instituto Wahid, organização muçulmana que promove a tolerância, diz que "o pior talvez ainda esteja por vir se as autoridades continuarem a desprezar a ameaça do extremismo".[48]

Para os cristãos da Indonésia, cerca de 10% a 13% da população, os maiores desafios à liberdade religiosa vêm da pressão social e de justiceiros, milícias e governos locais. Aceh é a única província com lei islâmica oficialmente reconhecida, mas outros governos locais aprovam leis que discriminam minorias religiosas; multidões e outras formas de violência às vezes as põem em prática. Pelo menos 36 regulamentos que banem práticas religiosas consideradas dissidentes do islã foram supostamente aprovados ou implantados no país em 2011. Enquanto isso, o problema se concentra no fato de que, nos níveis mais

elevados do governo, a manutenção da ordem pública é fraca, e a aplicação da lei, falha.

Radicalização e fechamento forçado de igrejas

Em 20 de junho de 2010, domingo, um grupo de organizações muçulmanas se reuniu em Bekasi para se opor às "constantes tentativas de converter pessoas ao cristianismo". Em conjunto, insistiram com o governo local que instaurasse a *sharia* e criasse uma força paramilitar, a Laskar Pemuda, para um potencial conflito com cristãos locais.[49]

Bekasi, a leste da capital, Jakarta, é local de conflito constante: trata-se de uma cidade recente, com nova indústria e empregos, e atrai uma crescente população de muçulmanos e cristãos. Contudo, na Indonésia, casas de adoração só podem ser construídas com a aprovação da comunidade vizinha, e isso tem sido negado aos cristãos de Bekasi.

A comunidade da Igreja Protestante Cristã Batak está em Bekasi há vinte anos e, em 2007, comprou uma casa para orações dominicais. Em dezembro de 2009, porém, os moradores, incitados pela Frente de Defensores Islâmicos, declarou que os cristãos não poderiam usar a casa. A congregação de 1.500 pessoas começou a cultuar num terreno vazio, enquanto extremistas atrás de uma barricada da polícia tentavam abafar o cântico de hinos com seus cantos árabes.

Em 1º de agosto de 2010, pelo menos trezentos membros da FDI e outros grupos e algo em torno de seiscentos manifestantes no total romperam uma barricada da polícia e ordenaram à congregação que saísse. Enquanto se dispersavam, muitos membros foram atacados com bastões e pedras, fazendo que várias pessoas precisassem de cuidados médicos.

No mês seguinte, enquanto ia para um culto em 12 de setembro, Hasian Lumbuan Sihombing, um dos presbíteros da igreja, foi esfaqueado no coração e no estômago. A pastora da igreja, Luspida Simanjuntak, foi espancada nas costas e no rosto com uma ripa. Em fevereiro de 2011, três pessoas foram presas por causa do ataque, incluindo o chefe da filial da FDI em Bekasi.[50]

A Indonésia foi recentemente assolada por ataques a igrejas. É impossível recapitular todos, de modo que apresentamos aqui alguns exemplos apenas da

primeira parte de 2010, conforme resumido pela Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional.[51]

Em 22 de janeiro de 2010, moradores locais se uniram a membros de grupos radicais para incendiar o prédio da Igreja Protestante Cristã Batak e a residência da pastora em Sibuhuan, no norte de Sumatra. Também naquele dia, a Igreja Pentecostal (Gereja Pantekosta di Indonesia) de Sibuhun, Tapanuli Selatan, norte da província de Sumatra, também foi incendiada, provavelmente por pessoas de fora da região. O reverendo S. Lubis, da Batak, disse: “Era um dia tranquilo, quando de repente centenas de pessoas chegaram em motocicletas e queimaram a igreja vazia. [...] Quando perguntamos aos vizinhos, eles também não os conheciam, e não ajudaram a incendiar a igreja”.[52]

O relatório de 2011 da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional sobre a Indonésia declarou: “Em março de 2010 a Igreja Cristã Indonésia (Gereja Kristen Indonesia) em Taman Yasmin, Bogor, província de Java Ocidental, foi atacada por uma multidão e, mais tarde, fechada por autoridades que elogiaram a oposição da comunidade local”. Ela ainda estava fechada em 2012.

A Igreja de Santa Maria Imaculada em Kali Deras, Jakarta, estava em construção e havia colocado a placa de permissão à vista de todos quando manifestantes fecharam a via de acesso ao local da igreja em 12 de março de 2010. Os protestos, liderados pelo Fórum Islã Unido , diziam que a nova construção não fora aprovada pelos locais. Um dos líderes da igreja, Albertus Suriata, comentou sobre os vizinhos: “Temos boas relações. Não creio que ninguém próximo da igreja tenha objeções. Suspeitamos de pessoas de fora”.[53]

A Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional também relatou:

> Em abril de 2010, duzentas pessoas se reuniram e interromperam as atividades da Sexta-feira Santa na Igreja Católica João Batista em Bogor, Java Ocidental. De acordo com relatórios da imprensa, membros do Fórum Parung Ulema protestaram contra a existência da congregação, que se reúne em tendas em terrenos baldios desde 1990. [...] Também em abril de 2010, uma multidão queimou um prédio em construção em Cibereum, Cisarua, Bogor, Java Ocidental, crendo que se tratava de uma igreja; a construção pertencia à Penabur, uma organização educacional cristã. No mesmo mês, assaltantes desconhecidos queimaram a Igreja Cristã de Java em Sukorejo, Kendal, Java Central. [...] [Na mesma

época,] autoridades fecharam um local de peregrinação católico em Jati Mulya, Rangkas Bitung, Lebak, Banten, por causa do protesto público de uma organização extremista local.

Em maio de 2010, membros de grupos radicais atacaram uma escola secundária católica, a São Belarmino, em Jatibening, Bekasi, aparentemente em reação a uma postagem na internet feita por um estudante anti-islâmico. O jovem de 16 anos enfrenta acusações de blasfêmia, com pena máxima de dois anos de detenção. Em julho de 2010, autoridades locais destruíram uma igreja pentecostal em Jalan Raya Naragong, Bogor, Java Ocidental.

Muitos outros ataques similares a igrejas foram relatados ao longo dos anos. Esses incidentes normalmente são reveses permanentes para as comunidades de minoria cristã. Em duas noites consecutivas, 26 e 27 de julho de 2008, por exemplo, alunos da Escola Evangélica de Teologia de Arastamar foram cercados por uma multidão de militantes islamitas. Muitos dos manifestantes portavam facões, bambus afiados e ácido. Os agressores feriram ao menos vinte estudantes. Dois anos e meio após o ataque, a escola ainda não possui instalações permanentes.[54]

Convertidos e blasfêmia

Convertidos do islã enfrentam crescentes ameaças, assim como suspeitos de envolvimento com evangelização. Em 17 de outubro de 2006, extremistas muçulmanos em Java Ocidental sequestraram, espancaram brutalmente e tentaram estrangular um muçulmano convertido ao cristianismo. O homem, agora cristão, palestrante em instituições religiosas locais, foi abordado por um de seus alunos que disse estar interessado em aprender mais sobre o cristianismo e lhe pediu que o acompanhasse e a outros numa viagem a Lembang, cidade próxima de Bandung, e levasse consigo livros e fitas cristãs. Depois de entrarem numa *van*, ele foi estrangulado e atingido na cabeça com um martelo antes de conseguir fugir e correr para a delegacia de polícia mais próxima. Mais tarde, a polícia prendeu um dos extremistas, que ficara retido num acidente de trânsito.[55]

O artigo 156(a) do código criminal declara: “Aqueles que propositadamente expressarem suas visões ou cometerem ato que dissemine ódio, abusos ou difame uma religião reconhecida na Indonésia, enfrentarão pena máxima de cinco anos de prisão”. Essa provisão tem sido aplicada quase exclusivamente a casos de suposta heresia ou blasfêmia contra o islã. Grupos extremistas islâmicos

e tribunais costumam usar a “Lei da Blasfêmia” da Indonésia como desculpa para violência e punição contra cristãos e outras minorias religiosas.

Em abril de 2007, a polícia prendeu 42 cristãos em Malang por distribuição de um vídeo blasfemo. O vídeo foi feito por membros da filial da Agência de Serviços Estudantis da Indonésia de Java Oriental, entidade que congrega vários protestantes. A fita mostra membros da agência orando enquanto músicas cristãs tocam ao fundo. O pastor aponta para o Alcorão e o chama de “fonte de todo o mal na Indonésia, da violência ao terror”. Em setembro de 2007, todos foram considerados culpados de “insultar uma religião” e sentenciados a cinco anos de prisão. Por motivos desconhecidos, foram perdoados em agosto de 2008, restaurando a esperança de que a tradição de tolerância da Indonésia não foi totalmente perdida.[56]

A radicalização e os ataques a cristãos vêm crescendo na Indonésia. Cristãos, junto com muçulmanos, sofreram uma grande perda em 30 de dezembro de 2009, com a morte de Abdurrahman Wahid, ex-presidente da Indonésia, chefe da maior organização muçulmana mundial, Nahdlatul Ulema, e renomado acadêmico islâmico que foi um vigoroso defensor da liberdade religiosa. Contudo, as organizações muçulmanas grandes e moderadas assumiram o comando na denúncia de violência, enquanto a Fundação Parmadina (muçulmana) tem trabalhado para identificar e pôr em prática medidas que impedirão ataques a igrejas. Um “Movimento por uma Indonésia livre do FDI” também surgiu em várias partes do país, com o propósito expresso de pôr fim à violência religiosa. Graças a esses grupos corajosos, a situação para os cristãos continua promissora.[57]

Bangladesh

Em 12 de abril de 2008, enquanto estava na Austrália, Rashidul Amin Khandaker converteu-se ao catolicismo. Ele telefonou a seus amigos em Bangladesh para lhes contar, e a reação de muitos foi de ódio: vários deles saquearam sua casa e depois ameaçaram atacar sua família se ele denunciasse o ataque à polícia. Líderes muçulmanos de sua cidade natal, Dhaka, capital de

Bangladesh, ordenaram que seu pai, Rahul Amin Khandaker, 65 anos, deserdasse o filho e o colocasse sob prisão domiciliar até que fosse punido.

Os líderes muçulmanos disseram ao pai: “Se ele vier para Bangladesh, você tem de entregá-lo a nós para que possamos puni-lo”. O choque dessa ameaça provocou um derrame em Rahul, mas nenhum médico local tratou dele. Um vizinho exigiu: “Por que você não sacrificou seu filho como gado antes de nos dar essa notícia?”. O irmão de Rashidul lhe escreveu, pedindo que rompesse o contato, visto que as autoridades muçulmanas locais haviam advertido que hostilizariam a família.

A despeito das ameaças, confusões e desapontamentos, Rahul não deserdou seu filho: “Se toda a minha propriedade e riqueza forem destruídas, posso tolerar, mas uma coisa que não posso tolerar é carregar o caixão do meu filho sobre os ombros. [...] Meu filho mudou de fé de acordo com sua vontade, e nossa Constituição apoia esse tipo de atividade”.[58]

Os cerca de 155 milhões de habitantes de Bangladesh o transformam no terceiro país de maioria muçulmana do mundo: cerca de 90% da população é muçulmana, 9% é hindu e os cristãos compõem menos de 1%. A Constituição declara que o islã é a religião do Estado, mas também garante o direito de professar, praticar e propagar outras religiões. Ferir sentimentos religiosos “deliberadamente” ou “de forma maliciosa” pode gerar uma sentença de prisão, ao passo que jornais podem ser confiscados por publicar “qualquer coisa que gere animosidade e ódio entre os cidadãos e ofenda crenças religiosas”.[59]

Os feriados religiosos dos grupos religiosos maioritários também são feriados nacionais, e o governo ameaça com ação legal todo que tentar interromper as celebrações alheias. Na escola, as crianças podem frequentar aulas de religião específicas de sua fé religiosa. A despeito de bons programas e boas políticas governamentais como essas, as minorias religiosas ainda enfrentam discriminação no acesso a empregos públicos, incluindo as forças armadas.[60]

Desde 2001, os tribunais de Bangladesh se recusam a dar apoio legal a regras baseadas unicamente na lei da *sharia*. Em 2010, a Suprema Corte reafirmou o secularismo como princípio constitucional e baniu partidos políticos islâmicos. No mesmo ano, o governo pôs fim à exigência de que mulheres usassem o véu e

homens usassem o chapéu muçulmano (conhecido como *taqiyah*) em ambientes de trabalho. Na mesma época, reformou o currículo escolar e monitorou o conteúdo da educação religiosa em escolas religiosas islâmicas patrocinadas pelo Estado, conhecidas como madraçais. Também baniu livros de autoria do falecido Abdul Ala Maududi (1903-1979), um dos principais teoristas do extremismo islâmico.[61]

Um governo fraco

Apesar de algumas deficiências na política governamental, os principais problemas para cristãos e outras minorias em Bangladesh não vêm de ações governamentais, mas de sua inação. Como acontece em outros países abordados neste capítulo, o governo central é fraco e incapaz de manter a ordem de forma consistente, e com isso o abismo entre a lei e a realidade se torna gritante. Enquanto o governo faz algumas tentativas de impedir a violência, grupos muçulmanos extremistas continuam a atacar hindus, cristãos, budistas e, com frequência, outros muçulmanos. A despeito do aumento na segurança, a polícia normalmente é lenta em assistir as vítimas de importunação e violência pertencentes a grupos minoritários.[62]

Em 23 de julho de 2011, Bablu Biswas, cristão, ficou ao lado de sua casa, desesperado, enquanto ela era ilegalmente tomada e ocupada por Sohel Miah, um muçulmano e filho do presidente distrital em exercício da Liga Bangladesh Awami. Biswas deu queixa, e um policial chamou as duas partes à delegacia para resolver a questão. Vários cristãos locais também foram até lá, e membros muçulmanos do partido da situação acompanharam Miah. Na reunião, Miah socou um pastor de igreja idoso no nariz, e os cristãos saíram em protesto depois que Miah e seus companheiros bateram em outro líder.

Centenas de cristãos protestaram contra esses ataques a líderes de igrejas. O reverendo Samuel S. Bala, presidente da Comunidade Cristã Gopalganj, perguntou: “Se eles podem nos bater na delegacia de polícia, então podem fazer qualquer coisa conosco — onde buscaremos proteção?”. Em 2 de agosto, a polícia prendeu Miah, mas soltou-o no mesmo dia. A propriedade foi devolvida, mas Miah não recebeu nenhuma punição por roubar a casa de Biswas e agredir

os pastores cristãos. Não foi o primeiro incidente do tipo; o pai de Miah, Batu, também teve uma propriedade da igreja tomada.[63]

Muitos cristãos são vítimas rotineiras de discriminação e perseguição em vilas dominadas por muçulmanos, geralmente com o consentimento ou ação inadequada de oficiais muçulmanos locais.[64] Como em outros cenários, e mesmo quando as comunidades são relativamente tolerantes em relação a outros assuntos, os que se convertem do islã são condenados e sujeitados à pior perseguição.

Em novembro de 2008, em Chakaria, na região sudeste de Bangladesh, Laila Begum, 45 anos, convertida do islã para o cristianismo, ajudava uma ONG local que trabalhava com microcrédito. Um grupo de muçulmanos exigiu que uma mulher muçulmana fosse reembolsada de um empréstimo, embora Begum já o tivesse feito. Quando Begum protestou, o grupo a atacou com varas, barras de ferro, facas e machados. Seu marido e seu filho tentaram resgatá-la, e ela relatou: “Eles atacaram meu filho com facões e uma faca afiada, e o esfaquearam na coxa. [...] Também atingiram meu marido no joelho e em outras partes do corpo”. Sua filha adolescente foi atacada e parcialmente despida na frente da multidão. Um dos agressores advertiu: “Ninguém virá salvá-la se batermos em você, porque você deixou o islã e se converteu ao cristianismo”.[65]

Somália

A irmã Leonella Sgorbati, um freira italiana da Ordem da Consolata, viveu e trabalhou quarenta anos na Somália. Ela era qualificada como enfermeira e cuidava de necessidades médicas de crianças. Também treinou funcionários da área médica para alcançar os mais pobres e os doentes. Tinha 65 anos quando levou quatro tiros nas costas na frente de um hospital infantil de administração austríaca na zona norte de Mogadíscio.

Era o sonho de vida da irmã Leonella servir a Deus como missionária cristã, e a visão que tinha para si fora cumprida em seu trabalho, primeiro no Quênia e depois na Somália. Era fluente no idioma somali, e suas colegas disseram que

era “uma pessoa extrovertida que se comprometia com um objetivo até concluí-lo”.[66]

Quando o papa Bento XVI fez seu famoso discurso sobre a visão histórica da igreja em relação ao islã para uma audiência acadêmica na Universidade Regensburg, na Alemanha, em 12 de setembro de 2006, referiu-se a um comentário feito sobre o islã no final do século 14 por Manuel II Paleólogo, o imperador bizantino. Quando os comentários do papa foram transmitidos e impressos, houve um alvoroço entre acadêmicos islâmicos, líderes religiosos e políticos. Afirmavam que o papa havia oferecido uma visão imprecisa e ofensiva do islã. Alguns exigiram uma resposta violenta às suas palavras. Rapidamente derramou-se sangue ao redor do mundo.

Em 17 de setembro de 2006, menos de uma semana depois do discurso, a irmã Leonella foi assassinada. Seu guarda-costas também foi baleado e morto. Uma vez que estavam perto de um hospital no momento dos tiros, a freira mortalmente ferida foi levada às pressas para dentro. Contudo, ela morreu antes que uma cirurgia pudesse salvar sua vida. Embora sentisse dores profundas e estivesse perto da morte, a irmã Leonella falou de perdão enquanto morria. Suas últimas palavras, de acordo com vários relatos, foram “Perdono, perdono” (eu perdoo, eu perdoo). Ela foi sepultada no Santuário da Consolata no Quênia.[67]

Alguns ocidentais souberam da Somália pela primeira vez durante um período de fome bastante divulgado que custou muitas vidas em 1992. Mas a anarquia manchada de sangue que persiste naquele país africano devastado pela guerra passou a ser mais conhecida por um público muito maior depois da exibição do filme *Falcão Negro em perigo*, lançado em 2001. O filme retrata um episódio trágico e heroico das forças armadas americanas, ocorrido em 1993, no qual dezoito militares americanos foram mortos, junto com mais de mil somalis, durante a Batalha de Mogadíscio.

Duas décadas depois, a Somália é ainda mais violenta e instável que antes. Ela é, de fato, um dos lugares mais perigosos do planeta, controlado em boa parte por clãs, comandantes militares e grupos rivais sedentos de poder que lutam por dinheiro, pirataria e vantagem política. O pior de tudo é a aplicação radical da lei

islâmica da *sharia* sobre uma porção significativa da Somália e outros lugares por parte do grupo terrorista islâmico Al-Shabab.

“Todos os somalis cristãos devem ser mortos”

O Governo Federal de Transição, que tem o apoio militar das Nações Unidas e de forças etíopes, foi formado em 2004 depois de mais de uma década de guerra civil. Essa frágil autoridade se vê enredada numa prolongada luta com a radical União de Cortes Islâmicas e seus soldados da Al-Shabab pelo controle do país desde então.

Sua hostilidade em relação à liberdade religiosa foi formalizada em outubro de 2006, quando o xeique Nur Barud, vice-presidente do influente grupo islâmico somali Kulanka Culimada, declarou: “Todos os somalis cristãos devem ser mortos, de acordo com a lei islâmica”.[68] Desde aquela época, a matança de cristãos, tanto somalis como estrangeiros, cresceu exponencialmente. A Al-Shabab está envolvida numa campanha sistemática para atacar e matar cristãos.

Em 12 de janeiro de 2012, foi relatado que, no novembro anterior, terroristas da Al-Shabab sequestraram Sofia Osman, uma jovem somali de 28 anos que havia se convertido do islã para o cristianismo. Durante uma sessão pública de açoitamento, Sofia recebeu quarenta chibatadas de seus raptores radicais enquanto era zombada pelos espectadores. Uma testemunha ocular relatou que o açoitamento deixou a vítima sangrando. “Eu a vi desmaiar. Pensei que tivesse morrido, mas ela logo recobrou a consciência, e sua família a levou embora.”

A violência ocorreu perante centenas de espectadores, após o que a jovem convertida foi libertada de um horrível mês aprisionada em campos da Al-Shabab. “Ela não contou outras humilhações que sofreu nas mãos dos militantes”, disse uma fonte. Mas enquanto tratava das feridas na casa de sua família, nos dias posteriores à punição, “não falava com ninguém e tinha um olhar totalmente distante”.[69]

A justificativa que os radicais muçulmanos da Somália deram para sua crueldade é que o islã é a única religião verdadeira do país, que todos os somalis são muçulmanos e, portanto, qualquer somali cristão deve ser apóstata — e, assim, merecedor da pena de morte. De modo implacável, cristãos são

perseguidos, atacados, sequestrados, estuprados, açoitados e decapitados; são torturados para fornecer informações sobre outros cristãos e, então, assassinados. A Al-Shabab fica cada vez mais famosa por suas táticas sanguinárias e cruéis.

Em setembro de 2008, membros da Al-Shabab prometeram uma festa a um grupo de moradores da vila de Manyafulka, que se reuniram na expectativa do sacrifício costumeiro de uma cabra, ovelha ou de um camelo. Em vez disso, homens armados e mascarados trouxeram Mansuur Mohammed, 25 anos, funcionário do Programa de Alimentação Mundial, diante da multidão. Declararam que ele era um *murtid* — um apóstata — e o decapitaram.[70]

O relatório de 2010 da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional sobre a Somália traça um retrato aterrorizante da visão de mundo islâmica radical do Al-Shabab, segundo a qual:

> As mulheres devem estar totalmente cobertas quando estiverem em público, e não é permitido que se envolvam em comércio no qual entrem em contato com homens, incluindo ocupações tradicionalmente femininas como a venda de chá. Os homens são proibidos de cortar a barba ou usar calças abaixo dos tornozelos; os que usarem corte de cabelo impróprio terão a cabeça raspada. A organização fecha cinemas, incendeia mercados que vendam *khat* (narcótico leve frequentemente mascado pelos somalis), proíbe toques musicais de telefones celulares a não ser que sejam versículos do Alcorão, proíbe toda sorte de fumo, assim como *video games*, danças em casamentos, jogos de futebol e música não islâmica.

"Em junho de 2010, dois homens somalis perto de Mogadíscio, assistindo a um jogo da Copa do Mundo, teriam sido assassinados pela Al-Shabab; os insurgentes haviam advertido anteriormente os somalis contra tais atividades, explicando que o futebol vem de culturas cristãs e é incompatível com o islã."[71]

Cristãos não somalis também se veem em grande perigo. Richard e Enid Eyeington, trabalhadores cristãos ingleses de uma entidade humanitária, foram assassinados em outubro de 2003 por milicianos com possíveis ligações com a Al-Qaeda.[72] Numa história mais amplamente divulgada, em fevereiro de 2010 quatro americanos foram mortos por piratas somalis que sequestraram seu iate, o *Quest*. Os dois casais haviam partido para uma missão de entrega de Bíblias em todo o mundo. Scott e Jean Adam, de Marina del Rey, Califórnia, e seus amigos Phyllis Macay e Robert Riggle, de Seattle, Washington, foram mortos no ataque,

ocorrido enquanto eram realizadas negociações num barco da Marinha americana para sua libertação.

Ligações com a Al-Qaeda

As ligações da Al-Shabab com a comunidade muçulmana radical em todo o mundo foi revelada em janeiro de 2012, quando a Al Jazeera relatou que Ayman al-Zawahiri, que assumiu a liderança da Al-Qaeda depois que Osama bin Laden foi morto, anunciou: "O movimento Shabab uniu-se à Al-Qaeda. [...] Com a graça de Alá, o movimento jihadista está crescendo e se espalhando dentro de sua nação muçulmana, apesar da mais intensa campanha dos cruzados ocidentais na história".

Numa história correlata da Al Jazeera, "Ahmed Abdi Godane, líder da Al-Shabab e também conhecido como Mukhtar Abu Zubair, dirigiu-se a Zawahiri, dizendo: 'Seguiremos junto a vocês como soldados fiéis'. A Al-Shabab controla boa parte da região sul e central da Somália e assumiu a responsabilidade por diversos sequestros e bombardeios no país".[73]

Zakaria Hussein Omar foi decapitado pela Al-Shabab em 2 de janeiro de 2012, perto de Mogadíscio. Ele se convertera do islã para o cristianismo na Etiópia, sete anos antes. Omar havia trabalhado para uma organização humanitária cristã que a Al-Shabab banira em 2011. Seu corpo decapitado foi deixado no local do assassinato por quase 24 horas antes que nômades o encontrassem e o levassem para Mogadíscio, onde um amigo o identificou: "Este é o rapaz que ficou na Etiópia e as pessoas dizem que ele deixou o islã e se juntou ao cristianismo. [...] No ano passado ele me disse que sua vida corria perigo depois que a ONG para a qual trabalhava foi banida pela Al-Shabab".[74]

Em 25 de setembro de 2011, a Al-Shabab também decapitou Guled Jama Muktar em sua casa perto de Deynile, quase vinte quilômetros de Mogadíscio. Um pouco antes, naquele mês, a Compass Direct News relatou: "Na periferia da cidade de Hudur, na região de Bakool, sudoeste da Somália, foi encontrado um convertido do islã para o cristianismo que fora sequestrado em 2 de setembro. Juma Nuradin Kamil foi forçado a entrar em um carro por três extremistas islâmicos suspeitos do grupo terrorista Al-Shabab em 21 de agosto [de 2011],

segundo fontes da área. Depois que membros de sua comunidade vasculharam amplamente a área em busca dele, às 14 horas do dia 2 de setembro um deles encontrou o corpo de Kamil jogado numa rua".[75]

Comentários finais

É impressionante que a Al-Qaeda e seus camaradas como a Al-Shabab tenham uma política tão deliberada de ataque aos cristãos. Isso reflete a visão de que estão envolvidos numa guerra religiosa. Como enfatizou o falecido Osama bin Laden,

> Esta guerra é fundamentalmente religiosa. [...] Sob nenhuma circunstância devemos esquecer essa inimizade entre nós e os infiéis. Pois a inimizade se baseia no credo. [...] É uma guerra religioso-econômica. [...] O confronto e o conflito entre nós e eles começou séculos atrás. O confronto e o conflito persistirão porque o conflito entre o certo e o falso continuará até o dia do juízo.[76]

Isso certamente não significa que devemos considerar que nós mesmos estamos numa guerra religiosa contra todos os muçulmanos, mas de fato significa que precisamos estar conscientes de como esses extremistas pensam. Suas categorias primárias para seus supostos inimigos não são "americanos", "ocidentais" ou "modernos". Em vez disso, são citados como "infiéis", "incrédulos", "apóstatas", "cristãos", "judeus", "hindus" ou algum outro grupo religioso. Os radicais estão envolvidos numa campanha exaltada e constante para matar ou subjugar cristãos e os "outros" religiosos.

9
Abuso cruel e incomum

Mianmar • Etiópia • Eritreia

Em 11 de setembro de 2009, na cidade predominantemente muçulmana de Sentebe, Etiópia, uma multidão de cerca de trezentos muçulmanos revoltou-se depois de um rumor de que dois homens cristãos haviam profanado o Alcorão. A multidão incendiou duas igrejas e feriu seriamente três cristãos. Incendiaram primeiro a Igreja Evangélica de Mulu Wongel e atacaram a casa de um dos líderes da igreja, o evangelista Gizachew, destruindo suas roupas e outras propriedades. Depois, partiram para a Igreja Evangélica de Kale, onde espancaram cristãos que comemoravam o Ano-Novo etíope. Quebraram o braço de Aberash Terefe e feriram gravemente Tefera Bati e Desaleghn Eyasu, que tiveram de ser levados a um hospital local. Fontes cristãs identificaram dois líderes religiosos muçulmanos e três comerciantes muçulmanos de destaque como incentivadores dos ataques. Alguns consideram que eles fizeram isso com o intuito de eliminar os cristãos da área. Não obstante a desordem e a destruição causada por alguns muçulmanos, apenas os dois cristãos acusados de profanar o Alcorão foram detidos pela polícia.[1]

Yemane Kahasay Andom, 43 anos, morreu em julho de 2009 no Centro de Confinamento Militar Mitire, na Eritreia, e há relatos de que tenha sido sepultado em segredo. Além de ter sofrido torturas contínuas, Andom foi acometido por uma forma severa de malária. Após sua morte, a Portas Abertas Internacional relatou: “[Andom] teria enfraquecido em razão de tortura física contínua e do confinamento solitário numa cela subterrânea nas duas semanas que antecederam sua morte por recusar-se a assinar um formulário de renúncia. [...] Não está claro qual era o conteúdo do formulário, mas a maioria dos cristãos

interpreta sua assinatura como uma forma de abdicação da fé em Cristo". Acredita-se que outros dois cristãos, Mogos Hagos Kiflom, 37, e Mehari Gebreneguse Asgedom, 42, também morreram no campo de Mitire em 2009.[2]

Casos únicos

Por todo o mundo, cristãos sofrem várias formas de discriminação, perturbação e perseguição declarada. Grande parte da perseguição a cristãos segue padrões específicos: a sede por controle universal nos países comunistas e pós-comunistas, o desejo de preservar o privilégio no sul da Ásia, o anseio por domínio do islã radical. Mas existem abusos anticristãos que não se encaixam precisamente nessas categorias; de fato, poucos países no mundo, se é que há algum, não apresentam nenhum problema com a liberdade religiosa.[3]

Existe, por exemplo, repressão local no México. Naturalmente, os maiores problemas para as igrejas dali vêm de ataques e sequestros por parte do crime organizado, sobretudo os cartéis do narcotráfico, mas também existem ameaças mais especificamente religiosas. Nos estados de Puebla, Hidalgo e Chiapas, líderes locais, em geral não apoiados pela hierarquia católica, promovem e se beneficiam de festivais que combinam enormes quantidades de álcool com rituais locais e católicos. Os evangélicos protestantes normalmente se recusam a ajudar a pagar ou a participar dessas festanças, e dezenas são expulsos de suas vilas, diante de ameaças de que suas casas serão queimadas ou destruídas. A mais recente delas ocorreu em 2011, em San Rafael Tlanalapan.[4]

Em outro exemplo, em Israel, o proselitismo é legal, contanto que nenhum benefício material seja oferecido para a conversão. Mas elementos dentro do governo às vezes agem como se não fosse assim. Pessoas suspeitas de serem missionárias têm o visto negado e às vezes são detidas e obrigadas a pagar fiança, além de serem instruídas a não evangelizar. Também existem ataques ocasionais de grupos de pessoas a igrejas ou a outros edifícios que abriguem convertidos.

A Casa Batista de Jerusalém, lar de três congregações, incluindo os judeus messiânicos, já foi atacada diversas vezes. Em 19 de fevereiro de 2012, frases

difamatórias anticristãs foram pixadas, assim como três carros, que também tiveram os pneus furados. Ataques anteriores incluíram pedras, bombas incendiárias, coquetéis *molotov* e a explosão de uma lata de tinta com pregos. Nos últimos cinco anos, porém, os únicos ataques foram de vandalismo. Em todos os casos, o governo israelense agiu rapidamente para apoiar a igreja.[5]

Uma peculiaridade ocorre no Monte do Templo, sob controle de Israel e gerenciamento jordaniano. Qualquer pessoa, independente de sua crença religiosa, pode ir ao local sagrado — o mais sagrado de todos os lugares para os judeus —, mas apenas muçulmanos podem orar ali. Qualquer pessoa que presume-se estar orando ou lendo as Escrituras judaicas ou cristãs será removida.[6]

Todavia, alguns países, como Mianmar e Eritreia, estão entre os piores perseguidores do mundo. E as circunstâncias de seus abusos são incomuns: a característica comum entre eles é que são Estados fortemente militarizados, com governantes determinados a reprimir qualquer tipo de oposição ou centro de poder que não seja o deles. A Etiópia, por sua vez, também se utiliza de mecanismos singulares e está experimentando crescente violência contra os cristãos por parte de um número cada vez maior de muçulmanos salafistas.

Os cristãos, embora no geral não pretendam fazer das igrejas centros de poder político, de fato insistem na independência da igreja de modo que possam servir à autoridade divina. Por essa razão, tornam-se alvos primários da opressão política. Em Mianmar, isso tem se exacerbado pela presença de cristãos em muitos dos grupos étnicos não mianmarenses.

Mianmar

Em novembro e dezembro de 2010, o Exército de Mianmar, conhecido como Tatmadaw, começou a bombardear a periferia da vila de Palu, no estado de Karen. Centenas de moradores fugiram para campos de refugiados na fronteira com a Tailândia, temerosos de que seriam coagidos a realizar trabalhos forçados se permanecessem. Soldados do Tatmadaw não raro obrigam habitantes das vilas a carregar seus suprimentos e os forçam a seguir por campos minados na frente

das tropas. Esses caça-minas humanos descobrem e revelam minas ao serem mortos ou mutilados quando elas explodem.[7]

A baronesa Caroline Cox, que já visitou Mianmar diversas vezes, relatou a piora da situação para os cristãos ali em meados dos anos 2000:

> Os habitantes do estado de Chin construíam cruzes no topo de colinas como símbolo de sua fé, mas na última década eles não apenas foram forçados a derrubar as cruzes, como tiveram de construir pagodes budistas no lugar — muitas vezes sob a mira de um revólver. Fiquei no lado indiano da fronteira e, olhando para o estado de Chin, pude ver um brilhante pagode dourado no alto de uma montanha, a distância — lugar onde, no passado, havia uma cruz.[8]

Mianmar, outrora chamada de Birmânia, é movido por uma combinação incomum de forças políticas. O país é liderado há décadas por uma junta militar que, de 1988 a 1997, ficou conhecida como Conselho de Estado para a Restauração da Lei e da Ordem. Desde então, apresenta-se como Conselho de Estado para a Paz e Desenvolvimento. A junta rejeitou os resultados da eleição de 1990 e manteve o verdadeiro vencedor, Aung San Suu Kyi, em prisão domiciliar até 13 de novembro de 2010. Desde 2011, o país é governado por um presidente civil nominal, escolhido dentre suas fileiras.

O regime carece de legitimidade eleitoral, e seu desempenho econômico tem sido desanimador. Por conseguinte, copiou o exemplo de muitos outros países de governo militar, envolvendo-se nas duas bandeiras gêmeas do nacionalismo e da religião. Afirma proteger o interesse do grupo étnico majoritário de Mianmar e defender e promover o budismo, que é seguido por mais de 80% da população. E persegue cristãos, além de outras minorias, como o povo muçulmano rohingya.

A maioria dos budistas, além de outros habitantes, se opõe ao regime. Monges budistas lideram muitas das manifestações populares de 2007 que pediam a democracia e estavam entre os milhares que foram presos. Contudo, embora não represente o budismo mianmarense, o regime, depois da política *Amyo*, *Batha*, *Thatana*, "Uma raça, uma língua, uma religião", usa o nacionalismo budista como fonte de legitimidade e método de controle sobre uma sociedade étnica e religiosamente pluralista.[9]

Guerra contra os cristãos étnicos

Há pouco espaço nesse esquema para os cristãos, que representam cerca de 9% de uma população estimada entre 50 a 55 milhões de pessoas. A situação para os cristãos é ainda pior porque não apenas são uma minoria religiosa, como também se concentram em grupo étnicos não mianmarenses e, assim, ficam excluídos do nacionalismo étnico do governo. Dentre o povo chin, 90% são cristãos, percentual que se repete entre os kachins. Cerca de 40% do povo karen e uma grande mas desconhecida porcentagem de karennis e nagas também são cristãos. Cerca de 80% dos cristãos do país pertencem a igrejas protestantes estabelecidas por batistas norte-americanos no início do século 19; a maior parte do restante é de católicos. Missionários portugueses de Goa, hoje parte da Índia, introduziram o catolicismo no século 16.

Quando Mianmar se tornou independente da Inglaterra em 1948, o Acordo de Panglong prometeu autonomia para os estados étnicos como compensação por se tornarem parte de uma Birmânia (nome do país na época) unificada. Mas o governo central quebrou a promessa e, em vez disso, iniciou uma campanha de birmanização que marginalizou as minorias, invadiu seus territórios e procurou erradicar a prática cristã e converter a população ao budismo. Isso deu início a rebeliões em sete dos estados étnicos que, coletivamente, constituem uma das mais longas e mais desprezadas guerras civis do mundo. A junta militar governante fez uso de extrema brutalidade na tentativa de suprimir a minoria rebelde e reprimir o cristianismo. Embora o regime oprima toda a sua população, as minorias religiosas sofrem mais.

Seis décadas de ditadura repressiva e conflito produziram uma imensa crise humanitária e uma pobreza incapacitante naquele que um dia já foi um dos países mais ricos da Ásia. A Refugees International relata que existem hoje três milhões de refugiados, muitos dos quais vivem em campos em péssimas condições nas fronteiras da China, Índia, Bangladesh e Tailândia. Internamente, existem pelo menos quinhentas mil pessoas que tiveram de se mudar de seu local de origem.[10]

“Programa para destruir a religião cristã em Mianmar”

Os cristãos sofrem em razão de leis opressivas, polícias estatais clandestinas de perseguição e práticas abusivas de oficiais de segurança, que agem com impunidade. Restrições legais à atividade religiosa incluem proibição de igrejas nos lares, evangelização e literatura importada. Embora as igrejas não sejam completamente proibidas, há forte vigilância e restrições governamentais mesmo de igrejas e escolas cristãs legais, junto com Bíblias, sermões e literatura religiosa. O regime já usou multas, negação de ajuda e serviços essenciais estrangeiros, prisão, trabalhos forçados, fome forçada, estupro e violência para oprimir o cristianismo em favor do budismo, ainda que este seja também fortemente controlado.

Embora o fechado sistema político dificulte a documentação de perseguição religiosa, organismos como a Organização Karen de Direitos Humanos e a Solidariedade Cristã Mundial produziram relatórios valiosíssimos de testemunhas oculares.

Em 2007, um suposto memorando secreto do governo foi divulgado, chamado "Programa para destruir a religião cristã em Mianmar". Ele lista dezessete diretivas especificas sobre como reprimir o cristianismo. Eis algumas delas:

- Não haverá pregação/evangelismo cristão de maneira organizada.
- Se alguém descobrir cristãos evangelizando no interior, essa pessoa deverá entregá-los às autoridades, e os que forem pegos evangelizando serão mandados para a prisão.
- Os budistas devem estudar a Bíblia cristã de modo que possam contradizer aquelas partes que não são verdadeiras e serem capazes de resistir à mensagem cristã.
- Atente para o fato de a religião cristã ser muito gentil — identifique e utilize suas fraquezas.
- Não haverá lar em que a religião cristã seja praticada.[11]

Embora não reconheça esse documento, o governo não condenou as diretivas contidas nele, o que parece refletir com precisão algumas práticas recentes.

Fechamento de igrejas

A permissão para construir novas igrejas exige um pedido formal ao governo que raramente é concedido. No estado Chin, nenhuma nova igreja teve construção aprovada desde 2003 e, em 2010, o governo ordenou a derrubada de nove grandes cruzes públicas.[12] Algumas foram substituídas por estruturas budistas, construídas com mão de obra forçada de vilas cristãs. De acordo com relatos, 8 pagodes e 56 mosteiros budistas foram construídos ali por agências governamentais.[13]

Do mesmo modo, no estado Kachin, o confisco ou a destruição de locais cristãos são frequentes, e permissões para a reconstrução deles têm sido negadas.[14] O Conselho de Estado para a Paz e Desenvolvimento (CEPD) promoveu deliberadamente reuniões do comando militar e sessões de treinamento para empregados do governo aos domingos, forçando os cristãos a escolher entre as reuniões oficiais e o comparecimento aos cultos nas igrejas. Trabalhadores que optam por ir à igreja são despedidos e substituídos por budistas.

Uma vez que as igrejas lhes são negadas, os cristãos costumam se reunir em casas particulares. A CSW relata que, em 2001, oitenta “igrejas nos lares” de diversas denominações — batista, presbiteriana e pentecostal, entre outras — foram fechadas em Rangoon. Em 2005, a Assembleia do Evangelho Pleno no centro de Rangoon foi fechada, e suas atividades, suspensas. Ao menos 17 igrejas foram fechadas em Rangoon e 28 em Mandalay no mesmo ano. Uma diretiva oficial do final de 2008, posta em prática em 2009, ordenou o fechamento de todas as “igrejas nos lares”, o que teria afetado 80% das igrejas em Rangoon. Um pastor de Rangoon, que falou anonimamente por medo de represália, disse que foram advertidos de que “poderíamos ser punidos [e mesmo presos] se não obedecêssemos à ordem, e a igreja seria lacrada”.[15]

A literatura religiosa é fortemente controlada. Bíblias em idiomas étnicos não podem ser impressas ou importadas para Mianmar, embora muitos cristãos ainda o façam. Em 2000, o CEPD teria queimado dezesseis mil Bíblias impressas nos idiomas do povo chin e de outros grupos étnicos.

Censores precisam aprovar qualquer material cristão publicado em Mianmar.

Mais de cem palavras têm uso proibido em material cristão porque derivam do pali, a língua litúrgica do budismo; entre elas estão palavras frequentemente usadas tanto em Provérbios como em Eclesiastes. Como resultado, a Sociedade Bíblica de Mianmar parou de traduzir a Bíblia, em vez de alterar seus versículos.[16]

Um homem do povo chin preso por trazer Bíblias para Mianmar descreveu sua prisão em 1999: “Pedi um advogado, mas os oficiais militares da inteligência me disseram que eu não poderia ter um. Antes de irmos para o tribunal, os policiais cobriram meus olhos e bateram em minhas pernas. No tribunal, o juiz simplesmente disse: ‘Você não tem permissão de trazer Bíblias para o país, mas ainda assim o fez. Você não respeita nossas leis e nosso país”. Esse cristão chin ficou preso quase três anos.[17]

Ataques militares às minorias étnicas: os karen

Embora a repressão religiosa ocorra em todo o país, as tribos com grande população cristã — karen, chin, kachin e karenni — sofrem a perseguição mais rígida. Os militares arrasam a terra em suas batalhas, não fazendo distinção entre combatentes e civis.[18] O sofrimento dos karens, a maior minoria étnica de Mianmar e uma das que possuem o maior percentual de cristãos, é um dos desastres humanitários menos relatados do mundo.

Patrick Klein, presidente da Vision Beyond Borders, descreveu os ataques em 2009:

> Vilas são cercadas, e rojões são lançados. Em seguida, o regime de Mianmar entra com metralhadoras e mata indiscriminadamente quem ainda estiver vivo. Então todas as evidências são queimadas. Há relatos de que também estão bloqueando vilas de modo que as pessoas não possam sair para comprar comida; também há relatos de mulheres estupradas e homens incendiados ainda vivos. Estão envenenando os suprimentos de água neste momento.[19]

Em julho de 2010, enquanto o general-chefe Than Shwe visitava a Índia, onde fez uma peregrinação simbólica a dois santuários de Buda, seu Exército atacou a vila cristã de Karen chamada Tha Dah Der, queimando cinquenta casas, uma

escola e a maior igreja do estado. Cerca de seiscentos moradores da vila fugiram para a floresta a fim de escapar do Exército.[20]

No final de 2011, o Exército mianmarense lançou uma ofensiva contra a igreja católica daquele vilarejo, destruindo seu telhado e santuário, além de ícones e estátuas. Um dos moradores da vila fez o relato da devastação: "Destruíram nosso local de culto e nossos itens culturais na vila. Além disso, quebraram a imagem de Maria em três pedaços e atiraram em todos os quadros pendurados na parede".[21]

Ataques como esse fazem que centenas de milhares de pessoas do povo karen saiam de seus lares e se abriguem em campos de refugiados na Tailândia. Outros são forçados a se esconder no interior de Mianmar. Os indivíduos que se deslocam internamente precisam sobreviver sem ajuda de agências internacionais, proibidas pelo governo de prestar ajuda. Sobrevivem acampando na selva e vivendo em abrigos temporários sob a proteção de milícias étnicas. Viajam a pé pelas regiões mais remotas, que estão repletas de minas terrestres. É comum viajarem apenas à noite por temerem que, sem a cobertura da escuridão, soldados do governo possam localizá-las. Comem o que conseguem apanhar da floresta e fogem quando forças do governo chegam demasiado perto. A maioria vive com menos de 1 dólar por dia, sofre de fome constante e privação indescritível, além de sentir medo constante dos militares sempre presentes.[22]

Os chins

O um milhão e meio de chins é quase todo cristão, mas normalmente forçado a praticar o budismo sob o risco de enfrentar enormes dificuldades ou de ameaça de morte. Em 2008, um pastor chin que servia como missionário na fronteira entre Chin e Arakan disse a um grupo internacional de direitos humanos:

> Duas vezes enquanto trabalhavam numa vila, soldados do CEPD (a junta governante) me levaram a um pagode e me mandaram orar como um budista. Tentaram me forçar a adorar o deus deles. Eu lhes disse que era um missionário cristão, uma espécie de monge, de modo que não poderia adorar no templo deles. Eles disseram que aquele era um país budista e que eu não deveria praticar o cristianismo. Disseram: "Por que você não adora Buda? Por que está aqui se não é budista? Este é um país budista". Enquanto diziam essas coisas, me ameaçaram com suas armas.[23]

Por muitos anos, os cristãos chins não tiveram permissão de construir igrejas. Em alguns lugares, o CEPD construiu pagodes budistas e transportou um grande número de monges budistas para a região a fim de mudar a demografia em favor do budismo. Em 2006, um mosteiro budista que mantinha um orfanato foi construído no estado de Chin em terra confiscada dos moradores, sem compensação. Era exigido de todos os funcionários e dos órfãos que se convertessem ao budismo antes de serem admitidos.[24] Muitos refugiados chins relataram que lhes foi oferecida ajuda material se concordassem em se converter ao budismo — e ameaçados com trabalhos forçados e prisão caso se recusassem. Soldados do governo são encorajados a se casar com mulheres cristãs chins para convertê-las ao budismo.

Converter-se do budismo para o cristianismo também é proibido. Um pastor chin e sua esposa falam de um casal budista que se tornou cristão:

> As autoridades locais do CEPD chamaram o casal que se convertera durante a noite e forçaram os dois a frequentar uma semana do treinamento da Associação do Desenvolvimento da Solidariedade e da União [organização de "bem-estar social" controlada pelo CEPD] como punição por se converter. As autoridades lhes disseram: "Vocês não devem adorar deuses ocidentais. Somente deuses orientais são bons para Mianmar". Depois disso, o casal teve medo de ir à igreja por dois ou três meses.[25]

Além de ataques diretos, o governo de Mianmar envolveu-se em tentativas menos comuns de esmagar o cristianismo. A Solidariedade Cristã Mundial revelou a campanha de 1992 planejada para "minar o tecido da sociedade chin" introduzindo uma bebida chamada OB, uma combinação altamente viciante de álcool metila e etila — uma mistura tóxica que "seria completamente proibida no Ocidente". O Exército e a polícia venderam a bebida a crianças nas ruas, e o vício se espalhou entre as pessoas pobres. Ela incentiva "a ruptura do corpo, da mente, do espírito e da sociedade" dos cristãos chins.[26]

Os kachins

Depois de três décadas de lutas, um cessar-fogo promulgado em 1994 acalmou a situação do povo kachin, predominantemente cristão, mas a repressão religiosa

continuou. Em 9 de junho de 2011, o conflito se reacendeu depois de o governo de Mianmar ter assinado um acordo com a China para a construção de uma represa multibilionária no território kachin. A represa inundaria terras tradicionais e obrigaria milhares de pessoas do povo kachin a se mudar sem que houvesse compensação. A resistência local foi atacada com violência pelo Exército mianmarense. Dezenas de milhares de kachins, na maioria cristãos, buscaram refúgio nas proximidades da fronteira com a China.[27]

Apesar de o projeto estar atualmente suspenso, a violência continuou. Uma explosão abalou um orfanato kachin dirigido por cristãos em 13 de novembro de 2011, matando sete crianças e três adultos e ferindo dezenas de outras pessoas. Sem conduzir uma investigação transparente, as autoridades prenderam um casal cristão que dirigia o orfanato, alegando que eles mesmos haviam plantado os explosivos, embora seus dois filhos e seu neto tenham se ferido na explosão.[28]

Uma ordem presidencial de dezembro de 2011 para que as forças armadas interrompessem os ataques em Kachin teve pouco efeito. No Natal de 2011, Maran Zau Ja voltava para casa vindo de uma plantação de cana-de-açúcar com um amigo quando os dois foram atingidos por uma rajada de balas de um batalhão militar, que estaria atirando em qualquer um que fosse da etnia kachin. O amigo de Zau Ja sobreviveu; ele não. Depois desse incidente e de outros, nos quais igrejas e casas foram queimadas pelos militares, centenas de kachins abandonaram seu lar. Em janeiro de 2012, havia mais de sessenta mil refugiados em campos ao longo da fronteira com a China.[29]

Depois de bombardear sua vila em outubro de 2011, tropas do Exército cercaram Tumai Nhkum, um jovem kachin, e mais quatro outros, forçando-os a trabalhar como carregadores. O *New York Times* informou que o Tatmadaw queimou e saqueou a vila, matou uma criança e massacrou animais de criação antes de seguir adiante. Aqueles homens foram espancados e finalmente libertos vinte dias depois. Tumai Nhkum encontrou sua família e fugiu para o campo de refugiados, onde permanecem.[30]

Exploração de desastres naturais

O regime usou até mesmo desastres naturais como oportunidade para erradicar

minorias cristãs. Em maio de 2008, o sul de Mianmar foi devastado pelo ciclone Nargis, que matou mais de 85 mil pessoas e causou enorme destruição. Por três semanas depois da tempestade, a junta militar negou acesso à ajuda internacional e a organizações de socorro. Quando finalmente concedeu permissão, o governo sistematicamente negou ajuda aos karens. Guardas do Exército bloquearam rodovias e entrada de vilas de karens, embora os habitantes estivessem passando fome, doentes e feridos. O CEPD então realocou à força os sobreviventes, tirando-os das moradias temporárias e mandando-os de volta a seus lares, embora as casas estivessem destruídas, suas vilas inundadas e sua terra inabitável.[31]

De igual modo, em março de 2011, um terremoto de magnitude 7.0 atingiu o país, afetando quarenta vilas cristãs e outras. O número oficial de mortos foi de 74, embora muitos acreditem que seja maior, e milhares ficaram sem casa. Embora fornecesse ajuda a outros, o governo de Mianmar deliberadamente negligenciou as vilas cristãs.[32] Não se conhece o número de pessoas que morreram devido a essas privações, mas provavelmente está na casa dos milhares.

Uma nova direção?

Os últimos anos têm dado razão para uma esperança cautelosa. Em 2010, depois de anos de prisão domiciliar, Aung San Suu Kyi, líder da oposição política e ganhador do Prêmio Nobel, foi solto da prisão, e o governo começou a adotar uma série de reformas que se mostrariam significativas se continuassem. Em 2011, foram libertos duzentos prisioneiros políticos.[33] Nas primeiras semanas de 2012, oficiais assinaram um acordo de cessar-fogo com os rebeldes karens, deram ordens para um cessar-fogo e negociações de paz na província de Kachin, libertaram mais 651 prisioneiros, incluindo dissidentes de alto nível e o monge budista líder da revolução democrática de 2007, que ficou conhecida como “Revolução Açafrão”. Eleições parlamentares foram realizadas em abril de 2012, nas quais Aung San Suu Kyi ganhou assento na Câmara Baixa.[34]

Em janeiro de 2012, os Estados Unidos e Mianmar anunciaram que teriam seus respectivos embaixadores. Em 19 de janeiro de 2012, o presidente de Mianmar,

Thein Sein, deu uma entrevista ao *Washington Post* afirmando: “Minha mensagem é que estamos no caminho certo rumo à democracia. Por estarmos no caminho certo, só podemos seguir para a frente, e não temos nenhuma intenção de retroceder”.[35]

Não devemos ser rápidos demais e declarar que o Estado abandonou seu passado opressivo. No início de 2012, o *New York Times* colocou Mianmar como um de seus principais destinos turísticos, enaltecendo “seus pontos turísticos singulares, não descaracterizados pelo turismo em massa” e “suas praias desertas”.[36] Mas Mianmar está longe de ser um paraíso intocado: liberdades civis ainda são fortemente controladas, e ofensivas militares por parte do governo contra cristãos e outras minorias étnicas continuam a resultar em enormes abusos aos direitos humanos e em muitos refugiados. A esperança de haver liberdade religiosa é maior do que tem sido há décadas, mas está longe de se tornar realidade.

Depois de Mianmar ter recebido a secretária de Estado americana Hillary Clinton em dezembro de 2011 — a primeira visita de um diplomata americano em mais de cinquenta anos —, os Estados Unidos indicaram que iriam suprimir gradualmente suas sanções econômicas ao país, mas somente se as reformas continuassem. É vital que essas reformas incluam liberdade religiosa para os cristãos, incluindo os que habitam nas áreas de minorias étnicas, assim como para todos os mianmarenses.

Etiópia

Em maio de 2011, em Worabe, seis muçulmanos usando facões emboscaram Abraham Abera, obreiro de uma igreja evangélica, junto com sua esposa grávida, Bertukan, enquanto voltavam para casa depois de visitar um amigo doente. Os agressores espancaram Abraham até a morte e feriram sua esposa seriamente, deixando-a caída inconsciente na rua. Levada às pressas para o hospital, recebeu transfusão de sangue, e ela e seu bebê sobreviveram. Relatou que, durante o ataque, os assassinos disseram: “Vocês [cristãos] estão se

tornando muito numerosos em nossa área. Vocês estão espalhando sua mensagem. Vamos destruí-los".[37]

Recém-chegados a uma antiga encruzilhada religiosa

A Etiópia se encontra numa encruzilhada religiosa, na qual antigos cristãos ortodoxos e muçulmanos coexistiram, ainda que muitas vezes de maneira tensa, por cerca de 1.300 anos. Mais recentemente, o cristianismo evangélico cresceu em popularidade e desafiou a antiga ordem. Outro desdobramento novo e preocupante é o aparecimento de bolsões de muçulmanos wahabistas ou salafistas altamente intolerantes e às vezes violentos que ameaçam a nação como um todo.

Os cristãos — predominantemente ortodoxos, com uma população mais recente de evangélicos e pentecostais — constituem cerca de 2/3 da população total de 90 milhões. A Igreja Ortodoxa Etíope, cuja origem remonta ao século 4, é uma das mais antigas igrejas cristãs nacionais. Foi dirigida pelo patriarcado que atendia o Egito e a Etiópia até 1959 e, desde então, tem o próprio patriarcado. Igrejas evangélicas e pentecostais experimentaram crescimento exponencial em toda a Etiópia nos últimos 25 anos e agora compõem possíveis 20% da população.[38] Cristãos ortodoxos mostram sinais de ressentimento para com esses grupos cristãos mais novos, considerando-os pessoas que apareceram de repente para roubar seus membros, e às vezes usam sua considerável influência na sociedade e junto ao Estado para desvantagem dos cristãos mais novos.

O islã chegou no século 8 e permanece dominante no leste do país, onde se iniciou. Os muçulmanos compõem cerca de 1/3 da população, e a maioria é de sunitas sufis, embora tenha surgido um número crescente de salafistas, incluindo alguns seguidores da Al-Qaeda. Os sufistas tradicionais enfatizam a espiritualidade, diferentemente dos wahabistas literais, que buscam impor a rígida lei da *sharia*. O crescimento relativamente recente das seitas muçulmanas radicais aumentou as tensões por todo o país e levou a um número crescente de ataques a cristãos.

Regulamentação e discriminação do Estado

A Constituição da Etiópia declara os direitos de liberdade religiosa e, embora o governo discrimine grupos cristãos mais recentes, não é um grande perseguidor. O maior perigo vem das hostilidades sociais baseadas em religião.[39]

O governo regula os grupos religiosos e usa leis e restrições para aplacar grupos religiosos mais influentes, normalmente em detrimento de evangélicos e pentecostais. Uma lei que proíbe a difamação de uma religião tem sido usada contra evangélicos para proteger os sentimentos religiosos muçulmanos.

Em 2010, Tamirat Woldegorgis, casado e pai de dois filhos, da vila de Hagarmariam, foi sentenciado a três anos de prisão por escrever "Jesus é Senhor" numa cópia do Alcorão.[40] Num outro incidente, em maio de 2009, Bashir Musa Ahmed, 39 anos, cristão convertido do islã, foi preso por distribuição "maliciosa" de Bíblias cujas capas lembravam as do Alcorão. Tais prisões são perturbadoras, mas raras.[41]

Um perigo maior tem sido a discriminação governamental combinada com o extremismo violento. Juntos, eles criam obstáculos à prática religiosa cristã. Evangélicos da área de Worabe não recebem terrenos para construção de igrejas ou espaço para sepultamentos, são barrados por fazer evangelismo e ameaçados por falsas acusações de provocar poluição sonora. São espancados, e suas igrejas são queimadas ou confiscadas. Foram necessários oito anos, por exemplo, para que a congregação de Abraham Abera recebesse um pequeno lote de terra para a construção de uma igreja e, mesmo então, o local ficava na periferia da cidade. Esses problemas podem ter sido gerados por pressão de muçulmanos radicais, alguns dos quais mais tarde assassinaram Abera, como descrito acima.[42]

A história de Tsehay Desta mostra como as restrições do governo — neste caso, aplicadas a pedido da comunidade ortodoxa local e combinadas com hostilidade social — ameaçam a liberdade religiosa. Depois de seu primo evangélico lhe ter realizado um exorcismo, Desta, uma adolescente, juntou-se à igreja evangélica, para grande tristeza de seu marido ortodoxo. Após vários meses de tentativas de convertê-la de volta, o marido se divorciou dela. Ela estava grávida na época e, alguns meses depois de dar à luz um filho, foi visitar

sua mãe na pequena vila de Luga. Dias depois, em 9 de maio de 2009, o filho de Desta repentinamente adoeceu e morreu.

A igreja ortodoxa recusou-se a permitir seu sepultamento na propriedade da igreja, mas a Igreja Evangélica Kale Hiwot, em Luga, não recebera permissão do governo para realizar funerais ou quaisquer outros serviços religiosos. Ainda assim, o pastor concordou em sepultar a criança na propriedade da igreja, e o funeral foi realizado sem incidentes.

Contudo, em 11 de maio, o pastor encontrou o caixão desenterrado do bebê na escadaria da igreja. O corpo da criança teria sido desenterrado por cristãos ortodoxos locais em retaliação à conversa de Desta e por raiva pelo fato de o pastor ter dado à criança um sepultamento cristão. Líderes evangélicos de outras partes do país fizeram petições às autoridades nacionais e, embora tenham recebido garantias do governo e vários suspeitos tenham sido presos, nenhuma permissão de sepultamento foi dada, e os suspeitos foram soltos horas depois.

O corpo da criança foi sepultado novamente sem problemas no local de sepultamento anterior, mas, em seguida, a casa do pastor passou a ser apedrejada diariamente por agressores desconhecidos. Recebeu ameaças verbais e chegou a ser espancado. Ele relatou à Compass Direct News: “Depois desse incidente, os moradores locais me insultam e me advertem por tê-los ‘traído’”.[43]

Muçulmanos radicais

A maior ameaça aos cristãos da Etiópia é a pressão crescente de islamitas radicais. A Etiópia tem sido relativamente bem-sucedida em repelir o afluxo do extremismo islâmico que assola o Chifre da África. Isso se deve a séculos de relações mais ou menos pacíficas entre muçulmanos e cristãos e uma resposta governamental relativamente forte à Al-Qaeda e a outros grupos terroristas.[44] Contudo, depois do surgimento de uma pequena mas ativa população de muçulmanos extremistas, a Etiópia promulgou uma proclamação antiterrorismo em 2009 que foi condenada pelas organizações de direitos humanos como violação à liberdade de expressão e ao correto procedimento legal. Em vez de impedir os terroristas, parece atingir sobretudo os jornalistas e a oposição política.[45]

Todavia, em 2011 o governo etíope teria descoberto um plano de extremistas de tendência wahabista para transformar a Etiópia num Estado islâmico e expulsar todos os não muçulmanos. Em coletiva de impressa realizada em novembro, o diretor do Ministério de Assuntos Federais, Mersessa Reda, declarou que haviam descoberto literatura "conclamando a comunidade muçulmana a se levantar contra todos os muçulmanos não wahabistas e os seguidores de outras religiões".[46] Também houve aumento nos ataques a cristãos por parte de radicais islâmicos, especialmente em áreas de maioria muçulmana.

Em março de 2011, protestantes em Asendabo, na região de Jimma, foram atacados por muçulmanos radicais. Em 2006, a mesma região havia sofrido violência religiosa, incluindo o assassinato de dezenas de cristãos. Em 2011, porém, em resposta a rumores de que um cristão havia profanado o Alcorão, um grupo de extremistas muçulmanos teria ateado fogo a 69 igrejas e a dezenas de casas. Mais de quatro mil cristãos fugiram da cidade e um foi morto. Abera Gutema sobreviveu por pouco ao massacre. Agarrando seu filho pequeno com força, ele conseguiu fugir de uma multidão munida de facões. Perdeu todos os seus bens e a economia de uma vida quando sua casa foi saqueada e queimada: "Eles eram nossos amigos, nossos vizinhos, com os quais compartilhávamos tudo. [...] Nunca pensei que isso pudesse acontecer algum dia".[47]

O governo agiu depressa, prendendo e por fim sentenciando à prisão mais de quinhentas pessoas envolvidas nos ataques. Desde então, os cristãos desalojados têm voltado e reconstruído seus lares. Os ataques abalaram uma nação que se orgulhava das pacíficas relações entre cristãos e muçulmanos. Também têm ocorrido outros ataques recentes.

Em julho de 2010, 25 muçulmanos enfurecidos vaguearam por uma vila do distrito Goda de Jimma, cidade predominantemente muçulmana no sudeste da Etiópia. A multidão queimou dez lares de cristãos, deixando oitenta pessoas sem casa, colocou fogo em seus celeiros e colheitas e matou seus animais, tirando-lhes assim o meio de sobrevivência. Depois disso, os agressores mantiveram os moradores cristãos reféns por dezesseis dias e lhes teriam dito: "Se vocês contarem isso a alguém, queimaremos vocês da mesma maneira que queimamos

suas casas". A despeito da ameaça, um cristão escapou e relatou o ataque. A polícia prendeu os agressores, mas eles foram soltos mais tarde sob fiança.[48]

Outras tentativas feitas por muçulmanos radicais para "limpar" áreas da presença cristã ocorreram no final de 2010 e início de 2011. Cristãos da cidade de Besheno, cidade praticamente toda muçulmana na província de Alaba, sul da Etiópia, acordaram um dia para encontrar bilhetes nas portas advertindo-os de se converterem ao islã ou sair da cidade; caso contrário, seriam mortos. Três líderes cristãos fugiram da cidade, e um deles relatou: "Fomos informados pelos muçulmanos que vivem na cidade de que já havia um plano para nos matar e que as pessoas escaladas para fazer isso já haviam chegado de outra cidade".[49]

Supostamente, dois cristãos foram forçados a se converter ao islã. Em 29 de novembro de 2010, alguns muçulmanos bateram no evangelista Kassa Awano, que ficou dias em condições críticas. Alguns poucos dias depois, dezenas de muçulmanos atacaram um veículo no qual estavam vários líderes cristãos, ironicamente viajando para comparecer a uma reunião de paz com líderes muçulmanos. Dois dos líderes, Tesema Hirego e Niggusie Denano, foram seriamente feridos, e outros sofreram ferimentos mais leves. Em 2 de janeiro de 2011, depois de testemunhar no tribunal sobre os ataques a cristãos, Temesgen Peteros foi esfaqueado por um muçulmano.[50]

Por ora, tais incidentes violentos, por mais horríveis que sejam, são a exceção em vez de a regra. Contudo, pode-se esperar aumento na violência à medida que extremistas muçulmanos ganham mais força em comunidades muçulmanas etíopes. O governo desenvolveu programas cívicos numa tentativa de combater a violência sectária. O ministro Reda reconheceu o possível perigo: "À medida que tais atos dos radicais muçulmanos wahabistas levam o país ao caos, o governo é forçado a intervir".[51] Por enquanto, as igrejas etíopes estão florescendo, e a maioria dos cristãos tem liberdade para praticar sua fé em paz. O tempo dirá se esse antigo cruzamento de civilizações será poupado da radicalização islâmica e do conflito sectário sofrido por alguns de seus vizinhos.

Eritreia

O *Christian Post* relatou em outubro de 2011 que Terhase Gebremichel Andu, 28 anos, e Ferewine Genzabu Kifly, 21, haviam morrido "como resultado de inanição e falta de tratamento de problemas de saúde", conforme relatado por fontes confidenciais na Eritreia. Ambos haviam sido presos em 2009 durante uma reunião de oração num lar. Em seguida, sofreram "dois anos de tortura física e também lhes foi negado cuidado médico no Campo Militar de Adersete".

Angesom Teklom Habtemichel, 26 anos, cristão, também morreu no final de agosto de 2011 enquanto estava preso no Campo Militar Adi Nefase, em Asab. Fontes da Portas Abertas Internacional relataram que ele também havia sofrido gravemente de malária, mas lhe foi "negado tratamento médico por causa de sua recusa por escrito a abdicar da fé cristã".[52]

Um dos piores perseguidores do mundo

O pequeno país da Eritreia — que um dia foi parte da Etiópia — é um notório perseguidor religioso. Embora muitas pessoas saibam pouco ou quase nada sobre a Eritreia e nem sequer saibam exatamente onde o país fica, os estudiosos da perseguição a cristãos conhecem muito bem sua reputação abominável. As violações da liberdade religiosa ali estão entre as mais severas do mundo.

Com uma população de cerca de seis milhões de habitantes, a Eritreia é aproximadamente metade cristã e metade muçulmana. Desde 1993, quando alcançou independência formal da Etiópia depois de trinta anos de guerra civil, o país tem sido esmagado sob o governo devastadoramente opressor do presidente Isaias Afwerki. Líder da Frente pela Libertação do Povo Eritreu durante a guerra pela independência, no início parecia ser um farol de esperança no momento em que a Eritreia se erguia sozinha pela primeira vez. Contudo, qualquer esperança de democracia e liberdade desvaneceu rapidamente quando Afwerki, ávido por manter sua mão de ferro no poder, recusou-se a pôr em prática uma Constituição que fora ratificada em 1997. Ele reconheceu apenas um partido — o seu próprio, a Frente Popular de Democracia e Justiça.[53] As eleições foram postergadas de modo indefinido, aparentemente para impedir a desestabilização; de fato, Afwerki declarou numa entrevista televisionada que pensava em não fazer eleições "por três ou quatro décadas".[54]

Como resultado, durante seu governo de 21 anos, Afwerki consolidou uma das ditaduras mais impiedosas do mundo, com total controle sobre a economia, os meios de comunicação e a sociedade civil. Diplomatas americanos o descreveram como “cruel”, “insensível”, “narcisista”, “paranoico” e “demente”.[55] O ministro do Exterior de Djibouti referiu-se a ele abertamente como “lunático”.[56] Afwerki usa a possibilidade de outra guerra contra a Etiópia para justificar a repressão, e, nesse ponto, os direitos humanos são praticamente inexistentes. Não há processo legal, as prisões são quase sempre arbitrárias e os detidos são mantidos presos indefinidamente sem acusação. As prisões costumam envolver espancamentos, tortura e morte. A repressão governamental é direcionada aos grupos que ele vê como potencialmente subversivos ou mesmo independentes, o que transforma as organizações religiosas em alvos primários — sobretudo aquelas que se reúnem em particular e não são registradas.

Repressão às igrejas registradas

O regime coloca as organizações religiosas num ponto crítico: o registro é obrigatório, mas nenhum registro foi aprovado desde 2002. Apenas quatro grupos religiosos são reconhecidos: o islã, a Igreja Ortodoxa Eritreia, a Igreja Católica Romana e a Igreja Evangélica Luterana da Eritreia.[57] Embora sejam legalmente registrados, esses grupos religiosos são fortemente regulados pelo Estado e sujeitos a perturbação.

Em 2006, o governou removeu o patriarca ortodoxo Bune Antonios e o substituiu por um sacerdote aprovado pelo governo para liderar a igreja de acordo com os desejos do regime. O patriarca Antonios foi colocado sob prisão domiciliar logo após sua destituição e assim permanece desde então. Ele está impedido de se comunicar com o mundo exterior e lhe é negado tratamento médico, embora supostamente sofra de diabetes. Nada se sabe sobre sua condição. Desde a remoção do patriarca, mais de 1.700 membros do clero ortodoxo foram removidos do serviço eclesiástico e pelo menos 23 foram presos.[58]

Prisão e tortura de cristãos e outros

Está claro que, embora a legislação dê aos grupos religiosos o direito de existir, sua existência é privada de liberdade. Sendo assim, a maior perseguição governamental é voltada contra membros de grupos religiosos não registrados, sobretudo cristãos evangélicos e pentecostais, assim como bahaístas, adventistas do sétimo dia, batistas e testemunhas de Jeová.

A despeito de seu número relativamente menor, os testemunhas de Jeová têm a dúbia distinção de sofrer a pior perseguição nas mãos do regime. De modo geral, acredita-se que a aversão particular de Afwerki está relacionada à recusa deles em prestar o serviço militar. A Eritreia é uma das sociedades mais militarizadas do mundo, com serviço compulsório exigido por período de tempo indefinido, que pode se prolongar por décadas. Desde 1994, os testemunhas de Jeová não obtêm cidadania, com base em sua objeção consciente. Sabe-se que pelo menos sessenta testemunhas de Jeová estão presos atualmente, detidos sem acusação formal. Há três testemunhas de Jeová presos há mais de quinze anos por sua recusa em prestar serviço militar — treze anos a mais que a sentença normal de dois anos para o delito.[59]

Contudo, excetuando-se o serviço militar, eritreus de todas as afiliações religiosas estão sujeitos à perseguição, uma vez que demonstram lealdade a um poder maior que ao governador da Eritreia. O regime oferece pouca explicação formal para a constante perseguição a cristãos além do temor de Afwerki — na verdade, uma paranoia — sobre possível subversão. Com mínima liberação de informações por parte do governo e nenhum processo judicial para a detenção e aprisionamento de cristãos, a maior parte das evidências dessa perseguição vem de cristãos que sobreviveram à prisão e à tortura e fugiram do país.

Embora seja impossível obter números precisos, a estimativa tanto de agências estatais como não governamentais é de que milhares de pessoas estão presas atualmente por sua afiliação religiosa, por “oposição ao governo, real ou suposta”.[60] O Departamento de Estado dos EUA relata que 103 pessoas pertencentes a grupos religiosos não registrados foram novamente presas apenas na segunda metade de 2010.[61] Forças governamentais invadem eventos religiosos como casamentos, batismos e serviços religiosos. Os cristãos são reunidos e arbitrariamente detidos sem um processo legal e não raro submetidos

a espancamentos. Alguns são soltos; outros são temporariamente detidos enquanto soldados tentam forçá-los a abdicar de sua fé.

As condições das prisões estão entre as piores do mundo. Os prisioneiros são amontados em instituições superlotadas, câmaras subterrâneas profundas, campos militares ou até mesmo em contêineres de metal, que intensificam os extremos de temperatura. Um prisioneiro relatou que foi mantido numa cela de 12 x 11 metros junto com outros seiscentos detentos, e diplomatas americanos relataram as condições das prisões num texto confidencial, dizendo que "embora o abuso físico e as privações cobrem um preço do corpo dos prisioneiros libertados, o abuso psicológico de estar apinhado com tantas outras pessoas, de não saber quando ocorreria o próximo espancamento e de acreditar que poderia ser morto é que era o mais danoso". Acrescentaram: "Os prisioneiros eram alimentados com dois pedaços de pão três vezes por dia. Um balde no meio da sala servia como privada entre pausas acompanhadas para banho, mas ele constantemente entornava e contaminava a sala com urina e fezes. Muitos prisioneiros não podiam conversar devido à falta de água, com a língua grudada no céu da boca devido à sede".[62]

As prisões são vergonhosamente assoladas por doenças, sobretudo as câmaras subterrâneas mal ventiladas e contaminadas por dejetos humanos e insetos nocivos. Os internos que contraem doenças tratáveis, como tuberculose e malária, não recebem tratamento. Sofrem tortura e especificamente uma técnica chamada "helicóptero", na qual o detido é contorcido numa posição excruciante, com os pés e as mãos atadas juntos atrás das costas. Os prisioneiros podem ser mantidos no ar no "helicóptero" por dias a cada vez — um refugiado me disse que ficou amarrado 136 horas — ou até mesmo pendurados em árvores nessa posição até que concordem em assinar uma declaração abdicando do cristianismo. O uso prolongado do helicóptero resulta na incapacidade do preso de usar braços ou pernas, dependendo assim de outros presos para ser alimentado.[63]

Hana Hagos Asgedom morreu no campo militar de Alla em janeiro de 2010, depois de ser transferida de Wi'a, onde ficou três anos detida. Ela teve uma última chance de renunciar ao cristianismo quando foi transferida, e se recusou.

Foi então colocada em confinamento solitário. Ali, era espancada com uma vara de ferro. Como resultado, sofreu um ataque cardíaco.[64]

A cantora evangélica Helen Berhane chamou a atenção do mundo para as atrocidades que acontecem na Eritreia — tanto a perseguição direcionada aos cristãos como as condições inimaginavelmente cruéis das prisões. Pouco depois de lançar uma fita cassete de canções cristãs em maio de 2004, Berhane foi presa em Asmara e mandada para o campo de prisioneiros de Mai Serwa, fora da cidade. Ela passou grande parte de seus dois anos e meio de cativeiro num contêiner de metal e foi rotineiramente torturada numa tentativa de fazê-la abdicar de sua fé.

Berhane foi sujeita ao "helicóptero". Também foi espancada repetidas vezes durante sua prisão. Em outubro de 2006, foi torturada com tamanha intensidade que as autoridades da prisão permitiram que ela fosse internada num hospital da cidade. Depois de ter sido solta da prisão pouco depois disso, Berhane foi confinada a uma cadeira de rodas devido aos danos extensos provocados em seus pés e pernas durante os espancamentos.

A história de Berhane — que atraiu a atenção internacional quando organizações não governamentais como a Anistia Internacional se juntaram em busca de sua libertação — não terminou em tragédia. No fim, ela conseguiu fugir do país com sua filha pequena, buscando refúgio em Cartum antes de receber asilo na Dinamarca. Embora sofra de danos severos e permanentes causados pela tortura, conseguiu construir uma nova vida para ela e sua filha. Escreveu um livro, *Canção da liberdade*, no qual conta sua provação, e fala em favor dos cristãos presos na Eritreia.[65]

O Departamento de Estado dos EUA incluiu a Eritreia pela primeira vez na lista de "Países de Preocupação Específica" em 2004 e continua a fazê-lo desde então. O sofrimento dos cristãos presos foi resumido em seu relatório de liberdade religiosa de 2010:

> Dezenas de presos com penas breves foram soltos, mas somente depois de renunciar à fé ou pagar altas multas. Continuam a haver relatórios de prisioneiros religiosos mantidos em contêineres no deserto e sujeitos a mudanças extremas de temperatura, em confinamento solitário por longos períodos de tempo ou em *bunkers* subterrâneos sem ventilação, com centenas de outros presos. Continuam a surgir relatos

sobre prisioneiros religiosos sendo confinados por longos períodos de tempo com mãos e pés amarrados juntos atrás das costas ou pendurados em árvores, forçados a caminhar descalços sobre pedras afiadas ou espinhos e espancados para confessar sua fé ou renunciar a ela.[66]

Crise de refugiados

Dadas as condições mortais sob as quais cristãos lutam para sobreviver na Eritreia, não é surpresa que uma grande crise de refugiados tenha se desenvolvido. Dezenas de milhares de eritreus, a grande maioria deles cristãos, fogem do país a cada ano, preferindo arriscar-se em campos de refugiados no Sudão e na Etiópia a permanecer em sua terra natal.

Num desdobramento recente e desesperado, muitos cristãos agora veem sua melhor chance de uma nova vida em Israel, conhecido por conceder asilo a vítimas de perseguição religiosa. Para chegar a Israel, porém, os refugiados devem seguir por uma trilha perigosa de mais de 1.400 quilômetros através da península do Sinai, no Egito. Para realizar essa jornada perigosa, os refugiados contratam contrabandistas que os guiam até a fronteira israelense. Esses contrabandistas normalmente exigem um pagamento equivalente a 2,5 ou 3 mil dólares antes de partir.

Uma vez dentro do Egito, os refugiados enfrentam uma hoste de potenciais abusos. Muitos são pegos pelas autoridades e aprisionados em condições deploráveis, sendo depois deportados de volta para a Eritreia, onde enfrentam punições indizíveis. Organizações de direitos humanos têm apelado às autoridades egípcias para que mostrem misericórdia aos cerca de quinhentos refugiados eritreus atualmente presos no Egito. Cair nas mãos de traficantes de pessoas pode ser um destino ainda pior: eles compram os refugiados dos contrabandistas e então os revendem ou pedem resgate às famílias na Eritreia por somas que chegam ao equivalente a 20 mil dólares. Há estimativas de que, seja qual for o momento, existem quinhentos a seiscentos eritreus mantidos presos em troca de resgate.[67]

Os traficantes maltratam os refugiados de toda forma, sujeitando-os a coisas como escravidão, agressão sexual, fome, desidratação, espancamentos e tortura. Sujeitos a tratamentos não muito diferentes daquilo que vivenciavam na Eritreia,

podem ser mantidos em compartimentos subterrâneos ou em contêineres de metal no causticante calor do deserto, e submetidos à tortura cruel, incluindo choques elétricos com aguilhões para gado e a ser enterrados na areia. A polícia egípcia não tem remorso por atirar naqueles que conseguem chegar à fronteira com Israel, conforme evidenciado pelas recentes mortes a tiro de vários refugiados eritreus que eram contrabandeados pela fronteira. Desde 2007, oficiais egípcios mataram a tiros mais de 85 pessoas que tentavam cruzar a fronteira com Israel. A crueldade se tornou tão comum que a organização Médicos pelos Direitos Humanos abriu uma clínica em Israel especificamente planejada para atender às necessidades dos refugiados que conseguiram sobreviver à jornada pelo Sinai. A maioria desses refugiados requer tratamentos longos para os efeitos da tortura, que incluem queimaduras por choque elétrico, desidratação extrema, feridas provocadas por correntes e gravidez resultante de estupros.[68]

A crise dos refugiados eritreus cristãos só tende a piorar à medida que a perseguição aumenta dentro da Eritreia. Uma nova onda de emigração cresceu desde que o governador eritreu ordenou uma eliminação de cristãos no final de 2010, o que levou ao êxodo em massa daquela região.[69] Até que o governo de Isaias Afwerki cesse sua incansável e violenta perseguição contra o povo da fé, os cristãos continuarão a vislumbrar a fuga do país como a única alternativa às perturbações, prisões e possível morte.

Abuso em nome do poder e do privilégio

A esmagadora repressão em Mianmar e na Eritreia é prova de que a perseguição não necessariamente se baseia numa ideologia predominante ou em religião. O desejo desses governadores de proteger seu poder e privilégio por meio da destruição de outros centros de lealdade pode, por si só, ser suficiente, ainda que disfarcem seus desejos com a máscara da segurança nacional e da proteção de seus cidadãos e pátria.

Esforços genuínos rumo à segurança e à proteção são uma fonte de esperança. Na Etiópia, o conflito entre cristãos tem ficado em um nível relativamente baixo,

mas um desafio crescente é o combate, por parte do governo e da comunidade muçulmana local, à crescente influência wahabista. Ainda que devamos ser sempre cautelosos sobre proclamações de mudança em regimes autoritários, eventos recentes em Mianmar — como a libertação do líder oposicionista Aung San Suu Kyi e de prisioneiros políticos, assim como um cessar-fogo entre o povo karen e talvez com os kachins — significam que as esperanças realistas de que cristãos possam ter liberdade religiosa são maiores do que têm sido por décadas.

Na Eritreia, o regime do presidente Isaias Afwerki parece tão entrincheirado como sempre. Mas esse também parecia ser o caso em Mianmar, onde o isolamento do regime, aliado à pressão internacional, tem levado a mudanças reais. Enquanto isso, a fé permanece viva em meio ao conflito e ao sofrimento.

Um grupo de cristãos karens deu um sentido ao versículo de Isaías que fala sobre transformar espadas em arados. A baronesa Cox, que viajou diversas vezes ao estado Karen nos últimos quinze anos, descreveu a cena a seguir da fé cristã na floresta:

> Ouvimos um som estranho, semelhante ao de um sino de igreja. Perplexos, saímos a procurar na floresta a fonte daquele ruído. O som ficava mais nítido e mais alto à medida que caminhávamos, até que por fim descobrimos uma pequena igreja karen numa cabana de bambu no meio da floresta, onde uma comunidade de adoradores cantava hinos. Falamos com o pastor, que nos disse que o sino foi feito de uma bomba mianmarense que havia sido atirada contra a vila deles.[70]

10
Um chamado à ação

Pouco antes do Natal de 2011, uma mulher etíope cristã de origem humilde, que trabalhava como doméstica na Arábia Saudita, foi presa junto com outros 28 cristãos etíopes e sofreu abuso sexual. Durante uma incursão realizada pela polícia religiosa do governo saudita, foram presos enquanto oravam secretamente numa igreja no lar em Jeddah. A oração cristã, mesmo em particular, é tratada como crime na Arábia Saudita.

Numa ligação telefônica que buscava contatar um grupo de advogados americanos, a mulher implorou desesperada: “Queremos que vocês nos ajudem, como puderem, a sair da prisão, incluindo suas orações. Por favor, falem a seus governos sobre nossa situação, contatem organizações de direitos humanos e outras e mantenham-nas informadas sobre nós”.[1]

Da primeira página até o capítulo final deste livro, nos concentramos nos pouco difundidos relatos de maus-tratos perpetrados contra cristãos, o grupo religioso mais amplamente perseguido hoje no mundo. A repressão se abate sobre todo tipo de cristãos: protestantes e católicos, ortodoxos ocidentais e orientais, metodistas e menonitas, carismáticos e calvinistas, sacramentais e simples, pertencentes a igrejas antigas e a igrejas novas, adoradores em catedrais ou em igrejas com milênios de história ou em igrejas nos lares, em grupos ou sozinhos e isolados. Esse amplo panorama de abuso levou o cardeal Kurt Koch, presidente do Conselho Pontifício Vaticano para Promoção da Unidade Cristã, a adotar a tão apropriada expressão do papa João Paulo II — “o ecumenismo dos mártires” — para descrever os eventos revelados.[2]

Não existe uma guerra única contra os cristãos; a perseguição anticristã tem muitos instigadores e intenções. Mas a maior parte da perseguição vem de três

fontes: governos comunistas ou pós-comunistas, versões nacionalistas perversas do hinduísmo e do budismo e governos e sociedades cada vez mais intolerantes no mundo muçulmano. Outras minorias religiosas sofrem grave perseguição em muitos desses mesmos países, mas os cristãos são perseguidos em todo lugar onde existe perseguição religiosa. Alguns tipos de cristãos estão particularmente em risco.

Estrangeiros, apóstatas e blasfemadores

Quando o assunto da perseguição cristã é levantado, é comum associá-lo à violência direcionada contra missionários. Isso certamente ocorre, e muitos cristãos corajosos e dedicados sofrem, mas, como mostramos, de forma preponderante os que mais sofrem são cristãos locais, que superam o número de missionários numa proporção de dez mil para um. Na verdade, o maior destino de missionários são os Estados Unidos, país ao qual igrejas de todo o mundo enviam pastores para ajudar seu crescente rebanho de imigrantes a se ajustar ao novo mundo.

Em Mianmar, Laos, Vietnã e outros lugares, embora sejam nativos, os cristãos costumam ser associados ao Ocidente e vistos com suspeita como uma quinta coluna, podendo ser forçados a renegar sua fé. Mas o cristianismo é muito mais antigo nesses países do que o comunismo ou a ditadura de generais mianmarenses.

Apóstatas

Um somali de 55 anos chamado Musa Mohammed Yusuf era o líder de uma igreja subterrânea na vila de Yonday, localizada a 32 quilômetros de Kismayo. Em fevereiro de 2009, Musa foi questionado em sua casa por um grupo de radicais do famoso Al-Shabab. Bem ciente de que corria perigo, Yusuf fugiu para Kismayo.

Quando os radicais voltaram à casa de Musa no dia seguinte, ficaram irritados por descobrir que ele havia fugido. Enquanto Batula Ali Arbow, sua esposa,

assistia, eles rispidamente reuniram os três filhos do casal: Hussein Musa Yusuf, 12 anos, Abdi Rahaman Musa Yusuf, 11, e Abdulahi Musa Yusuf, 7.

Batula desmaiou. Mais tarde, ela disse: “Eu sabia que eles seriam mortos. Depois de alguns minutos, ouvi um choro de Abdulahi, que corria em direção a casa...”. Quando recobrou a consciência, Batula descobriu que Abdulahi havia escapado dos terroristas e sobrevivido ao ataque. Mas os terroristas do Al-Shabab haviam decapitado os outros dois meninos.[3]

Grande parte da violência se volta contra aqueles que optam por se tornar cristãos; eles costumam ser rotulados de apóstatas ou pessoas fracas submetidas a uma conversão “fraudulenta”. A conversão pode ser uma ofensa sujeita à punição em lugares tão diferentes quanto Irã e Índia. No mundo muçulmano, os convertidos podem ser punidos, mesmo mortos, por deixar o islã.[4]

A Coreia do Norte e a Arábia Saudita são dois países bastante diferentes, mas que possuem algo em comum: nos dois, todos os cidadãos devem seguir a religião oficial do Estado, um culto à personalidade Kim no primeiro e o islã wahabista no segundo. Em alguns países de maioria muçulmana como Iraque, Arábia Saudita e Somália, cristãos, muçulmanos e qualquer outra pessoa podem ser atacados e até mortos por violar aquilo que os agressores consideram vestimentas e/ou práticas muçulmanas. Na África, as jovens igrejas da Nigéria e da Somália estão debaixo de grande ameaça. Na Nigéria, o grupo terrorista muçulmano Boko Haram visa explicitamente expulsar milhões de cristãos do norte e já matou milhares. O movimento Al-Shabab, ligado a Al-Qaeda e que controla partes da Somália, declara abertamente sua intenção de matar todo cristão do país e persegue e decapita cristãos afirmando que, em algum momento, eles abandonaram o islã. A *Economist* concluiu: “Mais líderes muçulmanos precisam aceitar que a mudança de credo é um direito legal. Em relação a este ponto em questão, o Ocidente não deve recuar. Do contrário, os fiéis, cristãos ou não, permanecerão em perigo”.[5]

Em alguns países de maioria muçulmana, a perseguição é estendida a qualquer pessoa que presuma-se estar envolvida em algum ato de apostasia, seja o seu, seja o de outra pessoa. Mesmo em países geralmente moderados, a conversão é proibida. Na Malásia, os convertidos são mandados para campos de reeducação.

As forças de segurança do Egito torturam convertidos. Até mesmo o Marrocos expulsou dezenas de cristãos expatriados depois de acusações de que discutiam sua fé com muçulmanos.

Os convertidos da Turquia têm direitos mais amplos que na Arábia Saudita ou no Irã, mas destacar isso é um "falso elogio", como disse um líder cristão turco. Ele relatou:

> Os convertidos têm de disputar cada centímetro de território legal. São constantemente vigiados por agências de segurança nacional. São ameaçados, atacados, arrastados a tribunais mediante acusações fictícias e até brutalmente assassinados por ultranacionalistas ligados a um plano nacional de desestabilização do governo turco. [...] Embora muitas congregações turcas se reúnam em silêncio e de maneira segura num domingo, nenhum grupo em qualquer ponto do país se reúne sem examinar cuidadosamente qualquer pessoa nova que passe por suas portas.[6]

Blasfemadores

Acusações de apostasia e blasfêmia costumam se sobrepor no mundo muçulmano, e os cristãos e outras minorias correm risco específico. Cristãos e ahmadis paquistaneses são acusados de forma desproporcional — muitas vezes sem nenhuma prova que dê sustentação, a não ser a própria acusação — de vandalizar ou queimar o Alcorão ou insultar o profeta Maomé. Tal como Asia Bibi, a mãe cristã de cinco filhos que está no corredor da morte por blasfêmia, são frequentemente condenados apenas com base em prova testemunhal. Os cristãos não conseguem rebater essas acusações porque seu testemunho possui menor valor legal que o de um muçulmano nos tribunais da *sharia*. O testemunho de uma mulher cristã vale menos ainda.

Cristãos em países como Egito, Sudão, Malásia e em uma dezena de outros estão sujeitos às leis de blasfêmia. No Paquistão, Afeganistão, Iraque, Nigéria, Turquia e Somália, cristãos são mortos indiscriminadamente por expressões "blasfemas" que foram usadas por outras pessoas em outros países, como aconteceu nos casos do discurso do papa Bento XVI em Regensburg, no episódio em que um pastor da Flórida ameaçou queimar um exemplar do Alcorão e depois que um jornal dinamarquês publicou caricaturas retratando o profeta Maomé.

Primavera Árabe: um inverno cristão?

Outros cristãos enfrentam agora graves ameaças em países de maioria muçulmana, especialmente as antigas comunidades cristãs milenares no coração do Oriente Médio.

No início de 2011, um levante revolucionário, que recebeu o apelido otimista de Primavera Árabe, explodiu no Oriente Médio e no norte da África. Embora inicialmente tingido de esperança, trouxe grande perigo para os cristãos locais. As antigas igrejas do Iraque — assim como as do Egito, o epicentro da Primavera Árabe — correm terrível perigo. São ameaçadas com limpeza religiosa por forças islâmicas que agem com renovada violência agora que governantes seculares repressores foram destituídos.

Esses cristãos já sofreram muita violência no passado e estão há muito acostumados com grande discriminação. Como disse o cardeal Jean-Louis Tauran, clérigo sênior do Vaticano para diálogo com muçulmanos, à Al Jazeera em março de 2012: “Estou no Oriente Médio há muitos anos. [...] Os cristãos sentem que são cidadãos de segunda classe em países onde muçulmanos são a maioria”.[7]

Desde que a ditadura de Saddam Hussein foi destruída no Iraque, cerca de 2/3 dos cristãos daquele país fugiram em menos de uma década. Esses cristãos estão entre os últimos a orar em aramaico, o idioma que Jesus falava. Emigraram devido à violência intensa de extremistas islâmicos e criminosos comuns. Ambos operam com impunidade e se voltam especificamente para os cristãos. Em 2006, esquadrões da morte sunitas expulsaram permanentemente cristãos de todo um bairro de Bagdá, exigindo conversão ao islã ou a morte. Autoridades em Bagdá são lentas em proteger cristãos e assistem passivamente enquanto autoridades privam cristãos de serviços essenciais, incluindo aqueles providos por esforços de reconstrução americanos.

A antiga comunidade copta do Egito, cerca de oito milhões de pessoas, é a maior minoria cristã e não muçulmana de todo o Oriente Médio. Sofrem agora implacáveis ataques de muçulmanos salafistas e tropas militares, os quais não

sofrem punição por abusar de cristãos ou usar força excessiva contra eles. Uma vez que a Primavera Árabe deu força aos islamitas, a perseguição anticristã aumentou. Muitos coptas duvidam que os novos líderes da Irmandade Muçulmana venham a protegê-los dos ainda mais violentos e radicais salafistas, que, em razão das eleições provaram ter um considerável apoio popular. Os coptas estão profundamente conscientes do destino das minorias cristãs no Iraque; dezenas, talvez centenas de milhares de coptas já fugiram do país desde o início de 2011. O acadêmico político e copta egípcio Samuel Tadros, disse: "Os coptas estão imaginando se hoje, depois de dois mil anos, chegou a hora de fazer as malas e partir, uma vez que o Egito parece menos hospitaleiro para eles que nunca".[8]

Na Síria, os cruéis ditadores da família Assad, da minoria muçulmana alauíta, de modo geral toleram a minoria cristã, cerca de dois milhões de pessoas. O acadêmico cristão do Oriente Médio Kurt Werthmuller relembra uma visita no Domingo de Páscoa a Aleppo, na Síria:

> Eu fazia uma visita depois de ter passado no Egito, onde vivia na época e onde os coptas eram normalmente vistos mas não ouvidos, de modo que fiquei surpreso ao ouvir sinos de igreja tocando e encontrar uma liturgia siríaca de Páscoa sendo transmitida em alto-falantes a diversos congregados pelas ruas da cidade![9]

Agora, com a mudança na ordem política, os cristãos "podem atrair a ira da maioria sunita que atacará todos os aliados tradicionais de Assad".[10] A situação perigosa dos cristãos da Síria não passa despercebida aos olhos dos governos estrangeiros ocidentais.

Cristãos nativos foram grandemente erradicados de outros países da Primavera Árabe, como Tunísia, Líbia e Iêmen, muito tempo atrás. O que os restantes conseguirão fazer ainda é uma incógnita.

A expulsão de cristãos da região, depois de dois milênios de presença ali, deve ser uma preocupação não apenas para cristãos. O acadêmico cristão libanês Habib Malik destaca que as minorias cristãs tradicionalmente servem como "moderadoras" e "mediadoras" no Oriente Médio.[11] Elas costumam enfatizar a educação no estilo ocidental, as liberdades individuais e os direitos das

mulheres. Um caso de destaque é o de seu pai, Charles Malik, um dos grandes responsáveis pela elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Malik insistia:

> A existência de comunidades cristãs nativas estabelecidas, estáveis, prósperas e razoavelmente livres e seguras no Oriente Médio serviram em muitas situações como fator encorajador da abertura e moderação islâmicas, criando um ambiente de pluralismo que fomenta o reconhecimento daqueles que são diferentes.[12]

Sem os cristãos, o Oriente Médio se tornará cada vez mais radicalizado e mais distante do Ocidente. Esse será um problema político para o Ocidente. Como um bispo católico caldeu lamentou: “É algo muito triste e bastante perigoso para a igreja, para o Iraque e até mesmo para o povo muçulmano, pois significa o fim de uma antiga experiência de vida conjunta”.[13]

Ajudar cristãos para que ajudem outros

Embora nosso foco neste livro seja a perseguição anticristã, nossa preocupação e nosso trabalho no Centro para Liberdade Religiosa não está limitado aos cristãos. Defender cristãos perseguidos e expandir a liberdade religiosa também ajudará outros grupos religiosos e minorias perseguidos. Mandeus e yezidis no Iraque, bahaístas e judeus no Irã, ahmadis e hindus no Paquistão, seguidores da Falun Gong na China, budistas no Vietnã, animistas no Sudão, xiitas na Arábia Saudita e muçulmanos em Mianmar, todos sofrem prisão, exílio, tortura e morte nas mãos dos que oprimem os cristãos.

Assim como os cristãos, muitos muçulmanos são perseguidos em razão das leis de apostasia e blasfêmia. No mundo muçulmano, acusações de blasfêmia e punições são usadas não apenas contra aqueles que são tratados como religiosamente insultantes. Também são usadas para atacar aqueles que, incluindo muçulmanos, expressam visões impopulares ou discordantes, sobretudo aquelas que defendem liberdade política ou religiosa. Nos últimos anos, pessoas têm sido acusadas e punidas por blasfêmia porque denunciaram o apedrejamento como uma violação dos direitos das mulheres (Afeganistão),

abriram escolas para meninas (Bangladesh), criticaram o governo clerical (Irã), pediram uma Constituição (Arábia Saudita), rejeitaram a ordem de realizar uma *jihad* violenta (Sudão), oraram diante de sepulturas de parentes (Arábia Saudita), traduziram o Alcorão para o idioma dari (Afeganistão), se opuseram à própria lei da blasfêmia (Paquistão), exigiram que o Alcorão fosse entendido em seu contexto histórico e cultural (Indonésia), ensinaram o xiismo (Egito) e pediram o fim de noivas crianças (Iêmen). Em todos esses casos, as vítimas eram muçulmanas.

Um importante exemplo das mesmas forças que perseguem cristãos e outras minorias religiosas é o caso do Sudão do Sul. Quando o Sudão do Sul se tornou uma nação independente em julho de 2011 — resultado de esforços de um movimento americano grandemente galvanizado por cristãos que se opunham à perseguição —, todos os seus cidadãos se beneficiaram igualmente. Agora, quando o Departamento de Estado dos EUA validou seu relatório anual de 2012, cristãos, animistas e muçulmanos igualmente desfrutam de liberdade religiosa na nova república. Soluções que ajudam cristãos beneficiarão em geral todas as minorias religiosas. Nossa causa é a liberdade religiosa.

“Unidos com eles em oração”

Conhecer as histórias de cristãos que enfrentam perseguição religiosa ao redor do mundo deveria motivar cristãos, entre outros, a, como disse o teólogo católico Michael Novak, “dispormo-nos a obter informações sobre eles e a estarmos unidos com eles em oração”.[14] Enquanto escrevemos, é nossa esperança que cristãos vivendo em liberdade levem em conta em suas orações as pessoas que descrevemos aqui e que procurem maneiras de ajudá-las.

Faith McDonnell, do Instituto de Religião e Democracia, desenvolveu as “Orientações para intercessão” para igrejas.[15]

- Monte um grupo de oração pela igreja perseguida e promova uma vigília de oração durante uma noite inteira ou um dia inteiro.
- Inclua a igreja perseguida nas orações da igreja todos os domingos.

- Imprima panfletos a serem distribuídos junto com boletins informativos contendo pedidos de oração.
- Durante batismos, ore pelos cristãos perseguidos que se converteram do islã e pelos pastores que os batizam sob enorme risco pessoal.
- Leia testemunhos da igreja perseguida.
- Carregue cruzes durante o culto e ore por Dinka e outros sudaneses que carregam cruzes.
- Observe o Dia Internacional de Oração pela igreja perseguida a cada ano.
- Colete e atualize frequentemente matérias sobre a igreja perseguida e coloque numa sala de orações da igreja.
- Use um globo, um mapa-múndi ou um jornal durante os momentos de oração em família.

Cidadãos e política externa

Uma vez que boa parte de nosso foco neste livro está na ação ou falta dela por parte de governos, daremos atenção particular às dimensões políticas da perseguição. Para os americanos, a liberdade religiosa é um direito inalienável dado por Deus, não um privilégio ou um presente concedido pelos governos. A liberdade religiosa é a base sobre a qual os Estados Unidos foram fundados: está preservada na primeira cláusula da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos e também é uma liberdade fundamental em todo acordo internacional importante sobre direitos civis e políticos.

Os Estados Unidos e países livres em geral podem exercer influência significativa no auxílio a crentes perseguidos. Infelizmente, nossos representantes no governo costumam desprezar ou não compreender as perigosas circunstâncias dos cristãos e outras minorias religiosas enquanto fazem política internacional.

Embora, por exemplo, existam 130 mil militares americanos e da Otan no Afeganistão, a última igreja restante naquele país foi arrasada em 2010 depois que seu contrato de arrendamento de 99 anos foi cancelado. O Departamento de Estado dos EUA sabia disso e chegou a relatar o caso em setembro de 2011, mas

não tomou nenhuma medida efetiva para interromper ou reverter o fato. A destruição da última igreja do Afeganistão não gerou os mesmos protestos internacionais que acompanharam a destruição das estátuas budistas de Bamiyan, realizada pelos talibãs em 2001, mas é igualmente emblemática e até mais importante, porque privou uma comunidade religiosa existente de seu único local de culto. Apesar de o povo americano ter apoiado o governo do presidente Karzai financeira e militarmente, o Afeganistão se juntou à infame companhia da Arábia Saudita linha-dura como um país que não tolera igreja alguma. Os cristãos que estão entre os diplomatas e trabalhadores no Afeganistão precisam agora ocultar seus locais de culto.

Pascale, uma mulher cristã cujo nome foi alterado para proteger sua identidade, contou sua história de tentativa de fuga do Iraque por causa da perseguição religiosa.

> Minha amiga foi parada num ponto de verificação na estrada que vai de Bagdá a Irbil. As pessoas dentro do carro tiveram de mostrar sua carteira de identidade para os homens mascarados. Eles puderam ver que ela era cristã com base em seu nome. Eles a arrastaram para fora do carro, fizeram que se ajoelhasse e colocaram uma arma em sua cabeça. Disseram a ela que se convertesse ao islã, caso contrário morreria. Ela se recusou e começou a orar em voz alta. Mas eles não a mataram, pelo menos não imediatamente. Eles a estupraram, e depois ela levou um tiro na cabeça.[16]

Outros exemplos ocorreram no Iraque de 2005 a 2008, quando os Estados Unidos eram a força de ocupação e cerca de cem mil militares americanos estavam ativos ali. Durante aqueles anos, cristãos, mandeus (seguidores de João Batista) e yezidis (religião baseada em anjos e ligada ao zoroastrismo) sofreram terrível perseguição, que por fim levou a uma campanha nacional de “limpeza religiosa” contra não muçulmanos. O número de cristãos agora diminuiu 2/3 em relação a 2003, enquanto outras minorias foram igualmente dizimadas.

Os oficiais da política externa norte-americana pareciam acreditar que seria uma “súplica especial” fazer algo para ajudar os perseguidos, fossem cristãos, mandeus ou yazidis. Quando vinte mil famílias cristãs foram violentamente expulsas do bairro de Dora, em Bagdá, em 2006-2007, a secretária de Estado Condoleezza Rice sustentou que a administração não poderia tomar ações

efetivas para protegê-los de serem assassinados e sequestrados porque não queria que a política americana fosse vista como "sectária".[17] Mas os Estados Unidos já estavam até o pescoço de considerações sectárias; a secretária Rice disse isso na mesma época em que os Estados Unidos realizavam um levante militar contra extremistas islâmicos sunitas. Os Estados Unidos estavam envolvidos em intensos esforços para garantir que sunitas não violentos ganhassem posições no governo iraquiano, que, em razão da derrubada de Saddam Hussein, era governado amplamente por xiitas, a quem a administração havia ajudado politicamente a fortalecer e unificar.

Por fim, seguindo-se ao levante militar americano, a violência geral diminuiu, mas não a violência contra cristãos. Não estamos pedindo privilégios especiais para cristãos, mas consideração *igual*. O problema é que a política americana para o Iraque tinha várias considerações sectárias — exceto quando se tratava de cristãos e outros não muçulmanos, a quem, pelo fato de serem pacíficos, ela consistentemente desprezou.

Cidadãos cristãos

Cremos que todos os cidadãos de qualquer ou nenhuma religião devem se preocupar igualmente com a perseguição de pessoas de qualquer ou nenhuma religião. Contudo, uma vez que os cristãos são o grupo mais amplamente perseguido, a maioria dos americanos que professam ser cristãos possui uma responsabilidade especial de prestar atenção.

Os dois desdobramentos trágicos no Afeganistão e no Iraque ocorreram debaixo de duas administrações diferentes, uma do Partido Democrata e uma do Partido Republicano. Aconteceram sem uma resposta política significativa dos Estados Unidos ou de qualquer outro país ocidental: a verdade nua e crua é que nossos governos não costumam tomar as ações necessárias simplesmente porque é a coisa certa a fazer.

Em geral, as democracias agem com base nas preocupações expressas por seus cidadãos. Contudo, naquela época, o povo americano, incluindo os cristãos, estava tragicamente desconectado. Ao invocar a expressão "ecumenismo dos mártires", do papa João Paulo II, o cardeal Koch, do Vaticano, falou da

preocupação comum e do ativismo em favor dos cristãos perseguidos ao redor do mundo. Ele insistiu:

> Hoje, como cristãos, [...] temos de demonstrar essa esperança [de plena unidade no Corpo de Cristo] de forma crível, ajudando cristãos perseguidos, denunciando publicamente situações de martírio e envolvendo-nos em esforços em favor do respeito pela liberdade religiosa e da dignidade humana.[18]

Cristãos ocidentais e outras pessoas preocupadas devem usar seus direitos de cidadania para defender políticas externas que ajudem a aliviar e encerrar a perseguição religiosa no exterior — certamente não para piorá-la. Devemos nos unir e exercer nossos direitos de falar, reunir e pedir em favor dos que são religiosamente perseguidos.

Usando a "tribuna da ameaça"

A expressão "tribuna da ameaça" [*bully pulpit*, no original] é usada aqui para descrever a pressão política exercida através de discursos e outras exortações por parte do presidente e de outros líderes governamentais influentes. Embora a expressão tenha sido cunhada por Theodore Roosevelt, é um termo infeliz — afinal, quem quer se ameaçado, ou ser conhecido como ameaçador? Mas é o termo herdado, e declarações públicas feitas por pessoas que nós elegemos desempenham um importante papel em eventos determinantes. Eles podem atrair a atenção do mundo, reforçar a ética daqueles a quem defendem, trazer vergonha moral àqueles a quem denunciam e orientar a formação de políticas. Podemos e devemos pedir ao nosso presidente e a outros representantes eleitos que falem em favor dos perseguidos. O presidente e os membros do gabinete podem ajudar a salvar vidas, denunciar e envergonhar perseguidores estrangeiros e, de modo geral, destacar um padrão de perseguição severa, servindo como mapa para orientar políticas administrativas.

Nos primeiros meses de seu mandato em 2001, o presidente Bush, informado pelo presidente da Samaritan's Purse, Franklin Graham, e pressionado por uma coalisão de igrejas, obras de caridade e ativistas, fez um importante discurso destacando a perseguição religiosa a cristãos por parte do regime sudanês. Foi o primeiro reconhecimento de um presidente americano daquela perseguição

catastrófica. Ele veio num tempo em que a dimensão religiosa das atrocidades de Cartum — nós chamaríamos de genocídio — era desprezada pela maioria da mídia. Foi uma poderosa, detalhada e direta condenação dos crimes realizados por Cartum, como bombardeio, escravidão, matança e conversão forçada ao islã, atos realizados contra cristãos e animistas de Nuba e na parte sul do Sudão. Em particular, o presidente Bush afirmou: "O direito de consciência tem sido excluído mediante singular abuso das autoridades sudanesas. Agências de auxílio relatam que a assistência alimentar é às vezes concedida apenas para os que se dispõem a se converter ao islã".[19]

Suas políticas posteriores — encorajadas e reforçadas por pessoas e entidades como o deputado Frank Wolf, o falecido deputado Don Payne, o então senador Sam Brownback, a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, Jimmy Mulla e sua organização sem fins lucrativos Vozes pelo Sudão, o Instituto de Religião e Democracia, o Centro para Liberdade Religiosa e muitos cristãos americanos e suas igrejas, assim como outros ativistas de diferentes religiões e ideologias — resultaram numa cadeia de eventos maravilhosamente bem-sucedida. O presidente apontou um enviado especial para o Sudão, que pavimentou o caminho para o Acordo de Paz Amplo de 2005. Isso, por sua vez, permitiu que o Sudão do Sul, por meio de um referendo, se tornasse um país independente em 2011. O discurso do presidente Bush assinalou um ponto decisivo para a política americana e para a liberdade religiosa futura de milhões de sul-sudaneses.

A "tribuna da ameaça" que não fala

Em profundo contraste com os discursos sobre o Sudão das administrações Bush e Obama, a "tribuna da ameaça" silenciou em relação aos cristãos do Oriente Médio em sua grande hora de necessidade.

Em 1º de novembro de 2010, extremistas islâmicos atacaram a Igreja Católica de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Bagdá durante uma missa de domingo, matando ou ferindo praticamente toda a congregação. Essa atrocidade aconteceu num momento de importância fundamental, quando estava amplamente claro que a violência e o fracasso do governo de Bagdá em proteger

não muçulmanos estavam levando à sua erradicação do Iraque. Isto foi o que a Casa Branca disse:

> Os Estados Unidos condenam veementemente esse ato irracional de captura de reféns e violência realizado por terroristas ligados à Al-Qaeda no Iraque que ocorreu domingo em Bagdá, matando tantos iraquianos inocentes. Nosso coração se condói pelas pessoas do Iraque que sofreram tanto com esses ataques. Oferecemos nossas mais sinceras condolências às famílias das vítimas e a todo o povo do Iraque, vítima desses atos covardes de terrorismo.[20]

Em nenhum momento a nota destaca que os "iraquianos inocentes" atingidos nesse incidente chocante eram todos cristãos, que o massacre ocorreu numa igreja e durante uma cerimônia religiosa num domingo. Ele erradamente descreve como "irracional" aquele que foi um ato de limpeza religiosa totalmente racional, deliberado e horrível praticado contra cristãos alvejados por sua fé.

As condolências vagas e genéricas da Casa Branca se recusaram a descrever a realidade do evento. Aquele bombardeio a uma igreja, um dos setenta ocorridos no Iraque desde 2004, foi o divisor de águas para os cristãos do Iraque; depois disso, muitos concluíram que não haveria futuro para eles no Iraque e, em massa, abandonaram sua antiga terra natal.

Em contraste, em 4 de outubro de 2011 e em 11 de janeiro de 2012, quando duas mesquitas foram vandalizadas em Israel, o Departamento de Estado dos EUA foi específico sobre as vítimas e os motivos:

> Os Estados Unidos condenam fortemente os perigosos e provocativos ataques a uma mesquita na cidade de Tuba-Zangariyye, norte de Israel, ocorrido em 3 de outubro. Odiosas ações sectárias dessa espécie nunca são justificadas.[21]

E acrescentou:

> Os Estados Unidos condenam, nos mais fortes termos possíveis, a mais recente destruição de uma mesquita, ocorrida hoje, assim como o incêndio de três carros, na vila da Cisjordânia de Deir Istiya. Ações detestáveis, perigosas e provocativas como essas nunca são justificadas.[22]

Em outubro de 2011, forças governamentais egípcias massacraram duas dúzias de coptas enquanto realizavam um pacífico protesto de rua na área de Maspero, na cidade do Cairo. Eles se manifestavam justamente para exigir liberdade religiosa diante da violência religiosa salafista contra as igrejas coptas e o fracasso das forças de segurança egípcias em protegê-las. Depois do massacre de Maspero, a Casa Branca declarou: “Agora é um momento em que deve haver moderação de todos os lados, de modo que os egípcios possam seguir juntos para forjar um Egito forte e unido”.[23]

A declaração não fez menção à identidade dos que foram mortos. Também não reconheceu que foram atacados enquanto se manifestavam pedindo liberdade religiosa. Pior, ao pedir moderação “de todos os lados”, criou uma equivalência moral entre as vítimas e seus agressores, que não eram terroristas obscuros ou grupos de justiceiros, mas tropas governamentais apoiadas pela ajuda militar americana. O especialista copta Samuel Tadros comentou ironicamente: “Talvez eu deva me juntar ao presidente em sua preocupação e pedir moderação: conclamo as forças de segurança a parar de matar cristãos e aos cristãos a que parem de morrer”.[24]

Na manhã de Páscoa de 2012, uma igreja protestante em Kaduna, Nigéria, foi atingida por um suicida num carro-bomba que matou 39 pessoas e feriu dezenas, aparentemente uma obra do Boko Haram, a rede salafista cujo objetivo declarado é transformar o maior país da África num Estado governado pela *sharia*. No Natal anterior, o Boko Haram havia bombardeado a Igreja Católica de Santa Teresa, fora da capital Abuja, matando 44 adoradores, e também atacou várias igrejas cristãs nas cidades de Jos, Kano, Gadaka e Damaturu.

Não houve comentário oficial da administração Obama sobre o monstruoso exemplo de perseguição anticristã no dia sagrado da Páscoa. Contudo, em 8 de abril de 2012, ou seja, na Páscoa, a secretária de Estado Hillary Clinton emitiu um comunicado à imprensa. Ela anunciava que “hoje celebramos a história, o impacto e a cultura do povo romani” (antigamente chamados de ciganos) e protestou veementemente contra a Europa, exigindo que ela se tornasse “mais inclusiva”.[25] Para os cristãos do norte da Nigéria, porém, selvagemente atacados

num de seus dias religiosos mais importantes, não houve uma palavra de condolência.

Ainda pior é que, um dia depois do bombardeio à igreja na Nigéria, num fórum sobre a política americana para a Nigéria, realizado no Centro para Estudos Estratégicos e Internacionais de Washington, o secretário assistente de Clinton para assuntos africanos, Johnnie Carson — fazendo vistas grossas à autoproclamada identidade do Boko Haram, seus padrões de comportamento, declarações e o próprio nome, que significa "a educação ocidental é um pecado" —, negou publicamente que o Boko Haram tem motivação religiosa. Ele prosseguiu nessa linha e enfatizou: "A religião não é a força motivadora da violência extremista no norte da Nigéria".[26] Já em junho, a violência havia crescido, com diversos bombardeios a igrejas a cada domingo e alguns cristãos usando violência indiscriminada contra muçulmanos em retaliação.

Carson estava articulando a política oficial americana. Sua teoria é que o Boko Haram está "explorando as diferenças religiosas" para "criar o caos" a fim de protestar contra "serviços ruins prestados pelo governo", pobreza e uma variedade de preocupações relacionadas à boa governança. A Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional descobriu que a violência do Boko Haram está de fato "ligada à religião".[27] Até mesmo o Comitê Nigeriano de Imãs do Território da Capital Federal reconheceu que os bombardeios a igrejas são realizados em nome do islã e os condenou como sendo algo "fora dos padrões".[28]

Mais uma vez, não estamos pedindo privilégios especiais para os cristãos; o problema é que nossos líderes políticos costumam evitar qualquer menção aos cristãos. Está claro que muito mais precisa ser feito pelos Estados Unidos e pelo restante do mundo ocidental.

"Teria sido uma catástrofe permanecer em silêncio"

Alguns membros do Congresso americano estão tentando fazer diferença. Os vigorosos deputados Frank Wolf, Chris Smith, Trent Franks e os falecidos Donald Payne e Tom Lantos realizaram e realizam audiências coletivas de impressa sobre essas questões.

Em 2011, o deputado Wolf apresentou um projeto de lei (HR 440) pedindo ao presidente que indique um enviado especial para a promoção da liberdade religiosa de minorias religiosas no Oriente Médio e no sul da Ásia Central.[29] Essa medida poderia, como o enviado do Sudão no qual ela se baseou, concentrar atenção na perseguição religiosa contra cristãos e outras minorias religiosas onde a perseguição é mais extensa e mais cresce. Contudo, para fazer diferença, qualquer enviado — ou qualquer iniciativa do Congresso — precisa de apoio das bases.

Enquanto outros governos ocidentais pouco dizem sobre o sofrimento atual dos cristãos no Oriente Médio, em 21 de fevereiro de 2011 o Conselho de Ministros do Exterior da União Europeia (UE) "condenou firmemente" a violência recente e os atos terroristas em "vários países" contra cristãos, assim como a peregrinos muçulmanos e outros grupos religiosos. Essa declaração foi resultado de um *lobby* feito pelo Conselho de Conferências Episcopais Europeias, assim como por representantes das igrejas ortodoxa, protestante e anglicana na Conferência de Igrejas Europeias. O cardeal francês Jean-Pierre Ricard reconheceu a "reticência" inicial dos ministros do Exterior da UE em falar e acrescentou: "Teria sido uma catástrofe permanecer em silêncio, ser incapaz de falar".[30] Ele também esperava que os sentimentos expressos pudessem "agora ser traduzidos imediatamente em iniciativas concretas".

Ação política

Umar Mulinde cresceu num lar de forte convicção muçulmana em Uganda, país da África. Seu avô era imã, e Umar foi instruído no pensamento islâmico desde a infância. Suas crenças muçulmanas nunca foram desafiadas até que chegou à universidade, onde se viu diante de outras visões.

Num domingo, Umar visitou uma igreja pela primeira vez. No final do culto, caminhou até a frente da igreja e converteu-se publicamente ao cristianismo. Enquanto saía da igreja, três de seus amigos muçulmanos viram que ele estivera lá dentro. Mais tarde, atacaram-no. "Eu sabia que seria espancado se me tornasse cristão, mas achei que aquilo aconteceria por um tempo e depois pararia. Estava errado."

Com o passar do tempo, Umar pregou o evangelho cristão e não demorou muito até que tivesse uma igreja com uma congregação de mil pessoas. Na noite de Natal de 2011, enquanto saía da igreja, jogaram ácido sobre ele. O lado direito de sua face foi queimado, incluindo o olho e parte das costas. Ele se lembra de ter ouvido seu agressor declarar “Allahu Akbar” três vezes enquanto se esgueirava entre a multidão.

O rosto de Mulinde ficou profundamente marcado pelas cicatrizes, e ele perdeu a visão do olho direito. Ainda sente fortes dores. Todavia, planeja voltar para sua igreja e sua família em Uganda. “Quando me tornei cristão, fui liberto do legalismo, do medo e do ódio. Minha mensagem hoje é a do amor e do perdão de Cristo, e continuarei a pregá-la”.[31]

Um dos maiores desafios enfrentados por aqueles que se preocupam com a liberdade religiosa é o senso de impotência. Uma indiferença paralisante às vezes se instala quando vemos uma epidemia mortal e imensa de intimidação, perseguição e violência como a enfrentada por cristãos ao redor do mundo.

Nós, como cidadãos que vivem em liberdade, não somos incapazes. Às vezes, dentro de nossas circunstâncias, somos capazes de tomar medidas para ajudar: como diplomatas, como membros da comunidade internacional de negócios ou como pessoas comuns iniciando campanhas nas mídias sociais ou na internet, organizando a confecção de cartas e petições em massa para governos opressores no exterior, ou usando música e arte para despertar consciências.

Contudo, um dos meios mais eficazes é usar nossos direitos como cidadãos para influenciar a política externa de nosso governo. Até mesmo em perseguição extrema, pessoas podem ser resgatadas e ajudadas pelas ações e políticas de nosso país. Contamos a história de Abdul Rahman, afegão que foi aos tribunais em favor de sua vida em 2006, depois de se converter ao cristianismo. O Departamento de Estado dos EUA, depois de dizer que esperaria o desenrolar do processo judicial do Afeganistão, lembrou firmemente ao presidente Karzai suas obrigações internacionais com os direitos humanos. Após o caso de Rahman ter se tornado assunto entre os cristãos ocidentais e outros grupos de defesa dos direitos humanos, sua vida foi poupada, e ele foi mandado para fora do país por questões de segurança.

Esses exemplos mostram que podemos fazer diferença. Mas isso geralmente exige um governo influente, aplicando tanto incentivos como pressões para fazer tiranos mudarem suas posições.

Existem diversas ações que podemos e devemos tomar, mas muitas das que causam maior impacto são tomadas mediante políticas externas oficiais. Um grande exemplo disso foi o fim da islamização forçada de cristãos e animistas no Sudão do Sul. Um Sudão do Sul independente nasceu, e a liberdade religiosa foi garantida para milhões de seus habitantes, independentemente de suas crenças religiosas. Como notado antes, o Departamento de Estado dos EUA declarou que não recebeu nenhum relatório de discriminação religiosa ou de abuso no Sudão do Sul no ano seguinte à sua independência.

Entretanto, sem uma base revigorada, nossos líderes políticos frequentemente deixam de agir. Se não agirmos, as igrejas não agirão, poucas ONGs agirão e nosso governo não agirá.

A Lei de Liberdade Religiosa Internacional

Cidadãos comuns podem moldar a política externa de seu país. Nos Estados Unidos, um exemplo é a importantíssima Lei de Liberdade Religiosa Internacional. Essa lei estabeleceu um foco da política externa na liberdade religiosa e um corpo independente para ajudar os que são perseguidos por sua fé. Sua história nos ajuda a descobrir maneiras de agir.

Inflamado pela perseguição habitualmente ignorada pelo *establishment* da política externa americana, um grande movimento de base se juntou em torno daquilo que se tornou a Lei de Liberdade Religiosa Internacional em 1998.[32] A reunião de cúpula sobre perseguição religiosa mundial, promovida por líderes religiosos americanos e realizada em janeiro de 1996, foi um momento de consolidação. Nessa reunião, organizada pelo Centro para Liberdade Religiosa, a Associação Nacional de Evangélicos publicou uma Declaração de Consciência, comprometendo-se solenemente a “fazer tudo o que estiver ao alcance para que o governo dos Estados Unidos tome as ações apropriadas a fim de combater a

intolerável perseguição religiosa que atualmente vitima irmãos de crença e pessoas que professam outra fé".[33]

Isso marcou o início de uma ampla mobilização baseada na fé que derrotou até mesmo oposição ativa por parte dos criadores da política externa, para garantir a aprovação da nova lei. A espinha dorsal desse movimento foi definida pelos participantes da reunião: uma centena de líderes cristãos de destaque, mais tarde acrescidos de judeus, hindus, muçulmanos, budistas, bahaístas e outros representantes de praticamente todo grupo de fé.

Relatório sobre perseguidores religiosos

A Lei de Liberdade Religiosa Internacional ordena que o Departamento de Estado relate anualmente a situação da liberdade religiosa em cerca de duzentos países e territórios estrangeiros e, então, designe e sancione os "Países de Preocupação Específica" — lugares onde a perseguição religiosa é "flagrante, contínua e sistemática". Esses relatórios possuem mais de mil páginas e podem ser acessados pelo *site* <www.state.gov/j/drl/rls/irf/>. Este é hoje o melhor repositório de informação sobre liberdade religiosa do mundo.

Embora ainda haja espaço para melhorias, especialmente no relato de crescentes violações do direito de consciência no Ocidente, esses relatórios estão muito isolados das considerações políticas. Por exemplo, apesar de ter manchado a reputação de parceiro da América no Afeganistão quando a administração Obama lutava para manter apoio público a sua estratégia de guerra, o relatório de 2011 do Departamento de Estado sobre o Afeganistão declarou que a liberdade religiosa estava se "deteriorando" sob o governo Karzai.

Essas respeitadas fontes não sectárias ajudam a compensar a falha de grande parte da mídia principal, que costuma desprezar a situação dos cristãos. David Aikman observou: "Personalidades ocidentais que não se importam em menosprezar evangélicos ainda evitam cuidadosamente ofender muçulmanos. Isso dificulta a crítica da perseguição muçulmana a cristãos".[34] Outros possuem pontos cegos seculares e preferem cobrir prisioneiros políticos, e não prisioneiros religiosos, quando abordam a questão dos direitos humanos como um todo.[35]

Filhos da Lei de Liberdade

A Lei de Liberdade Religiosa Internacional também criou a Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, indicada por meio de uma base bipartidária pelo presidente, a Câmara dos Representantes e o Senado. É uma agência independente encarregada de recomendar os piores perseguidores do mundo ao *status* de "Países de Preocupação Específica" e sugerir políticas externas independentes ao governo.[36]

A Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional desempenhou papel fundamental na recomendação de políticas para o encerramento das disputas entre o sul e o norte no Sudão e levou o Departamento de Estado a designar como perseguidores "flagrantes" países como China, Arábia Saudita e Uzbequistão. Ela mantém o foco nas atrocidades religiosas flagrantes de nossos parceiros comerciais e aliados estratégicos — Vietnã, Paquistão, Turquia, Iraque e Egito — quando talvez o Departamento de Estado não o faça. Canadá, Holanda, Alemanha e Filipinas estão agora examinando o modelo da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional.

Ao adotar a Lei de Liberdade Religiosa Internacional, uma ampla coalizão entre fés prevaleceu sobre um bem montado *lobby* comercial e de influentes personalidades do *establishment*, como a então secretária de Estado Madeleine Albright (que desde então graciosamente abriu mão de sua oposição). Desde a aprovação da Lei de Liberdade Religiosa Internacional, porém, enquanto indivíduos e organizações realizam um trabalho importante e heroico, a coalizão por trás dela foi em grande parte desmontada.

Por ter perdido a atenção pública, a Lei de Liberdade Religiosa Internacional não é plenamente eficaz. Ela produz relatórios em geral excelentes pelo Departamento de Estado e recomendações por parte da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, mas a política americana muitas vezes deixa de incorporar suas descobertas e de agir de acordo com elas.

Nas democracias, os líderes políticos respondem quando os eleitores se importam com o problema. Devemos lembrar aos eleitos a importância da liberdade religiosa. Quinze anos atrás, o núcleo de um grupo de ativistas e

líderes religiosos trabalhou com líderes do Congresso para trazer à tona uma questão importante: uma mobilização nacional de base entre fés para concentrar e institucionalizar a preocupação pela liberdade religiosa na política externa dos Estados Unidos. Essa questão precisa ser levantada novamente.

Como mostram as notas espalhadas por todo o livro, você pode agora, como não podia há vinte anos, usar a internet para reunir mais informações, oferecer ajuda financeira e escrever para cristãos aprisionados ou que enfrentam outras dificuldades. Essa informação pode ser enviada para deputados, senadores e a presidência, pedindo ações específicas.

Nossa prioridade deve ser apontar um enviado especial para a promoção de liberdade religiosa entre as minorias religiosas no Oriente Médio e no sul da Ásia Central. Um enviado poderia ser um ponto central para a política externa, apoiado por um fluxo constante de informações. A influência de um enviado dependerá grandemente do apoio público.

Carregando o fardo dos outros

O mundo está mudando rapidamente. A Primavera Árabe perturba o Oriente Médio. A Coreia do Norte tem um novo líder. O Sudão do Sul alcança a independência. A China está numa transição de longo prazo e Mianmar está se abrindo. A ditadura de Castro em Cuba e a monarquia da Arábia Saudita estão caducando. O que virá a seguir? Obviamente, não sabemos, mas está claro que muito mais precisa ser feito pelos Estados Unidos e pelo restante do Ocidente, especialmente por cristãos que têm liberdade para falar.

Diante de nosso mundo em mutação e cada vez mais perigoso, somos chamados a carregar o fardo daqueles que tentam carregar a cruz de maneiras que mal podemos imaginar. As sábias palavras de Dietrich Bonhoeffer, pastor cristão que morreu num campo de concentração nazista por resistir à injustiça de Hitler, ressoam hoje como talvez nunca antes. Que elas se tornem uma reflexão para todo que ora e vigia em favor dos cristãos perseguidos ao redor do mundo. Que elas nos inspirem a seguir em frente com sabedoria, coragem e força no meio da perseguição.

O cristianismo se levanta ou cai com seu protesto revolucionário contra a violência, a arbitrariedade e o orgulho do poder e com sua defesa em favor do fraco.

Os cristãos estão fazendo muito pouco para deixar esses pontos claros. A cristandade se ajusta com facilidade excessiva à adoração ao poder.

Os cristãos devem ser mais ofensivos — chocar mais o mundo — do que estão sendo agora. Os cristãos devem assumir uma posição mais forte em favor do fraco, em vez de considerar primeiramente o possível direito do forte.

Pastor Dietrich Bonhoeffer,
sermão sobre 2Coríntios 12.9

Posfácio

Reverendíssimo Charles J. Chaput, O.F.M., Cap., D.D., arcebispo de Filadélfia

“Amados, não se surpreendam com o fogo que surge entre vocês para os provar, como se algo estranho lhes estivesse acontecendo. Mas alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo...” Assim escreveu o apóstolo Pedro aos primeiros cristãos. E assim continua a história.

No mundo profundamente perturbado de hoje, não podemos mais nos surpreender diante do “fogo” contínuo enfrentado pela comunidade cristã global. Tragicamente, ele não é nem estranho nem incomum — de fato, estamos vivendo numa era de aumento da perseguição anticristã. E, embora as Escrituras afirmem que a perseguição por causa da justiça sempre estará conosco, isso dificilmente dá a nós, que não somos perseguidos, um álibi para a complacência ou a resignação quando vemos cristãos e outras minorias religiosas enfrentando atrocidades insondáveis.

A Bíblia nos dá orientações claras para ajudarmos os perseguidos. Ela nos desafia a orar por eles como a igreja toda se reuniu em oração pela libertação dos prisioneiros Pedro e Paulo. Por repetidas vezes, na história do Bom Pastor, na parábola do bom samaritano, na exortação de Paulo à igreja para que usasse a oportunidade para “fazer o que é correto aos olhos de todos” e nos responsabilizássemos em especial pelos “da família da fé”, a Palavra nos chama a ações amorosas como um imperativo moral. E, como aprendemos em Atos dos Apóstolos, quando Paulo se viu prestes a ser assassinado por uma multidão irada, apelou para ter um processo legal adequado e uma audiência justa diante de César, valendo-se de seus direitos civis e legais de cidadão romano.

Ao ler as páginas anteriores, não podemos deixar de ficar chocados diante dos inúmeros relatos dolorosos vindos de vários lugares do mundo. A cada dia, milhões de mulheres, homens e crianças enfrentam perseguição, prisões e até mesmo a morte simplesmente por causa de sua fé em Jesus Cristo. São forçados a suportar esses abusos porque um de seus direitos humanos mais fundamentais foi violado: o direito à liberdade religiosa.

O direito de uma pessoa à liberdade religiosa debaixo da proteção da lei é uma pedra fundamental da dignidade humana. Ninguém, esteja agindo em nome de alguma motivação política ou de ideologia religiosa, tem a autoridade de intervir nesse direito humano básico.

A liberdade religiosa inclui sermos capazes de cultuar como escolhermos fazê-lo. Também é a liberdade de pregar, ensinar e praticar nossa fé abertamente e sem medo. E envolve ainda mais que isso. A liberdade religiosa inclui o direito de crentes, líderes e comunidades religiosas de participar de maneira ativa na vida pública da nação.

A liberdade de religião pressupõe duas coisas.

Primeiro, “liberdade de religião” presume que temos livre-arbítrio como parte de nossa dignidade humana básica. E, porque podemos considerar e escolher livremente, muitas vezes discordaremos sobre a natureza de Deus e o melhor caminho para conhecê-lo. Alguns optarão por não crer em Deus de modo algum — e eles obviamente têm direito à sua descrença.

Segundo, “liberdade de religião” presume que questões sobre Deus, eternidade e o propósito da vida humana realmente possuem importância vital para a felicidade humana. Assim, devemos ter liberdade de buscar e pôr em prática sem interferência governamental as respostas que encontrarmos para essas perguntas básicas.

Alguns anos atrás, recebi uma carta de um ex-oficial das Forças Especiais e formado em West Point — um veterano de carreira do Exército — servindo em Bagdá como especialista em segurança para autoridades iraquianas.

Sendo católico, ele me escreveu sobre a perturbação e a violência que os cristãos iraquianos enfrentam como parte de sua rotina diária. Ele sabia, como muitos ainda não sabem, que grandes comunidades cristãs árabes já floresceram

um dia no Oriente Médio. Com o passar dos séculos, sob a pressão de formas repressivas do islã, as populações cristãs diminuíram lentamente. Mas os últimos cem anos têm sido especialmente brutais para os cristãos da região.

Na carta, ele escreveu:

> Conheci muitos cristãos [iraquianos] sobreviventes, dos ritos católicos tanto orientais quanto ortodoxos, que trabalham aqui na Zona Internacional [de Bagdá]. Soube de forma acadêmica sobre o massacre dos [cristãos] armênios pelos turcos otomanos em 1915. O que eu não sabia era que muitas das áreas atualmente ocupadas pelos curdos — [sudeste da] Turquia, norte do Iraque e noroeste do Irã — eram originariamente [...] cristãs. Sem ter contingente suficiente para matar todos os cristãos presentes em seu império, os otomanos "repassaram" a tarefa da destruição dos cristãos aos povos a quem eles haviam conquistado. Mais de 750 mil foram diretamente assassinados ou morreram de doenças, abandono às intempéries ou fome. O que está acontecendo agora [no Iraque] causa enorme efeito sobre os cristãos restantes aqui também.

Discriminação, privação de direitos e até derramamento de sangue contra cristãos: todas essas indignações têm um histórico longo e perturbador no Oriente Médio, que *antecede* o colonialismo ocidental e as intervenções norte-americanas em muitos anos. O terrível ataque e as mortes na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (também conhecida como "Nossa Senhora do Livramento"), uma comunidade católica do rito oriental em Bagdá detalhada no capítulo 8 deste livro, é um exemplo dramático numa longa sequência de atos brutais planejados para destruir — seja por morte, seja por expulsão — a antiga comunidade cristã iraquiana. Observadores descrevem com precisão a contínua violência anticristã no Iraque como uma forma de "limpeza religiosa". Numa carta recente enviada aos irmãos católicos bispos, clérigos e leigos por todos os Estados Unidos, Mar Barnaba Yousif Habas — bispo da Diocese Católica Siríaca de Nossa Senhora do Livramento, que abrange Estados Unidos e Canadá — apelou por nossa solidariedade e nossas orações. Ele advertiu que estamos "testemunhando um genocídio constante e um êxodo forçado [dos cristãos iraquianos] porque são cristãos, e apenas por causa de sua fé".

A chamada Primavera Árabe, que se iniciou em 2011, recebeu cobertura ampla e positiva da mídia. Mas uma parte muito pequena dessa cobertura mencionou que a agitação nos países muçulmanos também criou uma situação bastante perigosa para cristãos e outras minorias religiosas no norte da África e no

Oriente Médio. No Egito, multidões enraivecidas atacaram igrejas e mosteiros cristãos, queimando-os totalmente e assassinando as pessoas que estavam dentro. Cristãos fugiram em grande número da violência anticristã no Iraque e na Síria. Enquanto isso, na Arábia Saudita é ilegal possuir uma Bíblia ou usar um crucifixo. No Paquistão, os cristãos enfrentam prisão, espancamento e até a morte diante de acusações de blasfêmia contra o islã por palavras ou atos que não podem ser comprovados por nenhuma evidência.

O Paquistão tem uma das leis antiblasfêmia mais duras do mundo, a qual criminaliza a difamação do islã, e isso resulta em graves abusos aos direitos humanos. Alegações de blasfêmia, que costumam ser falsas e usadas para intimidar ou como acerto de contas, já resultaram em detenção prolongada de ahmadis, cristãos, hindus e membros de outras comunidades religiosas minoritárias, assim como de muçulmanos cuja visão é considerada ofensiva por extremistas religiosos. As penalidades criminais por blasfêmia incluem a pena de morte ou uma sentença de prisão perpétua. Quem julga aquilo que constitui uma blasfêmia, termo aberto à interpretação arbitrária? Em geral, extremistas muçulmanos que agitam multidões e ameaçam com violência aberta até que uma condenação legal seja feita. As liberdades fundamentais de crença e expressão estão entre as vítimas.

Também precisamos lembrar que a liberdade religiosa está debaixo de cerco em muitas outras culturas e países. Remanescentes do comunismo ainda importunam, aprisionam, torturam e matam cristãos em países como China, Vietnã, Laos, Cuba e talvez mais flagrantemente na Coreia do Norte. Autoridades estatais que não conseguem tolerar cidadãos que servem a uma autoridade mais elevada e divina maltratam cristãos em lugares como Eritreia, Mianmar e em vastas porções da antiga União Soviética. Em todo lugar onde os cristãos se recusarem a dobrar os joelhos perante governantes terrenos que desejam aquilo que pertence a Deus, a perseguição é enorme.

Em sua mensagem do Dia Mundial da Paz, alguns anos atrás, o papa Bento XVI verbalizou sua preocupação sobre a prevalência em todo o mundo de “perseguição, discriminação, atos terríveis de violência e intolerância religiosa”. Enfrentamos hoje uma crise global de liberdade religiosa. Não há nada de

remoto ou teórico em relação a essa intolerância; ela é amargamente real. É sofrida por homens, mulheres e crianças que pertencem à família de Jesus Cristo; para os cristãos do Ocidente, eles são *nossa* família, *nossa* igreja, *nossos* irmãos e irmãs. Se os ignorarmos, ignoramos nosso batismo. Como bispo católico, tenho uma preocupação natural pelo fato de as minorias cristãs na África e na Ásia receberem o golpe principal da discriminação religiosa e da violência de hoje. O papa notou esse mesmo fato em seus comentários.

Devemos sempre nos lembrar de que cristãos não são as únicas vítimas. Dados do Pew Forum on Religion and Public Life são perturbadores. Mais de 70% das pessoas do mundo vivem hoje em nações onde a liberdade religiosa é gravemente restringida. Como os autores deste livro documentaram, essa horrível realidade só piora. Princípios que os americanos consideram óbvios — a dignidade da pessoa humana, a santidade da consciência, a separação da autoridade política e da sagrada, a distinção entre a lei secular e a religiosa, a ideia de sociedade civil preexistente e distinta do Estado — não são amplamente aceitas em outros lugares.

O sistema de leis internacionais do mundo moderno está fundamentado na pressuposição de valores universais compartilhados por pessoas de todas as culturas, etnias e religiões. No século 16, o padre espanhol dominicano Francisco de Vitória anteviu algo semelhante à Organização das Nações Unidas. Um governo internacional de leis é possível, disse ele, porque existe uma "lei natural" inscrita no coração de toda pessoa, um conjunto de valores que são universais, objetivos e imutáveis. O teólogo e padre americano do século 20 John Courtney Murray defendeu o mesmo caminho. A tradição da lei natural presume que homens e mulheres são religiosos por natureza e que nascemos com um anseio inato por transcendência e verdade.

Essas pressuposições estão no âmago da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Muitas das pessoas que trabalharam nessa declaração, como o grande filósofo francês Jacques Maritain, acreditavam que essa carta de liberdade internacional também refletia a experiência americana.

O famoso artigo 18 da declaração afirma: "Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de

religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular".

Nesse sentido, portanto, o modelo americano já foi aplicado. O que vemos hoje é um repúdio desse modelo por regimes ateus e ideologias seculares, e também infelizmente por versões militantes de algumas religiões não cristãs. A situação global é piorada pela inação de nossa liderança nacional em promover ao mundo uma das maiores qualidades da América: a liberdade religiosa.

Isso é lamentável por muitas razões, sobretudo porque precisamos urgentemente de uma discussão honesta sobre o relacionamento entre o islã e as pressuposições do Estado democrático moderno. Na diplomacia e no diálogo inter-religioso, precisamos encorajar uma teologia islâmica pública que seja tanto fiel às tradições muçulmanas quanto aberta às normas liberais. Uma distinção sadia entre o sagrado e o secular, entre a lei religiosa e a lei civil, é fundamental para as sociedades livres. Cristãos, e especialmente os católicos, aprenderam da pior maneira que o casamento da Igreja com o Estado raramente funciona. Por um lado, a religião termina sendo a perdedora, tornando-se um ornamento ou apenas um capelão particular de César. Por outro lado, *todas as teocracias são utópicas* — e toda utopia termina perseguindo ou assassinando os dissidentes que não podem ou não querem ser leais às suas alegações de bem-aventurança universal.

Este é um momento que determina quem realmente somos como pessoas de fé. Não podemos resolver os problemas do mundo. Mas *podemos* ajudar aqueles que estão sofrendo por sua fé e simplesmente tentando viver em paz com seus vizinhos em terras que eles chamam de lar há séculos, muito antes da chegada do islã.

Por favor, ore pelas comunidades cristãs e outras minorias religiosas que são perseguidas neste momento, em qualquer país onde possam estar.

Não podemos mudar a direção do mundo sozinhos ou por nossos esforços. Mas esse não é o nosso trabalho. Nosso chamado é deixar que Deus *nos mude*, e, então, por nosso intermédio, Deus mudará os outros e o mundo.

Nossa tarefa central para aqueles de nós que vivem em países livres é lembrar a quem elegemos os fatos da perseguição religiosa — incluindo a violência anticristã — ao redor do mundo. Outra tarefa igualmente vital é *pressionar* os eleitos a garantir que a liberdade religiosa no exterior para todos os indivíduos se torne uma prioridade real para a Casa Branca e nossa diplomacia internacional.

Por favor, entre em contato com seus senadores e deputados. Insista com eles para que garantam que o governo de seu país esteja fazendo tudo o que puder para se opor à perseguição religiosa e faça avançar a liberdade religiosa por todo o mundo. Durante os anos em que servi como membro da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional, observei pessoalmente como tal intervenção pode poupar vidas, resultar em libertação de prisioneiros e resgatar pessoas de opressão indizível.

Foram simplesmente apelos como estes que causaram um feito extraordinário da política externa para os cristãos e animistas do Sudão do Sul: ali, a limpeza religiosa perpetrada durante mais de duas décadas pelo regime fanático da Frente Islâmica no norte do Sudão, somou até o ano de 2005 a morte de dois milhões de inocentes. Naquele ano, a política americana forjada nos quatro anos anteriores começou a fazer efeito e pavimentou o caminho para que, em 2011, o Sudão do Sul se tornasse uma nação independente e livre do controle de Cartum. Em 2012, o Departamento de Estado dos EUA relatou que, durante seu primeiro ano como nação independente, o novo governo do Sul "respeitou a liberdade religiosa na lei e na prática". Além disso, não houve "relatos de abusos sistemáticos da liberdade religiosa ou discriminação contra indivíduos com base em sua afiliação religiosa, crença ou prática, e líderes sociais de destaque deram passos positivos para promover a liberdade religiosa". Em outras palavras, inflamada por cidadãos preocupados, a ação da diplomacia americana interrompeu o genocídio religioso e abriu o caminho para a verdadeira liberdade religiosa onde todos, de todas as religiões, podem agora orar livremente e praticar sua religião. A diferença que podemos fazer ao usar nossos direitos de cidadania é impressionante!

Ignorância em relação ao mundo é um luxo que não podemos ter. Devemos conhecer nossa fé, conhecer nosso mundo e suas lutas — e então abrir nosso

coração, envolver nossa mente e erguer nossas mãos.

Referências bibliográficas

Bharat Publications. *Our Nationhood Defined.* Nagpur: Bharat Publications, 1939.

Boyd-MacMillan, Ron. *Faith That Endures: The Essential Guide to the Persecuted Church.* Grand Rapids: Revell, 2006.

Center for Religious Freedom. *Saudi Publications on Hate Ideology Invade American Mosques*. Washington, DC: Freedom House, 2005.

Cox, Caroline; Rogers, Benedict. *The Very Stones Cry Out: The Persecuted Church: Pain, Passion and Praise.* London: Continuum, 2011.

Daniel, Wallace L. *The Orthodox Church and Civil Society in Russia*. College Station, TX: TAMU Press, 2006.

Forte, David. *Studies in Islamic Law.* San Francisco: Austin & Winfield, 1999.

Ghougassian, Joseph. *The Knight and the Falcon: The Coming of Christianity in Qatar, a Muslim Nation.* Escondido, CA: Lukas and Sons Publishers, 2008.

Gilbert, Lela; Zelensky, Elizabeth. *Windows to Heaven: Introducing Icons to Protestants and Catholics*. Grand Rapids: Brazos, 2005.

Gilbert, Lela. *Baroness Cox: Eyewitness to a Broken World*. Grand Rapids: Monarch Books, 2007.

Grizwold, Eliza. *The Tenth Parallel: Dispatches from the Fault Line Between Christianity and Islam*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2010.

Jenkins, Philip. *The Lost History of Christianity: The Thousand-Year Golden Age of the Church in the Middle East, Africa, and Asia — and How It Died*. New York: HarperOne, 2008.

_____ . *The New Faces of Christianity: Believing the Bible in the Global South.* New York: Oxford University Press, 2006.

_____ . *The Next Christendom: The Coming of Global Christianity*. New York: Oxford University Press, 2002.

Kissinger, Henry. *Does America Need a Foreign Policy?* New York: Simon and Schuster, 2001.

Mangalwadi, Vishal et al. *Burnt Alive: The Staines and the God They Loved*. Mumbai: GLS Publishing, 2000.

Marshall , Paul; Gilbert, Lela. *Their Blood Cries Out.* Dallas: Word, 1997.

Marshall, Paul; Gilbert, Lela; Green, Roberta Ahmanson. *Blind Spot: When Journalists Don't Get Religion.* New York: Oxford University Press, 2008.

Marshall, Paul; Shea, Nina. *Silenced: How Apostasy and Blasphemy Codes Are Choking Freedom Worldwide*. New York: Oxford University Press, 2011.

Marshall, Paul; Gilbert, Lela; Green, Roberta. *Islam at the Crossroads: Understanding Its Beliefs, History and Conflicts*. Grand Rapids: Baker, 2002.

Marshall, Paul. *Egypt's Endangered Christians*. Washington: Freedom House, 1999.

_____ . *God and the Constitution: Christianity and American Politics*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2002.

_____ . *Massacre at the Millennium.* Washington: Freedom House, 2001.

_____ . *Radical Islam's Rules: The Worldwide Spread of Extreme Shari'a Law*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2005.

_____ . *Religious Freedom in the World.* Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2007.

_____ . *The Rise of Hindu Extremism and the Repression of Christian and Muslim Minorities in Índia*. Washington: Freedom House, 2003.

_____ . *The Talibanization of Nigeria: Sharia Law and Religious Freedom.* Washington: Freedom House, 2002.

Meral, Ziya. *No Place to Call Home*. Surrey, UK: Christian Solidarity Worldwide, 2008.

Moeller, Carl; Hegg, David W. *The Privilege of Persecution.* Chicago: Moody, 2011.

Noll, Mark A.; Nystrom, Carolyn. *Clouds of Witnesses: Christian Voices from Africa and Asia*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2011.

Noll, Mark. *The New Shape of World Christianity*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.

Oden, Thomas C. *How Africa Shaped the Christian Mind: Rediscovering the African Seedbed of Western Christianity*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007.

Pontifex, John; Newton, John, eds. *Persecuted and Forgotten? A Report on Christians Oppressed for their Faith, 2011 Edition.* Sutton, Surrey, UK: Aid to the Church in Need, 2011.

Puebla Institute. *Cuba: Castro's War on Religion.* Washington, DC: Puebla Institute, maio de 1991.

Rabasa, Angel. *Radical Islam in East Africa*. Santa Monica: RAND, 2009.

Reimer, Reg. *Vietnam's Christians: A Century of Growth in Adversity*. Pasadena: William Carey Library, 2011.

Rogers, Benedict. *A Land Without Evil: Stopping the Genocide of Burma's Karen People*. Grand Rapids: Kregel Publications, 2004.

_____ . *Carrying the Cross.* Christian Solidarity Worldwide, 2006.

Sabine, George Holland; Thorson, Thomas Landon. *History of Political Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.

Shea, Nina. *In the Lion's Den.* Nashville: Broadman and Holman, 1997.

The Pew Forum on Religion and Public Life. *Global Christianity: A Report on the Size and Distribution of the World's Christian Population.* Washington, DC: Pew Research Center, 2011.

Thiessen, Elmer John. *The Ethics of Evangelism: A Philosophical Defense of Proselytizing and Persuasion.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 2011.

Tierney, Brian. *Religion, Law and the Growth of Constitutional Thought, 1150–1650*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

Tieszen, Charles L. *Re-Examining Religious Persecution: Constructing a Theological Framework for Understanding Persecution*. Johannesburg: AcadSA Publishing, 2008.

Ware, Timothy. *The Orthodox Church.* New York: Penguin, 1993.

Sites consultados

Agenzia Fides, <http://www.fides.org>.

Al Arabiya, <http://www.alarabiya.net>.

Al Jazeera, <http://www.aljazeera.com>.

Al-Ahram Weekly, <http://weekly.ahram.org.eg>

American Center for Law and Justice [Centro Americano para Lei e Justiça], <http://aclj.org>.

Anistia International, <http://www.amnesty.org/>.

Arab News, <http://www.arabnews.com>.

Asia One News, <http://www.asiaone.com>.

Assist News Service, <http://www.assistnews.net>.

Assyrian International News Agency, <http://www.aina.org>.

Bangkok Post, <http://www.bangkokpost.com>.

Barnabas Aid, <http://www.barnabasfund.org>.

BBC News, <http://news.bbc.co.uk>.

BERNAMA News Agency, <http://kpdnkk.bernama.com>.

Bianet News, <http://www.bianet.org>.

Bikyamasr, <http://bikyamasr.com>.

BosNewsLife, <http://www.bosnewslife.com>.

British Pakistani Christian Association, <http://britishpakistanichristian.blogspot.com>.

Burma News International, <http://bnionline.net>.

Business Journals, <http://www.bizjournals.com>.

Cathnews-India, <http://www.cathnewsindiacom>.

Catholic News Agency, <http://www.catholicnewsagency.com>.

Catholic News Service, <http://www.catholicnews.com>.

Catholic World News, <http://www.catholicculture.org>.

China Aid, <http://www.chinaaid.org>.

Christian Post, <http://global.christianpost.com>.

Christian Science Monitor, <http://www.csmonitor.com>

Christian Solidarity International and Coptic Foundation for Human Rights, <http://csi-int.org>.
Christian Solidarity Worldwide, <http://www.csw.org.uk>.
Christianity Today, <http://www.christianitytoday.com>.
CNN, <http://www.cnn.com>.
Commentary, <http://www.commentarymagazine.com>.
Common Ground News Service, <http://www.commongroundnews.org>.
Compass Direct News, <http://www.compassdirect.org>.
Current Trends in Islamist Ideology, <http://www.currenttrends.org>.
Daily News Egypt, <http://www.thedailynewsegypt.com>.
Daily Star, <http://www.dailystaregypt.com>.
Daily Trust News, <http://allafrica.com/stories>.
Economist, <http://www.economist.com>.
Family Security Matters, <http://www.familysecuritymatters.org>.
Fidei Donum, <http://fideidonum.wordpress.com>.
Foreign Affairs, <http://www.foreignaffairs.com>.
Foreign Policy, <http://shadow.foreignpolicy.com>.
Forum 18, <http://www.forum18.org>.
FrontPage Magazine, <http://archive.frontpagemag.com>.
Global Museum on Communism, <http://www.globalmuseumoncommunism.org>.
Gospel for Asia, <http://www.gfa.org>.
Guardian, <http://www.guardian.co.uk>.
Huffington Post, <http://www.huffingtonpost.com>.
Human Rights Watch, <http://www.hrw.org>.
Human Rights Without Frontiers, <http://www.hrwf.org>.
Hurriyet Daily News, <http://www.hurriyetdailynews.com>.
Interfax Religion News, <http://www.interfax-religion.com>.
International Relations and Security Network, <http://www.isn.ethz.ch>.
International Society for Human Rights, <http://www.ishr.org>.
International Viewpoint Online Magazine, <http://internationalviewpoint.org>.
Irrawady, <http://www2.irrawaddy.org>.

Jakarta Globe, <http://setara-institute.org>.
Jakarta Post, <http://www.thejakartapost.com>.
Journal Chrétien, <http://www.journalchretien.net>.
Karen Human Rights Group Update, <http://www.khrg.org>.
Malaysian Insider, <http://www.themalaysianinsider.com>.
Marist Fathers, <http://www.maristfathers.org.au>.
Middle East Times, <http://www.metimes.com>.
Militant Islam Monitor, <http://www.militantislammonitor.org>.
Mission Network News, <http://www.mnnonline.org>.
Mizzima, <http://www.mizzima.com>.
National Review Online, <http://www.nationalreview.com>.
New Straits Times, <http://www.malaysianbar.org>.
New York Times, <http://www.nytimes.com>.
Open Doors, <http://www.opendoorsusa.org>.
Oriente Cristiano, <http://orientecristiano.com>.
Physicians for Human Rights Report, <http://www.phr.org.il>.
Press Trust of India, <http://www.zeenews.com>.
Radio Free Europe/Radio Liberty, <http://www.rferl.org>.
Refugees International, <http://www.refintl.org>, <http://www.refugeesinternational.org>.
Religious Liberty Monitoring, <http://elizabethkendal.blogspot.com>.
Religious Tolerance, <http://www.religioustolerance.org>.
Reporters Without Borders, <http://en.rsf.org>.
RT News, <http://rt.com>.
Russia Religion News, <http://www2.stetson.edu>.
South Asian Connection, <http://www.southasianconnection.com>.
Southeast Asian Press Alliance, <http://www.seapabkk.org>.
Spero News, <http://www.speroforum.com>.
Spiegel Online, <http://www.spiegel.de/international>.
Star Online, <http://thestar.com>.
Telegraph, <http://www.telegraph.co.uk>.
The Pew Forum on Religion and Public Life, <http://www.pewforum.org>.

Times of India, <http://articles.timesofindia.indiatimes.com>.
Today's Zaman, <http://www.todayszaman.com>
UCA News, <http://www.ucanews.com>
Union of Catholic Asian News, <http://www.ucanews.com>.
USA Today, <http://www.usatoday.com>.
Vanguard, <http://www.vanguardngr.com>.
Wall Street Journal, <http://online.wsj.com>.
Washington Times, <http://www.washingtontimes.com>.
Weekly Standard, <http://www.weeklystandard.com>.
World, <http://www.worldmag.com>.
World Evangelical Alliance, <http://www.worldevangelicals.org>.
World Evangelical Alliance Research Liberty Commission, <http://worldea.org>.
Worthy Christian News, <http://www.worthynews.com>.
Zenit, <http://www.zenit.org>.

Índice remissivo

A

Abai (fundador da escola cristã no Quirguistão) 1, 2
Abbad, Mohamed 1
Abbad, Muhammad Abbad 1
Abbotabad 1
Abdal, Thaier Saad 1
Abdullah II (rei da Jordânia) 1
Abera, Abraham 1, 2
Abera, Bertukan 1
abortos 1, 2
  na China 1
  na Coreia do Norte 1
Abuja, bombardeio ao quartel-general da ONU 1, 2, 3, 4
abusos aos direitos humanos, documentação na Coreia do Norte 1
Academia Chinesa de Serviço Social 1
ações no Ocidente, morte de cristãos 1
Acordo de Panglong 1
Acordo de Paz Amplo de 2005 (Sudão) 1
Adam, Jean 1
Adam, Scott 1
Administração Governamental para Assuntos Religiosos (AGAR) 1
Advani, L. K. 1
adventistas do sétimo dia, no Tajiquistão 1
Afeganistão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
  abuso de cristãos 1
  atrocidades do Talibã 1
  Constituição de 2004 1
  conversão de muçulmanos 1
  destruição da última igreja 1
  impacto da comunidade internacional 1

África 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18
Afwerki, Isaias, 1, 2, 3
Agência de Serviços Estudantis da Indonésia (LPMI) 1
Agenzia Fides 1
Agos (jornal semanal armênio) 1
Agostinho de Hipona, Santo 1
Ahmadinejad, Mahmoud 1, 2
ahmadis 1, 2, 3, 4, 5, 6
Ahmed, Bashir Musa 1
Aikman, David 1, 2
AINA.org 1
Ajuda à Igreja que Sofre 1
Akhavan, Sara 1
Alaabadi, Emad 1
Al-Badri, Youssef 1
al-Bashir, Omar 1
al-Bidari, Aziz Rizko Nissan 1
Albright, Madeleine 1
Alcorão, resposta ao rumor de profanação 1
al-Dayr, Mundhir (padre) 1
Al-Fawzan, xeique Saleh 1
al-Hadi, Abd Rabbuh Mansur 1
Al-Harbi, Mohammed 1
Ali, Amin 1
Aliança das Minorias do Paquistão 1
Aliança Evangélica Mundial 1, 2
Ali, Hasan 1
Ali, Howida 1, 2
Ali, Ibrahim 1
Al Jazeera 1, 2, 3
Allaberdiev, Rovshen 1
Alá 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
al-Maliki, Hassan 1
Al-Mutairi, Fatima 1, 2
Al-Oudah, xeique Salman 1
Al-Qaeda 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17
  Al-Shabab, ligações com a 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
  Ataque de 11 de setembro de 2001 1
  na Nigéria 1, 2, 3, 4, 5
al-Qaspotros, Meyassr 1
Al Sammak, Jabir Hikmet 1
  Al-Shabab 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

al-Sheikh, Abdulaziz ibn Abdullah Al 1
Alton, David 1
Altun, Murat 1
Al-Zawahiri, Ayman 1
Al-Zawahiri, Ayman, do Al- -Shabab 1
América Latina 1
Andhra Pradesh (Índia) 1
Andom, Yemane Kahasay 1
Andu, Terhase Gebremichel 1
Anistia Internacional 1
Ankawa (Iraque) 1
Anna (menina cristã em Lahore), sequestro 1
antissemitismo, na Rússia 1
Antonios, Bune 1
apostasia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
Apóstolo André, Mosteiro do 1
Appuhamy, Winton 1
Arábia Saudita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48
  coragem dos moderados 1
  ensinamentos sobre não muçulmanos 1
  exportação de ideológica 1
  intolerância religiosa 1
  perigos da conversão 1
  policiais religiosos 1
  prisão e abuso sexual 1
  prisão por oração cristã 1
  proibição a todas as igrejas 1
  razão para proibir igrejas 1
  trabalhadores estrangeiros 1
aramaico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
arameus 1
Arastamar, Escola Evangélica de Teologia de 1
Arbow, Batula Ali 1
Argélia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
Armênia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
Arif, Aroon 1
Arya, Makan 1
Aseervathampillai, Manuel 1
Asgedom, Hana Hagos 1
Asgedom, Mehari Gebreneguse 1
Asi, Khalid Rashid (padre) 1

asilo para cristãos afegãos 1
Asnia, Ramesh V. 1
Assadullah, Shoaib 1
Assembleia de Deus, igreja, em Norachcholai 1
Assembleia do Evangelho Pleno, em Mianmar 1
Associação Católica Romana da Coreia 1
Associação de Ajuda à China 1
Associação do Desenvolvimento da Solidariedade e da União 1
Associação Muçulmana Chinesa da Malásia 1
Associação Nacional de Evangélicos 1
Associação Patriótica Católica (China) 1
ataque com ácido
  ataque com ácido a mulheres 1
  ao pastor 1
Ataturk, Mustafa Kemal 1
ateísmo em Cuba 1
Atos dos Apóstolos 1, 2
audiências na Turquia, paranoia anticristã 1
autoridade vaticana
  Conselho Pontifício Vaticano para Promoção da Unidade Cristã 1
  na China 1
  Vietnã e a 1
Aydin, Necati 1
Ayyad, Rami 1
Azerbaijão 1, 2
  afiliação religiosa 1
Aziz, Abdul 1
Aziz Pavlus, Igreja Católica Italiana Latina 1

B

Baburaj, Stanley 1
Badawi, Abdullah 1
Bagdá
  bombardeios a igrejas 1
  Colégio Jesuíta de 1
  limpeza feita por militantes sunitas 1
bahaístas
  na Índia 1
  no Irã 1, 2
  no Quirguistão 1, 2
  no Tajiquistão 1
  no Uzbequistão 1, 2

Bajrang Dal 1, 2, 3, 4, 5
Bakiyev, presidente do Quirguistão 1
Balaev, Zaur 1
Bala, Samuel S., 1
Bandaranaike, S. W. R. D., 1
  assassinato de 1
Bangariah 1
Bangladesh 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
  inação do governo 1
Bangun, Ratna 1
Ban Zhanxiong, Joseph (padre) 1
Baoding (Hebei) 1
Barjjo, Salem 1
Bar Sauma 1
Bartolomeu I 1
Barua, Mina 1
Barud, xeique Nur 1
Bashir-ud-Din (grande mufti da Caxemira) 1
batalhas de terra arrasada, em Mianmar 1
batismo, na Caxemira, preso por 1
batistas
  invasão da polícia na Bielorrússia 1
  no Azerbaijão 1
  no Quirguistão 1
  no Tajiquistão 1
  no Uzbequistão 1
batistas norte-americanos em Mianmar 1
Bati, Tefera 1
Begum, Laila 1
Bekasi (Indonésia) 1
Beliad, Mohammad 1
Beliad, Nazly 1
Bennsion, Emmanuel S. 1
Bento XVI (papa) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
Beo Nay 1
Berdimuhamedov, Gurbanguly 1
Berhane, Helen 1
Bernbaum, John 1
Besheno (Etiópia) 1
Bhatti, Shahbaz 1, 2, 3
Bibi, Asia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Bibi, Razia 1

Bibi, Ruqqiya 1
Bíblias
  em Mianmar 1
  leitura como crime no Irã 1
  na Etiópia 1
  na Malásia 1
  no Afeganistão 1
  no Azerbaijão, confisco 1
  queima de Novos Testamentos no Irã 1
Bíblias na Coreia do Norte
  execução por distribuir 1
  morte por possuir 1
  prisão por ler 1
Bíblias no Turcomenistão
  confisco 1
  prisão por possuir 1
Bielorrússia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
  ditadura 1
Bihar 1, 2
Bin Baz, grande mufti 1
Bingzhang, Joseph Huang 1
bin Laden, Osama 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Bin Saleh al-Amri, Hamoud 1
Biscet, Oscar Elias 1
Bispos Católicos dos Estados Unidos 1, 2
bispos católicos romanos, presos na China 1
Biswas, Bablu 1
Blagoveshchensk (Rússia) 1
blasfêmia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
  acusação na Nigéria 1
  muçulmanos acusados de 1
  na Arábia Saudita 1
  na Indonésia 1, 2
  no Paquistão 1, 2
Boehner, John 1
Boko Haram 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
  resposta americana 1
bombardeio, Universidade de Mossul 1
Bonhoeffer, Dietrich 1, 2, 3, 4
Bridget, L. padre, prisão por conversão forçada 1
Brownback, Sam 1

Brown, Thiruchelvam Nihal Jim, padre 1
Buddahsiri, Uddamitta 1
budismo tibetano 1
budismo vajrayana 1
bully pulpit (tribuna da ameaça) 1
Bush, George W. 1
Butão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
  eleições no 1, 2
  refugiados do 1
  repressão no 1

C

caça de almas, lei que proíbe a 1
Cairo, protesto copta 1
Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, subcomitê para África, Saúde Global e Direitos Humanos
  do Comitê de Assuntos Externos da 1
campo de prisioneiros de Seydi 1
campos de trabalho na China 1
Candalin, Johan 1
Capela Ortodoxa Grega de Santa Thekla 1
Carson, Johnnie 1
  Cartum 1
casa de repouso, invasão da polícia ao culto na 1, 2
casamento
  documentos falsos no Egito 1
  no Egito 1
Casmoussa, Georges 1
Castro, Raul 1
Catar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
Catedral de Todos os Santos (Sudão) 1
Catedral Jangchung (Coreia do Norte) 1
Catholic Herald, periódico semanal em língua malaia 1
católicos
  em Cuba 1
  em Mianmar 1, 2
  na Bielorrússia 1
  na Coreia do Norte 1
  na Eritreia 1
  no Azerbaijão 1
  no Laos 1
  no Quirguistão 1
  no Tajiquistão 1

no Vietnã 1
Caxemira 1, 2, 3
Cazaquistão 1, 2, 3, 4, 5, 6
Centro Americano para Lei e Justiça 1
Centro para Liberdade Religiosa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
Cetin, Yusuf 1, 2
Chang Meiling 1
Chen Guancheng 1
China 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79
Administração Governamental para Assuntos Religiosos (AGAR) 1, 2
como um dos Países de Preocupação Específica 1
comparecimento a igrejas 1
controle rígido sobre a religião 1
detenções, prisões e campos de trabalho 1
igrejas nos lares 1
minorias étnicas protestantes 1
número de cristãos 1
padre preso 1
pesquisa sobre direitos humanos, 1990 1
política do filho único 1, 2
repressão contínua 1
tratamento aos cristãos na, 1
Chipre 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12,
Chouhan, Subhas 1
Christianity Today 1
Chuckwu, Florence 1
Cipriano 1, 2, 3
Cisjordânia 1, 2, 3, 4, 5
Clinton, Hillary 1, 2, 3
Clooney, George 1
Clyne, Meghan 1
Código Penal Islâmico, mudanças em 2012 1
coexistência pacífica 1
Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional na Indonésia 1
Comissão Nacional para Serviços Religiosos Não Muçulmanos (Argélia) 1
Comitê Executivo do Congresso sobre a China 1
Comitê Internacional da Cruz Vermelha 1
Comitê para Promoção da Virtude e Prevenção da Depravação 1

Companhia GumRung 1
Compass Direct News 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
complacência 1
Comunidade Cristã de Hanói 1
Comunidade Cristã Gopalganj 1
comunidade cristã na Chechênia 1
Comunidade Evangélica Vietnamita 1
Concílio Indonésio Ulema 1
conduta religiosa, leis que restringem a 1
Conferência dos Bispos Católicos da Comunidade Europeia 1
confisco de propriedades da igreja, Vietnã 1
Conselho Batista de Igrejas 1
Conselho Cristão para Toda a Índia 1
Conselho Cubano de Igrejas Protestantes 1, 2
Conselho de Especialistas para Condução de Análise Especializada de Estudos Religiosos 1
Conselho de Ministros do Exterior da União Europeia 1
Conselho Guardião 1
Conselho Indonésio Ulema 1
Conselho Mundial Hindu (VHP) 1, 2, 3, 4, 5
Conselho Sudanês de Igrejas 1
Constantinopla 1, 2
controle político 1
controle populacional, na China 1
Convento de Santa Ana, em Padangi 1
Convento de São José, em Sankharkhole 1
conversão de muçulmanos
  na Arábia Saudita 1
  no Afeganistão 1
  no Egito 1
  no Irã 1
  no Iêmen 1
  no Quênia 1
  riscos 1
conversão forçada, na Índia 1
Copa do Mundo, morte por assistir 1
coptas
  ataques aos, no Egito 1
  igrejas no Egito 1
  rapto de meninas e conversão forçada 1
Cordofão do Sul (Sudão) 1
Coreia do Norte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41

cristãos subterrâneos 1
igreja oficial 1
morte por possuir Bíblia 1
obreiros estrangeiros subterrâneos 1
prisioneiros cristãos 1
religião como superstição 1
Unidade Central de Inspeção de Atividades Antissocialistas 1
vigilância generalizada 1
Corley, Felix 1
corredentoristas 1
Corte Europeia de Direitos Humanos 1
Cosma Shi Enxiang (bispo) 1
Cox, Caroline 1, 2
crianças
decapitadas 1
educação religiosa na Turquia 1
esforços de conversão na Indonésia 1
instrução religiosa no Paquistão 1
na Armênia 1
no Egito, identidade muçulmana 1
prisão de, pelo Talibã 1
proibição de culto no Tajiquistão 1
proibição de culto no Uzbequistão 1
torturadas no Iraque 1
cristãos
abuso no Afeganistão 1
boicote aos sepultamentos cristãos no Nepal 1
controle na Rússia 1
crescimento mundial 1
distribuição mundial 1
história 1
influências moderadoras no Oriente Médio 1
na Índia 1, 2
na Nigéria 1
no Irã 1
nos territórios palestinos 1
obediência a Deus acima do Estado 1
perseguição mundial 1, 2
prisioneiros na Coreia do Norte 1
repressão a 1
sob a lei saudita 1
cristãos assírios

alvos de terroristas 1
após a Primeira Guerra Mundial 1, 2
em Nínive 1, 2, 3
cristãos caldeus
alvo de terroristas 1
católicos em Basra 1
cristãos hmongs 1, 2, 3
cristãos ocidentais, liberdade religiosa 1
cristianismo
como religião estrangeira na China 1
difusão globalizada do 1
expansão nos países pós-comunistas 1
no Egito 1
no Irã 1, 2
no sul da Ásia 1
visão comunista do 1, 2
Cristo proibido (documentário bielorrusso) 1
cruzadas 1
Cuba 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
culto
invasão da polícia na Bielorrússia 1
na Argélia 1
permissão em Chipre 1, 2
polícia do Cazaquistão filmou 1
proibição a crianças no Uzbequistão 1, 2
sem permissão, prisão 1
culto à personalidade, na Coreia do Norte 1
Current Trends in Islamist Ideology 1
Curso Alfa, na Rússia 1

D

Dadkhah, Mohammed Ali 1
Daily Telegraph 1
dalits (intocáveis) 1, 2, 3, 4
Da Nang, província de, interrupção de cortejo fúnebre pela polícia 1
Dang Thi Dinh 1
Dara Sena (Exército de Dara) 1
Dashoguz (Turcomenistão) 1
Dass, Sagaya 1
Davlatbekov, Parviz 1
Dayal, John 1
de Baca, Luis C. 1

Declaração Universal dos Direitos Humanos 1, 2, 3
Decreto-Lei de Ofensas Criminais, de 1995 (Estado de Selangor) 1
Denano, Niggusie 1
Departamento de Estado dos EUA Relatório Internacional sobre Liberdade Religiosa 1
deportação
  da Bielorrússia 1, 2
  do Azerbaijão 1
  do Marrocos 1
desastres naturais, exploração de, Mianmar 1
Desta, Tsehay 1
Digal, Rajendra 1
Dink, Hrant 1, 2, 3
direitos humanos, na China 1
Diretório de Assuntos Religiosos (*Diyanet*), Turquia 1, 2
distribuição de literatura religiosa, restrições no Azerbaijão 1
Distrito Policial de Ohangaron, no Uzbequistão 1
"Domingo Negro" 1
Dondu, Francis 1
Dong-A Ilbo 1
Doss, Arul 1
drogas psicotrópicas, tortura com 1
Duong Kim Khai 1
Dzhabrailov, Alik 1

E

Ecevit, Bulent 1
ecumenismo dos mártires 1, 2
Edirisinghe, Samson Neil 1
educação
  ensino na Arábia Saudita sobre não muçulmanos 1, 2
  na Nigéria 1
Edward, padre, do Orfanato Bargarh (Padampur) 1
Efrém 1, 2
Egito1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45
  ataques a cristãos 1, 2
  casamento no 1
  Conselho Nacional Egípcio para Direitos Humanos 1
  cristãos como coletores de lixo 1
  massacre de coptas, resposta do governo americano 1
  proibição a construção de igrejas 1
  tratamento de refugiados eritreus 1

Eid, Camille 1, 2, 3
  sobre a lei da *sharia* 1
Ekka, Vridhi (irmã), prisão por conversão forçada 1
El-Achwal, Ahmad 1
el-Adly, Habib 1
eleições no Butão 1, 2
El-Gohary, Maher 1
El-Sisi, Bahia 1
El-Sisi, Shadia 1
Emara, Adel 1
embaixada filipina em Riad 1
Encontro, curso, na Rússia 1
epidemia de violência no Sri Lanka 1
equipe médica cristã, morta pelo Talibã 1
Ergenekon 1
Eritreia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26
  Centro de Confinamento Militar Mitire 1
  condição das prisões 1
  crise dos refugiados 1
  ditadura 1
  prisão e tortura por crenças religiosas 1
  repressão às igrejas registradas 1, 2
escola de São Belarmino, em Jatibening, Bekasi 1
Escola Jaafari (xiita) dos Doze 1
Escola Teológica Ortodoxa Grega de Halki 1
Esmaeilabad, Marzieh Amirizadeh 1
esperança 1, 2
  em Mianmar 1
Estados autoritários, pós-comunistas 1
esterilização, na China 1, 2
Estônia 1
estupro, no Paquistão 1
Ethnasios, Peter 1
Etiópia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23
  radicais islâmicos 1
  regulamentação e discriminação do Estado 1
  revolta depois de rumores de profanação do Alcorão 1, 2
Evangelho Quadrangular, Polonnaruwa 1
evangelismo
  na Índia 1
  no Butão 1
Exército Popular de Libertação do Sudão (EPLS) 1

Eyasu, Desaleghn 1
Eyeington, Enid 1
Eyeington, Richard 1

F

Faixa de Gaza 1
Falcão Negro em perigo, filme 1
Falun Gong, movimento espiritual 1
  banimento no Quirguistão 1
Fa Yafeng 1
Fazel, Morteza 1
Federação Caldeia da América 1, 2
Federação Cristã Coreana 1
Federação dos Budistas 1
Fernandes, Perumal 1
Fernando, reverendo 1
Fides 1, 2, 3
Foreign Affairs 1
Forum 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
Fórum Islã Unido 1
Fórum Parung Ulema 1
Franceschini, Ruggero, (arcebispo) 1
Franks, Trent 1
Frente de Defensores Islâmicos (FDI) 1, 2
Frente Unida do Departamento de Trabalho do Partido Comunista 1
Fu, Bob 1
Fundação Copta para Direitos Humanos 1
Fundação Parmadina 1
Furutan, Mehdi 1
futebol, morte por assistir 1

G

Gabinete de Assuntos Religiosos 1
Gabinete do *Ombudsman* Federal de Direitos Humanos (Rússia) 1
Gabinete do Plenipotenciário para Assuntos Religiosos e Étnicos (Bielorrússia) 1, 2, 3
Gandhi, Mohandas 1, 2
Ganni, Ragheed 1
Gao Jiangping, padre 1
Gao Zhisheng 1
Garang, John 1
Gassis, Macram 1, 2

Gebriel, Yemane 1, 2
Geórgia 1, 2, 3, 4, 5
Geske, Tilmann 1
Ghougassian, Joseph 1, 2, 3
  O cavaleiro e o falcão 1
Giang-A Tinh 1
Gilbert, Lela, *Islam at the Crossroads* 1
Gill, Javed Akram 1
Gizachew 1
Gnanaseelan, Nallathamby 1, 2
Godane, Ahmed Abdi 1, 2
Godse, Nathuram 1
Golub, Nikolay 1
Golwalkar, M. S. 1
Gomel (Bielorrússia) 1
Gong Shengliang 1
Google 1
Gorgiz, Diana 1
Gormeys, Kailash 1
Graham, Franklin 1, 2
Gramarakshaka Niladhari, ou “Guarda Local” 1
Grécia, expansão da igreja primitiva 1
Grupo Jovem de Maspero 1
grupos terroristas 1
  no Paquistão, guerra da OTAN 1
guerra religiosa 1, 2
Guide, Gamala 1
Gujarat
  leis anticonversão 1
  muçulmanos mortos em 1
  negligência ao permitir mortes 1
Gujjar, Arif 1
Gulf News 1
Guo Jincai, bispo de Chengde 1
Gurung, Prem Singh 1
Gutema, Abera 1
Guzman, Barbara 1

H

Habas, Mar Barnaba Yousif 1
Habtemichel, Angesom Teklom 1
Hague, William 1

Hakimi, Abdul Latif 1, 2
Hamad, Maubark 1
Haqqani, rede terrorista 1
Haroun, Ahmad 1
Hasan, Usama Mahmud 1
Hegazy, Mohammed Ahmed 1
Hentschel, Anna 1
Hentschel, Johannes 1
Hentschel, Lydia 1
Hentschel, Sabine 1
hijab 1, 2
Hill, Kent 1
Hindu Jagran Samukhya (Programa de Consciência para Hindus) 1
Hindutva 1
Hirego, Tesema 1
Hnoi Ksor 1
Holle, Welhelmina 1
Homens e deuses, *filme* 1
Horale (vila da Indonésia) 1
hospital Jumhuri (Iêmen) 1
Hosseini, Mojtaba 1
Hsu, Promise 1
Hudaybergenov, Ahmet 1
Husayn, Tahir 1
Hussein, Saddam 1, 2, 3, 4, 5

I

identidade turca, insulto à 1
ideologia pró-americana, como ameaça no Cazaquistão 1
Iêmen 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
Igreja Apostólica Armênia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Igreja Assembleia de Deus Gnanodaya 1
Igreja Assembleia de Deus Navajiwan 1
Igreja Assíria do Oriente 1
Igreja Batista Caminho da Fé (Turcomenistão) 1
Igreja Bíblica Ágape (Karnataka) 1
Igreja Bongsu (Coreia do Norte) 1
Igreja Católica Caldeia 1, 2, 3
Igreja Católica de Santa Josephine Bakhita 1
Igreja Católica de Santa Teresa, (Madalla, Nigéria) 1, 2
Igreja Católica João Batista (Bogor, Java Ocidental) 1
Igreja Católica Romana da Divina Misericórdia (Malásia) 1

Igreja Católica Rosa Mística (Crooswatta) 1
Igreja Chilgol (Coreia do Norte) 1
Igreja Christu Sabha 1
Igreja Comunitária Vinhedo em Pannala, Kurunegala 1
Igreja Copta de Santa Maria (Giza, Egito) 1
Igreja Cristã de Java (Sukorejo, Kendal, Java Central) 1
Igreja da Virgem Maria 1, 2
Igreja de al-Qidiseen (Igreja dos Dois Santos), Alexandria, Egito 1
Igreja de Hagia Sofia (Istambul) 1
Igreja de Jesus Cristo (Quirguistão) 1, 2
Igreja de Mor Paulos 1
Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Bagdá 1
Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Catar) 1
Igreja de Santa Maria Imaculada (Kali Deras, Jakarta) 1
Igreja de Santa Maria (Irã) 1, 2
Igreja de Santa Mina, ataque à 1, 2
Igreja de Santo Andronikas (Chipre) 1
Igreja de São Felipe Neri (Sri Lanka) 1
Igreja de São George (Chipre) 1
Igreja de São Jorge (Alexandria, Egito) 1
Igreja de São Samaan (Simão) o Curtidor 1
Igreja de São Sinésio (Chipre) 1
Igreja Shouwang 1, 2, 3, 4, 5, 6
Igreja do Espírito Santo (Iraque) 1
Igreja do Evangelho da Nova Comunhão 1
Igreja do Evangelho Quadrangular 1
Igreja do Irã 1, 2
Igreja dos Cristãos (Rajasthan) 1, 2, 3
igreja e Estado 1
Igreja Evangélica de Kale 1
Igreja Evangélica do Sul do Vietnã 1
Igreja Evangélica do Vietnã 1, 2
Igreja Evangélica Luterana da Eritreia 1
Igreja Jeil (Coreia do Norte) 1
Igreja Jongbaek (Coreia do Norte) 1
igreja maronita, no norte de Chipre 1
Igreja Missionária Tâmil 1
Igreja Mor Petrus 1
Igreja Nestoriana 1
Igreja Nova Vida (Minsk, Bielorrússia) 1
Igreja Ortodoxa Armênia 1
Igreja Ortodoxa Bielorrussa 1

Igreja Ortodoxa Eritreia 1
Igreja Ortodoxa Etíope 1
Igreja Ortodoxa Grega 1, 2, 3
  grave violação de cemitério 1
  no norte de Chipre 1
igreja ortodoxa, no norte de Chipre 1
igreja pentecostal 1
  na Etiópia 1
  na Indonésia 1
Igreja Pentecostal da Graça (Rússia) 1
Igreja Pentecostal Paz ao Mundo 1
Igreja Presbiteriana da Graça em Almaty (Cazaquistão) 1
Igreja Protestante Cristã Batak 1, 2
Igreja Protestante da Argélia 1
Igreja Protestante da Graça Sunmim, no Tajiquistão 1
Igreja Protestante Nova Geração (Rússia) 1
igrejas
  ataques no Sri Lanka 1
  no Afeganistão, demolição 1
  restriçoes no Irã 1
igrejas assírias do Irã 1
igrejas de Santa Mina e São Jorge ataques às 1
igrejas evangélicas na Etiópia 1
igrejas nos lares
  em Cuba 1
  em Mianmar 1
  em territórios palestinos 1
  na Arábia Saudita 1
  na China 1
  na Turquia 1
  no Irã 1
  no Vietnã 1
igrejas ortodoxas russas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
  no Cazaquistão 1
  no Quirguistão 1
  no Turcomenistão 1
igrejas “patrióticas”, na China 1
Império Otomano 1, 2
  cristãos no antigo 1
impotência 1
Índia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

igrejas antigas na 1
leis anticonversão e violência 1
repressão na 1
tolerância com a violência 1
violência 1
visão geral 1
Indonésia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
convertidos e blasfêmia 1
radicalização 1
tolerância religiosa vs. muçulmanos extremistas 1
Instituto de Religião e Democracia 1, 2
Instituto Jinnah 1
Instituto Setara para Democracia e Paz 1
Instituto Wahid 1
International Christian Concern (ICC) 1
“intocáveis” (dalits) 1
intolerância 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
invasão da polícia em casa de repouso 1
invasões mongóis 1
Irã 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42
ataques aos cristãos 1
declínio da presença cristã 1
discriminaçao sistemática e repressão crescente 1
Ministério de Inteligência e Segurança 1
pastor cristão preso 1
prisões por conversão ao cristianismo 1
Irani, Behnam 1
Iraque 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52
ataques a igrejas 1
Constituição de 2005 1
declínio da presença cristã 1
esforços para fugir 1
limpeza religiosa 1
ocupação militar norte-americana 1
política norte-americana 1

Irmandade Muçulmana 1, 2, 3
Irmandade Muçulmana (Egito) 1
Irmãs da Santa Cruz (Sri Lanka) 1
Isaque, o sírio 1
Iskander, Paulos, padre 1
islã
  crescimento no século 14 1
  desejo de dominação religiosa 1
  na Eritreia 1
  no Cazaquistão 1
  proibido renunciar ao 1
Islã Civilizacional 1
Islam at the Crossroads (Marshall e Gilbert) 1
islamismo sunita 1
  exigência de pagamento de resgate 1
  limpeza religiosa em Bagdá 1
  na Etiópia 1
islamitas
  intolerância 1
  radicais 1
‘Issam, Mustafa Hasanayn 1
Istambul 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
Itália, expansão da igreja primitiva 1

J

Jacó de Nísibis 1
Jailani, Azlina binti 1
jainistas, na Índia 1
Jama’atu Ahlis Sunna Lidda’awati 1
Ja, Maran Zau 1
Janjaweed 1, 2
Jannati, aiatolá Ahmed 1
Jathika Hela Urumaya (JHU), partido 1
Jenkins, Philip 1
Jerusalém Oriental 1
jihad 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
Jimma, Etiópia 1
Jinnah, Muhammad Ali 1
jizya (taxa islâmica) sobre não muçulmanos 1
João de Monte Corvino 1
João Paulo II, papa 1, 2, 3, 4, 5
John, Nadeem 1

Jonas 1
Jones, Terry 1
Jordânia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
Joseph, John, bispo católico 1
Joy, Lina 1
judaísmo, reconhecimento pela Constituição do Irã 1
judeus 1
  na Índia 1
  no Azerbaijão 1
  no Iraque 1
  no Irã 1
  no Quirguistão 1
  no Tajiquistão 1
Julian, Greg 1
Jun Yong-Su, Eddie 1
Justiniano I 1

K

Kabar, Hashim 1
kachins em Mianmar 1
  ataques militares aos 1
Kamil, Juma Nuradin 1
Karaganda, ataque da polícia à sede da igreja 1
karens em Mianmar 1
  ataque militar aos 1
Karim, Imad Elias Abdul 1
Karimov, Islam 1
Karnataka, Índia 1
Karzai, Hamid 1
Kassab, de Basra 1
Kassab, Joseph 1
Kathmandu, Missão Unida ao Nepal, em 1
Kaviraj, Prabhakaran 1
Kengweng, vila (Laos), confisco de propriedade da igreja 1
Khabarovsk, Rússia 1
Khalaj, Parviz 1
Khalid, Rudy 1
Khamenei, aiatolá 1
Khammouan, prisão rural de 1
Khandaker, Rahul Amin 1
Khandaker, Rashidul Amin 1
Khanna, Chander Mani 1

Khanno, Antar 1
Khawasi, Abdul Sattar 1
Khomeini, aiatolá, *Tahrir-ol Vasile* 1, 2
Khutsishvilli, Elguja 1, 2
Kiflom, Mogos Hagos 1
Kifly, Ferewine Genzabu 1
Kim Il-Sung 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Kim Jong-Il 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Kim Jong-Un 1
Kirkpatrick, Melanie 1
Klein, Patrick 1
Koch, cardeal Kurt 1
Koraput 1
Kpa Y Co 1
Krimo, Siaghi 1
Krupanamdam, Erra 1
Ksor Y Du 1
Kulanka Culimada 1
Kumar Pal, Rabindra 1
Kumar, Vinod 1
Kur, Daniel Adwok 1
Kutabaga (Índia) 1
Kyi, Aung San Suu 1, 2, 3

L

Labib, Ayman Nabil 1
Lagon, Mark 1
Lai, Joshua 1
Lakshmanananda, Swami 1
Lakshman, Jude (padre) 1
Lantos, Tom 1
laogai (“campos de reeducação por meio do trabalho”) 1
Laos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18
Lashkar-e-Taiba (LeT) 1
Laskar Jihad 1
Laskar Pemuda 1
Latif, Abdul 1, 2
Laumahina, Josef 1
Lausanne Global Analysis 1, 2
Lee Joo-Chan 1
lei da *sharia*
  em Bangladesh 1

especialistas na Suprema Corte do Iraque 1
na Arábia Saudita 1
na Nigéria 1
na Somália 1
no Egito 1
no Sudão 1
testemunho cristão em tribunais 1
Lei das Organizações Religiosas (Butão) 1, 2
Lei de Informação, Comunicação e Mídia, 2006 (Butão) 1
Lei de Liberdade Religiosa Internacional 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
Lei de Proteção à Criança (Indonésia, 2002) 1
Lei de Publicações e Impressos Malásia, 1984 1
Lei de Religião de 2002 (Bielorrússia), petição por mudança 1
Lei de Religião de 2009 (Quirguistão) 1
lei natural 1
Leo, Leonard 1, 2, 3
Letônia 1
Liao Zhongxiu 1
liberdade de pensamento, rejeição na Arábia Saudita 1
liberdade religiosa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96
direito de uma pessoa à 1
restrições à 1
violações 1
Líbia 1, 2
licença, presos por cultuar sem 1
líderes políticos, alvos de ataques 1
Liga Bangladesh Awami 1
Lim Chang-Ho 1
limpeza religiosa, no Iraque 1
Lituânia 1
Liu Cuiying 1
Li Ying 1
Lukashenko, Aleksandr 1
Luqa, Fawzi 1
luteranos, no Tajiquistão 1
Ly, Thadeus Nguyen Van, padre 1

M

Macay, Phyllis 1

Madhya Pradesh, Índia 1, 2, 3
máfia muçulmana 1
Magrebe Islâmico (AQMI) 1, 2
Maharashtra, Índia 1
Mahmoud, Gasir Mohammed 1
Mainali, Ram Prasad 1
maioria muçulmana, paises pós-comunistas de 1, 2
maioria xiita, ataques realizados pela 1
Makkar, Martha Samuel 1
Malásia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
  Bíblias na 1
  Registro Civil de Casamentos 1
  religião e etnia 1
Malik, Charles 1
Malik, Habib 1, 2
Maluku, ilhas 1
Mandalay, fechamento de igrejas 1
Mandal, Hari Krishna 1
mandeus 1, 2, 3, 4, 5
Manoharpur, Índia 1, 2
Manuel II Paleólogo 1
Maomé, publicação de caricatura em jornal dinamarquês 1
Mao Tsé-Tung 1
Marcos, apóstolo 1
Markos 1
Marrocos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
Marshall, Paul, *Islam at the Crossroads* 1
Martyshenko, pastor 1
Masih, Amariah 1, 2
Masih, Arif 1
Masih, Aslam 1
Masih, Mukhtar 1
Masih, Rimsha 1
Masih, Yousuf 1
Maslan, Ahmad 1
Maududi, Abdul Ala 1
Mbeki, Thabo 1
McDonnell, Faith 1
Meca, proibida entrada de não muçulmanos 1
Medina, proibida entrada de não muçulmanos 1
Men, Alexander Vladimirovich (padre) 1
mesquita, em Roma 1

mesquitas
Igreja Hagia Sofia convertida em 1
fechamento no Tajiquistão 1
igreja na Turquia convertida em 1
reação do Departamento de Estado dos EUA ao vandalismo 1
México 1, 2
Miah, Sohel 1
Mianmar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38
Conselho de Estado para a Paz e Desenvolvimento 1, 2
Conselho de Estado para a Restauração da Lei e da Ordem 1
guerra contra os cristãos étnicos 1
permissão para construir igrejas 1
repressão aos cristãos 1
Michael, Wijdan 1
Ministério de Segurança Interna 1
Ministério Elam 1
minorias étnicas em Mianmar 1
Minsk, Departamento de Cultura de 1
Minsk, mosteiro bernardino em 1
Missão Unida ao Nepal, em Kathmandu 1
Modi, Narendra 1
Mogadíscio 1, 2, 3, 4, 5
Mohabat News 1, 2
Mohammed, Mansuur 1
Mokashi, Abkhay 1
Mokatam 1, 2, 3
monges trapistas 1
montanheses 1
Monte do Templo 1
mórmons, na Rússia 1
Morsi, Mohammed 1
Mosteiro de Thai Ha, ataque ao 1
Mosteiro Mor Gabriel 1
mosteiros, na China 1
Mossul, bombardeio a igrejas 1
Movimento Missionário de Orissa 1
movimento religioso budista 1, 2
em Mianmar 1
esforço para preservar privilégio 1
nacionalismo em Mianmar 1
nacionalistas violentos no Sri Lanka 1

na Índia 1
preservação e proteção no Butão 1
movimento religioso hindu 1
esforço para preservar o privilégio 1
nacionalistas violentos no Sri Lanka 1
na Índia 1
no Nepal 1
Mubarak, Hosni 1
muçulmanos 1
direitos na Jordânia 1
na Chechênia 1
na Índia 1
na Nigéria 1
no Azerbaijão 1
no Uzbequistão 1
oposição a um sepultamento cristão 1
perseguição a 1
perseguição a cristãos 1
repressão na Rússia 1
repressão no Tajiquistão 1
muçulmanos wahabistas 1
na Etiópia 1
Muhiji, Nur Osman 1
Mujahid, Zabiullah 1
Muktar, Guled Jama 1
Mulinde, Umar 1
Mulla, Jimmy 1
Mulu Wongel, Igreja Evangélica de 1
Mumbai, massacre em 2008 1
Munugodu (vila na Índia) 1
Murat-Yetkin 1
Murray, John Courtney 1
Musa, Said 1, 2, 3
Mussie, Eyob 1
mutawwa'in 1, 2, 3, 4

N

Nadarkhani, Youcef 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Nahdlatul Ulema 1
Nakhla, Mamdouh 1
Namvar, Mohsen 1, 2
Narayanan, K. R. 1

Natsios, Andrew 1
Neftechala, Azerbaijão, registro de igrejas 1
negação da fé
  no Laos 1
  no Vietnã 1
Negeri Sembilan 1
neopentecostais, na Rússia 1
Nepal 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
Nettleton, Todd 1
New York Times 1, 2, 3
Nguyen Trung Ton 1
Niceia 1
Nigéria 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31
  ataques a igrejas 1
  milícias 1
Nile News 1
Ninama, Shantilal 1
Nínive 1, 2, 3
Niyazov, Saparmurat, *Ruhnama* 1
Noreen, Asia 1
norte da África 1
  cristianismo no 1
Nova Igreja Apostólica, na Rússia 1
Novak, Michael 1
Nurliev, Ilmurad 1, 2, 3
Nusaybin 1

O

OB (bebida viciante) 1
Ocidente moderno, ignorância em relação aos sofrimentos de cristãos 1
Oden, Tom 1
oficiais de ideologia, na Bielorrússia 1
Omar, Mohammed, mulá 1
Omar, mulá, na Nigéria 1
Omar, Zakaria Hussein 1
Omer, Mohammed Saeed 1
oração 1
  ataques na Índia devido à 1
  invasão da polícia 1
  no Butão 1
  no Egito 1

no Irã, prisão devido a 1
no Monte do Templo 1
prisão na Arábia Saudita 1
orfanato de Buyukada 1
Organização Karen de Direitos Humanos 1
Oriente Médio
cristianismo no 1
radicalização crescente 1
Orissa (Índia) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
Osman, Sofia 1
Othman, Abdul Hakim 1

P

Pablo (homem filipino), no tribunal da *sharia* saudita 1
Padahu Thurai 1
Padmapur Bargarh 1
Padovese, Luigi 1
Países de Preocupação Específica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
Arábia Saudita 1
China 1
Egito 1
Eritreia 1
Iraque 1
Irã 1
Sudão 1
Uzbequistão 1
Pangesti, Eti 1
Papai Noel, fantasia, morte por usar 1
Paquistão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39
assassinato de líderes 1
ataques a cristãos 1
blasfêmia 1
extremismo com apoio do governo 1
incêndio em Gojra 1
Lei de Restrição de Casamento Infantil do Paquistão, de 1929 1
sequestro no 1
Park, Robert 1
parses, na Índia 1
Partido Bharatiya Janata (PBJ) 1, 2
Partido do Povo Paquistanês (PPP) 1
Partido Islâmico Justiça e Desenvolvimento (Adalet ve Kalkınma Partisi ou AKP) 1

Pasandideh, Fatemeh 1
Pascale, mulher cristã 1
Pashupatinath, templo 1
pastor pentecostal, multado por compartilhar a fé 1
Pattiasina, Welhelmina 1
Pattnayak, U. C. 1
Paul, G. N. 1
Payne, Don 1
paz, chamado e esperança da 1
Pedro (apóstolo) 1
pena de morte, legalidade para convertidos 1
perdão 1
Perez, Omar Gude 1
periculosidade, como crime em Cuba 1
permissão de nascimento na China 1
perseguição a cristãos
  aprendendo sobre 1
  causas 1
  noções básicas 1
  relatórios sobre 1
perseguição a não cristãos 1
Pertubuhan Pribumi Perkasa Malaysia 1
Peteros, Temesgen 1
Petraeus, David, general 1, 2
petróleo 1
Pew Forum on Religion and Public Life 1, 2, 3
Pew Research Center 1, 2, 3, 4, 5
Phan Nay 1
Phillips, Brad 1
Phor Ksor 1
Phuong, Joseph Nguyen Van 1
Pitakaniya, Khatiya 1
poder e abuso 1
polícia religiosa, na Arábia Saudita 1, 2
politeísmo 1
política externa norte-americana 1
  bully pulpit 1
  impacto dos cidadãos sobre 1
Portas Abertas, Classificação de Países por Perseguição 1, 2
Portas Abertas Internacional 1, 2
Portas Abertas, lista de países opressores 1
povo kachin em Mianmar 1, 2

ataques militares ao 1
povo nuba 1
fome forçada 1, 2, 3
Pradhan, Manoj 1
Prarthana Bhawan (Casa de Oração) 1
Prasad, R. 1
Prendergast, John 1
pressão política, a partir de discursos 1
Primavera Árabe 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
egípcios e a 1
prisão de Shaya (China) 1
prisão, pastor cristão na 1
Programa de Consciência para Hindus (Hindu Jagran Samukhya) 1
programas de “reeducação” 1
projetos de auxílio a crianças 1
proselitismo 1
em Israel 1
na Arábia Saudita 1
na Argélia 1
no Afeganistão 1
no Butão 1
no Marrocos 1
no Uzbequistão 1
protestantes
minorias étnicas, no Vietnã 1
na China 1
na Rússia 1
na Turquia 1
no Azerbaijão 1
no Irã 1
no Uzbequistão 1
Pyongyang 1, 2, 3

Q

Qadri, Malik Mumtaz Hussain 1
Qatin, padre 1
Qoryaqos, Ra’aad Augustine 1
Quênia 1, 2, 3
Quest (iate), sequestro 1
Quirguistão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Qurghonteppa, Tajiquistão 1

R

Radawana 1
radicalismo 1
  aumento no Oriente Médio 1
  no Paquistão 1
Radio Free Asia 1
Radio Free Europe 1
Rad, Tina 1
Rahho, Paulos Faraj 1
Rahman, Abdul 1, 2, 3, 4
Raj, Amal (padre) 1
Rajasthan, leis de conversão de 1
Ram Janmabhoomi, templo 1
Rangoon, fechamento de igrejas em 1
Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS) 1, 2, 3
Razaghi, Azizoallah 1
Reda, Mersessa 1
Reeves, Eric 1
Refugees International 1
regimes comunistas 1
  futuro 1
registro de cristãos, em Estados pós-comunistas 1
registro de igrejas 1
  na Armênia 1
  na Bielorrússia 1
  no Cazaquistão 1
Rehman, Sheikh 1, 2
Reimer, Reg 1, 2
Rençber, Ismet 1
Repórteres Sem Fronteiras 1
República do Sudão do Sul 1
  liberdade religiosa 1
República Popular da China 1
responsabilidade parental, lei de, no Tajiquistão 1
restrições à liderança católica no Vietnã 1
Reuben Sathyaraj 1
revista completa, por guardas sauditas 1
Ricard, Jean-Pierre 1
Rice, Condoleezza 1
Riggle, Robert 1
Ri Hyon Ok 1

Rin Ksor 1
Robey, Henry Baptist 1
Rodriguez, Benito 1
Rodriguez, Eric 1
Rodriguez, Gilianys 1
Rodriguez, Robert 1
Roma, mesquita 1
Rostampour, Maryam 1
RSS (Rashtriya Swayamsevak Sangh) 1, 2, 3
Rússia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17
  busca da polícia por literatura extremista 1
  controle de seitas cristãs 1
  relacionamento entre a Igreja Ortodoxa e o governo russo 1

S

Sabih, Wasim (padre) 1
Sabine, George 1
Sadegh-Khandjani, Behrouz 1
Sadulayeva, Zarema 1
Sagrada Igreja de Jesus (Iraque) 1
Saiju Arul 1
Saka, Haitham 1
salafistas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
Saleh, Ali Abdullah 1
Salibayev, Bakhtiyar 1
Samaritan’s Purse 1, 2, 3
Samast, Ogun 1
Sangh Parivar (“família de organizações”) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Sani, Alhiji Ahmed 1
Santoro, Andrea, de Trabzon (padre) 1
santuário mariano (China), oposição do governo à peregrinação 1
Sapp, Wayne 1
Sarzamin-e-man (Minha pátria) 1
Satpathy, Santanu 1
Sayyid, Muhammad 1
Sayyid, Mustafa Walid 1
secularismo, em Bangladesh 1
seitas na Rússia 1
Sekondo, Salat 1
Seminário Bíblico da Igreja dos Cristãos, em Jharsuguda 1
Seminário Bíblico da Igreja dos Cristãos, em Lunuwila Puttlam 1
Seminário Bíblico Evangelho para a Ásia 1

Seminário de Halki 1
seminário em Pyongyang 1
sepultamento de mortos
  na Etiópia 1
  no Nepal 1
SERVE, no Afeganistão 1
Serviço de Pesquisa do Congresso dos Estados Unidos 1
Seydi, campo de prisioneiros de 1
Sgorbati, Leonella 1
Shan, Mark 1
Sharaf, Essam 1
Shea, Nina 1, 2, 3, 4
Shein, Aleksei 1
Shekau, Abubakar 1
Shelter Now International (SNI) 1
Shenouda III, papa copta 1
Shibib, Sandy 1
Shi Enhao, pastor 1
Shijiazhuang, Campo de Trabalhos Forçados de 1
Shingarov, Javid 1
Shinwari, Fazul Hadi 1
Shmael, Ramsin 1
Shwe, Than 1
Siddi, Shivanda 1
Silva, Susith (padre) 1
Singhal, Ashok 1
Singh, Dara 1, 2
Singh, Manmohan 1
Singh, Rajesh 1
siques, na Índia 1
Siquim 1
Síria 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
  declínio da presença cristã 1
siríaco-aramaico 1
sírios 1
Sistani, grande aiatolá 1
sistema de castas na Índia 1, 2, 3, 4
Smith, Chris (deputado norte-americano) 1, 2
Soldados Desconhecidos do Imã Oculto 1
Solidariedade Cristã Internacional 1
Solidariedade Cristã Mundial 1, 2, 3
Solomon, K., pastor 1

Somália 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
  Governo Federal de Transição 1
Son Jong-Nam 1
Sout el Oma, jornal 1
South China Special Edition, jornal religioso 1
Spiegel Online 1
Sri Lanka 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
  guerra civil 1
  infortúnios para cristãos 1
  repressão no 1
Staines, Gladys 1
Staines, Graham 1, 2, 3, 4, 5, 6
Stalin, Joseph, Grande Expurgo de 1
Starovoitova, Svetlana 1
Sudão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46
  ataques nas fronteiras 1
  conflito entre Norte e Sul 1
  fome forçada contra o povo nuba 1
  independência do Sul 1
  lei da *sharia* 1
Sudão do Sul 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
Suiyuan (interior da Mongólia), comunidade católica subterrânea 1
sul da Ásia mudanças
  mudanças 1
  panorama 1
  violência contra cristãos 1
Sung Cua Po 1
Surathkal 1
Suresh, pastor 1
Suriata, Albertus 1
Su Zhimin, James (bispo) 1, 2

T

Tadros, Samuel 1, 2, 3
Tahrir, Hizbut 1
Tahrir-ol Vasile (Khomeini) 1, 2
Tajiquistão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
Talibã
  na Nigéria 1
  no Afeganistão, sequestro de sul-coreanos 1
  no Paquistão 1

Tamayo, Orlando Zapata 1
Tamayo, Reina Luisa 1
tâmil, discriminação contra, no Sri Lanka 1
Tâmil Nadu (Índia) 1, 2, 3, 4
Tan, Mary 1
Tantawi, xeique Muhammad 1
Tanyar, Zekai 1
Taseer, Salman 1
Tatmadaw (Exército de Mianmar) 1
Tauran, Jean-Louis 1
Terefe, Aberash 1
territórios palestinos 1, 2, 3, 4
testemunhas de Jeová 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14
  na Eritreia 1
  no Azerbaijão 1
  no Quirguistão 1
  no Tajiquistão 1
  no Uzbequistão 1
Thabet, Fadel 1
The Knight and the Falcon (Ghougassian) 1
Theodosius, Anba 1
Thero, Gangodawila Soma 1
Thinley, Jigmi Yoser 1
Thurairatnam, Peter, padre 1
Tibete 1, 2
Tito, pastor 1
tolerância
  leis de blasfêmia contra não muçulmanos 1
  na Arábia Saudita 1
Toma, Zaya 1
Tomé (apóstolo) 1, 2, 3, 4
trabalhadores religiosos estrangeiros, deportação da Bielorrússia 1
Três Autonomias, igrejas das, na China 1
Três Dias, na Rússia 1
Tribunal Nacional Popular 1
Tunísia 1, 2
Turcomenistão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
Turquia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48
  ameaças às comunidades cristãs 1
  contexto histórico 1
  convertidos na 1

declínio da presença cristã 1
Estado nega propriedade a igrejas 1
exército no norte de Chipre 1
expansão inicial da igreja 1
regulamentações legais que atingem igrejas 1
treinamento do clero e educação religiosa para crianças 1
violência 1
programa de turquificação 1

U

Udai, Adam 1
Uganda 1, 2
Ulema, Alto Conselho de 1
Ulger, Mehmet 1
ul-Haq, Muhammad Zia 1
Ullah, Assad 1
Uma China mais justa (Gao) 1
União Católica Indiana 1
União das Igrejas Protestantes da Indonésia 1
União Soviética 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
missionários estrangeiros na década de 1990 1
ruptura 1
Universidade de Mossul 1, 2, 3, 4
Unwaru, Edward 1
Ust Kamenogorsk 1
Uzbequistão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13
morte de população civil 1

V

Vajpayee, Atal Bihari 1
Varushin, Nikolai 1
Vashchenko, família 1
velhos-crentes, na Bielorrússia 1
via crucis 1
Vietnã 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30
Casa Publicadora Religiosa 1
confisco de propriedades eclesiásticas 1
demolição de casas de cristãos 1
direitos humanos cristãos 1
interrupção de cortejo fúnebre pela polícia 1
negação da fé no 1

perseguição a cristãos 1
restrições governamentais a grupos de fé 1
Viet Tan 1
Vimalan, Wenceslaus Vincent 1
violência sexual, na Índia 1
Vishwa Hindu Parishad (VHP) 1, 2, 3, 4
Vision Beyond Borders 1
Vitória, Francisco de 1
Vong Kpa 1
Vovô Gelo, fantasia, morte por usar 1
Voz da América na língua amárica 1
Voz dos Mártires 1, 2
Vozes pelo Sudão 1

W

Wadia, Dilip 1
Wahid, Abdurrahman 1, 2
Wanna, pastor 1, 2, 3
Warda, Pascale 1
Wasahua, Asmara 1
Wasi, Abdul 1
Weekly Standard 1, 2
Werthmuller, Kurt 1, 2
White, Andrew 1
Woldegorgis, Tamirat 1
Wolf, Frank 1, 2, 3
World Survey on Religious Freedom, do Instituto Hudson 1
Wu, Harry 1

X

xiitas zaidistas 1
Xinjiang 1, 2
Xuyi, vila de, na província de Hebei 1

Y

Yacob, Arkan Jihad 1
Yadav, V. V. 1
Yang Wenyan 1
Yao Ling, bispo 1
yezidis 1, 2, 3

Yoduk, campo de prisioneiros políticos de 1
Youssif, Sameer Gorgees 1
Yuksel, Ugur 1
Yusuf, Abdi Rahaman Musa 1
Yusuf, Abdulahi Musa 1
Yusuf, Abdullahi 1
Yusuf, Hussein Musa 1
Yusuf, Mallam Mohammed 1, 2
Yusuf, Musa Mohammed 1

Z

zabaleen 1, 2
Zacharias, padre, em Chipre 1
Zaidi, Mosharraf 1
Zakaria, Rebekka 1
Zakzouk, Mahmoud Hamdi 1
Zanboori, Shahin 1
Zen, cardeal, de Hong Kong 1
Zhao Xiao 1
Zhongguancun, praça pública 1
Zirve, editora cristã em Malatya 1, 2
zoroastristas
  na Índia 1
  no Irã 1, 2
Zubair, Mukhtar Abu 1



Portas *Abertas*

Servindo **cristãos** perseguidos

Portas Abertas, ou Open Doors, é uma organização cristã internacional que atua em mais de sessenta países onde existe algum tipo de proibição, condenação, execução ou ameaça à vida das pessoas ou à sua liberdade de crer em Jesus Cristo e cultuá-lo. Nossa missão é fortalecer e preparar o Corpo de Cristo que enfrenta ou vive sob restrição e perseguição religiosa e encorajar a Igreja brasileira a perseverar na fé, por meio de seu engajamento no serviço à Igreja Perseguida.

Anualmente, a Portas Abertas publica uma lista, a Classificação da Perseguição Religiosa, que relaciona os cinquenta países em que os seguidores de Cristo são mais hostilizados, somando assim milhões de cristãos afetados pela perseguição — atualmente, cerca de cem milhões de cristãos são perseguidos; em média, cem indivíduos cristãos perdem sua vida a cada mês em razão de sua fé em Jesus Cristo. Esta é a única pesquisa do tipo realizada anualmente em todo o mundo. Ela mede a liberdade que um cristão tem para praticar sua fé.

A Missão Portas Abertas convida os cristãos brasileiros a comprometerem-se em oração, conscientização e ação social em apoio a aqueles que partilham da fé em Cristo, mas não da mesma liberdade de culto.

Para obter mais informações sobre os cristãos perseguidos, acesse: www.portasabertas.org.br.

/mportasabertas

 @mportasabertas

 @portasabertasbrasil

1. Yeo-sang Yoon e Sun-young Han, *2009 White Paper on Religious Freedom in North Korea* (Seul: Database Center for North Korean Human Rights, 20 de mar. de 2009), p. 145, <http://www.uscirf.gov/images/2009%20report%20on%20religious%20freedom% Usado com permissão.

2. Idem, p. 142.

3. Saif Tawfiq, "Bus Bombings Show Plight of Christians in Iraq", *Reuters*, 13 de mai. de 2010, disponível em: <http://in.reuters.com/article/2010/05/13/idINIndia-48467920100513>; "Bomb Attack Seriously Injures Christian Students", *World Watch Monitor*, 5 de mai. de 2010, <http://www.worldwatchmonitor.org/2010/05-May/18691/>.

4. Nina Shea, "Two Christians Freed; Two Peoples Held Captive", *National Review Online*, 12 de set. de 2012, <http://www.nationalreview.com/corner/316441/two-christians-freed-two-peoples-held-captive-nina-shea>.

5. John Pontifex e John Newton, eds. *Persecuted and Forgotten?*, p. 11, <http://www.holyseemission.org/pdf/Persecuted_&_Forgotten_2011.pdf>.

6. Pew Forum on Religion and Public Life, *Global Christianity: A Report on the Size and Distribution of the World's Christian Population* (Washington, DC: Pew Research Center, 2011), <http://www.pewforum.org/Christian/Global-Christianity-worldschristian-population.aspx>.

7. Informações sobre os pontos destacados estão em International Religious Freedom Act of 1998, H.R. 2431, 105th Cong. (1998), p. 5, <http://www.state.gov/documents/organization/2297.pdf>.

8. Idem.

9. "The Chinese Crackdown Continues", *Weekly Standard*, 19 de mai. de 2011, <http://www.npr.org/2011/05/19/136456402/weekly-standard-the-chinese-crackdown-continues>.

10. Paul Marshall, ed., *Religious Freedom in the World*. Para visões gerais sobre liberdade religiosa e perseguição religiosa, ver os relatórios "Global Restrictions on Religion", do Pew Forum on Religion and Public Life (<http://www.pewforum.org/>), os relatórios anuais sobre minorias religiosas do

First Freedom Center e os relatórios anuais sobre liberdade religiosa do Departamento de Estado dos EUA e da Comissão Americana de Liberdade Religiosa Internacional (USCIRF).

11. Brian J. Grim, "Religious Persecution and Discrimination against Christians and Members of Other Religions" (seminário apresentado ao Parlamento Europeu em Bruxelas, Bélgica, 5 de out. de 2010), <http://www.eppgroup.eu/Press/peve10/docs/101006grim-speech.pdf>.

12. Pontifex e Newton, *Persecuted and Forgotten*; Terry Murphy, "New report reveals 75 percent of Religious Persecution Is Against Christians", *United Kingdom/International*, 16 de mar. de 2011, <http://www.acnuk.org/news.php/205/ukinternational-newreport-reveals-75-percent-of-religious-persecution-is-against-christians>.

13. Existem vários livros que tratam especificamente de povos ou países, mas relativamente poucos que apresentam visões gerais. Ver Ron Boyd-MacMillan, *Faith That Endures*; Carl Moeller e David W. Hegg, *The Privilege of Persecution*; Baroness Cox e Benedict Rogers, *The Very Stones Cry Out*. A publicação anual *Operation World: The Definitive Prayer Guide to Every Nation* também contém muita informação útil. O livro de Paul Marshall e Nina Shea, *Silenced*, descreve, entre muitas outras coisas, o tratamento dado a convertidos ao cristianismo no mundo muçulmano e em outros lugares. O livro de Eliza Grizwold, *The Tenth Parallel*, retrata o conflito de muçulmanos e cristãos do Atlântico até o leste do Pacífico. Ver também Lela Gilbert, *Baroness Cox*, e a publicação bienal do Instituto Internacional para Liberdade Religiosa intitulada *International Journal for Religious Freedom*. Uma vez que muitos dos ataques e da antipatia a cristãos se baseia em percepções preconceituosas da conversão, ver também Elmer John Theissen, *The Ethics of Evangelism*, que defende o evangelismo como ético e sua ausência como não ética. Charles L. Tieszen, *Re-Examining Religious Persecution*, discute muitas questões teológicas relevantes.

14. "USCIRF Identifies World's Worst Religious Freedom Violators", *United States Commission on International Religious Freedom* (USCIRF), comunicado de imprensa, 20 de mar. de 2012, <http://www.uscirf.gov/news-room/press-releases/3707-uscirf-identifies-worlds-worst-religious-freedom-violators.html>.

15. Joseph Mayton, “Christians Angry as Saudi Grand Mufti Calls for Churches to Be Destroyed”, *Bikyamasr*, 16 de mar. de 2012, <http://bikyamasr.com/62210/christians-angry-as-saudi-grand-mufti-calls-for-churches-to -be-destroyed/>.

16. Esta seção histórica resume partes de Philip Jenkins, *The Lost History of Christianity*; Paul Marshall, “God Looked East: The Disappearance of Christianity in Its Homeland”, *Weekly Standard*, 13 de abr. de 2009, <http://www.weeklystandard.com/Content/Protected/Articles/000/000/016/370hh Ver também Paul Marshall, “Elsewhere in Iraq”, *Wall Street Journal*, 22 de ago. de 2003, <http://online.wsj.com/article/SB106152420376841900.html>; Thomas C. Oden, *How Africa Shaped the Christian Mind.*

17. Idem.

18. Idem.

19. Philip Jenkins, *The Next Christendom*; *The New Faces of Christianity*; Mark Noll, *The New Shape of World Christianity*. Mark A. Noll e Carolyn Nystrom, autores de *Clouds of Witnesses*, apresentam uma rica coleção de retratos por escrito de líderes recentes na igreja fora do Ocidente.

20. Idem.

21. George Holland Sabine e Thomas Landon Thorson, *History of Political Theory*, p. 180. Ver também a declaração de Henry Kissinger: “Restrições sobre o governo derivam dos costumes, não de Constituições, e da Igreja Católica universal, que preservou sua autonomia, lançando assim a base — de maneira bastante não intencional — do pluralismo e das restrições democráticas sobre o poder do Estado que evoluíram nos séculos posteriores”, em *Does America Need a Foreign Policy?*, p. 20-21. Para argumentos de que isso aconteceu “de maneira bastante não intencional”, ver Brian Tierney, *Religion, Law and the Growth of Constitutional Thought, 1150—1650.*

22. Paul Marshall, *God and the Constitution*, p. 117.

23. Paul Marshall e Lela Gilbert, *Their Blood Cries Out*. Ver também Nina Shea, *In the Lion’s Den*.

24. Papa Bento XVI, “Message of His Holiness Pope Benedict XVI for the Celebration of the World Day of Peace”, *O Vaticano*, 1º de jan. de 2011,

<http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documentshf_bxvimes_20101208_xliv-world-day-peace_en.html>.

25. A seção seguinte é adaptada, com permissão, de Marshall, “God Looked East”.

1. “Gao Zhisheng in Jail After Disappearance”, *China Uncensored*, 22 de mar. de 2012, <http://www.chinauncensored.com/index.php?option=com_content&view=article&id=470:gao-zhisheng-in-jail-after-disappearance&catid=48:most-censored&Itemid=108>.
2. “The Worldwide Attack on Christians”, *Commentary*, fev. de 2012, <http://www.commentarymagazine.com/article/the-worldwide-attack-on-christians/>.
3. “‘Disappeared’ Human Rights Lawyer Gao Zhisheng Imprisoned in Remote Far Western China”, ChinaAid, 1º de jan. de 2012, <http://www.chinaaid.org/2012/01/flash-disappeared-human-rights-lawyer.html>; “China: Gao Zhisheng ainsi que sa famille”, Amnesty International, 19 de jan. de 2006, <http://www.amnestyinternational.be/doc/actions-en-cours/les-actions-urgentes/article/chine-gao-zhisheng-ainsi-que-sa>; “China: Lawyer Gao Zhisheng Given Three-Year Sentence”, Christian Solidarity Worldwide, 20 de dez. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1287>; Edward Wong, “Missing Chinese Lawyer Said to Be in Remote Prison”, *New York Times*, 1º de jan. de 2012, <http://www.nytimes.com/2012/01/02/world/asia/gao-zhisheng-missing-rights-lawyer-turns-up-in-remote-prison.html>; Andrew Jacobs, “Family Visits Rights Lawyer Held in China”, *New York Times*, 28 de mar. de 2012, <http://www.nytimes.com/2012/03/29/world/asia/family-reports-prison-visit-with-long-missing-chinese-rights-lawyer.html>.
4. “Forced Recantations of Faith Continue”, Compass Direct News, 18 de jan. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/vietnam/13976/>; “Vietnamese Christian, Family, Forced into Hiding”, Compass Direct News, 1º de abr. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/vietnam/16932>; USCIRF, *2011Annual Report, Vietnam*, p. 205, <http://uscirf.gov/images/ar2011/vietnam2011.pdf>.
5. “Testimony from Pastor Joo-Chan from North Korea”, *Open Doors*, 22 de dez. de 2010, <http://www.opendoorsusa.org/pray/prayer-

updates/2010/december/Testimony-from-Pastor-Joo-Chan-from-North-Korea>.

6. Promise Hsu, comunicação pessoal com Paul Marshall, 9 de ago. de 2010.

7. “Chinese Authorities Expel Shouwang Church Member from Beijing”, ChinaAid, quinta-feira, 30 de jun. de 2011, <http://chinaaiden.blogspot.com/2011/06/chinese-authorities-expel-shouwang.html>. A descrição dos eventos relacionados a Shouwang se baseia no artigo “Beijing Shouwang Church Announcement on January 1st Outdoor Worship Service—39 Week”, ChinaAid, 4 de jan. de 2012, <http://www.chinaaid.org/2012/01/beijing-shouwang-church-announcement-on_04.html>.

8. “Pray for Beijing Shouwang Church”, perfil no Facebook, acesso em 12 de jul. de 2012, <http://www.facebook.com/note.php?note_id=332570033449084>.

9. “Local Authorities Occupy, Demolish Government Three-Self Churches in Shandong, Jiangsu Provinces”, ChinaAid, 20 de mar. de 2012, <http://www.chinaaid.org/2012/03/local-authorities-occupy-demolish.html>.

10. Embaixador James Sasser, encontro com Nina Shea e Peter Torry, presidente da Portas Abertas, no Departamento de Estado dos EUA, Washington, DC, em jan. de 1996.

11. Tim Gardam, “Christians in China: Is the Country in Spiritual Crisis?”, *BBC News Magazine*, 11 de set. de 2011, <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-14838749>.

12. “Number of Christians in China and India”, *Lausanne Global Analysis*, 7 de ago. de 2011, p. 4, <http://conversation.lausanne.org/en/conversations/detail/11971#article_page_4>

13. “Sons of Heaven: Inside China’s Fastest-Growing Non-Governmental Organisation”, *Economist*, 2 de out. de 2008, <http://www.economist.com/node/12342509>.

14. The Pew Forum on Religion and Public Life, *Global Christianity: A Report on the Size and Distribution of the World’s Christian Population.* Washington, DC: Pew Research Center, 2011, <http://www.pewforum.org/Christian/Global-Christianity-worlds-christian-population.aspx>.

15. “Number of Christians in China and India”, Lausanne Global Analysis, p. 4.

16. Paul Marshall e Lela Gilbert, *Their Blood Cries Out*.
17. Christopher Bodeen, “Shi Enhao, Underground Church Pastor, Sent to China Labor Camp”, Huffington Post, 26 de jul. de 2011, <http://www.huffingtonpost.com/2011/07/26/shi-enhao-underground-chu_n_909544.html>; “Pastor Freed from Prison, Not Persecution”, Mission Network News, 7 de fev. de 2012, <http://www.mnnonline.org/article/16795>; “Persecution Continues for Pastor Shi Enhao’s Suqian House Church”, ChinaAid, 17 de nov. de 2011, <http://www.chinaaid.org/2011/11/persecution-continues-for-pastor-shi.html>; Christopher Bodeen, “Top Chinese Church Leader Sentenced to Two Years”, Associated Press, 27 de jul. de 2011, <http://www.pewforum.org/Religion-News/Top-Chinese-church-leader-sentenced-to-2-years.aspx>.
18. Meghan Clyne, “The Chinese Crackdown Continues”, *Weekly Standard*, 19 de mai. de 2011, acesso em 23 de jul. de 2012, <http://www.npr.org/2011/05/19/136456402/weekly-standard-the-chinese-crackdown-continues>; ver também USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 128-129.
19. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 129.
20. “Bishop Su Zhimin of Baoding, Hebei Is Still Detained by the Chinese Government”, Cardinal Kung Foundation, 6 de nov. de 1997, <http://www.cardinalkungfoundation.org/press/971106.htm>; Nina Shea, *In the Lion’s Den*, p. 63.
21. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 129.
22. Wang Zhicheng, “Inner Mongolia: Campaign of Persecution Against Underground Church”, AsiaNews.it, 24 de fev. de 2012, <http://www.asianews.it/news-en/Inner-Mongolia:-campaign-of-persecution-against-underground-Church-24069.html>.
23. Bernardo Cervellera, “Sheshan: Beijing’s War and the Pope’s ‘Battle’”, AsiaNews.it, 23 de mai. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Sheshan:-Beijing’s-war-and-the-Pope’s-“battle”-21639.h>.
24. Testemunho de Nina Shea perante a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Comitê sobre Relações Internacionais. Washington, DC: Hudson

Institute: 15 de nov. de 2005, p. 4, <http://www.hudson.org/files/publications/nina_shea_testimony.pdf>.
25. Cheryl Wetzstein, “With 1-Child Policy, China ‘Missing’ Girls”, *Washington Times*, 27 de jan. de 2010), <http://www.washingtontimes.com/news/2010/jan/27with-1-child-policy-china-missing-girls/?page=all>.
26. Rep. Chris Smith (NJ-04), “Statement at House Press Conference on Hu Visit to U.S.”, Washington, DC: Congress of the United States House of Representatives, 18 de jan. de 2011, <http://chrissmith.house.gov/UploadedFiles/Call_for_Chinese_President_Hu_to_
27. “Update on Youqing Church”, ChinaAid, 30 de set. de 2010, <http://www.chinaaid.org/2010/09/update-on-youqing-church.html>.
28. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 130.
29. Stoyan Zaimov, “Underground Chinese Church Leader Freed After 10 Years”, *Christian Post*, 27 de fev. de 2012, <http://global.christianpost.com/news/underground-chinese-church-leader-freed-after-10-years-70394/>.
30. “House Church in Hebei Repeatedly Targeted for Persecution; Members Detained, Sent to Labor Camp”, ChinaAid, 9 de mar. de 2012, <http://www.chinaaid.org/2012/03/house-church-in-hebei-repeatedly.html>.
31. Stoyan Zaimov, “Li Ying’s Release Credited to International Letter-Writing Campaign”, *Christian Post*, 27 de fev. de 2012, <http://global.christianpost.com/news/underground-chinese-church-leader-freed-after-10-years -70394/>.
32. Magda Hornemann, “China: A Post-Communist Managerial State and Freedom of Religion or Belief”, Forum 18, 20 de mar. de 2012, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1681>.
33. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 125.
34. Idem, p. 124.
35. “China Releasing Christian Mother; Other Believers Detained”, ChinaAid, 21 de mar. de 2012, <http://www.chinaaid.org/2012/03/china-releasingchristian-mother-other.html>.

36. “Jailed Vietnam Priest in Hospital”, Asia One News, 17 de nov. de 2009, acesso em 23 de jul. de 2012, <http://www.asiaone.com/News/Latest+News/Asia/Story/A1Story20091117-180453.html>.

37. *Socialist Republic of Vietnam*, p. 6, <http://www.amnesty.org/en/library/asset/ASA41/005/2001/en/633f6017-d933-11dd-ad8c-f3d4445c118e/asa410052001en.pdf>; “Vietnam: USCIRF Condemns Seizing of Priest and Urges CPC Designation”, USCIRF, 27 de jul. de 2011, <http://www.uscirf.gov/news-room/press-releases/3643-vietnam-uscirf-condemns-seizing-of-priest-and-urges-cpc-designation.html>; testemunho do rev. Thadeus Nguyen Van Ly perante a USCIRF em 13 de fev. de 2001, <http://www.freedom-now.org/wp-content/uploads/2010/10/Testimony.swf>; senadora Barbara Boxer, “Boxer Leads Bipartisan Group of Senators in Urging Vietnam to Refrain from Returning Father Ly to Prison”, artigo enviado à imprensa em 11 de mar. de 2011, <http://boxer.senate.gov/en/press/releases/031111c.cfm>; “Vietnam’s Human Rights Defenders”, Human Rights Watch, 23 de mar. de 2010, <http://www.hrw.org/en/news/2010/03/24/testimony-sophie-richardson-tom-lantos-human-rights-commission>; “Letter to His Relatives from Father Nguyen Van Ly in K1 Prison in Nam Ha”, Reporters Without Borders, 24 de mai. de 2007, <http://en.rsf.org/vietnam-letter-to-his-relatives-from-24-05-2007,22286.html>; “Jailed Vietnam Priest in Hospital”, Asia One News, 17 de nov. de 2009, <http://www.asiaone.com/News/Latest+News/Asia/Story/A1Story20091117-180453.html>.

38. Reg Reimer, *Vietnam’s Christians*, p. 71.

39. “Authorities Raid, Threaten House Church”, Compass Direct News, 6 de ago. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/vietnam/4221>.

40. J. B. An Dang, “Thai Ha Faithful in Procession to Ask for Return of Parish Land”, AsiaNews.it, 7 de fev. de 2008, <http://www.asianews.it/news-en/Th%C3%A1i-H%C3%A0-faithful-in-procession-to-ask-for-return-of-parish-land-11463.html>; Nguyen Hung, “Priests, Lay People from ThaiHa Parish Who

Asked to Speak to the Authorities Beaten and Arrested", AsiaNews.it , 2 de dez. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Priests,-lay-people-from-Thái-Hà-parish-who-asked-to-speak-to-the-authorities-beaten-and-arrested-23339.html>; Nguyen Hung, Hanoi: "Attacks Continue Against Thai Ha Parish", AsiaNews.it, 24 de nov. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Hanoi:-attacks-continue-against-Thai-Ha-parish-23265.html>.

41. Emily Nguyen, "Police in Hue Seizes Last Bit of Land Belonging to Loan Ly Parish", AsiaNews.it, 21 de out. de 2009, <http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=16651&geo=5&size=A>.

42. Lee Edwards, "Con Dau Persecution in Vietnam Continues", Global Museum on Communism, 1º de jul. de 2010, <http://www.globalmuseumoncommunism.org/content/con-dau-persecution-vietnam-continues>.

43. J. B. An Dang, "A Con Dau Catholic Dies Shortly After Being Released by Police", AsiaNews.it, 6 de jul. de 2010), <http://www.asianews.it/news-en/A-Con-Dau-Catholic-dies-shortly-after-being-released-by-police-18856.html>.

44. US Department of State, *July-December, 2010 International Religious Freedom Report*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 13 de set. 2011, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010_5/168382.htm>.

45. Idem.

46. Reg Reimer, *Vietnam's Christians*.

47. "Writer, Priest Handed Jail Sentences", Radio Free Asia, 30 de dez. de 2011, <http://www.rfa.org/english/news/vietnam/sentences-12302011124923.html>.

48. "Vietnamese Protestants Report Abuse, Despite Premier's Order", Radio Free Asia, 25 de mai. de 2005, <http://www.radicalparty.org/en/content/vietnamese-protestants-report-abuse-despite-premiers-order>.

49. "Montagnard Christians in Vietnam: A Case Study in Religious Repression" (New York: Human Rights Watch, 30 de mar. de 2011), p. 23, <http://www.hrw.org/node/97632>.

50. Reg Reimer, *Vietnam's Christians*, p. 106.

51. US Department of State, “July-December, 2010 International Religious Freedom Report” (Washington, DC: Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 13 de set. de 2011), <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010_5/168382.htm>.
52. “Vietnam: Montagnards Harshly Persecuted”, Human Rights Watch, 30 de mar. de 2011, <http://www.hrw.org/en/news/2011/03/30/vietnam-montagnards-harshly-persecuted>.
53. Michael Benge, “Vietnam’s War on Religion”, *FrontPage Magazine*, 16 de set. de 2009, <http://archive.frontpagemag.com/readArticle.aspx?ARTID=36282>.
54. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 198.
55. Montagnard Foundation, Inc., “Three Degar Were Forced to Renounce Their Faith”, Unrepresented Nations and Peoples Organization, 8 de fev. de 2011, <http://www.unpo.org/article/12247>.
56. “Two Evangelists in Vietnam Sentenced to Prison”, Compass Direct News, 30 de nov. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/vietnam/29066>.
57. “Christians Killed; Alarming Religious Freedom Abuses Continue”, Voice of the Martyrs, Canadá, 5 de mai. de 2011, <http://www.persecution.net/la-2011-05-05.htm> ; “Release International Prayer Alert”, Release International, 24 de mai. de 2011, <http://www.releaseinternational.org/media/download_gallery/Prayer%20Alert%q=laos&order=r&id=08894a70c42c88f5&cmd=xml>; Emily Nguyen,“Vietnam Unleashes Wave of Repression Against Hmong Christians, at Least 49 Dead”, AsiaNews.it, 9 de mai. de 2011), <http://www.asianews.it/news-en/Vietnam-unleashes-wave-of-repression-against-Hmong-Christians,-at-least-49-dead-21507.html>.
58. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 282.
59. “Hinboun District Police Authorities’ Abuse of Power and Unlawful Arrest of Christians in Villages of Khammouan Province”, Human Rights Watch for Lao Religious Freedom (HRWLRF), 5 de jan. de 2011, <http://www.hrwlrf.net/files/Download/AdvocacyNo1-2011.pdf>.

60. “ASIA/LAOS — Church confiscated, Christians defined as ‘enemies’”, Agenzia Fides, 25 de fev. de 2012, <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=31096&lan=eng>.
61. *Cuba: Castro’s War on Religion.*
62. USCIRF, *Annual Report 2011: Cuba*, p. 237, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>; “Cuba: Pastor’s Wife Faces Court After Losing Baby in Attack”, *Christian Today* (18 de ago. de 2009), <http://www.christiantoday.com/article/cuba.pastors.wife.faces.court.after.losing.
US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Cuba*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148748.htm>. Nota: os relatos sobre as acusações neste caso divergem nos relatórios da USCIRF e do Departmento de Estado dos EUA.
63. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Cuba*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148748.htm>.
64. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010*: *Cuba* (ver acima); USCIRF, *Annual Report 2011: Cuba*, p. 237, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>; Charlie Boyd, “Disappointment After Cuban Pastor Loses Right to Appeal”, *Christian Today*, 1º de fev. de 2010, <http://www.christiantoday.com/article/disappointment.after.cuban.pastor.loses.ri
“Cuban Government Backtracks on Verbal Assurances to Grant Pastor Exit Visa”, Christian Solidarity Worldwide, 19 de jan. de 2012, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1307&search=>.
65. USCIRF, *Annual Report 2011: Cuba*, p. 237-238.
66. “Religious Freedom in Cuba” (New Malden, Surrey, UK: Christian Solidarity Worldwide, 2010), p. 6, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=128&search=>.
67. “Protestant Pastors Detained and Interrogated in Cuba”, Christian Solidarity Worldwide, 4 de mai. de 2011, <http://cswusa.com/Cubaihtml?

id=629921#cuba050411.00>.

68. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Cuba*.

69. "Religious Persecution in Cuba", Christian Solidarity Worldwide, <http://www.csw.org.uk/cuba.htm>; cf. tb. Human Rights Watch, "New Castro, Same Cuba: Political Prisoners in the Post-Fidel Era" (New York: Human Rights Watch, 2009), p. 28, <http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/cuba1109web_0.pdf>.

70. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Cuba*; Shasta Darlington, "Family of Cuban Hunger Striker Headed to Miami", CNN, 8 de jun. de 2011, <http://articles.cnn.com/2011-06-08/world/cuba.prisoner.family_1_orlando-zapata-tamayo-guillermo-farinas-hunger-strike?_s=PM:WORLD>.

71. "Religious Persecution in Cuba", Christian Solidarity Worldwide, <http://www.csw.org.uk/cuba.htm>.

72. "Cuba Releases Jailed Dissident Oscar Elias Biscet", BBC News, 11 de mar. de 2011, <http://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-12721318>.

73. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Cuba*.

74. USCIRF, "A Prison Without Bars"; Yoon and Han, *2009 White Paper*, <http://www.uscirf.gov/images/2009%20report%20on%20religious%20freedom%

75. USCIRF, "A Prison Without Bars", p. 15.

76. Idem.

77. Idem, p. 40.

78. "Christian Refugees Question Regime's Claims", Compass Direct News, 23 de abr. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/northkorea/3166>.

79. USCIRF, "A Prison Without Bars", p. 10.

80. Idem, p. 12.

81. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Korea, Democratic People's Republic of*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010,

<http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148874.htm>; Lorde Alton e Baronesa Cox, presidente e vice-presidente do Grupo Parlamentar Multipartidário do Reino Unido para a Coreia do Norte, "Building Bridges Not Walls: The Case for Constructive, Critical Engagement with North Korea", out. de 2010, <http://www.scribd.com/doc/40523738/Building-Bridges-Not-Walls-Final-Report>.

82. USCIRF, "A Prison Without Bars", p. 36.

83. Yoon e Han, *2009 White Paper*, p. 140.

84. USCIRF, "A Prison Without Bars", p. 10.

85. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Korea, Democratic People's Republic of*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148874.htm>.

86. USCIRF, "A Prison Without Bars", p. 23.

87. "North Korean College Students Arrested with Christian Literature", Mission Network News, 28 de mar. de 2008, <http://www.mnnonline.org/article/11055>.

88. Yoon e Han, *2009 White Paper*, p. 140.

89. "U.S. Detainee Freed by N. Korea Arrives in Seoul", *Bangkok Post*, 28 de mai. de 2011, <http://www.bangkokpost.com/news/asia/239378/us-detainee-freed-by-n-korea-arrives-in-seoul>.

90. Kwang-Tae Kim, "Robert Park, U.S. Activist, Crosses Frozen River into North Korea", Huffington Post, 26 de dez. de 2009, <http://www.huffingtonpost.com/2009/12/26/robert-park-us-activist-c_n_403847.html>; Mark McDonald, "Activist Tells of Torture in North Korea Prison", *New York Times*, 27 de out. de 2010, <http://www.nytimes.com/2010/10/28/world/asia/28seoul.html?sq=robert%20park&st=cse&adxnnl=1&scp=4&adxnnlx=1311299213-WyWDTp/AK836wGcIiKmAKg>; C. L. Lopez, "What Robert Park Learned in North Korea", *Christianity Today*, 30 de ago. de 2010, <http://www.christianitytoday.com/ct/2010/augustweb-only/45-11.0.html>.

91. Yoon e Han, *2009 White Paper*, p. 81.

92. USCIRF, “A Prison Without Walls”, p. 23.
93. Idem.
94. Idem, p. 27.
95. Yoon Han, *2009 White Paper*, p. 141-142.
96. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Korea, Democratic People’s Republic of*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148874.htm>.
97. Melanie Kirkpatrick, “China Delivers unto Evil”, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8764>; *Wall Street Journal* (Asia Edition), 1º de mar. de 2012, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8764#>.
98. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 208, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>.
99. Lorde Alton e Baronesa Cox, presidente e vice-presidente do Grupo Parlamentar Multipartidário do Reino Unido para a Coreia do Norte, “Building Bridges Not Walls: The Case for Constructive, Critical Engagement with North Korea”, out. de 2010, <http://www.scribd.com/doc/40523738/Building-Bridges-Not-Walls-Final-Report>, p. 100; Yoon Han, *2009 White Paper*, p. 142.

1. Felix Corley, “Belarus: Authorities Prepare Again to Expel New Life Church from Its Own Building”, Forum 18, 24 de ago. de 2009, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1339>; cf. tb. CSW Briefing, “Belarus: New Life Church Case”, abr. de 2007; “New Life Church Newsletter”, out. de 2008, <http://www.newlife.by/eng_news.php?skip=180> .
2. “Another Massive Fine for Belarusian Church”, Assist News Service, 3 de ago. de 2010, <http://www.assistnews.net/Stories/2010/s10080016.htm>.
3. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Russia*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148977.htm>.
4. “As Russian Lutherans Come Under Suspicion for ‘Terrorism’, Police Shows Ignorance About Religion”, AsiaNews.it, 15 de mar. de 2010, http://www.asianews.it/news-en/As-Russian-Lutherans-come-under-suspicion-for-%E2%80%9Cterrorism%E2%80%9D,-police-shows-ignorance-about-religion-17885.html>; ver também “Russia: Lutheran Extremists?”, Forum 18, 23 de mar. de 2010, <http://www.forum18.org/Archivephp?article_id=1425>.
5. “Murdered Human Rights Activists in Grozny, Chechnya Friends with Christians”, Assist News Service, 24 de ago. de 2009, <http://www.assistnews.net/Stories/2009/s09080162.htm>.
6. *World Watch List*, Open Doors USA, acesso em 15 de set. de 2012, <http://www.worldwatchlist.us/?utm_campaign=worldwatchlist&utm_source=odusa>.
7. Livraria do Congresso, Estudo de Países, Rússia, “The Russian Orthodox Church”, <http://countrystudies.us/russia/38.htm>.
8. Timothy Ware, *The Orthodox Church*, p. 145-146.
9. Wallace L. Daniel, *The Orthodox Church and Civil Society in Rússia*, p. 30.
10. JB’s Reflections on Russia, “The Plot to Kill God—Unintended Consequences”, 17 de ago. de 2011, <http://jb-russianreflections.blogspot.com/2011/08/plot-to-kill-god-unintended.html>.
11. Daniel, *The Orthodox Church and Civil Society in Russia*, p. 69.
12. “CIA Agents in Mormon Disguise Are Probable to Work in Russia, a Renowned Sect Expert Believes”, Interfax Religion News, 21 de ago. de 2008,

<http://www.interfax-religion.com/?act=news&div=5099>.
13. Geraldine Fagan, “Russia: Notorious ‘Anti-Cultists’ on New ‘Inquisition’”, Forum 18, 27 de mai. de 2009, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1300>; ver também “Orthodox Can Get Catholic and Lutheran churches—but Catholics and Lutherans Can’t”, Forum 18, 4 de dez. de 2010, <http://forum18.org/Archive.php?article_id=1521>.
14. “One Complex of Measures Against Religious Communities”, Forum 18, 29 de jun. de 2011, <http://forum18.org/Archive.php?article_id=1587>.
15. “Russian Supreme Court Overturns Decision Closing Grace Church in Khabarovsk”, *Russia Religion News*, <http://www2.stetson.edu/~psteeves/relnews/1108a.html#04>.
16. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Russia*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148977.htm>.
17. “One Complex of Measures Against Religious Communities”, Forum 18, 29 de jun. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1587>.
18. “Prosecutor Pursues Siberian Pentecostals”, Russia Religion News, <http://www2.stetson.edu/~psteeves/relnews/1105a.html#02>.
19. “Authorities Try to Stop Children Attending Meetings for Worship”, Forum 18, 8 de dez. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1645>.
20. “‘Anti-terror’ Raid on Old People’s Home”, Forum 18, 22 de mar. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1554>.
21. “Turkmenistan”, USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 172, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>.
22. “Worship Without State Registration ‘Illegal’”, Forum 18, 1º de fev. de 2010, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1401>.
23. “Exit Bans, Haj Ban, Visa Denials Part of State Religious Isolation Policy”, Forum 18, 2 de fev. de 2010, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1403>; “Appeal Denied for Ilmurad Nurliev, Pentecostal Pastor Convicted by False Evidence”, AsiaNews.it, 16 de nov. de 2010, <http://www.asianews.it/news-en/Appeal-denied-for-Ilmurad-Nurliev,-Pentecostal-pastor-convicted-by-false-evidence-20010.html>.

24. “Turkmenistan: Four Fines for Bibles, Prisoner Transferred”, Forum 18, 27 de mar. de 2012, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1684>.
25. “Appeal Denied for Ilmurad Nurliev” (ver acima).
26. “Turkmenistan”, USCIRF, *Annual Report 2011* (ver acima), <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf> , p. 172.
27. “‘Unpleasantness with the Law’ for Worshipping?”, Forum 18, 11 de mai. de 2010, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1443>; US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Azerbaijan*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148912.htm> .
28. “‘Without Registration, You Can’t Pray’”, Forum 18, 22 de dez. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1651>.
29. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Azerbaijan*, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148912.htm>.
30. “Jehovah’s Witnesses Deported, Baptists Next”, Forum 18, 11 de set. de 2009, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1347>.
31. Idem; “Biggest Expulsion in Eight Years”, Forum 18, 9 de jan. de 2007, <http://wwrn.org/articles/23898/?&place=caucasus>.
32. “‘Infidel Santa’ Killed in Tajikistan”, RT News, 2 de jan. de 2012, <http://rt.com/news/infidel-santa-killed-tajikistan-133/>; “Man Dressed as ‘FatherFrost’ Stabbed to Death in Tajikistan”, *Guardian*, 3 de jan. de 2012, <http://www.guardian.co.uk/world/2012/jan/03/man-father-frost-killed-tajikistan>.
33. USCIRF, *Annual Report 2012*, p. 1, <http://www.uscirf.gov/images/2012ARChapters/tajikistan%202012.pdf>.
34. “Latest Religious Property Eviction, Religion Law Enters Force”, Forum 18, 3 de abr. de 2009, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1279>.
35. “Christians Criticize Tajik Bill Barring Youth from Churches, Mosques”, Radio Free Europe/ Radio Liberty, 17 de fev. de 2011, <http://www.rferl.org/content/christians_criticize_tajik_bill_barring_youth_from_

36. “Authorities ‘Have the Right’ to Raid Unregistered Worship”, Forum 18, 30 de mar. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1556>.
37. Ver Lela Gilbert e Elizabeth Zelensky, *Windows to Heaven*.
38. “Why Can’t Derelict Church Be Relocated for Worship?” Forum 18, 14 de fev. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1540>.
39. Organization for Security and Cooperation in Europe, *Hate Crimes in the OSCE Region — Incidents and Responses, Annual Report for 2009* (Warsaw: nov. de 2010), p. 33, <http://www.osce.org/odihr/73636?download=true>.
40. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Belarus*, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2010/148914.htm>.
41. “Belarus”, USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 228.
42. “‘Appropriate Permission Is Needed’”, Forum 18, 30 de jul. de 2010, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1472>.
43. “Authorities ‘Have the Right’ to Raid Unregistered Worship”, Forum 18, 30 de mar. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1556>.
44. Geraldine Fagan, “New Controls on Foreign Religious Workers”, Forum 18, 20 de fev. de 2008, <http://www.forum18.org/Archive.php?article _id=1090>; “‘We Are Reclaiming Our History as a Land of Religious Freedom’”, Forum 18, 22 de mai. de 2008, <http://www.forum18.org/Archive .php?article_id=1131>; “Official Justifies Rejection of Religious Freedom Petition”, Forum 18, 29 de abr. de 2008, <http://www.forum18.org/Archive .php?article_id=1121>.
45. “Belarus”, USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 230.
46. Felix Corley, “‘Forbidden Christ’ and Right to Legally Challenge Warnings Forbidden”, Forum 18, 11 de nov. de 2010, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1510>.
47. “Criminal Records for Religious Activity”, Forum 18, 1º de abr. de 2010, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1428>; US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Kazakhstan*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148793.htm>.
48. Svetlana Glushkova e Courtney Brooks, “Kazakhstan, Not Practicing What It Preaches, Puts Minority Religions Under Pressure”, Radio Free Europe/Radio

Liberty, 17 de fev. de 2011, <http://www.rferl.org/content/kazakhstan_minority_religions_persecution/23070
49. “We Have Not Been Able to Pray and Worship Together”, Forum 18, 18 de jan. de 2012, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1657>.
50. “Christians Denied Burial Rights by Muslims in Kyrgyzstan”, Catholic-Christian Secular Forum, 24 de mai. de 2011, <http://persecutedchurch.info/2011/05/24/christians-denied-burial-rights-by-muslims-in-kyrgyzstan/>.
51. “Abai”, entrevista pessoal com Lela Gilbert, 26 de fev. de 2012.
52. Stepan Danielyan, Vladimir Vardanyan e Artur Avtandilyan,“Religious Tolerance in Armenia”, Collaboration for Democracy Centre (em conjunto com o escritório da OSCE em Yerevan), 2009, p. 23-24, <http://www.osce.org/yerevan/74894>.
53. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Armenia*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148908.htm>.
54. Idem.
55. Stepan Danielyan, Vladimir Vardanyan e Artur Avtandilyan, “Religious Tolerance in Armenia”, p. 31, <http://www.osce.org/yerevan/74894>. A belíssima Geórgia tem uma forte similaridade com sua vizinha Armênia. Ambas foram construídas em torno de tradições religiosas cristãs antigas, e as duas igrejas possuem raízes profundas no orgulhoso fundamento patriótico e nacionalista dos dois países. A Igreja Ortodoxa da Geórgia, assim como a Igreja Ortodoxa Armênia, data do século 4, talvez antes disso. Os crentes georgianos de hoje são profundamente leais à sua igreja. A Radio Free Europe relatou em fevereiro de 2011: “A autoridade da Igreja Ortodoxa é vista na Geórgia como inabalável. Pesquisas de opinião mostram consistentemente a confiança na igreja em taxas acima de 90%, percentual com o qual os políticos só podem sonhar. A popularidade do patriarca Ilia II, que lidera a igreja desde 1977, é particularmente alta”. Ver “Georgia’s Showdown between Church and State”, Radio Free Europe / Radio Liberty, 20 de fev. de 2011, <http://www.rferl.org/content/commentary_georgia_churches/2314963.html>.

Os poucos grupos não ortodoxos enfrentam restrições sobre direito à propriedade e licenças de construção devido à relutância de autoridades locais para expedir licenças de construção que possam contrariar oficiais locais da Igreja Ortodoxa da Georgia. Ver US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Georgia*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010_5/168312.htm>.

56. "Religious Freedom Survey", Forum 18, 17 de dez. de 2009, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1388>.

1. “Orissa Christian Persecution Fact Finding Report”, *South Asian Connection*, Evangelical Fellowship of India, 10 de set. de 2008, <http://www.southasianconnection.com/blogs/995/Orissa-Christian-Persecution-Fact-Finding-Report.html>.
2. “Victim of Orissa, India Violence Rescued from Trafficking Ring”, Compass Direct News, 25 de ago. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/24732>.
3. “Christians Concerned over Acquittals in Orissa, India Violence”, Compass Direct News, 30 de set. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/9979>.
4. “Annual Report: India”. Washington, DC: USCIRF, mai. de 2011, <http://uscirf.gov/images/ar2011/india2011.pdf>.
5. USCIRF, *Annual Report: India*, mar. de 2012.
6. “Report Faults Indian Authorities in ’08 Anti-Christian Violence”, Zenit, 21 de dez. de 2011, <http://www.zenit.org/article-34030?l=english>; “Orissa: a Global Report on the 2008 anti-Christian Pogroms Is Released”, AsiaNews.it, 6 de dez. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Orissa:-a-global-report-on-the-2008-anti-Christian-pogroms-is-released-23373.html>; “Kandhamal Violence Pre-planned, Say Officials”, *Cathnews-India*, 22 de nov. de 2011, <http://www.cathnewsindiacom/2011/11/22/orissaofficials-testify-kandhamal-violence-pre-planned/>.
7. “Kashmir Pastor Arrested for Baptising Seven Muslims”, AsiaNews.it, 21 de nov. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Kashmir-pastor-arrested-for-baptising-seven-Muslims-23237.html>; Nirmala Carvalho, “Kashmir: Sharia Court Summons Fr Jim Borst on Proselytising Charges”, AsiaNews.it, 9 de dez. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Kashmir:-Sharia-court-summons-Fr-Jim-Borst-on-proselytising-charges-23395.html>; “The High Court of Kashmir Blocks the Islamic Court and Saves Pastor Khanna”, Agenzia Fides, 13 de fev. de 2011, <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=30982&lan=eng>.
8. Você encontra uma visão geral sobre liberdade religiosa na Índia em Paul Marshall, ed., *The Rise of Hindu Extremism and the Repression of Christian and*

Muslim Minorities in India.

9. Os estados são Orissa, Madhya Pradesh/Chhattisgarh, Arunachal Pradesh, Himachal Pradesh, Gujarat, e com alguns sob consideração em Rajasthan (a lei do Rajasthan espera consentimento do presidente).

10. Justice M. N. Rao, *Freedom of Religion and Right to Conversion*, PLWEBJOUR 19 (2003), <http://www.ebc-india.com/lawyer/articles/706.htm#Ref3#Ref3>; USCIRF, *Annual Report: India*, mar. de 2012, <http://www.uscirf.gov/images/Annual%20Report%20of%20USCIRF%202012(

11. American Center for Law and Justice, "Religious Freedom Acts: Anti-Conversion Laws in India", 26 de jun. de 2009, <http://media.aclj.org/pdf/freedom_of_religion_acts.pdf>; "Priest, Nun, Held for Forced Conversion", *Pioneer* (Índia), 26 de jan. de 1996.

12. "Life Term Adequate for Staines Murder Convicts: SC", *Times of India*, 21 de jan. de 2011, <http://articles.timesofindia.indiatimes.com/2011-01-21/india/28351453_1_dara-singh-graham-staines-minor-sons>.

13. "Indian Pastor Shot in Bomb Attack on Church", Compass Direct News, mar. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/2394>.

14. US State Dept., Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, *International Religious Freedom Report: India*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2010/148792.htm>.

15. "India Briefs: Recent Incidents of Persecution", Compass Direct News, 30 de dez. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/article_1317439.html/>.

16. "Karnataka Anti-Christian Attacks Intensify", the Catholic-Christian Secular Forum, 29 de dez. de 2011, <http://persecutedchurch.info/2011/12/29hebron-assembly-church-and-pastors-house-ransaked-in-mangalore/>.

17. "Hindu Nationalist Still Proud of Role in Killing Father of India", *New York Times*, 2 de mar. de 1998, <http://www.nytimes.com/1998/03/02/world/hindu-still-proud-of-role-in-killing-the-father-of-india.html?pagewanted=all&src=pm>.

18. *Our Nationhood Defined* (Nagpur: Bharat Publications, 1939), p. 37, citado em Marzia Casolari, "Hindutva's Foreign Tie-up in the 1930s", *Economic and*

Political Weekly, 22 de jan. de 2000, p. 224, <http://www.epw.in/special-articles/hindutvas-foreign-tie-1930s.html>.
19. Você encontra uma visão geral da RSS nos artigos da *Outlook*, 27 de abr. de 1998.
20. US State Dept., Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, *International Religious Freedom Report: India*, nov. de 2007, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2007/90228.htm>.
21. "News Briefs: Recent Incidents of Persecution", Compass Direct News, 6 de mar. de 2007, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/2007/newsarticle_4793.htm
22. John Malhotra, "Believers 'Mercilessly' Beaten by Fanatics in Karnataka", *Christian Today*, 10 de dez. de 2010, <http://in.christiantoday.com/articles/believers-mercilessly-beaten-by-fanatics-in-karnataka/5869.htm>.
23. Lausanne Global Analysis, "Number of Christians in China and India", *The Lausanne Global Conversation*, 7 de ago. de 2011, <http://conversation.lausanne.org/en/conversations/detail/11971#article, 4>.
24. Anto Akkara, "Churches Angry That Indian Census Ignores 14 Million Christian Dalits", *Christianity Today*, 1º de fev. de 2001, <http://www.christianitytoday.com/ct/2001/fevereiroweb-only/56.0c.html>.
25. "Christian, Visiting Lepers Beaten, Jailed in India", Compass Direct News. 20 de jun de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/article_113939.html>.
26. John Malhotra, "Pentecostal Pastor Beaten and Arrested in India", *Christian Today*, 9 de set. de 2010, <http://www.christiantoday.com/article/pentecostal.pastor.beaten.and.arrested.in.i
27. *Indian Express*, 9 de abr. de 2002.
28. USCIRF, *Annual Report: India*, mar. de 2012, <http://www.uscirf.gov/images/Annual%20Report%20of%20USCIRF%202012(
29. "Pastor's Father Beaten Unconscious in Attack in Rajasthan, India", Compass Direct News, 5 de jul. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/article_114557.html>.

30. Vishal Mangalwadi et al., *Burnt Alive*, p. 6.
31. "Claim in Killing of Christian Family in India", *New York Times*, 5 de fev. de 2002, <http://www.nytimes.com/2002/02/05/world/claim-in-killing-of-christian-family-in-india.html?src=pm>.
32. Ruben Banerjee e Ahmed Farzand, "Staines' Killing: Burning Shame", *India Today*, 8 de fev. de 1999, <http://www.india-today.com/itoday/08021999/cover.html>.
33. "Staines Was Not Inducing Tribals: CBI", *Hindu*, 16 de jan. de 2003.
34. Mangalwadi et al., *Burnt Alive*, p. 7, 9-10. A citação de Narayanan aparece no texto inicial.
35. Celia W. Dugger, "47 Suspected Militants in India Charged in Missionary's Death", *New York Times*, 25 de jan. de 1999, <http://www.nytimes.com/1999/01/25/world/47-suspected-militants-in-india-charged-in-missionary-s-death.html?src=pm>.
36. "Burning Shame", *India Today* (veja acima).
37. "Key Witness Backtracks in Dara Singh Trial", Compass Direct News, 21 de abr. de 2001, <http://www.compassdirect.org/english/country/india/2001/newsarticle_0680.htm
38. "Dara Singh's Mother Honoured", *Hindu*, 21 de dez. de 2002.
39. "Hindu Given Death for Killing Missionary", *New York Times*, 23 de set. de 2003, <http://www.nytimes.com/2003/09/23/world/hindu-givendeath-for-killing-missionary.html?ref=grahamstaines>; Nirmala Carvalho,"Murderer of Christian Missionary Graham Staines Asks for Early Release", AsiaNews.it, 16 de fev. de 2007, <http://www.asianews.it/news-en/Murderer-of-Christian-missionary-Graham-Staines-asks-for-early-release-8510.html>. Em 22 de set. de 2007, a Alta Corte de Orissa sentenciou Singh à prisão perpétua pelo assassinato do padre católico Arul Doss.
40. "Life Term Adequate for Staines Murder Convicts: SC", *Times of India*, 21 de jan. de 2011, <http://articles.timesofindia.indiatimes.com/2011-01-21/india/28351453_1_dara-singh-graham-staines-minor-sons>.
41. "Report in India Blames Attacks on Conversions to Christianity", Compass Direct News, 8 de fev. de 2011,

<http://www.compassdirect.org/english/country/india/32833/>.

42. Mangalwadi et al., *Burnt Alive*. A citação de Narayanan aparece no texto inicial.

43. "Widow of Graham Staines: 'Do Not Give Up Hope, Pray for India'", AsiaNews.it, 20 de jan. de 2009, <http://www.asianews.it/news-en/Widow-of-Graham-Staines:-Do-not-give-up-hope,-pray-for-India-14257.html>;
"Missionary Widow Continues Leprosy Work", BBC News, 27 de jan. de 1999, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/264326.stm>.

44. International Christian Concern, "Nepalese Christians on hunger strike", reimpresso em *Persecution and Prayer Alert*, 14 de abr. de 2011, <http://www.persecution.net/np-2011-04-14.htm>; "Dead Space: Christians Demand Burial Land in Crowded Kathmandu", *Christianity Today*, 8 de abr. de 2011, <http://www.christianitytoday.com/ct/2011/aprilweb-only/deadspace.html>.

45. "Nepal Christians Fight for Burial Rights: Nearly 200 Graves Face Demolition", Compass Direct News, 25 de jan. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/nepal/31797>; ver também "Hundreds of Hindu Sages Occupy Christian Tombs in Pashupatinath", AsiaNews.it, 26 de fev. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Hundreds-of-Hindu-sages-occupy-Christian-tombs-in-Pashupatinath-20886.html>.

46. "Nepal Should Review Proposed Religious Restriction", World Evangelical Alliance Research Liberty Commission, 24 de mar. de 2011, <http://worldea.org/news/3445>; "Nepal: No Agreement on New Constitution as Peace Process Deadline Approaches", Christian Solidarity Worldwide, 24 de mai. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1175>.

47. "Protecting Religious Freedom for a New Nepal", Christian Solidarity Worldwide (guia de ago. de 2011), p. 4, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=141>; "Prospects Dim for Religious Freedom in Nepal", *Christian Post*, 30 de mar. de 2011, <http://www.christianpost.com/news/prospects-dim-for-religious-freedom-in-nepal-49636/>.

48. "Protecting Religious Freedom for a New Nepal", p. 15, Christian Solidarity Worldwide (veja acima).

49. Sudeshna Sarkar, “Nepal’s Churches Live Under Threat, Discrimination”, Compass Direct News, 18 de ago. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/nepal/article_116602.html> e Human Rights Without Frontiers, 22 de ago. de 2011, <http://www.hrwf.org/images/forbnews/2011/nepal%202011.pdf>.

50. “Christians Protest to Demand Burial Grounds”, Associated Press, 3 de mar. de 2011, <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2011/03/23/AR2011032304412.html>; Human Rights Without Frontiers, 28 de mar. de 2011, <http://www.hrwf.org/images/forbnews/2011/nepal%202011.pdf>.

51. “Update: Church Bombing Claims Third Victim”, Voice of the Martyrs, 3 de jun. de 2009, <http://www.persecution.net/np-2009-06-03.htm>; ver também Sudeshna Sarkar, “Christians in Nepal Attacked as Constitutional Deadline Nears: Bomb Goes Off in Front of Charity Office; Preachers Assaulted, Church Building Razed”, Compass Direct News, 25 de nov. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/nepal/article_123620.html>; “Nepal: Bomb Outside Christian Charity Raises CSW’s Concerns”, Christian Solidarity Worldwide, 13 de dez. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=news&id=1112>.

52. Sudeshna Sarkar, “Christians Begin Legal Battle for Burial Ground”, Compass Direct News (19 de abr. de 2011) e Human Rights Without Frontiers (20 de abr. de 2011), <http://www.hrwf.org/images/forbnews/2011/nepal%20211.pdf>; Sudeshna Sarkar, “Nepal’s Churches Live Under Threat, Discrimination”.

53. “Sri Lanka: Rev. Gnanaseelan Shot Dead—jan. 13, 2007”, World Evangelical Alliance, jan. de 2007, <http://www.worldevangelicals.org/news/article.htm?id=865>.

54. Paul Ciniraj, “16 Tamil Civilian Christians Killed by Bombing in Sri Lanka”, *Journal Chrétien*, 6 de jan. de 2007, <http://www.journalchretien.net/5358-16-Tamil-Civilian-Christians-Killed-by-Bombing-in-Sri-Lanka?lang=fr>.

55. “Family Despairs as Reports Claim Recovered Body That of Mission Priest”, Union of Catholic Asian News, 11 de jun. de 2007,

<http://www.ucanews.com/story-archive/?post_name=/2007/06/11/family-despairs-as-reports-claim-recovered-body-that-of-missing-priest&post_id=5889>.

56. Anto Akkara, “Sri Lankan Priest, Companion Disappear amid Fighting”, Catholic News Service, 23 de ago. de 2006, <http://www.catholicnews.com/data/stories/cns/0604802.htm>; “Family Despairs”, Union of Catholic Asian News, 11 de jun. de 2007, <http://www.ucanews.com/storyarchive/?post_name=/2007/06/11/family-despairs-as-reports-claim-recovered-body-that-of-missing-priest&post_id=5889>; Danielle Vella, “Catholic Priest Disappears in Sri Lanka”, AsiaNews.it, 23 de ago. de 2006, <http://www.asianews.it/news-en/Catholic-priest-disappears-in-Sri-Lanka-7014.html>.

57. “Family Despairs”, 11 de jun. de 2007, <http://www.catholic.org/international/international_story.php?id=24349>; Vella, “Catholic Priest Disappears in Sri Lanka” (ver acima).

58. “Family Despairs as Reports Claim Recovered Body That of Missing Priest” (ver acima).

59. “United Nations Human Rights Council, Universal Periodic Review: Sri Lanka”, oferecimento do Becket Fund for Religious Liberty, 8 de fev. de 2008, <http://www.lankaliberty.com/documents/Sri-Lanka-UPR-Jan-08.pdf>.

60. “Ranjith Says Textbooks Defame the Church”, Catholic News Asia, 2 de jul. de 2010, <http://www.ucanews.com/story-archive/?post_name=/2010/07/02/ranjith-says-schoolbooks-defame-the-church&post_id=61193>; “Proposal for an ‘Anti-Conversion Law’; Christians Discriminated in Building Permits”, Agenzia Fides, 17 de dez. de 2011, <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=30606&lan=eng->.

61. Benedict Rogers, “Buddhas’s Fist”, CatholicCulture.org (Morley Publishing Group, Inc., fev. 2005), <http://www.catholicculture.org/culture/library/view.cfm?recnum=6395>.

62. “Shooting Kills Pastor; Wife Critically Injured”, Compass Direct News, 21 de fev. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/srilanka/2008/newsarticle_5256.l

63. W. Chandrapala, “Killing of Pastor: Motive Personal, Police Act Fast”, *Sunday Times Online*, 24 de fev. de 2008, <http://www.sundaytimes.lk/080224/News/news007.html>.

64. “Sri Lanka: Funeral Held for Murdered Pastor”, Christian Solidarity Worldwide, 26 de fev. de 2008, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=704>.

65. “Sri Lanka: Dramatic Increase in Violence Against Christians”, Christian Solidarity Worldwide, 4 de mar. de 2008, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=707>; “GFA Bible College Comes Under Attack”, Gospel for Asia, 13 de mar. de 2008, <http://www.gfa.org/news/articles/gfa-bible-college-comes-under-attack/>; “Attacks on Bible School Continue”, Compass Direct News, 25 de mar. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/srilanka/2008/newsarticle_5307.l

66. “Pastor Attacked in Sri Lanka”, Christian Solidarity Worldwide, 24 de jun. de 2008, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=749>.

67. “Pastor and Worker Attacked with Machete: Vineyard Community Church Pannala (Kurunegala District)”, relatório de ataques a igrejas, mar.-abr. de 2009, National Christian Evangelical Alliance of Sri Lanka, 25 de mar. de 2009, <http://www.nceasl.org/NCEASL/rlc/incident_report_2009.php>; “Incident Reports: January–December 2009”, Sri Lankan Christians, 25 de mar. de 2009, <http://www.srilankanchristians.com/pages/posts/january-december-200931.php>.

68. “Rash of Attacks on Christians Reported in Sri Lanka”, Compass Direct News, 17 de ago. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/srilanka/4665>.

69. “Sri Lanka: Religious Freedom in the Post Conflict Situation”, Christian Solidarity Worldwide, jan. de 2010, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=123>; “Rash of Attacks on Christians Reported in Sri Lanka”, Compass Direct News, 17 de ago. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/srilanka/4665>.

70. Melani Manel Perera, “Buddhist Extremists Prevent Celebration of Mass near Colombo”, AsiaNews.it, 15 de out. de 2007,

<http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=10556&theme=8&size=A>.

71. Melani Manel Perera, “Catholic Church Attacked, Suspicions Fall on Buddhist Extremists”, Asia News.it, 9 de dez. de 2009, <http://www.asianews.it/news-en/Catholic-Church-attacked,-suspicions-fall-on-Buddhist-extremists-17072.html>.

72. “Buddhist Extremists Brutally Attack Catholic Church in Sri Lanka”, Catholic News Agency, 11 de dez. de 2009, <http://www.catholicnewsagency.com/news/buddhist_extremists_brutally_attack

73. Vishal Arora, “Official Recognition Eludes Christian Groups in Bhutan”, Compass Direct News, 1º de fev. de 2011, acesso em 13 de set. de 2012, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/32148>.

74. Idem; ver também Vishal Arora, “Buddhist Bhutan Proposes ‘Anti-Conversion’ Law”, Compass Direct News, 21 de jul. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/23018>.

75. “Official Recognition Eludes Christian Groups in Bhutan”, Compass Direct News, 2 de fev. de 2011.

76. US Department of State, “Background Note: Bhutan”, 2 de fev. de 2010, <http://www.state.gov./r/pa/ei/bgn/35839.htm>; “Despite Democracy, Christians in Bhutan Remain Underground”, Compass Direct News, 25 de jan. de 2010, <http:/www.compassdirect.org/English/country/12469/14394>; “Christians in Bhutan Seek to Dispel Regime’s Mistrust”, Compass Direct News, 9 de set. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/article_120136.html>; Vishal Arora, “Legal Status Foreseen for Christianity in Buddhist Bhutan”, Compass Direct News, 4 de nov. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/28077>; Vishal Arora, “Official Recognition Eludes Christian Groups in Bhutan” (ver acima).

77. “Despite Democracy, Christians in Bhutan Remain Underground”, Compass Direct News, <http://www.compassdirect.org/English/country/12469/14394>.

78. “Christians in Bhutan Seek to Dispel Regime’s Mistrust”, Compass Direct News, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/article_120136.html>; ver também US Department of State, *International Religious Freedom*

Report 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf /2010/148791.htm>; Vishal Arora, "Official Recognition Eludes Christian Groups in Bhutan" (ver acima); "Despite Democracy, Christians in Bhutan Remain Underground" (ver acima).

79. "Christian in Bhutan Imprisoned for Showing Film on Christ", Compass Direct News, 18 de out. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/27133>.

80. Vishal Arora, "Christians in Bhutan Seek to Dispel Regime's Mistrust", 13 de abr. de 2011, "Religious Conversion Worst Form of 'Intolerance,' Bhutan PM Says", 9 de set. de 2011, "Official Recognition Eludes Christian Groups in Bhutan", 2 de jan. de 2011, Compass Direct News, <http://www.hrwf.org/images/forbnews/2011/bhutan%202011.pdf>.

81. Vishal Arora, "Legal Status Foreseen for Christianity in Buddhist Bhutan", Compass Direct News, 4 de nov. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/28077>; "Despite Democracy, Christians in Bhutan Remain Underground" (ver acima); "WEA-RLC Report: Why Bhutan Wants Anti-Conversion Law?", World Evangelical Alliance, Religious Liberty Commission, 13 de dez. de 2010, <http://www.worldevangelicals.org/commissions/rlc/rlc_article.htm?id=2489>; "Christians in Bhutan Seek to Dispel Regime's Mistrust" (ver acima); Vishal Arora, "Religious Conversion Worst form of 'Intolerance,' Bhutan PM Says," Compass Direct News, 13 de abr. de 2011, e Human Rights Without Frontiers, 18 de abr. de 2011, <http://www.hrwf.org/images/forbnews/2011/bhutan%202011.pdf>; Vishal Arora, "Official Recognition Eludes Christian Groups in Bhutan" (ver acima).

82. "Official Recognition Eludes Christian Groups in Bhutan", Compass Direct News, <http://www.compassdirect.org/english/country/12469/32148>.

1. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2005: Jordan*, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 8 de nov. de 2005, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2005/51602.htm>; "Court Annuls Christian Convert's Marriage", Compass Direct News, 9 de jun. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/jordan/2008/newsarticle_5420.ht
2. Os cristãos não sofrem abuso no Kuwait, mas a apostasia de muçulmanos e a evangelização deles são severamente proibidas. Em fevereiro de 2012, o parlamentar do Kuwait Osama Al-Munawer, declarando que já havia igrejas demais em relação ao tamanho da comunidade cristã, anunciou que estava preparando uma lei para banir a construção de igrejas e outras casas de adoração no emirado. Joseph DeCaro, "Kuwaiti Legislators Call for Ban on Church Construction", Worthy News, 22 de fev. de 2012, <http://www.christianpersecution.info/index.php?view=11285>.
3. Julia Zappei, "Malaysia: Catholic Paper That Used Allah Can Print", Associated Press, 8 de jan. de 2009, <http://wwrn.org/articles /29945/>; "Malaysian Government Defeated by History: Christians Have Used the Word 'Allah' for Centuries", AsiaNews.it, 25 de fev. de 2009, <http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=14574>; "Islamic Councils Against Catholic Magazine of Kuala Lumpur: Forbidden to Use the Word 'Allah'", AsiaNews.it, 25 de nov. de 2008, <http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=13850>; "Malaysia Restores 'Allah' Ban for Christians", Associated Press, 2 de mar. de 2009, <http://www.foxnews.com/story/0,2933,503504,00.html>; "Malaysia Court Suspends 'Allah' Ruling", Associated Free Press, 6 de jan. de 2010, <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5jdjxJHhJSxwW0qXtF-tOv447Y4Sw>.
4. James Hookway e Celine Fernandez, "Malaysia Says It Will Appeal 'Allah' Ruling", *Wall Street Journal*, 4 de jan. de 2010, <http://online.wsj.com/article/SB126252276477713845.html>; Rachel Harvey, "Malaysia Church Attacks Continue in Use of 'Allah' Row", BBC News, 11 de jan. de 2009, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/8451630.stm>; "Pig Head Find at Malaysia Mosques", BBC News, 27 de jan. de 2010,

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/8482267.stm>; “Malaysia Won’t Punish Muslims for Taking Communion”, Associated Press, 4 de mar. de 2010, <http://www.siasat.com/english/news/malaysia-wont-punish-muslims-taking-communion>.

5. Allen V. Estabillo, “The (Religious) Minorities’ Retort”, *Southeast Asian Press Alliance*, 12 de mai. de 2010, <http://www.seapabkk.org/seapa-fellowship/fellowship-2006-program/83-the-religious-minorities-retort.html>.

6. Sahil Nagpal, “Body-Snatching divides religious in Malaysia”, Top News, 22 de jun. de 2009, <http://www.topnews.in/bodysnatching-divides-religions-malaysia-2180869>.

7. Paul Marshall, “‘Allah’ by Any Other Name: The Government’s Censorship Has Only Compounded Malaysia’s Troubles”, *Wall Street Journal*, Asia Edition, 14 de jan. de 2010, <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704586504574655343534999778.html>; ver também Liz Gooch, “Malaysian Court Ends Ban on Book”, *New York Times*, 25 de jan. de 2010, <http://www.nytimes.com/2010/01/26/world/asia/26malaysia.html?ref=world>. “Govt Bans 37 Publications on Islam Containing Twisted Facts”, BERNAMA News Agency, 6 de jun. de 2007, <http://kpdnkk.bernama.com/news.php?id=265986&>; Paul Marshall, Lela Gilbert e Roberta Green, *Islam at the Crossroads*; Paul Wiseman, “In Malaysia, ‘Islamic Civilization’ Is Promoted”, *USA Today*, 3 de nov. de 2004, <http://www.usatoday.com/news/world/2004-11-03-malaysia-islam_x.htm>.

8. “Seizure of 15,000 Bibles in Malaysia Stuns Christians”, Compass Direct News, 7 de nov. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/malaysia/11589/>; Julia Zappei, “Malaysia Rejects Call to Release 10,000 Bibles”, Associated Press, 5 de nov. de 2009, <http://www.boston.com/news/world/asia/articles/2009/11/05/malaysia_rejects_c Razak Ahmad, “Rising Christian Anger in Malaysia over Bible Seizures”, Reuters, 30 de mar. de 2011, <http://in.reuters.com/article/2011/03/30/idINIndia-55989920110330>; “Malaysia Releases Malay-Language Bibles Impounded for Using ‘Allah’”, Deutsche Presse-gentur, 15 de mar. de 2011,

<http://www.monstersandcritics.com/news/asiapacific/news/article_1626201.php releases-Malay-language-Bibles-impounded-for-using-Allah>.

9. "Non-Muslims not to use 35 Islamic terms: Diktat", *Press Trust of India*, 15 de jan. de 2010, <http://www.zeenews.com/news596153.html>; ver também Joseph Chinyong Liow, "No God But God: Malaysia's 'Allah' Controversy", *Foreign Affairs*, 10 de fev. de 2010, <http://www.foreignaffairs.com/articles/65961/joseph-chinyong-liow/no-god-but-god>.

10. Doug Bandow, "The Right Not to Be Muslim", *National Review Online*, 8 de jun. de 2007, <http://article.nationalreview.com/?q=Y2IyZmU2NDljNmEwMjIxNGNmMzI4NzFjZmNiMTQ5YjI>.

11. "Clause Doesn't Cover Muslims", *Star Online*, 24 de fev. de 2009, <http://thestar.com.my/news/story.asp?file=/2009/2/24/parliament/3330271&sec=parliament/>; Thio Li-Ann, "Apostasy and Religious Freedom: Constitutional Issues Arising from the Lina Joy Litigation", *Malayan Law Journal* 2, nº 1 (abr. de 2006).

12. "M'sian Muslims Protest Ruling on Renunciation of Islam", *Straits Times*, 16 de mai. de 2008, <http://www.asiaone.com/News/AsiaOne%2BNews/Malaysia/Story/A1Story200 65646.html>. Em 2008, o tribunal islâmico de Penang decidiu que Siti Fatimah Tan Abdullah nunca havia se convertido anteriormente ao islã e que, portanto, estava livre para retornar ao budismo, mas o caso teve aplicabilidade limitada. Sharanjit Singh, "Syariah High Court Declares Convert No Longer a Muslim", *New Straits Times*, 8 de mai. de 2008, <http://www.malaysianbar.org.my/legal/general_news/landmark_decision_syaria

13. "Exposed to Other Faiths, Malaysian Muslims Are Ordered to Receive Counselling", *Freethinker*, 10 de out. de 2011, <http://freethinker.co.uk/2011/10/10/exposed-to-other-faiths-malaysian-muslims-are-ordered-to-receive-counselling/>; entrevistas realizadas por Paul Marshall em Kuala Lumpur, ago. de 2011.

14. Salim Osman, "Time to Curb Malaysia's Racial Attack Dogs", *Straits Times Indonésia*, 23 de mai. de 2011, <http://www.thejakartaglobe.com/opinion/time-

to-curb-malaysias-racial-attack-dogs/442649>.

15. Debra Chong, “Hasan Ali Says Gathering Proof of Christian Proselytism”, *Malaysian Insider*, 20 de dez. de 2011, <http://www.themalaysianinsider.com/malaysia/article/hasan-ali-says-gathering-proof-of-christian-proselytism>.

16. “Murder in Anatolia. Christian missionaries and Turkish Ultranationalism”, *European Stability Initiative*, 12 de jan. de 2011, <http://www.esiweb.org/pdf/esi_document_id_124.pdf>.

17. “Local Officials’ Role Emerges in Malatya Murders”, Compass Direct News, 15 de abr. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/turkey/3019>.

18. “Murder in Anatolia. Christian missionaries and Turkish Ultranationalism”, *European Stability Initiative* (ver acima); “Local Officials’ Role Emerges in Malatya Murders”, Compass Direct News, 15 de abr. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/turkey/3019>; “Turkey: Malatya Murder Trial Continues on Fourth Anniversary of Deaths”, Christian Solidarity Worldwide, 18 de abr. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1158>.

19. Elif Shafak, “The Murder of Hrant Dink”, *Wall Street Journal*, 22 de jan. de 2007, <http://www.pen.org/viewmedia.php/prmMID/1141>. “Prominent Turkish Journalist Hrant Dink Murdered in Istanbul”, *USA Today*, 19 de jan. de 2007, <http://www.usatoday.com/news/world /2007-01-19-TURK-JOURNALIST_x.htm>.

20. Marshall e Shea, *Silenced*, p. 128.

21. Fethiye Çetin e Deniz Tuna, “Two Years On: Lawyers Summarise Dink Trial”, *Bianet News*, 19 de jan. de 2009, <http://www.bianet.org/english/minorities/112015-two-years-on-lawyers-summarise-dink-trial>.

22. Idem; “Ergenekon Suspect to Give Testimony in Malatya Murder Case”, *Today’s Zaman*, 17 de jan. de 2009, <http://www.todayszaman.com/tz-web/detaylar.do?load=detay&link=164331>.

23. Consulado Geral da Grécia em Istambul, “The Ecumenical Patriarchate”, <http://www2.mfa.gr/www.mfa.gr/AuthoritiesAbroad/Europe/Turkey/GeneralCo US/Local+Greeks/The+Ecumenical+Patriarchate/>.
24. Entrevista não publicada com o metropolitano siríaco Yusuf Cetin realizada por Nina Shea, como participante da delegação da USCIRF em viagem a Istambul, Turquia, mar. de 2011.
25. Orhan Kemal Cengiz, “Intolerance Record of the Week in Turkey”, *Today’s Zaman*, 5 de fev. de 2012, <http://www.todayszaman.com/mobile_detailc.action?newsId=270473>.
26. Elizabeth H. Prodromou e Nina Shea, “Religious Freedom for Turkey”, The Hill, Congress Blog, USCIRF, 26 de ago. de 2011, <http://thehill.com/blogs/congress-blog/foreign-policy/178317-religious-freedom-for-turkey>.
27. Association of Protestant Churches in Turkey, “Interview with Zekai Tanyar, the Chair of the Association of Protestant Churches in Turkey”, *International Institute for Religious Freedom*, 5 de fev. de 2012, <http://www.iirf.eu/index.php?id=178&tx_ttnews%5Btt_news%5D=1295&cHash=9fedc64120351ae637b358f4
28. Mine Yildirim, “Turkey: Education Should Facilitate, Not Undermine, Freedom of Religion or Belief”, Forum 18, 5 de jan. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1526>; “Intolerance and Discrimination Based on Religion or Belief”, Human Rights Without Frontiers, *newsletter* de 30 de jan. de 2012.
29. “Persecution Complex: A Test of Whether Turkey Really Grasps the Concept of Religious Freedom”, *Economist*, 23 de jun. de 2005, <http://www.economist.com/node/4112336>.
30. Mine Yildirim, “Turkey: The Diyanet—the Elephant in Turkey’s Religious Freedom Room?”, Forum 18, 4 de mai. de 2011, <http://www.forum18.org/Archive.php?article_id=1567>.
31. Association of Protestant Churches in Turkey, “Interview with Zekai Tanyar, the Chair of the Association of Protestant Churches in Turkey”, International Institute for Religious Freedom, 5 de fev. de 2012,

<http://www.iirf.eu/index.php?id=178&tx_ttnews%5Btt_news%5D=1295&cHash=9fedc64120351ae637b358f4

32. USCIRF, *Annual Report 2011*, mai. de 2011, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>, p. 322-323.

33. Sobre outras propriedades, ver NAT da Polis, "Landmark Ruling in Turkey: Buyukada Orphanage Returned to the Orthodox Patriarchate", AsiaNews.it, 9 de nov. de 2010, <http://www.asianews.it/news-en/Landmark-ruling-in-Turkey-Buyukada-orphanage-returned-to-the-Orthodox-Patriarchate-19938.html>.

34. USCIRF, *Annual Report 2012*, p. 226, <http://www.uscirf.gov/images/Annual%20Report%20of%20USCIRF%202012(

35. Idem, p. 204.

36. "Turkey: Violation of Christian Graves; Bartholomew I: 'The Church Will Fight for Her Survival", *Oriente Cristiano*, 3 de nov. de 2010, <http://orientecristiano.com/english-news/world-news-of-the-eastern-church/the-church-will-fight-for-her-survival.html>.

37. USCIRF, *Annual Report 2012*, p. 204, <http://www.uscirf.gov/images/Annual%20Report%20of%20USCIRF%202012(

38. Entrevista com o metropolitano siríaco Yusuf Cetin realizada por Nina Shea, como participante da delegação da USCIRF em viagem a Istambul, Turquia, mar. de 2011. Perceba também que houve algum sucesso na vila de Kafro, província de Mardin, que tem visto um afluxo de sírios de posses que retornam da Europa. Mais uma vez, 87 famílias contribuíram para a restauração de duas igrejas siríacas na vila de Midyat de Yemisli, que estavam fechadas para serviços religiosos havia trinta anos; elas reabriram em 2010 com cerimônias com a presença de centenas de emigrados sírios de todo o mundo e de oficiais turcos locais. Ver "Syriac Churches in Turkey Hold First Ritual in 30 Years", *Hurriyet Daily News*, 5 de ago. de 2010, <http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=the-first-ritual-took-place-in -assyrian-churches-after-30-years-2010-08-05>.

39. Marc Champion, "Turkey Allows Monastery Service", *Wall Street Journal*, 16 de ago. de 2010,

<http://online.wsj.com/article/SB10001424052748703382304575431400969083
40. Marshall e Shea, *Silenced*, p. 189.
41. Geries Othman, "Catholic Bishop Luigi Padovese Assassinated in Southern Turkey", *Catholic Online*, 4 de jun. de 2010, <http://www.catholic.org/international/international_story.php?id=36811>.
42. Annette Grossbongardt, "Fear Prevails After Priest's Murder", *Spiegel Online*, 4 de dez. de 2006, <http://www.spiegel.de/international/spiegel/0,1518,411043,00.html>.
43. "Catholic Priest Knifed in Turkey", BBC News, 2 de jul. de 2006, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/5139408.stm>.
44. "Turkey: Questions Emerge over Murder of Bishop Padovese", *Spero News*, 8 de jun. de 2010, <http://www.speroforum.com/a/34418/Turkey-Questions-emerge-over-murder-of-Bishop-Padovese>.
45. "Mgr Franceschini: Ultranationalist and Religious Fanatics Behind Bishop Padovese's Murder", AsiaNews, 16 de out. de 2010, <http://www.asianews.it/news-en/Mgr-Franceschini:-ultranationalist-and-religious-fanatics-behind-Bishop-Padovese%27s-murder-19743.html>.
46. John Eibner, "Turkey's Christians Under Siege", *Family Security Matters*, 20 de mai. de 2011, <http://www.familysecuritymatters.org/publications/id.9561/pub_detail.asp>; "Mgr Franceschini: Ultranationalist and Religious Fanatics Behind Bishop Padovese's murder", AsiaNews.it (ver acima); "Priest in Southern Turkey Narrowly Avoids Sword-Wielding Suspects", *Hurriyet Daily News*, 22 de abr. de 2011, <http://www.hurriyetdailynews.com/n.php?n=priest-avoided-being-killed-in-adana-at-easter-eve-2011-04-22>.
47. Ziya Meral, *No Place to Call Home*, p. 53.
48. Aliança Universal Siríaca, relatório de 2012 sobre a Turquia para o Comitê de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, cidade de Nova York, 30 de dez. de 2011, p. 6-7, <http://www2.ohchr.org/english/bodies/hr/docs/ngos/SyriacUniversalAlliance_Tu
49. "Patriarch Murder Plot Merged with Ergenekon Case in Turkey", *Hurriyet Daily News*, 5 de mai. de 2011,

<http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=rencber-case-merged-with-ergenekon-case-2011-05-05>.

50. Murat-Yetkin, “Dink’s Half-Solved Murder”, *Hurriyet Daily News*, 25 de jul. de 2011, <http://www.hurriyetdailynews.com/default.aspx?pageid=438&n=dink8217s-half-solved-murder-2011-07-25>.

51. USCIRF, *Annual Report 2012*, p. 215, <http://www.uscirf.gov/images/Annual%20Report%20of%20USCIRF%202012(

52. Henrik Ræder Clausen, *Cyprus: In the Shadow of the Half Moon* (2012), em arquivo do Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson.

53. USCIRF, *Annual Report 2011*, mai. de 2011, p. 331, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>.

54. Entrevistas realizadas por Nina Shea como participante da delegação da USCIRF em visita ao Chipre em fev. de 2011.

55. USCIRF, *Annual Report 2012*, p. 216, <http://www.uscirf.gov/images/Annual%20Report%20of%20USCIRF%202012(

56. “Cyprus: USCIRF Concerned over Demolition of 200-Year-Old Church in Northern Cyprus”, USCIRF, 12 de mai. de 2011, <http://www.uscirf.gov/news-room/press-releases/3627-5122011-cyprus-uscirf-concerned-over-demolition-of-200-year-old-church-in-northern-cyprus-.html>.

57. Entrevista com padre Zacharias feita por Nina Shea, como participante da delegação da USCIRF em visita ao Chipre em fev. de 2011.

58. USCIRF, *Annual Report 2011*, mai. de 2011, p. 332, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>.

59. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Morocco*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148834.htm>.

60. Idem.

61. “Morocco Continues to Purge Nation of Foreign Christians”, Compass Direct News, 1º de jul. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/morocco/22151/>.

62. Idem. Ver também acima: US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Morocco*.

63. “Algeria Stalls Appeal of Converted Christian”, Compass Direct News, 16 de dez. de 2011, <http://www.christianpost.com/news/algeria-stalls-appeal-of-convicted-christian-65028/>.
64. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Algeria*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148812.htm>.
65. “Six Christians Arrested in Eastern Algeria”, International Christian Concern / Human Rights Without Frontiers International, 4 de nov. de 2011, <http://www.hrwf.org/images/forbnews/2011/algeria%202011.pdf>.
66. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Algeria*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148812.htm>.
67. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Jordan*, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148826.htm>; Marshall e Shea, *Silenced*, p. 122-123.
68. “Officials Deport More Christians, Deplore Compass Report: Church Council Condemnation of Article Came at Government’s Urging”, Compass Direct News, 26 de fev. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/jordan/2008/newsarticle_5259.ht
69. “Christian Girls Kidnapped in Yemen Are Rescued”, Compass Direct News, 18 de mai. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/Yemen/19612>.
70. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Yemen*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148855.htm>.
71. Entrevista realizada por Lela Gilbert com Justus Reid Weiner (acadêmico residente do Centro de Assuntos Públicos de Jerusalém e um pesquisador que está se especializando em perseguição de cristãos nos territórios palestinos), novembro de 2011; Justus Reid Weiner, “Human Rights of Christians in a Palestinian Society”, Jerusalem Center for Public Affairs, 2004, p. 19, <http://www.jcpa.org/text/Christian-Persecution-Weiner.pdf>.

72. US Department of State, *2010 International Religious Freedom Report*, 13 de set. de 2011, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010_5/168266.htm>.
73. Ver Daniel Schwammenthal, "The Forgotten Palestinian Refugees", *Wall Street Journal*, 28 de dez. de 2009, <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704304504574610022765965
Maria MacKay, "Palestine's Christians Continue to Suffer Persecution", *Christian Today*, 25 de jan. de 2006, <http://www.christiantoday.com/article/palestines.christians.continue.to.suffer.per
74. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010: Israel and the Occupied Territories*, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148825.htm>.
75. "Unknown Assailants Attack Christian School", Compass Direct News, 4 de jun. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/palestinianterritories/2008/newsa
76. Liz Gooch, "For Malaysian Christians, an Anxious Holiday Season", *New York Times*, <http://www.nytimes.com/2011/12/13/world/asia/for-malaysian-christians-an-anxious-holiday-season.html?pagewanted=all>.
77. "Countries of Particular Concern", USCIRF, <http://www.uscirf.gov/countries/countries-of-particular-concern.html>.

1. “Iran: Further information on Fear of Torture and Ill-Treatment/Possible Prisoners of Conscience”, Amnesty International, <http://www.iranrights.org/english/document-454-973.php>; “Court Issues Verdict on 3 Farsi-Speaking Christians”, Persecution.org, 27 de mar. de 2009, <http://www. persecution.org/2009/03/27/court-issues-verdict-on-3-farsi-speaking-christians-in-shiraz/>; “Iranian Christian Arrested Without Charges”, Compass Direct News, 9 de jun. de 2008, <http://archive.compassdirect.org/en/display.php?page=news&idelement=5421&lang=en&length=short&backpage=archives&critere=&countryname=Iran&rowcur=0>.

2. “Worker Escapes Death in Saudi”, UCA News, 11 de out. de 2011, <http://www.ucanews.com/2011/10/11/worker-escapes-hanging-in-saudi/>.

3. “Christian Couple Dies from Police Attack”, Compass Direct News, 6 de ago. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/2008/newsarticle_5508.html

4. “Iranian Christians Face Death Penalty in Iran”, BosNewsLife, 11 de set. de 2008, <http://www.rferl.org/content/Two_Iranian_Christians_May_Face_Execution_Fo

“Iranian Church Leader Released — Son of Hanged Pastor Bailed on Charges of Anti-Govt Behavior”, Release International, 23 de out. de 2008, <http://www.releaseinternational.org/pages/posts/iranian-church-leader-released--son-of-hanged-pastor-bailed-on-charges-of-anti-govt-activity451.php>. Você encontra relatos adicionais nas seguintes fontes: “Tortured Christian Flees”, Compass Direct News, 21 de jul. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/2008/newsarticle_5478.html “Christian Couple Dies from Police Attack”, Compass Direct News (ver acima); “Prosecutor Charges Two Christians with Apostasy”, Iran Human Rights Voice, 11 de set. de 2008, <http://www.ihrv.org/inf/?p=884>; “Matin Azad and Arash Basirat, Two Christians Charged with Heresy”, Iran Human Rights Voice, 4 de out. de 2008, <http://www.ihrv.org/inf/?p=1060>; “Court Finds Way to Acquit Christians Of ‘Apostasy’”, Compass Direct News, 30 de out. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/2008/newsarticle_5664.html

“Assyrian Iranian Minister Arrested in Urumieh by Security Agents”, Farsi Christian News Network, 1º de out. de 2008, <http://www.fcnn.com/index.php?option=com_content&task=view&id=1760&Itemid=63>.
5. “The Calvary of a Female Convert to Christianity”, Human Rights Without Frontiers, 9 de jun. de 2009, relatório sobre países em <http://www.hrwf.net/index.php?option=com_content&view=article&id=105:news-2008-catalogued-by-country&catid=38:freedom-of-religion-and-belief &Itemid=90>.
6. “Rising Restrictions on Religion”, Pew Forum on Religion and Public Life, 9 de ago. de 2011, <http://www.pewforum.org/Government/Rising-Restrictions-on-Religion(2).aspx>.
7. “Pastor Flees Death Threats”, Compass Direct News, 30 de jan. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/saudiarabia/2009/newsarticle_57
8. “Living in Secret in Saudi Arabia: Interview with Scholar on Churches in the Middle East”, entrevista de Camille Eid no programa de televisão *Where God Weeps*, da Catholic Radio and Television Network (CRTN) em cooperação com a Aid to the Church in Need, 4 de abr. de 2011, <http://www.zenit.org/article-32222?l=english>; Zenit, 4 de abr. de 2011, <http://www.ewtn.com/library/CHRIST/zsaudiar.htm>.
9. Clifford May, “Destroy All Churches”, *National Review Online*, 22 de mar. de 2012, <http://www.nationalreview.com/articles/294112/destroy-all-churches-clifford-d-may>.
10. Celestine Bohlen, “After 20 Years, a Mosque Opens in Catholicism’s Back Yard”, *New York Times*, 22 de jun. de 1995, <http://www.nytimes.com/1995/06/22/world/after-20-years-a-mosque-opens-in-catholicism-s-back-yard.html?pagewanted=all&src=pm>.
11. “Living in Secret in Saudi Arabia”, Zenit, 4 de abr. de 2011, <http://www.zenit.org/article-32222?l=english>.
12. Galal Fakkar, “More Scholars Join Call for Stopping Supplications Against Non-Muslims”, Arab News, 11 de jan. de 2011, <http://www.arabnews.com/node/365140>.

13. US Department of State, “Saudi Arabia”, *International Religious Freedom Report 2009*, 26 de out. de 2009, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2009/127357.htm>.
14. Nina Shea, “Ten Years On: Saudi Arabia’s Textbooks Still Promote Religious Violence”, *Hudson Institute Center for Religious Freedom*, 11 de set. de 2011, p. 15, <http://www.hudson.org/files/publications/SaudiTextbooks2011Final.pdf>.
15. “Saudi Man Kills Daughter for Converting to Christianity”, *Gulf News*, 12 de ago. de 2008, <http://www.gulfnews.com/News/Gulf/saudi_arabia/10236558.html>.
16. Shea, “Ten Years On”, p. 16, <http://www.hudson.org/files/publications/SaudiTextbooks2011Final.pdf>.
17. NRO Symposium, “Bin Laden, No More”, *National Review Online*, 2 de mai. de 2011, <http://www.nationalreview.com/articles/266271/bin-laden-no-more-nro-symposium?pg=4>.
18. Abdurrahman Wahid, “Right Islam vs. Wrong Islam”, *Wall Street Journal*, 30 de dez. de 2005, <http://www.libforall.org/news-WSJ-right-islam-vs.-wrong-islam.html>.
19. Shea, “Ten Years On”; veja os quatro estudos sobre os livros-texto sauditas elaborados pelo Centro em <http://crf.hudson.org>.
20. Encontro de Nina Shea com o ministro da Educação saudita, príncipe Faisal Al-Saud, no gabinete do ministério da Educação em Riad, Arábia Saudita, 1º de fev. de 2011.
21. US Department of State, “Saudi Arabia”, *International Religious Freedom Report 2010*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148843.htm>.
22. “Living in Secret in Saudi Arabia”, <http://www.zenit.org/article-32222?l=english>.
23. Jennifer Gold, “Persecution of Christians Increases in Saudi Arabia after New King Inaugurated”, *Christianity Today*, 25 de ago. de 2005, http://www.christiantoday.com/article/persecution.of.christians.increases.in.saudi
24. “Pastor Flees Death Threats”, Compass Direct News, 30 de jan. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/saudiarabia/2009/newsarticle_57

25. “Eritrean Christian Facing Deportation from Saudi Arabia”, Christian Solidarity Worldwide, 20 de jul. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1205&search=>.
26. Nina Shea e Jonathan Racho, “Persecuted for Praying to God in Saudi Arabia”, *National Review Online*, 8 de fev. de 2012, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8719>.
27. US Department of State, “Saudi Arabia”, *International Religious Freedom Report 2008*, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2008/108492.htm>.
28. “Pastor Flees Death Threats”, Compass Direct News, 30 de jan. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/saudiarabia/2009/newsarticle_57
29. “Saudi Arabia: Conditional Release for 12 Filipinos Accused of Proselytizing”, AsiaNews.it, 7 de out. de 2010, <http://www.asianews.it/news-en/Saudi-Arabia:-conditional-release-for-12-Filipinos-accused-of-proselytizing-19655.html>.
30. Rodolfo Estimo Jr., “12 Filipinos Arrested for Proselytizing Out on Bail”, Arab News, 6 de out. de 2010, <http://www.arabnews.com/node/356966>.
31. “Filipino Jailed in Saudi for ‘Blasphemy’”, Catholic News Philippines, 26 de out. de 2011, <http://www.cathnewsphil.com/2011/10/26/filipino-jailed-in-saudi-for-blasphemy/>.
32. “A Philippine Worker Has Been Arrested for Blasphemy; Bishops Appeal for His Release”, Agenzia Fides, 26 de out. de 2011, <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=30190&mode=print&lan=eng>.
33. “Saudi Arabia Arrests Ethiopian Christians for ‘Mixing with Opposite Sex’”, Persecution.org, 21 de dez. de 2011, <http://www.persecution.org/2011/12/21/saudi-arabia-arrests-ethiopian-christians-for-mixing-with-opposite-sex/>.
34. Idem.
35. Assista ao vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=ZBd3DXBHa6M>. Ver também Nina Shea e Jonathan Racho, “Persecuted for Praying to God in Saudi Arabia”.

36. “Saudi Arabia Deports 35 Ethiopian Christians for Practicing Their Faith”, Persecution International Christian Concern, 3 de ago. de 2012, <http://www.persecution.org/2012/08/03/saudi-arabia-deports-35-ethiopian-christians-for-practicing-their-faith/>.
37. Shea e Racho, “Persecuted for Praying to God in Saudi Arabia”.
38. “Saudi Arabia Authorities Release Christian Blogger”, ReligionNewsBlog, 20 de abr. de 2009, <http://www.religionnewsblog.com/23412/saudi-arabia-authorities-release-christian-blogger>.
39. “Authorities Arrest Christian convert”, Compass Direct News, 28 de jan. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/saudiarabia/2009/newsarticle_57 Ver também “KSA Arrests Blogger, Blocks His Site. His Life at Risk as He Embraced Christianity”, Arabic Network for Human Rights Information, 14 de jan. de 2008, <http://anhri.net/en/reports/2009/pr0114.shtml>; “Saudi Arabia: Authorities Release Christian Blogger”, Compass Direct News, 16 de abr. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/saudiarabia/2009/newsarticle_58 Cairo Institute for Human Rights Studies, *Bastion of Impunity, Mirage of Reform: Human Rights in the Arab Region*, relatório anual de 2009, p. 176, <http://www.cihrs.org/wp-content/uploads/2012/01/2009-En.pdf>. Antes disso, Hamoud foi preso duas vezes.
40. “Saudi Christian Convert Arrested and Jailed”, AsiaNews.it, 17 de dez. de 2004, <http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=2134>. Informação adicional fornecida por meio de correspondência eletrônica com um representante da International Christian Concern, 1º de abr. de 2008.
41. Center for Religious Freedom, *Saudi Publications on Hate Ideology Invade American Mosques*, p. 12, 45, <http://crf.hudson.org/files/publications/2005%20Saudi%20Report.pdf>.
42. Idem, p. 20.
43. “Saudi Teacher Jailed for Praising Jews”, Newsmax.com, 14 de nov. de 2005, <http://archive.newsmax.com/archives/ic/2005/11/14/95657.shtml>.

44. “Jihad and the Saudi Petrodollar”, BBC, 15 de nov. de 2007, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/7093423.stm>.
45. Neil MacFarquhar, “Saudi Reformers: Seeking Rights, Paying a Price”, *New York Times*, 9 de jun. de 2005, <http://www.nytimes.com/2005/06/09/international/middleeast/09saudi.html>; Mahan Abedin, “Saudi Dissent More Than Just Jihadis”, publicado primeiramente por Saudi Debate, 15 de jun. de 2006, <http://www.e-prism.org/images/Saudi_dissent_more_than_just_ihadis_-_15-6-06.pdf>; “Jihad and the Saudi Petrodollar”, BBC, 15 de nov. de 2007, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/7093423.stm>.
46. Joseph Ghougassian, *The Knight and the Falcon*, p. 46. Os parágrafos seguintes resumem esta obra.
47. Ghougassian, *The Knight and the Falcon*, p. 30.
48. Idem, p. 34-35.
49. Uma transcrição oficial do veredito do tribunal está disponível em <http://www.foxnews.com/interactive/world/2011/10/01/iranian-court-ruling-on-christian-pastor/>.
50. Idem.
51. Paul Marshall, “Christian Pastor Faces Death Sentence in Iran”, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8372>. “Articles of Faith”, *London Times*, 29 de set. de 2011, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8372>.
52. Kathryn Jean Lopez, “Pastor Faces Death in Iran for Apostasy; John Boehner Urges Iran to ‘Abandon This Dark Path, Spare Yousef Nadarkhani’s Life, and Grant Him a Full and Unconditional Release’”, 28 de set. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/278584/pastor-faces-death-iran-apostasy-john-boehner-urges-iran-abandon-dark-path-spare-youse>.
53. “Foreign Secretary Calls on Iran to Overturn Iranian Church Leader’s Death Sentence”, Foreign and Commonwealth Office, 28 de set. de 2011, <http://www.fco.gov.uk/en/news/latest-news/?view=News&id=662412382>.
54. “Iran News Falsely Reports Youcef Not Charged with Apostasy”, *American Center for Law and Justice*, 30 de set. de 2011, <http://aclj.org/iran/iran-

newsfalsely-reports-youcef-not-charged-apostasy>; Dan Merica, “Iranian Pastor Faces Death for Rape, not Apostasy—report”, CNN, 1º de out. de 2011, <http://articles.cnn.com/2011-09-30/middleeast/world_meast_iran-christian-pastor_1_violent-crimes-apostasy-execution?_s=PM:MIDDLEEAST>; Nina Shea, “Iran Switches Charges Against Pastor for the Second Time”, *National Review Online*, 4 de out. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/279113/iran-switches-charges-against-pastor-second-time-nina-shea>; “Iran: Nadarkhani Rejects ‘Unconstitutional’ Terms of Release”, Christian Solidarity Worldwide, 13 de jan. de 2012, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1305>. Nina Shea, “Two Christians Freed; Two Peoples Held Captive”, National Review Online, 12 de set. de 2012, <http://www.nationalreview.com/corner/316441/two-christians-freed-two-peoples-held-captive-nina-shea>.

55. “Iran: Ten Iranian Christians Arrested at a Prayer Meeting”, AsiaNews.it, 10 de fev. de 2012, <http://www.asianews.it/news-en/Ten-Iranian-Christians-arrested-at-a-prayer-meeting-23936.html>.

56. Constituição do Irã, artigo 167: “O juiz está obrigado a fazer todos os esforços para julgar cada caso com base nas leis codificadas. No caso de ausência de tal lei, ele tem de proferir seu julgamento com base nas fontes islâmicas válidas e autênticas [*fatwas*]. Não é permitido ao juiz, sob o pretexto do silêncio ou da deficiência da lei naquele assunto, ou sua brevidade ou natureza controversa, privar-se de admitir e examinar casos e pronunciar um veredicto”, <http://www.servat.unibe.ch/icl/ir00000_.html>.

57. Paul Marshall, “Christian Pastor Faces Death Sentence in Iran”, *London Times*, 29 de set. de 2011, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8372>, através de “Christian Arrested Without Charges”, Compass Direct News, 9 de jun. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/2008/newsarticle_5421.html

58. “Iran: Further information on Fear of Torture and Ill-Treatment /Possible Prisoners of Conscience”, Amnesty International, <http://www.iranrights.org/english/document-454-973.php>; “Court issues verdict on 3 Farsi-Speaking Christians”, *Farsi Christian News Network*, 25 de

mar. de 2009, <http://www.persecution.org/2009/03/27/court-issues-verdict-on-3-farsi-speaking-christians-in-shiraz/>.

59. Damaris Kremida, “Iran Releases Two Christian Women from Evin Prison”, Compass Direct News, 18 de nov. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/11805/>; “Authorities Tighten Grip on Christians as Unrest Roils”, Compass Direct News, 12 de ago. de 2009, <http://www.iranpresswatch.org/post/4679>; “Iran Detains Christians Without Legal Counsel”, Compass Direct News, 28 de jan. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/14572>. Veja casos adicionais em “Iranian Authorities Pressure Father of Convert”, Compass Direct News, 20 de mai. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/3851>; Roxana Saberi, “Iran Must Stop Persecuting Minority Religions”, CNN, 21 de dez. de 2011, <http://www.cnn.com/2011/12/21/opinion/saberi-iran-religion/index.html>.

60. “Convert Couple Arrested, Tortured, Threatened”, Compass Direct News, 25 de jun. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/iran/2008/newsarticle_5448.html “Safe at Last, by Grace of God, but They Still Need Your Prayers”, *Open Doors*, 7 de jul. de 2009, <http://www.undergroundnz.org/article/67/safe-at-last-by-grace-of-god-but-they-still-need-your-prayers>.

61. Paul Marshall, “Iran Escalates Attacks on Christians”, *National Review Online*, 10 de jan. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/256755/iran-escalates-attacks-christians-paul-marshall>.

62. “Severe Intensification of Arrests and Imprisonment of Christians in Iran”, Elam Ministries, 25 de jan. de 2011, <http://www.elam.com/Editor/assets/briefing%20document%20changed%20date

63. “Christians in Iran Sentenced for ‘Crimes Against the Islamic Order’”, *CSW*, 11 de mar. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1126&search=>.

64. Idem; “Iranian News Website Suspended After Reporting Burning of New Testaments”, Christian Solidarity Worldwide, 16 de mar. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id=1135>; Paul Marshall, “Iran

Burns Bibles, Condemns Quran Burning", *National Review Online*, 24 de mar. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/263028/iran-burns-bibles-condemns-quran-burning-paul-marshall>; "Iran: More Arrests of Christians and Bibles Confiscated", Christian Solidarity Worldwide, 24 de ago. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=press&id =1219>.

65. Paul Marshall, "Ahmadinejad Arrives in New York on a Wave of Religious Repression", *National Review Online*, 19 de set. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/277589/ahmadinejad-arrives-new-york-wave-religious-repression-paul-marshall>; "Iran: Detained Pastor Assaulted; Nadarkhani Verdict Extension Rumoured", Christian Solidarity Worldwide, 16 de dez. de 2011, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?tpress&id=1284>.

66. Paul Marshall, "Iran Feels Pressure over Nadarkhani", *National Review Online*, 2 de out. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/278929/iran-feels-pressure-over-nadarkhani-paul-marshall>.

67. Testemunho de Paul Marshall, "Religious Freedom and Persecution in Iran", Audiência Pública do Congresso sobre Liberdade Religiosa (IRF), 13 de fev. de 2012, <http://www.hudson.org/files/publications/MarshallReligiousFreedomTestimony021312.pdf>, p. 5.

68. Paul Marshall, "Ahmadinejad Arrives in New York on a Wave of Religious Repression", Instituto Hudson, 19 de set. de 2011, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8333>.

69. Idem. Ver também Marshall e Shea, *Silenced*.

1. Paul Marshall, “The Ongoing Attacks on Egypt’s Coptic Christians”, *National Review Online*, 10 de mar. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/261847/ongoing-attacks-egypts-coptic-christians-paul-marshall>.
2. Mariam Faruqi, “A Question of Faith: A Report on the Status of Religious Minorities in Pakistan”, *Jinnah Institute* (2011), p. 45-46, <http://www.humanrights.asia/opinions/columns/pdf/AHRC-ETC-022-2011-01.pdf>.
3. 17 de fev. de 2011; a carta da prisão está disponível na International Christian Concern, <http://www.persecution.org/pdf/LetterandTranslation.pdf>.
4. “Afghani Convert Musa Released; Another Christian Still in Prison”, Compass Direct News, 24 de fev. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/afghanistan/33433>; “Afghan Prisoner Released from Prison and Safely Out of the Country”, International Christian Concern, 20 de abr. de 2011, <http://www.persecution.org/2011/04/20/afghan-christian-released-from-prison-and-safely-out-of-the-country/>.
5. Deputado Frank Wolf, “Trip Report: South Sudan Yida Refugee Camp”, fev. de 2012, <http://wolf.house.gov/uploads/Sudan%20 Trip%20-%202012.pdf>.
6. As Maldivas são um dos lugares mais repressivos do mundo, juntamente com a Arábia Saudita. Afirmam ter uma população 100% muçulmana, e o governo essencialmente proíbe qualquer expressão religiosa não muçulmana (e, a propósito, diversas manifestações muçulmanas também). A razão de não a termos citado separadamente é que existem poucos cristãos e poucos incidentes ali. Em 29 de setembro de 2010, um grupo de pais muçulmanos irados invadiu uma escola pública acusando Geethamma George, uma professora cristã da Índia, de desenhar uma cruz em sua sala de aula (ela na verdade desenhou uma bússola). Ela foi removida da ilha para sua segurança. “Muslims Force Expat Christian Teacher to Flee Maldives”, Compass Direct News, 5 de out. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/23845/26545>. Em setembro de 2011, Shijo Kokkattu, um professor católico também da Índia, foi preso depois de a polícia encontrar uma Bíblia e um rosário em sua casa durante uma vistoria,

e ele foi deportado. “Maldives Arrests, Deports Indian Teacher for Owning Bible”, Compass Direct News, 21 de out. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/23845/article_122214.html>.

7. Testemunho de Nina Shea, diretora do Centro de Liberdade Religiosa Instituto Hudson para a Comissão Tom Lantos de Direitos Humanos, “Under Threat: The Worsening Plight of Egypt’s Coptic Christians”, 7 de dez. de 2011, p. 3, <http://www.hudson.org/files/publications/Shea-Egypt-testimony-12-7-11.pdf>.

8. Mohamed Fadel Fahmy, “Prime Minister Says Egypt ‘Scrambling’ After at Least 23 Killed in Clashes”, CNN, 10 de out. de 2011, <http://edition.cnn.com/2011/10/09/world/meast/egypt-protest-clashes/index.html?hpt=hp_t2>; “Board’s Report on the Event of Maspero”, the National Council for Human Rights, <http://www.nchregypt.org/ar/index.php?option=com_content&view=article&id=500:2011-11-02-19-51-28&catid=43:2010-03-09-13-00-53&Itemid=55> (versão em árabe); Mai Elwakil, “State Media Coverage of Maspero Violence Raises Tempers”, *Egypt Independent*, 10 de out. de 2011, <http://www.egyptindependent.com/node/503748>; Maggie Michael, “24 Dead in Worst Cairo Riots Since Mubarak Ouster”, Associated Press, 9 de out. de 2011, <http://news.yahoo.com/24-dead-worst-cairo-riots-since-mubarak-ouster-232452205.html>.

9. Testemunho de Nina Shea, diretora do Centro de Liberdade Religiosa Instituto Hudson para a Comissão Tom Lantos de Direitos Humanos, “Under Threat: The Worsening Plight of Egypt’s Coptic Christians”, 7 de dez. de 2011, p. 3, <http://www.hudson.org/files/publications/Shea-Egypt-testimony-12-7-11.pdf>.

10. Paul Marshall, “Attacks on Egypt’s Copts Escalate”, *National Review Online*, 3 de jan. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/256207/attacks-egypts-copts-escalate-paul-marshall>.

11. Entrevista com líderes protestantes e ortodoxos coptas egípcios feita por Nina Shea, fev. de 2012, Washington, DC.

12. US Department of State, “International Religious Freedom Report 2010”, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010,

<http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148817.htm>; The United States Commission on International Religious Freedom (USCIRF), *Annual Report 2011*, p. 55, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>; "Egyptian Panel Drops Maspero Massacre Case for 'Lack of Evidence'", Assyrian International News Agency, 28 de abr. de 2012, <http://www.aina.org/news/20120427193443.htm>.

13. "Two Years of Sectarian Violence: What Happened? Where Do We Begin?—An Analytic Study of January 2008—January 2010", Egyptian Organization for Personal Rights, abr. de 2010, <http://eipr.org/sites/default/files/reports/pdf/Sectarian_Violence_inTwoYears_EN

14. "USCIRF Identifies World's Worst Religious Freedom Violators: Egypt Cited for First Time", USCIRF, 28 de abr. de 2011, <http://www.uscirf.gov/news-room/press-releases/3595-4282011-uscirf-identifies-worlds-worst-religious-freedom-violators-egypt-cited-for-first-time.html>.

15. Jack Shenker, "Egypt's Coptic Christians Struggle Against Institutionalized Prejudice", *Guardian*, 23 de dez. de 2010, <http://www.guardian.co.uk/world/2010/dec/23/egypt-coptic-christians-prejudice>; Mary Abdelmassih, "Egyptian Christians Clash with State Security Forces over Church Construction", Assyrian International News Agency, 27 de nov. de 2010, <http://www.aina.org/news/20101126184013.htm>.

16. "Bastion of Impunity, Mirage of Reform: Human Rights in the Arab Region Annual Report 2009", Cairo Institute for Human Rights Studies, 8 de dez. de 2009, p. 127, <www.cihrs.org/wp-content/uploads/2012/01/2009-En.pdf>.

17. Mustafa El-Menshawy, "One Step Forward, Two Steps Back", *Al-Ahram Weekly*, 20 a 26 de out. de 2005, <http://weekly.ahram.org.eg/2005/765/eg6.htm>; Maamoun Youssef, "Stabbing of Nun Sparks Tension in Alexandria", *Independent Online*, 20 de out. de 2005, <http://www.iol.co.za/news/africa/stabbing-of-nun-sparks-tension-in-alexandria-1.256516#.T9Ib-9VSRLc>; "Three Killed in Egypt Church Riot", BBC, 22 de out. de 2005, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/4366232.stm>; 2009;

Michael Slackman, “Egyptian Police Guard Coptic Church Attacked by Muslims”, *New York Times*, 23 de out. de 2005, <http://www.nytimes.com/2005/10/23/international/africa/23egypt.html?_r=1>.

18. Nina Shea, “Egypt’s Copts Suffer More Attacks”, *National Review Online*, 5 de mar. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/261405/egypt-s-copts-suffer-more-attacks-nina-shea>; Wael Ali, “Rights Group Blames Security Forces for Imbaba Incident”, *Egypt Independent*, 5 de set. de 2011, <http://www.egyptindependent.com/node/430326>.

19. Ver, por exemplo, Christopher Landau, “Egyptian Christian’s Recognition Struggle”, BBC, 13 de fev. de 2009, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/7888193.stm>; o artigo 98(f) especifica penalidades de até cinco anos de prisão e uma multa de até 1.000 libras egípcias.

20. Paul Marshall, entrevista com o Grande Xeique de Al-Azhar, Xeique Tantawi, ago. de 1998. Ver também Paul Marshall, *Egypt’s Endangered Christians* e Paul Marshall, *Massacre at the Millennium*; “Egypt: Copts Appeal Religious Identity Ruling”, Compass Direct News, 25 de jun. de 2007, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2007/newsarticle_4921htm

21. “Egyptian Convert to Christianity Held Captive Since November 2009”, Jubilee Campaign USA, 14 de jul. de 2010, <http://www.persecution.org/2010/07/21/egyptian-convert-to-christianity-held-captive-since-november-2009/>. Em julho de 2007, Ali Gomaa, o grande mufti, fez a controversa declaração de que a apostasia merecia punição apenas na vida após a morte. Mais tarde, ele esclareceu que os “apóstatas” poderiam ser punidos na terra se estivessem “ativamente engajados na subversão da sociedade”.

22. “Muslim Publics Divided on Hamas and Hezbollah: Most Embrace a Role for Islam in Politics”, Pew Research Center, 2 de dez. de 2010, <http://www.pewglobal.org/2010/12/02/muslims-around-the-world-divided -on-hamas-and-hezbollah/>.

23. “Convert Locked into Mental Hospital”, Compass Direct News, 13 de mai. de 2005, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2005/newsarticle_3816.htr “Convert Released from Mental Hospital”, Compass Direct News, 21 de jun. de

2005, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2005/newsarticle_3860.htr

24. Entenda o pano de fundo em “Prohibited Identities”, Human Rights Watch, 12 de nov. de 2007, <http://www.hrw.org/reports/2007/11/11/prohibited-identities>; algumas leis discriminatórias em relação a casamento, divórcio, guarda de filhos e herança: lei nº 25, de 1920; lei nº 52, de 1929; lei nº 77, de 1943. Embora não tenha havido qualquer dificuldade até aqui porque ninguém conseguiu se converter do islã, todo convertido perde sua herança. Isso não se aplica a quem se converte ao islã.

25. “Egypt”, em USCIRF, *Annual Report 2008*, p. 224, <http://www.uscirf.gov/images/AR2008/egyptar2008_full%20color.pdf>.

26. “Egyptian Convert to Christianity Tortured, Raped in Egypt”, Assyrian International News Agency, 20 de dez. de 2008, <http://www.aina.org/news/20081219220247.htm>; “Muslim Woman Who Converted to Christianity Arrested at Cairo Airport”, Voice of the Copts, 17 de dez. de 2008, <http://www.aina.org/news/20081216193035.htm>.

27. “Egypt: Judge Tells of Desire to Kill Christian”, Compass Direct News, 27 de jan. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/1860>.

28. “Prohibited Identities” diz: “A conversão do islã para o cristianismo está repleta de riscos legais e sociais. [...] Com isso, é difícil medir o número de pessoas nascidas muçulmanas que se converteram ao cristianismo, mas no mínimo parece envolver vinte ou mais pessoas por ano e, assim, cumulativamente, deve estar na casa das centenas, senão milhares”, Human Rights Watch. Indícios não oficiais do Egito sugerem que o número pode ser muito maior.

29. “Egypt Copt Jailed 45 Years After Father’s Conversion”, Associated Free Press, 22 de nov. de 2007, <http://afp.google.com/article/ALeqM5gWAdeTNMOeMfyPaOwrYpODjNAQJA
“Father’s Brief Conversion Traps Daughters in Islam”, Compass Direct News, 10 de out. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2008/newsrticle_5630.htm
“Bahiya Detained”, Watani International, <http://www.arabwestreport.info/year-

2008/week-19/62-bahiya-detained>; “Christian in Muslim ID Case Wins Right to Appeal”, Compass Direct News, 2 de dez. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2008/newsarticle_5708.htr A HRW/EIPR relata que, em novembro de 2007, havia pelo menos 89 pessoas lutando para ter sua religião oficialmente reconhecida depois de seus pais as terem convertido contra sua vontade; ver “Prohibited Identities”.

30. “Muslim Sues for Right to Convert to Christianity”, Compass Direct News, 7 de ago. de 2007, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/newsarticle_4978.html>; “Islamists Join Case Against Convert to Christianity”, Compass Direct News, 10 de out. de 2007, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2007/newsarticle_5069htm “In Hiding, Convert Continues Fight for Rights”, Compass Direct News, 15 de nov. de 2007, <www.compassdirect.org/english/country/egypt/2007/newsarticle_5144html>; “Egypt: Muslim Authorities Call for Beheading of Convert”, *International Society for Human Rights*, 30 de ago. de 2007, <http://www.ishr.org/index.php?id=697&tx_ttnews%5Btt_news%5D=762&tx_ttnews%5BbackPid%5D=296&cH Pierre Loza, “Christian Convert Says He’ll Stay the Course, Despite Threats”, *Daily Star*, 9 de ago. de 2007, <http://www.dailystaregypt.com/article.aspx?ArticleID =8706>; “Egypt, Muslim Convert to Christianity Fears for Life”, *Middle East Times*, 14 de ago. de 2007, <http://www.metimes.com/print.php?StoryID=20070814-070417-8160r>. Hegazy publicou um livro de poemas chamado *O sorriso de Sherine*. Num dos poemas, intitulado “Ashraf Pasha,” ele relembrou o abuso que sofrera nas mãos de Ashraf Ma’alouf, um oficial do SSI que o teria torturado devido a sua conversão.

31. “Tempers Flare into Melee at Convert’s Hearing”, Compass Direct News, 25 de jan. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2008/newsarticle_5205.htr view=Print>; “Egypt: Court Rules Against Convert”, Worthy Christian News, 1º de fev. de 2008, <http://www.worthynews.com/1585-egypt-court-rules-against-convert>.

32. Paul Marshall, “Egypt’s Identity Crisis”, Hudson Institute, *Weekly Standard*, 3 de mar. de 2008, <http://rs.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=5463>.
33. “Another Convert Tries to Change Religious Identification”, Compass Direct News, 7 de ago. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2008/newsarticle_5510.htr
34. “Another Convert Tries to Change Religious Identification”, Compass Direct News, 7 de ago. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2008/newsarticle_5510.htr Magdy Samaan, “Convert to Christianity Takes His Case to Court”, *Daily News Egypt*, 13 de ago. de 2008, <http://www.thedailynewsegypt.com/article.aspx?ArticleID=15722>; “Egyptian Christian’s Recognition Struggle”, BBC, 13 de fev. de 2009, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/7888193.stm>; “Judge Ejects Lawyer for Christian from Court”, Compass Direct News, 13 de jan. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/ejection>; “Ruling on Bid for Christian ID Expected Soon”, Compass Direct News, 10 de fev. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2029>.
35. “Egypt: Islamic Lawyers Urge Death Sentence for Egyptian Convert”, Compass Direct News, 27 de fev. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2009/newsarticle_5826.htr “Egypt May Remove Religion from ID Cards”, *Al Arabiya*, 25 de mar. de 2009, <http://www.alarabiya.net/articles/2009/03/25/69227.html>.
36. “Coptic Church Issues First Conversion Certificate”, Compass Direct News, 14 de abr. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2009/newsarticle_5879.htr “Convert’s Religious Rights Case Threatens Islamists”, Compass Direct News, 12 de mai. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2009/newsarticle_5917.htr
37. “Court Denies Right to Convert to Second Christian”, Compass Direct News, 16 de jun. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/2009/newsarticle_5964.htr

38. “Muslim Egyptian Girl Who Converted to Christianity Subjected to Acid Attack”, Assyrian International News Agency, 17 de abr. de 2010, <http://www.aina.org/news/20100416201043.htm>.
39. “The Disappearance, Forced Conversions, and Forced Marriages of Coptic Christian Women in Egypt”, *Christian Solidarity International and Coptic Foundation for Human Rights*, nov. de 2009, <http://csi-int.org/pdfs/csi_coptic_report.pdf>.
40. Artigo para a imprensa, “Congressional Members Urge State Department to Address Forced Marriage, Forced Conversion of Coptic Women and Girls in Egypt”, *The Business Journals*, 19 de abr. de 2010, <http://www.bizjournals.com/prnewswire/press_releases/2010/04/19/DC88930>.
41. Artigo para a imprensa, “USCIRF Calls for Justice After Deadly Religious Violence in Egypt”, USCIRF, 10 de mai. de 2011, <http://www.uscirf.gov/news-room/press-releases/3626-5102011-uscirf-calls-for-justice-after-deadly-religious-violence-in-egypt.html>; “Islamic Extremists Attack Churches in Cairo, Egypt”, Compass Direct News, 9 de mai. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/egypt/article_112197.html>.
42. Kurt Werthmuller, “Copt’s Murder a Test of Egypt’s New Anti-Discrimination Law”, *National Review Online*, 31 de out. de 2011, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8452>; entrevistas realizadas pelo Centro para Liberdade Religiosa Instituto Hudson, Mallawi, out. de 2011.
43. Rob Crilly e Aoun Sahi, “Christian Woman Sentenced to Death in Pakistan ‘for Blasphemy’”, *Telegraph*, 9 de nov. de 2010, <http://www.telegraph.co.uk/news/religion/8120142/Christian-woman-sentenced-to-death-in-Pakistan-for-blasphemy.html>.
44. Bushra Khaliq, “Pakistan’s Dark Journey”, *International Viewpoint Online Magazine*, mar. de 2011, <http://internationalviewpoint.org/spip.php?article2005>.
45. Rob Crilly e Aoun Sahi, “Christian Woman Sentenced to Death in Pakistan ‘for Blasphemy’”, *Telegraph*, 9 de nov. de 2010,

<http://www.telegraph.co.uk/news/religion/8120142/Christian-woman-sentenced-to-death-in-Pakistan-for-blasphemy.html>.
46. Jibran Khan, “Christmas in Prison for Asia Bibi, Sentenced to Death for Blasphemy”, AsiaNews.it, 20 de dez. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Christma-sin-prison-for-Asia-Bibi,-sentenced-to-death-for-blasphemy-23485.html>.
47. “Mr. Jinnah’s Presidential Address to the Constituent Assembly of Pakistan, August 11, 1947”, *Dawn, Independence Day Supplement*, 14 de ago. de 1999, <http://www.pakistani.org/pakistan/legislation/constituent_address_11aug1947.ht
48. “Christian Students Discriminated at University Because They ‘Do Not Learn the Koran’”, Agenzia Fides, 15 de fev. de 2012, <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=31015&lan=eng>.
49. “Pakistan’s Educational System Fuels Religious Discrimination”, USCIRF, 9 de nov. de 2011, <http://www.uscirf.gov/news-room/press-releases/3661-pakistans-educational-system-fuels-religious-discrimination.html>.
50. Azhar Hussain e Ahmad Salim, com Arif Naveed, “Connecting the Dots: Education and Religious Discrimination in Pakistan: A Study of Public Schools and Madrassas”, USCIRF, nov. de 2011, p. 63, <http://www.uscirf.gov/images/Pakistan-ConnectingTheDots-Email.pdf>.
51. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 110, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>.
52. Jibran Khan, “Pakistani Christians ‘Number One Target’ After the Death of Bin Laden”, AsiaNews.it, 19 de mai. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Pakistani-Christians-number-one-target-after-the-death-of-Bin-Laden-21603.html>.
53. Jibran Khan, “Punjab: Armed Gang Attacks Protestant Clergyman Who Is Saved by Muslims”, *AsiaNews.it*, 31 de mai. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/Punjab:-armed-gang-attacks-Protestant-clergyman-who-is-saved-by-Muslims-21711.html>.
54. “The Ideologies of South Asian Jihadi Groups”, *Current Trends in Islamist Ideology*, vol. 1, 21 de mar. de 2005, p. 24, <http://www.currenttrends.org/docLib/20060130_Current_Trends_vol_1.pdf>.

55. David Forte, *Studies in Islamic Law*. Ver também Marshall e Shea, *Silenced*, p. 85-86; A seção 295-B do código penal paquistanês, adicionada em 1982 (incorporada por meio da implementação da Ordenança I), declara: "Todo que propositadamente corromper, danificar ou profanar uma cópia do Santo Alcorão ou um extrato dele, ou usá-lo de qualquer maneira depreciativa ou para qualquer propósito ilegal, será punido com prisão perpétua". A seção 295-C, adicionada em 1986, declara: "Todo que, por palavras, faladas ou escritas, ou por meio de representação visual, ou por qualquer imputação, insinuação ou alusão, direta ou indireta, macular o sagrado nome do Santo Profeta Maomé (a paz esteja sobre ele), será punido com a morte, ou prisão perpétua, e estará também sujeito a multa". Isso pode ser encontrado em Religious Tolerance, "Religious Intolerance in Pakistan", <http://www.religioustolerance.org /rt_pakis.htm>; Maarten G. Barends, "Sharia in Pakistan", p. 65-85, de Paul Marshall, ed., *Radical Islam's Rules*. A situação piorou ainda mais quando, em 1990, a Corte Federal da *Sharia*, onde normalmente são ouvidos os casos envolvendo questões islâmicas, determinou que "a penalidade para crítica ao Santo Profeta [...] é a morte e nada mais". Embora isso esteja a princípio pendente, o governo ainda não emendou a lei, o que significa que a provisão da sentença de prisão perpétua ainda existe formalmente, o que o governo usa como uma concessão aos críticos da pena de morte. Ver também Akbar S. Ahmed, "Pakistan's Blasphemy Law: Words Fail Me", *Washington Post*, 19 de mai. de 2002, <http://www.wright-house.com/religions/islam/pakistan-blasphemy-law.html>. A Constituição do Paquistão garante liberdade de religião e liberdade de expressão, mas tais liberdades estão constitucionalmente "sujeitas a quaisquer restrições razoáveis impostas pela lei de acordo com o interesse da glória do islã".

56. Nina Shea, "Another Christian Martyred in Pakistan", *National Review Online*, 4 de dez. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/284856/another-christian-martyred-pakistan-nina-shea>.

57. Marshall e Shea, *Silenced*, p. 87.

58. "Why the U.S. Must Oppose Blasphemy Laws—Not Just Their Abuse", *National Review Online*, 21 de ago. de 2012,

<http://www.nationalreview.com/corner/314600/why-us-must-oppose-blasphemy-laws-not-just-their-abuse-nina-shea>. “Pakistan Must RepealIts Blasphemy Laws”, Farahnaz Ispahani e Nina Shea, *Huffington Post*, 13 de set. de 2012, <http://wwwhuffingtonpost.com/farahnaz-ispahani/pakistan-blasphemy-law_b_1882381.html>.

59. Testemunho de Nina Shea, diretora do Centro de Liberdade Religiosa do Instituto Hudson para a Comissão Tom Lantos de Direitos Humanos do Comitê de Assuntos Externos do Congresso dos Estados Unidos, “Pakistan’s Anti-Blasphemy Laws”, 8 de out. de 2009, p. 7, <http://www.hudson.org/files/documents/SheaPakistan108.pdf>.

60. “Illiterate Christian Acquitted of Blasphemy”, Compass Direct News, 16 de jun. de 2003, <http://www.compassdirect.org/english/country/pakistan/2003/newsarticle_2092.

61. Mariam Faruqi, “A Question of Faith: A Report on the Status of Religious Minorities in Pakistan”, *Jinnah Institute*, 2011, p. 40, <http://www.humanrights.asia/opinions/columns/pdf/AHRC-ETC-022-2011-01.pdf>.

62. “Pakistan’s ‘Blasphemy’ Laws Pose Growing Threat”, Compass Direct News, 13 de mai. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/pakistan/article_112455.html>.

63. “Punjab Governor Salman Taseer Assassinated in Islamabad”, BBC, 4 de jan. de 2011, <http://www.bbc.co.uk/news/world-south-asia-12111831>; Nina Shea e Paul Marshall, “The Murder of a Muslim Moderate”, *National Review Online*, 4 de jan. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/256307/murder-muslim-moderate-nina-shea>.

64. Mosharraf Zaidi, “Taseer’s Murder Another Sign of Dysfunctional Pakistani State”, *Foreign Policy*, 4 de jan. de 2011, <http://afpak.foreignpolicy.com/posts/2011/01/04/taseers_murder_another_sign_

65. Nina Shea, “Pakistan Hero Slain for Reform Efforts”, *National Review Online*, 2 de mar. de 2011, <http://crf.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=7759>.

66. Video: “Pakistani minister Shahbaz Bhatti predicted his own assassination—video”, *Guardian*, 2 de mar. de 2011, <http://www.guardian.co.uk/world/video/2011/mar/02/pakistani-minister-shahbaz-bhatti-video>.

67. Nina Shea, “Pakistan Hero Slain for Reform Efforts”, *National Review Online*, 2 de mar. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/261104/pakistan-hero-slain-reform-efforts-nina-shea>.

68. “Catholic Girl Killed in Faisalabad, a ‘Martyr of the Faith’”, Agenzia Fides, 2 de dez. de 2011, <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=30488&mode=print&lan=eng>.

69. Shafique Khokhar, “Faisalabad, 18-year-old Christian Woman Killed During an Attempted Rape”, AsiaNews.it, 2 de dez. de 2011, <http://www.asianews.it/view4print.php?l=en&art=23336>; Nina Shea, “Another Christian Martyred in Pakistan”, *National Review Online*, 4 de dez. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/284856/another-christian-martyred-pakistan-nina-shea>.

70. “Pakistan: A 12-year-old Christian Is Gang Raped for Eight Months, Forcibly Converted and Then ‘Married’ to Her Muslim Attacker”, Asian Human Rights Commission, 10 de out. de 2011, <http://www.humanrights.asia/news/urgent-appeals/AHRC-UAC-199-2011>; “12-year-old Christian Girl Abducted, Raped, and Then Told by Courts She Must Return to the Rapist Who Forced Her into Marriage!”, British Pakistani Christian Association, 12 de out. de 2011, <http://britishpakistanichristian.blogspot.com/2011/10/12-year-old-christian-girl-raped-for-8.html>.

71. Este é um resumo de Mindy Belz, “Well-Founded Fear: Afghan Christians Face Growing Threats and Diminished Protection as US Pullout Nears”, *World*, 16 de jul. de 2011, <http://www.worldmag.com/articles/18301>.

72. “Said Musa’s Handwritten Letter”, Barnabas Aid, 16 de nov. de 2010, <http://www.barnabasfund.org/Said-Musas-handwritten-letter.html>.

73. Uma excelente visão geral do caso de Said Musa é apresentada em Mindy Belz, “Holding Fast”, *World*, 19 de nov. de 2011, <http://www.worldmag.com/articles/18822>; ver também Will Inboden, “Why Obama Needs to Intervene to Save a Persecuted Afghan Christian”, *Foreign Policy* 18 de fev. de 2011, <http://shadow.foreignpolicy.com/posts/2011/02/18/why_obama_needs_to_interv
74. US Department of State, “July-December, 2010 International Religious Freedom Report”, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 13 de set. de 2011, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010_5/168240.htm>.
75. Amir Shah, “Afghanistan Imposes Death Penalty for Conversion from Islam”, Associated Press, 8 de jan. de 2001. Em junho de 2001, isso foi corrigido, de modo que estrangeiros pegos em proselitismo ficariam detidos de três a dez dias e então seriam deportados.
76. “Taliban Refuse Access to Jailed Christians”, Compass Direct News, 24 de ago. de 2012, <http://www.compassdirect.org/english/country/afghanistan/2001/newsarticle_05
77. Barry Bearak, “Afghans Shut Offices of 2 More Christian Relief Groups”, *New York Times*, 1º de set. de 2001, <http://www.nytimes.com/2001/09/01/world/afghans-shut-offices-of-2-more-christian-relief-groups.html>.
78. Pamela Constable, “We Are All Good Muslims”, *Washington Post*, 24 de ago. de 2001, <http://imgs.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=/c/a/2001/08/24/MN50203.DTL&hw=mohamed&sn=261&sc=036>; Bearak, “Afghans Shut Offices of 2 More Christian Relief Groups”, ver acima; “Taliban Refuse Access to Tailed Christians”, Compass Direct News, 29 de ago. de 2001, <http://www.compassdirect.org/english/country/afghanistan/2001/newsarticle_05 Amir Zia, “Foreign Aid Workers’ Trial to Reopen Saturday in Kabul”, Associated Press, 27 de set. de 2001, <http://www.boston.com/news/daily/27/aid_worker.htm>; Molly Moore, “From Agony to Anxiety, Then Freedom”, *Washington Post*, 16 de nov. de 2001, <http://pqasb.pgarchiver.com/washingtonpost/access/90175118.html?FMT=ABS&FMST=ABS:FT&date=Nov+16%+2001&author=Molly+Moore&d

79. “Five Afghan Christians Martyred”, Compass Direct News, 9 de set. de 2004, <http://www.compassdirect.org/english/country/afghanistan/2004/newsarticle_02
80. Fisnik Abrashi, “Taliban Threaten to Kill 18 Abducted South Korean Christians in Afghanistan”, Associated Press, 21 de jul. de 2007, <http://www.independent.co.uk/news/world/asia/taliban-threaten-to-kill-18-abducted-isouth-korean-christians-in-afghanistan-458079.html>; Choe Sang-Hun, “Deal Is Set to Free Korean Hostages”, *International Herald Tribune*, 29 de ago. de 2007.
81. Kathy Gannon, “6 Americans on Medical Team Killed in Afghanistan”, Associated Press, 7 de ago. de 2010, <http://www.washingtontimes.com/news/2010aug/7/6-americans-medical-team-killed-afghanistan/?page=all>.
82. “Military Burns Unsolicited Bibles Sent to Afghanistan”, *CNN*, 22 de mai. de 2009, <http://edition.cnn.com/2009/WORLD/asiapcf/05/20/us.military.bibles.burned/ineref=edition>. Ver também “Probe Call in Afghan ‘Convert’ Row”, Aljazeera.net, 4 de mai. de 2009, <http://english.aljazeera.net/news/asia/2009/05/20095485025169646.html>.
83. “11/04/2003: Afghanistan: Constitution Threatens to Institutionalize ‘Taliban-lite’”, artigo da USCIRF enviado à imprensa, 4 de nov. de 2003, <http://www.uscirf.gov/index.php?option=com_content&task=view&id=1473>.
84. Paul Marshall, “Taliban Lite”, *National Review Online*, 7 de nov. de 2003, <http://old.nationalreview.com/comment/marshall200311070906.asp>.
85. A comissão se referia a um rascunho da Constituição, mas os artigos relevantes permaneceram na versão final. Ver também Paul Marshall, “Taliban Lite”, *National Review Online*, 7 de nov. de 2003, <http://old.nationalreview.com/comment/marshall200311070906.asp>; “Afghanistan: Constitution Threatens to Institutionalize ‘Taliban-lite’”, ver acima.
86. Alex Spillius, “Afghans to Carry on Stoning Criminals”, *Telegraph*, 25 de jan. de 2002,

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/afghanistan/1382687/Afghans to-carry-on-stoning-criminals.html>.

87. Nina Shea, “Sharia in Kabul?”, *National Review Online*, 28 de out. de 2002, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=4607>. Ver também Alex Spillius, “Afghans to Carry on Stoning Criminals”, *Telegraph*, 24 de jan. de 2002, <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/afghanistan/1382687/Afghans to-carry-on-stoning-criminals.html>; J. Alexander Their, “The Crescent and the Gavel”, *New York Times*, 26 de mar. de 2006, <http://www.nytimes.com/2006/03/26/opinion/26thier.html>.

88. US Department of State, “July–December, 2010 International Religious Freedom Report”, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 13 de set. de 2011, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010_5/168240.htm>.

89. Barbara G. Baker, “More Christians Arrested in wake of Afghan ‘Apostasy’ Case”, Compass Direct News, 23 de mar. de 2006, <http://www.crosswalk.com/1385441/>; Abdul Waheed Wafa, “Preachers in Kabul Urge Execution of Convert to Christianity”, *New York Times*, 25 de mar. de 2006, <http://www.nytimes.com/2006/03/25/international/asia/25convert.html>; “Hundreds Protest Report Afghan Convert to Be Freed”, CNN, 27 de mar. de 2006; Daniel Williams, “Afghan Convert Arrives in Italy as Protests Mount in Homeland”, *Washington Post*, 30 de mar. de 2006, <http://wwrn.org/articles/20988/?&place=afghanistan>.

90. Gebauer, Matthias, “A Community of Faith and Fear”, *Spiegel Online*, 30 de mar. de 2006, <http://www.spiegel.de/international/0,1518,408781,00.html>.

91. Barbara G. Baker, “More Christians Arrested in Wake of Afghan ‘Apostasy’ Case”, Compass Direct News, 23 de mar. de 2006, <http://www.crosswalk.com/1385441/>; Barbara Baker, “Whose Law in Afghanistan?”, *Christianity Today*, 1º de mai. de 2006, <http://www.christianitytoday.com/ct/2006/may/5.22.html>. Para saber sobre outros convertidos, ver Santosh Digal, “Appeal for Afghan Christians, Sentenced to Death for Their Faith”, AsiaNews.it, 15 de jun. de 2010,

<http://www.asianews.it/news-en/Appeal-for-Afghan-Christians,-sentenced-to-death-for-their-faith-18680.html#>; Mindy Belz, "Kill the Christians: Lawmakers and Protesters in Afghanistan Are Calling for Just That", *World*, 18 de jun. de 2010, <http://www.worldmag.com/webextra/16862>; Emmanuel Duparcq, "Afghan Christians Live in Fear of Jail, Exile, or Worse", Associated Free Press, 26 de jan. de 2011, <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5gGv-Whxe4Fa4tryEKRnNnE2g7eyA?docId=CNG.10d6ea3cf68994ed0615cc315002c75d.81>.

92. Mindy Belz, "Well-Founded Fear: Afghan Christians Face Growing Threats and Diminished Protection as U.S. Pullout Nears", *World*, 16 de jul. de 2011, <http://www.worldmag.com/articles/18301>; Sam Jones, "Afghan Christians to Be Deported Despite Death Fears", *Guardian*, 26 de abr. de 2011, <http://www.guardian.co.uk/uk/2011/apr/26/afghan-christians-deported-despite-death-fears>.

93. Danna Harman, "Despite Opposition, Afghan Christians Worship in Secret", *Christian Science Monitor*, 27 de fev. de 2009, <http://www.csmonitor.com/World/Asia-South-Central/2009/0227/p04s03-wosc.html>.

94. "Priests Released Amid Wave of Abductions in Sudan", Compass Direct News, 15 de fev. de 2012, <http://www.compassdirect.org/english/country/sudan/article_1402682.html>.

95. "Muslim Relatives of Sudanese Christian Woman Pursue Her, Son", Compass Direct News, 10 de dez. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/sudan/12443>.

96. Thomas C. Oden, *How Africa Shaped the Christian Mind*; ver também "One Hundred Years", the Catholic Archdiocese of Khartoum-Sudan, <http://archdioceseofkhartoum.catholicweb.com/index.cfm/NewsItem?ID=130334&From=Home>; Paul Bowers, "Nubian Christianity: The Neglected Heritage", *Africa Journal of Evangelical Theology*, iv.1 (1985), p. 3-23.

97. Soraya Sarhaddi Nelson, "Christians Flock to South Sudan, Fear Future in North", NPR, 20 de jan. de 2011,

<http://www.npr.org/2011/01/20/132930349/christians-flock-to-south-sudan-fear-future-in-north>.

98. Marshall e Shea, *Silenced*, p. 144-145.

99. Josh Kron, "Sudan Leader to Accept Secession of South", *New York Times*, 7 de fev. de 2011, <http://www.nytimes.com/2011/02/08/world/africa/08sudan.html>.

100. Nina Shea, "I Take Back My Clooney Criticism", *National Review Online*, 16 de mar. de 2012, <http://www.nationalreview.com/corner/293738/i-take-back-my-clooney-criticism-nina-shea>.

101. "UNMIS Report on the Human Rights Situation During the Violence in Southern Kordofan Sudan", United Nations Mission in Sudan (UNMIS), jun. de 2011, p. 3, <http://graphics8.nytimes.com/packages/pdf/world/20110823-UN-report-south-jordofan.pdf>.

102. Eric Reeves, "Darfur... and now more genocide in Sudan?", *Christian Science Monitor*, 4 de ago. de 2011, <http://www.sudanreeves.org/2011/08/04/darfur-and-now-more-genocide-in-sudan-the-christian-science-monitor-august-4-2011/>.

103. Nina Shea, "Serial Genocide in Sudan", *National Review Online*, 10 de ago. de 2011, <http://www.nationalreview.com/articles/274131/serial-genocide-sudan-nina-shea>.

104. Carta de dezembro de 2011 do bispo Macram Gassis, em arquivo, Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson. A ordem de prisão emitida pelo Tribunal Penal Internacional pode ser vista em <http://www.icc-cpi.int/iccdocs/doc/doc279813.pdf>; Carta de dezembro de 2011 do bispo Macram Gassis, em arquivo, Centro para Liberdade Religiosa do Instituto Hudson.

105. CNN Wire Staff, "Bombs Hit Evangelical Bible School in Sudan, Group Says", CNN, 2 de fev. de 2012, <http://articles.cnn.com/2012-02-02/africa/world_africa_sudan-bombing_1_south-sudan-bombs-sudanese-government?_s=PM:AFRICA>.

106. Andrew Natsios, "Sudan's Oil Crisis Is Only Bashir's First Problem", *Foreign Affairs Online*, 1º de fev. de 2012, <http://www.hudson.org/index.cfm?

fuseaction=publication_details&id=8690>.
107. U.S. Department of State, “International Religious Freedom Report for 2011, Executive Summary”, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm>.
108. USCIRF, *Annual Report 2012*, p. 178-179, <http://uscirf.gov/images/Annual%20Report%20of%20USCIRF%202012(2).pdf>.
109. USCIRF, *Annual Report 2011*, p. 158-160, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>.
110. “North Sudan Church Still Too Fearful to Rebuild”, *Christian Today*, 27 de ago. de 2011, <http://www.christiantoday.com/article/north.sudan.church.still.too.fearful.to.rebu
111. “Afghani Convert Musa Released; Another Christian Still in Prison” Compass Direct News, 24 de fev. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/afghanistan/33433>.
112. “Clashes Erupt over Egypt Pig Cull”, BBC, 3 de mai. de 2009, <http://news.bbc.co.uk /2/hi/middle_east/8031490.stm>.

1. Marshall e Shea, *Silenced*, p. 139.
2. “Indonesian ‘Blasphemy’ Law a Weapon for Radical Islam”, Compass Direct News, 12 de mai. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/article_112397.html>.
3. “Indonesia: A Prisoner of Truth”, *Open Doors Youth*, 24 de ago. de 2009, <http://undergroundnz.org/article/93/indonesia-a-prisoner-of-truth>; ver também “Village to Be Rebuilt Following Islamic Rampage”, Compass Direct News, 17 de dez. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/2008/newsarticle_573
“Indonesian Blasphemy Law a Weapon for Radical Islam”, Compass Direct News, 12 de mai. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/article_112397.html>.
4. “Death of Christian Leader in Iraq, Ominous Sign for Believers”, *Mission Network News*, 14 de mar. de 2008, <http://www.mnnonline.org/article/11006>. Ver também “Kidnapped Iraqi Archbishop Dead”, BBC, 13 de mar. de 2008, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/7294078.stm>.
5. Nina Shea, “Iraq’s Christians Still Under Siege”, *National Review Online*, 1º de nov. de 2010, <http://www.nationalreview.com/corner/251765/iraqs-christians-still-under-siege-nina-shea>; Anthony Shadid, “Baghdad Church Attacks Hit Iraq’s Core”, *New York Times*, 1º de nov. de 2010, <http://www.nytimes.com/2010/11/02/world/middleeast/02iraq.html>.
6. “Kidnapped Christian Doctor Freed in Critical Condition”, Compass Direct News, 22 de set. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/iraq/9776>.
7. “Escaping Mayhem and Murder”, U.S. Conference of Catholic Bishops Migration and Refugee Services, Washington, DC (2007), p. 3, <http://www.aina.org/reports/usccbiraq07.pdf>.
8. Testemunho da comissária Nina Shea, USCIRF, para a Comissão Tom Lantos de Direitos Humanos do Congresso dos Estados Unidos, sobre minorias cristãs sob ataque: Iraque e Egito, 20 de jan. de 2011, <http://www.uscirf.gov/government-relations/congressional-testimony/3520-

1212011-commissioner-nina-shea-testifies-on-recent-attacks-targeting-minorities-in-iraq-and-egypt.html>.

9. “Church Bombings in Iraq Since 2004”, Assyrian International News Agency, 19 de ago. de 2011, <http://www.aina.org/news/20080107163014.htm>.

10. “Iraq: International Religious Freedom Report”, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2010/148821.htm>; Steven Lee Myers, “Churches and Envoy Attacked in Iraq”, *New York Times*, 12 de jul. de 2009, <http://www.nytimes.com/2009/07/13/world/middleeast/13iraq.html?scp=1&sq=Rizko%20Aziz%20Nissan&st=cse>; Jomana Karadsheh, “4 Killed, 32 Wounded as 6 Baghdad Churches Bombed”, CNN, 12 de jul. de 2009, <http://www.cnn.com/2009/WORLD/meast/07/12/iraq.violence/index.html?iref=allsearch>.

11. John Leland e Omar Al-Jawoshy, “Christians Are Casualties of 10 Baghdad Attacks”, *New York Times*, 30 de dez. de 2010, <http://www.nytimes.com/2010/12/31/world/middleeast/31iraq.html>; “Iraq church bombing wounds at least 20”, CNN, 2 de ago. de 2011, <http://articles.cnn.com/2011-08-02/world/iraq.church.attack_1_salvation-church-iraq-wounds?_s=PM:WORLD>.

12. Entrevista com o cônego Andrew White, o “Vigário de Bagdá”, feita por Nina Shea, Washington, DC, jun. de 2009.

13. UN Assistance Mission for Iraq, *UNAMI Human Rights Report*, 1º de jan. a 30 de jun. de 2008, p. 17, <http://www.uniraq.org/documents/UNAMI_Human_Rights_Report_january_jur

14. Nina Shea, “‘Obliterating’ Iraq’s Christians”, *Washington Post*, 14 de mai. de 2010, <http://newsweek.washingtonpost.com/onfaith/guestvoices/2010/05/obliterating_

15. Idem.

16. Idem.

17. Nina Shea, “Their Last Christmas? Iraq’s Endangered Non-Muslims”, *National Review Online*, 23 de dez. de 2006, <http://www.nationalreview.com/articles/219579/their-last-christmas/nina-shea>.

18. <http://www.aina.org/news/20050106124300.htm>.
19. Nina Shea e James Rayis, “Christian Crisis: Chaldo Assyrians May Soon Leave Iraq en Masse”, *National Review Online*, 6 de jan. de 2005, <http://www.nationalreview.com/articles/213305/christian-crisis/nina-shea>.
20. Pascale Warda, “Threats to Iraq’s Communities of Antiquity” (discurso em audiência pública: ‘Threats to Iraq’s Communities of Antiquity’, Senate Russell Office Building, Washington, DC, 25 de jul. de 2007), USCIRF, 25 de jul. de 2007, <http://uscirf.gov/component/content/article/160-iraq-press-releases/2171-threats-to-iraqs-communities-of-antiquity-testimony-by-pascale-warda.html>.
21. “Iraq: Protect Christians from Violence”, *Human Rights Watch*, 23 de fev. de 2010, <http://www.hrw.org/en/news/2010/02/23/iraq-protect-christians-violence>.
22. “Iraq: International Religious Freedom Report”, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2010/148821.htm>; “Kirkuk, a Christian Nurse Killed; Archbishop Sako: the Situation Is ‘Worrying’”, Asia News.it, 5 de out. de 2009, <http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=16496&size=A>.
23. “Orthodox Christian Shot to Death in Mosul”, AsiaNews.it, 30 de mai. de 2011, <http://www.asianews.it/news-en/An-orthodox-Christian-is-shot-to-death-21701.html>.
24. Steven Lee Myers, “Most Christians Are Fleeing Iraq in New Violence”, *New York Times*, 12 dez. 12, 2010, <http://www.nytimes.com/2010/12/13/world/middleeast/13iraq.html?_r=1%20&%20pagewanted=all>.
25. “Iraq Christian IDPs Find Refuge in Kurdish North”, *Middle East Online*, 28 de dez. de 2010, <http://www.middle-east-online.com/english/?id=43311>.
26. John Leland, “Christians Exercise Caution for Christmas”, *New York Times*, 24 de dez. de 2010, <http://www.nytimes.com/2010/12/25/world/middleeast/25iraq.html?scp=5&sq=Baghdad%20Syriac%20Catholic&st=cse>.
27. Idem.

28. “Nigeria: Teacher on Trial After Punishing Muslim Student”, Compass Direct News, 16 de out. de 2006, <http://www.compassdirect.org/english/country/nigeria/2006/newsarticle_4594.h
29. “Nigeria: Teacher Accused of Blasphemy Disappears”, Compass Direct News, 28 de mar. de 2006, <http://www.worthynews.com/894-teacher-accused-of-blasphemy-in-nigeria-disappears>.
30. Veja o pano de fundo em Paul Marshall, “The Next Hotbed of Islamic Radicalism”, *Washington Post*, 8 de out. de 2002, <http://www.freedomhouse.org/article/next-hotbed-islamic-radicalism>; sobre islã e cristianismo na África subsaariana, veja a pesquisa do Pew Forum, “Tolerance and Tension: Islam and Christianity in Sub-Saharan Africa”, 15 de abr. de 2010, <http://pewforum.org/docs/?DocID=515>.
31. Ver Paul Marshall, *The Talibanization of Nigeria* e “Nigeria: Shari’a in a Fragmented Country” em Paul Marshall, ed., *Radical Islam’s Rules*, p. 113-134.
32. Marshall e Shea, *Silenced*, p. 137.
33. “Nigeria Christian Killed over Blasphemy; Dozens Injured”, BosNewsLife, 13 de fev. de 2008, <http://www.bosnewslife.com/3435-3435-nigeria-christians-killed-in-riot-over-blasph>; “Nigeria: Muslim Rioters Attack Christian in Kano”, Compass Direct News, 23 de abr. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/nigeria/2008/newsarticle_5344.h “Nigeria: Mob Kills 50-year-old Man for ‘Blasphemy’”, *Daily Trust News*, <http://allafrica.com/stories/200808110940.html>.
34. Veja o pano de fundo em Edward Pentin, “Who Is Boko Haram and What Do They Want?”, Zenit, 9 de fev. de 2012, <http://www.zenit.org/article-34271?l=english>.
35. Paul Marshall, “The Christmas Bombings in Nigeria”, *National Review Online*, 26 de dez. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/286672/christmas-bombings-nigeria-paul-marshall>.
36. “Boko Haram Resurrects, Declares Total Jihad”, *Vanguard*, 14 de ago. de 2009, <http://www.vanguardngr.com/2009/08/14/boko-haram-ressurects-declares-total-jihad>. Ver também “Nigeria: Death Toll Climbs in Attack by

Islamic Sect", Compass Direct News, 7 de ago. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/nigeria/4505>; Senan Murray e Adam Nossiter, "In Nigeria, an Insurgency Leaves a Heavy Toll", *New York Times*, 3 de ago. de 2009, <http://www.nytimes.com/2009/08/04/world/africa/04nigeria.html>; "Boko Haram Resurrects, Declares Total Jihad", ver acima.

37. Aminu Abubakar, "Nigerian Islamist Sect Threaten to Widen Attacks", *Agence France Presse*, 29 de mar. de 2010, <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5j1FA1NJrS-ES89YWeX4f--kcQGmA>.

38. "Violence in Yobe State, Nigeria Aimed Mainly at Christians", Compass Direct News, 11 de nov. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/nigeria/article_123074.html>.

39. Nina Shea, "Sunni Sect's Ruthless Violence Against Christians", *National Review Online*, 26 de dez. de 2011, <http://www.nationalreview.com/corner/286674/sunni-sect-s-ruthless-violence-against-christians-ninashea>;Nina Shea, "Nigeria's Catholic Bishops Appeal for Help Against Religious Cleansing", *National Review Onlin*e, 4 de jan. de 2012, <http://www.nationalreview.com/corner/287118/nigeria-s-catholic-bishops-appeal-help-against-religious-cleansing-nina-shea>.

40. "Nigeria: Dozens Dead in Church Bombings and Rioting", BBC, 17 de jun. de 2012, <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-18475853>.

41. Mike Oboh, "Islamist Insurgents Kill over 178 in Nigeria's Kano", Reuters, 22 de jan. de 2012, <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFJOE80L03L20120122>; Laura Heaton, "Nigeria: Al-Qaeda-linked Group Gives Christians 3-day Deadline", *Telegraph*, 2 de jan. de 2012, <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/nigeria/8988 al-Qaeda-linked-group-gives-Christians-3-day-deadline.html>.

42. "North Africa Qaeda Offers to Help Nigerian Muslims", Reuters, 1º de fev. de 2012, <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFJOE6100EE20100201>. Ver também Christian Solidarity Worldwide, jan. de 2012, "NIGERIA:

Overview of Recent Violence"; Scott Stewart, "Nigeria's Boko Haram Militants Remain a Regional Threat", Stratfor, 26 de jan. de 2012, <http://www.stratfor.com/weekly/nigerias-boko-haram-militants-remain-regional-threat?utm_source=freelist-f&utm_medium=email&utm_campaign=20120126&utm_term=sweekly&utm_co

43. "Imam Abubakar Shekau", NNTV, 12 de jan. de 2012.

44. "Indonesian Christian Village Burnt to Ground by Neighbouring Muslims", Barnabas Aid, 23 de mar. de 2008, <http://barnabasfund.org/US/News/Archives/Indonesian-Christian-village-burnt-to-ground-by-neighbouring-Muslims.html>.

45. "Indonesia: Sunday School Teachers Sentenced to Three Years in Prison", Compass Direct News, 1º de set. de 2005, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/2005/newsarticle_3949

46. "Indonesia: Court Rejects Legal Intervention for Jailed Teachers", Compass Direct News, 24 de jan. de 2006, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/2006/newsarticle_4178

47. Idem. Ver também "Indonesia: Imprisoned Sunday School Teachers Released", Compass Direct News, 8 de jun. de 2007, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/2007/newsarticle_4902

48. Anita Rachman, "Indonesia: A Bad Year for Religious Rights", *Jakarta Globe*, 26 de dez. de 2011, <http://setara-institute.org/en/content/indonesia-bad-year-religious-rights>; "Anti-Christian Incidents Nearly Doubled in Indonesia in 2011", Compass Direct News, 4 de jan. de 2012, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/article_1331441.html>.

49. Hasyim Widhiarto, "Bekasi NU and PKS Back Sharia Law", *Jakarta Post*, 29 de jun. de 2010, <http://www.thejakartapost.com/news/2010/06/29/bekasi-nu-and-pks-back-sharia-law.html>.

50. Aubrey Belford, "For Indonesian Christians Gatherings Bring Tension", *New York Times*, 31 de jul. de 2010, <http://www.nytimes.com/2010/07/30/world/asia/30iht-indo.html?partner=rssnyt&emc=rs>; Ulma Haryanto, "Batak Church Cries Foul over

‘Unfair’ Treatment by Bekasi Administration”, *Jakarta Globe*, 27 de jul. de 2010, <http://www.thejakartaglobe.com/home/batak-church-cries-foul-over-unfair-treatment-by-bekasi-administration/387954>; “Indonesian Church Leaders Wounded in Attack”, Compass Direct News, 15 de set. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/25551>; “3 Jailed for HKBP Church Attack”, *Jakarta Post*, 24 de fev. de 2011, <http://www.thejakartapost.com/news/2011/02/24/3-jailed-hkbp-church-attack.html>.

51. Os exemplos apresentados a seguir relativos a fechamento e destruição de igrejas no início de 2010 foram extraídos de USCIRF *Annual Report: Indonesia*, 11 de mai. de 2011, <http://uscirf.gov/images/ar2011/indonesia2011.pdf>.

52. “Two Partially Constructed Church Buildings Burned”, Compass Direct News, 29 de jan. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/14613/>.

53. “Construction of Two Churches Stopped in Indonesia”, Compass Direct News, 25 de mar. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/16748/>.

54. “Theology Students in Indonesia Still Seek Facilities, Compensation”, Compass Direct News, 23 de dez. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/30202/>.

55. “Indonesia: Christian Lecturer Attacked in West Java”, Compass Direct News, 16 de nov. de 2006, <http://www.compassdirect.org/english/country/indonesia/2006/newsarticle_462

Em 6 de setembro de 2007, a Corte Distrital de Malang sentenciou 41 membros da College Student Services Agency a cinco anos de prisão por criarem um vídeo instrutivo no qual os alunos supostamente colocaram exemplares do Alcorão no chão. No mês de agosto seguinte, receberam suspensão da sentença como parte das comemorações do Dia da Indonésia. Ver “Indonesia”, *International Religious Freedom Report 2009*, US Department of State, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2009/127271.htm>.

56. Benting Reges, “East Java: 41 Christians Arrested for Blasphemy Against Islam”, AsiaNews.it, 2 de mai. de 2007, <http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=9144>; USCIRF *Annual Report: Indonesia*, mai. de 2010, <http://uscirf.gov/images/ar2010/indonesia2010.pdf>.

57. Testriono, “New Research May Hold Key to Indonesia’s Church-Building Controversy”, *Common Ground News Service*, 7 de fev. de 2012, <http://www.commongroundnews.org/article.php?id=30973&lan=en&sp=0>; Elizabeth Kendal, “Indonesia: Saying ‘NO’ to Islamic Intolerance”, Religious Liberty Monitoring, 29 de fev. de 2012, <http://elizabethkendal.blogspot.com/2012/02/indonesia-saying-no-to-islamic.html>.

58. “Bangladesh: Christian Convert’s Life Threatened”, Compass Direct News, 16 de out. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/bangladesh/2008/newsarticle_56 Veja um caso similar em “Bangladesh: Muslims Drive Christian Grandparents from Home”, Compass Direct News, 14 de jan. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/bangladesh/expel>.

59. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010, Bangladesh*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148789.htm>.

60. “Christians in Bangladesh Cleared of Charge of Offending Muslims”, Compass Direct News, 15 de ago. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/bangladesh/article_116225.html> Central Intelligence Agency, *The World Factbook*: *Bangladesh*, 18 de jan. de 2012, <http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/bg.html>; US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010, Bangladesh*, ver acima.

61. Abha Shankar, “US Islamists Take Issue with Bangladesh’s Crackdown on Radicals”, *IPT News*, 29 de set. de 2010, <http://www.investigativeproject.org/2207/us-islamists-take-issue-with-bangladeshs>; US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010, Bangladesh*, 17 de nov. de 2010,

<http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148789.htm>; Al-Alawi, Irfan, "Bangladesh Bans Arch-Jihadist's Writings" (New York: Hudson Institute, 22 de jul. de 2010), <http://www.gatestoneinstitute.org/1430/bangladesh-bans-jihadist-writings>.

62. US Department of State, *International Religious Freedom Report 2010, Bangladesh*, 17 de nov. de 2010, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148789.htm>.

63. "Church Leaders Beaten at Police Station", Compass Direct News, 29 de ago. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/bangladesh/article_116856.html>

64. Veja o grande número e a diversidade de exemplos de perseguição religiosa contra cristãos em <http://www.compassdirect.org/English/country/Bangladesh/>.

65. "Christian Family Beaten, Cut—and Faces Charges", Compass Direct News, 8 de dez. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/bangladesh/2008/newsarticle_57

66. "Italian Nun Killed in Somalia: Islamic Forces Suspected", Catholic World News, 18 de set. de 2006, <http://www.catholicculture.org/news/features/index.cfm?recnum=46538>.

67. "Burial for Nun Killed in Somalia", BBC, 21 de set. de 2006, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/5367972.stm>; Elizabeth A. Kennedy, "Slain Nun Remembered as Devoted to Poor", Associated Press, 21 de set. de 2006, <http://www.4forums.com/political/religion-debates/8907-sister-leonella-sgorbati.html>; "Anniversario del Martirio di Suor Leonella Sgorbati: la Sua Biografia", Fidei Donum, 17 de set. de 2009, <http://fideidonum.wordpress.com/2009/09/17/anniversario-del-martirio-di-suor-leonella-sgorbati-la-sua-biografia/>.

68. "Somali Islamists Declare: 'We will slaughter Christians'—'Somalis are 100% Muslim and Will Always Remain So'", *Militant Islam Monitor*, 17 de out. de 2006, <http://www.militantislammonitor.org/article/id/2474>.

69. Simba Tian, "Somali Convert from Islam Whipped in Public", Compass Direct News, 10 de jan. de 2012, <http://www.eurasiareview.com/10012012-

somali-convert-from-islam-whipped-in-public/>.

70. “Christian Aid Worker in Somalia Beheaded for Converting from Islam”, Compass Direct News, 7 de out. de 2008, <http://www.compassdirect.org/english/country/somalia/2008/newsarticle_5661.l

71. USCIRF *Annual Report: Somalia*, mai. de 2011, p. 304, <http://www.uscirf.gov/images/book%20with%20cover%20for%20web.pdf>.

72. “From African Bush to Scotland Yard—the Murder Trail That Led to al-Qaida”, *Guardian*, 15 de nov. de 2005, <http://www.guardian.co.uk/world/2005/nov/15/rosiecowan.mainsection>.

73. “Al-Shabab ‘Join Ranks’ with al-Qaeda”, Al Jazeera, 10 de fev. de 2012, <http://www.aljazeera.com/news/africa/2012/02/201221054649118317.html>.

74. “Islamic Extremists Behead Another Convert in Somalia”, Compass Direct News, 8 de fev. de 2012, <http://www.compassdirect.org/english/country/somalia/article_1390864.html/>.

75. “Islamic Extremists in Somalia Behead 17-year-old Christian”, Compass Direct News, 19 de out. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/somalia/article_122124.html>; “Somali Convert to Christianity Kidnapped, Beheaded”, Compass Direct News, 12 de set. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/somalia/article_120184.html>.

76. “November 3, 2001 Address of Osama Bin Laden”, *Washington Post*, 7 de nov. de 2001; originariamente transmitido pelo canal de televisão por satélite da Al Jazeera em 3 de nov.; Al Jazeera, 4 de jan. de 2004.

1. “Muslim Mob Severely Injured Three Christians, Ransacked Two Churches in Ethiopia”, *Persecution News*, International Christian Concern, 2 de out. de 2009, <http://www.persecution.org/2009/10/02/muslim-mob-severely-injured-three-christians-ransacked-two-churches-in-ethiopia/>.
2. “Third Christian This Year Dies in Military Prison”, Compass Direct News, 27 de jul. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/eritrea/2009/newsarticle_6034.ht
3. Sobre perseguição recente nas Maldivas, Tanzânia (Zanzibar) e nas Filipinas, ver “Maldives Arrests, Deports Indian Teacher for Owning Bible”, Compass Direct News, 21 de out. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/23845/article_122214.html>; “Christians Live in Cloud of Fear in Zanzibar, Tanzania”, Compass Direct News, 5 de set. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/tanzania/article_117316 .html>; “Christians Fear Failed Pact Increases Risk of Reprisals”, Compass Direct News, 7 de out. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/philippines/2008/newsarticle_56
4. “Christians Forced from Village”, Compass Direct News, 16 de set. de 2011, <http://www.compassdirect.org/english/country/mexico/article_120370.html>.
5. Entrevista pessoal de Liz Kopp feita por Lela Gilbert, 28 de fev. de 2012.
6. The US Department of State, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, “Israel”, *International Religious Freedom Report 2010*, <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/2010/148825.htm>.
7. “More Shelling in Palu as Villagers Make Plans to Hold Christian Celebrations Elsewhere”, *Karen Human Rights Group Update*, 31 de dez. de 2010, <http://www.khrg.org/khrg2011/khrg11f1_update.html>.
8. Caroline Cox, “Foreword” em Benedict Rogers, *Carrying the Cross* (Christian Solidarity Worldwide, 2007), p. 7, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=36>.
9. Salai Bawi Lian, “Persecution of Chin Christians in Burma”, discurso na *International Conference on Persecuted Churches*, 15 a 16 de abr. de 2005,

<http://www.chro.ca/resources/religious-freedom/363-persecution-of-chin-christians-in-burma-international-conference-on-persecuted-churches.html>.

10. "Burma", *Refugees International*, <http://www.refintl.org/where-we-work/asia/burma>.

11. Benedict Rogers, *Carrying the Cross*, p. 17-18, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=36>.

12. U.S. Department of State, "Burma", *International Religious Freedom Report July–December 2010*, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2010_5/168349.htm>.

13. "Destruction of Cross in Chin (Burma) Condemned", Burma News International, 25 de ago. de 2010, <http://bnionline.net/index.php/news/narinjara/9228-destruction-of-cross-in-chin-burma-condemned.html>.

14. Rogers, *Carrying the Cross*, p. 39, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=36>.

15. "Rangoon's Christians Banned from Worshipping", Mizzima, 7 de jan. de 2009, <http://www.mizzima.com/news/inside-burma/1514-rangoons-christians-banned-from-worshiping.html>.

16. Rogers, *Carrying the Cross*, p. 31, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=3>.

17. Amy Alexander, "We Are Like Forgotten People", *Human Rights Watch*, 28 de jan. de 2009, <http://www.hrw.org/node/79892/section/1>.

18. "Global Christianity—A Report on the Size and Distribution of the World's Christians", *Pew Forum on Religion and Public Life*, 19 de dez. de 2011, <http://www.pewforum.org/uploadedFiles/Topics/Religious_Affiliation/Christianfullreport-web.pdf>; Rogers, *Carrying the Cross*, p. 12-14, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=36>; Peter Pattisson, "Burma 'Orders Christians to Be Wiped Out'", *Telegraph*, 21 de jan. de 2007, <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/1540121/Burma-orders-Christians-to-be-wiped-out.html>; Amy Alexander, "We Are Like Forgotten People", *Human Rights Watch*, 28 de jan. de 2009, <http://www.hrw.org/node/79892/section/1>; USCIRF, *Annual Report: Burma*,

mai. de 2011, <http://uscirf.gov/images/ar2011/burma2011.pdf>. Para informações adicionais, ver Benedict Rogers, *A Land Without Evil*.

19. "Karen Christians Among Victims in Attacks", Mission News Network, 2 de jul. de 2009, <http://mnnonline.org/article/12914>.

20. Tint Swe, "Burmese Leader in India Kneels Before the Buddha as Troops Shell Christian Village", AsiaNews.it, 28 de jul. de 2010, <http://www.asianews.it/news-en/Burmese-leader-in-India-kneels-before-the-Buddha-as-troops-shell-Christian-village-19060.html>.

21. "Tatmadaw Soldiers Shell Village, Attack Church and Civilian Property in Toungoo District", Karen Human Rights Group, 25 de nov. de 2011, <http://www.khrg.org/khrg2011/khrg11b46.html>.

22. Saw Yan Naing, "Ethnic Karen People Fight for Survival", Media Project, 17 de ago. de 2011, <http://www.themediaproject.org/article/karen-people-committed-survival?page=0,1>.

23. Amy Alexander, "We Are Like Forgotten People", Human Rights Watch, 28 de jan. de 2009, p. 6, <http://www.hrw.org/node/79892/section/1>.

24. Rogers, *Carrying the Cross*, p. 22, <http://dynamic.csw.org.uk/article.asp?t=report&id=36>.

25. Entrevista da Human Rights Watch com R. H. e M. T., Kuala Lumpur, 12 de abr. de 2008, p. 49, <http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/burma0109web_0.pdf>.

26. Rogers, *Carrying the Cross*, p. 37.

27. Anônimo, "Violence in Kachin State: The Suffering and Unwavering Determination of the Kachin", Marist Fathers, *Social Justice Articles 2011*, <http://www.maristfathers.org.au/Pages/6-SJ-articles-2011.htm#kachin>.

28. "Burma: Kachin Christians Targeted", Release International, 15 de dez. de 2011, <http://www.releaseinternational.org/pages/posts/burma-kachin-christians-targeted-919.php>.

29. "Burma's Christian Civilians Attacked During Christmas", Compass Direct News, 9 de jan. de 2012, <http://www.compassdirect.org/english/country/burma/article_1339709.html/>; "DPA: Myanmar Army Accused of Ignoring President's Ceasefire Order",

Refugees International, 10 de jan. de 2012, <http://www.refugeesinternational.org/press-room/ri-in-the-news/dpa-myanmar-army-accused-ignoring-presidents-ceasefire-order>; “Burma Gov’t and Kachin Armed Group Hold Peace Talks in China”, *Irrawady*, 18 de jan. de 2012, <http://www2.irrawaddy.org/article.php?art_id=22877 &Submit=Submit>.

30. Edward Wong, “An Ethnic War Is Rekindled in Myanmar”, *New York Times*, 19 de jan. de 2012, <http://www.nytimes.com/2012/01/20/world/asia/ethnic-war-with-kachin-intensifies-in-myanmar-jeopardizing-united-states-ties.html?pagewanted=all>.

31. Amy Jo Jones, “Karen Cyclone Victims Still Denied Aid in Burma”, Christian Newswire, 21 de mai. de 2008, <http://www.christiannewswire.com/news/993696682.html>; “Myanmar Briefing: Human Rights Concerns a Month After Cyclone Nargis”, Amnesty International, 5 de jun. de 2008, <http://www.amnesty.org/en/library/asset/ASA16/013/2008/en/85931049-32e5-11dd-863f-e9cd398f74da/asa160132008eng.pdf>.

32. “Christians Intentionally Neglected by Government”, Mission Network News, 26 de abr. de 2011, <http://www.mnnonline.org/article/15644>; “Church Collapse Kills 23; Still, Quake Victims Provide Relief Work”, Mission Network News, 8 de abr. de 2011, <http://www.mnnonline.org/article/15567>.

33. “Burma Frees Dozens of Political Prisoners”, BBC, 12 de out. de 2011, <http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-pacific-15269259>.

34. “Clinton Meets Burma (Myanmar) President Thein Sen, Aung San Suu Kyi”, *Christian Science Monitor*, 2 de dez. de 2011, <http://www.csmonitor.com/World/Asia-Pacific/2011/1202/Clinton-meets-Burma-Myanmar-President-Thein-Sein-Aung-San-Suu-Kyi>; “Burma Frees High-Profile Dissidents in Amnesty”, BBC, 13 de jan. de 2012, <http://www.bbc.co.uk /news/world-asia-16540871>.

35. Lally Weymouth, “Burma’s President Gives His First Foreign Interview”, *Washington Post*, 19 de jan. de 2012, <http://www.washingtonpost.com/opinions/burma-president-thein-sein-country-is-on-right-track-to-democracy/2012/01/19/gIQANeM5BQ_story.html>.

36. “The 45 Places to Go in 2012”, *New York Times*, 6 de jan. de 2012, <http://travel.nytimes.com/2012/01/08/travel/45-places-to-go-in-2012.html>.
37. “Muslims Beat Evangelist to Death, Assault Pregnant Wife”, Voice of the Martyrs, 5 de mai. de 2011, <http://www.persecution.net/et-2011-05-05.htm>. Ver também “Church Worker Killed by Muslims in Ethiopia”, Barnabas Fund, 4 de mai. de 2011, <http://barnabasfund.org/UK/News/Archives/Church-worker-killed-by-Muslims-in-Ethiopia.html>.
38. “Spotlight on Ethiopia”, *Global Christianity*, Pew Forum on Religion and Public Life, 19 de dez. de 2011, <http://www.pewforum.org/Christian/Global-Christianity-ethiopia.aspx>.
39. Pew Forum, *Global Restrictions on Religion Report* (2011), <http://www.pewforum.org/Government/Global-Restrictions-on-Religion.aspx>.
40. Simba Tian, “Christian Jailed in Ethiopia Accused of Desecrating Quran”, Compass Direct News, 7 de out. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/ethiopia/26788/>; “Alleged Qur’an Desecration Lands Ethiopian Christian Three Years in Prison”, Persecution News, International Christian Concern, 29 de nov. de 2010, <http://www.persecutionorg/2010/11/29/alleged-quran-desecration-lands-ethiopian-christian-three-years-in-prison/>.
41. “Ethiopia Imprisons Christian Accused of Defacing Quran”, Compass Direct News, 29 de nov. de 2010, <http://www.compassdirect.org/english/country/ethiopia/15414/>.
42. Ver p. 167.
43. “Corpse of Ethiopian Christian Convert’s Infant Dug up”, Compass Direct News, 27 de mai. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/ethiopia/4718>.
44. Angel Rabasa, *Radical Islam in East Africa*, RAND—Project Air Force; *Terrorism in the Horn of Africa*, US Institute of Peace (Special Report 113, jan. de 2004).
45. “Ethiopia: Terrorism Verdict Quashes Free Speech”, Human Rights Watch, 19 de jan. de 2010, <http://www.hrw.org/news/2012/01/19/ethiopia-terrorism-verdict-quashes-free-speech>.

46. “Radical Muslims Seek to Turn Ethiopia into an Islamist State”, Voice of the Martyrs, 10 de nov. de 2011, <http://www.persecution.net/et-2011-11-10.htm>; ver também “Ethiopian Government: Radical Wahhabi Muslims Seeking to Turn Ethiopia into an Islamic State”, International Christian Concern, 4 de nov. de 2011, <http://www.persecution.org/2011/11/04/ethiopian-government-radical-wahhabi-muslims-seeking-to-turn-ethiopia-into-an-islamic-state/>.
47. Aaron Maasho, “Ethiopia’s Religious Divides Flare Up in Violence”, Reuters, 24 de mar. de 2011, <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFJOE72N0AH20110324?sp=true>.
48. “Ethiopian Muslims Burn Down Christian Homes, Farms”, Persecution News, International Christian Concern, 29 de set. de 2010, <http://www.persecution.org/2010/09/29/ethiopian-muslims-burn-down-christian-homes-farms/>.
49. Diane Macedo, “Thousands of Christians Displaced in Ethiopia After Muslim Extremists Torch Churches, Homes”, *Fox News*, 24 de mar. de 2011, <http://www.foxnews.com/world/2011/03/24/thousands-christians-displaced-ethiopia-muslim-extremists-torch-churches-homes-2057387870/>.
50. Idem; “Ethiopian Muslims Warn Christians to Convert, Leave City or Face Death”, *Persecution News*, International Christian Concern, 25 de jan. de 2011, <http://www.persecution.org/2011/01/25/ethiopian-muslims-warn-christians-to-convert-leave-city-or-face-death/>.
51. “Ethiopian Gov’t Says the Country Faces Threat Due to Intolerant Teachings of Wahhabism”, *Persecution News*, International Christian Concern, 10 de out. de 2011, <http://www.persecution.org/?p=25890&upm _export=print>.
52. “Eritrea: 3 More Christians Die Inside Military Prisons; Toll Now at 21”, *Christian Post*, 26 de out. de 2011, <http://www.christianpost.com/news/eritrea-3-more-christians-die-inside-military-prisons-toll-now-at-21-59357/>.
53. CIA, *The World Factbook*, 25 de fev. de 2012, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/er.html>.
54. WikiLeaks, “How a U.S. Ambassador Understood Eritrean President Isaias Afewerki”, 17 de dez. de 2010, <http://www.ethiomedia.com/augur/4272.html>.
55. Idem.

56. “US Embassy Cables: Djibouti in Talks to Defuse Eritrea Crisis”, *Guardian*, 8 de dez. de 2010, <http://www.guardian.co.uk/world/us-embassy-cables-documents/150529>.
57. The US Department of State, Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor, “Eritrea”, *International Religious Freedom Report 2010*, <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2010_5/168406.htm>.
58. “Eritrean Patriarch Under House Arrest as Government Repression Increases”, *Christianity Today*, 23 de jan. de 2006, <http://www.christiantoday.com/article/eritrean.patriarch.placed.under.house.arre
59. The US Department of State, “Eritrea,” *International Religious Freedom Report 2010*.
60. USCIRF, *Eritrea 2011*, <http://www.uscirf.gov/government-relations/other-advocacy-materials/3382-eritrea-advocacy-materials.html>.
61. The US Department of State, “Eritrea”, *International Religious Freedom Report 2010*.
62. “Wikileaks Exposes Torture of Eritrean Christians”, International Christian Concern, 3 de fev. de 2011, <http://www.persecution.org/crossingthebridge/2011/02/03/wikileaks-exposes-torture-of-eritrean-christians/>.
63. “Eritrean Christians Tell of Torture”, BBC, 27 de set. de 2007, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7015033.stm>.
64. “Eritrea Cracks Down on Religion Even More as Woman Dies in Detention Center”, Eritrea Human Rights Electronic Archive, 2 de fev. de 2010, <http://www.ehrea.org/anothervictime.php>.
65. “Asylum for Eritrean Gospel Singer”, BBC, 22 de out. de 2007, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7056120.stm>; “Update: Good News”, Amnesty, 3 de nov. de 2006, <http://www.amnesty.org.uk/actions_details.asp?ActionID=10>.
66. The US Department of State, “Eritrea”, *International Religious Freedom Report 2010*.
67. “Eritrean Christians Facing ‘Unimaginable Suffering’ in Egypt”, *Christianity Today*, 10 de jun. de 2011,

<http://www.christiantoday.com/article/eritrean.christians.facing.unimaginable.su
68. “Hostages, Torture, and Rape in the Desert: Findings from 284 Asylum Seekers about Atrocities in the Sinai”, *Physicians for Human Rights Report*, 23 de fev. de 2011, <http://www.phr.org.il/default.asp?PageID=100&ItemID=1044>. Ver também: Fox News, 6 de dez. de 2010, <http://www.foxnews.com/world/2010/12/06/israel-fears-flood-migrants-threatens-state/>.
69. “Eritrean Christians Facing ‘Unimaginable Suffering’ in Egypt”, *Christianity Today*, 10 de jun. de 2011.
70. Caroline Cox, “Foreword”, em Benedict Rogers, *Carrying the Cross*, p. 7.

1. “Saudi Arabian Officials Assault, Strip Search Christian Prisoners”, *International Christian Concern*, 24 de jan. de 2012, <http://www.persecution.org/2012/01/24/saudi-arabian-officials-assault-strip-search-christian-prisoners>.
2. Marine Soreau, “‘Ecumenism of Martyrs’ Presented as Path to Unity”, Zenit, 16 de set. de 2011, <http://www.zenit.org/article-33454?l=english>.
3. “Islamists in Somalia Behead Two Sons of Christian Leader”, Compass Direct News, 1º de jul. de 2009, <http://www.compassdirect.org/english/country/somalia/4482>.
4. Elmer John Thiessen, *The Ethics of Evangelism*, defende de maneira eloquente o evangelismo como sendo ético e sua ausência como algo não ético.
5. “Christians and Lions”, *Economist*, 31 de dez. de 2011, <http://www.economist.com/node/21542195>.
6. Carta entregue a Nina Shea pela Comissão Internacional de Liberdade Religiosa dos Estados Unidos em 15 de mar. de 2012; por medo de represálias, o autor exigiu anonimato.
7. “Talk to Al Jazeera: Tauran: Christians Under Attack”, 6 de abr. de 2012, <http://www.aljazeera.com/programmes/talktojazeera/2012/03/20123170541670
8. Joshua Muravchik, “The Fate of Middle Eastern Christians”, Bush Center Blog, 15 de mar. de 2012, <http://www.bushcenter.com/blog/2012/03/15/the-fate-of-middle-eastern-christians/>.
9. Kurt Werthmuller, “State of Fear: Syria’s Christians Face the Specter of Civil War and Sectarian Violence”, Instituto Hudson, 3 de fev. de 2012, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id =8708>.
10. Kurt Werthmuller, “Failing Syria: Why the World Must Prepare Now for Assad’s Fall and the Aftermath”, <http://crf.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=8721>; *Huffington Post*, 9 de fev. de 2012, <http://www.huffingtonpost.com/kurt-j-werthmuller/syria-violence-bashar-al-assad_b_1265069.html>.
11. Paul Marshall, ed., *Religious Freedom in the World*, p. 23.
12. Nina Shea, “The Middle East’s Embattled Christians”, <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=6667>;

National Review Online, 23 de dez. de 2009, <http://www.nationalreview.com/articles/228851/middle-easts-embattled-christians/nina-shea>.
13. Nina Shea, "'Obliterating' Iraq's Christians", <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=6999>; *Washington Post Online*, 14 de mai. de 2010, <http://onfaith.washingtonpost.com/onfaith/guestvoices/2010/05/obliterating_irac
14. Nina Shea, *In the Lion's Den*.
15. Faith J. H. McDonnell, "Become Aware and Take Action", Religious Liberty Program, Institute on Religion and Democracy, sd, <http://www.theird.org/Page.aspx?pid=847&srcid=847>.
16. Simon Roughneen, "Iraqi Christians: Round Trip to Death Street", *International Relations and Security Network (ISN)*, 20 de ago. de 2008, <http://www.isn.ethz.ch/isn/Current-Affairs/Security-Watch/Detail/?id=90264&lng=en>.
17. Michael Youash, "Iraq's Minority Crisis and U.S. National Security: Protecting Minority Rights in Iraq", *American University Law Review*, vol. 24, nº 2, p. 347, <http://digitalcommons.wcl.american.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1090&context=auilr>.
18. John L. Allen Jr., "Ecumenism of the Martyrs", *National Catholic Reporter*, 16 de set. de 2011, <http://ncronline.org/blogs/all-things-catholic/ecumenism-martyrs-and-remembering-giancarlo-zizola>.
19. Comentários do presidente George W. Bush ao Comitê Judeu Americano em 3 de mai. de 2001, <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/05/20010504.html>.
20. Nina Shea, "The White House's Generic Response to an Act of Anti-Christian Terrorism", *National Review Online*, <http://www.nationalreview.com/blogs/print/251901>.
21. "Mosque Attack in Northern Israel", declaração de imprensa, Victoria Nuland, porta-voz do departamento, gabinete do porta-voz, Washington, DC, 4 de out. de 2011, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2011/10/175020.htm>.

22. “Mosque Attack in the West Bank”, declaração de imprensa, Victoria Nuland, porta-voz do departamento, gabinete do porta-voz, Washington, DC, 11 de jan. de 2012, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2012/01/180460.htm>.
23. “Obama ‘Deeply Concerned’ About Egypt Violence”, CNN, 10 de out. de 2011, <http://www.cnn.com/2011/10/10/world/meast/egypt-protest-clashes/index.html?hpt=hp_t2>.
24. Samuel Tadros, “Bloody Sunday in Cairo”, *National Review Online*, 12 de out. de 2011, <http://www.nationalreview.com/blogs/print/279901>.
25. “International Roma Day”, declaração à imprensa, Hillary Rodham Clinton, secretária de Estado, Washington, DC, 8 de abr. de 2012, <http://www.state.gov/secretary/rm/2012/04/187589.htm>.
26. “Promise and Peril in Nigeria”, apresentação feita pelo embaixador Johnnie Carson, secretário de Estado assistente para assuntos africanos, Center for Strategic and International Studies, 9 de abr. de 2012, <http://csis.org/event/promise-and-peril-nigeria>.
27. Leonard A. Leo e Rev. William Shaw, “In Nigeria: Getting Away with Murder”, USCIRF Commissioners, 25 de jan. de 2012.
28. Nina Shea, “The Salafi War on Christians and U.S. Indifference” *National Review Online*, 12 de abr. de 2012, <http://www.nationalreview.com/corner/295893/salafi-war-christians-and-us-indifference-nina-shea>.
29. Frank Wolf, Bill Text 112th Congress (2011-2012) H.R.440.IH, <http://thomas.loc.gov/cgi-bin/query/z?c112:H.R.440.IH>.
30. “EU Condemns Anti-Christian Terrorist Acts”, Zenit, 22 de fev. de 2011, <http://www.zenit.org/article-31825?l=english>.
31. Entrevista pessoal com Lela Gilbert, mar. de 2012.
32. Veja a história da IRFA e da USCIRF em Nina Shea, “The Origin and Legacy of the Movement to Fight Religious Persecution”, *The Review of Faith and International Affairs*, vol. 6, nº 2, verão de 2008, p. 25.
33. Organizou-se sob os auspícios do Centro para Liberdade Religiosa, hoje com o Instituto Hudson e na Freedom House. Michael Horowitz, do Instituto Hudson,

reuniu os participantes, e Nina Shea convidou as testemunhas. Ver Nina Shea, *In the Lion's Den*, p. 95.

34. David Aikman, "The Worldwide Attack on Christians", *Commentary*, fev. de 2012, <http://www.commentarymagazine.com/article/the-worldwide-attack-on-christians/>.

35. Paul Marshall, Lela Gilbert e Roberta Ahmanson Green, *Blind Spot*.

36. Veja <www.uscirf.gov>.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>